This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

056.8
R45

STANFORD·VNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

Binding N
STYLE
½ Mo

ANNO — TOMO IV 19.° FASCICULO 1 DE OUTUBRO DE 1895

J C Branner

REVISTA BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. **Bodas de sangue**, de **RODRIGO OCTAVIO** 5
II. **A industria nacional**, por **A. GETULIO DAS NEVES**, da Escola Polytechnica 14
III. **Uma nota da America**, por **DOMICIO DA GAMA** 26
IV. **O Brazil e a aggressão paraguaya de 1865** (*conclusão*), pelo **MARQUEZ DE S. VICENTE** 35
V. **Os Bacaerys** (*continuação*), por **CAPISTRANO DE ABREU**, do Gymnasio Nacional 43
VI. **Noticias de sciencias, lettras e artes — Alexandre e Diogenes**, por **R. VILLA-LOBOS**, da Bibliotheca Nacional 51
VII. **Bibliographia** 56

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

REVISTA

BRAZILEIRA

REVISTA

BRAZILEIRA

STANFORD LIBRARY

PRIMEIRO ANNO

TOMO QUARTO

Laemmert & C.— Editores
RIO DE JANEIRO — S. PAULO

1895

325035

BODAS DE SANGUE

FRAGMENTO DAS MEMORIAS DE UM INDISCRETO

A Manoel da Silva Pontes.

I

Alto sertão do norte.

Por uma tarde de outubro, á porteira de grande engenho de assucar, cavalgando uma besta viajeira, um moço estacou acompanhado de um pagem que trazia pela redea um burro de carga.

Do largo cinturão vermelho do pagem saía o cabo de madeira preta de uma garrucha antiga e, nas costas, sobrava-lhe do jaquetão de baeta escura, uma ponta de bainha de couro rematada de uma biqueira de prata.

Um escravo do engenho vendo aproximar-se a pequena cavalgata foi correndo abrir a porteira que dava entrada ao terreiro da fazenda.

Rangiu nos gonzos de madeira a pesada porta e bateu com estrondo no moirão da cerca.

O cavalleiro perguntou pelo senhor e, apeiando-se, galgou a escada de madeira que levava a uma longa varanda coberta, á altura do sobrado.

Em cima, ao patamar da escada, o esperava o fazendeiro que, ao saber do recem-chegado, um mercador ambulante em transito de uns arraiaes visinhos, que precisava pousada para aquella noite, o recebeu logo como hospede, graças á indole hospitaleira dos generosos sertanejos. Fel-o sentar-se para descançar da jornada e, do alto da

varanda, chegando-se á grade de madeira que dava para o terreiro, providenciou em altas vozes para que se recolhessem os animaes á estrebaria e se désse quarto ao pagem.

E para o viajante voltando-se em seguida Gedeão, que assim se chamava o sertanejo, perguntou-lhe o que trazia de venda nos cargueiros.

O moço pertencia a essa classe de negociantes que percorrem o interior quasi deserto das provincias, levando ás fazendas e povoações remotas e distantes dos centros commerciaes e das vias de communicação, variadissimo sortimento ecletico de especiarias e apetrechos de todos os misteres.

A um chamado seu, o pagem trouxe á varanda os dois bahús de couro preto, marchetados de tachinhas doiradas e que constituiam o cargueiro do burrinho. O mascate abriu os bahús e foi mostrando ao fazendeiro e ás mais pessoas da familia e mucambas de estimação, que se foram acercando delle, tudo o que existia dentro das caixas.

Era uma incalculavel profusão de objectos de costura e *crochet*, de chitas de ramagens de côres vistosas, perfumarias, oleos, pentes; santinhos de mil variedades e formas: em estampas coloridas, em gravuras, em quadros de metal amarello, encrustados em marmore branco, veronicas, imagens pequenas de Santo Antonio, doutor em casamentos, da Virgem Santa e de todos os innumeros padroeiros de cada dia do anno; crucifixos de pau, de osso, de metal e ao lado desse contingente sagrado, todo um sortido armazem profano de fumantes: piteiras, cachimbos de massa branca, bolsas de borracha vermelha, carteirinhas para mortalhas de fios entrançados de palha de varias côres; objectos de celluloide: carteiras de fumo, collares, brincos, pulseiras e broches da mais completa similhança de coral; aneis de pedras preciosas e oiro de 18 quilates, rubins, saphiras, esmeraldas capazes de fazer inveja ás pedrarias scintillantes dos uniformes de gala de Nars-ed-din — tudo ao alcance das bolsas dos tropeiros; correntes de relogio; relogios prodigiosos que marcavam as horas e os minutos, dando estalidos metalicos, á mercê dos dedos do mascate; além disso, ferramenta de marcenaria, ferros de arrancar dente para a cirurgia barata dos senhores de engenho; frascos de sulfato de quinina e oleo de ricino; emfim, todo um cahos desordenado e desconnexo,

quinquilharias e objectos de todo o genero e forma foram passando pelas mãos do mascate, que tudo ia tirando das arcas magicas de seu pequeno bazar ambulante e expondo á admiração dos olhos esbugalhados e faiscantes daquellas provincianas timidas.

E cada qual ia desamarrando da ponta do lencinho de barra de côr o diminuto acervo das economias de muito tempo e afinal comprava um objecto qualquer, depois de ter indefinidamente vacilado na escolha e de se ter resolvido e arrependido uma porção de vezes sobre este e sobre aquelle.

Era quasi noite quando o mascate conseguiu fechar as duas arcas inextinguiveis e tendo obtido licença do velho fazendeiro para mostrar o seu negocio ao resto da gente na senzalla mandou que fôsse o pagem se occupar desse mister que elle estava cansado.

II

O ar estava quente e pesado.

Corria bulhentamente no arvoredo de em redor uma viração morna.

O fazendeiro ficou com o hospede mesmo na varanda, reclinando-se em uma rede cujos crivos rendados, pendentes de ambos os lados, se arrastavam no chão ao vagaroso balanço indolente. Tinha se feito completamente noite. O senhor do engenho e o mascate conversavam descançados, com longas pausas silenciosas. Ambos haviam acendido compridos cigarros de palha e repousava cada qual das fadigas do dia.

Prolongava-se á frente da fazenda uma vasta campina semeiada de coqueiros que neste momento se percebiam na escuridão como espectros esguios de larga cabelleira movediça, ao vento. Pouco a pouco, entretanto, foram-se destacando sobre uma tenue claridade no horisonte os muitos troncos magros e recurvados dos coqueiros e surgiu finalmente, meio occulta por uns filamentos escuros de nuvem, a lua quasi plena, tinta da sanguinea colloração denunciadora dos ardores futuros.

Calaram-se os dois e na varanda silenciosa e escura apenas se ouvia o ranger monotono dos ganchos da rede, balançando, e brilhavam os dois olhos de braza dos cigarros de palha dos fumantes.

Oito horas annunciou compassado relogio no interior da casa e logo um preto communicou á porta da varanda que o chá estava na mesa.

Levantou-se o Gedeão e convidou o mercador a entrar. Chegando a sala de jantar o senhor de engenho deu mais luz ao lampeão de kerosene que estava sobre a mesa e a sala se illuminou repentinamente, tal uma platéa pouco antes de começar o drama.

Marcilio, era este o nome do mascate, viu aproximar-se então, dar — « boas noites », com o delicioso timbre sonoro dos filhos do norte e sentar-se á mesa, uma formosa rapariga esbelta e de fortes seios palpitantes, apertados num corpinho de musseline branca, quadris salientes e arredondados, de morena tez sympathica, labios humidos e doce physionomia extranhamente illuminada pelas scintillações de dois grandes olhos negros, sensuaes, cercados de largos fios curvos de pestanas e aureolados de um semi-circulo côr de violetas...

O mascate ficou deslumbrado por aquella subita apparição infernal e longo tempo quedou-se embevecido a contemplar a formosura quente e seductora da filha do fazendeiro. Nem se apercebeu das demais pessoas que se tinham sentado em volta da mesa. Tomava a refeição machinalmente, aceitando o que lhe offerecia o criado, sem perfeito conhecimento de si, como que preso de extraordinario accesso de somnambulismo. Subitamente seus olhos desvairados, pousaram na figura austera e carrancuda do senhor do engenho, e o aspecto respeitavel do velho chamou-o á realidade, despertando-o brutalmente do somnambulismo irresistivel.

O velho era um desses homens ricos e poderosos que vivem em suas terras, absolutamente obedecidos, não tendo outra lei sinão a propria vontade, ás vezes o proprio capricho, cercado do respeito, mais que disso, do temor de todos aquelles a quem o destino lhes deu a convivencia. De rija tempera, de coração adormentado, de resoluções inabalaveis uma vez concebidas, o velho bem mostrava todos estes predicados do caracter de ferro na linha rispida e autoritaria do semblante severo. Barbas e cabellos quasi

totalmente brancos, fronte sulcada de uma multidão de rugas horizontaes e verticaes, olhos injectados de sangue e a tez bronzeada pelas soalheiras causticantes dos trabalhos da roça.

Marcilio, profundamente abalado pela presença perturbadora da roceira, teve um arrepio nervoso de pavor quando encarou o vulto formidavel de Gedeão que tranquillamente sorvia a sua chicara de café retinto.

O mercador era alto e forte, porém magro e de physionomia humilde e timida. Pouca barba, apenas uns finos bigodes de longos fios corredios e negros revestiam-lhe o rosto tostado pelo sol equatorial das continuas jornadas pelo sertão.

Oscillaram seus olhos, pequenos mas brilhantes, entre a severidade caracteristica que se denunciava na carranca do pai e a voluptuosidade attrahente, immediata que distillava o corado rostinho da filha. Sobresaltado, passava os olhos, insensivelmente de uma para outra, recebendo, dessa confrontação angustiosa, correntes oppostas, antagonicas, de excitação crescente e essa dupla contemplação de alvos contrarios, em vez de uma neutralizar o effeito da outra, produzia-lhe no espirito umas reacções subitas e fatigantes, como se repentinamente passasse de um frio de gelo a um calor de tropicos...

O velho porém veiu pôr termo ao martyrio do misero mascate indicando-lhe a porta do aposento que lhe era destinado para noite e dando-lhe um castiçal com uma vela acesa.

III

Era um quarto vasto, de altas paredes caiadas, de telha e vão, com duas janellas que abriam para um jardim plantado de flores da terra e arvores de fruta.

Marcilio, sem completa consciencia de si, automaticamente, despiu-se e metteu-se na cama.

Apezar do cansaço das viagens do dia e do ardentissimo sol que supportara, não conseguiu dormir e muitas horas levou debatendo-se no leito, não podendo subtrahir-se á profunda impressão que em si produziu a figura captivante da morena sertaneja.

E tambem a carranca do fazendeiro vinha tomar lugar no seu espirito inquieto e afugentava de lá, como espantalho importuno, a imagem seductora da filha que ia, porém, aos poucos, voltando e enchendo-lhe toda a alma como um luar voluptuoso, mas cuja luz suavissima, era repentinamente velada de novo pela apparição inesperada de umas barbaças grisalhas, nuvens tempestuosas, ameaçadoras de borrasca...

Num quasi delirio, numa allucinação dolorosa, para o pobre viajante impressionavel, correram as primeiras horas da noite. Percebeu que pouco a pouco ia se fazendo silencio na casa; cessaram passadas pelos corredores; calaram-se vozes nos aposentos visinhos e, finalmente, apagou-se a luz que esclarecia o soalho por uma fresta em baixo da porta do quarto.

Dormia a fazenda.

Apenas de vez em quando, ouvia-se um triste mugido, prolongado e saudoso de um boi, no pasto, e, por vezes, o rumor secco das patadas dos cavallos presos na estrebaria proxima.

O mascate tinha o corpo moido pelo cansaço e por fim adormeceu, num somno agitado, frequentemente interrompido de sobresaltos.

Passou-se um lapso de tempo, indefinido, vago, cuja duração elle não poderia calcular. Subito, um rumor veiu surprehendel-o no leito e o mascate, de um pulo, sentou-se. Applicou a maxima attenção e percebeu que havia alguem que andava por fóra, perto das janellas que haviam ficado abertas e por onde agora o luar, declinando, estendia no soalho dois tapetes de luz pallida.

O mercador foi espreitar afim de ver o que seria.

Já havia muito avançado a noite.

A lua, velada, no momento, por nuvens que lhe cobriam o disco, envolvia as arvores, as casas, os campos em uma claridade nebulosa e cheia de mysterios, emprestando uma feição fantastica á paisagem. Havia no ar um susurro cantante de viração.

O moço curioso descobriu em baixo, no jardim, para onde somente davam as janellas do seu quarto, um vulto que caminhava precatadamente e cujos passos estalavam entretanto nas areias e folhas seccas do caminho.

A principio, mal percebia o vulto sem distinguil-o bem; mas, como elle se aproximasse mais da janella, poude ver perfeitamente

um bello typo de escravo, robusto mulato, moço ainda, vestido de uma roupa alvadia, sem chapéo, sem calçado, e que caminhava cuidadoso, parando ás vezes, olhando para todos os lados como si tivesse o maior desejo de não ser presentido.

Levou o mascate longo tempo a contemplar o escravo, observando-lhe todos os movimentos e querendo descobrir o motivo occulto daquelle nocturno passeio mysterioso.

De repente, novo rumor em ponto diverso do jardim chamou a attenção do alarmado moço, que percebeu que outro vulto tinha apparecido e se dirigia para o escravo.

Com espanto, cada vez maior, viu que era um vulto de mulher esse que agora lhe surgia, livido, como um espectro, branco, ondulante, phosphorescente á luz funerea do luar.

Aproximaram-se os vultos mais e mais e Marcilio adivinhou, conheceu, no auge do espanto, que era a filha do fazendeiro, a creatura fantastica que aos seus olhos pavidos se dirigia para o escravo.

Passou a mão pela fronte, como para a limpar, para certificar-se de que não era, o que via, uma pavorosa visagem, enganadora scena de pesadelo, fruto da claridade fantastica da lua e da ardentissima imaginação sensibilizada.

Talvez sonhasse, talvez fosse obra da fantasia tudo o que estava observando; circumvagou o olhar pelo aposento. Lá estava, porém, o leito em desordem, na cadeira a roupa que despira ao deitar-se . . . Não sonhava, pois, era verdade, era real tudo aquillo que elle via nesse momento tremendo. . .

Entretanto, ao passo que o mascate assim pensava, os dois vultos se encontravam e, como um só vulto então, se encaminharam juntos para um banco de pedra, meio guardado por uma latada viçosa de flores da noite que se abriam em estrellas de leite, luminosas agora, oscillantes ao vento fraco daquellas horas tardias.

Sobre esse banco se projectava a sombra da latada de flores, interceptando a claridade do luar e envolvendo-o em uma redoma mysteriosa e quasi impenetravel.

Afinal, tudo se confundiu na treva. O estranho casal amoroso como que se evaporou na argamassa impalpavel da escuridão nocturna.

O mascate teve impetos de, em um salto, pular a janella, ganhar o jardim e com a presença inesperada confundir os criminosos. Mas

extatico, como que preso no chão, quedava-se arfando, procurando devassar com os olhos a cortina de treva que velava o inexplicavel grupo mysterioso.

E, se nada podia distinguir, graças á profusão avassalante da treva, a imaginação entretanto perdia-se, desarrazoada, por umas fantasias lubricas, cujas scenas se tumultuavam e se precipitavam umas sobre outras, desvairadamente...

Apenas um rumor confuso de vozes susurradas, interrompido ás vezes, chegava aos ouvidos do moço attonito, de envolta com a cantilena arrastada da viração.

Era horroroso. Marcilio, crispado, allucinado, contemplava aquelle canto da noite, testemunha inconsciente de um episodio inenarravel.

Subitamente, um estranho tremor apoderou-se de todo o seu corpo... E' que em seu espirito desequilibrado, no meio das ideas que tumultuavam, surgiu, sinistramente, a figura carrancuda do velho senhor de engenho, o olhar fulminante do austero Gedeão, como uma ameaça pavorosa de castigo tremendo.

Tentou então gritar, chamar pela moça corajosa; aconselhando-a, exhortando-a, indicando-lhe que errado era esse caminho que a levaria á perdição, rememorando-lhe a severidade implacavel do pai, assustando-a com a punição que havia de chegar por certo, um dia...

Desejava ser bom; generoso, mostrando o mal, previdente, evitando uma desgraça, procurando impedir que se aggravasse, já que era sem remedio, o crime nunca visto.

E ao mesmo tempo, outros sentimentos ferviam-lhe o cerebro... Tinha ciumes, lancinantes, desesperados ciumes que o torturavam, que lhe martyrizavam a pobre alma, tão cheia ainda da imagem da formosa rapariga e, não platonismo, amor brutal, vehemente paixão, irritava-lhe os sentidos, alvorotava-lhe os nervos em uma impetuosa explosão de desejo. A contemplação do ambiente, impregnado de sensualismo, o susurro indescriptivel que por vezes lhe feria os tympanos, acordando a luxuria, o cheiro acre das folhagens da latada que se estendia sobre o banco, a combinação capitosa dos perfumes todos das flôres do jardim, a luz magnetisante do luar, as excitações continuas e crescentes daquella noite, o cansaço, a fadiga que lhe enfraquecia o corpo todo e adormentava-lhe os sentidos, tudo

augmentava-lhe as vibrações do pobre organismo susceptivel e percorria-lhe em symphonia infernal toda a escala chromatica das sensações e dos impetos mais desencontrados.

Já se diluia nas extremidades do horisonte a escuridão do ceu, livre então do luar, em uma meia claridade mortiça de arreból. A luz nascente já não encontrou no solitario jardim os vultos do escravo e da filha do fazendeiro; o silencio tinha caido novamente sobre a terra.

O mercador, de um passo vacillante, atirou-se ao leito, allucinado, tonto, sem sentidos...

RODRIGO OCTAVIO

(*Continúa*)

A INDUSTRIA NACIONAL

PRIMEIRO ARTIGO

Poucos assumptos se nos afiguram tão dignos de attenção como seja a industria, factor importante e indispensavel em todo o desenvolvimento social, seguro indice por meio da qual se póde aferir, de modo bem palpavel, o grau de progresso ou decadencia de um povo, não somente nas conquistas do bem estar material como até mesmo em suas aspirações superiores, que se bifurcam por um lado no culto do bello e por outro nas crenças religiosas, esses dois grandes faróes que alegram e illuminam toda a existencia humana.

Si o que acaba de ser dito, e que constitue aliás verdade do dominio commum, conseguida á custa de vulgar intuição das coisas que nos cercam, impõe-se á meditação de um paiz qualquer, com maioria de razão adquire, si é possivel, mais accentuado alcance no Brazil, que possue, é certo, vasto territorio encerrando enormes riquezas naturaes, mas que ao mesmo tempo é uma nacionalidade nova e que começa por assim dizer a experimentar forças em ramo tão importante de sua incipiente actividade. A industria nacional é pois uma epigraphe altamente suggestiva, desafiando, pela complexidade de que se reveste, as mais raras e variadas aptidões.

Quaes os meios mais efficazes para incremento da industria brazileira?

O que temos feito e o que resta fazer?

Eis igualmente uma vasta interrogação de que decorre extensa enumeração de medidas empregadas, de resultados obtidos, e de aspirações a realizar.

Sem pretender mencionar todos os elementos que possam influir sobre o progresso industrial e muito menos procurar serial-os segundo a sua derivação logica ou importancia relativa, seja-nos permittido no entretanto destacar algumas questões cujo valor absoluto nos parece inilludivel e cuja opportunidade de estudo neste momento de não menor vulto se nos apresenta.

Qualquer que seja a idéa que possamos formar sobre a industria em si, o seu dominio de acção, os processos geraes de suas differentes especialidades, as suas relações de dependencia de outros ramos da actividade humana; não ha negar que no estudo do problema industrial muito interessa encara-lo: *a*) quanto á sua base scientifica e profissional; *b*) quanto á sua dependencia dos poderes publicos, principalmente na parte que diz respeito ao regimen tributario, especialmente aduaneiro; *c*) quanto á sua subordinação relativamente ao capital actuando por acção impulsiva ou moderadora; *d*) quanto á multiplicação dos effeitos uteis dependentes de um cotejo methodico e de uma comparação proveitosa dos productos industriaes entre si.

E' possivel que outros itens devam ainda ser explicitamente articulados; parece-nos porém que, em synthese, as questões ha pouco levantadas assignalam de facto pontos cardeaes entre os quaes se poderão razoavelmente conter theorias secundarias ou antes logicamente corollarios das antecedentes.

Encaremos rapidamente as primeiras.

I

a) *Preparação scientifica e technica.*

Sem duvida que o maior serviço que se poderá prestar a uma industria é tornar conhecida a sua base racional e scientifica e depois instruir o operario nos detalhes que constituem o fundo pratico de seu funccionamento.

E' preciso educar o elemento technico dirigente e dirigido. o cerebro e o braço.

O que temos conseguido neste sentido até aqui?

Vejamos a primeira face da questão, a preparação scientifica.

Deixando de falar dos esforços da iniciativa individual, somente ha muito pouco tempo manifestados de modo apreciavel, sem desconhecer e antes rendendo homenagem aos actos governamentaes tendentes a incrementar a industria entre nós debaixo do ponto de vista do ensino superior, forçoso é confessar que o passo mais agigantado que neste caminho se tem dado consistiu seguramente na reforma de ensino consagrada no decreto n. 5600 de 25 de abril de 1874, em virtude da qual foi a antiga Escola Central transformada na actual Escola Polytechnica, que, em vez de dois unicos cursos, passou a ter os seguintes: de sciencias physicas e naturaes, de sciencias physicas e mathematicas, de engenharia civil, de engenharia geographica, de engenharia de minas e de engenharia de artes e manufacturas.

Sem querer discutir si a divisão de trabalho scientifico operada por esta reforma revelou-se precisa, insufficiente ou superabundante, si o desdobramento effectuado nas diversas cadeiras foi o que melhor consultou as necessidades de occasião e de futuro, e outras indagações que teriam cabida em escripto que visasse fim diverso deste; acreditamos ser innegavel que, em seus traços geraes, a reforma citada teve repercussão proveitosa sobre o que nos interessa neste momento: a industria nacional.

Para disto nos convencermos basta só citar rapidamente o maior desenvolvimento que passaram a ter as differentes disciplinas, principalmente debaixo do ponto de vista das applicações, isto é, pela face exactamente que se relaciona com a questão de que estamos tratando.

Assim é que a geometria descriptiva, estudada apenas como parte complementar de uma cadeira, passou a constituir assumpto de duas outras distinctas, abrangendo a theoria das sombras, da perspectiva e da stereotomia; a mecanica veiu a ter um dos complementos que lhe faltavam com a creação de um curso especial de machinas; a chimica, limitada ao estudo da sua parte geral e do ramo descriptivo inorganico, passou a prestar attenção tambem aos corpos organicos, seguindo-se-lhe as cadeiras de chimica industrial analytica; a physica não mais se limitou á parte meramente experimental e com a physica mathematica veiu igualmente a physica industrial; a botanica e a zoologia deixaram de constituir-se cogitações meramente especulativas para se entreterem outrosim com as suas applicações

uteis, a agricultura e a zootechnia; da mineralogia e geologia se tiraram os corollarios industriaes com o apparecimento das cadeiras de metallurgia e exploração das minas; mais aturada attenção e pertinentes cuidados começaram a merecer outros ramos da engenharia civil propriamente dita ou certas applicações mais directamente derivadas de determinadas questões especiaes de mathematica, como sejam, de um lado, o estudo desenvolvido das estradas de rodagem, de ferro e o das pontes, e de outro a topographia e a geodesia.

Tudo isto, convém dizer, foi avigorado de uma maior somma de demonstrações experimentaes, pela creação de novos gabinetes e laboratorios, alem de mais amplitude nos cursos concernentes ás respectivas aulas de trabalhos graphicos.

Como esforço altamente util e digno de menção cumpre-nos assignalar em seguida a Escola de Minas de Ouro-Preto, a principio rigorosamente adstricta ao estudo desta especialidade, dispondo porém hoje de organização algum tanto mais ampla e que lhe tem permittido preparar engenheiros para outras especialidades industriaes que não unicamente a engenharia de minas.

De outro commettimento altamente promissor é preciso que não nos esqueçamos; queremos nos referir á recente Escola Polytechnica de S. Paulo, modelada desde logo de accôrdo com as exigencias do fim que a sua denominação deixa entrever e cujo futuro ha de ser forçosamente grandioso attentas as condições favoraveis de um meio eminentemente progressista e caracteristicamente movimentado, o que lhe imprime um *facies* bem diverso dos demais estados da União, graças, sobretudo, á convergencia de dois factores: a iniciativa individual, que desde tempos mais ou menos remotos distingue a indole aventurosa do paulista, e o sagaz encaminhamento de enorme corrente de emigração européa.

Outros esforços exigem tambem rapida consignação e são elles relativos ao ensinamento agricola de primeiro e segundo grau, como é ministrado no Instituto Fluminense de Agricultura, na Escola Agricola de Juiz de Fóra, no Agricola da Bahia, na Escola Agricola do Desengano; a tudo isto devendo accrescentar-se os cursos de agricultura professados no Museu Nacional.

Gravissima injustiça seria esquecer os serviços que a industria nacional, realmente em seu começo, deve a estas uteis fontes de instrucção.

Não comportam, porém, os estreitos limites deste trabalho que assignalemos por miudo o papel importantissimo dos engenheiros brazileiros em nossa evolução industrial e um unico exemplo bastaria para evidenciar a sua benemerencia, si pudessemos nos contentar com a simples menção do desenvolvimento da viação-ferrea no Brazil e si não fosse justo recordar tambem a influencia fecunda por elles exercida sobre outras muitas industrias nacionaes e notavelmente as do café, do assucar, dos tecidos, das construcções, do ferro, do ouro, da illuminação, etc.

Como complemento necessario a este rapido esboço um estudo especial se impõe, por meio do qual sejam passados em revista os inolvidaveis serviços da engenharia brazileira e o papel saliente das nossas academias, seguido de critica judiciosa e fecunda em que ao lado das excellencias se apontem as lacunas de organização do ensino superior de nosso paiz na parte que diz respeito ao influxo que deve ter sobre o progresso da industria nacional.

Passando agora ao ensino profissional é forçoso convir que pouco temos feito como diffusão de similhante ramo de conhecimentos e que a sua mais pujante e alevantada expressão é inquestionavelmente a grandiosa creação do benemerito Bethencourt da Silva, o Lyceu de Artes e Officios, a respeito do qual representam o papel de rebentões beneficos os ensaios que se tem tentado em alguns estados como no Rio de Janeiro, S. Paulo e Bahia por exemplo, sendo de lastimar que não existam enormemente diffundidos em todos elles e obedecendo a robustas e bem architectadas organizações, como se observa nos paizes mais civilizados da Europa e notavelmente na França, na Italia e na Suissa, aonde o futuro operario, depois de ter recebido o ensino geral e uma vez perscrutada e conhecida a profissão que mais lhe convém, vai instruir-se na escola do trabalho directamente attinente á determinada industria.

Todas as profissões têm então o seu preparativo particular e especial, desde aquellas que visam apenas a fabricação do producto util até aquellas outras que pedem a satisfação dos sentimentos estheticos, dependendo, portanto, tambem do concurso do gosto que vai a seu turno pedir inspiração ás grandes producções da arte.

Neste terreno é preciso insistir sem desfallecimentos para que não se perca o fructo do trabalho adquirido, augmentando-lhe o

cabedal de modo a que o ensino profissional possa ser uma realidade em nosso paiz, onde elle é imprescindivel para satisfazer ás condições tão diversas que impõem de preferencia esta ou aquella industria em região determinada.

Nestes assumptos a grande difficuldade é começar, não se devendo porém esquecer que é sempre preciso caminhar; não basta apenas o esforço inicial, o qual deve ser constantemente seguido de novos impulsos, pois é forçoso que tenhamos a toda a hora bem presente ao espirito a grande lei que nos diz que em toda sorte de movimento a inercia é uma propriedade que impede que a acceleração se possa fazer por si propria.

Graças a algum tirocinio vamos começando a ter um pessoal technico de certo modo habilitado em algumas industrias, mas é ainda limitadissimo e altamente insufficiente diante de sempre crescentes necessidades praticas.

Assignalar o papel do nosso operario na industria nacional, saber até que ponto elle se tem mostrado susceptivel de educação profissional, balancear o que já se tem conseguido de sua perseverança e pericia e bem assim vacticinar o que ainda se pode esperar do aperfeiçoamento de suas aptidões, eis aqui algumas outras cogitações que pedem estudos particulares da maior transcendencia e alcance.

II

b) *Acção dos poderes publicos.*

Bem difficil de ser tratada é esta materia, principalmente pelo grande numero de questões em que se póde desdobrar.

A grande, effectiva e natural dependencia da industria para com o governo é sensivelmente aggravada por uma tendencia transmissivel facilmente das massas populares até mesmo a alguns espiritos muitas vezes regularmente cultivados, maximé quando se é educado em regimen de exagerada centralização politica e administrativa, tendencia que se manifesta por um prejuizo em virtude do qual á entidade governamental se attribuem forças miraculosas e que apenas por um vicio de educação e de raciocinio não

vemos que devem residir de preferencia no individuo do que no estado.

De todo modo, bem ou mal localizado o governo, actuando em terreno proprio ou invadindo attribuições alheias, o que é indiscutivel é que innumeros são os seus pontos de contacto com a industria.

Qualquer, porém, que seja a escola economica a que nos filiemos pode-se affirmar que, como regra geral, o papel do governo na solução do problema industrial não deve ser de orgão propulsor e antes de apparelho ponderador, cumprindo-lhe actuar não propriamente pela iniciativa, porém de preferencia pela regulamentação, como um agente fiscal por excellencia que obedece ás necessidades da ordem.

Ou por outra: os auxilios que o governo está destinado a prestar á industria devem ter o caracter de medidas indirectas por sua natureza.

Não quer isto dizer que, por necessidades transitorias e de occasião, não sejamos muitas vezes obrigados a admittir como imprescindiveis e devendo emanar de tal fonte medidas que sem duvida não estão de accordo com a justa comprehensão do que deva ser a entidade governo, importando portanto em desnaturação sensivel da funcção que lhe compete e que, normalmente, deve ser aquella que acabamos de assignalar.

E' por conseguinte obedecendo ao imperio de circumstancias desta natureza que vemos o governo umas vezes comportar-se como verdadeiro industrial e outras vezes como auxiliar directo do capitalista, quando por exemplo constroe ou encampa estradas de ferro ou quando garante a emprezas particulares os juros de capitaes dispendidos na fundação dos engenhos centraes de assucar.

Estas transacções em materia de principios são momentaneas e não importam no desconhecimento da verdadeira funcção que lhe compete, só sendo razoavel exigir do governo que della strictamente não se afaste, quando a situação comporta um estado de perfectibilidade relativa no apparelhamento social.

Nas organizações super-organicas dá-se o mesmo que na vida organizada, isto é, a differenciação das funcções está na razão directa do aperfeiçoamento das respectivas structuras.

Em todo o caso, dentro ou fóra do seu papel, quer mantendo-se correctamente nos seus limites proprios, quer invadindo attribuições alheias quando urgido pela força das circumstancias, uma prerogativa ninguem terá a pretenção de contestar ao governo e esta é a faculdade de tributar os productos industriaes.

Por isso mesmo que esta attribuição lhe é indispensavel, immanente de sua propria funcção e, mais do que tudo isso, fonte de onde vai haurir os recursos para as publicas necessidades, é tambem, não ha contestar, a mais delicada d'entre todas as suas complexas e variadas attribuições.

Na ordem economica pode-se sem receio estabelecer esta proposição synthetica visando o caracter de um verdadeiro aphorisma: bem tributar é o mesmo que bem governar.

E' naturalmente pela difficuldade de abranger com segurança e de apreciar com justeza todos os elementos deste importante problema pratico que é commum ver-se tanta discordancia de opiniões em espiritos ás vezes os mais esclarecidos e em outras occasiões até flagrantes incongruencias e aberrações de uma mesma individualidade, aliás reputada do maior preparo no assumpto de que cogita.

Parece-nos que outra explicação não pode ter, por exemplo, esta contenda secular no mundo economico entre o *livre cambio* e o *proteccionismo*, em que os contendores representam mais ou menos o mesmo papel que o insigne philosopho inglez attribuiu aquelles dois individuos que situados em pontos de vista differentes garantiam, cada um por sua vez, que um certo escudo, entre elles collocado, era verde ou era vermelho, bastando porém que apparecesse um terceiro desapaixonado para assegurar-lhes com verdade que ambos tinham razão, pois que o escudo era pintado por um lado de uma côr e pelo opposto de outra!

Para não ir mais longe: em torno só desta theoria fundamental *livre cambio* e *proteccionismo* quantas questões importantes se encerram, cada uma das quaes envolvendo a seu turno um problema concreto, que exige solução particular por parte do governo, obrigado a resolver com perfeito conhecimento de causa e portanto bem ponderando todos os elementos que entram em jogo em tão vasta urdidura de delicados interesses!

As vezes trata-se de uma industria cuja materia prima é grandemente abundante no paiz, coincidindo isto com outras

circumstancias favoraveis como sejam a facilidade de transporte, a possibilidade de aproveitamento de motores baratos, como por exemplo quedas d'agua, a certeza de consumo dentro do proprio paiz de todo o producto fabricado, etc.

Evidentemente em tal caso o legislador possue em suas mãos uma trama de elementos seguros para fazel-o acreditar que tem realmente diante de si condições naturaes que favorecem a nacionalização de similhante ramo industrial.

Outras vezes, em lugar disso situação diversa se depara, em que se verificam condições de independencia de certos factores ao lado da subordinação a outras, em relação aos quaes não é possivel furtar-se á contribuição do estrangeiro; em tal caso um *proteccionismo* exagerado e radical produz necessariamente effeito opposto ao desejado, matando a industria que se quer proteger, a qual em vez da pretenção descabida da nacionalização de todas as operações que a constituem deve-se contentar com a aspiração mais modesta de cuidar apenas de algumas dellas, quando são susceptiveis ainda de uma ampla fonte de renda.

E' em taes condições que vem a pêllo invocar o justo meio termo que permitta excluir pelo regimen tributario aquella parte da industria em que podemos prescindir do exterior com o auxilio da tarifa facilitando a entrada daquella outra parte em que se tenha conseguido effectiva autonomia.

Occasiões ha tambem em que outro é o papel que incumbe ao Estado, exercendo aliás uma tutela aduaneira que, além de sabia, previdente e patriotica é igualmente amparadora de capitaes despercebidos ou incautos.

De facto, é forçoso confessar que em momento dado uma certa industria póde se revelar descabida, ou por excentrica no meio em que se a pretende acclimatar, ou por extemporanea antes que se mostrem preenchidas certas condições especiaes á que ella está subordinada.

Em tal situação se acham sem duvida aquellas industrias que dependem do estrangeiro quanto á materia prima, aos accessorios essenciaes, aos elementos complementares e finalmente ao operario importado, sempre exigente de elevados salarios, principalmente quando se destina a lugares de reputação insalubre e desde que é manifesta a impossibilidade do aproveitamento do trabalhador

nacional por falta de sufficiente e adequada educação technica ou artistica.

Neste caso o governo estabelecendo a livre concurrencia presta um real serviço eliminando ou pelo menos afastando temporariamente a prematura implantação de uma industria que se deve considerar: prejudicial ao consumidor por que só a custa de golpes de tarifa é que pode ser expellido o similar estrangeiro, vendavel por preço muito mais barato e que constitue muitas vezes objecto de primeira necessidade para as classes menos favorecidas da fortuna; prejudicial ao capitalista, que em boa fé embarca o seu dinheiro em emprehendimento de que espera colher larga remuneração, graças principalmente a protecção das tarifas, e, no entretanto, mais tarde verifica que nem assim é uma fonte de renda razoavel e compensadora do sacrificio feito; prejudicial finalmente a outros industriaes viaveis, que tem assim mais uma nefasta concurrencia de capital e de trabalhadores, principalmente quando se trata de um paiz como o nosso em que estas duas forças basicas de toda empreza industrial estão longe de superabundar.

Outras hypotheses se pode figurar para justificar a adopção razoavel e conveniente do livre cambio applicavel a certos productos estrangeiros, ainda quando mesmo haja chanças de producção nacional em condições relativamente vantajosas.

Estes casos são, como é sabido, regidos por motivos de ordem elevada e assim se explica a razão de ser de tratados de commercio em virtude dos quaes convencionam tarifas que importam o sacrificio de certas industrias nacionaes com a protecção manifesta do similar estrangeiro, oriundo de paiz, cuja freguezia convenha grangear ou manter pelo allivio de imposto concernente a producto importante que se quer exportar e sujeito nos mercados consumidores á concurrencia temerosa que seja preciso evitar ou pelo menos attenuar.

Uma outra face do assumpto é ainda digna de attenção debaixo do ponto de vista do imposto: queremos nos referir á orientação a seguir no systema de tributar uma mesma mercadoria em épocas consecutivas.

E' preciso, porém, que nos entendamos sobre o sentido do nosso pensamento ao levantar esta questão. Não pretendemos prégar a doutrina de que um regimen tributario deva ser o typo da immobilidade,

uma especie de muralha chineza, um *noli me tangere*, um *alcorão* em summa, cuja infallibilidade esteja sempre prompta para fulminar qualquer innovação ainda mesmo quando se mostre a mais justificada e opportuna.

Longe está da nossa idéa um tão ferrenho emperramento, pois bem sabemos que o imposto deve ser o reflexo fiel da situação relativa da respectiva industria, acompanhando as suas oscillações em plano parallelo de translações correlativas, pela mesma razão porque a sombra move-se quando o corpo tambem se move.

Não decorre, porém, desta doutrina que a toda hora se possa estar mudando de systema de imposto para um mesmo producto e para os que lhe são correlatos e que obedecem a um regimen de dependencias reciprocas, harmonicas e necessarias.

Antes de tributar uma mercadoria é preciso estudar a complexidade de sua situação em momento dado e bem assim ter um poder seguro de previsão relativa quanto ás consequencias proximas ou remotas da medida que se vai praticar, não sómente no que diz respeito á influencia exercida sobre as novas condições a que vai ficar sujeito o producto na luta de concurrencia, mas tambem no que se refere a modificação que ella vai imprimir no systema geral das forças orçamentarias do paiz.

O desconhecimento destes preceitos importa muitas vezes nas mais desastrosas consequencias para os industriaes, para o commercio, para o consumidor e para o proprio governo.

Hoje é uma industria que, creada á sombra de protecção legal, cai por terra porque principio opposto se adoptou a seu respeito; amanhan é o commercio que orienta as suas transacções em certo sentido contando com uma estabilidade relativa do systema aduaneiro, que o obriga no entretanto de chôfre a modifical-as profundamente; depois é o consumidor que perde de facto a melhor balisa para criterio da sua offerta, ficando inteiramente atordoado pela invocação constante das repetidas mudanças de tarifas, que, modificadas em sentido favoravel ou desfavoravel, offerecem ensejo a constantes desculpas para dolosamente se encarecer o custo da mercadoria; finalmente é o governo que muitas vezes sente inesperadamente estancar-se uma fonte segura de renda ou porque allivia demasiadamente e fóra do tempo um genero ou ao contrario porque addiciona-lhe exagerada sobrecarga que susta repentinamente a

entrada do producto, e isto em certos casos até sem vantagem de especie alguma, pois nem ao menos pode aproveitar ao similar nacional, para cuja producção, na proporção desejada, não se acha ainda o paiz sufficientemente apparelhado.

Não ha duvida que estas questões são eminentemente difficeis e dependentes de melindrosissima ponderação; mas por isso mesmo é que ellas são commettidas ao governo, que, si pudesse ser definido por um só dos muitos predicados que lhe formam a essencia, por nenhum seria melhor do que pelo attributo da competencia, que é sem contestação a sua maior força.

Consoante com estas idéas nos é licito perguntar: tem o Brazil sempre respeitado taes preceitos, aliás imprescindiveis para que o governo exerça bem o seu papel de elemento, ponderador no terreno em que se degladiam as actividades industriaes?

Eis uma questão altamente interessante porém que não comporta uma solução geral satisfactoria, e antes fragmenta-se em outras tantas particulares quantas são por assim dizer as industrias nacionaes e estrangeiras que tem sido attingidas pelo regimen tributario em nossa patria.

GETULIO DAS NEVES

UMA NOTA DA AMERICA

Pouca gente terá partido para a America tão pouco alvoroçada como eu. No itinerario sentimental da minha vida errante a terra do algodão azul, das barcas de balanço, dos cock-tails e dos jornaes de cincoenta paginas não figurava. Varios tinham sido os agentes de dissolução da minha estima por ella. A admiração geral unanime dos povos todos pelo Povo unico seria talvez a mais séria. A psychologia daquelle atheniense que votava pela proscripção de Aristides o Justo não é nem singular nem mesmo rara. Ha certas perfeições impertinentes. A grandeza da terra, a riqueza nacional, a excellencia maxima das instituições politicas na America são de pôr frenetico a quem intuitivamente não póde admittir que um povo acerte no que todos os mais falharam. Nós por instincto sabemos que as miserias pessoaes e os erros e desacertos collectivos cabem á totalidade das communidades humanas. Cabem ou devem caber para que não haja favoritos na precaria distribuição da Fortuna pelos homens. A inveja é um sentimento baixo ou é antes um influxo profundo da Justiça immanente? Si a sorte da massa immensa é soffrer e penar horas morosas por preço de alguns segundos de prazer e de gozo, porque ha de aquelle homem ter por graça o que tão caro compramos, ser feliz continuamente, absolutamente, iniquamente, perante a miseria de seu similhante? Sómente, a inveja vem da ignorancia — e a ignorancia da falta de conhecimento, diria M. de la Palisse — analysado e discutido, o homem

invejado ganha em sympathia, com a revelação dos seus fracos, do seu lado humano, similhante á nós. Uma generalização do caso supprimiria a inveja, si isso fosse necessario.

O facto é que *saudade prévia*, a pena que tive de deixar a America só se podia comparar em mim com a má vontade com que ali entrei dois annos antes. Foi num quente domingo de julho que desembarquei em Nova-York, vindo de França. Entre as primeiras pessoas que subiram a bordo, quando o *Bourgogne* ainda estava diante da quarentena, vinha um jornalista meu conhecido, cujo nome agora corre o mundo; o actual chanceller do principado da Trindade. Esse me escureceu singularmente as cores do quadro amavel que a terra apresenta aos olhos fatigados de oito dias de mar, de dias sem sol, de noites sem estrellas, de viajar as cégas dentro do nevoeiro. Para o jornalista pariziense aquella era a verdadeira terra do exilio — barbara, dura, inhospita. A actividade violenta, excessiva para a gente civilizada, era mais uma prova da falta de ideal, si a inferioridade esthetica da vida social não trahisse essa falta a cada instante. E as mulheres então! — de uma sentimentalidade reduzida, sensuaes sem paixão, egoistas e seccas, abusando dos direitos e vantagens que lhes dá o sexo... Falou amargamente o conde francez. Emquanto lhe ouvia as anecdotas illustrativas da sua experiencia da vida americana, iam-me os olhos dando conta do movimento de embarcações de toda a sorte que mesmo num domingo de verão animam e povoam as aguas da bahia de Nova-York. Os nomes das barcas ferry primeiro me attrahiram a attenção, e um americano riu-se gostosamente, porque classifiquei-os de barbaros. Mordi logo os beiços, lembrando-me de Nyteroi e de Itaquaquecituba, que não são certamente mais polidos e finos do que Shenandoa e Lackawanna. E á tenção que levava de não me admirar do que visse ajuntei então a de não criticar o que não approvasse mentalmente.

Não admirar não custa durante as primeiras horas de America, para quem vem da Europa. Entre o grande numero das proposições admittidas sem exame e correntes na conversação vulgar, as idéas sobre os Estados Unidos, sobre a obra e a vida dos americanos, afagam e contentam o senso do maravilhoso que não perde nunca o homem mais razoavel e realista e frio. Ali chegando, o que se tinha imaginado de collossal e prodigioso esmaga a realidade.

E a reacção causada por essa decepção pueril prejudica á apreciação desprevenida e imparcial, sinão benigna. Na America o maravilhoso não vem ao encontro do viajante. A ponte de Brooklin, a estatua da Liberdade, as casas de vinte e cinco andares, o que são sinão productos industriaes de uma actividade de que deixámos no Velho Mundo provas analogas e de igual valor? O primeiro impulso critico é reclamar contra as fraquezas e incorrecções de detalhe, na impossibilidade de apprehender logo o conjunto.

Em quem se demora pouco a aspereza irritante dos primeiros contactos concorre para a inhibição sentimental, impede a formação da corrente de sympathia necessaria a quem vai estudar os actos e gestos de um povo. D'ahi o grande numero de obras criticas sobre a America, quasi todas excessivas, todas deficientes e, tirando as de propaganda social ou politica, todas de censura ou de approvação com restricções.

Entretanto bem pouca culpa têm os americanos da exacerbação desse prurido critico no estrangeiro que os vai visitar. Boas vias de communicação e rapidos e commodos meios de transporte, para lhe facilitar os movimentos de curioso através da turba laboriosa e tão absorta na sua lida de ajuntar provisões para o futuro que mal se póde dizer que vivem no presente; casas e hoteis onde machinas e homens servem ao homem pelo seu dinheiro; jornaes e revistas, uma imprensa perfeita no seu serviço inestimavel de informação universal e para todos; salas sumptuosas de theatro e actores que lhe dão em comedias de costumes a realidade externa e feições da vida social do paiz inteiro; serviços publicos que contentariam ao mais exigente num paiz civilizado — o que mais falta para facilitar os contactos com a sociedade que se quer conhecer? Depois, ensinando o caminho para o louvor, a complacencia com que cada um se entretem da grandeza presente e futura da America, o orgulho de pertencer á grande Patria...

Esta ultima fonte de suggestão faltou-me durante as primeiras semanas da minha chegada. As facilidades materiaes é que me foram preparando o espirito para a indulgencia, ainda no circulo restricto em que tinha de viver. Desde o trapiche da Companhia Transatlantica a amenidade dos empregados da Alfandega impressionou-me favoravelmente. Na primeira volta ao Rio de Janeiro

foram precisos tres dias para ajuntar duas malas e uma chapeleira e tive de pagar sessenta e tantos mil réis por castigo de trazer para a minha terra um fato novo de casemira de côr. Da Alfandega mais rigorosa de Nova-York sairam as minhas malas sem exame, porque alguem dissera a bordo ao guarda encarregado de arrolar as bagagens que eu era secretario de legação, e, sobretudo, porque não era natural que um homem viesse de tão longe fazer contrabando com duas malas e uma chapeleira. E tendo desembarcado ao meio dia, á uma hora estava no hotel, lavado e vestido á fresca para o lunch.

Saudoso Hotel San Remo! « pequeno, mas bom » tinha me dito um americano a bordo. Tinha quinhentos quartos, distribuidos por dez andares em quatro corpos de edificios de pedra e ferro, e claridade e frescura e socego como de um claustro. Socego que não era de silencio. Pela Nova Avenida aos fundos estrondava todos os minutos o trovão prolongado dos trens do caminho de ferro suspenso. E pela Oitava Avenida, sob as janellas guarnecidas de toldos de lona cinzenta de riscas brancas, passavam espaçadamente os tramways do Harlem, puxados a dois cavallos, com um melancolico tilintar de campainhas e um desesperado arfar, evocando a memoria desolada dos antigos bonds do Pedregulho e da Ponta do Cajú. Um aposento immenso me tinha sido guardado e sobre a mesa de escripta já me esperava o trabalho matador do tédio. Quando a gente se encontra em terra estranha o excesso de impressões a trocar nos leva a reparos e notas descosidas, subentendendo um mundo de pensamentos. Ao crepusculo sentamo-nos á janella do lado do Parque.

— « Não parece o Campo de Santa Anna, Barão? Esta rua quieta, com um muro e arvores do outro lado...

— « Isto aqui é como o Giorelli, mal comparando. Aquelle bond sacudido como um barco em temporal vem de Mataporcos ou do Pedregulho. Lá vai uma mulata, só differente das nossas no chapeu de palha. E o preto ali do canto que vende mendobi torrado... Até o realejo que remóe o Rigoletto. E o calor que faz ainda a esta hora. Rio de Janeiro puro...»

— « Menos nos carros bem atrellados que passam pela sombra das alamedas, menos nas gondolas com lanternas venezianas que vogam pelo lago...

— « E o estrondo da cidade á roda... »

— « E toda esta luz electrica e a mobilia e a arrumação desta sala ingleza... Quanto tempo ainda vamos ficar aqui? »

A sala de jantar, estreita e longa, ornada, illuminada e disposta como a bordo de um transatlantico, o serviço, o sabor, menos que desenxabido, desinteressante, sem caracter, das iguarias, combinando-se com a vibração e as pancadas surdas de machinas no subsolo, prolongavam-me a sensação da viagem em terra. O San Remo era um vapor ancorado, porém sempre sob pressão. Tarde já, pelas horas caladas da noite aquelle incessante rumor na base do edificio pareceu-me symbolico, caracteristico da actividade febril e ininterrupta de um povo inteiro. A zoada continua da cidade, a disparada estrepitosa dos trens sob as immensas pontes de ferro diziam a lida de dezenas de milhões de homens que trabalhando para si, egoistamente, promovem a grandeza da sua patria. Por montes e valles, por florestas e descampados, atravessando cidades num relampago, num delirio de architecturas e de fórmas indistinctas, levou-me depois o sonho agarrado ao limpa-trilhos de uma locomotiva através da immensidade da União Americana.

Durante muitos dias persistiu em mim essa sensação de ainda não estar parado e com ella o desinteresse pelo scenario e pelo movimento em torno. « Quanto tempo temos ainda de ficar aqui? » e « careço de muito trabalho para me não aborrecer » resumiam bem a psychologia do viajante que não sympathiza e não quer fazer conhecimento com os lugares que simplesmente vê de passagem. Vivia com brazileiros, absorto no trabalho e preoccupado com o seu resultado. A America só começava para lá do nosso grupo e das nossas mesas de escripta. Quando uma noite saí para ir a um café-concerto ao ar livre sobre o tecto de um theatro, á parte o silencio e a boa compostura da assistencia, aquillo ainda podia ser qualquer Cassino de Pariz, com os seus saltimbancos cosmopolitas e cantores polyglotas. Peças inglezas representadas por companhias inglezas ou mesmo americanas, mas á moda de Londres, pouco me diziam em côr local ou informação positiva, suggestão ou realidade. Uma noite, porém, assistindo a uma peça de costumes *The New South*, senti pela primeira vez na vida americana a existencia do negro. Era um drama violento a que um erro juridico servia de plexo. Entravam nelle dois negros: o antigo

escravo resmungão e bondoso, amigo dos seus brancos, que viu crescer e que trouxe nos braços e o homem novo, de pelle negra e alma escura assombrada de odio antigo contra a raça oppressora. A psychologia de ambos era summaria, como em geral a dos personagens de dramas populares — agentes simples de intrigas pouco complicadas. Entretanto o preto mau e assassino figurava na peça como agente eleitoral e falava em reivindicações, ensaiava uma vaga apparencia de representante de raça perseguida. Ficou-me a memoria delle, resistindo a todas as fantasias de negro, grotescas e joviaes, que alegram as comedias de costumes e as farças de circo que depois vi; vivendo como um typo, evocativo da questão do negro na America do Norte.

A questão do negro! Como são felizes os Estados-Unidos em não haver ali sinão um minimum de governo! Fosse aquella uma terra latina e centralista ou simplesmente dominada pelas theorias idealistas da intervenção constante e assidua pelo paternismo como lá lhe chamam, e a pretexto de corrigir os vicios constitucionaes e de limpar as manchas que enfeiam a frontaria do edificio social, as reformas legislativas teriam acabado por neutralizar os beneficos effeitos da prodigiosa actividade constructiva que não attende a taras originaes, nem a vicios intervenientes que possam vir a alterar a obra no futuro. O futuro longinquo não entra nas cogitações do industrial americano, do homem de negocios, do homem politico, nem mesmo do pensador sabio e philosopho. Legislar com a pretenção de prevêr todas as variações politicas e sociaes de um povo feita de cem povos, no correr dos seculos em que a queda dos acontecimentos se precipitará vertiginosamente em progressão desconhecida, o menos que produziria seria uma obra antipratica e confusa. Aquelle velho parallelo escolar entre as legislações de Solon e Lycurgo applica-se uma vez para o caso das leis americanas feita para o povo, comparadas com as leis latinas da traducção theorica em que o povo é uma abstracção. Si as proprias syntheses são provisorias, porque teremos a presumpção de estabelecer leis definitivas, para o que existe e o que ha de vir?

«A questão do negro é uma questão futura, si jamais for uma questão urgente e necessitando a intervenção do legislador» asseguram os que contam com o imprevisto e a *vis medicatrix natura* para

remediar as coisas apparentemente irremediaveis. A questão do negro é para o estrangeiro principalmente uma questão de numero e de sentimentalismo. Oito milhões de homens classificados á parte na estima e na consideração sociaes, differenciados mesmo politicamente, e vivendo como um corpo extranho e inassimilavel, junto ás fontes da vida nacional parecem-nos um perigo urgente e formidavel. Para o americano, porém, ha perigos maiores nas organizações socialistas do Trabalho-branco contra o capital e das proximas desordens economicas d'ahi provenientes, nas crises do proprio trabalho independente de movimentos revolucionarios organizados, pelo simples effeito das leis da offerta e da procura e da concurrencia universal, em problemas moraes interessando á existencia da familia *branca*... Não impede isso que a faina continue e o receio não paralysa a actividade da massa industrial, nem diminue nos que pensam a confiança nos mais altos destinos para a grande nação.

«Perigo... elles são oito milhões, e nós somos cincoenta e cinco» dizem os brancos. «E' verdade que desde a guerra o nivel da educação tem subido muito entre elles e que pouco a pouco se lhes irá aggravando o resentimento contra os seus concidadãos mais favorecidos em dignidade politica e social. Mas não ha razão para crêr que elles jamais se lancem em alguma louca aventura de reivindicações pela força da posição que juridicamente lhes compete na communidade politica. Perigo não ha nenhum. Todo o mal dessa situação está na sua illegalidade evidente e no sentimento penoso que isso causa na diminuição da felicidade publica que ella importa com a violação flagrante dos direitos do homem como cidadão e como homem. Entretanto, considere-se que esses direitos já fomos nós que lh'os demos, embora parcialmente e com restricção. O grande crime social era a escravidão. Nós o remimos com o nosso sangue. O homem libertado do captiveiro teve de ser cidadão dos Estados-Unidos. Negar-lhe o voto seria ir contra a inteira theoria das instituições republicanas. Mas elle não sabia votar: nós lh'o temos ensinado desde então. Tempo virá em que elle possa agir e deliberar par si. Quando souber reclamar o cumprimento da lei, a lei fará direito a sua reclamação. Agora a fusão do sangue é questão a parte do empossamento do negro na sua posição politica na republica. As leis são impessoaes e imparciaes, os sentimentos não. Póde ser que os seculos os modifiquem, mas sem considerar a

tradição, a macula original, ha as razões de esthetica e quem sabe si as superiores e imperativas da selecção e da conservação da especie.»

E o negro parece dar razão ao branco neste particular mantendo-se estrictamente a parte, para lá da linha rigorosamente interposta aos contactos sociaes. Vivendo e lidando com o branco emquanto definitivamente inferior, servidor ou pequeno empregado, o negro não participa da sua existencia em sociedade, não é admittido á illusão da igualdade democratica. Repellido dos hoteis e restaurantes, dos theatros e até dos vehiculos frequentados pelos brancos em certos estados do Sul onde o preconceito contra a côr é mais rigoroso, elle se restringe á sociedade negra, que se esforça por imitar a dos brancos em todos os seus actos e maneiras. Pelo seu lado os brancos aproveitam delles a poesia original, e a musica e as danças cadentes e voluptuosas. Essa satisfação do amor proprio artistico, com o direito do voto e de se chamarem cidadãos da livre America — a republica de exportação da Liberia provou um completo fiasco — parecem bastar aos pariás dos Estados-Unidos. Sentem-se evidentemente inferiores, incapazes de resistir á concurrencia com raças mais activas e intelligentes. A humildade do preto é significativa. Ha a anecdota do preto velho carregador, que com o seu cesto ao hombro, ia acompanhando pela rua Direita dous pretos marinheiros americanos e commentava a conversa delles em voz alta: «Moleques pacholas! pensam mesmo que a gente acredita que elles falam francez... Não falam nada...» Quando nos Estados Unidos um negro orador em meeting eleitoral falava em lingua nobre «da grandeza da patria americana e da continuidade da *nossa* obra politica» lembrei-me de outro discurso em Pariz em que um mulato de Cuba, dirigindo-se a uma assembléa de jornalistas e homens de letras, dizia larga e fraternalmente: «Nous autres peuples latins...» A intenção é generosa e humana, mas a incredulidade do negro velho não admittia que os moleques soubessem falar francez.

Supponho que esta falta de consideração da massa negra pelos esforços dos mais intelligentes que a querem levantar é a maior garantia que têm os brancos de que a *mancha negra*, longe de se alargar contaminando toda a superficie da União, acabará por se reduzir ás proporções de uma simples pinta que sirva para contrastar

a brancura da republica e a pureza das raças fortes que a fundaram, como me disse um americano.

Affirmações desta ordem são bastantes para dissipar no espirito de um estrangeiro quaesquer receios sobre os destinos de um povo. Desde que comecei a ouvil-as com frequencia e desde que cessei de pensar anciosamente na questão do negro, impuz uma surdina ao meu senso critico e envergonhei-me de ter entrado de má vontade numa terra em que ha tanto orgulho do passado e tanta esperança no futuro e onde se resolveu o problema de viver sob mininum de governo, na absorpção do trabalho fecundo que engrandece o Estado e o cidadão.

DOMICIO DA GAMA

O BRAZIL

E A AGGRESSÃO PARAGUAYA DE 1865[1]

TERCEIRA PARTE

Como obteremos essa força?

Eu já não quero olhar para o tremendo sacrificio, talvez de 50 mil contos, talvez de muito mais, que arruinará o Brazil por muito tempo. Prescindindo dessa funesta sorte ou calamidade, o que mais impõe sobre minha imaginação é este quesito: como obteremos 42.000 homens?

Quem conhecer bem o Paraguay e o Brazil, não se admirará que aquelle com 500 e em todo o caso menos de 600.000 habitantes, possa facilmente armar 40 a 42.000 homens e que o Brazil com 6 milhões de população livre, por ventura não os arme sem grande fadiga.

Esses 6 milhões estão espalhados por um mundo vasto: a população que está nos sertões, ou no remoto interior foge, está quasi sempre fóra da acção administrativa. Os centros mais populosos offerecem inconvenientes de outra ordem, mas muito serios, muito valiosos. Ahi estão grandes agglomerações ou grupos de escravos. Por maior desgraça elles estão eivados geralmente de más idéas, de

[1] Veja a *Revista* de 15 de Setembro.

pensamento sinistro e temeroso. O numero de recursos de graça por assassinatos que elles commettem em seus senhores annualmente é avultado, e não é o unico indicio de sua disposição geral. Emquanto estiverem unidas as provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, haverá imperio; e emquanto ellas tiverem tranquilidade e recursos, elle terá; fóra disso, não. Pois bem, nessas tres provincias, e secundariamente no reconcavo da cidade da Bahia, é justamente onde está a grande e horrivel massa de escravatura e animada de sinistras aspirações. Em Taubaté, em S. Sebastião, em outros pontos da provincia de S. Paulo falam claro, e os receios fundados dos fazendeiros são bem sabidos.

O plano na Diamantina, em Minas, era horrivel. Na propria provincia do Rio de Janeiro, os receios são iguaes áquelles. Que sacrificios de população livre se poderá pedir a estas tres provincias? Ignorará a escravatura a existencia da guerra externa, a retirada das forças de linha, o desfalque dessa população livre, a fuga, dispersão e occultação da gente apropriada para o recrutamento? A exigirem-se apezar disso dessas tres provincias sacrificios pesados, que impressão causará isso em suas populações e especialmente em seus numerosos, ricos e alliados agricultores, poderosos por sua riqueza, ligados por interesses intimos e homogeneos, e muitos delles já descontentes das coisas politicas?

Eu creio que deve haver a mais profunda discrição, e decididamente não exigir dellas mais, antes, si fôr possivel, menos do que das outras. O Brazil, comparativamente ao Paraguay é muito rico, elle quer gosar, tem mais ou menos que perder, e grande numero de brazileiros têm boas e grandes fortunas. Não são pois homens escoteiros que se contentem com a vida de soldados. Alem disso têm vontade propria.

Si fosse possivel despertar o patriotismo, levantar a moral abatida, gerar o enthusiasmo e mesmo o fanatismo, todas as difficuldades estariam vencidas. Não se espere por isso.

Para tanto seria necessario um governo nacional e não de partido, um governo amigo, protector, representante de todos os amores e interesses, e não proscriptor da metade, sinão da mor parte da nação e da parte mais rica, mais intelligente e mais ordeira. Essa proscripção violenta, injusta, infrene nas eleições, é mórmente nas actuaes circumstancias um erro infernal, e mesmo, embora sem

intenção, um crime, uma traição ao monarcha e ao paiz. E o que fazer hoje? o mais que é possivel actualmente é parar na proscripção, não fazer alarde della, não commetter novas violencias. Os rancores, as feridas estão ainda palpitantes para que a mudança do poder para outras mãos pudesse produzir o effeito por ventura a desejar.

Consequentemente no recrutamento e mais meios de obter força, cumpre que não entre o odio dos partidos, a perseguição dos contrarios, as violencias; isso não excitaria enthusiasmo e poderia ter consequencias funestas nas criticas circumstancias actuaes, que de momento podem transformar-se e dar resultados inesperados, como deu a nossa diplomacia no Prata.

Quando um governo exige do povo immenso sacrificio de sangue, e ruina parcial de sua fortuna, o bom senso dita que o não persiga.

Ninguem se illuda; ha de custar muito e muito obter 42.000 homens, alem da guarnição e marinheiros para a armada.

Por outro lado é indeclinavel vencer com geito, prudencia e saber essa grande difficuldade, estudar todos os meios ou expedientes e pedir algum recurso a cada um delles.

Para o exercito de Mato-Grosso de 8 a 10.000 homens, teremos:

Tropa de linha ali.....	1.400
Corpo fixo de Goyaz.....	200
	1.600

Falta para completar 10.000 não menos de 8.400.

Ao menos 4.000 devem ir para S. Paulo, como antes ponderou-se; os outros 4.400 devem ser ministrados pela provincia de Mato-Grosso, por Goyaz e pelo populoso municipio de Uberaba, que tem uma população de 30.000 habitantes e uma boa estrada pela margem direita do Rio-Grande até Sant'Anna do Paranahyba. Esse municipio de Uberaba felizmente não tem sinão pequena escravatura; e por sua posição está obrigado a um sacrificio maior. Goyaz tem sido muito poupado por sua longitude no sacrificio do recrutamento e no destacamento da guarda nacional; chegou a

sua vez de contribuir, e tanto mais quando elle quer que Santa Anna do Paranahyba lhe seja annexada:

Precisa-se, pois, para ir para a provincia de Mato-Grosso.....	4.000
Para o Paraguay.....	32.000
	36.000

Temos no exercito de linha, incluindo os corpos fixos e descontados os 1.600 de que acima falámos, 12.400.

Falta para completar os 36.000, não menos de 23.600.

D'onde havel-os? Não se vêem outros meios sinão:

1.º Engajamentos voluntarios nacionaes.

2.º Recrutamento.

3.º Contingentes da guarda nacional.

4.º Corpos municipaes ou policias das provincias.

5.º Engajamento estrangeiros.

Farei breves reflexões sobre cada um destes meios para suscitar idéas.

1.º Engajamento voluntario de nacionaes. Este seria o melhor de todos. Quem dera que só por elle se obtivessem os 23.600 que faltam!

Lembrarei um expediente e o farei com espirito sincero, sem pensamento algum reservado.

O ministerio que se empenhe com seus amigos, circulos destes e localidades em que tiver mais influencia, para que promovam com dexteridade e efficacia a apresentação e offerta de taes voluntarios. Será um grande serviço feito ao monarcha e ao paiz, e além disso uma gloria real para os ministros e para o partido liberal, que assim demonstrariam praticamente sua influencia, popularidade e poder ou força.

2.º Recrutamento forçado. Não falando de Mato-Grosso, Goyaz e municipio de Uberaba, que, como acima indicou-se, contribuirão com 4.400 homens para o exercito do Apa, aventurarei um juizo do que o resto do Brazil possa dar por este titulo si houver dexteridade e prudente actividade.

Descontadas essas provincias e municipios, tem as outras não ncluindo tambem São Pedro do Sul, 1.120 parochias. Como se deve

empregar todos os meios de obter o concurso e a boa vontade, ao menos para o fim desejado, de todos os partidos da provincia de São Pedro do Sul, o que muito dependerá do prestigio do general escolhido, eu supporei que ella contribua com 10.600 homens. Assim faltará somente o não pequeno numero de 13.000 homens. Si fosse possivel obter isso por essas 1.120 parochias, seria uma grande vantagem. Si tivessemos um mappa da população eu faria o calculo; infelizmente nem isso temos, irei pois a uma presumpção generica. Pedindo a cada parochia dois recrutas por milhar de habitantes; porventura não se deverá ou poderá obter? O delegado, o subdelegado que não servir para isso, não serve para o cargo, mórmente quando deve ser coadjuvado pelos commandantes e officiaes da guarda nacional. Conviria assegurar por editaes ou pela imprensa si houver, que cada parochia que preencher seu numero de recrutas ficará desde logo isenta do recrutamento; que todos podem por isso voltar a seus serviços, e cumprir infallivelmente a promessa.

A despeza será grande, mas a esse respeito só cumpre dizer que si o Brazil sair triumphante comprará a gloria por uma ruina de muitos annos, e que se sair ou antes ficar vencido, terminará perdido.

E', pois, indispensavel tratar desde já do recrutamento. Elle fará grande mal, á exigencia de contingentes da guarda nacional, salvo de São Pedro do Sul, Mato-Grosso e Goyaz e mesmo em parte de Uberaba, essa exigencia fará ainda maior, principalmente em algumas provincias.

3.º Contingentes da guarda nacional. Eu creio que este sacrificio só póde ser pedido á guarda nacional em ultimo apuro, e isto por muitas e ponderosas razões.

Os commandantes dos corpos e seus officiaes que convidem sim a todos os guardas, que como taes se offerecerem voluntariamente. Isso será util e louvavel. Quem não se offerecer irá á força? A guarda nacional tem de supprir o exercito de linha dentro de todo o imperio no serviço do destacamento e guarnição e quem sabe si por dois ou mais annos! E' preciso que uns corpos revesem com outros, já não será pequeno sacrificio. Para que desgostal-a ainda mais? Quem, sinão ella, manterá a segurança e tranquillidade interior, e conterá qualquer movimento da escravatura?

Suppõe-se porventura que o nosso estado politico e financeiro ou pobresa, ou emfim nossas relações exteriores estão a salvo de toda e qualquer perturbação geral, provincial ou local? E quem manterá a paz, a dignidade nacional, sinão ella?

Mandei pedir na secretaria de justiça um quadro da guarda nacional por provincia, armas e forças respectivas, e ha annos que ella não levanta esse trabalho! Agora é que está cuidando delle; os relatorios dessa repartição ha muito que o olvidaram.

Dirão, porém, que basta saber que ella tem 64.273 homens de cavallaria, 7.738 de artilharia e 422.053 de infanteria, e portanto um todo de cerca de 500.000 homens, donde tem de descontar-se a guarda nacional de Mato-Grosso, Goyaz, Uberaba e São Pedro do Sul.

Responderei que entre nós todas as instituições estão falsificadas; que grande parte da somma restante é puramente nominal: do que se cuida muito é de suppôr soldados, crear corpos, nomear commandantes e officiaes, satisfazer vaidades e adquirir amigos.

Em todo o caso a gente mais importante que não tem podido eximir-se, está alistada nella, ou por ella interessada porque ahi tem filhos ou parentes; cumpre não pedir-lhe o sacrificio de guerra sinão em ultimo apuro.

Infelizmente é preciso reconhecer que não ha enthusiasmo real; infelizmente essa é a verdade e deve ser tida em consideração.

4.° Corpos municipaes ou policiaes das provincias. Os relatorios dos Ministros deviam ministrar um quadro de taes corpos; pois que, embora provinciaes, constituem força publica. Como não ministram, não posso avaliar o total das forças delles. Seria preciso ir examinar a collecção de leis de todas as provincias, que não possúo, nem tenho agora tempo de ir procurar. Si essa força valer a pena, talvez convenha, marchando de accôrdo com as respectivas Assembléas provinciaes obter que no todo ou em parte destaque para o exercito de operações por conta do governo, e que seja no entretanto substituida pela guarda nacional. São homens affeitos algum tanto ao serviço e manejos das armas, á marchas e diligencias.

5.° Engajamento de estrangeiros. Outr'ora, tendo attenção á fronteira do Apa e á colonia portugueza e militar que eu desejava

que ali se estabelecesse, propuz por emenda e passou como lei a resolução n. 808 de 23 de junho de 1855. Pelo art. 3º della o governo está autorisado a dar aos colonos que vierem, e muito mais aos que elle mandar vir o titulo de naturalização desde que os julgar dignos dessa concessão. Portanto, os portuguezes que o governo pudesse engajar poderiam, logo que aqui chegassem, obter o seu titulo de naturalização, ser distribuidos por nossos corpos de linha, e finda a guerra obter terras na colonia militar que se fundasse no Apa ou aliunde, ou emfim baixa.

Para obter, porém, alguma coisa a este respeito seria preciso contar com o perfeito accôrdo do augusto monarcha portuguez e coadjuvação para com o augusto monarcha brazileiro.

Os suissos tambem são bons soldados, posto que pela differença na linguagem seria preciso que formassem corpos distinctos. O governo dos Estados-Unidos não tem tido duvida alguma de lançar mão deste meio, e ninguem o tem censurado. Elle não seria odioso entre nós, desde que se reflectisse que os brazileiros não podem ter ciumes de ir para uma luta de que fogem e portanto de ver que vão estrangeiros em lugar delles. Estou em que deveriam antes estimar esse expediente que diminuiria parte do sacrificio.

Eis as idéas que por associação aos soccorros reclamados para a provincia de Mato-Grosso julguei conveniente traçar. Tracei em estylo rapido, pouco correcto; não tendo em attenção sinão informações positivas e exactas.

E' um pequeno tributo de amor, de respeito profundo, de submissa gratidão de um coração brazileiro.

Algumas observações porventura vivas, podem ser erroneas, mas são filhas da convicção.

Sempre e sobretudo nas grandes crises só serve bem ao monarcha quem respeitoso diz a verdade leal e pura, e não quem só procura agradar com sacrificio della.

Nem é possivel o silencio dos tumulos por parte da nação, quando ella ja soffre tanto e vai soffrer muito mais.

Os erros ministeriaes convertem-se em profundas sangrias do seu precioso sangue e fortuna! Os ministros não cortam só no papel, sim na carne, na vida, no trabalho, nas subsistencias, nos recursos dos homens, de suas mulheres e seus filhos.

O Brazil está em crise como nunca esteve, em ponto de partida e para todos os destinos. Em luta aberta sem declaração de guerra e por isso sujeito ás reclamações de indemnisações estrangeiras á favor das familias que de Paysandú foram soffrer repentinamente fome, a inclemencia do tempo e perdas em ilhas desertas.

Sujeito ainda ás eventualidades da questão ingleza nas circumstancias actuaes. Atirado sobre o abysmo de despezas extraordinarias, incalculaveis.

Em começo de uma guerra, em vesperas de outra.

E não se divisam soluções satisfactorias sinão muito difficeis e muito eventuaes.

Esta, infelizmente, é a verdade, e a verdade é tributo religioso devido ao Espirito-Santo e aos monarchas.

Rio de Janeiro, 3 de Janeiro de 1865.

MARQUEZ DE S. VICENTE

OS BACAERYS[1]

II

A CONCEPÇÃO DO MUNDO

Acreditam os Bacaerys que o homem consta de dois elementos: *kχaγatopüri*, nossa sombra, andadura ou corrida, e *kχåti*, nossa camisa, ou *kχutubi*, nossa pelle. Póde-se traduzil-os corpo e alma, mas a traducção é inadequada.

A sombra veste e despe a sua camisa com facilidade e muitas vezes, saindo e entrando, ora normal, ora anormalmente, ora provisoria, ora definitivamente.

A sahida é normal quando se grita, pois a sombra com a mesma rapidez com que vai ao lugar onde o echo reboa torna a sua pelle; ou quando se dorme e sonha. O somno tornando-se agitado denuncia a subida de morros, a passagem de rios ou máos encontros. Não se acorda quem está dormindo, porque a sombra póde ainda não ter revestido sua camisa.[2]

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de Agosto.

[2] Matias Ruiz Blanco na sua *Conversion de Piritú*, publicada em 1690, dá uma variante da mesma idéa entre os indios daquella região, que, como os Bacaerys, eram tambem Caribas · «El estilo de saludar-se, es decirse uno a otro: Eres tu? has venido? llegaste? estás bueno?» y a los huéspedes en llegando nadie les habla, ni hablan hasta que ha pasado un rato, porque dicen están aguardando a que llegue su alma, disparate de marca mayor. (*Conv. en Piritu*, 62, reimp. Madrid 1892). A saudação entre os Bacaerys é: *ama*, tu, a que se responde: *ura*, eu; ou *mawili*, vieste, a que se responde: *ëë kχauili*, sim vim.

Quando dormimos sonhamos, diz o piahi; — quando dormimos nossa sombra conversa com os espiritos (*yamũra*); — nossa sombra passeia longe, — quando nossa sombra vem acordamos; — quando nossa sombra tem medo, á noite, na hora de dormir, fallamos; — no tempo que nossa sombra dorme sonhamos; — trepamos arvores, trepamos morros; — nos passeiamos com os yamüras, —bebemos mingáu, comemos, etc.

A sahida é anormal, porém temporaria, quando uma pessoa cai desfallecida de susto, porque com muitos gritos e abanando-a com folhas de *ipenakóro*, consegue-se que a sombra volte; ou quando se offende aos piahis e yamüra por que, sendo devidamente propiciados, perdoam o crime, e permittem que a sombra torne, como veremos, adiante.

E' anormal e definitiva por morte.

Os Bacaerys em phrase de grande energia affirmam que não adoecem de molestia propria (*to-ewanú-γe Bakaéri töwane-pa*); a doença é sempre inoculada por feiticeiro (*ome-odo*, senhor do veneno), e os venenos, todos de origem vegetal, são em primeira linha jatobá, depois copahyba, peúva de flôres brancas ou amarellas, vinhatico, pindahyba, etc. Sabedor disso, o primeiro cuidado do curador (*piahi*), chamado para tratar de doente, consiste em extrahir a lasca de pau que produz o incommodo, o que consegue chupando o paciente.

A's vezes apezar da medicação este succumbe. Pinta-se então o morto de urucú (*anoto*), põem-se nas orelhas e narinas as pennas que ornaram-nas em vida, reunem-se os objectos de propriedade (*icehiko*) como arco, flechas, etc., que juntamente com o dono são depositadas no buraco que lhe servirá de sepultura, bem coberto de terra, socada a pés. A tarde, a sombra levanta-se sob a figura de Curiangu (*Pokuráu*, Caprimulgus), e vem beber mingáu, que vão levar a cova, no lugar correspondente á cabeça. Passados tempos não volta mais.

Falam tambem os Bacaerys em *kχadopa*, que equivale aos nossos duendes ou almas penadas, e, segundo parece, são as sombras dos que succumbem de morte violenta. O seguinte trecho descreve o que de mais claro se diz a respeito destes entes:

Kχadopa anda passeiando á tarde, diz o piahi; é sò osso; tem buraco nos olhos; passeia na matta; minhoca é sua comida; passea na vargem; lagarta, bicho de pau, cascudo, é sua comida: vem á casa beber mingáu (*poγu*); leva tu para fora a comida de kχadopa, leva beijú e pirão (*pakχa*); de noite para dormir, queima borracha, esfrega na

porta, na tranca (*anaχu*, nariz); kχadopa não entra, a borracha fede, e elle não gosta do cheiro. Leva sua comida para a sepultura; quando não entoas o canto (*erému*) de kχadopa, elle não vai para o céu. Por isso, muitos dias dormidos, põe mingáu em duas cuias pequenas; põe o mingáu no meio da sepultura; duas pessoas armadas de porretes entoam o canto; terminado o canto quebram-se as duas cuias e foge-se. Chegando de longe, benze dizendo: *Kχukχukú* (ora sus?). Quando se pára, benze-se, dizendo: Aúfá! vai para dentro do céu, para a nossa gente, para nossa mãi, para nosso pai, aqui não tem ninguem, dentro do céu é bom, vai, nós tambem vamos morrer, se diz,—ensina o piahi.

Outro trecho representa kχdopa em forma de tatú (*Mugaru*, Dasypus) no meio da tapéra, e aconselha que não se passe pelo lugar onde houve briga.

Algum tempo vagam corpos e espiritos pelo mundo, e nas palavras do piahi voltam descripções de cabeças de defuntos que passeiam de noite, figados que se sentam á entrada das portas ou tripas em que se pode pisar no escuro. Afinal a sombra se liberta, e por uma escada de algodão fiado, que passa por baixo da estrella *Toχoreη*, sóbe ao céu. A' entrada do céu está o Urubú com o seu fojo; aquelle que não tem orelhas e narinas furadas, e não leva as pennas, o Urubú o benze, isto é, sopra-lhe, e cae dentro do fojo; nem um perigo soffre o que está assignado e vai avistar-se com Nakoeri.

Nakoéri é palavra cuja etymologia não se póde explicar pelo kχura-itano; felizmente a lingua dos Acawoyos, indios da Guyana Ingleza, Caribas como os Bacaerys, offerece-nos a tal respeito uma indicação preciosa. Na traducção da primeira parte do Genesis, e do evangelho de S. Matheus, recentemente publicado em Londres [1] pela « Society for promoting Christian Kowledge » lê-se para a celebre phrase: o espirito de Deus andava sobre as aguas (Genesis, I, 2): *Makonàima* « Yakwarri » *otoupu tona poropohru*, em que « Yakwarri » significa espirito. Nakoeri e Yakwarri são palavras identicas semantica e até phoneticamente, pois o *n* da primeira como o *y* da segunda são indices possessivos da 3ª pessoa; o *r* duplo na transcripção ingleza deve representar o mesmo som que o *r* singelo em nossa

[1] Devo a acquisição deste livro á bondade do amigo Dr. Eduardo Prado, a quem reitero os meus agradecimentos.

escripta [1] e a transformação de *a* em *o*, de *o* em *w* é facto trivial, nas linguas mais diversas. Podemos, pois, traduzir Nakoeri do mesmo modo que Yakwarri por espirito.

O Akawoio ainda permitte dar um passo adiante. Fiat lux diz-se em Akawoio: *Akwa weijima*. Não será *akwa*, luz, o radical de *Nakoeri* e *Yakwarri*, e não significariam estes nomes primitivamente o luminoso? Aos grammaticos fica reservada a resposta; que das tradições bacaerys conclue-se a affirmativa, quiçá a continuação deste estudo consiga demonstral-o.

O proprio Bacaery explicará melhor o que sabe de Nakoeri.

Quando não havia gente aqui na terra, antigamente, nasceu Nakoeri, quando não havia sol, não havia lua, etc.; só existia Urubú, só existia Onça antigamente; então Nakoeri fez primeiro só o Tamanduá, a Onça, e Porco, fez os bichos porque era o Senhor da reza *(urenvi)*; — depois fez o barro para avô dos Bacaerys; — como gente Nakoeri fez o barro (*orina*); quando acabou de fazer, pol-o ao pé de uma arvore.— Naquelle tempo antigamente Nakoeri não tinha casa. Quando acabou de pol-o ao pé de uma arvore, Nakoeri benzeu-o,— quando benzeu-o nasceu o avô dos Bacaerys,— pequeno como os bichos nasceu o avô dos Bacaerys; quando cresceram, comeram pau secco e pau podre os antigos; sem flecha e sem porrete nasceram os avós dos Bacaerys; — quando augmentaram, os avós dos Bacaerys appareceram cada um para sua gente;—homem só, mulher só, etc., andavam os Bacaerys;— quando cresceram, quando fez os bichos, Nakoeri fez uma escada de algodão, —de algodão fiado fel-a Nakoeri; — debaixo da estrella de brasa *toχoreŋ* é a porta de Nakoeri; — quando fez sua escada, Nakoeri foi para o céu; — por isso as almas dos Bacaerys vão para seu capitão Nakoeri; — quando chegou ao céu, Nakoeri fez sua casa; — depois que fez sua casa, Nakoeri fez uma lagoa; fria é a lagoa de Nakoeri; no céu Nakoeri não morre; — ao amanhecer Nakoeri vai se banhar dentro de sua agua; quando vai Nakoeri se pella;— ao amanhecer Nakoeri vira-se em menino; — de tarde Nakoeri vira-se em velho;— naquelle dia so não (isto é, todos os dias) Nakoeri se pella; — não secca a lagoa de Nakoeri; muitissimas *(aγi kχuru)* almas de Bacaerys ha na aldeia de Nakoeri; — tem maribondos, tem urubús, tem gavião grande, tem gavião branco.

Wara bakaéri una ineγatuli, concluio I.; «assim conta o Bacaery esta historia.» Deixemol-a, porém, de parte, que adiante voltará mais a proposito.

---

[1] Sobre o R inglez qualquer affirmação é temeraria. «The consonant R escreve Miss Laura Soames, is the most perplexing element in our language. Dr. Ellis wrote in 1875, that after more than thirty years'study, he was not certain whether he had yet mastered its protean intricacies *(An introduction to Phonetics*, 56, Londres, 1891).

No céu a sombra, que antes já se transformara em Kχadopa ou Caprimulgo, attinge sua evolução final, transubstanciando-se em *Yamüra*. Para obter a explicação desta palavra, não temos de sahir do bacaery: *Yamüra* vem naturalmente de *Yamu*, escuro, e significa o principio tenebroso, lobrego.

E' natural inquerir si o *icekiko*, isto é, as alfaias, o trem, como traduz I., que se deposita com o defunto, passa por transformação analoga á do dono. Os textos não respondem categoricamente, mas dão a entender que assim é, porque os *yamüra* possuem canoas, cestas, porretes, mas em nada se assemelham aos que se usam na terra: são animaes. Julgue-o o leitor pelo trecho seguinte :

Anta é cesta de *Yamüra*; Anta passeia nas costas de *Yamüra*, — *Yamüra* vai comer mandioca, comer abobora, comer cuia, comer feijão; não é a Anta que come; — dentro da cesta *Yamüra* apanha abobora, apanha feijão, apanha cuia, etc. ; quando apanha, Yamüra leva.

Tambem o Queixada — o Queixada vem a roça comer mandioca, — tambem o Queixada vem nas costas de *Yamüra*, — arranca mandioca, arranca cará, arranca batata, — quando arranca, *Yamüra* a leva, á Queixada, — por isso Queixada não se encontra — Queixada não apparece porque *Yamüra* a escondeu.

Tambem a Anta, etc.; ao meio dia a Anta dorme, passeia de noite, etc.

Caitetú é tambem cesta de *Yamüra*. Caitetú só anda nos tres, cava raiz de arvore, cava raiz de mandioca, cava raiz de cará, cava raiz de batata.

No seu pouso *Yamüra* faz mingáu, rala mandioca, cozinha cará, cozinha batata, assa beijú.

Tracajá é a cuia de *Yamüra*; — dentro da Tracajá mistura e tempera sua bebida, bebe sua bebida; — Tracajá é o maracá de *Yamüra*, etc. Jahú é a canoa de *Yamüra*, — dentro de Jahú rala a mandioca, extrahe o polvilho, aproveita a manipueira, etc. ; por isso quando se pesca Jahú, paga-se, — paga-se com mingáu, paga-se com pirão. *Yamüra* vem beber mingáu em casa, — por isso põe-se mingáu no caminho, põe-se pirão, etc.

Tambem o Jacaré: ralo de *Yamüra* é Jacaré, — rala mandioca, rala cará, rala batata, etc.

Tambem a Sucuri é a rede com que *Yamüra* pesca — *Yamüra* pega veado, pega paca, pega cotia, etc.; por isso quando se mata Sucuri, faz trovoada, faz chuva, etc.

O peixe pintado é o porrete de *Yamüra*; — Arraia é o assador de *Yamüra*; em cima da Arraia, *Yamüra* assa seu beijú, assa a sua mandioca puba, assa seu polvilho, torra mudubim.

Um naturalista neste trecho poderia reparar que a Cotia (*Dasyprocta aguti*) « leva a maior parte do dia escondido em algum tronco

oco ou em buraco debaixo das raizes e ao anoitecer sae a procura de comida »; que a Paca (*Coelogenys paca*) « leva existencia principalmente nocturna, dorme de dia n'um buraco que ella propria escava, de preferencia sob a raiz de uma arvore e sae ao escurecer »; que o Veado galheiro, pelo menos, « á tardinha, depois de posto o sol, durante a noite e depois de madrugada sae á procura de alimentação », que Queixadas e Caitetú (*Dycotyles*) saem « ora de dia ora de noite a procura de comida, fossando o chão a cata de raizes »; que a Anta « em regiões habitadas leva vida principalmente nocturna; em trechos tranquillos, onde não ha gente, de manhã e á tarde está sempre em movimento, excepto ás horas quentes do meio-dia que passa dormindo » ; em outros termos, todas estas phrases entre aspas extrahidas do livro do Dr. Goeldi sobre os Mammiferos da nossa terra (pags. 92, 99, 103 e 106) confirmam o que fica dito sobre o caracter lobrego dos Yamüras.

Outras considerações parecem-nos, porém, de maior alcance.

Primeiramente na enumeração de trem dos *Yamüra* temos uma base para a seriação das acquisições culturaes dos Bacaerys. Ficamos sabendo que possuiam a rede de pescar antes da rede de dormir, que já navegavam quando ainda não tinham pilão, que provavelmente possuiam o maracá antes das mascaras com que apparecem em suas festas.

Depois vemos que si theoricamente a morada do *Yamüra* é no céu, grande parte de sua existencia se passa na terra donde lhe vem o sustento. Não é porém, o sustento sua preoccupação unica; livre das contingencias do espaço e do tempo, anda rapido como o vento, é ente cioso, que espia todos os actos e pesa com esmagadora pressão sobre os vivos. Quasi não ha acto sobre que não influa : gestação, nascimento, alimentação, festas, horas de passear, tudo cae sob sua alçada inexoravel, como veremos mais tarde. Parece que os Bacaerys poderia pintar o corpo a seu talante. Puro engano.

Yamüra não gosta de urucú, — por isso não percas a semente de urucú diz o piahi ; — *Yamüra* entra em casa das pessoas que tem filhos, — por isso queima-se leite de seringueira — quando se queima esfrega-se na porta ; — pai de menino quando vai para o rio pinta-se com genipapo, — pinta-se com urucú, — por isso *Yamüra* pensa que é sangue; quando o pai do menino não se pinta e vai para o rio, *Yamüra* atira-o dentro d'agua ; — gosta

da resina de guanandy ; — com caroço de algodão queimado *Yamüra* foge para longe ; — de tabatinga e barro *Yamüra* gosta muito ;— de resina de copahyba não gosta ; — quando se queima leite de jatobá *Yamüra* não gosta, diz o piahi.

Finalmente havendo certos animaes que são para elle um meio de ganhar a vida, sua ferramenta, se é permittida a expressão em povos que não attingiram a edade metalica, é natural que *Yamüra* os defenda com o mesmo cuidado e a energia com que um Bacaery defenderia sua canôa ou seu arco. Animaes existem cuja violação é castigada immediatamente, por exemplo o Sucuri em um dos trechos acima adduzidos, ou o Topiéhi, passarinho de que adiante tratar-se-ha mais a proposito: estes são verdadeiramente *tabú* ou *tapú*, expressão usada na Australia, e que, por muito conhecida, não exige explicação. A respeito de outros a transigencia é possivel, e fez-se de modo mui razoavel, dando já preparada ao *Yamüra* a comida que teria de preparar no campo. E' porém, indispensavel que o animal morto seja aproveitado, aliás antas, pacas, porcos atacam roças, estragando-as ; e para propiciar os *Yamüra* é preciso dar uma festa, naturalmente mascarada, a que elles vêm assistir incognito. Depois de ter comido bem, dão-se por satisfeitos e cessa a praga.

O seguinte trecho frisa melhor a idéa de pagamento e, comquanto contenha algumas repetições, não é redundante.

Morta a Guariba (*Mycetes*) paga-a, diz o piahi ; morto o macaco Coatá (*Ateles*), morta a Preguiça (*Bradypus*) paga-os com mingáu ;—quando não se paga *yamüra* agarra nossa sombra ; Imiga (*Cebus*?) é o animal domestico creação (*eγi*) de *Yamüra* ;— quando derribares matta em que mora *Yamüra* paga-a ; —procura um lugar para fazer festa ;— makanari é a paga da matta ;[1] —depois quando *Yamüra* bebeu mingáu vai para longe.[2]

Makanari é o nome de uma de suas festas, e seria o lugar proprio para tratar dellas, si infelizmente as ligeiras informações

---

[1] Posteriormente ao ditado deste trecho, teve I. duvida si a dança é makanari ou outra qualquer.

[2] Uma variante da mesma ideia aponta Matias Ruiz Blanco entre os Indios de Peritú (Colombia) : Cuando el indio trae algun venado ó jabali del monte, sale la mujer con una tutuma de la bebida que hacen del maiz y le abre la boca al animal y le da de beber por agasajo para que el alma de aquel refiera a los otros el buen trato que le han hecho (*Conversion de Piritú*, 64, reimp. de Madrid).

que a tal respeito existem não fossem defficientes, encobrindo de todo o lado ritual e cultual que constitue a sua essencia. Voltaremos a ellas em outra occasião, chamando por agora apenas a attenção para este ponto: as danças e festas mascaradas são verdadeiras ceremonias religiosas.

Vejamos agora os Piahis, cujo papel importante já nos tem apparecido vagamente.

Uma palavra basta para definil-os: o piahi é um Yamüra.

CAPISTRANO DE ABREU

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

ALEXANDRE E DIOGENES

(Agua-forte de Salvador Rosa existente na Secção de Estampas da Bibliotheca Nacional)

Emmoldurada e em exposição permanente na sala n.º 21 da Secção de estampas da Bibliotheca Nacional figura sob o n.º 44 uma gravura a agua-forte ahi collocada pelo antigo chefe de secção, o Dr. J. Z. de Menezes Brum, e cuja noticia foi resumidamente elaborada pelo mesmo no *Catalogo da Exposição Permanente de Cimelios*, a pag. 650, conforme se segue:

« N.º 44.—*Alexandre Magno visitando Diogenes assentado á entrada do seu tonnel, ás portas de Corintho.*—Doze figuras e um cavallo, em uma paizagem. A' esquerda, Alexandre de perfil para a direita, tendo na mão esquerda um bastão de mando apoiado no chão, faz com a outra mão um gesto a Diogenes, que se vê á direita da estampa, sentado no chão á entrada do seu tonnel, olhando para o poderoso monarcha e fazendo-lhe com a mão direita um aceno de afastar-se, como para dizer-lhe: *não me tires á luz do sol que me não podes dar.* Em baixo, um pouco para a direita, os seguintes versos de Juvenal (Satyra XIV, versos 311-313) escriptos em um cartaz:

« Semit Alexander testa quum indit in illa
Magnum habitatorem quanto illicior hic, qui
Nil cuperet, quam qui totum sibi porceret orbem. »

e por baixo dos versos: « Salvator Rosa Inu. »

Sem data.

Altura, 445 millimetros; largura 265 millimetros.

N.º 6 de Nagler, *Lexicon*, 1º estado, não descripto por este autor a saber: sem a palavra abreviada « scul » em seguida á « Inu ».

Comprada no Rio de Janeiro pelo bibliothecario Sr. Dr. João de Saldanha da Gama. »

Meditando sobre estas considerações que acompanham a descripção da estampa ficará o observador convencido de que tem á vista uma prova rara e original do Salvador Rosa, em primeiro estado e não descripta mesmo por Nagler, que é considerado sinão o mais pelo menos um dos mais competentes autores em materia iconographica.

A sua conservação em uma galeria de estampas ao lado de especimens originaes de Durer, Rembrandt, Marco Antonio, Lucas de Hollanda e outros mestres vem até corroborar a nossa asserção.

Entretanto trata-se de uma copia vulgar e de facil verificação diante dos elementos que obtivemos e que com certeza foram estranhos ao intelligente e operoso Dr. Brum. Não temos em vista com o presente pôr em duvida a competencia daquelle a quem em nosso artigo anterior rendemos a mais justa homenagem aos seus elevados meritos e a quem, do intimo da consciencia agradecemos os proveitosos conselhos que de tão boamente nos dispensou ; procuramos unicamente por um dever do cargo que occupamos e inspirados pelo amor da verdade, contribuir para o restabelecimento e elucidação desta.

Foi por meio da obra heliographica de Salvador Rosa havida pela Secção de estampas da « Collecção Thereza Christina » que pudemos estudar a estampa em questão bem como outras do mesmo artista que possue a Bibliotheca Nacional.

Já é conhecida dos nossos leitores a influencia da heliogravura na arte da gravura, e os serviços que lhe presta, porquanto, alhures já procuramos accentuar as relações existentes entre aquelle processo industrial e este importante ramo das bellas artes ; a questão que ora agitamos vem ainda em auxilio do que dissemos. Talvez que sem a obra a que alludimos o exemplar supra referido continuasse a ser contemplado com veneração pelos que desconhecem a obra do mestre, e com certa duvida, diremos mesmo relutancia, pelos amadores entendidos, apezar das notas consignadas no *Catalogo de Cimelios*, que lhe emprestam um certo cunho de authenticidade. Todavia, sempre que tinhamos occasião de enfrentar com essa gravura, sentiamos uma repulsão instinctiva em prestar-lhe as homenagens a que tinha direito pela sua posição official sanccionada por tão competente patrono e revestida de todas as insignias e predicados. E' que o habito constante de ver, estudar e confrontar estampas educa-nos a vista de maneira a podermos, na maioria dos casos, differençal-as uma das outras, e mesmo a classifical-as por escolas, épocas ou autores, independente de qualquer indicação explicita.

Quem uma vez contemplou com certo interesse uma prova de Rembrandt sempre, a primeira vista, distinguirá qualquer outra do mesmo mestre dentre outras de varios. Mas esse não é o caso, porque a estampa a que nos referimos, com o ser uma copia, achava-se revestida de todas as circumstancias que impunham-na como original. Não seriam portanto as descripções dos autores que deveriam vir resolver o problema, e, pelo contrario, concorreram ainda mais, na abalisada opinião do Dr. Brum, para tornal-a ainda mais rara.

Sejam-nos permittidas algumas palavras acerca da obra heliographica de Salvador Rosa, que nos serviu de principal subsidio á elucidação da questão.

Esse trabalho não traz indicação por onde se possa verificar o seu autor ou editor; todavia, parece-nos ter sido executado em um dos estabelecimentos chalcographicos da Italia a julgarmos pela marca em relevo e produzida por sinete que occorre na primeira folha. *

---

* Em uma circumferencia de 0,m e 12 de diametro um monogramma com as letras A. B. C. R. ; e em torno : *Calcographia Carmerina (sic)*.

A primeira estampa consta de uma figura que sustenta com a mão direita uma taboleta que serve de frontispicio á serie de 66 peças representando bandidos, soldados, mulheres, anjos e outras figuras isoladas ou em grupos.

O dizer da taboleta é o seguinte:

Salvator Rosa
Has Lubentis otij
Carolo Rubeo
Singularis Amicitiæ pignus
D. D. D.

A representação das figuras desta serie revela um certo caracter de intimidade do artista com as expressivas e originaes personagens surprehendidos em attitudes naturaes e sem affectação; são salteadores, bandidos e soldados hespanhóes desertores, com quem convive *Salvatoriello* durante a sua excursão pelos Abruzzos. Muitas vezes prisioneiro de seus modelos, e á semelhança de Callot e Litz entre os bohemios, esse romanesco personagem conseguiu tirar um grande partido dessa vida aventurosa na sua bella collecção de agua-fortes, na maior parte gravadas durante a sua permanencia em Florença.

Consta ainda de uma collecção de estampas (5); em fórma de frizas, representando tritões, naiades, rios... e mais 17 grandes composições, das quaes 4 in-folio grande. Algumas destas ultimas são reproducções de seus quadros, ao passo que as outras são composições originaes.

Como vemos, contém essa obra 88 especimens, dos quaes tres em dois estados com ligeiras modificações e impressos todos em 18 ff. inn.

Sobre o numero de gravuras attribuidas a Salvador Rosa os autores não estão de accordo, o que mostra que muitas de suas provas não são ainda sufficientemente conhecidas; é assim que Bartsch e Nagler apontam 86 peças na obra do mestre, ao passo que em Huber & Rost e em Charles Blanc apenas encontrámos 84, citando Bryan sómente 81. De todos os autores o que as apresenta em maior quantidade é Ch. Le Blanc que as consigna em numero de 109, incluindo 21 copias, não referidas pelos outros iconographos, numero superior ao da propria obra heliographica. Não obstante, não nos guiámos por este autor, porque as gravuras a que se refere não vêm acompanhadas de descripção minuciosa, e muitas vêm até citadas em quantidade sem referencia ao assumpto. As de ns. 15 e 22 apontadas por Bartsch não encontrámos na obra heliographica, o que eleva o numero de peças a 90.

Logo, na primeira folha, onde ha 10 especimens dispostos em duas linhas de cinco cada uma, apparece um não descripto, que é a copia invertida do outro e apresentando sensiveis modificações; — ainda na 1ª e na 6ª folhas occorre a mesma estampa descripta por Bartsch sob o n. 29; — e finalmente na 5ª e 7ª folhas vêm as duas estampas no mesmo sentido o sobre o mesmo assumpto, mas com profundas modificações; a ultima que Bartsch descreve sob o n. 33 parece reproducção de uma copia, o que reduz a 87 o numero de peças de Salvador Rosa.

Na 5ª folha depara-se logo em primeiro lugar uma estampa que não vimos descripta: — cinco anjos, dos quaes tres carregam ramos de folhagem com frutos e dois, mais abaixo, sustentam pelos pés o que no primeiro plano é visto quasi de costas. A marca invertida em baixo á esquerda.

Attribuidas a Salvador Rosa encontrámos mencionadas em Brunet (vol. IV, pag. 1390) as seguintes obras:

« Salvator Rosa. Has eludendi otii. Carolo Rubeo singularis amicitiæ pignus D. D. D. » A obra heliographica não é copia desta, porque não só ha divergencia nos dizeres do titulo, aliás aqui mais correctos, como tambem esta consta de 36 folhas e é in-folio pequeno.

Salvator Rosa invenit. Recueil de 60 fig. (*Paris*, *Poilly*) in-4°. »

Desta possuimos o frontispicio bem como ainda mais duas estampas da serie e tivemos occasião de verificar a inexactidão dos dizeres mencionados por Brunet, o que prova que este bibliographo não viu a obra. Encontrámos a palavra *Inuenit* em vez de *Invenit*. Pela propria letra do titulo vimos claramente que se tratava de um anonymo copista. Quanto ás outras obras, que menciona o autor do *Manuel du libraire*, estão fóra da questão.

Não pomos, portanto, a menor duvida em aceitar os especimens da obra heliographica como obtidos dos proprios originaes, condição primordial sobre que assentam os nossas asseverações, pelas razões seguintes:

— o confronto que fizemos de algumas copias photographadas com outras tantas peças originaes que possuimos deixou-nos a mais inteira confiança da sua anthenticidade, apezar do aturado estudo que fizemos para descobrir a menor differença.

— A discripção da primeira estampa com os dizeres do distico coincidem perfeitamente com a que vem mencionada em Bartsch;

— Alem de todos os especimens referidos por este autor ainda vem outros não descriptos, como vimos, o que nos demonstra o grande cuidado com que procedeu o seu autor;

— E emfim, não podemos conceber que este se tivesse aventurado a similhante empreza, si não tivesse obtido os proprios originaes, aliás de facil acquisição no lugar em que foi executada.

Voltemos á estampa que serve de titulo a este artigo. Não só pela maneira de gravar, como tambem pela expressão diversa que apresentam os personagens, a estampa em exposição na galeria não é um estado da prova heliographica e portanto, muito menos da original de que é esta a a copia photographica; as alterações que ahi observamos são tão sensiveis que não poderiam subsistir na mesma chapa. Não se faz preciso recorrer a certos expedientes ordinariamente empregados pelos iconographos como a contagem de um certo numero de traços de buril em uma zona determinada, a medida das distancias, as linhas imaginarias tiradas de um ponto para outro,... para certificarmo-nos que se trata de uma copia.

O anonymo copista da agua-forte de Salvador Rosa revela uma certa indecisão na ponta, o que offerece sensivel contraste com a liberdade, espirito e delicadeza com que a manejava o notavel discipulo de Joseph Ribera, em seus trabalhos, onde não se encontra a regularidade de traços parallelos observada na copia, nem a preoccupação de disfarçar os contornos com sombras fortes e indecisas para encobrir as incorrecções do desenho. Sabe-se que Salvador Rosa não primava muito pela correcção do desenho de suas figuras em razão da insufficiencia de estudos e educação incompleta que recebeu em Napoles, ao passo que nas paizagens, onde o talento se revela independente das regras de anatomia e dos preceitos da physiologia encontrou poucos rivaes. Entretanto o anonymo procurou ainda mais compromettel-o, alterando fórmas aliás correctas no original, e transformando o philosopho em um aleijado.

Ao observador a attitude do cynico de Sinapia assemelha-se mais a de um invalido que implora o obulo do poderoso rei, do que a imaginada pelo artista, na qual procurou patentear a sua altivez e desprezo pelas

fatuidades mundanas. Deixando o que está em exposição e recorrendo a pasta do artista, ahi encontraremos 7 especimens dos quaes:—um é uma pessima copia, tres são copias invertidas da edição franceza, e tres são reputados originaes pelo Dr. Brum, com o que não estamos longe de concordar.

Porém no que discordamos inteiramente é na classificação que deu á estampa discripta por Bartsch sob o n. 75, attribuindo-a a de n. 26. Aquella é um camponio de pé e voltado para a direita, apoiando a mão esquerda em um cajado, e mostrando com a direita algum objecto supposto sobre o solo e na sua frente e com o monogramma em baixo, o que coincide perfeitamente com o original heliogravado; ao passo que esta é um soldado caminhando para a esquerda segurando uma lança com a mão direita, e fazendo com a outra um gesto para a frente, e com o monogramma a direita e em baixo. Para subordinal-a á sua discripção teve que consideral-a uma copia invertida, conforme declarou em nota.

Em summa, todas estas considerações vêm cada vez mais convencer-nos das innumeras difficuldades que surgem no estudo desta materia e do extremo cuidado que devemos ter na classificação das estampas.

R. VILLA-LOBOS

BIBLIOGRAPHIA

41. — **Hortus fluminensis** ou Breve noticia sobre as plantas cultivadas no Jardim Botanico do Rio de Janeiro para servir de guia aos visitantes, por J. Barbosa Rodrigues director do mesmo Jardim, Rio de Janeiro, 1895, in-8º gr., XXXVIII—307—XVI—pags. e mais II de errata.

Com este titulo acaba o operoso e distincto botanico Sr. Barbosa Rodrigues, de publicar a 1ª parte de um precioso livro sobre plantas cultivadas, e outras espontaneas no Jardim botanico do Rio de Janeiro, do qual é elle digno director. O livro, ornado com excellentes photo-gravuras, é nitidamente impresso nas officinas da conceituada casa Leuzinger, e destinado, segundo seu autor, a servir de guia aos visitantes do referido jardim. O serviço prestado pelo A. é digno dos maiores elogios, quer porque trata de assumpto de sciencia patria, quer pelo modo por que isto foi feito. Não é um simples «*guia para visitantes*» como modestamente pretende seu A., porém um livro auxiliar para instrucção technica dos estudantes e amadores de botanica nas *adumbrações* que fizerem naquelle jardim. O nome *Hortus fluminensis* basta para indicar isto. O livro do Sr. Barbosa Rodrigues póde ser destinado ao mesmo fim que os dos sabios professores Brogniart e Baillon em relação ao Jardim das plantas de Paris, parte botanica; aquelle, porém, saiu mais longo e volumoso do que convinha ao fim á que fôra destinado; inconveniente devido ao ter sido impresso em typo de corpo superior, e entrelinhado, ao papel encorpado, e ainda mais aos detalhes que, embora uteis, são dispensaveis a um guia ou *vade-mecum* para o povo e para os não especialistas: taes são, por exemplo, a origem historica, a descripção technica de cada genero, como a respectiva etymologia, etc. Estou certo de que o A. depois resumirá o assumpto, como é conveniente, e fará imprimir em *petit-romain*, ou em typo *mignon* não entrelinhado, e de modo que o livrinho possa ser levado no bolso do visitante. A parte historica é muito interessante, porque menciona os que têm concorrido para os melhoramentos do Jardim desde seu fundador, D. João VI, e os diversos periodos de engrandecimento: neste particular, é de justiça reconhecer que cabe ao Sr. Barbosa Rodrigues papel muito saliente, pois deu-lhe o caracter scientifico, mais que os seus antecessores. Para não

ser critico apenas encomiasta, papel muito commum entre nós, onde, ou si é indifferente, ou, para se evitar em desaffeições, acha-se tudo optimo, ou, pelo anonymato se ataca os trabalhos alheios, sem reconhecer-lhes merito algum, ainda que o tenha, passo a citar os senões e faltas, aliás reconhecidas pelo proprio A. que francamente as confessa, com o fim de auxilial-o na confecção de sua *Errata*, e da 2ª edição; auxilio que não me tem sido dado na publicação de meus trabalhos, apezar de tel-o eu pedido com todo empenho aos collegas e especialistas.

Seu livro, contra todas as praxes, apresenta 3 datas differentes, a da capa (1895) e as do frontespicio (1893 e 1894); facto que attribuo á circumstancia citada pelo A. de tel-o promptificado em 1893, para imprimir; porém, por causa da revolta da esquadra começou a fazel-o em 1894, terminando em 1895; isto bastaria ser dito na Introducção.

Referindo-se á patria do Dr. Badaró, diz elle ser a Suissa (Genebra), quando é a Italia (Genova), como faço vêr no resumo biographico de meus « *Elementos de Botanica geral e medica* ». Relativamente ao Dr. Glasl, não era professor de agronomia e sim de mecanica, em Vienna d'Austria, como faço ver em meu « Relatorio sobre Jardins botanicos apresentado ao Governo brazileiro em 1874,» baseado em informações officiaes do então nosso ministro naquella capital, Barão de Porto Seguro (Varnhagen). Entre os erros de imprensa e lapsos, occorre-me citar os seguintes: *etiquêtta* e *etiquettados* em vez de rotulos ou letreiros e rotulados; *pannos de relva*, em lugar de relvados;—*acidulada*, em vez de *acidula*. Referindo-se á analyse do Eucalyptus gigantea, o A. não tem razão, quando diz—« ella *apenas revelou tannino* », quando é coisa sabida na sciencia, que os eucalyptos contêm, além de outros principios activos, o *oleo essencial*, o *eucalyptol* ou *camphora eucalyptica*, o *acido eucalyptico* e outros, que não podem ser tomados internamente sem inconvenientes para a saude, pois em dôses altas podem comprometter até a vida.

No corpo do precioso trabalho *Hortus fluminensis* o A. entra em detalhes de pura technica, usando, como é inevitavel, de expressões proprias da sciencia, grande numero das quaes desconhecidas dos não profissionaes, que, portanto, ficam sem comprehender o que lêem. Escaparam-lhe tambem, (talvez em virtude de consultar o A. livros menos completos neste particular) enganos faceis de corrigir, caso concorde com as observações que faço, baseadas em celebridades, como Paxton, Pfeiffer e outros, sobre a etymologia e origens dos nomes genericos citados, assumpto que, embora interessante para os botanicos e amadores, me parece desnecessario em um Guia. Eis os que pude encontrar na leitura á que procedi:

O genero *Delphinium* diz o distincto A. vir da supposta similhança da flôr com a cabeça do golphinho, quando tal similhança é das nectareas (Paxton). O genero *Aconitum*, que vem com effeito do grego *akone*, que significa a pedra, diz S. S. que provém de crescer a dita planta sobre pedras, quando tal nome vem de uma cidade (Acone) da Bithynia, onde Tournefort pela primeira vez a estudou. O genero *Curatella*, diz o A. que provém do nome vulgar nas Guyanas, quando vem do grego *Kureuo*, eu raspo, em virtude das folhas serem asperas e servirem para lixar madeira; d'ahi o nome de *lixa-vegetal* que lhe dão. A etymologia do genero *Sinapis*—não é grega espuria, como se acha no livro que critico, porém, de *sinapi* ou *sinepi*, nome vulgar de mais de uma Crucifera que citado por Tournefort, e que Linnéo, 37 annos depois deste, applicou ao genero. Paxton diz vir do celtico *nap*, planta semelhante á couve. O nome *Ceiba*, que o A. dá como de origem brazileira indigena (Cy-yba), vem da palavra africana (do Congo) *Ceiba*. *Durio*, que como bem diz é de origem malaia, não é ali dada á planta, porém, ao fructo particularmente. *Sterculia* é com effeito derivado de *Sterculius*, deos pagão que presidia ás immundices, mas foi dado ao genero, por causa do máu cheiro das flores, que lembra o do

excremento (*sterculum*) humano fresco. *Aurantiaceas* vem realmente do latim, mas a palavra é *aurantium* e não *aurantia*, como por erro de imprensa se acha no *Hortus fluminensis*. O genero *Citrus*, não vem como ali se acha tambem, *de palavra obscura grega*, e sim de uma cidade (*Citron*) da Judéa, onde era expontanea esta planta, e de onde foi levada para outros paizes. O *Callophyllum* (de *kalos*, como refere com razão o A.), deve-se escrever Calophyllum. O *Garcinea* foi dedicado a *Garcin*, e não a *Garcia*. *Cedrella* tem um *l* de mais, e provém do diminutivo de *Cedrus*, que talvez provenha do arabe. Averrhoes era arabe, e não hespanhol: floresceu e querem alguns que nascesse em Cordova, colonia e posessão da Arabia, onde elle é citado como um dos luzeiros da escola arabe do Occidente. O genero *Oxalis* vem do grego *Oxys* e não de *Oxs*, como por erro de imprensa ali se acha. *Balsamineas* não vem de *balsamon*, e sim de *Balsamina*, e este do nome francez vulgar—*balsamine*, planta. O nome *Tropæolum* provem da forma da corolla, em capacete e das folhas em escudos, lembrando tropheus. *Lonosia*, como provou Plinio o Naturalista, vem de *Leimonia*, planta, e não de *Lonos*, como diz o A. *Pellicrus* não provem de planta, e sim de uma cidade, onde Dioscorides encontrou a dita planta pela primeira vez. *Melissa* vem do *melisir* nome dado por Dioscorides, e não de *melion*. O genero *Citrus* não vem de *Kitis*, e sim de *citrus*, orgam accessorio dos genitaes femininos de varios vertebrados, pela similhança que com elle tem a corolla das especies deste genero. *Rauwolfia* foi dedicado a *Rauwolf*, e não a Rauhbhin, como por erro de imprensa ali se acha.

[illegible] deve se escrever [illegible], pois o sufixo é grego — [illegible], *adve*. [illegible] vem do latim [illegible] e este do celtico [illegible] por erro de imprensa acha-se [illegible] em vez de [illegible]. O genero e [illegible] não [illegible] escreveu o A. que [illegible] para [illegible] por [illegible] [illegible] [illegible]

como diz Plinio. *Acicarpha*—não vem do latim *acus*, a agulha, e *carpos*, o fructo, e sim do grego *akis*, a ponta, e *karphe*, a palea, por ter paleas pontudas. *Bellis* não é de Linneo, e sim de Tournefort, e não vem do latim obscuro, porém de *bellus, a, um*, cousa bella ou bonita, por causa da belleza das flores, foi dado por Plinio, e elevado á categoria de genero por Tournefort, como já disse. *Coreopsis* vem com effeito do grego *kóris*, mas esta palavra não significa a pulga, e sim o *persevejo*, e *opsis*, similhante. *Eclypta* não tem etymologia duvidosa, como crê o A., vem do grego *ekleipo*, ser defficiente; porque a corôa das sementes ou *pappus* é muito pequena, e mesmo pode faltar. Quanto ao genero do da *Artemisia* a etymologia é *Artemisia*, por uns attribuido á mulher de Mausolo, rei de Créta, e por outros melhor baseados, quanto a mim, a *Antemis* (synonymo de Diana, deusa do Paganismo); porque a dita planta é citada por diversos autores, como synonymo de Diana (V. Paxton e outros). *Matricaria* vem do latim *matrix, icis*, o utero; nome que foi dado a uma planta pertencente a este genero por causa de sua reputação no tratamento das molestias deste orgão. *Centaurea* vem, com effeito do nome do *Centauro* Chiron, que segundo a fabula curou com aquella planta o ferimento que recebera no pé, em virtude da setta que lhe arremeçara Hercules. Chiron era considerado divindade em medicina e na arte das plantas. *Syphocampylus* vem na realidade do grego, como diz o A.; porém *kampylos* quer dizer *curvo* e não *corôa*.

Melhor seria, me quer parecer, que, em vez das descripções technicas da etymologia dar a synonymia; porque vários dos generos aceitos pela classificação preferida pelo A., não são modernamente aceitos, e passaram para a synonymia. Para dar uma idéa do modo porque se procede na confecção destes livrinhos guias para os visitantes dos jardins botanicos, citarei um exemplo do que fez o sabio professor Naegeli de Munich: «*Dahlia*, Dahlia variabilis Desf.(Synon.— Dahlia pinnata Cav. Georgina superflua Dec., Georgina variabilis Willd., etc.) Originaria do Mexico: Usos—As raizes tuberculosas são alimentares, cozidas ou assadas, porém pouco saborosas, e mais proprias para engordar os animaes domesticos; as folhas são forrageiras. Seu principio nutritivo e feculento é a *inulina* (tambem chamada *dahlina, helenina, alantina* etc.» Não diz mais coisa alguma, e presta grande serviço ao publico com taes esclarecimentos resumidos e praticos.

Estas observações feitas na melhor intenção, e apenas para dar um ligeiro subsidio na confecção da *Errata* deste livro util, baseiam-se em estudos minuciosos que fiz, ha tempos, para o meu *Diccionario de Botanica Brazileira* inedito. Entendo ser prova de pouco apreço, ou de pouco desejo de trabalhar, fazer apenas um elogio banal ao autor de uma obra que apparece, de total ou parcial merecimento, sem mostrar havel-a estudado com cuidado, e reconhecido a utilidade, bellezas e senões. E' a isto que se chama *critica*; o mais é noticia incompleta e laudatoria, facil e commoda. Termino dizendo que feliz do Brazil si contasse muitos como Barbosa Rodrigues, operoso e incansavel investigador das coisas patrias; e maiores ainda serão seus serviços, quando elle se limitar ao estudo profundo da botanica, imitando assim ao sabio Hooker, do Kew-Garden, de Londres, ao sabio Naegeli, do de Munich, e outros, e não tiver pressa sem publicar suas investigações e descobertas, e depois de muito reflectir sobre ellas. Não tome o distincto botanista estas minhas palavras como de quem não admira sua actividade, talento e aptidão, além de notaveis conhecimentos praticos de nossa flóra, particularmente das duas vastas ordens de sua especialidade— Orchidaceas e Palmaceas ou Palmeiras —, pois já dei-lhe publico testemunho de apreço em minha obra « Elementos de Botanica Geral e Medica » aceitando a grande maioria de seus generos e especies, ainda não sanccionados, como estão hoje, pelos proceres da sciencia.

O grande Martius, quando recebia alguma planta para verificar a classificação dizia — « Si fui eu quem a classificou, preciso de 24 horas para responder; si já está classificada, preciso de uma semana; e si ainda não o está, preciso de um mez ». O sabio Freire Allemão seguia a mesma regra, que é das mais salutares. Eu os imito. E' por isso que aconselho ao A. o mesmo. O governo do Brazil que continue a animar Barbosa Rodrigues porque elle, além da grande aptidão natural que tem, do habito de estudos praticos e de excursões por varios estados do Brazil, desenha bem e possue o fogo sagrado.—DR. J. M. CAMINHOÁ.

42.—**Um Canalha** por Figueiredo Pimentel, Laemmert & C., editores, Rio de Janeiro e S. Paulo, 1895, in-16, 172 pags.

Ha neste romance uma curiosa mistura de aptidão para o genero que os francezes chamam *roman feuilleton* e da preoccupação evidente de fazer psychologia segundo a maneira naturalista. O inicio do romance, a descoberta do roubo praticado por Manoel Antonio « o canalha » que dá nome ao livro, e o final, a sua prisão, a vingança de Lucio Ferraz e o suicidio do Manoel Antonio, transformado então em Dr. Guarany, são puro Gaboriau, Montepin ou Richebourg, como á mesma escola pertencem outras scenas deste livro, em que se sente uma imaginação viva, excitada, embora sem verdadeira originalidade. O Sr. F. P. parece-me neste seu livro, unico que delle conheço, possuir excellentes disposições para aquelle genero de literatura, em que as primeiras qualidades são saber interessar o leitor, prender-lhe a attenção e apparelhar com arte as situações e os effeitos, que são o regalo dos leitores communs desta casta de romances. No estudo de caracter que o A. parece quiz fazer ha muita fraqueza, comquanto não se possa dizer que haja insuccesso completo. O typo do Dr. Guarany é talvez mais frequente que se julga em a nossa sociedade, mas, a menos de não aceital-o como uma especie de louco, um kleptomaniaco, e ainda assim não se me afigura bem estudado o caso, ha falhas manifestas e graves na concepção e exhibição delle. Os romances do genero do *Canalha* sei, não attendem muito ás circumstancias de verosimilhança stricta, mas desde que procuram alliar á esthetica que lhes é propria o estudo mais serio dos caracteres e temperamentos, tem a gente o direito de exigir que não offendam demasiado á realidade. Para concretizar o meu reparo, alludirei a duas circumstancias deste livro que o illustram, sendo facil ao leitor achar outras. O roubo feito pelo estudante que nos é apresentado como um typo de circumspecção, bom comportamento e moralidade, já é de si quasi inadmissivel, mas emfim trata-se talvez de um doente arrastado pela impulsão irresistivel da sua vesania e, embora isto não esteja por forma alguma indicado no romance, admittimol-o, mas que o ladrão vá entregar o furto sob um pretexto futil a um collega conhecido por tagarella, indiscreto e estroina augmenta de inverosimilhança. O outro caso é que o protogonista advogado tivesse crido um instante que a viuva cujo patrono era « ignorante de processos e tricas forenses, não lhe pedisse o dinheiro » da sua conta de testamentaria. Ora por mais ignorante que seja uma pessoa, sabe que o dinheiro de que é credora deve lhe vir ás mãos. A rapida transformação do Dr. Guarany que, sem motivos nem explicações satisfactorias « transformou-se inteiramente e em vez do bisonho estudante de direito, calado, falando pouco, tornou-se jovial, expansivo », merece o mesmo reproche. Como estas ha outras falhas na parte que não sei si me atreva a chamar psychologica do romance. Do estylo e da lingua do Sr. F. P. direi apenas

que me parece não ter elle se preoccupado nem de um nem da outra. Si o houvesse feito estou certo que não escreveria frases destas: «estrangular-lhe a garganta» (p. 43) «examinal-os em conhecedor» (47) «passava o dia ás moscas» (62), e teria evitado a repetição de explicativas desnecessarias: «calado, falando pouco», «pobre, sem fortuna» (152) «era esteril, sem nunca ter concebido» (145) e um repetido emprego do verbo «falar» no sentido de dizer, conforme o provincialismo mineiro e paulista, tão improprio e deselegante e outros quejandos senões.—J. V.

43.— **Curso de trigonometria** por Timotheo Pereira. Livraria Classica de Alves & C. 1895. Rio de Janeiro—S. Paulo.

O Sr. professor Timotheo Pereira organizou um curso de trigonometria rectilinea e espherica, contendo o exigido pelo programma de admissão á Escola Polytechnica. E' bom e util trabalho que vem em parte preencher uma lacuna da nossa livraria escolar, pois não tinhamos nenhum manual de trigonometria applicavel ao ensino secundario, sendo necessario recorrer a compendios estrangeiros.—O livro é editado pelos Srs. Alves & C., que, de facto, estão prestando real serviço á instrucção com a publicação de manuaes na altura da educação moderna, e melhor impressos do que os que até ha pouco possuiamos.—Além da introducção, o livro abrange mais quatro partes e dois *addenda*.—A introducção, pags. 7—83, principia mostrando a distincção entre solução graphica e solução algebrica dos problemas, indica o objecto da trigonometria, estuda a variação dos angulos e dos arcos, define geometricamente as linhas trigonometricas e examina as suas variações. Depois passa a tratar da reducção de um arco ao primeiro quadrante, e da determinação de arcos correspondentes a uma linha trigonometrica dada. E termina com as relações entre as linhas trigonometricas de um mesmo arco.—Notamos nessa introducção alguns senões, insignificantes perante o merito indiscutivel do trabalho. A' pag. 9 diz que na geometria só se consideram angulos menores que 180°, o que não é rigorosamente certo. Na pag. 13 pode-se concluir que o seno de um arco é sempre metade da corda do arco duplo. Sobre a *observação* que existe nessa mesma pag. 13 não é possivel deixar de deplorar que o A., em um trabalho tão bom como o estudado, tenha ficado em considerações pouco elevadas, sendo aliás a occasião de mostrar a separação e os pontos de contacto, da analyse e da geometria. Na pag. 17, pratico e conhecedor como é do adiantamento medio dos nossos alumnos, o A. procura escapar á difficuldade, mais imaginaria que real, da interpretação das quantidades negativas, empregando uma frase, como a seguinte; e «o seno começa a crescer, porém negativamente», frase susceptivel de conduzir a um grave erro de philosophia mathematica, pois parece que similhante facto é simples convenção sem a menor existencia objectiva — o que não é exacto; por identico motivo, não se deve aceitar a conclusão da pag. 22 «não ha, pois, secante menor que o raio» que precisa ser modificado com o acrescimo: em valor absoluto.

Após a introducção segue-se a primeira parte, pag. 86—165. A explanação dessa parte está muito boa, e, em geral methodica. Fazendo do theorema de Hipparchus base da trigonometria, o A. deduz as formulas fundamentaes da theoria das linhas trigonometricas. Nessa parte em geral os theoremas são demonstrados geometrica e analyticamente. Termina com a formula de Moivre e o desenvolvimento de algumas series circulares. Considerado o theorema de Hipparchus como base, porque não basear nelle a demonstração de certos theoremas, como v. g. a de n. 44,

pag. 118?—Nessa primeira parte não se póde dispensar de notar: 1° que em alguns lugares julga-se o leitor completamente ignorante dos primeiros principios algebricos, tanto que para mudar o signal dos termos das equações, faz-se multiplicar por (—1), emquanto que em outros, como na deducção da formula de Moivre, (pag. 154) o leitor já conhece regularmente a sua algebra; 2° a definição de *argumento* (pag. 155) que não é certa; 3° a falta de considerações, aliás importantissimas, sobre as formulas de Newton e de Euler (pag. 163).—Sem de nenhum modo querer discutir si o theorema de Hipparchus é ou não a base da trigonometria, cumpre-nos apenas dizer que não nos parece historicamente ser isso verdade, pois pelo papyro Rhind (traducção Eisenlohr; v. considerações de Revillout, na *Revue Egyptologique*, 1880) vê-se que pelo menos ha 1700 annos A. C., no Egypto, no calculo das pyramides, já se empregavam relações trigonometricas, de sorte que, dada a hypothese da pratica fundar-se em algum principio theorico identico á propriedade do quadrilatero, não é a Hipparchus a quem compete similhante denominação. Didacticamente, tambem, não posso aceitar o theorema de Hipparchus como base para toda a trigonometria; o proprio A, sentiu as difficuldades para isso, e mesmo não pôde levar completamente seu plano até o fim. A theoria das projecções, digam o que quizerem, continua a ser a mais util para o estudo de trigonometria: a generalidade de suas demonstrações e a vasta extensão em que pode ser applicada, tornam-na importantissima.

A segunda parte do compendio estudado occupa-se da construcção, disposição e uso das taboas trigonometricas. Como acontece quasi em todo o trabalho, ha sufficiente e nitido desenvolvimento. A terceira parte principia com as propriedades fundamentaes dos triangulos rectilineos, depois resolve os triangulos rectangulos e os obliquangulos e termina com alguns problemas para determinar distancias. Tudo claro e sufficientemente exemplificado. A quarta parte dá algumas noções sobre trigonometria espherica, ensinando a resolver os respectivos triangulos. Ahi, deve-se notar a falta de assumptos importantes e uteis, didacticamente falando, taes são: 1° algumas noções sobre a geometria espherica que geralmente é muito sacrificada nos nossos compendios; 2°, exemplos numericos; 3°, o emprego de formulas mnemonicas, tão usadas entre os povos que tratam seriamente da instrucção. Parece, tambem, que as analogias de Neper devem ser demonstradas antes das formulas de Delambre: ha pelo menos a razão historica.

Os dous *addenda* referem-se ambos á theoria das projecções que é estudada de modo geral. Tal é, em rapido resumo, a trigonometria que o Sr. T. P. acaba de publicar, e que vem mais uma vez demonstrar ser elle um lente illustrado e trabalhador. Ao terminar, devo notar que sinto não ver o A. collocar-se á frente de uma verdadeira reforma, tendo por fim abandonar certas noções, pratica e theoricamente inuteis ou substituiveis por outras mais simples; tal é a noção de secante, e portanto de cosecante, como linha trigonometrica.—RAJA GABAGLIA.

44. — **Historia constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brazil** por Felisbello Freire, I, 2ª edição. Rio de Janeiro, 1894. LVI — 434 pags.; II, 1894, 387 pgs.; III, 1895, XIII — 314 pgs.

Quando outro merecimento não tivesse, valeria muito esta obra pelo trabalho que representa. Mas não é esse o seu unico valor, tem ainda e principalmente o de recolher e reunir elementos dispersos, informações, dados, noticias, opiniões, que não é facil e commodo encontrar juntas

quando precisamos conhecel-as de prompto. Esta *Historia constitucional* tem mais a valia de ser o depoimento de alguem que não foi apenas mêra testemunha dos acontecimentos que reconta, mas que nelles foi *magna pars*. Não sei si os espiritos philosophicos e literarios não verão justamente na obra, do Sr. F. F., sinão estas duas recommendações. A historia, com ser um genero severo, é eminentemente uma forma d'arte, e os mestres da historia, mesmo da apparentemente mais arida e pouco propria aos encantos do estylo, nos acostumaram a vel-a revestida da mais bella forma e inspirada por algum alto pensamento. Assim a aprendemos em Michelet, em Thierry, em Taine, em Herculano, em Buckle, em Renan, em Carlyle, em Tocqueville, em Oliveira Martins, em João Lisboa, em Mommsen para não citar sinão as maiores da nossa e de estranhas linguas. Justamente isso falta inteiramente á *Historia constitucional*, tão defeituosa é de estylo, de redacção e de lingua. Por outro lado não possue ella, para resgatar a penuria de forma e de methodo, a excellencia dos conceitos, a profundeza das apreciações, a originalidade das sentenças e o imprevisto dos pensamentos que dão realce e valor a certos livros mal escriptos, fazendo-lhes como que uma forma especial e rara. Cumpre aliás reconhecer que as banalidades do sectarismo politico não offerecem, ainda aos artistas consummados da palavra escripta, os elementos de um estylo, sobretudo quando algum elevado criterio philosophico não arranca ao terra-a-terra das controversias do dia o assumpto politico estudado. O Sr. F. F. entretanto concebeu e ideou bem a maneira de tratar o seu. No « livro primeiro » intitulado *A Revolução* expõe elle a questão, discutindo com sciencia dos factos si bem nem sempre com justeza de conceitos, varias theses politico-sociaes, indagando os precedentes da idéa republicana e as causas da revolução de novembro de 89 e consequentemente do advento da republica, estudando a propaganda republicana e as formas que tomou e finalmente o ultimo periodo do governo monarchico. No « livro segundo » *O governo provisorio*, como o denominou, historia a constituição do governo revolucionario, a sua organização, a psychologia dos seus membros, os seus actos, e o que chama muito bem o « começo da desorganização social » quando o mercantilismo ameaçou subverter na joven republica todas as noções de moral. Em seguida passa em revista cada um dos " departamentos" ministeriaes e os seus principaes actos no periodo daquelle governo, refere os preparativos para o regimen constitucional, volta a tratar da organização economica e politica e conclue com uma vista superficial sobre os estados aos quaes promettte voltar no 4° vol. da sua obra. O 3° vol. publicado ultimamente contem o livro III *O Congresso Constituinte* em que o A. estuda por miudo não só os actos que determinaram e precederam a organização do congresso, como a sua constituição politica e o seu pessoal e quasi artigo por artigo historia a elaboração do estatuto politico de 24 de fevereiro e, por fim, entrado o paiz no regimen constitucional, a luta do congresso com o governo provisorio até a primeira eleição presidencial. Este me parece o volume capital da obra consideravel do Sr. F. F. Direi mesmo que no meu fraco entender de sujeito ignorante destas coisas, este não é somente a parte mais util, a que será mais e mais proveitosamente lida da historia que tão copiosamente nos reconta, como é verdadeiramente a porção essencial e prestadia della. Sem exagero pode-se dizer que neste volume devia resumir-se a *Historia constitucional da Republica*, que quando o muito comportaria o narrado no 2° vol., isto é, a revolução e o governo provisorio, o que aliás podia sem o minimo prejuizo ser contado em algumas paginas ou capitulos. O 1° vol. é absolutamente um *hors d'œuvre*, que infelizmente vale por um pesado jantar. Dir-me-ão que Buckle escreveu uma introducção á historia da civilização ingleza em muitos volumes e podem citar que taes exemplos;

não impede que o reparo seja fundado, embora nada tenhamos a ver com Buckle. Este 3° vol. é até agora, parece-me, o mais copioso, o mais minucioso e creio que o mais exacto commentario historico da nossa constituição. Somente isso lhe dá valor e o torna uma contribuição preciosa não só para a futura historia da nossa organização sob a forma republicana, como para quantos, por profissão ou gosto, tratam as nossas questões constitucionaes. O Sr. F. F. promette-nos mais um 4° vol. sobre a *Organização dos Estados*. Desejamos sinceramente que leve a cabo o seu arduo trabalho, que qualquer que seja o merito e a procedencia das restricções e reparos feitos, ou que pudessemos ainda fazer, é um real e valioso serviço ao estudo da nossa historia politica.—J. V.

45.—**Diagnostico e prognostico das molestias internas pelo exame chimico, microscopico e bacteriologico junto do doente.** Primeira Parte: **Exame da Urina.** pelo Dr. F. Fajardo, Assistente de Clinica Propedeutica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Chefe do Laboratorio Bacteriologico.—Domingos de Magalhães, editor, Rio, 1895.

Com a publicação do livro, cujo titulo acabamos de dar prestou o Sr. Dr. Fajardo inestimavel beneficio ás letras medicas brazileiras e prestal-o-á ainda mais efficiente si conseguir dar á estampa em edições successivas os trabalhos que deverão completar a serie promettida pelo A. sobre o diagnostico e prognostico das molestias internas pelo exame clinico, microscopico e bacteriologico, junto do doente.—Falhos como temos estado de trabalhos brazileiros desta ordem é justo o apreço, justissima a animação que tem prestado a imprensa medica e extra scientifica ao novo livro, da lavra do operoso assistente de clinica propedeutica e distincto bacteriologista, cujos trabalhos nesta especialidade têm merecido a consagração européa, como o demonstram modernas publicações desta procedencia. O novo livro do nosso collega é especialmente interessante ao medico clinico, que nelle encontra as indispensaveis noções e meios de exame, no exercicio diario da profissão. Constituem principalmente notas recolhidas nos cursos de Erlich, Litten, Neumann, Bein e Leyden, frequentados assiduamente pelo A. quando em commissão scientifica de nosso governo na cidade de Berlim. Além, portanto, das vantagens inherentes á propria essencia do livro, delle se póde colligir quão proficua tornou-se a estada do infatigavel medico brazileiro neste e em outros outros centros scientificos da Europa, cousa de que aliás nem sempre dão provas os que são para lá mandados pelos governos do nosso paiz. O ultimo capitulo do livro do Sr. Dr. F. F. contem notas colhidas na these inaugural do joven medico brazileiro Dr. José Roso, prematuramente arrebatado do convivio de seus amigos e collegas, que anteviam o seu futuro promissor. Prefaciando o trabalho do Dr. F. escreveu o emerito professor Francisco de Castro, a melhor pagina de critica imparcial sobre o mesmo. Transcrevel-a fôra portanto meio seguro de dar ao leitor noticia completa e verdadeira do recente trabalho do Dr. F. Deixaremos entretanto aos nossos collegas que se interessam pelas cousas da profissão a surpresa da leitura no proprio livro, cujo apparecimento noticiamos. Apenas ao Sr. Dr. F. F. repetiremos com o professor Castro: «..... Contra essa estagnação que nos sitia e entorpece, o seu livro é uma senha de luta e o seu exemplo um pregão de victoria».—Dr. C. S.

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

LAEMMERT & C.—Editores

LIVROS NOVOS

Estudos Brazileiros

2ª serie 1889-93, por José Verissimo, 1 vol. 8° gr..... **5$000**

Concepção monistica do universo

Introducção ao cosmos do direito e da moral por Fausto A. Cardoso, 1 vol. 8° gr. broch. **8$000**
enc..... **10$000**

Lourdes

Por Emilio Zola. Versão portugueza do Dr. M. Menelio Pinto, 2. vols. 16° br. **6$000**

O Chromo

(Estudo de temperamentos) Notavel romance de Horacio de Carvalho, 1 grosso volume de 485 pags..... **4$000**

Botanica

De J. D. Hooker. Versão portugueza do professor Raul de Villa Lobos, 1 volume com muitas gravuras..... **2$000**

Nova grammatica allemã

Por Manoel Said Ali, professor do Gymnasio Nacional e Escola militar, 1 vol. enc..... **3$000**

RIO DE JANEIRO—S. PAULO

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da MAGNESIA sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas a de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica,* para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos,* etc., etc.

USO

Adultos.—Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo,* indicado com muito proveito no tratamento da *anemia, leucemia, chlorose; nas infecções malarica, typhica, puerperal, purulenta* e em todos os estados *morbidos, dyscrasicos e dystrophicos.*

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais honrosos certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos clinicos, como se evidencia do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12—RIO DE JANEIRO

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

LIVRARIA LAEMMERT & C.

Machado de Assis — *Varias Historias*, contos. 1 nitido volume de 312 pag. in 16°, papel e typo *moyen-age*, preço ..... 4$000.

Valentim Magalhães — *Bric á brac*, contos. 1 nitido volume com capa illustrada de Julião Machado, preço ..... 4$000
— *Vinte Contos*, 2ª edição corrigida, 1 vol. in 16° de 233 paginas 3$000

Marcos Valente (V. Magalhães) — *Philosophia d'algibeira* (para philosophos de bonde). 1 nitido volume in 32°, preço..... 1$500

José Verissimo — *Estudos Brazileiros*, segunda série 1889 — 93. 1 volume in 8° de 216 paginas, bem impresso..... 5$000

Rodrigo Octavio — *Sonhos funestos*, drama de assumpto colonial em 3 actos e 4 quadros. 1 volume in 8° nitidamente impresso ..... 3$000

Figueiredo Pimentel — *Um canalha*, romance original brazileiro. 1 volume in 12° com capa illustrada ..... 3$000

Fernando Osorio — *Historia do General Osorio*, contendo a biographia deste illustre general e muitos episodios interessantes sobre a guerra do Paraguay. 1 grosso volume ornado com o retrato do heróe, preço 10$000

D. J. G. de Magalhães (Visconde de Araguaya) — *Commentarios e pensamentos*. 1 volume in 12° ..... 2$000

Max Nordau — *As mentiras convencionaes da nossa civilisação*, traducção de M. C. da Rocha. 3ª edição corrigida, 1 volume brochado 4$000
Encadernado ..... 5$000

Olympio de Araujo — *Aquarellas*, linda collecção de contos. 1 volume in 12° ..... 3$000

Cesar de Carvalho — *Azulejos*, pequena série de escriptos litterarios em prosa e verso. 1 volume ..... 3$000

Bento Ernesto Junior — *Frondes*, collecção de poesias. 1 vol. 2$000

Casimiro de Abreu — Obras completas. Novissima edição, precedida de uma noticia sobre o autor por M. Said Ali, 1 vol. brochado 2$000
Encadernado..... 3$000

Jorge Palmer (Visconde de Taunay) — *Como me tornei Kneippista*, breve exposição dos processos e applicação do novo methodo therapeutico e hygiene do padre Sebastião Kneipp. Cura de Woerishofen (Baviera). 1 volume com estampas explicativas..... 4$000

Fausto A. Cardoso — *Concepção monistica do universo*, introducção ao cosmos do direito e da moral. 1 volume in 8° brochado 8$000
Encadernado..... 10$000

NO PRÉLO:

Salustiano Orlando — *Codigo Commercial do Brazil*, 5ª edição melhorada e posta em dia.

LAEMMERT & C., EDITORES

Rio de Janeiro	**S. Paulo**
66, RUA DO OUVIDOR	25, RUA DO COMMERCIO

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico:—« TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO—ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

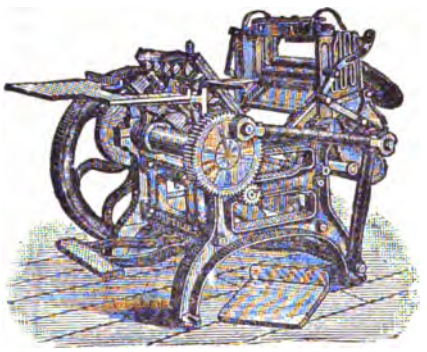
ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (Idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

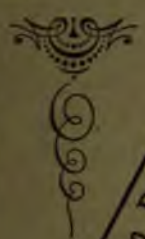
DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante*, therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades, da *bronchite* antiga ou recente, *rouquidão, inflammação do larynge, dôr e oppressão do peito, tosse, catarrho pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são aggravados pelos resfriamentos, mudança brusca do tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, commette excessos; n'estes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal**, como *poderosissimo calmante e expectorante* das mucosidades que se accumulam nos bronchios. Vide prospecto para seu uso.



Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação d'este valioso tonico e reconstituinte, é empregado o *purissimo vinho*, importado directamente de acreditados centros productores.

As conhecidas propriedades *medicamentosas das substancias* que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado**, o tornam preferivel e indicado em todos os casos de *debilidade, anemia, chlorose, lymphatismo, escrophulas, rachitismo* e principalmente nas enfermidades do peito e na *tuberculose pulmonar incipiente*.

O frasco é seguido do directorio para seu uso.

JOSÉ VERISSIMO

SCENAS DA VIDA AMAZONICA

com um estudo das *Raças indigenas e mestiças da Amazonia,* contos e historietas, 1 grosso volume..... 3$000

A EDUCAÇÃO NACIONAL

estudo sobre a reconstituição do Brazil, sob a forma republicana : *A educação nacional — As caracteristicas brazileiras — A educação do caracter — A educação physica — A historia patria e a educação nacional — A geographia patria e a educação nacional — Brazil e Estados-Unidos,* 1 volume.. 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

PRIMEIRA SÉRIE : *A literatura brazileira — O lyrismo brazileiro — Os idolos amazonicos — A religião dos tupys guaranis — O nacionalismo na literatura — Castro Alves — A poesia popular brazileira,* etc., 1 volume..... 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

SEGUNDA SÉRIE : *O romance naturalista do Brazil — A nossa vida literaria — D. Pedro II — José de Alencar — O theatro nacional — Historia do Pará — Machado de Assis,* etc., 1 volume 5$000

LAEMMERT & C.

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

As assignaturas pagam-se na casa editora, rua do Ouvidor 66, na Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93, e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da Revista Brazileira

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

REVISTA BRAZILEIRA

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

Os que precisam annunciar os seus productos e mercadorias encontram hoje nas revistas um dos melhores elementos de publicidade: por isso as revistas estrangeiras trazem todas numerosas paginas de annuncios dos mais variados artefactos.

A REVISTA BRAZILEIRA póde já offerecer aos annunciantes a vantagem de uma circulação não pequena. Já largamente espalhada não só na Capital Federal mas em todo o interior do Brazil, principalmente entre as classes mais cultas, e tambem o alto commercio e a alta industria, é ella um vehiculo de propaganda especialmente recommendavel aos Srs. livreiros, directores de collegio, professores, productores, industriaes, fabricantes e a quantos tenham interesse em chamar a attenção daquellas classes para os seus productos, artefactos, mercadorias, ou necessidades.

Os annuncios para a REVISTA recebem-se na casa dos editores **Laemmert & C.—rua do Ouvidor 66.**

Condições especiaes conforme o espaço occupado e o numero de publicações.

Companhia Typographica do Brazil, Rua dos Invalidos 93

I.° ANNO — TOMO IV 20.° FASCICULO 15 DE OUTUBRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. Curupira, lenda cuyabana, por D. MARIA DO CARMO DE MELLO REGO 65
II. O Theatro Hindú (*conclusão*), por FELICIANO GONZAGA. . . 69
III. Bodas de sangue (*continuação*), de RODRIGO OCTAVIO. . 74
IV. O Monismo no Direito (*conclusão*), por J. C. DE SOUZA BANDEIRA, da Faculdade livre de sciencias sociaes e juridicas. 85
V. A Exposição de Bellas-Artes, por DOMICIO DA GAMA . . . 96
VI. As ilhas oceanicas do Brazil — II. A ilha de Fernando de Noronha, pelo DR. H. VON IHERING, director do Museu Paulista. 101
VII. A questão do casamento, por JOSÉ VERISSIMO. 109
VIII. Bibliographia 123

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno.... 24$000—Semestre... 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira**, Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira**, Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

CURUPIRA

(LENDA CUYABANA)

I

Ao observador que passeie pelos arredores de Cuyabá, em extremo impressiona o modo por que foi excavado e revolvido todo o terreno em que assenta aquella sympathica e distante cidade. E não só esse, porém ainda o que a rodeia leguas e leguas, bem como os quintaes das suas casas, e as ruas até aonde não chegou ainda o detestavel calçamento, de que lá se usa. Parece que não houve palmo de terra que não tivesse sido esquadrinhado, pedra que ficasse sobre pedra.

E aquelles buracos, regos e socavões, a que fantasiosa imaginação imprime caprichosas formas, mais ou menos lembram fauces escancaradas de monstros desconhecidos, ou entranhas descommunaes, em cima das quaes houvessem tripudiado legiões de feras.

Onde, porém, o espirito positivamente se sente acabrunhado, é quando, ás horas melancolicas da tarde, pousam os olhos nas excavações que circumdam a igreja de Nossa Senhora do Rosario, cujo altar-mór, segundo tradição antiga, se ergue sobre preciosissima jazida de ouro.

Mais do que em qualquer outra parte, tudo ali nos abala ao evocarmos, na solidão daquelles lugares e sob os braços estendidos de enorme e negro cruzeiro, as lendas que a elles se prendem.

Daquelle açude, vestigio do antigo tanque do Arnesto nas denominadas lavras do Subtil, por haverem sido propriedade de Miguel

Subtil, natural de Sorocaba, de aguas barrentas com tons avermelhados a relembrarem sangue, como que surgem lamentos dos espectros que povoam as narrativas populares, confundidos com os gemidos das aves nocturnas e agoureiras, pousadas nos contorcidos galhos de uma annosa lixeira.

E tudo ali é sombrio, naquelle silencio sepulcral, em que se aviva a lenda da *curupira* e de sua *alavanca de ouro*, que se entranhava pela terra a dentro, quanto mais cubiça despertava, quanto maior era a ancia de arrancal-a...

II

Caíam a pino os raios do sol illuminando o fundo da enorme excavação, em que se esforçavam miseros pretos africanos, cobertos de suor, arfando de cansaço e oppressão e obrigados ao herculeo serviço pela intensa febre do ouro.

Nada mais eram do que simples instrumentos, e os seus braços possantes erguiam pesados alviões de ferro, a perseguirem a *alavanca de ouro* que devia rasgar o veio inexgotavel cubiçado e pela posse da qual tanto anhelava o poderoso senhor, sob cujas vistas trabalhavam.

E os dias se passavam, forçado cada qual a apanhar mais e mais ouro, á medida que se entranhavam pela terra a dentro.

Era o calor insupportavel. Um dos pretos, subindo á bocca do poço, topou com uma india esqualida e velha, de pelle toda enrugada, olhos esbugalhados e labios gretados de secura, a ponto de não poder falar. Vendo-o, ella estendeu-lhe a mão apontando depois para um riacho que por perto corria. Soccorrida a tempo e reanimada, com frase cortada agradeceu ao pobre escravo e acrescentou: « Vai filho, o teu serviço será de hoje em diante menos penoso. Quando algum dia sentires, ao cantar a anhúma, cair sobre a tua cabeça um pedaço de metal da tua côr, corre, sóbe, galga o fosso em que trabalhas, e lembra-te do bem que me fizeste agora. »

Gritos e ralhos esperavam o cuidadoso preto, que nas largas espaduas recebeu o castigo, « merecido pela grande malandrice. »

Quando, entretanto, ao terminar o trabalho recolheram-se as tarefas, ficou o senhor surprehendido ao vêr que de todos o que mais ouro recolhera, fôra exactamente aquelle que no passeio mais se demorara. No dia seguinte, menos que os outros trabalhou o negro, e comtudo mais ouro que ninguem ajuntou. E no assiduo labor os dias se ligaram aos dias, as semanas ás semanas, os mezes aos mezes.

E continuava a grande excavação, e o sol e o calor abrazador seccavam as boccas ao bater meio dia.

Meio dia!... cantou mysteriosa anhúma, quando mais sede tinham os pobres trabalhadores; mas um, um tão sómente, num apice galgou o fosso e mal lhe chegara á borda quando, em meio de medonho fragor, a terra convulsionada soterrou mina e mineiros.

Nem mais uma só alavanca, nem de ferro nem de ouro! nem mais um só, de tantos companheiros de trabalho! Desmoronara-se tudo, e a terra cobrira tudo!...

Muitos annos depois, nova empreza tentou a exploração daquelle ponto, mas chegou só ás ossadas dos miseros africanos. E junto dellas foi encontrada uma moeda de cobre com as quinas portuguezas do valor de dous vintens, que a *curupira* atirara quando o calor mais excita a sede.

Nunca, porém, mortal algum mais viu a *alavanca de ouro*, que entretanto ali existe, segundo a crença de muita gente, e como sempre affirmava o misero escravo que, por ter dado agua á *curupira*, escapara da sua vingança.

E quando eu, incredula e curiosa, pedia que me repetissem a lenda, o bom Salvador Rodrigues da Silva, me dizia:— Senhora dona eu não vi; mas o velho preto Antonio que nunca mentia, muitas vezes me asseverou que a historia da *curupira* era tradicionalmente guardada entre os seus, por gratidão.

III

Por minha vez, conto-a hoje, com a singeleza com que m'a referiu o amigo Salvador, em cujas veias ainda circulava sangue dos bondosos indios Terenas.

Aquelle açude lá existe, cheio quasi sempre de agua feia e suja, e a verdade é, que delle foi tirado de fulgurantes e lindissimos veios, muito e muito ouro. [1]

O desmoronamento das paredes da immensa excavação é sabido que matou muita gente, cujos ossos foram encontrados muitos annos depois; e o corrego onde segundo a lenda foi o preto buscar agua, e por onde naquelle tempo ali chegavam canoas, é o mesmo que diminuido, esgotado de forças, prolonga-se pelo centro da rua que lhe conserva o nome de *Corrego da prainha* e vai depois morrer no rio Cuyabá.

MARIA DO CARMO

---

[1] «Em 1722 fundou-se o arraial (origem da cidade de Cuyabá) na paragem chamada *Lavras do Subtil*, onde, segundo a tradição, tiraram-se em um mez 400 arrobas de ouro, só no lugar do tanque do *Arnesto*, perto da actual igreja do Rosario». (Leverger).

O THEATRO HINDÚ [1]

KALIDASA

III.—As obras do poeta

Kalidasa gostava sem duvida dos contrastes: á Çakuntâlâ, a heroina do dever, oppõe a nympha Ourvasi, creatura bizarra e caprichosa, sylphide inconstante, que vôa aos céus para seduzir deuses e desce á terra para encantar corações mortaes.

O drama *Vikrama e Ourvasi* (o heróe e a nympha), tem pontos de contacto com as nossas operas, e se passa nas mais encantadoras solidões do mundo. Quando começa, a nympha Ourvasi—*o mais bello ornamento do céu, que eclipsa os attractivos de Sri*—acaba de ser raptada por um mau genio, Kesi, e levada para as alturas do Himalaya. As amigas choram-n'a inconsolaveis. Felizmente Pururava, rei de Pratechthâna, passa junto á montanha, quando voltava de visitar o sol, persegue o raptor e salva a nympha, já então desmaiada. Estava o rei saboreando aquella romanesca aventura, quando Ourvasi faz um movimento e «seus grandes olhos se abrem como um ramalhete de lotus ao fim da noite» e se fixam, lampejantes de meiguice, em seu libertador. A nympha volve ao céu, e o pobre rei fica na terra, enamorado da feiticeira diva.

O segundo acto passa-se no palacio real. Manava, o confidente, o bôbo do rei, lamenta sua situação embaraçante, diante daquella nova intriga amorosa, cujas circumstancias revela indiscretamente a Nipounika, aia da rainha, que a esta por seu turno inteira da infidelidade do esposo. Passa o rei absorto em suas

[1] Veja a *Revista* de 1 de Agosto.

cogitações, emquanto é observado por Ourvasi, que do céu descera em um carro aereo e pratica de seu amor com a intima amiga Tchitralekha. Certa da affeição do rei, envia-lhe, em uma folha, os seguintes versos: « Chamma igual, si bem que occulta e mysteriosa, faz arder dois corações. Já a fresca e pura brisa que faz cair neve das nuvens e brinca com os meus cabellos no fundo das grutas celestes, não tem para mim valor, nem me dá vida nem saude; o zephyro mais ligeiro e embalsamado é para mim sopro de morte. As flores seccam e morrem sob meus passos, como a minha alma consumida pelo amor, como a minha forma delicada e bella minada pelo fogo da paixão. »

O rei perde este bilhete, que a rainha encontra. Arma-se tremenda scena de ciumes, a que Manava dá comico desenlace, exclamando: « Ella está desesperada e elle atrapalhado; annunciassem o jantar que seria a melhor maneira de socegarem e eu tambem. »

No terceiro acto é Ourvasi chamada ao céu para representar um drama de Bharata. Em vez do nome do apaixonado theatral — Purusottama, (Vichnú) o primeiro agente da natureza, pronuncía a nympha o do seu real amante. Tamanha profanação tem que ser punida severamente, porém o compassivo Indra contenta-se com exilar Ourvasi para a terra, para junto do amado principe.

Ausinari, a rainha, modificada em suas idéas, consente nos amores livres do esposo, e para logo se afasta do terraço do seu palacio, para onde a attraira o infiel marido. Ourvasi, até então invisivel, revela-se ao querido rei: uma noite clara e perfumada presta sua doce luz ao amoroso par...

O quarto acto é lyrico, cheio de arias e canções musicaes, de recordações patrioticas.

A nympha enche-se de zelos pelas attenções do rei por uma joven sylphide do rio Mandakini. Sem querer attendel-o, Ourvasi se vai refugiar no bosque de Koumâra, « que todas as mulheres devem evitar »; instantaneamente é transformada em videira, metamorphose que é uma das mais severas punições que os deuses possam infligir ás creaturas.

E' impossivel descrever o desespero do rei. Seus lamentos enchem todo o acto; noite e dia erra na floresta maldita; ora furioso como Rolando, persegue um gigante imaginario; ora terno e melancolico, apostropha os animaes e lhes pede noticias da bem

amada. Finalmente os deuses se condóem do seu pezar, e elle tem a ventura de encontrar uma pedra vermelha—o rubi da reunião—tirada dos pés da deusa Kâli. Subito o corpo da nympha se desembaraça dos galhos e, tomando sua fórma primitiva, vem cair nos braços do amante. Este quarto acto é unico no seu genero; nenhuma peça indiana possue esse matiz lyrico e melo-dramatico. As palavras estão empregadas segundo rhythmos musicaes apropriados ao canto, e a mimica é cuidadosamente indicada.

Muitos annos tem passado quando começa o quinto acto, engenhoso epilogo, destinado a nos apresentar o joven Ayous, filho de Ourvasi e de seu real amante. Permittindo á nympha que se ausentasse do céu, impoz-lhe Indra uma condição expressa: de deixar a terra no dia em que tivesse um filho. Ourvasi soube entretanto occultar sua maternidade.

A delicadeza do poeta lhe dita uma scena das mais tocantes. Indra não tem a crueldade de separar os que são tão felizes; perdôa-lhes e os colloca ao abrigo de todos os soffrimentos. A ultima palavra do drama é um hymno encantador de reconhecimento á bondade dos deuses.

***

Durante muito tempo recusaram a Kalidasa a paternidade de uma terceira peça, em que Wilson, o eminente orientalista, pretendia não encontrar as qualidades literarias do autor de *Çakuntâlâ*. Foucaux, sabio professor do Collegio de França, não hesitou entretanto em reconhecer a mão do poeta na comedia *Malavika e Agnimitra*. Em seu conceito, é uma obra da mocidade, fruto de um talento que desabrochava. A concepção não é tão nitida, o estylo tem menos brilho que nas suas outras composições, porém a finura de observação, a justeza das expressões revelam o genio de Kalidasa.

Esta obra ligeira foi composta para a festa da primavera; é um quadro curioso dos costumes orientaes. Um monarcha asiatico, bello e sensivel, Agnimitra, apaixona-se loucamente por Malavika, dansarina em serviço junto da rainha Dhârini. O rei anda por isso muito distraido; porém nem a primeira nem a segunda rainha abandonaram seus direitos á ternura do esposo e se ligam contra a rival.

No primeiro acto disputam Ganadâsa e Haradatta, mestres de dansa, sobre o merito de suas respectivas discipulas. O éco de taes comicas querellas chega aos ouvidos do rei que resolve seja arbitro na questão a sacerdotisa buddhista Kauciki, que aceita o encargo.

No segundo acto realizam-se as provas, das quaes sai vencedora Mâlavika, executando difficilimos passos choreographicos.

Ao começar o terceiro acto, passeia o rei no seu jardim, louco de amor, todo entregue aos caprichos do seu confidente — Gotama. Desejando ardentemente rever a incomparavel dançadora, o accaso se encarrega de favorecel-o. A rainha Dhârini havia machucado um pé e por isso não podia com elle tocar a Asoka, arvore magnifica e gigantesca, que, segundo a legenda poetica, só florescia quando tocada pelo pé de uma bella mulher. Dhârini encarrega Mâlavika dessa cerimonia, a que assiste o rei, escondido atraz de uma arvore, e sendo por sua vez espreitado por Iravati, a segunda rainha. Esta scena é engraçadissima. A nympha confessa á sua amiga a paixão que sente por Agnimitra. O rei, que ouve essa agradavel confissão, apparece e dirige amabilidades á dansarina. Intervem Iravati, que tudo ouvira, e provoca grande e escandolosa scena de ciumes. A pobre Mâlavika será punida.

No quarto acto está Mâlavika presa em escuro carcere, do qual só poderá se livrar mediante a apresentação do annel da rainha. Gotama, o confidente do rei, finge-se mordido por um animal venenoso, de cujo virus só o poderá salvar o ambicionado annel. Dhârini o empresta, e dest'arte se liberta a encantadora nympha. Mas o lar real está em revolução e novas scenas de comicos ciumes se desenrolam.

No quinto acto tudo se esclarece. Mâlavika é filha de um rei visinho, desthronado por um usurpador, que por seu turno fôra vencido por Agnimitra. A joven princeza era protegida da sacerdotisa Kauciki, que, com inalteravel paciencia, esperava o momento de beneficiar sua pupilla. As rainhas, arrependidas dos maus tratos dados a Mâlavika, consentem afinal seja ella tambem esposa do valoroso e apaixonado Agnimitra.

***

Não foi sómente por seus dramas que Kalidasa conquistou a admiração da posteridade. Attribuem-lhe muitos poemas, considerados

por seus compatriotas como verdadeiras obras primas. Comquanto extranhos ao assumpto destes artigos, não podemos deixar de mencional-os.

O Ritu Sanhara ou *Cyclo das estações* é uma curiosa e encantadora pintura do clima indiano.

O *Raghou-Vança* canta os feitos da raça heroica que reinou na India e cujos antepassados passavam por filhos do sol.

Neste poema encontram-se as qualidades de estylo e de versificação, que distinguem Kalidasa, porém o cortezão ahi demasiado se revela e percebe-se que os favores regios recompensaram as adulações do poeta.

No *Koumara Sambhava,* Kalidasa dá franca expansão ás suas predilecções religiosas. Não longe de Oudjayini erguia-se um templo, famoso onde Çiva era adorado sob o nome de Mahâkala. Fervente devoto desse Deus, e votado ao culto de Kali, companheira de Çiva, o poeta glorificou o par destruidor, celebrou os amores das duas divindades e o nascimento de seu filho Kârtikêya, o Deus dos combates.

O *Megha-Dôuta,* ou a *Nuvem Mensageira,* é uma obra de imaginação, puramente descriptiva e elegiaca.

Um genio, encarregado de zelar os jardins do Deus das riquezas, esquece seus deveres, e absorvido no amor de uma nympha, deixa ali penetrar o elephante de Indra.

O enorme proboscidio causa os maiores estragos nos maravilhosos jardins. O guarda negligente é exilado sosinho para o cume de alta montanha. Um dia vendo uma nuvem sobre sua cabeça, lhe dirige a palavra e a encarrega de levar uma carta á sua amada.

Sobre este thema bizarro e poetico, impregnado do doce perfume oriental, o autor bordou a mais caprichosa fantasia. Neste poema ha ainda que admirar os conhecimentos geographicos e mythologicos do poeta, cujo colorido suave, brilhante e delicado revelam em cada linha o primoroso e inspirado cantor de Çakuntâlâ.

FELICIANO GONZAGA

BODAS DE SANGUE[1]

IV

Ao outro dia pela manhan, prompto o mascate para continuar a viagem pelo interior da provincia, já estavam no terreiro da fazenda ensilhados os animaes e armado o cargueiro.

Gedeão tomava café, com o hospede, na grande varanda coberta e olhava indifferente a varzea irregular que se estendia, semeada de coqueiros, pela frente da casa.

Em baixo, uma porção de vaccas de leite, que se ordenhavam, mugiam e suinos refocilavam na esterqueira de lama e de estrume.

Subia um concerto rustico e bulhento da azafama matutina, mistura do chocalhar dos cinserros, dos mugidos do gado e do grunhir fanhoso dos obesos capados, sujos de lama.

Marcilio entretanto, mostrava na physionomia profunda alteração anormal e, impaciente, anceiava por partir daquella habitação, afastando-se leguas e leguas.

Relanceava porém, olhares furtivos, rapidos, pelas portas que se abriam para a varanda e voltava-se para traz ao menor rumor de passos.

Por vezes, fixava o olhar, demoradamente, na carranca franzida do senhor de engenho e voltava subitamente o rosto como a

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de Outubro.

querer fugir de uma idéa sinistra que lhe perpassava no turbilhonamento tenebroso do cerebro, como um relampago subito.

Prendia-o obsessão esmagadora áquelle sitio de onde entretanto desejava sinceramente afastar-se, fugir, como um criminoso, para muito longe, para todo o sempre.

Nesse momento o pagem subiu as escadas da varanda fazendo tinir, a cada passada, as grandes rosetas dentadas das espóras.

Estavam promptos os animaes, esperava-se apenas pelo mercador.

Este, como desperto de um sonho mau, exhalou um profundo suspiro de allivio e, tendo se despedido do fazendeiro, ia começando a descer a escada quando parou indeciso.

Gedeão que lhe ia voltando as costas, parou tambem e perguntou-lhe o que desejava. A esta pergunta o mascate respondeu com um indiscriptivel sorriso de perturbação e, cortejando estupidamente o velho com a cabeça, continuou a descer a escada.

O senhor do engenho, a quem aquelles gestos não passaram despercebidos, conservou-se immovel no patamar da escada, mãos nos bolsos, olhando fixamente o moço que descia.

Alguns degraus abaixo o mascate estacou de novo, e, voltando para o fazendeiro o semblante abatido, onde se pintavam os estragos de uma luta extraordinaria, sorria; o velho então exclamou, de modo a não admittir desobediencia:

— Diga o que quer, homem! diga o que quer...

Estas palavras foram para o pobre diabo formal intimação sob cujo dominio elle machinalmente subiu os degraus que havia descido e parou junto ao vulto surpreso do velho, torcendo nervoso nas mãos o macio chapéu de lebre.

Gedeão não podia, certamente, descobrir a causa extraordinaria daquella inesperada scena e repetiu ao mascate a frase intimativa, com modo aspero:

— Diga o que quer homem! diga o que quer...

A physionomia do moço abriu-se toda em um sorriso, sem nome, de expressão francamente bestial, e elle atirou o olhar pela escada num desejo ardente de se precipitar por ella abaixo, arrependido já de ter voltado. Entretanto, era tarde agora. Cumpria dizer o que sabia; cumpria fazer ao pai austero a revelação da horrorosa verdade. Bem se arrependeu mil vezes o desgraçado de

haver dado um tal passo, mas, poderia agora retroceder, depois de ter instigado a curiosidade do velho fazendeiro?

E alem disso, muito mais forte que a razão era a soffrega impulsão mexeriqueira que o dominava e arrastava apezar seu.

Maus presagios decifrava na expressão do semblante do senhor de engenho que se transformava e cujas pupillas sangrentas se agitavam nas palpebras, querendo saltar de dentro, como feras carnivoras, furiosas nas jaulas.

O velho, que se ia impacientando, ia falar de novo quando o moço, tremulo, balbuciou, procurando chamar sobre si a sympathia do fazendeiro, frases em que manifestava que, só por se mostrar grato á generosa hospitalidade do sertanejo, se julgava na obrigação de lhe contar tudo o que tinha visto, involuntariamente, durante aquella noite de pesadelo...

A estas palavras aterradoras o velho cujo olhar scintillava em uma anciedade ameaçadora de fera sequiosa, disse, simplesmente, seccamente:

— Fale!

— Que ninguem nos ouça, senhor! Melhor será que nos recolhamos a este gabinete, murmurou quasi supplice o mercador e apontou para uma porta aberta.

— Não tenho segredo, fale! retorquiu, sinistramente, entre os dentes cerrados o velho, lançando sobre o moço indiscreto inenarravel expressão de rancor.

— Senhor! disse então o mascate, dando á frase e ao gesto uma expressão pathetica, deshonram-no em sua propria casa...

O velho sertanejo tomou com gana o pulso do mercador e olhando-o bem dentro dos olhos, como para adivinhar-lhe o recondito da alma, expressou com um som rouco o desejo imperioso de que elle continuasse a revelação horrorosa.

E o miseravel contou, preso pela mão de ferro do fazendeiro, sob a acção magnetica do poderoso olhar de sangue, absorvente da vontade alheia, relatou palpitante de pavor, uma a uma, todas as cousas incriveis que presenciara durante aquella noite de tragedia.

Quando o mascate terminou a narração sinistra, o velho caiu sobre uma antiga poltrona de vime e fixou nas taboas do soalho o olhar, prenhe de borrasca.

Pallido, tremulo, sem geito, balbuciou Marcilio umas palavras de despedida, ás quaes o velho senhor de engenho não deu resposta; mas o moço não se mexeu, percebendo que mais convinha não perturbar a medonha meditação daquelle espirito em que elle lançara, desastradamente, as sementes fecundas de uma tempestade devastadora.

Alguns minutos se passaram, que foram de indiscriptivel anciedade para o mascate, que olhava com inveja as andorinhas que parabolavam livres no espaço, tão elle se julgava preso.

O velho ergueu vagarosamente o vulto abatido e tranquillo, revelando ter adquirido de novo a calma, que lhe desertara o espirito alguns momentos, olhou profundamente o indiscreto mascate bem dentro dos olhos garços...

O moço tremeu ante a visão do fazendeiro, cuja tranquillidade o atterrou, e disse, armando-se de toda a coragem que lhe restava:

— Preciso partir, senhor!...

E estendeu a mão.

Mas o velho respondeu-lhe, quasi sorrindo:

— Não! o senhor fica...

E dizendo ao pagem, que nesse momento apparecera no alto da escada, que o moço resolvera ainda fazer-lhe companhia por mais aquelle dia, convidou este a entrar na sala proxima.

V

Era o gabinete de trabalho do velho senhor de engenho. Pequeno aposento caiado que abria por uma porta para a longa sala de jantar. Encostada a uma parede, apoiava-se uma alta escrevaninha antiga; cadeiras, algumas sob o peso de grossos livros de escripturação, enfileiravam-se ao longo das paredes. De um prego, no batente da porta, presa por uma cordinha de couro, pendia rija palmatoria de cabiúna preta, de faces envernisadas pelo frequente, rapido contacto das palmas dos captivos.

No escriptorio paráram os dois, e o fazendeiro, com uma estranha tranquillidade de quem já tinha firmado uma resolução inabalavel,

disse ao mercador que guardava uma attitude de humilde expectação, que — «estava em sua casa e se puzesse a gosto.»

Dito isto, deu as costas a Marcilio e, sentando-se no alto do banco da secretária, começou a escrever uma carta.

O moço ficou algum tempo mudo e immovel a observar o velho, com os labios despregados, os olhos muito abertos, e, finalmente vendo que devia tomar uma resolução, perguntou, com voz tremula, si poderia ir para o quarto onde passara a noite.

O fazendeiro replicou-lhe, quasi risonho, que elle estava em sua casa e se puzesse a gosto.

Então o desgraçado moço, ainda murmurando um imperceptivel, — «com licença» — deu umas passadas vacillantes, entrou pela sala de jantar e dirigiu-se para o quarto em que dormira.

Ahi, atirou-se ao leito e, procurando reunir todas as parcellas de energia que porventura lhe restassem ainda, animou-se a pensar, a coordenar os factos de que se tornara centro, a pesar a situação, descobrindo os intuitos secretos do velho e o modo mais facil de se desembaraçar da meiada em que se via embrulhado.

Não conseguiu, porém, chamar-se á realidade das coisas. Adejava inconscientemente sobre uma multidão de factos desencontrados cuja lembrança communicava ao pobre espirito desequilibrado o impulso subito de um choque electrico. Sentia-se desestribado, no ar, á mercê de correntes oppostas, á mercê de forças imprevistas que o repelliam inesperadamente, de novo, quando vinha pousar, á guisa de uma bola de borracha mantida no espaço aos tabefes estrepitantes de meia duzia de manoplas valorosas.

Percebeu entretanto, que grande reboliço andava pela casa; um surdo movimento de caminhadas rapidas, sem vozes.

O mascate, estendido no leito, não tinha coragem para fazer o menor movimento e, para que mais alheio se tornasse a tudo que o cercava, fechou os olhos. E nessa posição deixou-se ficar immovel, sem noção do tempo, abstraindo-se da existencia exterior e tendo no intimo, dentro de si, um impenetravel baralhamento de idéas, onde não se destacava nitidamente uma vontade qualquer, um sentimento definido.

Presentindo que qualquer coisa de extraordinario ia occorrer, adivinhava que algum drama tenebroso estava imminente a se desenrolar a seus olhos; desconfiava que alguma grande desgraça o

ameaçava, mas não tinha energia nem tranquillidade de espirito para reflectir com calma sobre a situação e resolver sobre qualquer meio de sair della.

Já se tinha mil vezes arrependido de sua mexeriquice tagarella. De que praticara um acto formidavelmente desastrado e do qual, tinha certeza, muitas e funestas consequencias deveriam decorrer em curto espaço de tempo, estava elle convencido.

Por mais que quizesse olhar firme, encarar sobranceiro a situação esquisita em que se achava, faltava-lhe energia; em seu espirito não encontrava idéas sinão para arrepender-se, para castigar-se com toda a tortura de um arrependimento tardio, com o ferro em braza da convicção de um mal sem remedio.

Levava a dizer em segredo, de si para si, pequenas frases entrecortadas que exprimiam a certeza de quão imprudente havia sido, de quão impensadamente havia procedido, e por mais que quizesse pensar e meditar, não podia sinão censurar lamentosamente, dolorosamente, desesperadamente o acto pouco reflectido.

Ainda estava o pobre moço na mesma posição em que se atirara no leito e dominado do mesmo desfallecimento de energia, quando entrou no quarto um crioulo e aproximou-se da cama.

O mascate que se tinha sentado de um pulo, assim que percebeu que alguem ia entrar, ficou livido, sentindo no corpo o sangue subitamente evaporar-se, quando reconheceu, no rapaz que tinha ante os olhos, o mysterioso passeador nocturno, o denunciado amante da sertaneja formosa.

Pelo espirito passaram-lhe subito, com precipitado atropello de catadupa, mil hypotheses que figuravam a possivel intenção do desgraçado escravo, vindo procurar o delator de sua criminosa aventura de amor...

Marcilio olhava-o esbugalhadamente e entretanto, o rapaz, sorrindo, apenas disse: —« O senhor é nervoso assim?... Olhe que sempre lhe preguei um susto!... »; e depois, mudando de tom:—« o almoço está na mesa; o senhor mandou chamar para o almoço » acrescentou e saíu.

O hospede ficou ainda algum tempo na mesma posição em que o crioulo o deixara; mas de repente, ouvindo, pela porta aberta, tinir de talheres, deu um salto, ajustou no corpo magro a roupa

amarrotada, passou os dedos pelos cabellos luzidios e, automaticamente, commovidissimo, dirigiu-se para a sala de jantar.

Já estavam todos á mesa; fez com a cabeça uma cortezia geral e balbuciou umas palavras que tinham o intento de desejar os bons dias ás pessoas presentes.

Sentou-se na cadeira que o senhor de engenho lhe indicou com a mão.

O pobre diabo arquejava. Bem aos seus olhos estava de pé, braços cruzados sobre o peito valente, o fantastico heróe deste romance.

Na mesa, do lado opposto áquelle em que elle se sentára, estava a filha de Gedeão. Na physionomia nenhum facto anormal se presentia.

A' cabeceira, o velho. Nesse, o moço descobriu qualquer cousa no olhar e na expressão varonil do rosto queimado, qualquer cousa que denunciava uma profunda preoccupação.

Entretanto, quem estivesse desprevenido não poderia notar essa transparencia na physionomia do fazendeiro, apenas visivel e comprehensivel para quem, como Marcilio, sabia o desespero que deveria estar devastando aquelle espirito de pai e de homem de honra.

Um unico facto, na compostura do velho, era de todos notado. O completo mutismo em que elle se envolvera; facto esse porém, attribuido facilmente a qualquer contratempo de roça ou do engenho.

— « Bem, pensou comsigo o mascate, ainda não houve nada »...; e se tranquillisou.

Em verdade, o almoço correu naturalmente, sem nenhum caso extraordinario, nem qualquer symptoma que ainda viesse augmentar o sobresalto do moço leviano, que, de mais a mais se acalmando com a apparencia despreoccupada de todos, se esqueceu um pouco do constrangimento em que se achava e começou mais a vontade a contemplar a moça.

Era formosa, realmente. Agora, á plena claridade do sol de outubro, é que ella podia ser vista e contemplada na opulencia da carne e na graciosa linha dos contornos. Tinha os olhos brilhantes, os cilios pisados; e, da palpitação dos seios fartos, do movimento harmonioso das curvas, transudava mysterioso vapor de voluptuosidade.

Nella via agora o mascate não a donzella anhelante com que sonhara ao deitar-se, mas a mulher corajosa e lubrica, que não enxerga obstaculos em deixar o leito recatado de moça honesta para ir se entregar aos braços de quem lhe desalterasse nos labios a sede de beijos, que á perseguia, a quem lhe saciasse na carne o desejo que a dominava toda e que o ardente sol dos tropicos e a luxuriante natureza da America faziam brotar como os authoctones de seu organismo opulento de Venus sertaneja.

Da contemplação da moça passou o curioso mercador á observação do amante. Era elle, por sua vez robusto e elegante rapaz. Ostentava amplo thorax onde se adivinhava o perfeito funccionamento do complicado machinismo physiologico; delle emergia, como uma cabeça de estatua grega, uma cabeça de linhas correctas. Tez de bronze, imberbe: vinte annos, talvez.

As narinas grandes, os labios finos, a correcção do perfil mostravam a preponderancia do cruzamento europeu. Grandes olhos luminosos animavam-lhe extranhamente a physionomia intelligente e sympathica.

O mascate olhava-o demoradamente e reconstruia a scena da vespera, esquecido quasi da tremenda situação em que se achavam os bellos personagens e elle proprio, graças a sua intempestiva e desastrada intervenção. De repente, dirigiu o olhar para o lado de Gedeão. Este, com tristeza, quasi dolorosamente, tinha os olhos presos no vulto formosissimo e descuidado da filha. A espaços, vagaroso abanava a cabeça encanecida.

O mercador comprehendeu aquelle olhar, aquella dôr e desviou os olhos com receio de que encontrassem elles porventura os do velho pai, para cuja alma elle trouxera, inopinadamente, todo um universo de tormentos e de martyrios.

Essa attitude do senhor de engenho, chamou um pouco o mercador ao verdadeiro conhecimento das coisas e elle não mais retirou os olhos do seu prato, sorvendo sem gosto, uma chicara de chá.

VI

Terminada que foi a refeição, cada qual levantando-se da mesa tomou direcção diversa para entregar-se de novo ás caseiras labutações de todos os dias.

O mercador dirigiu-se á varanda que fica sobranceira ao terreiro da fazenda. Encostado ao parapeito e olhando a perspectiva do campo, que se estendia pela frente, preparou com os dedos ageis, comprido cigarro de palha. A essa hora batia em chapa o sol sobre a varanda. O moço retirou-se e na passagem entreviu o velho fazendeiro no gabinete, escrevendo.

Marcilio tinha o espirito suspenso ; estava como sob a impressão da perspectiva de subitamente desapparecer por uma fenda que poderia, a qualquer instante, abrir-se no solo.

Andou pela varanda e, na primeira porta aberta, entrou. Achou-se em um vasto salão; aproximou da porta uma cadeira de balanço e sentou-se, tragando as fumaças do longo cigarro de palha.

Ahi deixou-se ficar um tempo indefinido. Consumiu, inconscientemente, uma serie de cigarros, envolvendo-se em uma diaphana fumarada odorante.

Tinha os olhos fixos, sem nada ver, na vastidão do espaço, que se desenrolava sobre a vastidão da planicie, semeiada de coqueiros, que formava o horizonte.

Era um dia bellissimo, esplendido, de sol brilhante e de céu azul. De nada porém, Marcilio dava conta. Só tinha olhos para ver-se internamente, por dentro, e devassar, através do meandro impenetravel das preoccupações que o aturdiam, uma pequenina luz imperceptivel quasi, que bruxoleava, tornando-se ora mais intensa, ora quasi se apagando. Só tinha raciocinios para calcular e medir as consequencias do seu acto desastrado, consequencias que, bem elle comprehendia, não se tinham ainda manifestado.

Nada via porém, com lucidez. Sentia-se como num turbilhão, sem forças de parar, sem vontade de coisa alguma, esperando entretanto que alguma coisa occorresse que lhe arrancasse daquelle torpor que o tinha acabrunhado.

Longas horas correram ; Marcilio ergueu-se da cadeira de balanço, passeou muitas vezes ao longo da varanda, a essas horas, já livre do sol ; afinal, sentou-se de novo, e, fatigado, suffocado do calor que fazia, adormeceu pendendo a cabeça sobre o peito magro...

Longo e reparador foi o somno do pobre moço. Despertou, porém, num sobresalto. Circumvagou, attonito, os olhos pela varanda e nada viu que lhe podesse sobresaltar o espirito.

Tranquillisou-se um momento. O repouso que gozara algum tempo, o intervallo de descanço que fruira a imaginação doentia, tinham-no um pouco embalado na doce desconfiança, na quasi persuasão de que era elle apenas victima de um sonho.

E pela primeira vez, nesse dia, lembrou-se da esposa e dos filhinhos, porque era casado e tinha filhos — o pobre diabo! — e sorriu-se na esperança de vel-os breve e de abraçal-os longamente.

Pouco tempo, porém, durou essa unica porção agradavel do seu longuissimo dia. Um pagem appareceu na varanda e veiu chamal-o para o jantar.

Marcilio teve um novo sobresalto intimo, profundo, quando viu que não era o seu conhecido enamorado nocturno, o copeiro que o viera chamar.

Dirigiu-se logo para a sala das refeições e lá já se achavam os demais commensaes da manhan, com excepção do velho senhor de engenho cuja cadeira á cabeceira conservou-se desoccupada durante a refeição; tambem não estava presente a formosa sertaneja, a aventureira moça do episodio da noite. As demais pessoas da familia conservavam o aspecto contraido de quem está debaixo de uma profunda impressão ou de uma expectativa anciosa.

Marcilio comprehendeu, num relance, que a tragedia já tinha tido começo, e quasi desfalleceu. Nada poude comer. Foi rapido o jantar.

Alguns minutos depois, estava no aposento onde passara a noite e para onde havia ido logo que se levantou da mesa.

Agora, porém, elle levava o desespero n'alma, sentia-se na imminencia do perigo, no momento supremo da desvendação do mysterio.

Andou pelo quarto e recostou-se á janella. Si bem que nada visse distinctamente, nenhum ponto fixasse, uma coisa entretanto causou-lhe uma impressão profunda, e despertou-lhe no amago da imaginação uma recordação tremenda.

Era que seus olhos tinham pousado no tranquillo jardim, no solitario banco de pedra, estendido ao longo da latada de flôres trepadeiras; e a vista desse panorama conhecido falou-lhe aos sentidos, materialmente, antes que conscientemente lhe despertasse o espirito alquebrado, incapaz de um esforço qualquer, como que

adormentado pela intensidade das commoções, insensibilisado pelo excesso de desespero. E ahi, preso a essa janella, magnetisado pela contemplação do scenario onde se desenvolvera o primeiro acto da tragedia cujo epilogo, elle o presentia, não tardaria muito a se desenlaçar, ahi quedou-se, immoto, largo espaço de tempo, sem nada pensar, sem nada comprehender.

Alguem que entrou no quarto, despertou-o subito da extranha apathia.

Era um velho escravo que entrara e estava perto do moço, que o olhava anciosamente, esperando.

O negro falou por fim.

Vinha da parte do senhor que o chamava e o estava esperando na entrada dos cannaviaes.

— « Onde fica esse lugar ? » aventurou Marcilio, quasi sem voz, querendo saber onde ficava esse lugar, esse lugar certamente destinado a ser o sitio escolhido para a execução do esperado, mas temido desenlace do drama cujo fio elle desvendara...

— Eu levarei o sinhô moço até lá. Venha commigo.

E sairam.

RODRIGO OCTAVIO

(Continúa)

O MONISMO NO DIREITO[1]

FAUSTO A. CARDOSO. *Concepção monistica do universo. Introducção ao Cosmos do Direito e da Moral.* Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1894.

II

A intuição mecanica de Haeckel que o Dr. Fausto Cardoso abraçou como unica explicação possivel do mundo, fornece-lhe a base para a sua concepção do direito. No nosso intuito de chamar apenas a attenção do leitor para o livro, preferimos dar a palavra ao autor e deixal-o expor inteiramente o seu pensamento.

« O universo é um todo unitario, um monon; mas um todo que, por isso mesmo que não cresceu de modo continuo, indivisivel e uno, mas descontinua e numericamente sob a forma de fracções, em virtude do principio ineluctavel da individuação que rege o movimento de sua marcha tomou ao tempo feições diversas e apresenta no espaço aspectos distinctos—o physico, o organico e o social.

« Cada um destes aspectos que comprehende um conjunto de formas analogas, se resolve num systema especial de forças.

« Do conflicto das forças que compõem cada um dos dois primeiros systemas resulta, como vimos, uma forma correspondente de equilibrio — a gravitação no mundo physico e a consciencia no mundo physio-psychologico.

« Pois bem; o mundo moral ou o que nós comprehendemos por tal, isto é, o conjunto das associações humanas — familias, classes,

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de Outubro.

estados — este vasto dominio que se estende por cima da natureza e que se resolve no conceito geral de historia, de civilização e de cultura, constitue tambem, como o mundo physico e o mundo logico, um systema de forças, um conjunto de formas coexistentes que se chocam, lutam e se desenvolvem. Da coexistencia destas fórmas e do conflicto destas forças ha de resultar necessariamente uma forma da relação, um estado de equilibrio, um modus coexistencial, do mesmo modo que da coexistencia dos corpos physicos resulta a gravitação, a harmonia dos céus, e da coexistencia das forças mentaes resulta a consciencia — a harmonia do espirito. Esta fórma de relações, este estado de equilibrio, este modo coexistencial—é o direito.

« O direito é a fórma de equilibrio do mundo moral » (p. 160).

Esta outra citação ainda accentúa mais o pensamento do autor. « O direito é a relação resultante da coexistencia das forças que constituem o systema do mundo moral. Como tal, como phenomeno de equilibrio que é, não evolue, não se transforma como evoluem as fórmas. O que evolue, o que se transforma, são os termos dos quaes elle resulta como relação, o systema de forças de que elle é fórma de equilibrio. E si elle apresenta no tempo nuanças diversas e tem uma historia que se desenrola uniforme, regular e fatal, é que as forças de que elle se deriva como relação, estão sujeitas ao principio transformista e como tal evoluem, resultando desta evolução apresentar o direito no tempo feições diversas sob a fórma de institutos juridicos e uma harmonia crescente tanto mais perfeita, quanto mais elevadas se acham na escala historica as forças sociaes ». (p. 188).

E' grande a divergencia que nos separa dos conceitos acima enunciados.

Comprehendendo o direito como um producto da cultura humana, cujo apparecimento foi determinado pela necessidade de assegurar a existencia e o desenvolvimento da soci edade, cujo orgão é o estado que nasceu conjuntamente com elle, cujas normas evolvem-se e modificam-se conforme as condições mesologicas, e cujo ideal é sempre anteposto ás diversas legislações como o alvo supremo tão elevado quão inattingivel, pertencemos ao numero daquelles que, acompanhando von Ihering na Allemanha, Tobias Barreto no Brazil, são o objecto das censuras tão acres como injustas que a cada passo lhes dirige o autor.

Evitando entabolar polemica, principalmente em pontos em que a divergencia é tal que mais valeria *contestar por negação* segundo o calão forense, não podemos comtudo deixar de accentuar que o Dr. Fausto Cardoso, inimigo irreconciliavel da teleologia, do *a priori* e do finalismo, possuido do prurido quasi vesanico de combatel-o em toda a parte, tem tambem o seu preconceito e a sua finalidade, pois quer se trate da intuição da vida, quer da consciencia, quer da moral, quer do direito, colima seu pensamento pela idéa preconcebida de subordinar todos os phenomenos do mundo ao mecanismo monistico segundo o ideou Ernesto Haeckel.

Estabelece como idéa fundamental que todo o mundo está sujeito ao mecanismo, e posto tal principio vai estudar os phenomenos com o firme proposito de encontrar nelles outras tantas peças da grande machina. Em vez de marchar dos factos para os principios, o Dr. Fausto Cardoso vai dos principios para os factos. E' curioso o tom de impaciencia nervosa com que exclama: « E' preciso acabar com isto e incluir o direito na mecanica universal » (p. 176).

Haeckel é o seu guia e o mecanismo a sua senha. *Timeo homo unius libri* dizia um Doutor da Igreja. Apezar de volvidos os tempos continúa a ter razão o velho escolastico, quer o unico livro se chame *Summa theologica*, quer se intitule *Historia natural da Creação.*

Que o direito seja a fórma da coexistencia social não ha duvida alguma e nisto concordam os mais irreconciliaveis adversarios, versando porém a divergencia como muito bem accentúa o autor (p. 161) em que uns dizem que essa fórma só se manifesta por meio da cultura humana, e o autor sustenta que ella resulta da propria coexistencia.

E' certo que da luta entre os homens na origem das primeiras sociedades nasceu o direito como a necessidade suprema de organização, como o meio de tornar possivel a sociedade; concedamos mesmo que o homem ao creal-o cedeu a um impulso fatal derivado da sua propria natureza, o que aliás deu-se em relação ás demais producções da cultura, como a religião, a moral, a arte. Mas identificar o apparecimento do direito com a propria coexistencia, fazendo neste caso a humanidade depender de uma força existente fóra della é realmente crear sem necessidade uma complicação

metaphysica, não muito diversa em essencia do imperativo categorico de Kant, ou da justiça divina dos theologos.

De uma louvavel lealdade o Dr. Fausto Cardoso não recua diante de consequencia alguma, e affirma ousadamente que « o direito existe fóra como uma relação necessaria derivada da coexistencia das forças sociaes e independente do conhecimento do nosso espirito» (p. 170). Realmente custa a conceber como, dada a relatividade do conhecimento e a serie de conquistas scientificas que relegaram o absoluto para os dominios da causa em si, possa se admittir um direito extra-humano, existente fóra da intelligencia, e sendo-nos apenas revelado pela lei que é a sua manifestação. Bem razão tem George Lewes quando affirma que ao contrario da sciencia, que nunca torna atraz sobre um erro refutado, nunca reoccupa posições abandonadas, a metaphysica volta naturalmente a queimar incenso fresco nos altares dos seus antigos idolos desprezados.

Sempre coherente, não duvida o autor em affirmar que o direito existe qualquer que seja o estado intellectual da humanidade (p. 175) que o direito não se evolve (p. 188) conforme o trecho que acima deixamos citado, sendo devidas as variações que se encontram nas diversas legislações e nas diversas épocas da historia, não á mudança do direito e sim ás suas manifestações ficando o direito suprema fórma do equilibrio social, nomeno irrevelavel á intelligencia humana, immutavel e inaccessivel sob os continuos avatares de suas modalidades. Francamente parece-nos voltados aos bons tempos em que imperavam Jouffroy ou Tapparelli.

Não nos parecem das mais felizes as objecções levantadas pelo Dr. Fausto Cardoso contra a escola que faz do direito um producto da cultura humana. Assim, quando censura a Tobias Barreto por dizer que o direito é a *melhor fórma* de assegurar a coexistencia humana (p. 163) o autor toma uma simples metaphora do mestre como um enunciado scientifico e abusando um pouco deste jogo de palavras, investiga quaes são as outras fórmas passiveis da coexistencia humana além do direito, e demora-se em discutir se serão o communismo, o anarchismo e a guerra. Tanto vale indagar qual é a outra fórma de exprimir o pensamento além da linguagem, de exprimir o sentimento religioso além da religião ou o sentimento esthetico além da arte. Uma vez que o direito é a fórma da

coexistencia social, creado pelo homem sob o imperio das circumstancias ou do meio, desde que variam estas circumstancias, variam tambem as manifestações juridicas, que nem por isso deixam de fórmar o direito. Ihering já tinha previsto a objecção quando diz que as medidas legislativas devem ser consideradas não em si mesmas, mas em relação ao fim que realizam, devendo-se distinguir tres especies de condições necessarias para a existencia das sociedades, umas extranhas ao direito, outras que accidentalmente delle dependem, outras que não podem ser realizadas sinão por elle. Isto posto, é evidente que o essencial para a coexistencia social é que o direito exista, sendo indifferente para o fim juridico que elle tome esta ou aquella fórma. Conseguintemente, excluido o anarchismo que é a propria negação da coexistencia social, que duvida existe em que o communismo e a guerra sejam ou possam ser fórmas de direito ?

Reconhece o Dr. Fausto Cardoso que da coexistencia dos grupos barbaros brota um direito muito differente do que apparece em grupos nobilitados por um longo processo cultural (p. 167) que as relações de nm povo variam com as leis de suas diversas phases historicas (p. 172) e tem um bello capitulo (p. 176) intitulado Evolução do Direito. Para explicar porém as transformações das instituições juridicas apega-se a uma distincção que a força de ser subtil chega a desapparecer, pois diz que a evolução é das fórmas e não do direito. Resta a ver si excluido o que elle chama direito por ser uma entidade metaphysica, não nos achamos sómente em face das fórmas, unicas possiveis de serem apprehendidas pelos nossos meios naturaes de conhecimento, e então temos que dar uma explicação scientifica do modo porque ellas fizeram seu apparecimento na sociedade. E quando pergunta o nosso autor porque razão não se póde applicar a um povo barbaro leis de um povo civilizado, é facil responder-lhe que o direito como as demais creações do homem está sujeito á relatividade das leis sociologicas. Nada mais natural e espontaneo que a literatura e apparentemente mais livre de quaesquer circumstancias externas e entretanto não é siquer concebivel que um povo barbaro tenha uma literatura aproximavel da de qualquer povo culto. O direito é sem duvida um producto da cultura humana, mas por isso mesmo é produzido differentemente, conforme os varias phases desta cultura.

Sustenta o autor (p. 280) que o direito tem uma phase *instavel*, quando as forças de que elle resulta se acham em desenvolvimento continuo, *estavel*, quando se habituam a um movimento e podem reger-se por normas immutaveis como se dá na vida privada actual, e *indifferente* quando a cohesão e a immobilização das forças tornam-se absolutas. Principiemos pondo em duvida que nas relações privadas como em quaesquer relações de ordem juridica existam fórmas immutaveis, pois vemos dar-se justamente o contrario, desde que qualquer que seja o momento social, o direito solicitado por paixões, interesses e forças oppostas, transforma-se e modifica-se sempre, seguindo a diagonal do parallelogrammo, na bella imagem de von Ihering. Conviria antes dizer que todo o direito é instavel, applicando a todas as phases ideadas pelo autor o caracteristico da primeira. Quando á phase indifferente, é a propria negação do direito, e o exemplo dos judeos e dos bohemios, a proposito e contraproducentemente adduzido, prova claramente que o direito apparece com o Estado e que os povos que não se organizaram politicamente não tem institutos juridicos. De uma coherencia invejavel o Dr. Fausto Cardoso, depois de ter preconisado com Haeckel uma philosophia sem philosophia (p. 131) dá-nos agora um direito sem direito.

Parece-nos irrogar grave injustiça a Tobias Barreto quando (p. 281) commentando a sua expressão de que o direito é o equilibrio que a sociedade procura, attribue-lhe o pensamento de estar elle só no ponto de chegada das sociedades e de ser exclusivamente o equilibrio das forças que não tem mais necessidade de lutar.

O direito é equilibrio, mas equilibrio instavel, porque as forças continuam a achar-se em jogo, qualquer que seja o estado de cultura, intervindo elle apenas para regular a luta. Pelo facto de ser o combate não sangrento, não se segue como quer o autor que as forças não tenham mais necessidade de lutar. Não vemos todos os dias perante os tribunaes, os parlamentos, as administrações, as chancellarias diplomaticas, sinão uma luta continua, ininterrompida, em que se chocam paixões e interesses com a mesma violencia que entre os povos barbaros, consistindo apenas a differença justamente em ser o combate não sangrento ?! Perseguindo sempre um alvo inconstante, a humanidade gosa da vida a custa do trabalho

incessante de cada dia, e como o Guilherme Tell de Schiller póde dizer:

Rastlos muss ich ein flüchtig Ziel verfolgen.
Dann erst geniess ich meines Lebens recht,
Wenn ich mirs jeden Tag aufs neu erbeute.

Desenvolvendo no capitulo seguinte a doutrina que deixámos esboçada, pretende o autor mostrar como se dá a evolução do direito (á qual para ser inteiramente coherente deveria chamar a evolução das fórmas do direito) e expõe uma theoria que, contestavel na sua essencia e nas suas applicações, não deixa comtudo de ser curiosa e interessante. Segundo o Dr. Fausto Cardoso as acções do homem em sociedade são limitadas por tres factores: a *violencia*, o *costume* e a *negra*, a que correspondem respectivamente no mundo do direito, a *luta*, a *arbitragem*, e o *tribunal constituido* (p. 184). Apezar de nos garantir o autor que trata-se de « um facto que se impõe por si mesmo » a desconfiança pelas trilogias ou trichotomias é geral e invencivel depois do fiasco que todas ellas tem feito a começar pelas trindades christan e budhista, e a terminar pela lei dos tres estados de Augusto Comte, sem falar nas tres hypostases de Plotino, nos tres reinos da natureza, nos tres elementos, nos tres estados dos corpos, e tantos outros. Suppomos mesmo que já houve um representante do neo-magismo que baseou a virtude do mundo na força magica do numero tres. A idéa do Dr. Fausto Cardoso é uma larga generalização de um conceito esboçado por Ihering, segundo elle declara (p. 289). Poderiamos tambem aproximar della a theoria de Raul de la Grasserie que na sua *Classification scientifique du droit* divide o direito em tres estadios, dos quaes o primeiro foi *inorganico*, *material* e *violento*, o segundo, que é o actual, é *organico*, *consensual* e *pacifico*, e o terceiro será *superorganico*, *justo* e *scientifico*. Não accentuamos comtudo esta similhança em detrimento da originalidade que possa caber ao Dr. Fausto Cardoso, porque o livro do jurista francez appareceu em 1892, e foi justamente nos principios deste anno que o professor brazileiro começou a pregar da cadeira a sua theoria (p. VI). Em summa trata-se de apreciações um tanto artificiaes de factos naturaes e conhecidos, as quaes podem ter occorrido na mesma occasião a diversos pensadores.

Demora-se o autor em demonstrar a applicação da sua lei, no direito privado (p. 189) no direito publico (p. 203) e no direito internacional (p. 233). No tocante ao direito privado, á parte a affirmação que formalmente contestamos de ser familia e não o individuo a cellula das grandes collectividades humanas (p. 164) nada se nos offerece notar sinão o apuro e a elevação de vistas com que o autor lança um rapido volver de olhos sobre a evolução do direito para fazer triumphar a sua these favorita.

Diremos de passagem que é um pouco forçada a explicação do apparecimento da magistratura como uma evolução do arbitramento (p. 209). Não contestamos que alguma vez similhante facto se tenha dado. A regra geral porém é que juiz appareceu como elemento da força coactiva do estado, as mais das vezes confundido com o governo, e com o chefe religioso, para impor uma solução ás relações de direito privado, e quando o arbitramento tomou uma fórma definitiva e juridica foi posteriormente ao apparecimento da magistratura e para fugir ás delongas e onus dos processos judiciarios.

O capitulo sobre o direito publico é dos menos felizes, e sobre ser obscuro, resente-se da idea preconcebida pelo autor de achar á força argumentos em favor da sua trilogia. Parece-nos de todo destituida de fundamento a doutrina de que o direito publico resume-se na luta entre as classes, e ainda menos a definição de classe como «um conjunto de individuos, pertencentes ao mesmo Estado, que ligados entre si pelos laços sociaes do *metier* (sic) das funcções e do tributo, possuem alem desses traços communs, a capacidade organica de transformar em emoção do todo a irritação produzida em qualquer dos seus membros» (p. 213). E porque os exemplos e explanações não illustram sufficientemente a definição, fica-nos o direito de pôl-a em quarentena ate ser explicada com mais clareza.

Da mesma forma custa-nos a comprehender como se possa sustentar que o regimen representativo não é no fundo sinão um tribunal composto de cidadãos escolhidos outrora pelas classes sociaes e hoje pelos partidos para arbitro dos direitos politicos (p. 217). Mais palpavel se torna a falta de base da theoria quando vemos o autor soccorrer-se para justifical-a ao exemplo da Inglaterra

(p. 208) na qual o parlamentarismo, ao contrario do que elle affirma nasceu não de transacções, mas de uma serie de victorias successivas que foram obtidas sobre a realeza, em que os membros do parlamento eram, não delegados ou arbitros, porém os proprios interessados que em altas vozes reclamavam seus direitos. A magna carta arrancada á força pelos barões á perfidia astuta de João Sem Terra parece tão pouco com um arbitramento que nada melhor do que o exemplo invocado pelo autor destróe a sua theoria.

No capitulo seguinte sobre o direito internacional consegue porém o Dr. Fausto Cardoso apagar a má impressão da sua queda no direito publico e é com verdadeiro prazer que se lê aquellas paginas fulgurantes e bem deduzidas em que o autor nos mostra, com mão magistral, e formação das nacionalidades, as causas dos conflictos internacionaes, a luta violenta em que os povos se batiam pala sua independencia, sua vida, sua propriedade, a marcha irresistivel do arbitramento para solver a contenda, o principio de codificação do direito das gentes e a aspiração que cada vez mais se avoluma entre os juristas e os governos para a constituição de tribunaes permanentes.

O mais bello capitulo do livro é sem duvida o que se denomina *Real e Ideal Juridico* (p. 249) em que o autor fazendo uma vasta synthese de sua theoria, em um estylo alevantado e brilhante mostra a differença entre a vida emocional e a vida intellectual, a influencia que exercem o sentimento e o pensamento na conducta humana, a evolução da humanidade lutando entre estas duas forças e passando por tres estadios fataes: utopia, revolta e instituição, e finalmente a distincção entre o direito existente «como conjunto de regras e principios, como corpo de doutrina realizado por meio de tribunaes constituidos» e o direito ideal para onde se dirige a marcha evolutiva da vida juridica «que se caracteriza por uma ascensão constante, um aperfeiçoamento continuo, uma aproximação cada vez maior, do ideal que o espirito reformador de cada época proclama por toda parte.» Neste capitulo nada se perde, e o estylo é sempre tão energico e sustentado, a argumentação tão cerrada, as imagens tão coloridas e opportunas, que na impossibilidade de transcrever aquellas doze paginas verdadeiramente felizes, resignamo-nos a remetter o leitor para o proprio livro.

Tal é em rapida e desfigurada summula o livro do Dr. Fausto Cardoso, tal é principalmente o assumpto dos tres volumes que elles nos promette, e de que o livro que nos occupa não é mais do que o escorço ou o programma. Ousamos confessar que para nós não conseguiu o autor como se propuzera «enfeixar direito em uma formula no vasto conjunto das forças que constitue o mundo social» (p. VIII). Seja-nos licito porém affirmar bem alto que no nosso meio atrophiante e alheio a cogitações scientificas, é digno da maior sympathia e animação um pensador como o Dr. Fausto Cardoso, cheio de talento e sinceridade que com toda a sobranceiria e independencia, propõe uma solução *sua* sobre questões de tão alta monta e com uma coragem e convicção admiraveis abre uma activa propaganda em favor de suas idéas. O merecimento do autor e da obra e a raridade do facto não podem passar despercebidos.

A concepção do Dr. Fausto Cardoso terá defeitos, contradições, vacillações. O que importa isto? E' da essencia das coisas humanas a imperfeição e não ha por ahi magestosa construcção de grande philosopho que não tenha seus pontos fracos. Basta porém notar que o nosso autor está em toda a pujança da vida e no periodo de productividade enthusiastica para concluir que muitos dos defeitos acabarão com o tempo e que melhor accentuadas e amadurecidas as idéas, melhor orientado o espirito, ficará do seu trabalho muita coisa aproveitavel.

E o prestigio do autor como propagandista é innegavel. E' elle proprio quem ingenuamente nos confessa (p. VII) que ao professar da cadeira as suas theorias «viu abrir-se o espirito dos moços á verdade como si uma luz houvesse instantaneamente illuminado todos os recantos do seu campo da visão.» Da mesma fórma o Dr. Graça Aranha no brilhante prefacio que escreveu para o livro sente-se fortemente suggestionado pelo influxo do Dr. Fausto Cardoso affirmando que as idéas que adoptou jamais morrerão em seu espirito, e com affecto, com dedicação lhes consagrará as energias da sua vida e procurará transfundir em outros esta fé, este amor. Isto prova que não só a obra do Dr. Fausto Cardoso contém alguma coisa de profundo e elevado, mas tambem que o talento e a forte convicção do seu autor conseguem abrir caminho e fundar escola

mesmo entre espiritos cultos e intelligencias muito acima do commum.

Eis porque, apezar das divergencias que em muitos pontos nos separam e dos defeitos que com toda a franqueza deixamos assignalados, não nos podemos furtar ao impulso de recommendar o livro com a mais calorosa sympathia, tanto pelo que encerra de profundo e interessante; como pelo muito que o seu autor nos promette.

J. C. DE SOUZA BANDEIRA

A EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES

A exposição que se encerra no dia em que forem publicadas estas linhas, reduzida em numero e modesta de apparencia como foi, não falhou o seu alvo, nem atraiçoou o esforço dos que a promoveram : provou que no Brazil as artes do desenho têm cultores que resistem á depressão nervosa do clima e que trabalham com meritoria pertinacia e progresso sensivel. Não tive a fortuna de ver a exposição do anno passado, cujo confronto com a deste anno parece ter prejudicado á estima por esta ultima no conceito dos criticos de arte. Entretanto, eu trazia a memoria ainda fresca dos *salons* de New-York e de Pariz e poderia ser tentado pelas comparações de generos e valores, si fosse critico de arte. Não o sou, porém, e sinto que para o officio me faltem a educação technica e a conveniente cultura intellectual, que dão autoridade para censurar ou approvar, para assignalar qualidades e defeitos, descobrir filiações e tendencias, para classificar e apreciar com um rigor relativo os productos de um trabalho que muitas vezes o simples empirismo e inclinações sentimentaes dirigem. E' devéras lamentavel que os que podiam tomar a si essa tarefa, aspera e dura embora, de preparar o futuro da arte entre nós pela critica da obra dos seus cultores actuaes, não façam o sacrificio da commodidade do elogio vago e insignificativo ou do vituperio generalizado até a negação de todo merecimento, para acompanharem com a benignidade severa do

mestre para com o discipulo a obra de cada artista no seu desenvolvimento. Si alguma coisa faltou á actual exposição de Bellas-Artes, não foi tanto a completa representação de todos os artistas brazileiros nesse concurso annual, foi sim a manifestação de interesse por ella, mas interesse real e efficaz, como deve ser o da critica. A exposição esteve aberta um mez e meio. A'parte algumas paginas lyricas ou satyricas, em que o enthusiasmo subjectivo e impreciso ou a tenção maligna prejudicavam ao senso critico, apenas algumas notas nos jornaes disseram ao publico que os artistas do desenho reuniram algumas das suas obras novas em duas salas da Escola de Bellas-Artes e que entre as obras expostas algumas tinham grande valor. E como o publico está acostumado a ver livros escriptos sobre um livro ou polemicas sobre bagatellas, fazendo o desconto da exageração normal dos nossos costumes literarios, julgou que o pouco que se escrevia sobre materia tão elastica era signal de que ella pouco tinha dado de si, e lá não foi.

Entretanto, a propria exiguidade da exposição tornava-a mais amavel, facilitando o exame dos quadros melhores entre os inferiores, sem a fadiga das repetições de generos e de assumptos em composição e tons differentes, como nos grandes *salons*. Desde o anno de 1884 eu não tornara a ver trabalhos dos nossos artistas, sinão em exposições estrangeiras ou dispersos por casas particulares. Assim isolados ou em parallelos offuscantes, mal se prestavam a uma apreciação conveniente. Aqui todos ou quasi todos reunidos, elles dão a impressão de um progresso consideravel tanto na technica como na producção. A exposição de 1884 resumia trabalhos de muitos annos; a deste anno veiu depois da mais rica que se fez desde então, dizem os que viram a do anno passado. Ordinariamente, como depois das grandes fructificações são mais escassas as colheitas, uma boa exposição aconselhava ao artista um longo repouso. Tal não é o caso actualmente. Artistas que mandaram muitos quadros á ultima exposição se apresentam agora com trabalhos numerosos, como o Sr. Henrique Bernardelli que expoz vinte e oito quadros, retratos e paizagens, o Sr. Aurelio de Figueiredo que figurou com onze télas e o Sr. Brocos com dez, nenhum sendo *pochade* ou simples estudo de atelier. A actividade maior é visivel.

O progresso individual de cada artista é difficil de explicar num simples artigo rapido e leve, sem tenção critica. A média, porém, da producção ali representada mostra esse progresso bem claramente na independencia das maneiras, na emancipação dos processos, na liberdade do colorido em geral, que da tonalidade escura do Sr. Bernardelli ao azul cinzado do Sr. Belmiro, passando pela gamma chromatica do Sr. Amoedo, póde contentar as exigencias de qualquer visão e satisfazer a todas as estheticas. Para quem sabe ver ha tanta suggestão esthetica na *Aurora do 15 de Novembro* como nos paineis decorativos do Sr. Aurelio de Figueiredo.

Tão sinceras são a nitida *Praia de Icarahy* do Sr. Facchinetti, lavada de claridade verde, de ouro e de carmim e as vistas da Sra. D. Maria Forneiro, sua discipula, como a vigorosa *Scena da roça* do Sr. Almeida Junior e as paizagens do Sr. Belmiro, cheias de melancolia, envolvidas numa bruma nostalgica.

Agora quem levasse para casa e reunisse na sua galeria a *Scena da roça* ou a *Caipira pitando* do Sr. Almeida Junior, os *Peixes* do Sr. Alexandrino Borges, uma paizagem sem sol da Sra. D. Alina Teixeira, as *Más noticias* do Sr. Amoedo, que pintando um retrato fez um excellente quadro luminoso e vivo, o pequeno poema que é o *Ruido da concha* do Sr. Aurelio de Figueiredo, o *Palacio da Boa Vista* e a *Lieta* do Sr. Belmiro, o *Marabu* e o *Repouso* do Sr. H. Bernardelli, a *Veneza* do Sr. Lix. Bernardelli, a *Feiticeira* do Sr. Brocos, a paizagem do Sr. Facchinetti, um retrato da Sra. D. Diana Cid, outro do Sr. Delphim da Camara e outro do Sr. Weingartner, tendo escolhido entre as obras mais significativas a meu ver na actual exposição poderia acaso encontrar entre ellas o traço de similhança, por obscuro que fosse, servindo para estabelecer o caracter da nacionalidade na arte brazileira?

Parece-me que não. Ha arte no Brazil, não ha arte brazileira. Contentemo-nos com o que nos dão artistas estrangeiros de nascimento ou de educação, emquanto os seus discipulos brazileiros de sangue e de sentimento nos não revelam o caracter da arte nacional.

Essa revelação não é ainda bem seguro que elles façam. O derradeiro traço caracteristico de uma escola de arte é a nacionalidade, si por nacionalidade entendermos essa classificação politica

convencional e precaria, que a natureza rompe quando chega a hora do grito da paixão ou da manifestação poetica ou artistica. Mas ainda mesmo para com a nacionalidade que traduz a communhão de sentimentos e maneiras de ver, que se define nos traços de costumes, a arte conserva a sua independencia de sensação e de ideal. Aos artistas brazileiros não deve preoccupar sinão a expressão do que lhes suggere o assumpto escolhido, que seja brazileiro ou estrangeiro: a apuração de escolas só se faz com o tempo. E' porventura um indianista o Sr. Rodolpho Bernardelli? A *Faceira* e *Moema* poderiam levar-nos a classifical-o assim. E no emtanto *Moema* é mais do que uma *Cabocla afogada*, é o *Amor vencido*. Entre Leandro e Moema o esculptor escolheu a forma mais bella da mulher, que a onda veste a meio,

Et la femme et la mer unissant leur beauté.

E' uma imagem que faz scismar.

Não sei si a evocação do nome entra principalmente na admiração dessa contemplação, sei que entre os nossos olhos e o corpo da morta sempre se mette um véu prestigioso de poesia, que é talvez simplesmente a suggestão do *sonho* de belleza ali representado.

E' balda de critico sentir a falta de imaginação nos pintores. Estes lhe podem responder que nem a *Gioconda* nem o *Angelus* tem imaginação. O que nos não impede de pensar que os cultores da imagem devem ser imaginosos. Seria talvez necessario para completar o artista que ao pintor se ajuntasse um poeta entendendo o mundo e sentindo a suggestão clara ou obscura das coisas. Mas, não sendo muito communs esses exemplares de humanidade, seria conveniente, e isso é infinitamente mais facil, que o artista fosse educado na veneração da idéa e no seu culto esthetico, que sentisse a intellectualidade do seu officio social. Isso lhe traria certamente a imaginação e pela imaginação, a affectividade provocada pelas formas e horizontes familiares agindo sobre elle, o caracter nacional da sua obra poderia apparecer. Infelizmente, porém, a dispersividade do trabalho de cada artista parece-me um symptoma bem grave da falta de fé. Não provirá isso de serem feitos avulsamente todos esses trabalhos, sem destino preciso e sem certeza de aproveitamento? A decoração de um palacio ou de um templo, occupando pintores e esculptores numa obra systematica, não faria mais pela

arte do que a grande quantidade de quadros de cavallete e de pedaços avulsos, que dão a impressão de fragmentos, magnificos embora, de varios livros desunidos e incompletos? Ou este inacabamento e esta dispersão são proprios da arte, larga e humana, inquieta e tacteante, anciosa, forçadamente incompleta? Questões abertas, a discutir sinão a resolver por sabios ou poetas, por competentes.

DOMICIO DA GAMA

AS ILHAS OCEANICAS DO BRAZIL[1]

II — A ILHA DE FERNANDO DE NORONHA

Com quanto descoberto por Americo Vespuccio já em 1503 em sua quarta viagem, ficou entretanto este pequeno grupo de ilhas quasi desconhecido até ha pouco tempo. Como a ilha serve de local para deportação de criminosos, não podem abicar ahi navios nem permanecer embarcações, para não darem lugar a tentativas de evasão por parte dos forçados.

Foi por isso que assim a expedição do «Novara» como a do «Challenger» não poderam effectuar a planeada exploração da ilha, o que entretanto lhes houvera sido facil, si se tivessem premunido da necessaria permissão do governo brazileiro. Verdade é que em sua viagem de circumnavegação Darwin visitara tambem Fernando de Noronha, porém somente por poucas horas. As primeiras noções colhidas devem-se ao capitão Webster, que por occasião da viagem do « Chanticleer » demorou-se lá um mez. Por duas vezes, nos dois ultimos decennios, estancearam mais longamente ali alguns naturalistas. O primeiro foi John C. Branner, que em 1876 lá esteve durante os mezes de Julho e Agosto como membro de uma commissão geologica brazileira. O resultado dos seus trabalhos publicou elle em breve relatorio, que saiu estampado em 1888 no *American Naturalist*.

Suas collecções entregou-as ao Museo Nacional do Rio de Janeiro, onde porém não foram utilizadas, do que com razão Branner

[1] Veja a *Revista* de 15 de Agosto.

se queixa. D'est'arte se explica porque Ridley em suas valiosas contribuições para a historia natural de Fernando de Noronha não se poude referir ás investigações do seu antecessor. Esta nova e bem organizada expedição foi promovida pela « Royal Society » em cujo serviço H. N. Ridley e Romage permaneceram em Fernando de Noronha de 14 de Agosto a 24 de Setembro. Ridley estudou a geologia da ilha e colleccionou animaes e plantas, que foram estudados na Inglaterra. Estas publicações constituem uma boa base para se ajuizar das condições da ilha, ás quaes, como se verá, terei de dar interpretação em parte differente da daquelles autores. [1]

Uma boa carta synoptica do archipelago dá Branner. A ilha está situada entre 32°25'30" de longitude occidental e 3°50'10" de latitude sul segundo Ridley, ao passo que Branner lhe assigna a longitude de 12°50' a leste do Rio. A distancia da ilha ao Cabo de S. Roque na costa do Brazil deve orçar, segundo Branner, por 230, segundo Ridley apenas por 194 leguas inglezas. O grupo inteiro forma uma cadeia de cerca de 8 leguas inglezas de comprimento. A ilha principal mede 5 leguas inglezas de estensão e na maior largura 2 leguas inglezas. Segue-se-lhe em grandeza a Ilha Rata, que na sua maxima parte demora a noroeste e mede obra de uma legua ingleza de comprido. Entre ellas apenas separadas por estreitissimos braços de mar, acham-se as ilhas do Meio, Sella Ginete, São José e Rasa. Os nomes de algumas ilhas são em parte obscuros. Branner escreve « Ilha Rapta » ilha roubada, considerando mudo o p, o que não colhe. O adjectivo rato quer dizer astuto; a interpretação rata, rato femea, impugna Branner com razão, por isso que os ratos, que aliás são extraordinariamente abundantes, faltam justamente na ilha Rata, ou são substituidos ahi por morganhos.

Os ratos constituem um momento importante na historia da ilha. Quando aqui esteve pela primeira vez, encontrou Americo Vespuccio, como unicos mammiferos da ilha deshabitada, ratos muito grandes („topi molto grande"). A illha deparou-lhe agua

---

1 *Journal of the Linnean Society Botany*, Vol. 27, 1888, p. 1—86 (Botany), p. 89—94 (Geology), bem como *Journal of the Linnean Society Zoology*, Vol. 20, 1890, p. 473 — 592.

doce em abundancia e impressionou-o «pelas innumeraveis arvores, que abrigavam aves de terra e mar em quantidades monstruosas; tão mansas eram as aves que se deixavam apanhar com a mão e tantas pegámos que com ellas carregámos um bote. Emquanto ao mais só vimos ratos de tamanho fóra do commum, lagartos de duas caudas e algumas cobras.» Quando os hollandezes ao occuparem o norte do Brazil, lá pelo anno 1630, colonizaram Fernando de Noronha, houveram de para logo abandonar a ilha por causa dos ratos, que destruiam todos os frutos dos campos. Este estado de coisas manteve-se até o dia de hoje, por faltarem animaes carnivoros e aves de rapina. Introduziram-se gatos e cães, porém em vão, pois que a pouco trecho se habituaram tanto ás correrias ruidosas dos ratos, que já não os honravam com um olhar siquer. Talvez que a introducção de aves de rapina fosse por igual infructuosa, por isso que haviam de preferir a carne das aves indigenas. Entre os mammiferos pequenos, porém, encontrar-se-iam seguramente muitos que aceitassem os ratos por alimento. Em todo o caso o rato não é nenhum petisco. Os gatos, que aqui comem de preferencia as lebres brancas, similhantes a porcos marinhos, bem como morganhos indigenas, apenas de mau grado tocam os ratos que matam.

Assim se recorre ao expediente de destinar um dia no mez para os forçados darem caça aos ratos. Ridley narra que em um desses dias, em sua presença, foram mortos 3900, mas que na estação secca e quente essas caçadas são emprehendidas todas as semanas, tendo-se chegado a matar em um só dia até 20.000. Aqui só apparecem o rato domestico, *mus rattus*, e o morganho domestico. Na ilha dos ratos apenas se encontra o ultimo. Branner pensa que tambem nesta existiram primitivamente ratos, mas que foram extirpados, o que não devia ter sido muito difficil, attenta á pequenez da ilha e a ausencia de matas. A ilha Rata servia de local de deportação para os condemnados mais rebeldes que na ilha principal não se mostravam doceis, e que por castigo eram desterrados para aquella longinqua ilhota e ahi abandonados. Ora estes devem ter por completo exterminado os ratos, que d'antes eram ahi tambem muito numerosos, por isso que outr'ora e ainda por occasião do seu descobrimento todas estas ilhas se achavam ligadas. Isto se deduz da circumstancia de falar Americo Vespuccio

apenas de uma ilha, que portanto só em 1503 se fragmentara em pedaços. Justamente esta questão de ratos torna plausivel outra interpretação. O descobridor, provavelmente, só se occupou em especial da grande ilha principal, omittindo as menores ilhas e rochedos, mesmo porque a sua descripção é em geral mui concisa e summaria. Que os ratos, que outr'ora por ventura existiram na ilha Rata, hajam sido tão por completo exterminados, é incrivel, por causa da floresta ainda ahi existente, comquanto reduzida a proporções minimas.

E' por consequencia provavel que esta ilha já em 1503 estivesse desmembrada da principal, e que como fosse na sua maior parte deshabitada, não recebesse ratos. Talvez que os poucos forçados ahi occasionalmente desembarcados tenham introduzido com a sua bagagem alguns morganhos, ao passo que se não deparava ensejo para introducção de ratos, como só o proporciona uma atracação mais ou menos longa de grandes navios.

Sob o aspecto geologico o archipelago representa a ponta de cones vulcanicos. As rochas vulcanicas de que elles se compõem, dividem-se em antigas e modernas. A base principal, bem como a massa do Pico, de cêrca de 800 pés de altura, é formada de phonolitho. As massas phonolithicas de lava e tufo apresentam em geral uma disposição em columnas, que em regra formam angulo com o horizonte; ás vezes, porém, endireitam-se a pique para cima. São perfeitamente horizontaes em Tangle Rock, onde existe um tunnel, formado pela queda de algumas das columnas. O phonolitho está parcialmente metamorphoseado pelas erupções do basalto, que são evidentemente de data muito posterior. A maior parte da ilha é formada de rochas basalticas, que se apresentam parte em fórma de columnas, parte em fórma de veios, túfos ou conglomerados vulcanicos.

Não se conhecem indicios de actividade vulcanica de fresca data, mórmente a partir da descoberta das ilhas. Posteriormente estiveram as massas de basalto em grande parte debaixo da agua, onde ficaram cobertas aqui e ali de massas de coral em parte estratificadas. Estas massas de coral apresentam em alguns pontos uma espessura de mais de 3 a 4 pés, superior a 100 em outros, como na Bahia do Algodoeiro, onde essa massa de coral de 100 pés de espessura eleva-se até 100 pés acima do nivel do mar. Na ilha de S. José ha

um cone basaltico de 90 pés de altura coberto de uma camada de coral de 6 pés de espessura.

Em outros lugares, nomeadamente das ilhas menores, existem collinas de areia e massas de um grés duro, que evidentemente se originou de areia movediça, a qual depois concrecionou-se. Nelle se acham conchas de corbula e Venus, pertencentes a duas especies, que recentemente não foram encontradas.

Branner descreve esses grés calcareos relativamente recentes, que se desenvolveram particularmente na ilha Rasa e ilha do Meio. Occupam a maior porção da parte nordeste do grupo de ilhas. Vão-se adelgaçando para o poente até desapparecerem; na costa oriental, porém, são excavados pelo oceano. O seu escarpado littoral eleva-se ahi de 30 a 50 pés e mais acima do oceano. Dessas e outras observações resalta, como diz Branner, que as ilhas menores do norte outr'ora se estendiam muito mais na direcção de sudeste e que as areias calcareas de que esses grés se formaram, foram impellidas da praia para o interior. Ridley pelo contrario parece referil-as mais a uma formação submarina. Está em todo caso perfeitamente demonstrado por essas observações que em tempos relativamente modernos o archipelago estava consideravelmente mais baixo, mas que depois se elevou cerca de 150 pés. Isto se prova tanto pelos leitos elevados de coral como pelas conchas de molluscos contidas no grés.

Si estas, quiçá ambas, não mais apparecem recentemente em Fernando de Noronha, torna-se provavel que essas ultimas formações elevadas pertencem ao plioceno.

Ainda hoje se encontram bancos de coral em torno da ilha principal, porém não igualmente em todos os lugares, mas apenas onde ha ribeiros que desaguam no mar. O mesmo phenomeno se observa na costa fronteira de Pernambuco, e Ridley acredita que a explicação delle está em que em alguns pontos o solo, graças ao limo depositado, se torna algo mais firme e apropriado para o estabelecimento de coraes, ao passo que no solo arenoso, mais solto, os coraes não se podem desenvolver.

Os recifes de coral compõem-se de uma pedra calcarea friavel pardo-esbranquiçada, cuja fractura, excepto perto da superficie, não apresenta estructuras animaes ou vegetaes susceptiveis de ser determinadas. Desaggrega-se com formação de orificios e cavidades,

de sorte que debaixo do recife muitas vezes se formam cavernas, em que por occasião do refluxo o mar penetra aos borbotões, expellindo o ar com grande violencia. A maior destas cavernas folles acha-se na ilha Rata, onde a columna espumante que della esguicha attinge a uma altura tal, que se avista de algumas leguas de distancia.

Nas cavernas e excavações do recife ostenta-se abundantissima vida animal, coraes, esponjas, molluscos, echinodermes, etc.; por cima e em torno crescem algas calcareas e foraminiferos de varias especies. De resto, fraca é a contribuição dos coraes para a formação do banco. Um pedaço destacado delle mostra que a maior parte da massa é representada por camadas de Lithothamnion e outras algas calcareas conjuntamente com vermes e pequenos fragmentos de conchas calcareas. Todavia só da porção viva do recife é possivel distinguil-os bem. Já a uma pollegada abaixo da superficie tornam-se as massas calcareas inexplicaveis.

Na ilha Rata acham-se camadas de guano, que de alguns annos a esta parte constituem objecto de exploração.

A flora tem merecido estudo aprofundado a Ridley e a varios especialistas que hão pesquizado o seu material. Acham-se descriptas diversas algas marinhas e diatomeas, bem como alguns musgos e hepaticas, porém um unico feto pequeno.

Esta ausencia de fetos é evidentemente attribuida com razão á grande sequidão, a qual, ao que se conta, já foi uma vez causa de se passarem dois annos sem absolutamente chover.

Por conta dessa seccura corre tambem a falta de parasitas de arvores, especialmente orchidéas. No inverno, nomeadamente em junho e julho, chove por vezes; os mezes do verão, de setembro em diante, constituem a estação secca. A maioria das poças d'agua e ribeiros seccam então, e a boa agua rarcia.

Quando murcham as plantas herbaceas das partes centraes da ilha, deita-se-lhes fogo para limpar o solo. Na primavera, em setembro, começa a época da incubação das aves; apenas as aves marinhas chocam um tanto mais cedo. Ao chegar Ridley em agosto, já acabara a quadra chuvosa e as hervas estavam em plena florescencia. Em setembro começavam já a murchar, seguindo-se a florescencia dos arbustos e arvores.

Palmeiras não existem na flora indigena. As poucas que ha, são plantadas, bem como alguns coqueiros. Grande é o numero

das plantas introduzidas intencional ou casualmente. Nas ilhas menores, que nunca foram habitadas, faltam essas plantas e hervas más importadas com a unica excepção de um *Amarantho*. A ilha principal tem nas suas diversas regiões differentes fórmas de vegetação consoante a natureza do terreno. A leste acham-se collinas de areias, no centro um terreno argilloso, vermelho e fertil, proveniente da decomposição do basalto; a extrema occidental está coberta de espessa floresta. Já são, porém, raros os troncos de uma tal ou qual espessura, em parte por estarem continuamente a fazer lenha para ser empregada como combustivel em parte porque systematicamente se deitam abaixo, todos os troncos que pela sua grossura poderiam acaso ser utilizados pelos forçados para a construcção de balsas.

A' vista dessa varia distribuição das plantas, não é de admirar que tambem a ilha Rata, que sem duvida só relativamente tarde se separou da principal, possua algumas especies caracteristicas ou que faltam nesta. Entre ellas duas especies endemicas de *Scoparia* e *Sesuvium*.

Si a ilha principal hoje se fragmentasse em varias porções, cada uma destas poderia perfeitamente apresentar um certo numero de especies que lhe fossem exclusivamente proprias.

Infelizmente Ridley não tentou discriminar as plantas presumivelmente indigenas das evidentemente importadas. Dest'arte o mais que dizer se pode é que 27 dicotyledoneas e 6 monocotyledoneas são endemicas. Entre ellas são dignas de nota duas especies de *Oxalis*, assim como especies de *Schmidelia*, *Combretum*, *Guettardia*, *Bumelia* e outras. As sementes da *Erythrina aurantiaca* passam por venenosas. As sementes de *Cassia occidentalis* servem para preparar uma especie de café dotado de propriedades medicinaes.

Por todas as ilhas está espalhado um cacto, *cereus insularis*.

Das arvores importa ainda mencionar uma *Pisconia* e *Sapium sceleratum*, Ridl, a Burra, cujo succo leitoso muito toxico, nomeadamente vindo aos olhos, produz violenta inflammação. Não obstante serem tambem as sementes mui acres e venenosas, são impunemente comidas pelas aves menores, que por meio dos excrementos as espalham a rodo em estado de germinar.

De igual modo se poderia explicar a larga disseminação de um figo de frutos vermelhos, *Ficus noronhae*, muito abundante no archipelago.

Ridley é de opinião que Fernando de Noronha, nunca esteve encorporada ao continente brazilico, e que por consequencia a flora deve ter sido introduzida parte pelo homem, parte pelo excremento dos passaros ou pelas correntes maritimas. Entre as hervas más que foram importadas pelo homem, numera elle todas as malvaceas e quasi todas as leguminosas e as plantas de frutos ou sementes adhesivas.

A maior parte dessas plantas distribuem-se pelo mundo todo e são muito communs no proximo continente. Faltam quasi por completo nas pequenas ilhas deshabitadas, o que ao mesmo tempo fornece uma prova de que não podem ter sido introduzidas pelas aves, pois que, si tal se dera, estas as haveriam por igual transportado de uma a outra ilha.

A mesma observação póde ampliar-se ao transporte pelo vento. Das sementes lanudas de *Gonolobus* serve-se um passaro do grupo dos tyrannides para forrar o ninho e Ridley pensa que é natural que estas sementes sejam transportadas por meio da sua plumagem: supposição bem pouco plausivel.

Segundo uma classificação provisoria, reconheci nas 147 dicotyledoneas citadas por este autor 51 hervas más e plantas de importação cultivadas. Restariam então 96 especies, entre as quaes 27 endemicas. Em verdade talvez que estas formem pouco mais ou menos a metade; é, porém, muito difficil decidir o que deve ser havido na conta de indigena e o que não. Muitas das especies duvidosas, como por exemplo uma parte das leguminosas, apparecem desde o norte do Brazil até as Indias Occidentaes, podendo portanto uma grande parte dellas ser endemicas nestas ilhas.

Dr. H. von Ihering

(Continúa)

A QUESTÃO DO CASAMENTO

A PROPOSITO DO « LIVRO DE UMA SOGRA »[1]

O nosso tempo dominado pela tão malsinada « anarchia mental », tudo pôs em discussão. Dessas controversias, em geral inspiradas por sentimentos revolucionarios e negativos, não escapou a familia, não foi excluido o casamento. Não ha muito tempo, uma mulher perguntando numa das mais lidas revistas britannicas « si o casamento não seria uma fallencia » levantava de novo a questão em todos os povos de lingua ingleza, cujos magazines, jornaes, revistas, conferencistas, pregadores se occuparam della com o interesse, a attenção, a singular sympathia dessa gente por todos os problemas sociaes. A literatura de ficção, de uma tão extraordinaria opulencia na lingua ingleza, entrou no debate, como sempre acontece nesses povos, onde o romance é, com mais ou menos talento, um prolongamento da tribuna, da cathedra, do pulpito ou do gabinete do « editor ». Neste mesmo anno a questão ali sempre de actualidade, apparece de novo, considerada pelas mesmas ou por novas faces, já em artigos como o de Lady H. Somerset contra a maternidade obrigatoria ou de Mr. Flower sobre o abuso do

[1] Por Aluizio Azevedo, Rio, Domingos de Magalhães, editor, 1895, 341 pag.

casamento, já em romances, como o de Grant Allen «The woman who did» que todos artigos e livros, provocam uma serie extensa de respostas, commentarios, discussões em que toma maior ou menor parte a imprensa diaria ou periodica daquelles povos. A Russia, que pela descorrelação entre a alta cultura de uma minoria e a vasta massa apenas emergida de uma semi-barbaria, tão propicia é as manifestações das idéas mais radicaes e mais revolucionarias, accudiu á contenda com os seus romancistas, profundamente preoccupados do problema humano e social e deu talvez a sua principal nota na mais celebre que admiravel *Sonata de Kreutzer*, a que o nome e as theorias do seu autor, o famoso conde Tolstoi, emprestavam merecimento que de facto não tinha. Da Allemanha onde o socialismo crescente põe cada dia em questão toda a organização social, chegavam através do theatro de Sudermann, de Hauptmann e dos novos, dos livros de Nordau e dos pessimistas mais ou menos filhos de Schopenhauer e de Nietzche, os écos dessa mesma disputa, que nos dramas de Ibsen, Bjôrsen e Stindberg devia revelar na calma Scandinavia o fermento de fortes e tragicos conflictos sociaes. A discussão do divorcio em França pôs na ordem do dia dos povos latinos a mesma questão da familia e do casamento. Graças, porém á maior unidade do pensamento, affeiçoado por uma educação systematicamente centralizadora e homogenea, graças tambem á clareza ou talvez superficialidade do genio latino, adstricto á banalidade do senso commum, mais hostil do que parece ou superficialmente se julga, ás innovações radicaes e ao exame aprofundado e, por isso mesmo perigoso, dos factos capitaes e aceitos da civilização, e ainda mais, por virtude da sua forte educação catholica e da influencia que apezar da decadencia da fé essa educação exerce tão grandemente nos povos latinos, esta questão não teve em França nem a mesma importancia, nem a mesma repercussão que entre slavos, scandinavos ou anglo-saxões. Resolveu-se simplesmente, burocraticamente na votação do divorcio, sem maior inquirição sobre o que forma a propria essencia da familia, a mesma razão de ser do casamento. A novellistica franceza, como o seu theatro, não foram no assumpto além da questão do amor, fóra e dentro do casamento, e do thema fatigante e cansado do adulterio. Apenas a lei do divorcio renovou no romance e no theatro o assumpto, pela

entrada nelle das relações inter e extramatrimoniaes dos conjuges em face da lei ou após o seu effeito.

No Brazil, mais afastado de taes movimentos de idéas do que o deixa suppor a simples extensão do oceano, não houve sombra dessa agitação. Cumpre, aliás, reconhecer que concurrentemente com essa e as causas notadas para explicar a falta de sua intensidade nas nações latinas, accrescia entre nós a facilidade dos nossos costumes e da nossa moral, brandissimos e como quer que seja negligentes uns e condescendente ou indifferente outra. Tudo em nós, o clima, a mestiçagem, physica e moral, a facilidade da vida, os habitos de bonhomia matuta, a sem ceremonia das nossas relações domesticas e familiares, a nossa incapacidade para os problemas abstractos da philosophia e da moral, concorre para fazer com que não possamos ser tragicos e nos accommodemos de melhor cara que outros ás inilludiveis imperfeições da Vida. A nossa mulher sendo ainda, e felicissimamente, a mesma antiga e boa e prestimosa companheira, modesta e inculta, sujeita-se de boamente ás inevitaveis difficuldades, mesmo aos desgostos e desillusões que acaso lhe trouxe o casamento. Não obstante evidente, a desigualdade, nas classes cultas, do casal brazileiro, não tem maiores effeitos, corrigido pelo sentimento de veneração, que a nossa mulher deve ter herdado das tres raças formadoras do nosso povo, nas quaes a mulher occupava uma posição secundaria. Mesmo no caso de inferioridade do marido, muito commum, em virtude do casamento de sujeitos sem cultura enriquecidos no commercio com mulheres «bem educadas», aquelle sentimento minora os effeitos da desigualdade.

Não ha ainda quarenta annos em todo o vasto interior do Brazil e até no littoral as senhoras, mesmo casadas, não vinham á mesa, quando havia hospedes, e nas antigas e opulentas vivendas dos senhores de engenho, fazendeiros e estancieiros, o regimen familiar, em que a escravidão punha a sua desgraçada e infamante impressão, tinha algo de patriarchal: o dominio absoluto do chefe, do marido, do «senhor», a sujeição submissa da mulher. Em muitissimas daquellas moradias não faltavam, para completar a similhança do patriarchado, os costumes polygamicos, que a escravidão favorecia e que a esposa, a «dona», tolerava ou supportava. Taes costumes creariam forçosamente criterios e sentimentos

que não podiam deixar de influir nas gerações seguintes e affeiçoaram a mulher brazileira para o regimen domestico, que é ainda a nota dominante da nossa familia. Tambem aqui ainda se não tornou tão intenso o conflicto da vida que a obrigue a acompanhar na luta o marido.

A constituição da nossa familia é, salvo excepções que não affectam a regra, aquella que os positivistas consideram normal: o trabalho de mantel-a cabe ao pai, auxiliado pela mãi na economia do orçamento e da vida domestica. Em uma sociedade, em uma familia assim constituida com as caracteristicas indicadas, a questão do casamento e da familia, a mataphysica do amor, a philosophia da paixão, a psychologia dos sentimentos conjugaes, a analyse dos estados d'alma, são cogitações exoticas e abstractas. Exoticas porque o seu interesse é exterior e estranho ao nosso meio e abstractas porque não se exercem sobre factos reaes da nossa sociedade, sinão sobre creações do nosso espirito. Em uma sociedade e familia constituida como a nossa, e ainda bem! o conflicto dos sentimentos e das aspirações, salva excepções extremamente raras, em que não seria errado ver a influencia da imitação trazida pela literatura e costumes estrangeiros, não póde ter aspectos tragicos. A indifferença que é, em que nos pese, a dominante do nosso caracter está ahi para corrigil-os e moderal-os quando, a despeito dessa constituição, apparecessem.

Foi talvez mais o instincto de imitação, que a consciencia de uma necessidade real, que transplantou para aqui a questão do divorcio, fórma unica porque o problema do casamento e da familia surdiu inopinadamente entre nós. Conforme a nossa caracteristica superficialidade, foi tratada no nosso parlamento sem elevação philosophica ou siquer juridica e afóra o desvalioso pamphleto de Pardal Mallet, o folheto doutrinal do Apostolado Positivista e um artigo do Sr. Carlos de Carvalho, que encarou apenas a questão num ponto de vista, aliás curioso, do direito internacional, nada mais digno de menção, mesmo rapida, produziu.

O primeiro livro brazileiro que conheço em que o casamento é posto em questão e discutido nos seus elementos e nos seus effeitos é o recente *Livro de uma sogra* do Sr. Aluizio Azevedo.

I

Não é nova a these, como não são novos os paradoxos que a sustentam, do livro do Sr. Aluizio Azevedo, o que aliás lhe não diminue o valor. O talento do autor, porém, renovou um thema que foi uma das preoccupações dos inexcediveis psychologos da Igreja e delles passou ás literaturas menos superficiaes que a da nossa lingua. Nella mesmo, nos ponderosos sermonarios e livros de devoção ou moral, não seria por ventura difficil encontral-a. Um descendente espiritual daquella corrente de moralistas ecclesiasticos, o padre Antonio Vieira, uma das almas mais curiosas e mais interessantes da raça portugueza, formulou-a quasi duzentos e cincoenta annos antes do Sr. Aluizio Azevedo nestas palavras que puderam servir de epigraphe e resumo ao *Livro de uma sogra*:

«... qual é ou será a razão — pergunta elle no sermão da degollação de S. João Baptista — ou razões, porque do vinculo do matrimonio forme tantos laços a natureza ao homem, e lhe seja tão difficultoso no matrimonio o guardar a devida fé a uma mulher, e propria? A familiaridade domestica, o trato continuo, e dominio commum de todos os bens e o serem como duas almas em um só corpo... parece um concurso de coisas, que todas conformemente influem união, paz e contentamento; mas de todas, e de cada uma dellas, nasce a mesma difficuldade. O trato domestico e commum de todos os dias descobre, pouco e pouco, os defeitos que causam o desagrado. O ser a mulher a mesma, sem a variedade que remediava o repudio, é a occasião do fastio. Enfastiavam-se os hebreus do manná, posto que continha todos os sabores, porque sempre viam o mesmo... A união que ao principio do matrimonio eram cadeas de oiro, continuadas as faz o tempo de ferro. Com os annos as mesmas coisas deixam de ser as mesmas; porque a mocidade se faz velhice, a formosura fealdade, a saude doenças e achaques de toda a vida, que na obrigação de se tolerarem, e soffrerem até a morte, são um captiveiro inseparavel que só nella tem fim.»

Tudo isto está no livro do Sr. Aluizio Azevedo, inclusive a comparação entre o amor e o appetite, o coração e o estomago.

Sómente no padre jesuita o acepipe que acóde ao simile é o manná, no romancista contemporaneo o faisão doirado — com o qual aliás os estomagos indigenas apenas terão tido relações literarias.

Dou por conhecido do leitor o *Livro de uma sogra*. Creio que elle concordará commigo que o Sr. Aluzio Azevedo contou demais com a nossa complacencia em lhe aceitarmos sem difficuldade a obscura psychologia do casal de D. Olympia e o marido e das causas de sua ruptura, causas todas de ordem intellectual, imaginativa, subjectiva. « Não se poderia desejar casamento mais equilibrado, nem se poderia conceber um par mais harmonioso, e até mais symetrico », diz D. Olympia do seu proprio casal. Apezar de tudo foram « os dois um casal de infelizes » e tiveram de separar-se. Por que? Eis, e o proprio autor o confessa, o difficil de explicar. Realmente não ha no livro explicação que satisfaça, e a analyse que dos sentimentos proprios e do marido faz D. Olympia se resume na sua mesma conclusão: não puderam ser felizes porque eram obrigados a viver juntos. Generalize-se o caso e este mundo é pura e simplesmente um habitaculo de desgraçados; cada casal, dois infelizes; cada lar, um inferno. E', no caso de D. Olympia e o marido, ao que leva a psychologia simples, ou antes simplista; e facil do Sr. Aluizio Azevedo. Não lh'a contestemos porém. Aceitemol-a pelo que vale, embora seja ella, assim falsa, a cavilha mestra de toda a construcção.

A falsidade desta concepção, porém, não está sómente na incoherencia ou antes incongruencia entre os dados conhecidos e o resultado exposto, sinão em que de um caso particular que póde ser verdadeiro, embora esteja mal explicado, que certamente será não raro verdadeiro, se generalizou para delle concluir que a convivencia matrimonial é a causa da infelicidade domestica. Ora, como se não comprehende matrimonio sem convivencia, a conclusão seria contra o matrimonio, a favor de uma situação que só tem similar na prostituição ou no concubinato periodico.

« A invariavel convivencia matrimonial é a grande razão da corrente infelicidade domestica, é a causa immediata da fatal desillusão dos conjuges, mesmo daquelles que se casam por amor legitimo e verdadeiro, é fonte de inevitavel desgraça para a vida

Da experiencia de um casamento que, segundo todas as

s noções de logica, de senso commum, de pratica da

vida, devia de ser felicissimo, contraido nas melhores condições materiaes e moraes, intellectuaes e physicas, e que no emtanto redundou numa união desgraçadissima, tirou D. Olympia esta sua amarga e desalentada doutrina do casamento. Aceitemol-a como motivada e justa, e vejamol-a na applicação. A heroina do Sr. Aluizio Azevedo vê onde a levam as suas deducções, mas querendo obter para a filha de par com a felicidade domestica, que lhe não foi dado ter, as vantagens sociaes, preferiu o casamento ao concubinato, attenuado aquelle por uma situação que no theatro seria de um comico irresistivel. O marido moraria em Laranjeiras, a mulher, sob a guarda vigilante della sogra em Botafogo. As localidades, aliás, em que pudessem habitar, não influem na solução deste problema de felicidade domestica, em que falta apenas a casa. O casal constitue-se, pois, assim, cada um na sua residencia—sem que a criadagem, os amigos, a vizinhança, as visitas, a sociedade a que pertencem e que frequentam pareçam extranhar esta esquisita e rara vida conjugal. O marido é um singular personagem, que aceita uma combinação de melodrama e esta ridicula situação de só o ser com consentimento da sogra porque « estava irremediavelmente perdido de amores; e a moça era muito rica e *elle o que* se póde chamar pobre ». E assim entraram a viver.

Aqui bate outro ponto fraco do *Livro de uma sogra*. A felicidade, que a vista daquellas premissas, devia resultar deste meio termo entre o casamento e o concubinato não a vemos, não a sentimos, em todo o decurso dos acontecimentos que elle nos reconta. E não ha ninguem, a não ser algum desequilibrado ou amoral, algum romantico retardatario e telhudo, que trocasse na vida domestica o seu monotono e mesquinho viver caseiro, mesmo com as pequenas miserias que nos descreve o Sr. Aluizio Azevedo, pela de Leandro e a inconsciente da mulher. A conclusão do livro não justifica as medidas tomadas por D. Olympia para fazer a felicidade da sua Palmyra. Comprehende por fim que não lhe deu sinão uma parte da felicidade, a menos nobre, a mais grosseira, a mais contingente, pois que assenta apenas na mocidade e nas vantagens physicas que com ella se vão. Então, allumiada pelo seu proprio amor casto ao Dr. Cesar, com quem contraí no fim da vida uma especie de união mystica, que o catholicismo devia inventar e consagrar e que o positivismo preconisará, volta-se para outra conclusão cujo valor veremos adiante.

Tal é, na sua idéa geral, este livro, frequentemente paradoxal e contradictorio, por vezes exacto e verdadeiro, desigual e diffuso no estylo e na contextura, mal inspirado na acção, que é de baixa comedia, ousado, embora sem verdadeira originalidade nas idéas, immoral em summa, mas suggestivo e, no meio da nossa actual producção, distincto. Póde ser que o proprio autor não lhe désse maior importancia que a de um thema tentador para suas faculdades de artista; mas com intenção ou sem ella, é o mesmo casamento que elle discute e nega. Por elle entrou, pois, a questão na nossa literatura; examinemol-a.

II

A igreja catholica tem sobre o casamento, como sobre todas as relações humanas, uma doutrina perfeitamente assentada. Doutrina absoluta e terrivel: o casamento não é um contracto, mas um sacramento, perpetuo, inilludivel, que só a morte destróe. O divorcio, não o admitte sinão como a separação *a mensa et toro* e jámais a *vinculo matrimonii*, segundo a technica da jurisprudencia canonica. Esta é a regra, dura, implacavel, si quizerem, mas á qual a familia moderna deve a sua dignificação e o proprio casamento a sua grandeza. Que ella não corresponda mais ás nossas necessidades e ás urgencias de uma sociedade tão profundamente abalada em todos os seus fundamentos, é outro caso. Essa regra acham-na os theologos creada pelo proprio Jesus no capitulo XIX do evangelho de S. Matheus, e S. Paulo a desenvolveu e explicou em todo o admiravel capitulo VII da sua primeira epistola aos corinthios. Este forte capitulo é o epitome não só de toda a doutrina catholica sobre o casamento, mas a fonte do que se poderia chamar a sua theoria biosociologica sobre elle. E D. Olympia, si não se ativesse sómente ás regras duras do Levitico, acharia nelle com que condimentar saborosamente alguns dos seus paradoxos e justificar algumas das suas theorias.

A mulher, apezar do edificante culto de Maria, foi sempre suspeita ao catholicismo. Entre elle e ella ficou eternamente, como fruto de desconfiança sinão um pomo de discordia, a fruta da

arvore do Bem e do Mal. E' especial o receio, a prevenção, quiçá a antipathia, que ella inspira a S. Paulo. O «eterno feminino» póde ser tenha preoccupado o rude e inteiriço apostolo, mas seria somente como a causa do peccado. A flôr do amor, que acaso perfumou o coração dulcissimo de Jesus, qual o vemos através dos evangelhos, não rebentou siquer nessa alma ardente de sectario. Não é do amigo de Martha e Maria, do estranho interlocutor da Samaritana, do amavel hospede de Caná ou do compassivo juiz da adultera que procede a doutrina catholica sobre a mulher e sobre o casamento, mas de S. Paulo. E' aquelle capitulo a sua origem e o seu fundamento. E' ali que se encontra a primeira lição de casuistica escolastica : casar é bom, não casar é melhor, maneira de falar que Pascal irreverentemente appellidou de ratoeira. E' ali que se acha a apologia da virgindade e da viuvez. Taes doutrinas frutificarão e darão, de um lado o celibato do clero, a mais eloquente manifestação da Igreja contra o casamento, de outro o monachismo. Todas as diatribes dos padres da Igreja contra a mulher, as mais violentas que jamais se escreveram, virão d'ali. Um dos primeiros apologistas, Athenagoras, no fim do segundo seculo, excedendo ao mestre, dirá : « A nossa doutrina é que cada um deve conservar-se como nasceu ou contentar-se com um só casamento. As segundas nupcias são apenas um disfarçado adulterio...» [1]

Quanto poderá a Igreja dizer em seu favor, quaesquer que sejam as suas explicações da sua doutrina, o facto incontestavel é que para ella o casamento é apenas um mal menor. No fundo é esta verdadeiramente a sua concepção e a razão principal do celibato imposto aos seus sacerdotes. Esse casamento, porém, ella o quer indissoluvel — não havendo razões que ao dobrar de tantos seculos a tenham feito mudar de opinião. Este facto é de si mesmo curioso e suggestivo, em face das nossas theorias sentimentaes. Certo ninguem poude tão bem como ella conhecer o humano coração. Não só lhe foi facil, mediante os seus sacerdotes, descobrir, sondar, examinar o mais intimo e recatado da nossa alma, mas ainda, graças ás facilidades e condescendencias da direcção espiritual, sujeital-a a verdadeiras experiencias *in anima vili*. Nós falamos soberbos em psychologia experimental ;

[1] Apud. E. Renan, *Marc Aurèle*.

quem jamais a fez nas condições da Igreja? E ao cabo, permanece immutavel na sua doutrina do casamento, cuja questão resume-se para ella em paciencia, sacrificio, abnegação, humildade, resignação. Seria um espirito singularmente grosseiro o que não visse, sinão a justeza, a grandeza moral desta solução.

O protestantismo, interpretando por fórma contraria ao catholicismo, as palavras de Jesus e de S. Paulo, pretendeu resolver as difficuldades do matrimonio pelo divorcio. Nos paizes protestantes como os Estados Unidos e as grandes colonias inglezas, em que a tradição e os costumes não são um freio ao abuso do divorcio, a constituição familial do protestantismo revela uma tendencia para o amor livre dos anarchistas e outras escolas philosophicas ou sociaes. Nos Estados Unidos ha cerca de trinta causas determinantes da dissolução do casamento « além de outras que os tribunaes na sua sabedoria possam julgar sufficientes », e parece que acolá as mulheres que já passaram por quatro e seis maridos e vice-versa não são raras. Esta singular facilidade de divorcio, que reduz o casamento ao minimo de obrigações legaes e moraes, não concorre, entretanto, para obviar os inconvenientes que nesse laço enxergam os reformadores sociaes — a começar pelos catholicos. E' justamente nestes paizes, principalmente nos Estados Unidos, onde, a despeito de extremo desembaraço do divorcio, mais accesa e viva vai a discussão do casamento, do amor, das relações conjugaes, encaradas e discutidas, sem embargo do *cant*, com o despejo de individuos afeitos ao impudor e á crueza naturalista da linguagem biblica. Eu não me atreveria a traduzir para aqui trechos dos artigos firmados por *gentlemen* e *ladies*, seguramente respeitabilissimos, nas revistas anglo-americanas.

O anarchismo theorico, como outras escolas que, queiramos ou não, serão factores sociaes consideraveis, professa a respeito do casamento o seu principio fundamental do completo individualismo. « A sujeição da mulher, diz um dos seus doutrinadores é uma sobrevivencia do estado de barbaria. Desembaraçada a sociedade de todos os estorvos economicos, as relações sexuaes tornar-se-ão mais naturaes e mais francas, reassumindo o seu caracter de accordo livre de dois seres livres...» — « O casamento actual é uma escola de mentira e de hypocrisia. O adulterio é

o seu indispensavel corolario. Si a monogamia é o fim da evolução humana, só a mais completa liberdade póde conduzir a ella » [1] E com palavras que poderiam ser do *Livro de uma sogra*, justifica assim a theoria anarchista do casamento: « Os individuos — mulher e homem, sabendo-se ligados por toda a vida, de modo indissoluvel, perdem pouco a pouco as pequenas attenções, a cortezia, que são como a pimenta do amor; pouco e pouco, o habito, a saciedade dos sentidos separam insensivelmente os amantes um do outro; o homem e a mulher esquecem os cuidados pessoaes de que o outro gostava no momento do namoro; cada um lastima o ideal que sonhara e que está longe de reconhecer no seu companheiro de corrente: esse ideal julga achal-o em novas relações... No dia em que o homem e a mulher se não sentirem mais acorrentados pelas leis e conveniencias, o que amar, quererá garantir-se a duração da posse do objecto amado: comprehenderá que deve continuar com elle as gentilezas que empregou para conquistal-o; que deve sobresair aos seus rivaes, si quizer ser sempre amado. Ao mais amoroso o saber prolongar o amor que soube inspirar ».

A solução anarchista da questão do casamento está contida nestes conceitos. Principios e corolarios, premissas e conclusões derivam do proprio principio fundamental da doutrina, o individualismo que é tambem a origem da questão da emancipação feminina. O casamento dissoluvel e temporario é por igual consequencia da mesma theoria dessa emancipação. Mais coherentes que os protestantes, vão os anarchistas ás ultimas consequencias do seu principio compativeis com a solidariedade, que é igualmente um artigo da sua fé politica.

Mas fóra dessa doutrina e congeneres, é o sempre crescente de desenvolvimento do individualismo que nas innumeras communidades protestantes, como nas mesmas nações catholicas, em todo o occidente, põe em discussão uma forma de união dos dois sexos que por sua propria essencia e natureza repousa na obrigação, no sacrificio, na devoção reciproca. E não aventurara por ventura muito quem no divorcio visse o auxiliar mais formidavel e mais

---

[1] Jean Grave, *La société future*.

poderoso do individualismo na dissolução da familia, qual a temos constituida.

O positivismo tem a pretenção de substituir-se ao catholicismo do qual não é realmente, na sua parte religiosa e sociologica, sinão um arremedo. Do catholicismo é toda a sua concepção da familia e do casamento. A castidade sem o celibato, a castidade no casamento, é para elle « uma inestimavel virtude »; a viuvez deve ser perpetua como queria S. Paulo e a primitiva Igreja, e o casamento « uma união exclusiva e indissoluvel ». Nem é preciso dizer que o positivismo não admitte outra forma de casamento que o monogamico, que ao seu parecer « constitue uma das mais preciosas instituições por nós devidas á idade média », e que é, tanto ou mais que o catholicismo, adversario intransigente do divorcio [1]

O positivismo, portanto, não procura a solução da questão fóra do laço conjugal ou pelo rompimento desse laço. No fundo a sua solução é a mesma do catholicismo: « resignar-se á sua sorte » manda elle ao conjuge ou conjuges infelizes. « Um casamento desastrado representa em moral, diz o Sr. Teixeira Mendes, o mesmo que um caso teratologico ou uma infelicidade organica nos phenomenos vitaes ». O remedio é quasi o mesmo que D. Olympia suggeriu á filha e ao genro no final do seu manuscripto: « conformar-se á sua situação, como Augusto Comte, procurando em um affecto puro, isto é, casto a unica compensação que a infelicidade domestica comporta ». Não é, por certo, precisamente o mesmo que D. Olympia aconselhava. Ignorante « da theoria positiva da natureza humana » e crendo como boa catholica que a carne é fraca, ella não podia exigir-lhes o sacrificio completo dos instinctos sexuaes. Convencida, porém, da incompatibilidade do amor physico com a felicidade « mais alta e mais perfeita » que « a felicidade material em que se funda a vida organica da nossa especie » recommenda-lhes que « tenha cada um o seu amigo, o amado de seu espirito, o eleito da sua intelligencia, porque todo o homem, como toda a mulher, precisa tanto de um companheiro para a sua carne, como de um companheiro para a sua alma ».

---

[1] Vejam-se *Exame da questão do divorcio* por R. Teixeira Mendes e *A proposito de uma questão de moral medica* por Miguel Lemos, publicações do Apostolado Positivista.

E' esta de facto a conclusão do livro do Sr. A. Azevedo e dentro della está a sua doutrina do casamento que, por motivos e inspirações diversas, coincide no fundo, á parte a castidade, com a do catholicismo, um mal, mas um mal necessario, como tres seculos aliás antes de S. Paulo já o considerava o grego Menandro. A questão mesma do casamento fica irresolvida no *Livro de uma sogra*, que não tinha talvez a presumpção de offerecer uma solução. E' ainda curioso notar como o pensamento do Sr. Aluizio Azevedo, coincide tambem nesse ponto com a doutrina do positivismo da « systematização da castidade conjugal » ou a instituição do casamento casto para aquelles casos em que por graves motivos physicos ou mesmo moraes, devem os respectivos pares se abster da funcção reproductora ». E' o caso do casamento de D. Olympia com o Dr. Cesar no *Livro de uma sogra*. O erro porém, do Sr. Aluizio Azevedo é separar systematicamente no laço conjugal os instinctos physicos das necessidades moraes, o que acabaria reduzindo o casamento a uma reunião accidental por amor á reproducção da especie. Os velhos paradoxos e as velhas *boutades*, que o Sr. Aluizio renovou, das miserias, mesquinhezas e ridiculos da vida conjugal, para chegar a tirar dellas a conclusão de que sómente pelo afastamento mais ou menos prolongado dos conjuges se póde manter a felicidade matrimonial, valem apenas pelo talento com que foram repetidas. Não affectam o intimo da questão, sinão secundariamente. São miserias inherentes á propria existencia humana que não têm, como parece superficialmente suppor o autor do *Livro de uma sogra*, a importancia que elle lhe dá. Basta ver que si a tivessem, o casamento seria uma instituição reservada aos ricos, que pudessem, nos periodos convenientes, ir passear á Europa ou aos Estados-Unidos, como o seu Leandro. A menos que a sociedade não fizesse da sogra do Sr. Aluizio Azevedo, e não se occupasse de, em tempos que repartições competentes para esse fim especialmente creadas, determinariam, separar os casaes por amor da mutua felicidade dos pares.

E' esta, pois, a grande fraqueza do seu livro, si elle pretendeu realmente pôr em questão o casamento, fraqueza aliás inevitavel porque sem esta falha o livro não existiria: que a natureza humana é julgada profundamente má e egoista, que o amor no casamento não póde resistir ás materialidades e aos prosaismos

da existencia familiar, que não é possivel conciliar o affecto puro, elevado, intellectual com as exigencias da sexualidade e com as miserias da vida pratica. O Sr. Aluizio Azevedo é sobretudo, o que se chama um intellectual, um cerebral; toda a sua psychologia é falseada pela sua exclusiva e, deixe-me dizer-lhe, perigosa, preoccupação intellectual e, o que é peior, literaria, e como todos os seus congeneres, esquece dois elementos primordiaes na questão: — o moral e o social. Somente os que não os esqueceram, antes os consideraram, puderam trazer-lhe uma solução, cuja justeza não discutirei, nem asseverarei, mas que é pelo menos logica: o catholicismo e o seu filho espurio, o positivismo, de um lado; e o anarchismo, de outro.

Comportará a questão do casamento, alguma solução média: outra solução que não seja ou a monogamia indissoluvel ou o amor livre?

José Verissimo

BIBLIOGRAPHIA

46.—**Miragem** por Coelho Netto, Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães, editor, in-8º 390 pags.

E' um bom livro, este, e nas restricções que vou fazer ao meu desvalioso mas sincero juizo não se veja sinão, em primeiro lugar, a constante vontade de nestas despretenciosas resenhas de livros dizer lealmente todo o meu pensamento e, depois, o apreço que me merece o A. festejado de *Miragem*. O Sr. C. N. é dos escriptores da nova geração, um dos que têm realmente valor, que têm feito manifestamente progressos e com quem poderão as letras brazileiras contar. E neste meu conceito não ha siquer o mais leve resaibo de mal ou bemquerença. Apenas verifico um facto. Em literatura, como no reino de Deus, muitos são os chamados e poucos os escolhidos; sempre foi e sempre será assim. Cada geração vê surgir numerosos escriptores cujas obras e nomes pela maior parte se não incorporam ao cabedal literario do paiz. Ao cabo de uma geração, e ás vezes ainda em antes de ter ella desapparecido, não ha encontral-os sinão nos catalogos dos bibliographos. E' a lei; sujeitemo-nos a ella; e lembral-a a proposito do A. de *Miragem* não reçuma pessimismo respeito á nossa producção literaria ou má vontade aos que ultimamente entraram a contribuir para ella. O mais obstinado optimista do nosso tempo, e ao mesmo tempo um dos primeiros, sinão o primeiro dos escriptores delle, E. Renan, duvidou que a posteridade conservasse cem paginas do seculo XIX. E' uma *boutade*, sei; mas quem se atreverá a dizer que não encerra uma particula, minima embora, de verdade? Sei bem que a nossa vaidade literaria, a maior de todas as vaidades, mais forte mesmo que a vaidade feminina, se rebella contra similhantes conceitos. Estamos todos ingenuamente convencidos que estamos a fazer obra admiravel e immortal. E é bom que assim seja; faltasse-nos essa convicção, embora as mais das vezes impertinente e presumpçosa, nada fariamos, nem divertiriamos siquer os nossos contemporaneos com as nossas lutas, com as nossas paixões e com as nossas obras e não deixariamos aos vindouros onde escolher. Em arte, em letras, como em tudo o mais, ha tambem luta pela vida e selecção natural. Singular prova de inconsideração e leviandade daria quem lhe quizesse desde já determinar o resultado. Não é vedado, porém, accentuada préviamente esta restricção, futurar a sorte dos livros que hoje lemos, não esquecendo que os livros têm fados e que os fados só os conhecem os deuses. Creio, pois, não aventurar muito dizendo que o Sr. C. N. será talvez dos novos

escriptores um dos poucos com quem as nossas letras, no genero que elle cultiva, poderão contar. Já vêem que o meu vaticinio não excede á competencia de um propheta minimo. Um dos fundamentos, sinão o principal fundamento, do meu juizo é que o Sr. C. N. tem como disse e o reconhecem todos os que o acompanham, feito progresso. Não creio que da sua já copiosa bagagem literaria se salve muita coisa e, para ser franco, direi que acho della inutil e dispensavel boa parte; mas tres ou quatro livros que desenvolvam, accentuem e aperfeiçoem as qualidades da *Capital federal*, de *Miragem*, do *Morto* e os primeiros capitulos da *Tapera* de que os leitores desta *Revista* tiveram o primor, serão uma contribuição bastante á sua reputação e ás nossas letras. Não quero dizer que o Sr. C. N. não nos possa dar muitos mais e todos bons, apenas atendo-me áquelle numero resumido de livros houve em mim o proposito de lembrar que elle está escrevendo com uma fertilidade que não póde deixar de prejudicar-lhe a perfeição e qualidade. Não queira o Sr. C. N. viver das letras em um paiz onde só as de cambio têm cotação. Lembre-se, na nossa lingua, de Pinheiro Chagas, o phenomenal trabalhador, e de outros que, como aquelle no dizer do velho Castilho, frigiram os miolos para comer. A sua producção, lhe direi com toda a sinceridade, ainda a melhor, denuncia pressa. Não creia demasiado na gloriola do noticiario e da rua do Ouvidor; com o amor e o apreço que tem á sua arte, servidos ambos por um talento de primor, trabalhe para o futuro. O seu livro *Miragem* é na primeira e na quarta parte um livro admiravel, um livro bom e forte, a despeito do exagero da nota menos naturalista ou realista do que crúa, da degradação de Maria Augusta. A segunda parte é menos boa, mas vale-nos o idyllio de Thadeu e Maria Barbara. A terceira é um *remplissage* inutil, que apenas serve para alongar escusadamente o romance, sem nenhuma vantagem esthetica. Não o chicanarei sobre a exacta verdade dos seus typos; para mim me basta que concebendo-os taes quaes, elles vivam e eu os sinta viver. Isso realizou o A. superiormente e as duas figuras um pouco idealizadas de Thadeu e Nazario, são das melhores do nosso romance. Falei em idealização. E' verdadeiramente um idealista o Sr. C. N.; mas um idealista que bebeu o leite forte e perigoso do naturalismo francez. Todas as suas creaturas, todos os seus dramas, cobre-os como que um véu, uma nevoa, diafana e brilhante, transparente e azulada, através da qual os vemos agir ou desenvolver-se. Mais frizante é o facto na paizagem. No Sr. C. N. a paizagem é realmente um « estado d'alma». A sua paizagem sobre ser arranjada, como algumas de Chateaubriand, idealizada, animada pela alma do escriptor, é pintada, como as dos paizagistas de certa escola, envolta em leve bruma, que não chega a occultal-a ou siquer a falsifical-a, mas lhe tira a selvageria e bruteza. Por isso mesmo que eu considero o Sr. C. N. um idealizador, sinão um idealista, que vê a natureza através do seu temperamento de poeta creador, lhe não desculpo os toques de escusado realismo ou antes de zolismo, que põe aqui e ali na sua obra. Tenho-o por artista bastante respeitador de si mesmo e da sua arte para lhe suppor intenções de escandalo, parece-me simplesmente que sacrificou ao gosto do tempo, ao desejo de fazer tambem novo. E tanto é assim que neste livro *Miragem* tal senão, commum ás suas primeiras obras, quasi não existe. Não é um livro para meninas de primeira communhão, mas é um livro casto, no alto sentido desta palavra. Da nova corrente mystica, vinda dos russos, allemães e scandinavos, ha influxos nas ultimas producções do Sr. C. N. visiveis em *Miragem*, dando a este romance uma distincção na novellistica nacional onde, si me não engano, é o primeiro em que se sente essa tendencia esthetica. Ella casa-se admiravelmente com o feitio do espirito do Sr. C. N., espirito subjectivo, que vê a paizagem mais com a alma que com os olhos, que se incorpora ás figuras que a sua imaginação crêa.

Direi agora do estylo do Sr. C. N. E' preciso dizer delle, não só pelo seu valor intrinseco como porque o estylo deste escriptor tem contribuido para desencaminhar muito joven literato. Um momento houve em que quasi todos os que mandavam aos jornaes um conto ou uma fantazia macaqueavam-no. Lembro-me que quando fiz parte de um jury literario da *Gazeta de Noticias*, ao qual concorreram 60 e tantos contos (leia bem o leitor: sessenta e tantos contos) dois terços pelo menos procuravam evidentemente imitar Coelho Netto. Uma desgraça. O A. de *Miragem*, penso eu, não se creou originalmente o seu modo de escrever: elle principalmente deriva de Eça de Queiroz, de Ramalho Ortigão, de Fialho de Almeida e, em geral, dos portuguezes do mesmo grupo literario. Sente-se isto ainda hoje, apezar do progresso feito. Lendo-se a primeira parte de *Miragem* a impressão é mais da vida caipesina portugueza que da brazileira. Os modos de dizer são portuguezes, e a copia de palavras peculiares a Portugal que usa denunciam a escola em que se formou o seu estylo: «Eram as chuvas fertilizadoras do estio que rolavam pela veiga abrazada» «os regatos assoberbados etc.» «O morto, homem de labuta, nascido para moirejar» «galuchos» «cabana», «bácoros», «rusticos», «aguilhada» «cabazes», «moutas maninhas» e muitas outras frases e expressões eminentemente portuguezas e não só desusadas como não sabidas no Brazil. Nós dizemos verão, campo, campina, corrego ou agarapé (no Norte) recruta (galucho é da giria portugueza dos quarteis) barraca, rancho, palhoça, de preferencia a cabana; leitão e não bácoro; matutos ou roceiros e não rusticos; ferrão e não aguilhada; cesto e não cabaz, matagal, capoeira, corrado, conforme a especie, e não monta; esteril, ruim, agreste e não maninho. Não censuro o Sr. C. N. por usar de taes expressões todas de bom cunho portuguez e todas excellentes; antes o louvo por isso. Si noto o facto é para comprovar o que disse da formação do seu estylo. Esse estylo não tenho a pretenção de o julgar com uma pennada e definitivamente. Não conheço em critica nada mais difficil do que apreciar um estylo. Requer, com qualidades essenciaes de intelligencia, gosto e penetração que me faltam, uma longa e repetida e acurada leitura de um autor, um estudo minucioso de sua maneira, dos seus processos, da sua linguagem. Esse estudo confesso me falleceu relativamente ao Sr. C. N. Digo apenas a impressão da leitura rapida dos seus livros e de *Miragem* principalmente. A dominante do estylo do Sr. C. N. é a nota epica, embora temperada pelo fundo de lyrismo sentimental que ha no seu genio. Sente-se que elle trabalha por fazer a sua frase poetica, retumbante, sonora. Com as qualidades de personalidade, brilhantismo, colorido e animação que o distinguem, tem para mim dois defeitos graves, de que vejo com prazer o proprio A. parece ter consciencia pois esses defeitos vão diminuindo e, como disse, já menores são neste livro: a falta de sobriedade e de simplicidade. Mais sobrio, mais simples, mais natural, menos manifestamente trabalhado, o estylo do Sr C. N. seria de todo o ponto admiravel. O recurso de um vocabulario raro, em que tanto parece comprazer-se e que o leva a inventar palavras de cunho, necessidade e qualidade contestaveis, ou a desenterral-as dos lexicos, está longe de ser um elemento de perfeição do estylo. Os grandes mestres da arte de escrever, os Flaubert, os Renan, os Maupassant, os Herculanos, os Garretts, escreveram as suas melhores paginas com o vocabulario correntio da lingua: o termo raro, o neologismo ou o archaismo rejuvenescido jamais os tentaram. Entre nós podiamos citar o Sr. Machado de Assis. Não vejo que dêem vigor ou elegancia ás frases em que os póz estes vocabulos empregados em *Miragem* pelo Sr. C. N.: *tatalar, raucisona, tremito*, que repete frequentemente, *fulcites, patas belluinas, silencio aromal, claridade albente, chamarrear, espaço tacito, noite tacita, tudo alvadio e tacito, surribando os eitos, gazillar, lazeres ves-*

peraes, lande, mal formados uns, improprios outros, desnecessarios quasi todos e nenhum verdadeiramente bello e realçador da frase. Sinto carecer absolutamente de autoridade para convencer o Sr. C. N. a renunciar esses recursos de que o seu talento não precisa mais, que antes o prejudicam. Quizera vel-o abandonar de todo essas farandulagens e enveredar de uma vez para sempre pelo caminho da grande arte verdadeira, simples, pura de todos os trucs e recursos de enscenação e arrebiques das literaturas de decadencia. O seu livro *Miragem* não sómente alenta a esperança de ver realizado este desejo; mas é já um começo auspiciosissimo da sua realização. J. V.

47.—**Revista geral dos trabalhos da Commissão Constructora de Bello-Horizonte.** Publicação periodica, descriptiva e estatistica. I. Abril de 1895. Lombaerts & C., Rio de Janeiro. Illustrada com gravuras, plantas e desenho.

Apresenta ao publico a nova Revista o Dr. Aarão Reis, que, quando a recebemos, já havia deixado o lugar de chefe da Commissão de Bello-Horizonte. Nessa explicação faz o Dr. Reis o historico da creação da commissão e expõe a distribuição dos serviços em seis divisões com as subdivisões multiplicadas que justificam o enorme pessoal technico empregado. São dignos de attenção alguns artigos dentre os quaes convém destacar *Bello-Horizonte sob o ponto de vista hygienico* e os que se referem aos trabalhos da 4ª e 5ª divisões e do escriptorio. O engenheiro Gomes Pereira, chefe da 4ª divisão descreve com clareza e simplicidade as operações geodesicas e topographicas, acompanhadas de desenhos dos apparelhos empregados nas primeiras. A 5ª divisão resume os trabalhos realizados e o systema de canalização adoptado para captação das aguas destinadas ao abastecimento da cidade que se chamará *Minas* e virá a ter um supprimento minimo de 300 litros d'agua por habitante, dada a população prevista de 30,000 almas, ficando a futura municipalidade habilitada a manter a quantidade d'agua fornecida a cada habitante ainda no caso de duplicar a população. O 1° engenheiro Dr. Hermillo Alves apresenta um bello projecto para a estação terminal em Bello Horizonte. Endossa tambem o projecto da estação de entroncamento com a Central, denominada Gomes Carneiro. Este, devido ao architecto da commissão Sr. José de Magalhães distingue-se por pretender originalidade quer pela forma do triangulo de reversão em que se acha inscripta, quer pelo aspecto architectonico. A um profissional ouvi perguntar ironicamente si o projecto que tinha á vista era do mausoléu do heroe, que deu o seu nome á estação. As illustrações são reproduzidas de photographias devidas ao gabinete photographico da commissão e são em geral boas. As plantas lithographadas e a impressão das officinas Lombaerts nada deixam a desejar. A reunião, em revista, trimensal ou mesmo semestral, de curtos relatorios explicando minuciosamente trabalhos da importancia dos que se achavam á cargo do Dr. Aarão Reis, é uma innovação excellente que permitte aos profissionaes acompanhal-os *paripassu* com vantagens entre as quaes a discussão e a critica de projectos por vezes funestos aos creditos dos nossos engenheiros. Finalizando esperamos que o habil engenheiro Dr. Francisco Bicalho presentemente á testa da Commissão se compenetre do valor da exposição assim feita em relação aos volumosos relatorios finaes tão admirados mas quasi nunca lidos. — VERISSIMO REBOUÇAS.

48.—**Alma primitiva** por Magalhães de Azeredo, Cunha & Irmão, editores, Rio de Janeiro, 1895, 202 pags.

A feição material deste livro traz uma deploravel confirmação ás queixas outro dia formuladas nesta mesma *Revista* por um bibliophilo contra o aspecto dos nossos livros. Temos aqui uma recolta de contos,

escriptos com carinhoso amor de artista, com elegancia e gosto, entretanto mal arranjada num feiissimo formato e mal impresso em corpo typographico impropriissimo em livro de tal natureza, reduzido ás proporções de um folheto secundario. Quando se convencerão os nossos editores que o livro é tambem um producto industrial e que, como tal, para recommendal-o é preciso dar-lhe uma forma, um aspecto, uma feição agradavel, seductora, attrahente? — Que o aspecto deste não descoroçoe, porém, o leitor e principalmente a leitora. Achará nas suas paginas escriptas com sinceridade a manifestação candida de uma inspiração, que não é talvez bastante rica nem bastante forte, mas commovida, sem maneirismo nem falsa sensibilidade, eloquente, sem rhetorica nem frases. No meio da nossa literatura natural ou artificialmente nevrotica, intencionalmente escandalosa, propositalmente «espanta burguez» — como si nós todos não fossemos uns desinteressantes burguezes — o livro do Sr. M. de A. é uma boa excepção, um repouso consolador. E' um moderno, sem duvida, o escriptor que se estréa nestes contos; um admirador, sente-se lendo-os, de Bourget, um filho do movimento naturalista, mas temperado pelo seu proprio genio feito de simplicidade, de sympathia, de sinceridade. *Alma primitiva*, que é o titulo de um dos contos, o qual denomina o livro, é a applicação, feita com talento, da psychologia do autor do *Cosmopolis* ao nosso meio sertanejo. Elle e a *Escrava*, dão-nos a maneira do A. e os seus defeitos. O seu estylo cuidado, correcto, elegante, embora sem relevo, tem o defeito de ser diffuso. Com seus senões e qualidades esta collecção de contos é certamente esperançosa promessa de um escriptor que possue em alto grau estas duas eminentes qualidades: o amor honesto da sua arte e uma rara sensibilidade de impressões.—J. V.

—Don Martin Garcia Mérou (Perfil literario) por T. A. Araripe Junior. Rio de Janeiro, 1895, 108 pags.

Duplo valor tem este novo livro do Sr. A. J., o de ser uma apreciação bem feita e justa de literato que é della objecto e o de vulgarizar entre nós noticias pouco sabidas do movimento literario nas republicas latino americanas. Pena é que neste particular não seja a obra do Sr. A. J. mais completa e minuciosa. Elle, porém, apenas quiz apresentar-nos um escriptor que é, sem duvida, um dos mais notaveis da sua patria, estudando rapidamente as suas principaes obras e despertando em nós o desejo de travar com ellas mais amplo conhecimento. E isso conseguiu perfeitamente. Para os leitores desta *Revista* o Sr. Garcia Mérou não é um desconhecido. Conhecem-no pelos artigos do nosso collaborador o Sr. visconde de Taunay (1) Feliz homem, o Sr. Mérou, que no Brazil encontrou dous introductores de tal merecimento. Essa apresentação, porém, é mais que merecida tratando-se do A. do *Ensayo sobre Echeverría*, dos *Recuerdos* e das *Confidencias literarias*, do ensaio critico sobre *Juan Bautista Alberdi* e de mais meia duzia de livros em que nos conta com talento e saber os homens e as coisas da sua patria ou nos diz as suas impressões de poeta e de viajante. Juizos, conceitos, apreciações, tudo é em geral excellente neste novo livro do Sr. A. J. Direi mesmo que é um dos seus trabalhos criticos em que elle me parece mais ponderado, em que menos sacrifica a uma tendencia nova de paradoxo e de originalidade de que tanto se resentia o seu aliás notavel *Gregorio de Mattos*. A apreciação que faz do Sr. Garcia Mérou é como convinha, benevola, sympathica, sem porém descambar jamais para o elogio trivial.—J. V.

---

(1) Veja a *Revista* de 11 de Março e 1 de Abril.

50. — **A Imprensa em Minas Geraes** (1807-1894) Ouro Preto, 1894, 72 pags.

O que fez parcialmente Valle Cabral, com a sua intuição de erudito e o seu instincto seguro de bibliographo para esta cidade, Joaquim Serra, com o seu dilettantismo literario para o Maranhão, fez em proporções mais modestas o Sr. J. P. Xavier da Veiga para a sua terra natal. O Sr. X. da V. é um investigador laborioso e intelligente da historia mineira e os leitores da *Revista Brazileira* já tiveram disso prova no seu excellente artigo (Fasciculos 15 de Março e 1 de Abril) *A Revolta de Villa Rica* em 1700, por todos lido com interesse e prazer. Neste folheto nos condensa elle a historia da introducção da imprensa em Minas-Geraes, e de par com noticias e informações curiosas da vida politica e espiritual do seu estado, informa-nos dos jornaes e outras publicações periodicas ali existentes ou que ali existiram. A informação parece sempre exacta e bem apurada, entretanto alguns enganos ou equivocos terão acaso escapado, á corrigenda dos quaes podem ser uteis os reparos de quem puder fazel-os. O nome de um dos redactores do *Apostolo* era Domingos Soares Ferreira Penna, que morreu no Pará não a 9 mas a 6 de Janeiro de 1888. O *Apostolo* era com effeito jornal republicano. Uma nota manuscripta que possúo com o titulo «Periodicos impressos nesta Provincia de que tenho noticia até 1844» nota que pertenceu ao mesmo Ferreira Penna, apresenta em parte algumas differenças da enumeração dos jornaes feita pelo Sr. X. da V. completa-a e confirma-a em outras. O *Compilador Mineiro* vai de 1823 até 1824. No anno de 1825 existiu um *Semanario Official*, de que não fala o Sr. Veiga e ao *Universal* acrescenta « desde Janeiro de 1825 até Janeiro de 1842 » o que não concorda com a informação do Sr. V. O *Astro de Minas*, diz a nota, durou até 1830. De 1829 a 1832 existiu mais, segundo ella, o *Amigo da Verdade*. Alem dos já mencionados traz a nota outros não indicados pelo Sr. X. da V. como o *Argos* 1829, *Echo do Serro* de 1829 a 1832, *Gazeta de Minas* 1831, *O Soldado*, mesma data, *Revisor* 1832, *Reformista*, 1834-35, o *Correio da Assembléa de Minas* 1836 o *Parahybuna* 1839. O *Jornal* da Sociedade promotora da instrucção publica vem ahi como de 1832 «até 1834»; o *Guarda Nacional Mineiro* «até 1842» o *Correio de Minas* de 38 «até 43», o *Compilador* da *Assembléa legislativa* «até 1846», o *Homem Social* em 1832. — J. V.

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida, fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções alguma com respeito a occupações, residencia, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente colliverem satisfactorias na epoca em que se segurar.

Em caso de falecimento um **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja viaso voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

Pharmaceutica GRANADO

VINHO

Reconstituente

Pharmacia GRANADO

PHARMACIA A. GRANADO

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Grande Deposito de Machinas,

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

LIVRARIA LAEMMERT & C.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento Lammert & C.)

Endereço Telegraphico: — TYPOBRASIL

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a novidade das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Themes, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Blattas, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO E RISCAÇÃO — ESTAMPARIA — CAXIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura [illegible] Letras [illegible] Geographicas e Planas Topographicas [illegible]

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Obras, [illegible]

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA — FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

José Verissimo

Scenas da vida amazonica

[illegible] *Bejar, indianos e dramas de Amazonas* (contos e [illegible]). 1 volume [illegible] 500$000

A educação nacional

[illegible] *sobre a educação do Brazil, sob a fórma histórica: A educação moral — As características brazileiras — A educação do coração — A educação physica — A historia patria e a educação nacional — A geographia patria e a educação nacional — Brazil e Estados-Unidos.* 1 volume [illegible] 500$000

Estudos brazileiros

[illegible] *A literatura brazileira — O lyrismo brazileiro — Os idílios amazonicos — A religião dos tupys guaranis — O nacionalismo na literatura — Gustavo Atvez — A poesia popular brazileira, etc.* 1 volume [illegible] 500$000

Estudos brazileiros

[illegible] *O romance naturalista do Brazil — A [illegible] vida literaria — D. Pedro II — José de Alencar — O theatro nacional — Historia de Pedro — Machado de Assis, etc.* 1 volume [illegible]

LAMMERT & C.

Rio de Janeiro — S. Paulo

Casa Philatelica de Alves Bruck

[illegible]

AOS AMADORES DE

SELLOS ESTRANGEIROS RAROS

[illegible]

Selecção de Sellos em Folhas para Escolhedores

[illegible]

A) — Para Colleccionadores internacionaes
B) — Para Colleccionadores authenticos

[illegible]

CONDIÇÕES

§ 1º — [illegible] **A quem [illegible] satisfactorias poderá ver dispensado o deposito ou diminuido.**

§ 2º — [illegible]

§ 3º — As [illegible]

§ 4º — [illegible]

§ 5º — [illegible]

As assignaturas pagam-se na casa editora, rua do Ouvidor 66, na Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93, e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da Revista Brazileira

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

REVISTA BRAZILEIRA

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

Os que precisam annunciar os seus productos e mercadorias encontram hoje nas revistas um dos melhores elementos de publicidade: por isso as revistas estrangeiras trazem todas numerosas paginas de annuncios dos mais variados artefactos.

A REVISTA BRAZILEIRA póde já offerecer aos annunciantes a vantagem de uma circulação não pequena. Já largamente espalhada não só na Capital Federal mas em todo o interior do Brazil, principalmente entre as classes mais cultas, e tambem o alto commercio e a alta industria, é ella um vehiculo de propaganda especialmente recommendavel aos Srs. livreiros, directores de collegio, professores, productores, industriaes, fabricantes e a quantos tenham interesse em chamar a attenção daquellas classes para os seus productos, artefactos, mercadorias, ou necessidades.

Os annuncios para a REVISTA recebem-se na casa dos editores Laemmert & C.—rua do Ouvidor 66.

Condições especiaes conforme o espaço occupado e o numero de publicações.

Companhia Typographica do Brazil, Rua dos Invalidos 93

I ANNO — TOMO IV 21.° FASCICULO — 1 DE NOVEMBRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

		PAG.
I.	**Bodas de sangue** (*conclusão*), de **RODRIGO OCTAVIO**	129
II.	**A sciencia da historia** (*continuação*), por **FAUSTO CARDOSO** .	140
III.	**Incubos e Succubos**, pelo **DR. MARCIO NERY**, do hospicio nacional de alienados	155
IV.	**Os Ciganos**, poesias de **RAYMUNDO CORREIA**	162
V.	**As ilhas oceanicas do Brazil — II. A ilha de Fernando de Noronha**, pelo **DR. H. VON IHERING**, director do Museu Paulista.	164
VI.	**Felisberto Caldeira**, por **MOREIRA DE AZEVEDO**	174
VII.	**Bibliographia**	184
VIII.	**Notas e observações**.	192

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

BODAS DE SANGUE[1]

VII

O hospede acompanhou machinalmente o escravo. Saindo do quarto metteram-se por um longo e soturno corredor que entrava pelo interior da casa; no extremo desse corredor desceram alguns degraus de pedra e cortaram a largura de um terreiro onde gallinhas mariscavam, cacarejando, aos cantos.

Ahi o escravo abriu uma pesada porteira e, mostrando ao fundo de um caminho ensombrado pela ramaria escura de mangueiras seculares, o vulto do fazendeiro, deu as costas ao moço e retomou o caminho da casa.

Atraz de Marcilio a porteira rangeu nos gonzos e bateu com estrondo na cerca. O mercador seguiu pelo caminho escuro, attraido pela vinheta do velho senhor de engenho que se destacava ao fundo sobre a tela da paizagem verde-gaio dos cannaviaes que se estendiam banhados da luz que ainda havia no espaço. Seguia taciturno, vacillante, sem energia, impellido por uma vontade extranha, por uma força sobrenatural que o obrigava a andar para a frente quando seu desejo era fugir, desapparecer.

Ao cabo de algumas passadas chegou Marcilio perto do velho fazendeiro.

O aspecto do sertanejo fez o mercador estacar de subito. Gedeão estava desfigurado. Não era o mesmo homem que tanta calma mostrara até então, que com tão poderosa força de vontade se

[1] Veja a *Revista* de 1 e 15 de Outubro.

contivera, guardando no intimo todo um temporal prestes a desabar sobre tudo como uma tremenda devastação. Tinha a vestimenta em desarranjo, como si viesse de uma luta; o peito arfava, e os cabellos grisalhos pendiam pela testa em desordem, empastellados de um lado, quasi a cobrir-lhe um olho, como um sinistro pacho de linho desfiado, e de outro lado iriçados, semelhando uma juba desgrenhada.

Transpirava de toda a figura um desalinho fantastico de espectro; como que o envolvia uma vermelha aureola, sinistra, côr de sangue.

Entretanto, Gedeão sorria.

O mascate, recebida de face esta primeira impressão, baixou os olhos e não se atreveu a fital-o, mas sentia no seu vulto a causticante impressão de braza, daquelle sorriso infernal.

O velho vendo que o moço se não mexia, chamou por elle e como lhe não attendesse ainda, aproximou-se e tomando-lhe o pulso o foi levando brandamente por um caminho, sulcado dos vincos das rodas de carros de boi, aberto entre massiços esverdeados de plantações de canna.

O mascate sentia no pulso a mão do velho, quente, em elevadissima temperatura de febre, e forte, como si o prendesse uma irresistivel cadeia de algema, e foi seguindo os seus passos, tropeçando nos proprios pés e esperando o instante em que se prostrasse no chão, livido, esvaido, morto.

Ia quasi de rastros. Afinal chegaram os dois a um terreiro que tinha algumas casas longas, de muitos lances, em derredor formando como tres faces de um quadrado. Para uma dessas casas dirigiu-se o velho conduzindo a extranha creatura que o acompanhava tão a contragosto, sem energia de revoltar-se. Ahi chegando, deixou o pulso do moço desgraçado e, tirando do bolso um grande mólho de chaves, com uma dellas abriu uma porta de madeira pintada de verde.

O mascate olhou em torno e quiz fugir.

O velho percebeu a intenção do pobre diabo e lançou-lhe um olhar tão deprezivel que o moço sentiu-se acabrunhado de vergonha.

Com um gesto o fazendeiro fel-o entrar pela porta aberta. Era um grande paiol e que estava cheio, até mais de metade, com milho secco, ainda em espiga. Por dentro, o fazendeiro fechou novamente

a porta, ficando toda a casa numa escuridão completa. Então, o velho, puxando uma corda, abriu no alto da parede as taboas de uma larga janella, inundando parte da sala de luz abundante.

Tudo o que se passou no espirito do mascate desde a entrada do escravo no quarto até a chegada á porta do paiol, não se póde descrever; entretanto, nada foi em relação á angustia destes ultimos momentos, quando elle sentiu, na treva de uma noite horrorosa, o sinistro ranger enferrujado da grossa fechadura.

Nem uma palavra haviam trocado ainda entre si os dois; foi o velho sertanejo quem primeiro quebrou o silencio.

— Escute, disse, e tremia-lhe a voz, escute, moço! Eu era feliz e vivia tranquillo; nada me affligia o corpo nem o espirito. Você, hoje foi como um espinho que se me enfiasse na alma. Você disse que eu era deshonrado. E era verdade... Pai do céu! desgraçado de você si fosse mentira!... Era verdade! sim, era verdade... Eu sou um homem deshonrado, deshonrado... Mas tudo tem remedio, sómente nunca mais ha de sarar a minha dôr, a minha desgraça, o espinho, o espinho, miseravel... A deshonra tem remedio, para tudo ha remedio... Minha deshonra, neste mundo apenas duas pessoas a conhecem, você e o outro. Esse, ah, esse! quer ver...

Tinha uma expressão satanica a physionomia do velho nesse momento. Abaixou-se e levantou do soalho umas taboas que estavam despregadas.

— Quer ver, olha! continuou, esse não contará por certo a historia a mais ninguem... e apontava, com a mão tremula, para o buraco aberto no soalho.

O moço tinha dado um pulo para traz.

Pelo buraco aberto, onde penetrava alguma luz seus olhos tinham visto lá em baixo, num lençol de sangue coalhado, os membros retalhados de uma creatura humana.

Era o escravo, o desgraçado amante da filha do fazendeiro! e fôra elle o causador daquelle crime hediondo... Levou a mão aos olhos para furtar-se áquelle espectaculo horroroso e tremia.

O velho continuou:

— Esse calará a minha deshonra. Fechei já uma bocca, preciso agora fechar a outra, e olhou para o moço.

O mascate já não duvidava um instante da sorte funesta que o aguardava; entretanto, viu com pasmo o fazendeiro despejar

sobre o corpo do escravo um sacco de cal, collocar novamente as taboas nos seus lugares, pregal-a com grossos pregos e depois armando-se de um grande ancinho de madeira, puxar para cima do logar sinistro uma porção de espigas de milho que o cobriram formando um grande monte.

Feita esta operação de cautela, o velho, olhando para o moço de modo extranho, continuou:

— Agora você.

O mascate quiz ajoelhar-se aos pés do senhor de engenho que, num sorriso tremendo, acrescentou;

— Não seja covarde! eu não o quero matar, eu não o posso matar; todo o sangue das suas veias, entretanto, não estancaria a sêde que eu tenho de você! Não, você não morre hoje, porque eu preciso de você para outra cousa... Você hoje mesmo vai casar com minha filha...

O mascate caiu das nuvens. Esbugalhou os olhos, estonteado, para o fazendeiro, deu um grande suspiro de allivio e deixou cair ao longo do corpo os braços, sentindo-se livre, desembaraçado de um peso, de um pavor sobrenatural, o medo do desconhecido.

— Você hoje mesmo casa-se com minha filha; repetiu o fazendeiro, sublinhando a frase...

— Mas eu sou casado, senhor! murmurou animadamente o mascate.

— Pois, tanto melhor... você vai casar segunda vez, vai commetter um crime, que o levará á cadeia logo que seja conhecido de alguem, e assim, estou bem certo, que tambem sua bocca se calará e para sempre, a meu respeito, a respeito de minha filha, a respeito de minha deshonra.

O misero mascate estava aturdido, cambaleando.

O velho, tranquillamente, fechou as taboas das janellas e saíu com o mascate do paiol, theatro ignorado de uma tragedia horrorosa.

Fóra explendia, no auge de uma apotheose de luz e de fogo, um desses extraordinarios momentos das tardes quando o sol, na agonia, se occulta entre rendilhadas contracções fantasticas de nuvens de ouro.

VIII

Era quasi noite quando o moço mascate foi despertado das dolorosas recordações dos transes angustiosos daquelle dia pela entrada subita do velho sertanejo no solitario aposento em que jazia.

— Venha para cá, disse; a noiva o espera... E enfiando o braço no do mercador o foi conduzindo para a sala de visitas que abria por tres portas para a longa varanda da frente da casa.

Marcilio olhou em volta e abriu os labios num deslumbramento subito.

Algumas pessoas graves formavam grupos de palestra nos vãos das janellas e senhoras, meio idosas, abanavam-se mollemente sentadas ao longo das paredes.

O susurro zumbido de conversas quasi cochichadas cessou repentinamente á chegada do velho fazendeiro e do moço desconhecido de todos.

O mascate, com olhos parvos, percorria aquellas figuras extranhas quando deparou, num sofá, uma nuvemzinha branca, immovel.

Era a noiva.

O fazendeiro levou-o de pessoa em pessoa, a quem o misero comprimentava, recebendo, de uns e de outros, felicitações e abraços, mais ou menos expansivos; foi um verdadeiro percurso de via dolorosa, angustiosos momentos de martyrio.

Finalmente, aproximando-se do sofá em que estava sentada a noiva, o velho fel-o sentar-se a seu lado.

O pobre diabo não sabia o que fazer das mãos, o que fazer dos olhos, o que fazer de si. Comprehendia que era alvo de todos aquelles olhares curiosos e desconfiados e sentia-os em cima de sua figura, penetrantes, como a quererem devassar a espessura do mysterio insondavel. Percebia-se o completo mal estar dos circumstantes todos.

Para não olhar para o chão, o moço olhou ao acaso para os lados; encontrou por funesta circumstancia o vulto do fazendeiro.

Estava completamente metamorphoseado. Vestia casaca preta, tinha os cabellos e as barbas cuidados e transpirava da physionomia uma alegria tão franca que contrastava de um modo extraordinario com a compostura desolada dos noivos. Mas tinha uma expressão sinistra aquelle riso, aquella alegria, expressão de que só o moço mercador sabia inteira a significação.

O misero não pôde encarar direito o vulto do velho; mal seus olhos deram com elle, desviaram-se como de um fóco electrico.

Entretanto iam todos naturalmente voltando ás palestras e enchia-se a sala do susurro das conversações segredadas, cerimoniosas; o mascate sentindo-se menos observado, mais á vontade, animou-se a levantar os olhos para a formosissima rapariga que estava a seu lado.

Foi sob uma commoção extrema que olhou a noiva; a principio de soslaio, receioso de ser surprehendido nesse acto quasi criminoso.

Viu-lhe o vulto de branco, dentro da transparencia nebulosa de um veu de gaze os seios tumultuavam, ondulavam numa tempestade de paixões, cuja violencia podia avaliar. Não teve coragem para encarar-lhe o rosto; teve medo do que pudesse decifrar nas linhas daquelle semblante formosissimo e voluptuoso.

E sentia a cabeça pesada, de chumbo; faltavam-lhe forças para erguel-a, para voltal-a de todo para o lado da noiva. Atordoava-o a simples idéa de que estava ao lado della, ao alcance das mãos, ao alcance dos labios; abrazava no calor que saía do seu corpo, nas faiscas que deviam expellir seus olhos, no fogo que lhe devia estar devorando a alma, e tinha febre, ardentissima febre, e sobre isso tudo, um perfume o entontecia, activissimo olor, insinuante e selvagem, cuja origem não conhecia, mas cujos effeitos toxicos sentia, penetrando-lhe o corpo, superexcitando-lhe a sensibilidade doentia, prostrando-o numa somnolencia morbida e visionaria.

Aspirando, aspirando, enchendo-se desse perfume delicioso e mortal, deram seus olhos com o semblante da moça onde os prendeu a indomavel attracção da belleza, e viram elles, sobre a opulenta cabelleira negra, que se enrodilhava num apanhado singelo e descuidado, coroando a cabeça sensual, o symbolo poetico e adoravel da pureza, a grinalda tradicional das flores de laranjeira, sem macula, branquissimas...

E eram flores naturaes, verdadeiras flores de laranja. Dellas vinha esse aroma, esse exquisito, capitoso aroma, que o estava envenenando.

O moço olhava a noiva com ares allucinados e sua alma, num devaneio tetrico, ia de surpresa a surpresa, de assombro a assombro.

Flores de laranjeira... que pesadas não seriam naquella ideal cabeça criminosa, essas pequeninas flores delicadas, cujas petalas levíssimas o vento espalha na galhada verde-escura das arvores...

Como não lhe estariam dilacerando a alma, mais que agudissimos espinhos, aquellas tenras florinhas, cada uma, pequeno cofre de olor, entornando no ambiente esse aroma purissimo, que lhe insinuava, no mais recondito do peito a sua culpa, a sua maxima culpa, aroma que era agora a propria essencia de sua culpa...

Deveria ser horroroso o que se passava nesses momento dentro daquella pobre alma de mulher desgraçada.

O noivo olhava-a, emtanto; não o preoccupava a afflicção da misera companheira de supplicio; a afflicção propria era bastante para enchel-o todo a transbordar.

Contemplava essas flores de laranjeira, que a cada instante lhe pareciam transformar-se nas estrellas, brancas tambem, luminosas ao luar, das funestas flores da latada.

Já não tinha forças agora para afastar os olhos do delicioso semblante da sertaneja que esplendia de belleza, quieta na postura palpitante de uma estatua viva. A colloração da tez se reanimara na febre da angustia, o brilho dos seus olhos de estrella, se retemperara no banho ardente das lagrimas.

E o mercador perguntava a si mesmo, quasi a enlouquecer, si era para recebel-o como esposo que aquella belleza sobrenatural se havia toucado de flores de laranjeira, e si aquella festa era por ventura a festa de suas bodas...

E veiu-lhe uma vaga recordação de outra noiva que já tivera tambem ao seu lado, de outras flores de laranjeira, de outra festa de bodas e subitamente, num arrepio, como um raio, caiu-lhe no baralhamento febril das idéas, a imagem da mulher que, modestamente, a esta hora, deveria, muitas leguas distante, estar acalentando os filhinhos e os fazendo dormir, falando do papai para que sonhassem com elle...

O mascate quiz levantar-se, correr, fugir daquelle lugar maldito, onde estava enlouquecendo, mas, erguendo os olhos, encontrou os do velho senhor de engenho que nelle cravava os seus, rindo ainda do mesmo riso, na mesma infernal alegria de cuja expressão só elle podia comprehender o sentido.

IX

De repente uma agitação extraordinaria se manifestou entre os circumstantes. O mascate desperto por esse reboliço viu entrar de uma porta lateral um menino de batina e sobrepeliz que foi ter ao fazendeiro.

Este dirigindo-se ao sofá e estendendo á filha o braço direito, convidou-a a aceital-o e disse-lhe que os acompanhasse.

Foram por uma porta lateral, a mesma de onde tinha vindo o sacristão, e todos os convivas, formando cauda, por ella tambem sumiram-se.

Dava essa porta para uma sala onde se tinha armado o altar. Ahi esperava os nubentes um sacerdote já paramentado e que logo iniciou a cerimonia dispondo os noivos um ao lado do outro e collocando-se entre os dois.

Correram rapidamente todos os termos da celebração do matrimonio.

O mascate fazia machinalmente o que o padre lhe dizia que fizesse; no estado morbido em que se achava naquella occasião, não comprehendia o alcance daquelle acto. Não agia; os movimentos sentia-os completamente annullados ante a poderosa scintillação magnetica dos olhos do fazendeiro que se tinha postado ao lado de modo que seu vulto fosse sensivel á retina dos nubentes.

Aquelles dois olhos, de estranha scintillação, que o pobre diabo adivinhava, cravados em si, cuja impressão como que sentia caustica sobre o corpo, ardente como um raio de sol coado através de uma lente fortissima, tiravam-lhe toda a energia de sua alma, toda a consciencia dos seus actos.

Apenas uma coisa pôde despertal-o daquelle estado de quasi somnambulismo, fazendo estremecer todo o organismo, e acordando num arrepio, a mais recondita de suas fibras; foi a mão gelada, a mão de morta que elle sentiu pousar sobre a sua mão ardente de febre, quando o velho padre collocou na delle a mão de sua noiva.

O mascate olhou para verificar que estranho corpo frio era esse, tão estranha foi a sensação que se lhe manifestou áquelle contacto.

E aquella pequena mão morena, de cera, morta, sob cuja epiderme fria, não se percebia a palpitação do sangue, aquella pequena mão, sem vida, que elle nesse momento recebia como sua, que desse momento em diante se lhe unia, por um laço indissoluvel, eterno em face dos homens e em face do seu Deus, tinha aos seus olhos a significação symbolica do estado actual da sua alma, transida de assombro, desfallecida e impotente.

Por certo nunca mais, para todo o sempre, deixaria de sentir a impressão indefinivel daquella mão que rapidos momentos pousou, levissimo corpo morto, sobre a palma aberta da sua mão de sertanejo; por certo que por todo o sempre não mais perderiam seus olhos a fórma, transparente quasi, daquella mão tão fragil, tão sem forças, mas em cuja fraqueza elle sentia a alma segura, poderosamente segura, como por indestructivel algema de ferro.

Si lhe fosse dado nesse instante consubstanciar, dar forma ao pobre espirito que lhe animava os membros, que lhe enchia o coração, fazendo-o palpitar num delirio de sensações oppostas, si lhe fosse possivel representar num corpo qualquer o misero estado de sua alma, outro não descobriria a imaginação além dessa pequena mão, aninhada dentro da concavidade dos seus dedos grossos como uma pomba morta.

Comprehendeu que esses rapidos momentos, por inexplicavel phenomeno de reflexão, prolongar-se-iam por toda a duração de sua vida, tão gravada o sentia na sua alma, que se confundia com ella.

Entretanto, terminava a cerimonia.

Vieram os comprimentos, futeis e sem sinceridade, porque todos comprehendiam bem que alguma coisa de extraordinario se tinha passado e cuja decifração, talvez, nunca fosse conhecida e que tocava por certo ás proporções de um mysterio.

Foi nesse momento que o mascate entreviu dentro das palpebras meio cerradas, coado através das longas pestanas recurvadas, o olhar da misera rapariga.

O moço olhou bem dentro daquelles olhos que tanto deviam ter chorado, que tanto deviam ter soffrido, para procurar consolar-se um pouco do soffrimento proprio.

E era tão dolorosa, tão soffredora a expressão desses olhos que elle sentia as faces humidas de lagrimas que vertia.

Subitamente, os olhos que o moço contemplava se transformaram e tal foi a expressão de repugnancia, de odio, que dardejaram sobre o pobre mercador sensivel que uma nuvem de fogo lhe inundou a cabeça, tão quente, que seccou em um momento as lagrimas que lhe rorejavam as faces.

Era que aquelles olhos que nada viam, viram entretanto as lagrimas do mascate. O moço comprehendera o sentido da rapida metamorphose e sentiu-se acabrunhado e mais isolado ainda no meio de sua dor.

Todos os convivas da original festa de bodas sentiam-se a contragosto; era geral o constrangimento que transpirava de todas as physionomias e tanto que mal se tinham sentado novamente em seus lugares os noivos, já os primeiros convidados se despediam.

E logo após esses, os outros todos, quasi simultaneamente, foram se retirando, esvasiando em alguns minutos a grande sala da fazenda.

Logo que saíu o ultimo convidado, a filha do fazendeiro ergueu-se e, como um espectro, como uma sombra, como uma nebulosa, deslisou e desappareceu.

Algum tempo se ouviu ainda no terreiro, em baixo e em volta da fazenda, o tropel de animaes, o rodar de carruagens.

Por fim, fez-se em todo o edificio silencio absoluto.

Era noite completa, noite negra, sem estrellas.

O fazendeiro entrou novamente na sala onde apenas restava o moço, sentado no sofá e, attonito, mergulhado num turbilhonamento desesperado de pensamentos, onde nenhum se accentuava claramente.

O moço esperava; o que, não sabia por certo; mas esperava alguma coisa que acreditava fosse o fim. Anciava por ella, anciava pelo

encerramento daquelle dia, pela conclusão daquellas occurrencias, pela scena final de todo aquelle drama. Era bem tempo de cair o panno.

O fazendeiro aproximou-se e, com o timbre caracteristico de sua voz de féra, como si tivesse sangue quente na bocca, disse:

—Os animaes estão promptos; o pagem nada sabe... Desappareça desta casa emquanto eu não me arrependo de o deixar com vida...

E como um raio atirou-se por uma porta aberta...

RODRIGO OCTAVIO

A SCIENCIA DA HISTORIA[1]

V

Os diversos processos de interpretação historica, reduzem-se, como vimos nos precedentes artigos, a tres intuições geraes: o providencialismo, que deduz a historia do sobrenatural, o racionalismo para quem esta é a obra da razão comprehendida como uma entidade superior á lei da causalidade e do *fieri* universal, e o naturalismo que a comprehende como uma continuação da natureza e a explica pelas leis inherentes a esta. Esta ultima intuição, vimol-o tambem, subdivide-se por sua vez em outras tantas formulas de indagação historica, distinctas entre si no modo de apurar a verdade social; a saber: a psychologia dos povos que explica a historia pelas leis do espirito, comprehendido este, não como a entidade suprema do racionalismo, mas como phenomeno sujeito ao mundo das relações; a historia philosophica, que a interpreta pelas leis physicas e a sociologica, pelas leis da vida. Estas formulas, por mais que procurem se definir em systemas independentes; por mais que se distingam os seus respectivos processos logicos, nada mais são em realidade do que sub-classes do naturalismo historico, formas diversas de um só movimento reaccionario. Têm as mesmas bases e vizam os mesmos alvos: o conhecimento da mecanica historica por meio dos methodos e das descobertas das sciencias naturaes. Em outros termos: a substituição das formulas explicativas, abstractas e obsoletas, lezadas pelo providencialismo e pelo racionalismo, por uma

[1] Veja a *Revista* de 1 de Setembro.

sciencia capaz de verificações e previsões. Como se sairam desta empreza as mencionadas formulas ?

Os historiadores philosophos circumscreveram o campo de suas pesquizas á natureza physica e ao meio moral e formularam uma sciencia, ou melhor uma deducção philosophica, pela metade; os psychologicos limitaram as suas conclusões ao dominio espiritual, pararam no ponto de partida e deram corpo de systema a deducções iniciaes, incompletas e incoherentes... E a sociologia, que fez a sociologia ? Attingiu os alvos que sua dupla origem — o predominio das sciencias naturaes, por um lado, e as extravagancias philosophicas e politicas, por outro, lhe impunham? Realizou as tentativas anteriores, inconsequentes e indecisas, feitas pela sciencia dos Lazarus e dos Buckle ? Fechou o abysmo que a noção dualistica abriu entre a natureza e a historia ? Eliminou as entidades abstractas que o racionalismo creara e a publicistica ainda hoje se apraz em dar como realidades? Creou a histologia historica? Poz em relevo a mecanica social, impoz-se á politica, a herdeira das extravagancias da philosophia da historia, como sciencia do governo e da administração ?

Eis a questão. Si outras provas não houvesse para mostrar que a sociologia não attingiu nenhum dos seus alvos, e não tem valor scientifico, dois factos bastavam para eliminar a duvida e impôr a verdade a tal respeito: a crença geralmente derramada de que é mais facil, através do fluxo e refluxo do humano arbitrio, descobrir-se a direcção do balão do que a direcção da historia, e os milhares e milhares de volumes que os sociologos têm escripto para provar que a sciencia social é uma realidade.

Como si a existencia de uma sciencia fosse coisa que se demonstrasse por meio de argumentos e raciocinios! Uma sciencia verdadeiramente tal não se demonstra; impõe-se levando de vencida as convicções refractarias, esmagando as crenças, destruindo os preconceitos, por força simplesmente da intensidade da sua luz e da acuidade inexoravel de seus principios. Vão lá duvidar da exactidão scientifica da astronomia, e esperem que o astronomo venha perder seu tempo em demonstral-a. Ao grito das crenças partidas e das convicções refractarias, elle responderá continuando a predizer e com que antecipação! os mais reconditos movimentos da mecanica celeste. E assim, pela força irresistivel dos factos, pela certeza de suas

previsões e de suas verificações, a sciencia se impõe. Uma sciencia de que, de um lado se duvida, e do outro se demonstra, é uma sciencia que não existe. Por estas circumstancias já se póde calcular o valor scientifico das formulas sociologicas.

Desçamos, porém, ao exame detalhado de outras circumstancias que os factos, em sua linguagem muda e inilludivel, attestam e veremos que a sciencia dos Comte e dos Spencer não realizou nenhum dos alvos a que a destinaram a sua genese e a sua historia. Para verificar-se, por exemplo, que a doutrina, que Frœbel chamou de *tonteira*, não fechou o abysmo que separa a historia da natureza, de modo a comprehender aquella na explicação mecanica do universo; para verificar-se que ella não eliminou as extravagancias e as entidades abstractas da politica; que não poz em relevo o mecanismo da historia, não se tornou uma theoria capaz de verificações e previsões certas e exactas; não se impoz ao espirito humano como sciencia do governo e da administração, basta considerar que os acontecimentos attribuidos pela sociologia a leis naturaes, continuam a ser filiadas, sem contestação, ao arbitrio e á vontade dos individuos, das classes, dos partidos e dos governos.

Quem não attribue a grandeza da Russia contemporanea ao espirito creador de Pedro, o Grande? Quem já definiu a revolução franceza como um facto de pura mecanica social, sem ver nos elementos que se agitaram nesse momento historico seres livres e responsaveis, mas forças identicas ás physicas? Não é a republica no Brazil, para uns, um capricho militar que tomou corpo e venceu; para outros, a vindicta de uma classe que aniquilou o throno para punil-o pelo crime de lhe ter roubado o escravo; para outros, finalmente, não é a idéa de uma propaganda livre e bem encaminhada, que através de gerações diversas, tornou-se realidade e fundiu-se no systema de nossa vida politica?

Não ha a menor duvida! E isto não é fazer entrar a razão na producção dos factos? Incontestavelmente. A idéa sociologica de que a humanidade é um elemento natural, que em seu curso obedece, como a natureza physica e organica á uma marcha regular, e não penetrou nem mesmo a primeira camada, a nata das convicções humanas é uma sentença que oscilla, indefinida e sem fórma, uma verdade que ainda procura definir-se no espirito e tomar corpo na sciencia. A mecanica da historia póde ser um facto inquestionavel no

dominio objectivo; no dominio logico, porém, no mundo dos principios, é uma simples aspiração. E a prova é que a velha idéa de ser a historia uma obra do homem, domina ainda todas as culminancias do espirito scientifico.

A propria philosophia moderna, — esta philosophia crente e convencida, do principio supremo de causalidade universal, ainda hoje affirma pelo orgão de um Gervinus que a historia, apezar de em seu conjunto obedecer a uma marcha regular, uniforme e fatal, tem um vasto campo, em que o homem exerce livremente as aptidões de que é dotado. Si nos espiritos, que vêem as coisas pela luz propria, como é Gervinus, ainda transparece por tal fórma, a sombra do racionalismo, impedindo a circulação livre e desembaraçada do pensamento sociologico que préga a mecanica da historia — que se dará com os espiritos que formam as duas outras categorias da classificação de Machiavel: —os que só vêem as coisas pela luz alheia e os que, para vel-as, precisam que estas sejam reduzidas a symbolos? Não discutamos. A pretenção da sociologia de ter formulado a mecanica social, é, fóra do circulo dos seus crentes, uma moeda que não circula; uma simples conjectura, um desejo que já se vai dando como realidade. Outra prova está no facto da politica e da sociologia, duas theorias que devendo repousar nas mesmas bases e ter o mesmo escopo — a ordem social e o bem publico — viverem completamente divorciadas. A politica continúa a nutrir-se de principios, de methodos e alvos abstractos e inaccessiveis aos processos de observação do espirito humano; a ter por base a intuição dualistica do universo; por objecto o estado considerado como uma livre creação do homem, em coexistencia com as outras entidades abstractas que o racionalismo creou, — e vive, no remanso das indagações metaphysicas, fóra da influencia renovadora do espirito naturalistico do seculo, que tudo transformou, — arte, literaturas, philosophia, religião, todas as disciplinas, todas as creações humanas, em summa.

De facto; só a sciencia que faz o objecto das meditações dos Frœbel, dos Gneiste, dos Sallisbury e dos Crispi, não recebeu este poderoso influxo; immobilizou-se em conjectura distante e em discorrelação com os factos, como um raio de luz que destacado de seu centro, permanecesse isolado, visivel, mas inexplicavel, no meio de uma natureza, cuja vida e cujo influxo continuo a todo o momento

o contradissesse. E a sociologia, que nascera para eliminar a abertura por onde havia crescido a noção dualistica da natureza e a da historia; que se dizia o vehiculo da renovação naturalistica que tinha de transformar os methodos, as affirmações e os alvos da politica; que devia inclinar para a terra a aza que esta trazia voltada para o céu; que devia prender o raio destacado e perdido, não mais ao primitivo centro o providencialismo — mas á realidade, á natureza, á terra para que esta, que tudo faz renascer, fizesse rebrilhar tambem a sua desmaiada luz; que devia, em summa, unir na theoria o estado e a sociedade, tal como elles estão unidos, na realidade, — a sociologia, repito, que veiu para tudo isto, tomou outra direcção, encarou a vida social como uma simples projecção da organica, constituiu-se em theoria distincta e opposta, deixando de parte, sem o tonico restaurador do naturalismo, a velha e gasta theoria do estado.

Mas, nesta nova direcção que alvos realizou a sociologia? Conseguiu formular a histologia historica, que a theoria psychologica no dizer de Flint tentou crear ? Vejamos. Si a sciencia da estructura da composição chimica e das propriedades dos tecidos vivos, podesse, por analogia, estender-se á historia, o seu objecto seria certamente definir e classificar os sub-organismos, os elementos que compõem o corpo politico. Quaes são estes elementos ?

As idéas — respondia outr'ora a theoria psychologica, e naufragou; os individuos—responde hoje a sociologia e naufragará, por certo. Não se póde comprehender como a sociologia, aceitando de um modo absoluto a idéa do corpo social, como um verdadeiro organismo, fosse descobrir no individuo o elemento minimo, a unidade, a cellula desse mesmo organismo. Não pensaram certamente os sociologos que a esta sentença se oppunha uma verdade axiomatica, commum, banal; a saber: que a unidade sommatica é e não póde deixar de ser qualitativamente igual ás parcellas que entram na somma, o que nas sommas só a quantidade varia, e que a qualidade permanece sempre a mesma; não se altera. Por este principio, uma sociedade, considerada como unidade sommatica, não póde ser sinão a somma de parcellas qualitativamente iguaes ao todo. Ora, o individuo, onde aliás a sociologia póde descobrir e descobre a mais perfeita analogia com a sociedade, nem de longe póde dizer que aquelle seja igual á esta. O individuo é corpo e razão. A sociedade territorio e governo. Como, pois, isto póde ser

a somma daquillo? O individuo, é uma sociedade organica, um estado cellular organizado no dizer de Haeckel; mas esta sociedade organica, este estado organizado é uma somma de organismos elementares inferiores, que são fundamentalmente iguaes ao todo, pois as cellulas tanto como as sommas organicas superiores em que ellas se resolvem, têm um corpo e uma alma. Ahi parcella e somma, sociedade e individuo são organismos, e são considerados taes, não por analogia, mas pela igualdade das condições fundamentaes da vida. Um e outro caracterizam-se pelas mesmas funcções basicas: locomoção, nutrição e irritabilidade psychica. Com a sociedade, porém, e o individuo, sua supposta cellula, não se dá o mesmo facto. A sociedade não é qualitativamente igual ao individuo.

Este é a razão, aquella a autoridade — phenomenos estes que podem ser analogos, mas não iguaes.

A sociedade, portanto, no conceito sociologico, não é um somma de parcellas iguaes á unidade sommatica, mas uma somma de elementos analogos... Uma coisa incomprehensivel, porque a falta de igualdade das parcellas torna impossivel esta somma organica, que no conceito fundamental da sociologia a sociedade representa.

Para deitar por terra, pois, o conceito biologico, em que a sociologia faz repousar a sociedade, nada mais é preciso do que a desigualdade absoluta entre a parcella e a somma, entre a supposta cellula—individuo— e supposto organismo — a sociedade. Considerada como um conjunto de seres humanos, a sociedade não passaria de uma quantidade que poderia augmentar e diminuir por processos arithmeticos, mas nunca crescer, modificar-se e transformar-se pelos processos vitaes. Será organicamente a mesma, quer se tratasse da do homem da pedra lascada, quer da do vapor e do telegrapho. E que a quantidade não se transforma, só tem valor numerico, é o objecto da estatistica; não existe para as leis do *fieri* e do desenvolvimento continuo. Mas, a sociedade não é isto: é um phenomeno que se desdobra, organica e harmonicamente; que se transforma, philetica e ontogenicamente.

Das patriarchias barbaras, saem as nações modernas; da Inglaterra de Guilherme da Normandia, a Inglaterra da rainha Victoria. Si assim é, si a sociedade é um phenomeno subordinado ao *fieri*

universal, não é, não póde ser um agrupamento arithmetico de seres humanos.

A unidade, a força, a energia sommatica que ella representa não póde por consequencia repousar sinão em elementos, cuja energia seja da mesma natureza que a do todo. E este elemento não póde ser outro sinão a familia, que é o elemento que, como o corpo politico, repousa na propriedade, no governo e na obediencia. A familia é a sociedade, em pequeno.

Desprezando este ponto de vista, que A. Comte, com uma visão superior ao seu tempo, tomara para formular a sua admiravel theoria sobre a familia, a unica coisa talvez que de todo o trabalho do grande philosopho francez ficará para immortalizal-o, quando o tempo despojar a sua obra das illusões e allucinações que a formam e reduzil-a ao minimo de verdade que ella contém, os sociologos modernos puzeram-se completamente fóra da possibilidade de crear a historia historica, ou melhor, de continuar a obra iniciada por Comte, o Schwann da sociologia. De facto, como chegar ao conhecimento dos varios tecidos do corpo social, si a base do tecido é a cellula, e a cellula que Spencer e seus consimiles dão ao organismo social é falsa? Impossivel. Para achar-se o caminho é preciso voltar a Comte. Mas, por seu turno, este philosopho não deixou completa a theoria, que Flint denominou «histologia da historia». Completa ficaria ella si da familia, como cellula do organismo social, elle passasse a estudar, com a mesma precisão, os tecidos e os orgãos superiores em que se transformam estas cellulas; a saber: castas, classes e partidos. Faltava, porém, ao seu tempo a luz que mais tarde arrastou Spencer ao exagero biologico de sua doutrina.

De fórma que o philosopho francez não poude conseguir precisar o modo por que as familias patriarchaes, isoladas e independentes, da phase prehistorica, se resolveram nas castas que formaram os corpos politicos dos grandes imperios barbaros, hoje sobreviventes no mundo oriental; como das castas saiu a familia romana; da familia romana, as classes européas, e d'ahi os partidos politicos, que tudo indica ser o tecido caracteristico e fundamental das sociedades americanas. Eis o que não nos disse Comte, e não dizel-o é não ter feito a histologia social, a qual pela natureza de suas pesquizas, precisa, para ser completa, não só

definir, denominar e classificar os elementos do corpo social, como tambem pôr em evidencia o modo porque elles se formam, philogenetica e ontogeneticamente. Si nem a histologia social, conseguiu a sociologia realizar; qual é então o seu valor scientifico? O que exprime ella na ordem dos conhecimentos humanos?

A noção fundamental da sociologia, o principio que constitue, por assim dizer, a espinha dorsal de sua theoria, é a analogia absoluta entre a natureza e a historia, entre a vida organica e a social, entre os organismos e as sociedades. « A interpretação racional das acções sociaes, diz Spencer, suppõe o conhecimento das leis da vida. Em primeiro lugar porque todas as acções sociaes são determinadas pelas acções dos individuos e todas as acções dos individuos reguladas pelas leis geraes da vida; em segundo, porque a sociedade em seu conjunto, considerada a parte das unidades vivas que a compõem, apresenta phenomenos de crescimento, de estructura e de funcções analogas aos phenomenos de crescimento, de estructura e de funcção que apresenta o individuo ». Eis ahi o principio fundamental precipuo da sociologia.

Quem poderá contestar que a unica base scientifica da sociologia é a da analogia organica, e que o seu escopo é explicar a ordem social pelas leis da vida?

Examinai Schaeffle, Espinas, Cazelles, Ferri, Sergi, a onda enorme dos progonos e epigonos de todos os tamanhos e grandeza, e, por toda parte, vereis a idéa de dar-se a sociedade como verdadeiros organismos dotados de crescimento, de estructura, de funcção, de orgãos de defesa, de distribuição, de regularização, e de explicar-se unicamente pelas leis da vida o desenvolvimento e a successão dos grandes e pequenos *organismos* dominando toda a doutrina.

Ultimamente, então, não se fala do movimento de applicação dos methodos e das descobertas biologicas aos estudos sociaes que tomou tal extensão e tal intensidade que a sociologia, supposta sciencia da sociedade, se reduziu a um capitulo da sciencia da vida.

Evidentemente, não se póde confundir a ordem social e a organica. São dominios diversos. Um é constituido pela natureza viva em suas diversas manifestações, e abrange todas as modalidades do organismo e do espirito, o outro é constituido pela cultura e pela civilização, abrange todas as modalidades da sociedade e do estado. O universo é, não ha duvida, uma unidade, mas uma

unidade que em seu desdobramento, assume aspectos differentes. E estas differenças, sem embargo de serem, clara e positivamente, de grau, se apresentam de tal fórma, que se diria de natureza, e, assim é preciso aceital-as, sem que isto importe em dualismo. Em dualismo importa, sim, dar-se á cada um dos aspectos — o physico, o biologico e o social — uma origem distincta e diversa; mas pretender fazer monismo incluindo o mundo social no organico, é eliminar as phases da evolução e reduzir uma sciencia superior a capitulo de uma inferior. Tanto valeria reduzir a biologia num capitulo da chimica e a chimica á um capitulo da physica. Mas seria isto fazer sciencia?

Não. Fazer sciencia é aceitar o universo tal como elle se apresenta á observação, dividido em grupos de phenomenos diversos e distinctos; analysar e explicar estes grupos, descrevendo as suas fórmas e formulando as suas leis. E a pesquiza, qualquer que seja a intuição que a oriente neste sentido teleologico ou mecanico, que se apresentar sem estas normas, pretendendo reduzir o universo a uma só fórma, a uma só comprehensão, póderá ser tudo no dominio philosophico; no scientifico, porém, não terá valor. E tal é a sociologia actual. Confundindo a sociedade com o organismo e explicando pelas leis da vida, a ordem social, ella não passa de um pedaço de philosophia biologica applicada, de uma interpretação mais ou menos systematizada dos phenomenos historicos, feita á luz da sciencia da vida; é a biologia do mundo social.

Um absurdo! Mas absurdo que se comprehende e se explica.

A cultura intellectual faz-se por phases successivas. Estas phases, sem pretender dispol-as em serie linear, e sem ir além das que já se definiram no curso da civilização, podem ser assim dispostas: phase poetica, mathematica, biologica. Ao attingir qualquer destas phases culturaes, o maximo de seu desenvolvimento, o espirito philosophico da época, procura pela generalização dos principios já formulados e conhecidos formular theorias para explicar o dominio das phases superiores, — ainda não realizadas e, portanto, desconhecidas.

Assim é que, durante e após a cultura poetica, nascem e se aperfeiçoam os systemas poeticos que explicam o universo, então inteiramente desconhecido, pela intervenção do sobrenatural. O espiritualismo e a theologia são as principaes fórmas sobreviventes, os

reduces da philosophia desta phase cultural, que produziu as grandes revelações e os grandes reveladores.

E' a época dos Moysés, dos Buddhas, dos Brahmas, dos Mahomets e dos Jesus. A vida é, então, considerada como um sopro divino e a historia como um facto presidido por um designio providencial. A' esta phase, succede a phase que denominei mathematica.

Innumeras philosophias surgem então procurando explicar o universo pelo numero. A vida e a sociedade interpretam-se pela energia unificante e pela sêde de harmonia das quantidades, que são consideradas, e as forças mesmas do *Cosmos*. Pythagoras foi o centro, a grande alma desse movimento, que absorveu grandes espiritos, constituiu escola e ainda hoje conta representantes da estatura de Caporali.

Apparece, emfim, a cultura biologica. O espirito scientifico volta-se para o dominio da vida. Observa-o, descreve-o, analysa-o, explica-o. A grande massa dos phenomenos organicos resolve-se numa idéa unica: a hereditariedade. A theoria da descendencia floresce clara, logica, indiscutivel, resumindo vastissima esphera da vida numa só formula. A biologia torna-se uma sciencia. E a luz que ella desde muito começara a projectar sobre o mundo social tornou-se de uma intensidade deslumbrante. A ligeira visão da analogia entre o mundo organico e o social, que á similhança do individuo deu com Lazarus uma alma aos povos, exagera-se e toma corpo na idéa que faz da sociedade um organismo vivo e perfeito. A hereditariedade, o principio basilar da evolução social e dos methodos naturaes, é o unico processo logico capaz de apurar a verdade historica. Então como em um grande lago vão se encontrar as pequenas correntes, todas as tentativas, incoherentes e incompletas, de interpretação naturalistica dos phenomenos historicos, feitas pelos historiadores philosophicos e pelos psychologistas dos povos, vem encontrar-se na sociologia moderna. O meio e a raça, conceitos outr'ora separados e insommaveis, reunem-se no luminoso fóco com que Spencer fez resaltar a analogia absoluta entre os organismos vivos e as sociedades. Uma infinidade de philosophos de todos os tamanhos e grandezas surge então de todos os lados, explicando a sociedade pelas leis da vida. E' a epoca dos Comte, dos Spencer, e do infinito cortejo de seus plagiarios. Este modo de philosophar inherente a certas épocas

e que constitue o traço caracteristico da philosophia da hora, prende-se a duas causas principaes: a unidade do universo que, por isso mesmo, favorece a applicação no todo dos principios formulados em um dos seus dominios, e a tendencia inherente ao homem do generalizar os conhecimentos que a experiencia da especie e a sua propria vão lentamente accumulando e revelando ao seu espirito. Naturalmente, amanhan, á cultura biologica caracteristica da actualidade, succederá uma outra que, á julgar pela tendencia e pela direcção do espirito moderno, terá directamente por objecto o mundo social. Certo é que esta tendencia ainda não se traduz por tentativas de generalização das leis sociaes no intuito de explicar o que por cima da historia nos resta conhecer. A mecanica da historia não conhecida ainda como a da natureza, não póde como a desta ser generalizada. Isto, porém, ha de acontecer, e a generalização se fará necessaria e fatalmente. E tal tendencia já se sente na idéa precoce que Comte transmittiu aos seus descendentes theoricos, de substituir-se o estudo da philosophia pelo da sociologia.

Mas, o criterio humano ha de comprehender por certo que a sciencia da historia, qualquer que seja a denominação que lhe dêem — historia philosophica, sociologia ou cosmogenia não poderá ter outro objecto sinão as leis proprias do numero social, e não se confundirá jamais com a philosophia, que tem por objecto as leis geraes do universo. Mas, vamos adiante. A' cultura biologica, uma outra certamente substituirá; e tudo indica a crer que esta será a social.

A' esta, uma outra virá por sua vez tomar o lugar, e, assim, de phase em phase, a cultura do espirito humano irá se operando e subindo gradualmente na esphera evolutiva dos conhecimentos das coisas. Por força desta marcha vão tambem as sciencias se succedendo umas ás outras, e formando uma só cadeia logica. E por isto é que toda sciencia, antes de se constituir em doutrina exacta e independente, é uma simples generalização dos principios da sciencia immediatamente inferior. A biologia foi uma generalização da chimica e a chimica uma generalização da physica. Em outros termos, a sciencia, antes de ser o fructo de uma inducção, é o de uma deducção. Como deducção, ella não passa, si assim posso me exprimir, de uma simples irradiação da doutrina que a precede na escala evolutiva dos conhecimentos humanos, como inducção,

fixa-se, por força da concentração logica dos factos, que constituem o seu campo de pesquizas, em principios e regras, numa theoria certa e precisa. No primeiro caso, ella é um desdobramento philosophico dos principios já formulados anteriormente; no segundo, um corpo de doutrina independente e exacto.

D'ahi ainda toda sciencia se constituir pelo emprego successivo dos dois processos logicos que formam por assim dizer as molêtas de espirito humano: a deducção e a inducção. De facto, antes de extrair por inducção dos factos que constituem o objecto de suas indagações as leis que os regem e definil-as num corpo independente de doutrina, o espirito scientifico, procura explicar estes factos deduzindo esta explicação das sciencias feitas e acabadas.

Foi assim que a biologia se deduziu da chimica, a chimica da physica, e, que agora, a sociologia está se deduzindo da biologia. Os que affirmam que em cada sciencia superior ha um minimo da sciencia que a precede na escala logica, e que as sciencias superiores formam-se do residuo das inferiores, dizem, no fundo, uma verdade. Ha realmente um minimo da physica na chimica, um minimo da chimica na biologia, um minimo da biologia na sociologia. Ha porque as sciencias em seu processo evolutivo se desdobram umas nas outras e se prendem geneticamente, e este laço genetico, qualquer que elle seja, reduz-se a um phenomeno logico, a um principio que é a materia prima do tecido das sciencias.

Qual, eis a questão, o principio por meio do qual uma sciencia origina deductivamente outra? Bem discriminado o fundo das coisas, verifica-se que tal é o principio que constitue a noção fundamental, a idéa precipua, o conceito capital da sciencia immediatamente inferior. Tal é a hereditariedade, relativamente á biologia e á sociologia.

E' um facto incontestavel que todas as sciencias que têm por objecto a vida giram em torno desta noção, e que, antes della ser formulada em toda a sua integridade e extensão, a biologia não passava de um registro empirico de factos e fórmas isoladas, interpretadas por meio de theorias extranhas e abstractas.

Para fechar este longo periodo, que se estende de Anaxagoras á Lamark, foi mister que Darwin e Haeckel, successivamente, resolvessem por inducção, os factos e as fórmas biologicas, na idéa unica do principio de herança. Constituida a biologia em

sciencia com a acquisição deste principio, a theoria historica, que anteriormente se deduzia do sobrenatural, com o providencialismo, da razão, com o racionalismo, e, mais tarde, das leis physicas, com os historiadores philosophos, começou a deduzir-se, com a sociologia, do principio biologico da herança.

Quem contesta que a hereditariedade é o principio donde a sociologia deduz a regularidade dos phenomenos sociaes, o principio de onde ella extrai o caracter scientifico de suas deducções? Não é este principio que fórma, por assim dizer, a espinha dorsal, a trama de toda a sua doutrina? Não ha duvida. A sociologia repousa sobre a noção da sociedade como organismo, e a idéa do organismo repousa em cheio sobre a hereditariedade. Póde-se, sem receio de erro, affirmar que a cultura biologica chegou ao seu apogeu com a acquisição deste principio, e a cultura historica iniciou-se tendo-o por base. Ponto de chegada de uma, tornou-se ponto de partida da outra.

De tudo quanto dissemos, ha uma conclusão a tirar: é que a historia da sciencia obedece a uma marcha certa e fatal. A historia não podia fazer excepção á lei que rege a marcha. Havia necessariamente de ser uma deducção da biologia antes de ser uma sciencia independente.

A sociologia é esta deducção.

Os factos, porém, attestam que uma vez deduzidas das outras as sciencias procuram no grupo de phenomenos que constituem o objecto de suas indagações o conhecimento inductivo das leis que regem estes phenomenos e acabam por se definir num corpo independente de doutrina. Foi o que aconteceu á physica, á chimica, á biologia, e é o que ha de acontecer necessariamente á historia. A cultura, apenas iniciada, das sciencias sociaes ha de completar-se. Então, não será mais preciso appellar para o mecanismo conhecido do organismo, afim de explicar a mecanica desconhecida da sociedade. O mecanismo social relevado, a historia se explicará por suas proprias leis, e a analogia entre os dois grandes grupos de phenomenos — o organico e o social — deixará de ser tomado em absoluto, como o é hoje, para ser tomado em seu justo valor e verdadeiro sentido. As collectividades humanas não serão mais consideradas, pelo seu crescimento, sua estructura e suas funcções, organismos, mas corpos politicos, constituidos por laços communs de

cultura. Mas este momento ainda não chegou. Ou porque um grande acontecimento não veiu ainda lançar a duvida sobre a exactidão de fórmulas sociologicas e inclinar a aza do espirito indagador para a inducção, que é o caminho unico que conduz á sciencia, ou porque os factos accumulados e as observações feitas no dominio empirico, ainda não são bastantes, para dar lugar ás vastas generalizações, que formam a sciencia, — o que é certo é que os sociologos ainda não tentaram, á luz dos grandes methodos, de que se acha de posse o espirito moderno, a concentração logica dos factos historicos em suas leis. Estabeleceram analogias e tiraram conclusões, immobilizaram-se na comprehensão da sociedade como um organismo e reduziram-se ao estreito papel de biologos da historia. Terminemos.

O problema scientifico da historia está, quer sob o ponto de vista descriptivo, quer sob o idealista, quer sob o da historia philosophica, da psychologia, ou da sociologia, sem solução.

A historia não é ainda uma sciencia, nem offerece material para, sob outra denominação, constituir-se tal. Nas mãos dos narrativistas ella não passa de um monstruoso registro de factos com puro caracter empirico, um arido montão de pedras, com apparencias de edificio; nas dos philosophos da historia, é um castello aereo, um problema que devendo procurar sua solução nos factos, foi arrastado para o numero dos enigmas indecifraveis da religião e da metaphysica; nas dos historiadores philosophos, uma deducção dos principios physicos, uma sciencia feita pela metade, um edificio de soberba fachada e fundos de funil; nas dos psychologistas dos povos, uma theoria de transição fixada em systema, o élo que surgiu para prender o racionalismo que denominava soberana e exclusivamente, ao naturalismo que despontava, isolado da cadeia e comprehendido como entidade logica, independente e exacta; nas dos sociologos, é uma pura deducção biologica, o reflexo de uma sciencia feita illuminando o caminho de uma sciencia a fazer-se.

A sciencia da historia, portanto, em nenhuma destas hypotheses, repousa sobre a larga base da experiencia e das observações, não resulta da concentração logica dos factos em principios. E' o registro das narrações e das descripções empiricas dos acontecimentos dos homens e das sociedades, que as diversas philosophias da hora interpretam e explicam, aqui, pela intervenção de uma providencia que

preside a marcha e a mudança de todas as coisas; ali, por uma razão consciente, livre e superior, que toma corpo nas instituições e nas leis ; acolá, pelas leis que regem o espirito; além, pela influencia das forças physicas, e, hoje, pelas leis da vida. Não é uma sciencia, é um montão de factos, coberto por uma rêde de conjecturas. Por isto, bem razão teve o nosso illustre critico Sylvio Roméro quando escreveu estas palavras: «Por mais firmes que pareçam os achados de Draper, Bageot, Buckle, Lazarus, Marcelli; por mais inteirados que se mostrem dos methodos de Syell, Wundt, Wirchow, a historia, em suas mãos, não é ainda uma sciencia capaz de verificações certas e indubitaveis.»

Virá, porém, a sel-o?

Eis o problema que vamos tentar resolver.

FAUSTO CARDOSO

(Continúa)

INCUBOS E SUCCUBOS

As innumeraveis epidemias que flagelaram a humanidade no seculo XIV até o seculo XVIII e que foram conhecidas pela pitoresca denominação de demonopathia, deram lugar a que os espiritos mais esclarecidos daquelles tempos puzessem ao serviço da verdadeira interpretação daquelles phenomenos insolitos todas as suas forças e todos os seus recursos. Levados, no emtanto, pela onda de idéas dominantes, não faziam mais do que architectar engenhosamente argumentos para consolidar a maneira de ver do commum dos homens.

Tratada conjuntamente por medicos e principalmente pelos padres, que eram então os depositarios do saber, a demonopathia tomou este caracter mystico da possessão por um ente espiritual, para deixar de ser uma molestia como outra qualquer na qual se demonstrassem alterações pathologicas ou desordens funccionaes. E esta maneira de conhecel-a era tão de natureza a exaltar e superexcitar os sentidos, sobretudo dos predispostos, que a epidemia tomava sempre maior incremento todas as vezes que se tornava objecto de discussão.

Transviada para o terreno da religião, adivinha-se já as graves consequencias que resultaram para os infelizes que tinham a desgraça de se tornarem possessos do demonio. Os juizes eram severos e a inquisição implacavel!

Mas manifestando-se a possessão sob aspectos diversos, erguia-se uma grave questão de theologia que seria melhor chamar de

demonologia, para saber se seriam presa do demonio todos igualmente; e, no caso contrario, si se devia applicar a mesma pena a delictos dissimilhantes.

Em primeira linha discutia-se si os incubos e os succubos eram do mesma natureza do demonio ou si, ao contrario, formavam uma classe a parte—de seres racionaes, que participassem da natureza do homem e da essencia dos espiritos.

Ora, esta questão é interessante, e vale a pena indagar, á luz da metaphysica, si ha identidade entre estes entes, ou si na natureza ha ainda logar para uma nova categoria de seres vivos e racionaes.

Nesta investigação não poderemos dar um passo adiante sem primeiro conhecermos as propriedades de uns e outros seres. Comecemos, portanto, para obrarmos com ordem neste estudo, a analysar a natureza do demonio. Embora Platão, conforme refere Apuleo (*Demonio de Socrates*) e Plutarco (*d'Isis e d'Osiris*) defina assim os demonios: — seres do genero animal, almas passivas, intelligencias racionaes, corpos aereos, eternos quanto á duração, convem não esquecer que S. Thomaz ensina que não ha demonios que tenham as mesmas propriedades e se assemelhem inteiramente. Os ha que são espiritos puros, outros que se revestem de uma certa corporieidade, tanto que a primeira vista, quando não se conhecem estas gradações da natureza dos anjos, afigura-se-nos que ha contradicção entre dois artigos de fé estabelecidos, um pelo concilio de Latrão, no qual se proclama a incorporieidade dos anjos e outros por dois concilios ecumenicos no qual João de Thessalonica escreveu e sustentou que «a respeito dos Anjos e dos Archanjos e de suas potencias, aos quaes ajuntarei nossas proprias Almas, o parecer real da Igreja Catholica, é que são intelligencias, mas não inteiramente desprovidos de corpo e insensiveis como os Gentios pretendiam; ella lhes reconhece ao contrario um corpo subtil, da natureza do ar ou do fogo, segundo o que está escripto: Elle faz dos espiritos seus Anjos, e do fogo ardente seu Ministro.»

E ainda: «Bem que não sejam corporeos á nossa maneira, isto é, compostos de quatro elementos, é não obstante impossivel dizer que os Anjos, os Demonios e Almas são incorporeos; porquanto têm apparecido muitas vezes, revestidos de seu proprio

corpo, áquelles aos quaes o Senhor dignou abrir os olhos. Quando Tharasius, Patriarcha de Constantinopla, submetteu as opiniões do padre João á approvação do Santo Synodo, assim se exprimiu: « A demonstração do padre conclue que os Anjos devem ser representados em pintura, porque sua fórma é circumscripta e elles têm sido visto sob a fórma humana. » Ao que o Synodo, *una voce*, respondeu: « Sim, Monsenhor. »

Si bem que o Padre João de Thessalonica se sirva da expressão de Anjos, convem não esquecer que elle comprehende tambem os Demonios nesta definição, desde que se sabe que em san theologia—Anjo significa uma funcção,como ensinou Santo Agostinho e outros respeitaveis doutores da Igreja, ao passo que Demonio, que quer dizer *cheio de sabedoria*, é a expressão de que se servem os antigos philosophos para designar esses espiritos creados por Deus no começo do Mundo. A divergencia que surgia entre alguns delles e o seu Creador foi causa da divisão dos Demonios em duas categorias:—a dos Endemonios ou Anjos bons e a dos Cacodemonios ou Anjos maus ou melhor Diabos.

Estes entes procuram por todos os meios relações sexuaes com homens e mulheres, e, coisa singular, marcam com um signal especial aquelles que se tornaram objecto de sua concupiscencia. Em relação aos feiticeiros e feiticeiras, está bem averiguado que elles têm pacto com o Demonio, no qual encontram-se ordinariamente obrigações reciprocas. A saber:—1.º E' preciso alistar-se no serviço do Demonio.— 2.º Abjurar a fé catholica, subtrahindo-se á obediencia de Deus, renunciando a Christo, e á protecção da Bemaventurada Virgem Maria e aos Sacramentos da Igreja.— 3.º Calcar aos pés e arremessar fóra tudo o que fôr santo ou bento.— 4.º Jurar obedecer só ao Diabo.—5.º Empenhar todos os seus esforços para attrair novos proselytos ao serviço do Diabo.— 6.º São de novo baptisados pelo Demonio que lhes dá um padrinho para instruil-os nos maleficios.— 7.º Cortam uma parcella de seus vestidos para offerecer ao Demonio.— 8.º Dentro de um circulo traçado pelo Demonio renovam seus juramentos.— 9.º Pedem ao Demonio para serem riscados do livro de Christo e matriculados no seu.—10. Promettem sacrificios e offerendas; todos os 15 dias ou pelo menos todos os mezes, assassinar uma criança, ou armar um sortilegio homicida, e todas as semanas praticar outras maldades contra o genero humano.— 11. O

Demonio marca o iniciado com qualquer signal, servindo-se de suas garras como sinete.

O Demonio de seu lado se compromette a dar-lhes sempre prompta assistencia, realizar seus desejos neste mundo e tornal-os felizes depois da morte. A profissão solemne verificada, apparece um Diabo chamado *Magistello* com o qual o iniciado se retira em particular para consummar a união carnal. Este Diabo, naturalmente, tem a fórma de uma mulher si o iniciado é um homem ou a fórma de um homem, ou de um satyro, algumas vezes de um bóde si é uma mulher que é graduada feiticeira.

Que o Demonio cohabita com os feiticeiros ou feiticeiras é coisa affirmada por graves autores e doutores dignos de fé; nem de outro modo ha de nascer o Antichristo, segundo Bellarmino, Suarez, Maluenda, etc. Autores, classicos na maior parte, asseguram que foi de taes uniões que nasceram Romulo e Remo (*Tito Livio* e *Plutarco*), Servio Cancio, 6.º rei dos romanos (*Diniz de Holicarnasso* e *Plinio o Antigo*) Platão o philosopho (*Diogenes Laercio* e *S. Jeronimo*), Alexandre o Grande (*Plutarco* e *Quinto Curcio.*) Seleuco, Scipião o Africano, Cesar-Augusto, Aristomenes de Messina; o inglez Merlin ou Melchim, nascido de um Incubo e de uma Religiosa, filha de Carlos Magno, e emfim, como escreve Cocleas, este hereje damnado que tem o nome de Martinho Luthero.

Os autores affirmam todos que o Demonio foge espavorido diante da cruz e dos exorcismos, deixando em paz aquelles sobre os quaes queria exercer a sua possessão. Este triumpho certo da cruz e das praticas religiosas sobre o Demonio é exalçado pelos theologos e doutores da Igreja, e foi celebrado, *ad perpetuam rei memoriam*, pelos pintores e esculptores daquelles tempos.

No livro de P. Rocher sobre *Les Demoniaques dans l'art*, se encontrará noticia de um marfim do V seculo, fragmento da capa de um Evangelho da bibliotheca de Ravenna, onde se vê uma scena de exorcismo; um manuscripto syriaco do VI seculo, pertencente á bibliotheca de Florença e uma miniatura de um manuscripto do imperador Otton conservado na cathedral de Aix-la-Chapelle representam scenas analogas. Ha ainda de notavel o baixo relevo de bronze da porta da igreja de S. Zenon em Verona, que data do XI seculo, no qual vê-se um bispo mitrado exorcisando o Demonio, que se desprende, sob a forma de um genio da boca da possessa.

Quanto aos signaes physicos da posse do Demonio, elles eram tidos em grande conta, quando se tratava de reunir provas para mandar á fogueira os feiticeiros. Pierre de Lancre, conselheiro do rei no parlamento de Bordeaux, que condemnou um grande numero de feiticeiros á fogueira, escreve: «Eu creio que a marca que Satan imprime aos seus adeptos é de grande consideração para o julgamento do crime de feitiçaria, como testemunham tambem todos os modernos que têm sido juizes como nós, os quaes consideram que as marcas são indicios tão fortes e induzem presumpções tão violentas, contra os feitíceiros, que juntos com outros indicios, é facil passar á sua condemnação.»

Para conhecer as marcas este juiz fazia-se acompanhar por duas pessoas: «um cirurgião estrangeiro que á força de visitar taes feiticeiros e procurar as marcas ficou maravilhosamente entendido e sufficiente nisto» e uma moça de 17 annos, chamada Morguy, antiga feiticeira, mas tendo ha muito deixado o officio por graça de Deus. Esta visitava as moças e os meninos. «O cirurgião era para as feiticeiras... sendo mais razoavel extinguir nelle a concupiscencia que taes visitas póde atear (*lui faisant seulement voir des charognes en vie, si horribles que c'est merveille que le diable mesme les veuille cognoistre*) do que despertal-a pela visita, sondagem, toque e prova destas moças, que são neste paiz livres de mais para deixar ver a marca em qualquer parte que ella esteja.»

Para encontrar as marcas o cirurgião vendava os olhos da paciente e explorava a sensibilidade: «Elle tinha um alfinete na mão esquerda com a cabeça do qual fingia pinçar a feiticeira em muitos lugares que ella não podia vêr, tendo os olhos vendados, e na mão direita tinha uma agulha ou uma sovela bem delicada, e, tendo pinçado a feiticeira com a cabeça do alfinete em muitos lugares ella estremecia toda e se queixava artificialmente, como si tivesse soffrido uma grande dôr, e, não obstante, bem que ao mesmo tempo se lhe mettesse a agulha até os ossos, nada dizia». (Pierre de Lancre — *Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons, etc.* 1612).

A vista destes valiosos documentos, parece que não ha duvida que as feiticeiras tinham relações carnaes com o proprio Demonio, bastava só o pacto solemne com elle contraido para arredar qualquer incredulidade do espirito. Mas é licito estender esta maneira

de ver áquelles mesmos que não se entregavam á pratica da feitiçaria e que no emtanto vinham a ficar possessos?

O livro precioso do Rev. Padre Sinistrari de Ameno, intitulado: «*Da Demonialidade e dos animaes Incubos e Succubos, onde se prova que existem sobre a terra creaturas racionaes outras alem do homem, tendo como elle um corpo e uma alma; nascendo e morrendo como elle, resgatados por N. S. Jesus Christo e capazes de salvação e de condemnação,*» lançará offuscante luz sobre este delicado problema.

E' de conhecimento vulgar que ha uma categoria de possessos contra os quaes nenhuma efficacia tem a cruz ou as praticas religiosas. Sendo verdade que o Demonio foge diante destes symbolos, claro é que não se trata destes seres, mas de seres de outra natureza. A observação provou que nestes casos particulares são os Incubos e os Succubos que entram em scena.

O que vem a ser isto?

Os Incubos e os Succubos são animaes de corpo subtil, tambem como o Demonio, mas tendo uma outra origem, outra natureza. S. Jeronymo, na vida de S. Paulo, conta que Santo Antonio indo em viagem visitar S. Paulo, depois de muitos dias de viagem, encontrou um Centauro, ao qual perguntou a morada do ermitão; sobre o que o Centauro balbuciando algumas palavras barbaras e apenas intelligiveis, lhe indicou com a mão o caminho da ermida e correu a galope a esconder-se na floresta. O Santo Abbade continuou seu caminho: novo encontro, esta vez com um homemzinho, quasi um anão, de mãos aduncas, fronte eriçada de pontas e terminando a extremidade do corpo por pés de cabras. A vista disto Santo Antonio parou, e temendo artificios do diabo muniu-se do signal da Santa Cruz. Mas longe de fugir a este signal, longe mesmo de se mostrar aterrorizado, o homemzinho aproximou-se respeitosamente do Santo velho e lhe offereceu frutos de palmeira, como para testemunhar suas intenções pacificas. Então o Bemaventurado Antonio tendo lhe perguntado quem era: «Eu sou mortal, respondeu, e um dos habitantes do Deserto honrado pelos gentios com os nomes de Faunos, Satyros e Incubos; vim em missão de meu rebanho; vimos te pedir que ores por nós ao Deus commum, que sabemos ter descido para a salvação do mundo e cujos louvores repercutem em toda a terra.»

Esta narração de S. Jeronymo concorda perfeitamente e esclarece aquelle Evangelho de S. João, c. 10, v. 16, onde se diz:

« Eu tenho ainda outras ovelhas que não são deste rebanho; é preciso tambem que eu vos conduza, ellas ouvirão a minha voz, e não haverá sinão um aprisco e um só pastor. » Ora estas palavras não podendo se referir aos Gentios, porque estes já conheciam o Christo e se achavam representados nos tres Reis Magos, por occasião de seu nascimento, não padece duvida que se referem a estes seres, que se deram a conhecer a Santo Antonio pedindo orações para o Deus commum e glorificando a Christo.

Assim sendo, pois não se deve duvidar da palavra de S. Jeronymo, fica demonstrado que ha uma outra categoria de entes que foram creados á imagem de Deus, e que tendo caido em peccado, foram resgatados como os homens por N. S. Jesus Christo. Esses entes são os Incubos e os Succubos. Eis porque elles não temem os exorcismos nem o Signal da Cruz.

Um outro facto em apoio deste acerto é o que menciona o cardinal Bronius, conforme a Eusebio e Plutarco, como um dos prodigios que assignalaram a morte de Christo. No tempo do imperador Tiberio, sob o reinado do qual teve lugar a paixão do Christo, navegantes indo da Grecia para a Italia, e achando-se de noite, por um tempo calmo, na vizinhança das ilhas Echinades, seu navio tocou em terra. Uma grande voz foi ouvida de todos chamando Tramnus: « Presente » respondeu elle; e a mesma voz replicou: « Quando chegares junto de tal lagôa annunciarás que o Grande Pan morreu. » Tramnus obedeceu e de repente um immenso clamor levantou-se como de uma multidão infinita, gemendo e soluçando.

Quem seriam estes entes aos quaes se fazia annunciar a morte do Grande Pan?

Não ha duvida que eram aquelles aos quaes podia interessar, como aos homens, a sorte do Redemptor: os Incubos e os Succubos.

Cremos desta arte ter demonstrado a existencia destes entes quasi espirituaes, hoje tão esquecidos, mas que durante muitos seculos exerceram uma real influencia sobre a sorte da humanidade, causando-lhe muitas desgraças. Hoje os homens vingam-se esquecendo-os, si elles não resurgirem nas aggremiações espiritistas.

Dr. Marcio Nery

OS CIGANOS

(PARAPHRASE)

A José Verissimo

I

Um dia, ao fim de incommoda jornada,
De uma longa jornada por mim feita,
Com perigos, não menos do que damnos,
Ao crepusculo vi, na volta estreita
De sinuosa estrada,
Tres, farrapados, miseros ciganos.

Um — da viola amiga, unida ao peito,
Dedilhando-lhe as cordas, indolente,
Tirava brandos sons... Que ar satisfeito!
Que ar de satisfação completa havia
No seu moreno rosto, que o poente
De rubra e vigorosa côr tingia!

Outro — aspirando o seu cachimbo, ocioso,
Nas espiraes do fumo azul deixava
Pascerem-se-lhe os olhos, descuidoso;
E tinha entre os farrapos o ar tranquillo,
O ar de quem de mais nada precisava,
O ar de quem para quem bastava aquillo.

E outro — dormia á sombra da ramagem ;
E sobre elle, a oscillar — quadro risonho ! —
Péndulo par de cymbalos, que a aragem
Resonava, ao passar, leve e fugace...
Tambem a leve aragem de algum sonho
Pelo seu coração talvez passasse...

II

Os tres ciganos miseros... Que digo ?
Miseros somos nós, misero e louco,
Como eu, ou tu, amigo,
Que, tendo em muito o que elles têm em pouco,
Empós de um sonho vão em vão se cança.
Qual ! Nem esse appetite immoderado
Da gloria e da fortuna ;
Nem viver da saudade e da esperança ;
Nem rever o passado,
Nem prever o futuro, a alma conforta.
Antes pela existencia andar á tuna :
Somno, viola e fumo, e ao Deus dará ;
O que passou já lá se foi, — que importa ? —
E o que ha de vir, por sua vez virá.

Para a dor do viver, que nos devasta,
E que beijo nenhum de amor consola,
Os ciganos fizeram-me sentir,
Que, das tres coisas, uma só nos basta :
— Tocar viola,
Fumar cachimbo, ou dormir.

RAYMUNDO CORREIA

AS ILHAS OCEANICAS DO BRAZIL[1]

II — A ILHA DE FERNANDO DE NORONHA

Muitos botanicos assignam generosamente ao vento um papel importantissimo no transporte de sementes. Deste numero não é Riedley, e as experiencias feitas no archipelago de Fernando de Noronha justificam esse modo de ver. Em Fernando de Noronha só ha tres plantas de sementes aladas, das quaes apenas uma é endemica, parecendo as outras importadas. Si o vento nem siquer póde espalhar as hervas ruins importadas á distancia de uma legua ingleza pelas ilhas menores, faz-se mister extraordinaria dóse de boa vontade para se abraçarem theorias que reivindicam para o vento esse papel em uma distancia de 300 leguas inglezas. Outro tanto não se dá com o transporte de sementes pelas aves. As sementes de bagas carnudas e frutos comestiveis abundam não só na ilha principal toda, como tambem em grande parte das ilhas menores que com ella confinam. Ora, só existe no archipelago um unico passaro que come frutos, uma pomba, *zenaida noronhae*, que por igual visita todas as ilhas pequenas. Verdade seja que os outros dous passaros pequenos ingerem tambem differentes bagas, por exemplo de *Sapium*, mas faltam nas ilhas menores. Sendo assim, não póde devéras Ridley occultar o seu pasmo sobre o ter sido essa unica pomba quem introduzisse o grande numero de plantas endemicas de frutos comestiveis. De feito, uma pomba modelo essa, que antes de se

[1] Veja a *Revista* de 15 de Outubro.

dispôr a emigrar, reune no papo sementes de todos os frutos ao seu alcance! Similhante prodigio só a Biblia nos conta da Arca de Noé! Rapida como é a digestão das aves, as sementes ingeridas seriam evacuadas durante um vôo de mais de 200 leguas inglezas, podendo apenas ser transportadas as provisões armazenadas no papo. Ora, por esse meio só se transportaria de cada vez uma especie de sementes, pois que as pombas, como outros passaros comedores de frutas, de cada feita só se fartam com uma especie dellas. Ha annos que examino as materias excrementicias que os passaros depositam na sebe do meu jardim, e sempre tenho encontrado em cada bola de esterco uma unica especie de sementes, ora de ficus ou solaneas, etc., ora mesmo sementes do tamanho das de *Lithraea*.

Abstrahindo de gaivotas e algumas outras aves marinhas, só existem tres aves terrestres em Fernando de Noronha; afóra a pomba já mencionada, uma especie endemica de Vireo, outra de Clanea, as quaes muito se aproximam de especies do continente sul-americano e quasi que não merecem o qualificativo de especies. Estas differenças sempre são sufficientes para mostrar que a immigração dessas especies se effectuou ha muito tempo e não repetidas vezes. Portanto não é tambem admissivel o imputar-lhes a importação de quasi toda a flora da ilha. Ha na ilha uma especie de lagozinho fundo, em que porém só se encontra uma unica planta aquatica, uma Characea commum em Venezuela, *Nitella cernua*. Ridley observou aqui uma tarambola, que em formal contraste com os passaros indigenas era muito arisca, assignalando-se já assim como de procedencia estranha. Si taes immigrantes occasionaes tivessem grande importancia para o transporte de organismos de agua doce, teriam pelo menos importado lentilhas e varias outras plantas aquaticas. O mesmo mais ou menos se dá com a importação de plantas pela agua. No Oceano Indico e no Pacifico tem-se observado de uma a duas duzias de plantas, cujas sementes são facilmente espalhadas pelo mar, e, em qualquer terreno em que sejam depositadas, mormente em bancos de coral, em breve germinam e medram. Estes poucos casos têm muitos botanicos generalizado tanto, que até derivam delles a maior parte da flora das ilhas oceanicas na America do Sul. Encaremos os factos concernentes a Fernando de Noronha. Ridley procurou na praia sementes lançadas a ella pela corrente,

achando-as de facto na costa do sul de accordo com a direcção das correntes. Essas sementes pertenciam exclusivamente a uma unica especie: *mucuna urens*. Taes sementes, parecidas com castanhas e pertencentes a uma trepadeira muito abundante no Brazil, eram bem conhecidas dos presos desde o continente, na ilha, porém, falta esta planta, o que tambem Ridley corrobora. Não chegaram por conseguinte a se desenvolverem. Sementes de *Mucuna* e as de uma outra Papilionacea (*Ormosia*) são tambem as unicas que achei muitas vezes na foz do Camaquan e na Lagoa dos Patos. As ondas acabam por depositar taes sementes na praia arenosa, onde porém nunca germinam, como posso assegurar, após attenta observação, ao passo que por outro lado essas trepadeiras são muito communs nas matas que margeiam os rios. Talvez que sómente as inundações possam transportar certas sementes a lugares apropriados, não constituem porém o modo por excellencia da propagação, sendo de suppor que haja animaes que as comam. Porventura o mais notorio exemplo de transporte pelas ondas são as nozes de côco e entretanto não se tornaram communs em Fernando de Noronha, tão pouco nenhuma outra palmeira, e um dos mais competentes observadores, Jouan, assegurou que a noz de coco nunca germina na praia, salvo si a enterrarem em local apropriado. Assim como a corrente do golfo não introduz nos Açores ou na Escocia elementos da flora das Indias Occidentaes, comquanto frequentemente arremesse á praia naquelles paizes sementes desta procedencia, tão pouco pode-se lançar á conta de correntes maritimas a contituição da flora de Fernando de Noronha. Nem siquer os mangues poude a corrente transportar do continente para a ilha com excepção da *Laguncularia racemosa*, que em consequencia talvez seja endemica. Si se considerar na ausencia de outras plantas abundantes nas costas arenosas do vizinho continente, como sejam especies dos generos *Remirea*, *Fimbristylis* e outros, cujo transporte pelos ventos ou pelas ondas fôra de esperar, só se poderá, caso se queira interpretar conscienciosamente os factos existentes, attribuir ás correntes maritimas uma parte muito modesta na constituição da flora deste grupo de ilhas. Talvez pertençam a essa categoria *Ipomoea tuba* e *Pes caprae*.

Ridley inclina-se a assignar á flora de Fernando de Noronha affinidades mais estreitas com a das Antilhas. Examinando-se porém mais de perto, não se encontram para isso outros pontos de apoio, a

não ser a existencia de *Ipomoea tuba*, que se diz não ter sido ainda achada no norte do Brazil. Como, porém, essa especie apparece na Guyana, é, entretanto, possivel que ella ainda seja encontrada mais para o sul, tanto mais quanto a exploração botanica da região costeira do norte do Brazil ainda tanto deixa a desejar. Curioso é o apparecimento de *Cyperus brunnens* Lin. nestas ilhas, por isso que tal planta, ao que se diz, ainda não foi achada no Brazil, mas sim nas Indias Occidentaes, Mexico e na ilha brazileira da Trindade. A ultima circumstancia é extremamente interessante e só se me afigura susceptivel de intelligencia, havendo-se ambas as ilhas como restos de um continente mesozoico. Parallelo a esta é o genero *Phylica*, que foi encontrado na Africa do Sul e nas ilhas Santa Helena e Amsterdão. Faltam aqui compostas caracteristicas arborecentes ou fructescentes, quaes no-las deparam varias ilhas oceanicas, nomeadamente Santa Helena e as Sandwich.

A flora de Fernando de Noronha é pois no conjunto identica á da Guyana e do nordeste do Brazil. Nota-se a ausencia de especies endemicas proprias, porém encontra-se toda uma série de especies endemicas que apontam a um longo isolamento do territorio.

Esta flora apresenta tambem um cunho antiquado na ausencia quasi total de grandes flores de côres magnificas. A maior parte têm flores pequenas, pouco coloridas, ou verdes e pouco vistosas.

Consideremos agora o reino animal. Não ha mammiferos indigenas. Não é entretanto incontroverso si sempre faltaram, ou si não se devem referir a uma grande Hesperomys, ou fórma similhante indigena, os ratos encontrados ao tempo da descoberta. D'entre os typos vivos de mammiferos os roedores parecidos com ratos devem ter sido dos primeiros a apparecer, pois que a par de *canis* e poucos outros mammiferos alcançaram durante o periodo terciario a Australia e mesmo Nova Zelandia, evidentemente por terra e não em montanhas de gelo ou arvores fluctuantes, como acredita Wallace. Quiçá os ossos achados nos depositos diguano da ilha Rata nos habilitem um dia a dirimir a questão. Até lá, porém terá mais visos de plausibilidade a conjectura que os ratos vistos por Americo Vespuccio em 1503 já eram os mesmos que ainda hoje lá vivem. E' tambem possivel que já antes deste algum navegante ahi aportasse ou naufragasse, e que os ratos observados por Americo Vespuccio só poucos annos antes

houvessem sido introduzidos. Em uma ilha, onde abunda o alimento e onde um rato nada tem que recear de inimigo algum, a prole de uma unica femea vigorosa, já ao cabo de 4 annos, póde exceder a 10.000. Si se tratasse de roedores indigenas, seria incomprehensivel a ausencia de morcegos, que entretanto nunca faltam onde existem morganhos e ratos indigenas. Os morcegos não se elevam muito nos ares, e por isso não podem facilmente desgarrar por effeito das tempestades, como as aves. Assim é que algumas aves terrestres têm ido dar ás ilhas Sandwich, emquanto que não se encontram morcegos a leste de Nova Zelandia e de Viti.

Pode-se portanto admittir que Fernando de Noronha já esteja separado do continente pelo menos desde o tempo em que este se povoou de morcegos, isto é, dos generos recentes dos mesmos os quaes geologicamente remontam á formação miocena ou mesmo oligocena. Infelizmente nada sabemos ácerca do primeiro apparecimento dos mammiferos placentarios no Brazil, onde talvez só no periodo pliocenico tenham penetrado. Não se conhecem restos de mammiferos fosseis do terciario mais antigo para o Brazil, que poderia ter sido ilha até á época pliocena.

Já nos occupámos circumstanciadamente das poucas aves, que sem duvida só relativamente tarde vieram dar ao archipelago.

De reptis conhecem-se tres especies: *Amphisbaena Ridleyi*, *Mabuia punctata*, Gray, *Hemidactylus mabouia* Mor. A ultima especie Ridley reputa immigrada, o que ponho em duvida. E' muito commum na costa do Brazil, apparece no sul da Africa e em Madagascar, provavelmente, portanto fórma antiquissima. Esta larga propagação não é mais de admirar do que a de outras especies do mesmo genero desde a China e India até as Molucas e Santa Helena. *Hemidactylus* é um dos generos de idade evidentemente antiquissima que mais espalhados se acham tambem no mar do sul. As Geckonides, comquanto vivam nas casas, são animaes nocturnos e muito ariscos. Si é verdade que foram transportados em navios, será uma excepção, que justamente por causa das experiencias feitas no Brazil não deve ser generalizada. Não é exacto que essa fauna de reptis, a que tambem pertence uma especie, hoje extincta, colleccionada por Webster no principio do seculo, *Basilicus americanus*, Gray, proceda das Indias Occidentaes, por isso que as

especies respectivas ainda apparecem no norte da America do Sul e em parte no Brazil. De *Amphisbaena* existem no museu britannico, exemplares, que provavelmente procedem do norte do Brazil (Porto Bello). Como a India recebeu do norte da America do Sul uma grande parte dos seus animaes, pode-se ter lá conservado mais de uma especie que d'antes se estendia ainda mais para o sul.

Em pronunciado contraste com as das Indias Occidentaes estão as conchas terrestres de Fernando de Noronha. Ahi nada existe da pasmosa abundancia de caracóes terrestres munidos de tampa, que dão ás Antilhas uma physionomia caracteristica, nada das Helices das Indias Occidentaes ou mesmo de Cylindrellas.

Acham-se em primeiro lugar tres especies de *Stenogyra* sect. Opeas, que é preferivel não tomar em consideração, porque se diz que são a miude importadas em bananas. No extremo sul do Brazil ainda apparecem algumas especies, nomeadamente a indiana, *Santa Gordalli Mill*. As demais especies são peculiares ao archipelago. *Pupa solitaria, Sm.*, *Bulimulus Ridleyi Sm.*, *Bulimus (Tomigerus) Ramagei Sm.* e *Helix quinquelirata Smith*. A ultima Smith arrola problematicamente como *Ophioyyra*, eu porém não duvido que ella não seja absolutamente uma *Helix*, mas sim uma *Patula*, o que, bem entendido, só o exame anatomico poderá decidir. Caracóes similhantes *(Endodonta, Strobilla, etc.)* apparecem tambem em outras velhas ilhas oceanicas, por exemplo no mar do Sul, e na Nova Zelandia.

Estes caracóes terrestres representam como os reptis um elemento cosmopolita antiquissimo, no que os acompanha o unico caracol de agua doce, *Planorbis noronhensis*. Por pouco porém que accusem affinidades estreitas com determinada fauna, estas quando existem, apontam o norte do Brazil.

Com os insectos dá-se coisa similhante, por isso que ou se relacionam com a fauna sul-americana, ou pertencem a especies cosmopolitas. A tal respeito os mais dignos de nota são os hymenopteros, cujas especies descobertas de *Pompilus, Tachytes* e *Halictus*, bem como as formigas, pertencem a generos cosmopolitas, ao passo que uma *Evania*, parasita da barata importada, *Periplaneta americana*, foi introduzida com esta. *Monedula siguata* é uma especie conhecida e espalhada no Brazil. A mais notavel porém é uma especie de *Polistes*, porque das vespas que vivem em sociedade é

justamente *Polistes* a mais propagada. Encontram-se especies de Polistes em quasi todas as chamadas ilhas continentaes, como Madagascar, as Philippinas, Java, as ilhas de Salomão.

Polistes é tambem a unica vespa social das ilhas do Oceano Pacifico, porém, ao que se diz, falta no Chile. Como a mais largamente diffundida, é portanto *Polistes* tambem a vespa mais antiga, a unica cuja propagação deve ter caido já na época mesozoica.

E' uma hypothese absolutamente inadmissivel a de terem as especies de Polistes alcançado por effeito de tempestades as ilhas que habitam. Quando o vento sopra violento, estas vespas não voam de todo e como nunca se elevam muito ácima do solo não andam á mercê do vento. Os habitos e a distribuição das especies de Polistes dão a entender que, como as demais especies, P. Ridleyi só se tornou em especie insular em consequencia de antiga ligação da região por ella habitada com o continente vizinho. Dos 12 hymenopteros observados em Fernando de Noronha são apenas conhecidos *Camponotus ruficeps* e *Monedula*, especies estas que vivem no Brazil; as outras, portanto 75 por cento, são endemicas. Isto é um indicio de que a ilha está de facto protegida contra a immigração de hymenopteros do continente, e que tambem estas especies insulares não são transportadas pelo vento para o continente, o que entretanto, si Wallace tivesse razão, ainda mais facilmente deveria acontecer.

Então poderiam tambem ter sido importadas especies como *Nectarinia*, *Polybia* e outros generos puramente brazileiros!

Graças aos factos que acabámos de descrever achamo-nos habilitados a fazer uma idéa da origem dos animaes e plantas de Fernando de Noronha. Em 1871 o vaso de guerra inglez *Bristol* visitou a ilha e o Dr. Rattray escreveu sobre ella dois trabalhos, os quaes, porém, conforme mostra Ridley estão inçados de erros na parte geologica; pois Rattray descreve as rochas vulcanicas como granito, e considera a ilha como uma porção destacada do continente. Abstraindo deste erro, parece-nos entretanto que o continente fronteiro está muito pouco estudado para se poder sustentar que nelle não ha montanhas de basalto e phonolitho, que aliás não faltam no Brazil. Por conglomerados terciarios poderia bem Rattray ter entendido os grés corbulados, que seguramente serão terciarios. Tambem diz Ridley na parte geologica (p. 92) que alguns

mineralogistas americanos pretendem haver achado no cabo Roque rochas similhantes ás de Fernando de Noronha, inferindo d'ahi uma primitiva ligação com o continente. Branner mostra-se inclinado a tal hypothese, por isso que elle accentúa e claramente prova a maior extensão primitiva do grupo de ilhas. D'onde aliás tambem teria vindo o material dos grés corbulados? A tal respeito não póde absolutamente haver divergencia. O proprio Ridley diz que todo o archipelago « *was at one time of much larger extent* ».

A este sentir contrapõe-se o de Wallace e Ridley que consideram Fernando de Noronha como uma ilha oceanica que nunca esteve reunida ao continente e deve ter recebido a sua flora e fauna pelas vagas do mar, madeiras fluctuantes, aves e insectos, bem como pelo vento. Wallace, é verdade, nada escreveu a esse respeito, communicou porém verbalmente a Branner, conforme este assegura, o seu modo de ver sobre a materia em questão. Ridley propende manifestamente para um exame critico algo mais attento, nomeadamente quanto á supposta introducção da flora pelo vento e pelas aves, a qual elle não poude razoavelmente harmonizar com os factos observados, Ridley, assim como alguns dos seus collaboradores, põe em relevo o caracter indiano occidental da fauna marinha, sem entretanto attender a que a fauna marinha das Indias Occidentaes se continúa até ao sul do Brazil. A' conjectura de Ridley que sementes de *Ipomoea tuba* e outras plantas hajam sido importadas das Antilhas para Fernando de Noronha pelas vagas do mar, oppõe-se o facto de procederem das costas africanas as correntes que tocam em Fernando de Noronha. Consequentemente admitte Wallace, conforme dá a conhecer Branner, que a fauna propria destas ilhas, tanto quanto não veiu trazida pelo vento, tenha sido da Africa em arvores fluctuantes. E' difficil, manter em face de theorias tão monstruosas a seriedade que entretanto devemos a tão eminente investigador, quando elle erra, mas ainda quando se quizesse acreditar nessas arvores carregadas de caracóes terrestres, sementes, anguinhas e lagartos, nada se houvera ganho com isso, porquanto o caracter dessa singular fauna, tanto quanto não é cosmopolita, é brazileira do norte e não africana.

Taes são as tentativas de explicação, em relação ás quaes tanto Branner como Ridley se mostram com razão septicos, reconhecendo que a origem dessa fauna é um problema não

resolvido Ridley diz expressamente que não é explicação satisfactoria da propagação dos reptis e caracóes terrestres o admittir que devessem ter atravessado o oceano em troncos fluctuantes de arvores, porém acrescenta que a despeito disso a presença de taes animaes na ilha obriga a formular similhante hypothese. Eis o ponto em que elle e Wallace se põem em contradicção com a logica, havendo por excluida a unica hypothese possivel — a de uma antiga ligação territorial. Em redor da ilha cai immediatamente o solo a uma profundidade de 2000 pés, e, como diz Branner, Fernando de Noronha está separada do continente, conforme as sondagens do «Challenger», por uma depressão de mais de 12000 pés, Wallace reputa impossivel uma depressão de 2000 a 3000 fios, é verdade que sem adduzir razões. Em geral Wallace considera a linha de mil fios como a delimitação dos antigos continentes ou partes delles que se submergiram, admittindo todavia para a Nova Zelandia uma primitiva continuidade territorial com a Australia, si bem que o canal entre ambas apresente uma profundidade de 2600 fios. Em principio, portanto, mesmo do ponto de vista de Wallace não se atina com a menor razão porque igual depressão não se haja tambem operado em roda de Fernando de Noronha.

Fiz ver em outro lugar que a fauna de agua doce do Brazil apresenta com a da Africa uma concordancia só explicavel pela antiga ligação dos dois territorios. Partes desse continente mesozoico, reconhecido tambem pelos geologos, cuja rotura cai bem na formação eocena, representam assim Santa Helena como Fernandode Noronha. Varios factos aliás incomprehensive is tornam-se dest'arte intelligiveis. Assim não sómente as costas fronteiras da Africa occidental e da America do Sul deparam avultadissima quantidade de especies communs, como tambem varias das especies que habitam a praia e que portanto não viajam através das profundezas do mar, são communs a todas as ilhas oceanicas menores do Atlantico do Sul. *Nerita ascensionis*, *Hopponyx antiquatus* e outras especies são communs a Fernando de Noronha, S. Trindade, Ascensão e Santa Helena.

Estes e outros muitos factos nos habilitarão sem duvida um dia a precisar a época em que se desfez a ligação do Farnando de Noronha com o continente. Relativamente á falta não sómente

de mammiferos, como tambem de cobras, rans, peixes d'agua doce, tartarugas e outros grupos que surgiram no fim da epoca cretacea, cujos recentes representantes consummaram a sua irradiação pela maior parte na formação eocena, poder-se-ia acreditar que já antes Fernando de Noronha se isolara, portanto lá pelos fins da formação cretacea. Cumpre todavia que sejamos muito reservados no juizo a emittir. Todo o archipelago é não somente muito pequeno, como tambem ainda muito menor foi ha relativamente pouco tempo, provavelmente na época pliocena, por isso que então mariscos e coraes se depositaram a cêrca de 100 pés acima do actual nivel do mar. Essa enorme diminuição do ha pouco tempo ainda consideravelmente maior areal da ilha deve ter grandemente damnificado a sua vida organica, sobretudo conjunctamente com seccas periodicas, que devem ter reduzido ao actual miseravel estado a antiga e por certo mais rica fauna e flora de agua doce. Assim como em Santa Helena desde a descoberta muitas arvores têm desapparecido, assim tambem em Fernando de Noronha varias arvores estão quasi totalmente extinctas e igual sorte teve um lagarto outr'ora ahi colleccionado. Que as cobras de que fala Americo Vespuccio, se devam simplesmente referir aos *Amphisbenas* que, similhantes a anguinhas e vivendo debaixo da terra, difficilmente lhe dariam nas vistas durante uma estada fugitiva, é uma presumpção pouco provavel. E' de esperar que futuros achados nos depositos de guano, etc., nos abram um dia perspectivas sobre essa fauna extincta da ilha.

Si é certo que só do futuro se póde aguardar uma fixação exacta da época em que esta ilha se desmembrou do continente, nem por isso póde subsistir duvida sobre a primitiva ligação. A esta antiga juncção com o continente sul-americano, a qual cessou ou já no fim da época mesozoica ou só durante o terciario inferior, deve a ilha o seu velho stock de animaes e plantas.

Dr. H. von Ihering

FELISBERTO CALDEIRA

CHRONICA DO SECULO XVIII

I

Foi outr'ora notavel pela extracção de diamantes o arraial do Tijuco, hoje cidade de Diamantina, no estado de Minas Geraes. Enriqueceram com a mineração o governo portuguez e muitos particulares, desprezando fontes de riqueza mais duradoras, uteis e vantajosas.

Naquelle arraial estabeleceu-se em 1768 Felisberto Caldeira, natural da capitania de S. Paulo, filho de uma das mais distinctas familias de S. Vicente, e descendente do lado paterno de familia hollandeza. Casado com Branca de Almeida, natural de S. Paulo, oriunda dos Pires e Tacques da mesma capitania estivera em 1735 em Cuyabá entregue á mineração, alcançando por sua actividade e procedimento levantado conceito.

A sua boa reputação valeu-lhe contractar com o governo a extracção de diamantes por quatro annos.

Fixou-se por isso em Minas Geraes em 1748. Em pouco tempo adquiriu grande riqueza, e tornou-se o mais importante commerciante de pedras preciosas. Ninguem como elle dispunha de tanto pessoal empregado na mineração, e não havia quem o igualasse na extracção das pedras de valor.

Era o primeiro capitalista do lugar, o mais opulento, e o homem de maior influencia e poderio. Antes de qualquer individuo estabelecer-se no arraial ia consultal-o, pedir-lhe instrucções e protecção,

pois na qualidade de contractador regio superintendia todas as minas do districto. Vivia com opulencia regia, cobriam-lhe os moveis ricos estofos, ornavam-lhe as janellas magnificas sanefas de sêda e ouro, e vestiam-lhe as portas pesados reposteiros. Não havia quem ostentasse nas cavallariças melhores cavallos, que ajaezados de prata, causavam admiração ao povo pela belleza das fórmas e riqueza dos ornatos.

Mas si ali a fortuna sorriu-lhe e abrigou-o em seu seio, si ali gosou alguns annos de felicidade, riqueza, consideração e prestigio, veiu ali tambem a desgraça depois enterrar-lhe as garras, vieram buscal-o a deshonra e a pobreza nesse mesmo lugar, theatro outr'ora de suas venturas e grandezas.

Corria o anno de 1752, e na igreja de Santo Antonio do arraial do Tijuco celebrava-se com pompa a Semana santa.

Regorgitava de gente o arraial, concorrendo os moradores de toda a circumvizinhança. Concedera o intendente inteira permissão para poderem todos entrar na demarcação, licença permittida unicamente para esta festividade. Muitas pessoas vieram da villa do Principe, entre outras o ouvidor Moraes Bacellar, que havendo chegado ha pouco da Europa, imbuido das idéas philosophicas então em voga, comportou-se, emquanto celebravam-se os actos religiosos, da maneira mais inconveniente, ostentando uma falta de respeito ao culto, a que não estava affeito o povo do Tijuco.

Attraiu-lhe a attenção uma filha de Felisberto Caldeira, absorveu-o a belleza dessa moça de modo que, esquecido do lugar onde estava e da cerimonia religiosa, nella firmou os olhos, como si só ella merecesse orações e supplicas.

Fiado na sua posição de ouvidor da comarca, e julgando licito manifestar em occasião tão solemne suas affeições, atirou ao collo da moça uma flôr que trazia no botão da casaca.

Orava ajoelhada a filha de Felisberto, implorando talvez ao céu protecção para si e para os seus, quando sentiu cair-lhe no regaço a flôr; immediatamente lançou-a ao chão, repellindo com dignidade tão insolito galanteio.

Censuraram todos o acto leviano e grosseiro do magistrado; e apezar da solemnidade do lugar, e do profundo respeito consagrado ao culto naquellas éras, ouviu-se entre o povo um murmurio geral de indignação.

Felisberto, que presenciara a acção do ouvidor, assás irritado, aproximou-se deste e dizendo-lhe á puridade algumas palavras, saiu da igreja.

Retirando-se tambem do recinto religioso, viu Moraes Bacellar á sua frente o contractador de diamantes, que tremulo e pallido e de punhos cerrados, exigia do magistrado satisfação prompta do insulto feito á sua filha.

Levantou-se entre ambos violenta discussão, e tão exaltados se mostraram que o pai offendido, não podendo conter-se, tomou de um punhal, que forneceram-lhe na occasião, e avançou contra o adversario. Desviou-se este, resvalando a arma no botão da casaca. Interveiu o intendente afastando os contendores e, receiando que continuasse o conflicto, mandou vir alguns soldados.

Declarou-se em geral o povo a favor de Felisberto e o mesmo fizeram os pedestres do contracto de diamantes.

Tomou a contenda aspecto grave; de um lado estava a maior parte do povo e os pedestres e do outro os dragões do intendente e outros partidarios; mas, quando prestes parecia que ia travar-se a luta, appareceu na praça o velho Belchior Barreto empunhando o estandarte real e clamando:

— Paz em nome de el-rei nosso senhor.

Produziu effeito benefico esse estandarte desfraldado repentinamente; o povo acalmou-se, respeitou o velho, que em nome de el-rei pedia paz, e foi pouco a pouco deixando a praça.

Si não se travou a luta, e não se derramou sangue, plantado ficou nos espiritos o germen da discordia. A calma foi apparente.

Abraçando o partido do ouvidor tratou o intendente de representar a el-rei contra Felisberto, e o mesmo fez aquelle magistrado. Forjaram ambos documentos, prepararam processos, denunciaram ao rei e ao governador da capitania extravios de diamantes, o contrabando excessivo tolerado por Felisberto, e com exigencias exorbitantes e pretenções infundadas tolheram toda a acção do contractador. Aproveitando-se da ausencia deste, que por exigencias do serviço se ausentara da povoação, mandou o ouvidor subtrair da casa da camara o cofre da intendencia e attribuiu o delicto aos partidarios de Felisberto.

Tinham antes corrido boatos de que se planejava similhante crime, e suspeitando da traição de seus inimigos, pediu Felisberto a

Belchior Barreto que recolhesse o cofre á sua casa. Este homem probo e conceituado foi com effeito á casa da camara para conduzir comsigo o cofre, que encerrava grandes valores em ouro e diamantes, mas não o encontrou mais.

Tendo desapparecido o cofre attribuiu o ouvidor o crime ao contractador, e immediatamente officiou ao governador geral e a el-rei accusando-o. Similhantes accusações produziram o desejado effeito, pois veiu logo a ordem para a formação do processo.

Depressa caminhava a justiça naquelles tempos. Em nome de el-rei nosso senhor prendia-se sem culpa formada, e sem delongas, provas ou documentos, formulava-se o processo, sem ser acareado nem ouvido o accusado. E assim em pouco tempo veiu a ordem de prisão de Felisberto Caldeira. Mettido a ferros, segundo o uso do tempo, e seguido de numerosa escolta, foi conduzido ao Rio de Janeiro, onde permaneceu incommunicavel até ser remettido para Lisboa.

A justiça mandou fechar e lacrar as portas da casa do réu e arrolar e sequestrar todos os seus bens.

II

Apezar dos prejuizos que soffrera com as perseguições de seus inimigos e da sua conhecida liberalidade, era ainda consideravel a riqueza de Felisberto, e muito superior á importancia que poderia dever á fazenda nacional. Avaliados seus bens por preços muito baixos, subiriam ainda assim a milhões de cruzados.

Dias depois da prisão do contractador apresentou-se o ouvidor na casa em que se recolhera a familia do infeliz, e ordenou viesse á sua presença a moça, que despertara na igreja sua attenção.

Linda e mimosa, de olhos azues e cabellos louros, que recordavam a origem hollandeza de seu pai, tinha Victoria o rosto claro e rosado, os labios vermelhos, os dentes alvos; e os naturaes encantos faziam della uma creatura perfeita e seductora. Estava no começo da vida, na idade dos risos e das sensações alegres, das illusões e contentamentos, na época do animo livre e despreoccupado.

Mas apezar de muito joven, tinha caracter varonil, e dotada de energia era reflectida em suas palavras e grave em suas acções.

Comparecendo perante o magistrado, ficou firme, cruzou os braços e disse:

— Aqui estou.

— Sente-se.

— Não é preciso.

— Mas tenho muito que dizer-lhe.

— Ouvirei tudo de pé.

— Obriga-me tambem a levantar-me, pois deve comprehender que não ha aqui juiz nem réu, porém um homem que a idolatra.

Tornou-se Victoria rubra como o chale vermelho, que trazia sobre os hombros, e fechando o semblante, retorquiu:

— Si tenho de responder ao juiz como culpada, estou prompta para o interrogatorio, mas si ante mim ha um homem, que quer prevalecer-se de sua posição para dirigir-me galanteios, fique certo que não o aturarei por muito tempo.

— Tranquilise-se. Desde o primeiro dia que a vi comecei a amal-a; e si já houvesse attendido a meus rogos não chegariam as coisas a este ponto, não estaria para sempre pobre, presa e deshonrada. Todavia ainda é tempo de reparar o mal. Diga que aceita o meu amor, e officiarei a el-rei e ao governador que são falsos os factos imputados a seu pai; que não houve extravios de diamantes, que o cofre da intendencia foi encontrado intacto, e que não ha prejuizo para a fazenda real. Declarado innocente seu pai regressará para o Tijuco, e tomará conta dos seus milhões de cruzados. E para conseguir tudo isto basta uma palavra sua; diga que aceita o meu amor, e meu coração palpitará feliz; declare que partilha do meu amor, e serei o mais feliz dos mortaes.

— E' vil e infame o que acaba de propor-me, senhor, e creia que si meu pai estivesse presente desta vez elle não erraria o golpe. Si foi leviano e grosseiro, atirando-me uma flor, é indigno e vil acreditando que me sujeitarei a seus caprichos.

— Não se irrite tanto. Fui precipitado em minha expansão apaixonada, e mau e cruel com seu pai, mas ainda posso reparar o mal, elle voltará para junto dos seus isento de culpa, e nós poderemos ainda ser felizes. E Moraes Bacellar tentou enlaçar a moça

em seus braços e beijal-a, mas desviando-se ella com impeto e altivez, tirou do seio um punhal e exclamou:

— Nem mais um passo, ou sinão lhe atravessarei o coração com este punhal. Recebi-o de meu pai na hora da despedida, para defender-me si fosse perseguida e offendida pelo senhor. Desprezo o seu amor assim como o seu odio, e juro-lhe que procurarei vingar-me si fôr ultrajada por sua perfidia e maldade. E quando tiver de erguel-o não tremerá o meu braço, e não rasgarei apenas o panno de sua casaca.

E a moça saiu precipitadamente sem que seu seductor tentasse retel-a.

Ficou absorto e atterrado o ouvidor em presença de tanta audacia e coragem. O punhal apontado sobre o seu peito e as palavras incisivas e arrogantes da donzella entorpeceram-lhe os movimentos, e pasmo e quedo deixou-se cair sobre a cadeira mais proxima. Mas repentinamente como sacudido por mão alheia, ergueu-se e bradou:

— Queres a luta, pois has de tel-a, e ai! de ti si caires em meu poder.

Recolhendo-se ao seu domicilio mandou que viesse á sua presença o commandante do regimento do arraial. Apresentando-se o official ordenou-lhe que, em nome do intendente, se dirigisse á casa onde se recolhera a familia de Felisberto, e conduzisse á prisão a filha deste de nome Victoria.

Ouvindo similhante ordem ficou desorientado o official, quiz falar porém faltaram-lhe as expressões, viu-se mudo, perplexo, como si não soubesse onde estava, nem o que lhe repetiam. Mas readquirindo alguma calma, e reflectindo que como militar teria de cumprir a ordem recebida, pensou tambem que jamais sacrificaria a mulher que amava. Assim, fazendo a devida continencia ao magistrado, disse-lhe:

— Cumprirei as ordens; e saiu.

III

Estava o ouvidor tão contrariado e colerico, que não percebeu a perturbação do official.

Logo que deixou a casa do ouvidor, Guilherme, que assim se chamava o official, dirigiu-se á residencia de Victoria para avisal-a do perigo que corria, e avistando-a disse-lhe:

— Tratai de fugir, pois recebi ordem de prender-vos.

— De quem?

— Do ouvidor.

Agradeceu a moça o aviso, e ausentando-se Guilherme, mandou ella apparelhar um cavallo, e seguida de um escravo partiu sem demora.

Corrido algum tempo apresentou-se Guilherme á frente de alguns soldados, e batendo á porta da casa de Felisberto intimou para vir á sua presença a filha deste chamada Victoria. Responderam-lhe que se ausentara sem saberem qual o seu destino. Simulando cumprir o seu dever de militar começou Guilherme com pesquizas e indagações, varejou algumas casas, percorrendo estradas, fingindo zelo e empenho em effectuar a diligencia.

Não tendo encontrado a fugitiva, foi Guilherme á casa do ouvidor, e declarou-lhe que haviam sido infructiferos os seus esforços.

Encolerizou-se o magistrado, e ideou tudo que podesse ser fatal á familia de Felisberto. Não houve meio algum por mais vil e barbaro, que deixasse de empregar contra as pessoas que resolveu perseguir. Todos os empregados do contractador foram obrigados a jurar se tinham em seu poder bens pertencentes ao mesmo ou se sabiam alguem que os possuisse. Foram perseguidos todos que adheriam ao partido de Felisberto Caldeira, e abrindo rigorosa devassa mandou proceder contra os devedores e suppostos cumplices do contractador.

Si esforçava-se alguem por demonstrar que não existia prova legal do seu delicto não era attendido; era condemnado por não haver provado não ser devedor; devia provar a negativa. Accusado de devedor um parente de Felisberto, não tendo bens, que fossem sequestrados, foi preso, acorrentado e mettido no tronco da cadeia.

Arrastado de sua casa repetia o pobre velho:

— Por que me prendem?

— Por ordem de el-rei nosso senhor.

— Mas qual o meu delicto?

— Si el-rei ordenou a vossa prisão é porque é de justiça.

E algemado, e com grossa corrente á cintura, levaram-no os esbirros para o carcere.

Informado o ouvidor do amor de Guilherme á filha de Felisberto, e que talvez por isso não se mostrasse diligente em prendel-a, resolveu perseguil-o. De feito, tendo denuncia que guardava elle um brilhante offertado por Felisberto, mandou varejar-lhe a casa, e sendo encontrada a joia foi arrecadada, e o official preso e remettido para o Rio de Janeiro, donde na primeira frota, que se fez de vela, seguiu para Lisboa.

Quiz Moraes Bacellar de accordo com o intendente enviar nova escolta em perseguição da moça Victoria, mas correndo o boato que esta havia fallecido, desistiu do seu intento e satisfeito pelo pensamento que não pertenceria a outrem.

Chegado a Lisboa foi encerrado em rigoroso carcere Felisberto Caldeira, apezar de implorar a clemencia real e offerecer fiadores de sua pessoa. Quasi dois annos havia que estava preso, quando deu-se, em 1 de novembro de 1755, o terremoto, que abalou toda a cidade, abateu igrejas, palacios e casas de moradores envolvendo nas ruinas milhares de victimas.

Começara o terremoto ás 9 horas da manhan, celebrando-se nessa occasião a festividade de Todos os Santos.

Estavam as igrejas profusamente illuminadas e cheias de fieis, mas os impulsos do solo em sentido desencontrado, fazendo cair as velas, atearam repentino incendio. E como áquella hora havia fogo em todas as cozinhas aconteceu que nos predios desmoronados lavrou tambem o incendio. No meio da conflagração geral os presos das differentes cadeias, que o terremoto deixara com vida ao desmoronal-as, excitados por uma cobiça infrene, espalharam-se pela cidade saqueando as casas.

Havendo desabado algumas paredes do carcere em que se achava, subiu Felisberto para um terraço, que havia na face posterior do edificio, e estando ahi ouviu gemidos proximos saidos das ruinas. Procurou soccorrer o desgraçado, e após esforços inauditos retirou de debaixo de uma parede um individuo, que logo que pôde falar, disse:

— Obrigado, senhor Felisberto.

— Quem sois?

— O tenente Guilherme.

— E qual o crime de que vos accusaram ?

— De haver sonegado uma pedra de valor. E aqui morreria si não fosse o vosso auxilio.

— Mas agora convem fugir o mais depressa possivel ; ide á casa do brazileiro Pereira Ramos, e elle vos facilitará o regresso á patria.

— E vós ?

— Eu não devo afastar-me daqui, pois desejo que fique provada a minha innocencia e a infamia dos meus inimigos.

— Ficarei então comvosco.

— Não, sobre vós não pesa a mesma culpa, nem a mesma responsabilidade ; não tendes de zelar o nome e o interesse de uma extensa descendencia. Sois moço, alem disso, e tendes esperanças na vida, mas eu pobre velho, não. Ide e eu vos acompanharei até o palacio do conde de Oeiras, a quem vou participar que tendo desabado a prisão, onde estava recluso, me indique outra.

Admirando o procedimento nobre de seu companheiro de infortunio, abraçou-o Guilherme e acompanhou-o até o palacio do ministro de D. José I.

Admittido Felisberto á presença do conde de Oeiras, e relatando-lhe o desabamento da prisão em que estivera, para que providenciasse, louvou-lhe o ministro o seu procedimento leal e honrado, e muito diverso do de outros presos, que haviam se aproveitado daquella occasião para praticarem roubos e se evadirem.

Mandou recolher o preso a outro presidio, mas logo depois ordenou, em nome do rei, que se lhe concedesse a liberdade, e se procedesse á liquidação de suas contas e ao exame do sequestro dos seus bens.

Pouco gosou da liberdade o coronel Felisberto Caldeira, pois depauperara-lhe o organismo e enfraquecera-lhe a saude a vida do carcere. Gravemente doente dirigiu-se para uma quinta dos arrabaldes de Lisboa, onde pereceu.

E assim acabou pobre em Portugal, depois de recluso por muito tempo, esse homem, que gosara de tanta grandeza, e fizera figura extraordinaria em Minas-Geraes.

Quanto ao tenente Guilherme, acolhido por brazileiros residentes em Lisboa, pôde regressar para o Brazil na primeira frota,

que se fizera de vela. Chegando ao Tijuco soube da morte do ouvidor, que atormentado de remorsos e perseguido por tenaz molestia de pelle falleceu amaldiçoado por todos.

Victoria, que se occultara em uma povoação vizinha, sabendo do fallecimento do magistrado, voltou para o Tijuco, onde encontrou-se com Guilherme : ambos reataram os seus amores ; breve realizou-se o casamento, e no Tijuco viveram longos annos felizes os dois esposos.

MOREIRA DE AZEVEDO

BIBLIOGRAPHIA

51.—**Brazões,** versos por B. Lopes. Rio de Janeiro, Fauchon & C., editores, 1895, 180 IV—pags.

Poeta espontaneo, mas de curta inspiração, talento médio, mas natural, impressionista e sincero, o Sr. B. L. está, de caso pensado, a despir-se de todas as suas qualidades proprias, a falsificar o seu genio, por amor de não sei que theorias de decadencia, que até agora em arte apenas nos deixaram a sensação do vasio. Mas como, *chassez le naturel il revient au galop*, por mais que faça, o Sr. B. L. no fundo é apenas, e ainda bem para elle e para nós, um parnasiano ou antes um lyrico transviado pelo decadismo portuguez, principalmente pelo em todo o rigor do termo decadente Guerra Junqueiro. Como lyrico, apezar da sua intenção contraria, o Sr. B. L. é bem um nacional; a sua inspiração vem directamente das fontes mesmas do nosso lyrismo, da modinha e dos descantes populares, de Casimiro de Abreu e do que na mesma nota ha em Gonçalves Dias, em Alvares de Azevedo e nos romanticos. Mais tarde Gonçalves Crespo deve ter tido sobre o seu talento e inspiração consideravel influencia, sensivel, visivel, palpavel, por assim dizer, em toda a sua maneira actual, ainda na que erroneamente procura fazer distincta e consoante á nova poetica que, sem muito percebel-a, presume seguir. Tal preoccupação, toda artificial, leva-o a esta inconsequencia, que não ha no seu livro absolutamente nenhuma unidade nem de pensamento, nem de esthetica. Crendo ser raro e distincto, arreméda apenas desageitadamente Leconte de Lisle e Heredia, como em toda a porção de um preciosismo gongorista das tres primeiras partes do livro; julgando fazer symbolismo, não faz sinão imitar a simplicidade affectada e óca de Guerra Junqueiro, como em «Val de Lyrios». O resto, que é de muito o melhor do livro, sinão de grande folego, de legitima inspiração, é o parnasianismo remodelado de Gonçalves Crespo, ou o lyrismo de Heine, visto ainda através deste poeta. Da mistura, que não combinação, destes diversos elementos é este livro *Brazões*. O preconceito — que Nordau classificaria entre os seus symptomas de degenerescencia—de fazer novo, de fazer raro, de fazer exotico, exquisito, extraordinario, unica feição que distingue a escola, fórça o Sr. B. L. a torcer o seu engenho, numa direcção que lhe é antipathica e onde não se lhe deparam sinão insuccessos. Por isso a artificialidade da maioria destes seus poemas salta aos olhos do leitor menos experiente em analyses. Os titulos em que os enfeixou, são a manifestação dessa forma de preciosidade, de que a historia das decadencias literarias conhece fartos exemplos, no gongorismo luzo-hispano,

no marinismo italiano ou no euphuismo inglez: *Domus aurea, Helianthos, Stellario, Varandim, Val de Lyrios.* O livro é dedicado á uma «memoria estrellada».—E' contra a artificialidade, a *pose*, o preciosismo, o kantchatkismo como diria Leão Daudet, de tudo isto que me revolto, principalmente porque o seu unico effeito é prejudicar a um poeta de franca e ingenua inspiração.

Li outro dia—por ahi escreve-se tanta coisa!...—que o Sr. B. L. como Heredia e Leconte de Lisle não era um poeta de reflexão, que medisse e pesasse os seus versos e pensamentos. Que crasso erro! Os dois eminentes poetas francezes são ambos consummados eruditos—sim, eruditos, no verdadeiro e, para o nephelibatismo, desprezivel sentido da palavra. Leconte de Lisle era um hellenista de primeira ordem e Heredia ex-alumno da grande escola da erudição franceza, a *E'cole des Chartes*, é um dos sujeitos mais profundamente versados na historia da conquista hespanhola da America. Os poemas de ambos são verdadeiramente a synthese do seu pensamento feito no estudo das difficuldades dos classicos gregos ou das garatujas dos velhos manuscriptos latinos e hespanhóes. Longe de serem os sonetos de Heredia apenas um capricho de artista cinzelador do verso, são, como a critica franceza demonstrou com provas de apoio, a resultante ás vezes de estudos que dariam volumes. D'ahi o seu valor, extraordinariamente realçado pela forma impeccavel em que o poeta vasou o seu pensamento. O pensamento, é isso justamente o que falta nos que dos dois grandes poetas não sabem ou não podem imitar sinão as exterioridades vulgares dos seus poemas. Não ha, por exemplo, encontrar um só pensamento, um só conceito, uma unica idéa neste livro dos *Brazões*, principalmente na parte que constitue a maneira nova e especial do poeta. E a forma? Si a poesia é por excellencia a arte da forma, mais exigente devemos ser na poesia que pretende ter uma nova esthetica caracterizada principalmente pela perfeição rara da forma, que chegue a dar-nos todas as sensações proprias ás outras artes, a sonoridade da musica, a plastica da estatuaria, a côr da pintura. Vejamos a forma da do Sr. B. L. E' mais guindada, mais rebuscada, ou antes mais gongorica que distincta. A sua lingua é incorrecta, a syntaxe confusa e imprecisa, o vocabulario pobre; ha palavras e frases como jalde, lyrial e lyrio, ruflo d'azas, flavo, papoula, opala e sobre todas oiro e seus derivados, que se repetem enfadonhamente, as vezes empregadas sem cabimento.

Não se percebe o que a pag 48 vem fazer a frase «alarmando-se um cheiro de lilazes» Entra ali por fazer rima com «rapazes» mas não faz absolutamente sentido. Aliás a *cheville*, como a este pobre recurso chamam os francezes, abunda. E não ha como perdoal-a em poetas que tanto falam da Forma, da Arte, e da perfeição do verso. Raro é um soneto ou outro poema do Sr. B. L. sem uma *cheville* pelo menos. Ha versos, da peior maneira do autor da *Morte de D. João*, onde só ha *chevilles*. Assim estes, que lembram estrophes de certas poesias desconnexas em que se mettia, com muito boa metrificação, as coisas mais disparatadas do mundo. Trata-se de uma fidalga — são a preoccupação do Sr. B. L., as fidalgas —

Que no trajo preto leva
Toda uma luz espontanea,
Como o diamante de Urania
No estofo negro da treva.

Que essa titular esbelta
Essa franzina fidalga
Tem a elegancia da galga
E todo o aprumo de um célta.

As liberdades que toma o poeta com a lingua são fóra de toda regra. Quer dizer que uma amphora tem a boca aberta chama-lhe «abri-fauce», o que não diz nada. Toda gente está autorizada a formar palavras, mas desde que recorre ás linguas classicas para formal-as, tem de sujeitar-se ás leis da formação dos vocabulos, que não são uma pequice dos grammaticos mas uma resultante da propria vida desse organismo que é uma lingua. Os verbos que lhe faltam fabrica-os desembaraçadamente, o que é, pelo menos, commodo, e assim tem estrellejar, porcellanejar, castanholar, melodiar, opalinar e muitos outros. Com a mesma liberdade, por amor do verso e da rima, fez «esgalga», «asperezas nostalgicas de fragoa» (23) «parlo» (35) «do corpo excélle o empurpurado lyrio» (97) «espiritos exaltos» (122) «um agápe» (126) «carne alva e langue» (133) «um alcyone (140), etc.—A sua rima para ser rica precisa ou da *cheville* como vimos ou de torcer e deturpar a lingua, cujos recursos desconhece. Assim faz de exaltados «exaltos» para rimar com altos; e de parlador «parlo» que não significa nada, para rimar com... Monte Carlo! Só ha verdadeiramente riqueza de rima quando para conseguil-a o poeta não sai fóra da lingua e do bom senso. Vestir a uma condessa uma «saia turca» para rimar com «mazurka» (45) ou vestir «nove ou dez mulheres» de «dolman feito como o dos alferes» (121), como si o dolman dos alferes fosse no córte differente do dos tenentes ou capitães, e que taes, não é ter a tal e tão gabada rima rica. Não custa a achar rimas raras, quando nos deixem invental-as a nosso talante. O verso do Sr. B. L. é melhor que a sua lingua e que a sua rima. Entretanto os ha nos *Brazões* que são pura prosa, como «prevendo o caso de uma estada longa» (149) ou o que citei «de dolman feito como o dos alferes». Riqueza e propriedade de imagens, originalidade de pensamentos, dessas joias de estylo, de conceito ou de adjectivação que são a marca do grande poeta, uma sensação notada com profundeza ou arte, não ha nestes versos, cuja unica distincção é affectadamente rebuscada numa preoccupação como quer que seja ridicula, de alta vida, em «palacios heraldicos» «varados de tristeza singular», ou em parques senhoriaes onde o phaeton de alguma duqueza «scinde o fresco».

Ha neste feitio de poeta, além talvez de uma imitação do poeta portuguez conde de Monsarás, fidalgo e vivendo entre fidalgos, um snobismo artistico que absolutamente não é recommendavel. Nada augmenta, antes diminue, ao talento do Sr. B. L.; mas dá-lhe, mesmo como poeta, uma postura pretenciosa. Demais, repito, é tudo o que ha de mais contrario ao seu verdadeiro genio, que é um lyrismo simples, natural, espontaneo mas pobre.

As unicas partes boas deste livro são justamente aquellas em que venceu esse genio, *Impressionistas, Stellario* (na qual é manifesta a impressão do *Intermezzo* de Heine, por G. Crespo), dois ou tres poemas da *Comedia elegante* e ainda *Val de Lyrios*. Nesta parte, o seu lyrismo nos dá notas de alguma belleza, infelizmente prejudicadas pela farandulagem metrica, que sobre não terem novidade (ha coisa similhante em Casimiro de Abreu e outros poetas nacionaes) não têm nenhuma graça. As estrophes de *Na pousada*, por exemplo, são estimaveis, mas o estribilho «cão, cão; cão, cão» que as acompanha, é de um espantoso grotesco. Ninguem poderá lel-as sem terminar em risada, tanto ao fim das tres primeiras a coisa se torna ridicula. O mesmo se póde dizer de *Meio dia, Hora do chá* e *Mauro*, essas tres estrophes tão simples, tão sentidas, tão bellas, a que o estribilho vem desastradamente dar um geito de *couplet* de opereta.

O Sr. B. L. é um impressionista, esta é a sua caracteristica poetica, mas um impressionista em que a impressão se não transforma em sensação, nem esta, quando chega a fazer-se, em idéa.

Em summa, este livro dos *Brazões* longe de firmar uma individualidade de poeta, como deviamos esperar e quizeramos ver, após uma esperançosa promessa de já lá vão quatorze annos, mostra-nos um artista que oscilla ainda entre estheticas e inspirações diversas, pouco seguro de si, sem personalidade. O preconceito de seguir novas correntes artisticas, para as quaes não o talhavam nem a sua educação, nem o seu genio, deu este resultado. Taes correntes têm até agora se distinguido pelo insuccesso. Em França, donde as recebemos através do nephelibatismo portuguez, ha perto de quinze annos justamente como recentemente notava um critico, que os novos poetas occupam a scena, parecendo apostados em cansar a paciencia e desesperar a expectação. Com bellas promessas e fiducia, despertaram a curiosidade, que deixam ainda insatisfeita. Nada mais seductor que as suas intenções, nem mais fallacioso que as suas obras. Estas legitimas considerações do Sr. Doumic applicam-se com maioria de razão a nós. Não ha na nossa nova escola poetica não só nenhuma obra de valor, mas ao menos alguma promessa. O Sr. B. L. é talvez o mais distincto dos poetas que, com razão ou sem ella, se aggremiam sob a bandeira da nova esthetica, a qual, alem de outras coisas, falta ainda o nome designativo. Mas o Sr. B. L. sobre não ser chronologicamente um «novo», é um mixto de parnasianismo, de simples lyrismo congenito, sem qualificativo especial, e de decadismo, symbolismo, nephelibatismo ou como melhor se chama. O que ha nelle de bom é justamente o que não obedece ás inspirações da nova poetica. Esta, disse-o, julgo tel-o provado e repetirei para terminar, só o tem prejudicado e diminuido. Ella é propriamente um becco sem saida. Não duvido que amanhan um verdadeiro genio poetico, como foram Byron, Hugo ou Gœthe para o romantismo, possa abrir á poesia novos horisontes, e substituir ao parnasianismo tambem estafado, alguma coisa de mais novo, de mais vivo, de mais humano. Toda a obra de Leconte de Lisle, de Sully Proudhomme, de Heredia concorre já para isso. Não creio na fixidez de uma forma ou de uma inspiração artistica. Em arte, como em tudo mais, póde-se adivinhar uma transformação proxima, sinão uma revolução. Que a nova poetica seja propicia ao seu advento admitto, que ella encerre em si os elementos dessa transformação ou revolução, julgo licito contestar. A caracteristica dos movimentos literarios como este é a intemperança, conforme fazia notar Seneca para a decadencia romana. Por esta palavra podemos significar a falta da proporção, a carencia do sentimento das nuanças, o palavriado descomedido, a ausencia de idéas, a preoccupação do estravagante, a artificialidade dos sentimentos e da forma. Os artistas que servem esta obra de decadencia passam esquecidos ou menospresados, deixando apenas de si um nome desestimado, com que nas escolas se designa o trabalho util mas ingrato que fizeram. — J. V.

32.—**Terceiro Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia, celebrado na Capital do Estado da Bahia,** em Outubro de 1890, Vol. 1º. Imprensa Popular, Bahia, 1894.

Apparecem agora em volume os trabalhos e sessões do Terceiro Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia, reunido na capital da Bahia em outubro de 1890. Este primeiro volume traz, alem dos estatutos formulados para regulamentação do referido Congresso, os discursos, peças scientificas de real valor, pronunciados na sessão de abertura pelo presidente do Congresso o Sr. Dr. Silva Lima e pelo orador official o Sr. Dr. Pacifico Pereira. Seguem-se na devida ordem os trabalhos lidos e

apresentados nas sessões do Congresso. D'entre elles salientam-se: o valioso estudo sobre: «os resultados comparativos das grades operações praticadas nos nossos hospitaes em igual periodo de tempo, nas épocas pre e post listerianos,» da lavra do eminente professor da Bahia Dr. Manoel Victorino Pereira, e o trabalho do operoso clinico, que tanto tem contribuido para o renome das letras medicas brazileiras, o Sr. Dr. Silva Lima, sobre a «pathologia historica e geographica e nosologia das boubas, de maculo e dracontiase no Brazil; causas de sua actual raridade ou extincção.»

A louvavel idéa da creação dos congressos medicos brazileiros partiu do seio da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, segundo proposta apresentada em 19 de agosto de 1887, pelos Drs. Azevedo Sodré, Hilario de Gouvêa, Oscar Bulhões, Julio de Moura, Teixeira Brandão e Guedes de Mello. Foi intenção explicita dos citados medicos, que se convocasse annualmente um congresso de medicina e cirurgia na capital brazileira ou em outra cidade importante de nosso paiz. Com effeito vingou a utilissima creação da Sociedade de medicina e cirurgia, nos tres primeiros annos. No mez de setembro dos annos de 1888 e 1889 celebraram-se aqui no Rio de Janeiro sessões publicas e concorridas, nas quaes importantes questões medicas que interessam o nosso paiz foram debatidas proficientemente, nas quaes assumptos que entendem de parte com tão reclamado saneamento da capital brazileira foram estudados e discutidos com vantagem. Para proval-o basta compulsar as actas das sessões do referido Congresso, reunidas em volumes, constituindo precioso repositorio de trabalhos medicos nacionaes.— Em outubro de 1890 reuniu-se na Bahia o Terceiro Congresso de Medicina e Cirurgia, de cujos trabalhos dá-nos conta agora o volume que temos presente Com este terceiro Congresso fechou-se a serie, tão brilhantemente começada em 1888. Já cinco annos se vão escoando e não consta-nos que se tenha tentado reviver pratica tão salutar, seguida sempre ha largo tempo em outros paizes da Europa e America. Reunidos para o bem geral, permutando idéas, discutindo questões puramente scientificas, apurando trabalhos e pesquizas originaes, immersos numa atmosphera da verdadeira e genuina fraternidade, poderiam os medicos residentes na capital brazileira contribuir valiosamente para estreitar laços sociaes e scientificos que se originam dos congressos. Reate-se pois a serie interrompida dos congressos nacionaes de medicina e cirurgia. Comecem aquelles que podem ser considerados os proceres da medicina brazileira; concitem ao nobre tentamen seus collegas e discipulos, que todos nós desde o mais illustre membro da classe até o modesto signatario destas linhas acompanhal-os-ão em todas as tentativas organizadas para o engrandecimento da profissão medica em nossa patria. — Dr. Carlos Seidl.

53.—**Varias historias** por Machado de Assis, Laemmert & Cª, Editores, Rio e S. Paulo, 1896, 310 pags.

Este volume é o decimo quinto da obra do Sr. M. de A. e a sua quinta collecção de contos. Ligeiras noticias bibliographico literarias como estas são, quasi não comportam a apreciação de um novo livro e de um livro de varias historias como este de um escriptor feito e justamente consagrado e prezado como o Sr. M. de A. Dizer que na nossa literatura o Sr. M. de A. é uma figura a parte e distincta, que elle tem com sobeja razão o primado entre os nossos escriptores de ficção, que possúe uma rara faculdade de assimilação e de evolução, que faz delle,

escriptor da segunda geração romantica, sempre um contemporaneo, um moderno, sem para isso ter sacrificado á ultima moda literaria ou macaqueado alguma esthetica novissima, antes conservando a sua personalidade propria, distincta, singular; que é elle mais um exemplo da reacção triumphante contra o que o meio possa ter de deprimente, hostil ou antipathico é apenas repetir o que já foi mais de uma vez dito. Estes conceitos todos os confirma o seu ultimo livro, onde se notam a mesma impeccavel correcção de linguagem, a mesma segurança de forma, a mesma abundancia, força e originalidade de pensamento que faz delle o unico pensador em a nossa literatura de ficção, a mesma ironia dolorosa e amarga, talvez demasiado occulta e recatada, ás vezes mesmo rebuscada, numa especie de requinte de pensamento, que é, a meu ver, um dos seus raros senões e que não sei si não prejudicará um pouco a sua obra. Eu sou pela literatura humana, e o refinamento das sensações, como o da linguagem, só dos iniciados perceptiveis, podem forçar a minha admiração de literato, mas não conquistam a minha estima de homem. E' este o motivo desta minha restricção ao forte e justificado apreço que tenho pelo Sr. M. de A. augmentado, si é possivel, pelo seu novo livro. Não quer isto dizer que elle não seja humano, ao contrario, para quem o sabe ler, é um dos que o é mais entre nós e nas modernas literaturas, mas é a sua maneira de sel-o que motiva a minha reserva. Não quero encerrar esta nota sem dizer que os Srs. Laemmert & Cª, editores das *Varias historias* esmeraram-se na sua publicação; o livro a todos os respeitos é glorioso para a sua livraria e officinas.—J. V.

54.—**Questões de arte** por Carlo Parlagreco, professor da Escola nacional de Bellas-Artes, Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brazil, 1895, in-16, 154 pags.

Contém este livro quatro lições ou conferencias pronunciadas na Italia e aqui sobre varios e interessantes problemas da arte e da critica contemporaneas pelo Sr. C. P. São ellas a *Arte e a critica*, *Estudos artisticos*, *A psychologia dos povos na historia das artes* e *Estudos literarios modernos*. Em todos estes estudos ha mostras de uma cultura literaria não vulgar, allumiada por uma intuição critica em que é visivel a influencia de Taine e dos seus discipulos mais ou menos proximos. O Sr. C. P. não maneja ainda a nossa lingua com perfeita segurança, em todo caso, de parte os italianismos de construcção e de vocabulario, não ha accusações valiosas a fazer-lhe, antes devemos notar em seu favor a rapidez com que apropriou o nosso idioma, aliás tão irmão do seu. O que a nosso ver, prejudica o Sr. C. P. como critico é a tendencia para a oratoria, a declamação mesmo, um enthusiasmo meridional e exuberante, acaso util á influencia do professor sobre os alumnos, mas menos de presar pelo leitor calmo e analysta do gabinete. Isto, porém, pouco diminue o valor do livro em que são ditas ou repetidas algumas coisas boas e uteis de aprender ou recordar.—J. V.

REVISTAS E OUTRAS PUBLICAÇÕES PERIODICAS NACIONAES

Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, ns. 1 a 8, fevereiro a setembro de 1895, Bahia, Dr. Alfredo Brito: *Traitement spécifique de l'ankylostomiase par le thymol*; Dr. Alfredo de Magalhães: *Na pesquiza do metal de um sal, por via humida, que lugar deve occupar a*

platina na seriação analytica: Dr. Melgaço: *Um caso de «Berne» no canal lacrymal*; Dr. Pacheco Mendes: *Du Cathétérisme rétrograde*, Dr. Deocleciano Ramos; *Albuminuria produzida por altas doses de antipyrina*; Dr. Nina Rodrigues: *Relatorio sobre as medidas prophylacticas contra a invasão do cholera entre nós*, Dr. Juliano Moreira; *Distribuição geographica do botão endemico dos paizes quentes, Caso de urticaria consecutiva ao emprego da santonina*, pelos Drs. Gonçalves de Figueiredo e Juliano Moreira: *Assistencia dos alienados na Bahia*, pelo Dr. Tillemont Fontes; *Contribuição para o estudo dos aneurysmas da aorta na Bahia*, pelo Dr. Nina Rodrigues; *Concepção moderna das diatheses*, pelo Dr. Deolindo Galvão; *Syphilis no periodo de involução senil*, pelo Dr. Juliano Moreira; *De l'intervention chirurgicale dans la goitre*, pelo Prof, Pacheco Mendes; *Considerações sobre o logar que compete ao magnesio na classificação analytica dos metaes*, pelo Dr. Brito Pereira; *Nota sobre a ankylostomiase*, pelo Dr. Sá e Oliveira.

ARCADIA, revista d'arte, fasc. 1, 2 e 15 de setembro e 15 de outubro de 1895.

ARCHIVO DO DISTRICTO FEDERAL, 9 e 10, setembro e outubro.

BRAZIL-MEDICO, ns. 33 e 35, 1 e 15 de setembro, *A mortalidade das crianças em S. Paulo*, pelo Dr. Estellita Tapajoz: *Do valor therapeutico dos vernizes antisepticos*, por Moncorvo Filho; *Cataplasmas frias—Propriedades antisepticas, hemostaticas e anesthesicas do vapor d'agua—Alienados perante os tribunaes—Escola medica para mulheres em S. Petersburgo—Opio e Café*, pelo Dr. C. S; *Estudo critico sobre a panophtalmia e seu tratamento pela enucleação e pela exenteração ou evisceração ocular*, pelo Dr. Victor de Britto; *A epidemia de cholera-morbus* (1894-1895) *relatorio do chefe da commissão sanitaria*, Dr. Azevedo Sodré; *O lazareto de Pernambuco*, pelo Dr. Leonel Rocha.

O CENACULO, setembro, Curitiba, *Dr. Monteiro Tourinho*, por Dario Velloso; *Oração a Satan*, por Julio Pernetta: *Em vão*, por Leoncio Correia; *Soneto de um fauno*, de Emiliano Pernetta; *Soror Martha*, por Jean Itiberé; *Primeiro Peccado*, de Elyseo Montarroyos: *Alma penitente*, por Dario Velloso; *Visões de um sonho*, de Antonio Braga; *Paroles d'Athée*, por Jean Itiberé; *Oração de Tantalo*, por Silveira Netto; *Galeria paranaense*, por Leoncio Correia; *Litania da Morte*, por Julio Pernetta; *Dhulia*, por Silveira Netto.

O Pão da Padaria espiritual do Ceará, ns. 22, 23, 24, 25 e 26.

REVISTA CONTEMPORANEA, Recife, ns. 15, 16, 17, 18 e 19, *Monismo religioso*, por França Pereira; *Socialismo e monismo*, por Deonysio Maia, poesias, contos, critica por Phaelante da Camara, Raul de Azevedo, Th. Freire, Clovis Bevilaqua, etc.

REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, Pará, maio, junho e julho, *O ensino do Desenho, Geologia*, por A. Geikie; *O parricida Novella*, por Geyerstamm; *O patriotismo nas escolas primarias*, pelo Dr. A. Tavares; *Confronto nas verbas orçamentarias da Instrucção Publica no ultimo quatriennio, Cacophonia*, por Vilhena Alves; *Formação de derivados*, por Vilhena Alves.

REVISTA DO INSTITUTO DIDACTICO, Anno I, n. I, Rio de Janeiro. Orgão dos interesses do ensino, letras, sciencias e artes: *O Oyapock*, divisa da Goyana Franceza com o Brazil, á luz dos documentos historicos, pelo Dr. Homem de Mello; *Pedagogia indigena*, por Hemeterio dos Santos; *A instrucção no Brazil*, pelo Dr. Manoel Curvello: *O Collegio Militar*, pelo Dr. Urbano Duarte; *Questão de Ensino*, pelo Dr. Alfredo Gomes.

REVISTA MARITIMA BRAZILEIRA, n. 12, junho de 1895, *As torpedeiras e o combustivel liquido; Viagem do cruzador Columbia; Cruzador Maine*, por

C. L; *As esquadras em Kiel; Transformação do Riachuelo; Relatorio* do Capitão Tenente Carlos Accioli; *Revista das Revistas,* por Santos Porto.

REVISTA MEDICO LEGAL, Bahia, Anno I, n. I, 1 de setembro de 1895. *Lesões pessoaes, sua doutrina medico-legal na legislação criminal brazileira. Apontamentos para o novo Codigo,* por Nina Rodrigues; *Segredo Medico,* por Sá Oliveira; *Culpabilidade dos syphiliticos que se casam,* por Juliano Moreira.

REVISTA PEDAGOGICA, n. 45, 15 de setembro. *Conferencia do Dr. J. J. Pizarro, no Curso de Historia Natural do Pedagogium. — Chronica do Exterior: Belgica .— Chronica do Interior: Mensagens dos governadores dos Estados de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro, Maranhão, Paraná, Inspecção Escolar etc.— Necrologia: Cantu, Vogt, Broglie Martha, Nicolle.— Bibliographia, Parte Official.*

REVISTA DOS TRIBUNAES, Bahia, n. 4, maio a agosto.

REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO DO CEARÁ, anno IX, 1º e 2º trimestres de 1895.

JUIZO HISTORICO SOBRE FACTOS DO CEARÁ, *Juizo historico* sobre factos do Ceará, pelo senador Pompeu.—*Relação dos presidentes e vice-presidentes, que têm administrado a provincia do Ceará desde 1824 até 1866,* pelo Barão Homem de Mello.—*Apontamentos biographicos de um missionario do Ceará,* pelo benedictino frei Domingos do Loreto Couto.— *Uma proclamação da juncta provisoria do governo do Ceará.— Dois documentos sobre a egreja de Nossa Senhora da Conceição dos Tramambés.— Ensino primario do Estado do Ceará.* por Cesidio d'Albuquerque Martins Pereira.— *Datas para a historia do Ceará na primeira metade do seculo XVIII,* pelo Dr. Guilherme Studart.— *Auto do 1º lançamento da decima urbana em Fortaleza.— Commercio da Praça de Lisboa com o Ceará* no anno de 1821.

REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA, junho, ns. 4. e 5.

THEBAIDA, n. 3. Prosa e verso dos nossos decadistas ou nephelibatas.

NOTAS E OBSERVAÇÕES

O LIVRO NOS ESTADOS UNIDOS

Escrevendo sobre a literatura na America um correspondente do *Times* de Londres, traz sobre o livro e a industria da livraria nos Estados Unidos comparados com a Inglaterra, noticias interessantes, que de alguma forma confirmam e justificam ponderações que fiz nesta *Revista* sobre «o livro brazileiro».

A arte de aformosear os livros merece mais attenção nos Estados Unidos que na Inglaterra. E' mais cuidado o aspecto exterior, e as questões do papel, da impressão, da encadernação e das illustrações são mais estudadas. Até ha pouco os editores inglezes contentavam-se com lançar ao publico seus livros sob a mais chan e desattrativa apparencia. Quando os autores classicos possuiam já luxuosas edições nos Estados Unidos, não as tinham na Inglaterra. As obras de Ch. Lever, romancista de caracter especialmente inglez, por exemplo, nunca tiveram na sua patria sinão edições vulgares, ao passo que na America uma casa de Boston publicou-as de forma a satisfazer o mais exigente bibliophilo.

As condições da producção do livro não são absolutamente as mesmas nos dois paizes. O preço do papel pouco varía, é verdade, entre elles, algumas qualidades, sendo entretanto mais baratas nos Estados Unidos. Na impressão as condições são, porém, muito diversas. Os salarios são muito mais elevados na America. Na imprensa official de Washington, a média do salario por dia de 8 horas é de 4 dollars, nas officinas particulares de 20 por semana. De outro lado, os preços da impressão e electrotypia não excedem os inglezes. Para obviar aquella differença, os americanos estão dando muita attenção á machinas de compor, que são já largamente usadas nas imprensas jornalisticas. E' certo que tempo virá em que o trabalho manual na composição typographica desapparecerá quasi inteiramente.

Sobre a excellencia comparada da impressão americana e ingleza variam as opiniões. Em geral a obra ingleza é no seu todo, um pouco superior. Sendo o trabalho inglez mas barato, os impressores perdem mais tempo no que se chama *mise en train* que consiste em preparar e nivellar as paginas compostas antes de começar a impressão. Uma outra causa da superioridade ingleza é que ali a maior parte dos livros são impressos com os typos moveis, que dão sempre resultado um pouco mais nitido do que com as chapas electrotypicas universalmente usadas na America.

A encadernação é principalmente uma questão de gosto individual. Na de couro os americanos não competem com os inglezes, porém nas de panno, que é a do livro commum, rivalizam com elles.

A illustração de livros e periodicos é muito melhor nos Estados Unidos do que na Inglaterra. Ali não só os artistas são mais bem pagos, como os processos graphicos mais perfeitos. — Um Bibliophilo.

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

José Verissimo

SCENAS DA VIDA AMAZONICA

com um estudo das *Raças indigenas e mestiças da Amazonia*, contos e historietas, 1 grosso volume..... 3$000

A EDUCAÇÃO NACIONAL

estudo sobre a reconstituição do Brazil, sob a forma republicana : *A educação nacional — As caracteristicas brazileiras — A educação do caracter — A educação physica — A historia patria e a educação nacional — A geographia patria e a educação nacional — Brazil e Estados-Unidos*, 1 volume.. 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

PRIMEIRA SÉRIE : *A literatura brazileira — O lyrismo brazileiro — Os idolos amazonicos — A religião dos tupys guaranis — O nacionalismo na literatura — Castro Alves — A poesia popular brazileira*, etc., 1 volume..... 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

SEGUNDA SÉRIE : *O romance naturalista do Brazil — A nossa vida literaria — D. Pedro II — José de Alencar — O theatro nacional — Historia do Pará — Machado de Assis*, etc., 1 volume 5$000

LAEMMERT & C.

Rio de Janeiro — S. Paulo

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,

UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

LIVRARIA LAEMMERT & C.

Machado de Assis — *Varias Historias*, contos. 1 nitido volume de 312 pag. in 16°, papel e typo *moyen-age*, preço ..... 4$000

Valentim Magalhães — *Bric à brac*, contos. 1 nitido volume com capa illustrada de Julião Machado, preço ..... 4$000
— *Vinte Contos*, 2ª edição corrigida, 1 vol. in 16° de 233 paginas 3$000

Marcos Valente (V. Magalhães) — *Philosophia d'algibeira* (para philosophos de bonde). 1 nitido volume in 32°, preço..... 1$500

José Verissimo — *Estudos Brazileiros*, segunda série 1889 — 93. 1 volume in 8° de 216 paginas, bem impresso..... 5$000

Rodrigo Octavio — *Sonhos funestos*, drama de assumpto colonial em 3 actos e 4 quadros. 1 volume in 8° nitidamente impresso ..... 3$000

Figueiredo Pimentel — *Um canalha*, romance original brazileiro. 1 volume in 12° com capa illustrada ..... 3$000

Fernando Osorio — *Historia do General Osorio*, contendo a biographia deste illustre general e muitos episodios interessantes sobre a guerra do Paraguay. 1 grosso volume ornado com o retrato do heróe, preço 10$000

D. J. G. de Magalhães (Visconde de Araguaya) — *Commentarios e pensamentos*. 1 volume in 12° ..... 2$000

Max Nordau — *As mentiras convencionaes da nossa civilisação*, traducção de M. C. da Rocha. 3ª edição corrigida, 1 volume brochado 4$000
Encadernado ..... 5$000

Olympio de Araujo — *Aquarellas*, linda collecção de contos. 1 volume in 12° ..... 3$000

Cesar de Carvalho — *Azulejos*, pequena série de escriptos litterarios em prosa e verso. 1 volume ..... 3$000

Bento Ernesto Junior — *Frondes*, collecção de poesias. 1 vol. 2$000

Casimiro de Abreu — Obras completas. Novissima edição, precedida de uma noticia sobre o autor por M. Said Ali, 1 vol. brochado 2$000
Encadernado..... 3$000

Jorge Palmer (Visconde de Taunay) — *Como me tornei Kneippista*, breve exposição dos processos e applicação do novo methodo therapeutico e hygiene do padre Sebastião Kneipp. Cura de Woerishofen (Baviera). 1 volume com estampas explicativas..... 4$000

Fausto A. Cardoso — *Concepção monistica do universo*, introducção ao cosmos do direito e da moral. 1 volume in 8° brochado 8$000
Encadernado..... 10$000

NO PRÉLO:

Salustiano Orlando — *Codigo Commercial do Brazil*, 5ª edição melhorada e posta em dia.

LAEMMERT & C., EDITORES

Rio de Janeiro	S. Paulo
66, RUA DO OUVIDOR	25, RUA DO COMMERCIO

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico:—« TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO—ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

*As assignaturas pagam-se na casa editora, **rua do Ouvidor 66**, na **Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93**, e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

REVISTA BRAZILEIRA

AOS SRS. ASSIGNANTES

A administração da REVISTA BRAZILEIRA declara aos Srs. assignantes que sendo o serviço da distribuição da REVISTA feito com toda a regularidade e escrupuloso cuidado, as faltas que se derem, ao Correio somente devem ser imputadas.

Para poder remedial-as, pede-lhes sirvam-se communical-as, por escripto, ao gerente desta publicação, a quem tambem deverão participar com antecedencia qualquer mudança de endereço, não se responsabilisando a administração da REVISTA pela entrega, nem attendendo a reclamações quando não houver sido previamente avisada. Igualmente não será attendida nenhuma reclamação quando não fôr feita nos oito dias da entrega devida do fasciculo reclamado.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de satisfazerem as suas assignaturas, afim de não sermos obrigados a interromper a remessa da REVISTA.

Companhia Typographica do Brasil, Rua dos Invalidos 93

1 ANNO — TOMO IV · 22.° FASCICULO 15 DE NOVEMBRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. **Beckford e a Sociedade portugueza do seculo XVIII**, por **MANOEL DE OLIVEIRA LIMA** 193

II. **Um Estadista do Imperio—J. Th. Nabuco de Araujo.—VIII. Presidencia de S. Paulo**, por **JOAQUIM NABUCO.** 204

III. **Historia do Direito Nacional** (*continuação*), por **SYLVIO ROMÉRO**, professor das Faculdades livres de direito. 215

IV. **O Padre José Mauricio**, pelo **VISCONDE DE TAUNAY** 229

V. **Os Bacaerys** (*continuação*), por **CAPISTRANO DE ABREU**, do Gymnasio Nacional 234

VI. **Bibliographia** 244

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira**, Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira**, Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

BECKFORD

E A SOCIEDADE PORTUGUEZA DO SECULO XVIII[1]

A hierarchia social baseava-se em Portugal, como em qualquer paiz, na tradição e na subordinação, mais comtudo nesta do que naquella, ao inverso do que se dava em outras nações. Similhante particularidade basta para demonstrar o rebaixamento a que haviam chegado os sentimentos de altivez e dignidade pessoal. Pareciam-se as casas fidalgas com colmeias, menos no trabalho. Dentro dellas apinhava-se uma multidão de dependentes de ambos os sexos, parasitas cujas occupações, além das praticas religiosas, dividiam-se entre a intriga e o namoro. A exemplo das fazendas brazileiras, no tempo em que a escravaria abundava, reunia-se de tudo nessa população heterogenea: valentões (*bravi*, ou *rascals* segundo se exprime Costigan) empregados pelos amos em baixos desforços, uma vez que nem dum nem do outro lado do Atlantico o duello entrara nos habitos para liquidação summaria das offensas, dispensando assim da galeria portugueza o typo classico do espadachim francez; truões cujo emprego consistia em, mediante esgares e facecias, afastarem das frontes dos donos o tedio immenso da

[1] Trechos da parte IV do livro inedito *Aspectos da literatura colonial brazileira*. Essa parte, intitulada *Colonia e Reino*, é um estudo da sociedade da metropole no seculo XVIII, e da importancia apreciavel sobre ella exercida pelo Brazil.

vida ociosa ou desprovida de divertimentos. Beckford descreve nos seus interessantissimos esboços peninsulares o velho Marquez de Marialva, venerado fidalgo e picador celebre, regressando de uma romaria ribatejana num barco de cincoenta remadores, a bordo do qual amontoava-se uma comitiva de musicos, poetas, toireiros, frades, capitães de guias, lacaios, anões e crianças vestidas de anjinhos. Serviam a merenda ao ancião cincoenta criados, dos trezentos que viviam no palacio, casarão onde resoavam a toda hora toques de guitarra, vozes de ladainhas, e sons de modinhas, e a que dava ingresso um pateo cheio de mesquinhas seges e de montes de estrume, refocillamento de uma porca com a grunhidora progenie.

De muitos outros quadros de um precoce naturalismo somos devedores ao opulento inglez, a quem o poeta symbolista Stephane Mallarmé appellida no prefacio de uma moderna edição do *Vathek* (1876) de figura igual, sinão superior, á de Brummel. A sua residencia em Portugal nos fins do seculo XVIII lançou para mais uma nota de elegancia — digamos de *dandysmo*, pois que trata-se de um rival, soberbo ainda que concentrado até a solidão, do primeiro *dandy* da Europa, do typo imperecivel da mundanidade — e uma nota de distincção na nojosa sociedade que, de joelhos, se agrupava em derredor da anafada e bonacheirona figura do arcebispo de Thessalonica, confessor da rainha e alto dispensador das graças do poder.

William Beckford era neto de um riquissimo plantador da Jamaica. O pai, criado e domiciliado na Inglaterra, occupou no mundo politico da mãi patria uma situação invejavel: por duas vezes o elegeram *lord mayor*, e por varias deputado de Londres. De uma natureza energica, independente, mesmo vehemente, arrastando até á côrte a liberdade de palavra das reuniões eleitoraes, generoso de dinheiro sem jactancias de millionario, o velho Beckford podia ufanar-se de estar enfileirado entre os que na linguagem de seus compatriotas se chamam *popular favourites*. Amicissimo do primeiro Pitt, que serviu de padrinho ao joven William, refere-se que elle nunca dobrou diante do ministro, do camarada ou do *lord* o seu orgulho democratico, ajudando comtudo dedicadamente a politica patriotica do estadista, a qual com criterio julgava convir ao predominio da Inglaterra. Occupando-se principalmente de assumptos commerciaes, não fechara todavia o espirito ás suggestões artisticas, realizando em tudo o typo ideal do insular sadio, forte,

ousado, intelligente, equilibrado, profundamente nacional, que tem logrado com taes qualidades conquistar o mundo.

Aos onze annos ficou William Beckford orphão de um tão honrado pai e herdeiro de uma fortuna de cem mil libras esterlinas de renda. O conde de Chatham e lord Littleton suppriram a perda experimentada pelo moço ricaço, fiscalizando vigilantemente a sua educação na intenção de o lançarem, homem, no terreno turbulento da politica.

Beckford porém entrou cedo a revelar disposições avêssas ás lutas praticas da existencia. Por um phenomeno vulgar de atavismo, a influencia tropical exercida sobre os avós surgiu no descendente, espontanea e poderosa. A imaginação impetuosa, ardente, desprezava os assumptos triviaes que dão pasto ao jornalismo, para lançar-se sem moderação, primeiro no campo meio fabuloso da heraldica, e depois de estudados o arabe e o persa, na absorpção das coloridas e fantasiosas literaturas orientaes. O *Vathek*, conto terrifico — grandioso, que tornou-se a sua obra mais conhecida, é fruto desses momentos nunca esvaidos de morbida excitação. Como quasi todos os filhos do Sul possuia mais o franzino inglez uma extraordinaria facundia oratoria e uma viva affeição pela musica, aliás repartida com outras bellas-artes. Do sangue e educação britannicos recebeu elle no emtanto a predisposição para a satyra, que aos dezesete annos resalta numa mystificação compilada sob o titulo de *Memorias de pintores extraordinarios* — diatribe contra a prosapia dos artistas e a vaidade dos protectores — e que ainda depois dos setenta conserva-se fresca e juvenil nas impressões de viagem no Meio Dia europeu, apenas coordenadas na velhice.

Beckford mostra-se em ambos os escriptos dotado do genuino *humour* de além Mancha — uma ironia que não parece-se com nenhuma outra, que não é estonteadora, recheada de effeitos como o espirito francez, nem grosseira, mal educada como a graça portugueza, mas que é acerada, discreta comquanto pungente, visando bem o alvo e nunca falhando-o, porque á dicacidade allia-se uma forte dose de bom senso. Tão manifesta inclinação mordaz não tornou comtudo arido o singular temperamento literario de Beckford. A grande porção de idealismo que o seu espirito encerrava, preservava-o da sequidão resultante da critica, da atrabilis moral oriunda da censura. Até a morte conservou esse espirito o

culto quasi pagão da natureza, que desde a mocidade impellira o ardego estudioso a demoradas digressões pelo continente e a prolongadas meditações sobre as literaturas pantheistas do Oriente; que o determinou a fixar-se, quando casado, nas margens calmas e encantadoras do lago Léman, bem em contacto com a terra fecundante, as arvores frondosas, os riachos murmurantes e os musgos viscosos; e que de regresso definitivo á patria fez brotar ao seu aceno os scenarios maravilhosos da abbadia de Fonthill, e depois da torre de Bath.

A naturesa e a arte — eis as duas paixões dominantes daquella intelligencia formosamente prendada, mas infelizmente de escassa productibilidade, porquanto a riqueza dispensava-a da necessidade de procreação, e a soberba afastava-a de outro terreno que não fosse o da expansão solitaria no meio de thesouros accumulados por um gosto apurado e um discernimento seguro.

Porque Beckford era essencialmente orgulhoso. A educação aprimorada, os mimos de uma mãi extremosa, as attenções talvez subservientes dos amigos, alimentaram-lhe similhante tendencia e compuzeram o seu ar de superioridade, que não chegava a ser fatuo mas que envolvia affectação; o seu desdem, não insupportavel ou descortez porém perceptivel, por tudo quanto não falava á sua imaginação ou chocava a sua comprehensão particular, exclusiva, da vida. Formara-se esta comprehensão de fantasia, de elegancia, de horror á banalidade, de amor pelo natural de certo avolumado na convivencia em Genebra com os apostolos de Rousseau, sem que entretanto chegasse nunca a desmanchar-lhe a fleugma ingleza e a altivez fidalga.

Foi pena, devo repetir, que condições diversas de vida não sacudissem para a arena quasi sempre cruenta, mas tantas vezes gloriosa, das pugnas intellectuaes, uma mentalidade do quilate da de Beckford.

O seu talento de escriptor era real. Possuindo em alta escala a justeza da expressão servida por um copiosissimo vocabulario, alliava-lhe uma graça inesgotavel posto que concisa, e uma pujante imaginação physica. Dest'arte as paginas que legou são primorosas pelo estylo, levantado sem requintes, pinturesco sem degradação; captivantes pelo chiste afinado e certeiro que distillam, não raro entremeado de notas calorosas e tocantes de emoção;

interessantes pela descripção suggestiva dos lugares percorridos, e dos typos entrevistos e observados com uma pouco vulgar personalidade de vistas.

Esmaltavam-se todos estes predicados da feição scismadora, contemplativa, de intimo devaneio, que constituia o fundo da natureza complexa de Beckford. Natureza sobretudo calida e impressionavel, diria nervosa si o termo na sua simplicidade não parecesse fóra de moda para qualificar um temperamento de tamanha receptibilidade de impressões, tão accessivel aos phenomenos cosmicos como ás influencias moraes, alheio embora o escriptor ao mysticismo perigoso, que, como aureola sobrenatural, parecia envolver o nascente romantismo e julgava-se forte para sonegal-o, assim como presentemente esconde o estrebuchar de tendencias postas demasiado em contacto com a realidade apparente, transformando essa agonia, de reacção delicada em feixe de inclinações vaporosas. Pela independencia da sua posição social o inglez teve ainda a felicidade pouco frequente de não carecer, como tantos outros, de afivelar sobre aquella sua physionomia sympathica de idealista, a mascara de indifferentismo debaixo do qual occulta-se muitas vezes um coração facilmente vibrante de enthusiasmo e de ternura, compellido a encobrir qualidades que seriam talvez nocivas no meio em que o misero se debate.

Beckford esteve por duas vezes em Portugal. A primeira em 1787, logo após o fallecimento de sua mulher, andando á cata de sensações novas que escurecessem a incisiva crueldade do terrivel golpe domestico, experimentado a meio de uma radiante ventura. A segunda sete annos depois, escreveu um autor portuguez que obrigado a deixar a Inglaterra por motivo de grave accusação, cujo olvido o principe regente D. João obteve do rei Jorge III. Esta supposição não acha-se porem confirmada nos dois volumes consagrados em 1859 por piedosa penna á memoria de William Beckford, dizendo-se ahi com singeleza que o faustoso inglez voltou ás margens do Tejo por mera distracção, no intuito de visitar amigos a quem muito prezava, particularmente a familia Marialva, e rever uma natureza luxuriante que exercia sobre elle poderosa fascinação. De facto Beckford comprazia-se tanto no campo que, quer em uma quer em outra viagem, habitou sempre nos arredores de Lisboa, ora em S. José de Ribamar, ao lado da praia bem exposta ao sol rutillante, a

excessiva claridade do qual chegava a dar-lhe a nostalgia dos nevoeiros patrios; ora na fresca e umbrosa Cintra, no Ramalhão, e em 1794 na propriedade de Monteserrate, o *paraiso* cujo abandono annos depois Byron deplorava em sentidos versos do seu Childe Harold:

Thy fairy dwelling is as lone as thou!

Os esboços peninsulares de Beckford, posto que no geral evitando modestamente quaesquer referencias ao esplendor das accommodações do autor, esplendor, conta-se, olhado de soslaio pela Coroa, falam do mirante asiatico do Ramalhão onde elle passava horas esquecidas, « cercado de fidalgos com seus chambres mui garridos e de musicos vestidos de roxo com largos chapeus de palha á similhança de bonzos, ou talapões,» reza a traducção de Rebello da Silva.

Curado do gosto excessivo pelas viagens, que o fizera correr á laia de vagabundo os mosteiros portuguezes, os theatros italianos, os palacios hespanhoes, as estalagens allemães e os terriveis ajuntamentos demagogicos do Pariz da Revolução e do Terror, Beckford occupou-se finalmente em levantar na patria um solar mais digno da sua magnificencia e do seu gosto do que a aliás ostentosa casa paterna, edificada num local pouco salubre do dominio de Fonthill.

A abbadia foi a manifestação do seu esplendido sonho de ocioso genial. Na execução do plano, de um caracter severo e genuino, para o qual convergiam sem discrepancia todos os pormenores architectonicos e todas as minudencias da decoração, consumiram-se sommas enormes. Quando serios revezes de fortuna — a perda de propriedades excellentes por falta de titulos rigorosos de posse, a diminuição do valor de outras fazendas, e a negligencia na gestão de capitaes longinquamente empregados — forçaram posteriormente o vaidoso solitario a separar-se da sua thebaida, desligou-se della sem apêgo apparente e lá foi, aos sessenta e tres annos, erguer em Bath nova, ainda que mais modesta, residencia, e jardins quasi igualmente sumptuosos. O melhor das suas collecções bibliographicas e artisticas, dispersas no momento da alienação da Fonthill, acompanhou-o na mudança e perfumou-lhe os ultimos annos da longa e moralmente placida vida, partilhados entre demoradas digressões pelas alamedas assombradas e vistosos campos de relva do parque, e o manusear paciente e deleitoso dos livros bem amados, anichados no meio de um numero sempre crescente de gravuras, porcelanas e galanterias da mais apurada authenticidade.

Aos oitenta e quatro annos morreu o incorrigivel amador, despreoccupado como sempre vivera, levando comtudo o pezar secreto de não haver podido impôr-se indiscutivelmente pelo fausto e pela excentricidade, e a consciencia da vacuidade do seu destino social. A dicacidade mesmo a mais attrahente, e sabem-n'a os inglezes apreciar em sua tradicional liberdade de educação civil; a franqueza mesmo a mais seductora; a critica mesmo a mais despida de preconceitos, não bastam para occupar uma actividade, mormente quando esta se sente de um estofo capaz de arrostar a onda da imbecilidade e os embates da rotina: dão apenas a illusão de um destino cumprido e na verdade mallogrado.

. . . . . .

A convivencia da sociedade de então, si não existia com a liberdade moderna, produzia-se entre a classe superior com relativa facilidade. Beckford recorda saudosamente uma ceia no palacio real, á qual o convidaram gentis senhoras, e foi presidida por uma camareira-mór, certamente pouca parecida com a que Victor Hugo esboçou no seu *Ruy Blas*. Refere-se ainda o inglez aos olhos negros «em que scintillavam amorosas tendencias, ás tranças exuberantes de cabello azevichado, aos beicinhos de côr das rozas» e aos picantes ademanes das açafatas do Paço, com quem, fazendo pouco caso dos clerigos e sopranos vigilantes, elle palestrava em um ameno jardim fronteiro ao Tejo, e de quem recebia depois no Ramalhão collectiva e alegre visita. Isto comtudo não significa que os exemplos citados fossem seguidos sem discrepancia. Em casa do marquez de Penalva, onde foi offerecido a Beckford o mais appettitoso e completo almoço, sem privação nem de concerto, nem de flôres viçosas, nem de magnifico serviço, nem de boa roda literaria e artistica adrede congregada no palacio, cujas capella, livraria e galeria de quadros estavam patentes — as senhoras da familia comeram em camarins contiguos á sala do banquete. Ali, no que elle com razão appellida o Harem, as foi o hospede saudar, concessão que traduzia um signal de distincção em extremo lisonjeiro, encontrando-as sentadas no chão, á moda oriental, em volta de um personagem que, apezar das apparencias o designarem como o eunuco, era nem mais nem menos do que o bispo do Algarve.

A reclusão feminina, praticada parcialmente pela fidalguia e em larga escala pela burguezia, representa um symptoma

apreciavel das idéas dominantes, e fórma um traço peculiar do caracter nacional. No seculo XVI o intercurso social dos dois sexos baseara-se na franqueza, e exercera-se na luxuosa côrte manuelina sob o influxo de uma cultura notavel, dando formosa expansão ao lyrismo pelo incremento emprestado ao amor. São lembradas como specimens illustres de intelligencia e instrucção femininas varias damas daquella época, da mais alta linhagem, impondo particular veneração a figura melancolica e generosa da rainha D. Leonor, viuva de D. João II e irman de D. Manoel, protectora desvelada da imprensa, das artes e do theatro, e dedicada cultora da caridade.

Tanto na metropole como nas colonias, estava nos habitos seiscentistas o sairem as mulheres frequentemente a passeio e partilharem das distracções em uso. Os embaixadores venezianos Tron e Lippomani, vindos a Lisboa durante a assistencia de Filippe II, quando já a intolerancia religiosa de D. João III obscurecera o pristino fulgor cortezão, e o ascetismo de D. Sebastião derramara no Paço a sua sombra merencoria, começam sua narração de viagem rendendo preito á formosura das lisboetas. Algumas, dizem elles, tingiam o cabello de loiro, o que não podia deixar de sorrir aos agudos diplomatas, afeitos na patria a procurar nas cabelleiras fulvas das elegantes patricias, a restea de sol que allumiava a atmosphera soturna de uma administração suspicaz e implacavel, qual era a da republica do Adriatico. Ajunta a relação que as damas da capital portugueza « com o seu manto grande de lan ou de seda cobriam o rosto e o corpo inteiro e iam onde queriam tão disfarçadas, que nem os proprios maridos as conheciam, vantagem esta que lhes dá maior liberdade do que convém a mulheres bem nascidas e bem morigeradas. »

A situação mudara muito no seculo XVIII: completamente para a classe média. A diminuição do fausto, consequencia de uma errada orientação colonial na India e dos geraes desastres ultramarinos, accentuados após a absorpção hespanhola; a vergonha do dominio estrangeiro, coroando tristemente a infelicidade patria de Alcacerquibir e magoando sobretudo as classes alheias á nobreza vendida a Castella; a bisonha educação fradesca actuando pela soledade, e finalmente, as praticas sombrias da religião introduzidas pelas perseguições do Santo Officio e pelas severidades da propaganda jesuitica, em obediencia ao movimento enervante da Contra

Reforma, foram outras tantas causas que hysterizaram o elemento masculino, augmentando-lhe a desconfiança domestica e dando vigor á tradição moirisca da clausura feminina. As burguezas do seculo XVIII andavam perfeitamente segregadas do convivio so cial. [1]

A espionagem exercida pelos pais e maridos sobre as filhas e esposas era de tal genero, que fazia crer na existencia por parte dellas de faceis tendencias peccaminosas, escreve Desotteux de Cormartin, verdadeiro autor, segundo lê-se em uma nota manuscripta do exemplar da Bibliotheca Real de Berlim, do *Voyage du ci-devant Duc du Châtelet en Portugal*, revisto por Bourgoing, ministro da Republica Franceza em Hespanha (1797).

Cormartin, ou Châtelet, si não quizermos excluir de todo a hypothese de ser o citado trabalho obra do filho da sabia dama a quem Voltaire cognomina de douta Urania — affirma de resto que as portuguezas primavam no galanteio: sómente, mercê do encerramento em que as mantinham, fingiam a mais não poder. Alcunha-as outro autor, o do *Tableau de Lisbonne* de verdadeiros Protheus. Com effeito, constituindo o amor carnal a distracção maxima de uma sociedade privada de recreações intellectuaes, afóra as reuniões de raros fidalgos e homens de letras em companhias de desenfado espiritual, e portanto roida pelo aborrecimento; e ajudando o clima festivo e a prolongada intimidade das creadas na reclusão dos gyneceus a florescencia das inclinações lascivas, toda a grande vivacidade mulheril empregava-se nos estratagemas amorosos. Trocavam-se signaes convencionaes num formulario apenas comprehensivel para os namorados, escolhendo-se as igrejas para scenario da profana prestidigitação. Os meninos de côro com artificios beatos ahi permutavam as epistolas inflamadas. Ao tomarem os fieis a agua benta encontravam-se e apertavam-se furtivamente os dedos falando,

---

[1] *Simicupio* — Já que se vão, advirtam de caminho, que segundo as noticias, que tenho, bem podem desistir da empreza, porque o velho é tão cioso das sobrinhas, como do dinheiro; a casa é um recolhimento: as portas de bronze, as janellas de encerado; as frestas são oculos de ver ao longe, que nem ao perto se vêm; as trapeiras são zimborios tão altos que nem as nuvens lhe passam por alto; as paredes do jardim são mestras, e as chaves das portas discipulas, porque ainda não sabem abrir; mas só um bem ha, e é, que tendo tudo tão forte, só o telhado é de vidro. (Antonio José, «o Judeu», *Guerras do Alecrim e Mangerona*).

ainda que mudos, pelo coração. Desgraçadamente porém todos estes ternos preludios eram com frequencia embaraçados pela excessiva previdencia do chefe da familia, o qual abolia com a consagração de uma capella privativa o pretexto quasi unico de saida offerecido ás pobres tuteladas, felizes na rua debaixo da vigilancia, facilmente illudida, de uma aia empertigada ou de uma velha e folgazan famula negra.

A convivencia espirituosa e licenciosa da côrte de Versalhes projectando-se galantemente sobre Paris, ou a independencia da educação britannica traduzindo-se por uma ampla existencia ao ar livre, tão ampla que, segundo uma escriptora ingleza, descambou na baixeza e libertinagem, procurando as mulheres rivalizar com os homens nos trajes indecorosos e nos modos desabridos (*riotous manners*), eram, já vê-se, um impossivel, dados similhantes distinctivos do temperamento portuguez. No seu amor ciumento, hypocondriaco, e ao mesmo tempo voluptuoso, palpitava a alma semitica, pois que a propria nobreza não escapou á grande infusão na Peninsula Iberica de sangue judeu, em uma raça já misturada em remota antiguidade com os elementos phenicio e punico, e posteriormente com os invasores Berberes. Notou algures o Sr. Ramalho Ortigão que hoje mesmo os seus patricios, quando apaixonados, em vez de manifestarem excitação e jubilo, ficam cabisbaixos e ariscos. Imagine-se estes traços de caracter operando num meio social como o da época de D. Maria I. Recordemos que sociedade era essa, barricada no seu progresso pela falta de proveitosas communicações com outros centros europeus, visto que os portuguezes tinham horror ás viagens, habituados como andavam na terra a serem sacudidos em incommodas seges, por estradas pedregosas e perigosas, e encontrarem uma pouco attrahente guarida e um negativo repoiso nas pessimas estalagens. Tenhamos presente que ella nos apparece deprimida por uma longa e esterilizadora educação politica e religiosa, e que tornara-se egoista no ponto de, na frase aguçada de um viajante, a propria caridade exercer-se no interesse pessoal de fazer penitencia dos peccados e resgatar as culpas, não no intuito altruista de alliviar as penas alheias. Só assim avaliaremos a veracidade da seguinte observação do livro de Costigan: « Tudo quanto refere-se ao amor ou tem relação com o trato sexual é aqui manobrado com mysterioso sigillo. »

As brumas do segredo envolviam a um tempo os mosteiros de freiras e as habitações particulares, sendo que naquelles o amor, assucarado como os doces e frivolo como as glosas dos parlatorios, andava muito menos peado do que no interior das familias.

Aqui e além, mórmente aqui, os namoros duravam ás vezes annos,[1] e morreriam fatalmente os amantes consumidos pelo desejo, si o amor de Musset

Amour fléau du monde, exécrable folie,
Toi qu'un lien si frêle à la volupté lie,
Quand par tant d'autres nœuds tu tiens à la douleur!

não fosse na Peninsula o sentimento superficial, de uma volupia toda physica, com arrancos de galhardia vaidosa, mas commummente inerte, musulmano, que Guevara conceituosamente esquissou: «Arde e não queima; allumia e não damnifica; queima e não consome; brilha e não offusca; purifica e não abraza; e até aquece e não angustia.» Como tal, o amor peninsular participava, posto que não inteiramente por faltar-lhe para completar a similhança a dissoluta expansão franceza, da physionomia geral do amor no seculo XVIII, segundo a surprehendeu o fino psychologista Edmundo de Goncourt dissecando-lhe a duplicidade, a qual, gerada no prazer, extingue a sinceridade, transformando a paixão em arte e o proprio amor em tactica habil ou em fingida violencia.[2]

OLIVEIRA LIMA

---

[1] Sevadilha — Bem aviada estou eu! Bom amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte annos de desprezos, como ha muitos que aturam, levando com as janellas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, soffrendo geadas, apurando-se em romances, dando descantes, feitos estatuas de amor no templo de Venus, e com tudo estão mui contentes da sua vida.... Antonio José «o Judeu», *opera cit.*

[2] Chichisbeu — Filha, isso de amor platonico é cousa ideada, que não existe *in rerum natura*, é uma capa, que se deita sobre os olhos de Cupido, para o cegar mais, e para cegar tambem aos circumstantes; e não me puxes tu pela lingua, que eu direi o que sinto nessa materia. Antonio José «o Judeu.» *Precipicio de Faetonte.*

UM ESTADISTA DO IMPERIO[1]

J. Th. NABUCO DE ARAUJO

VIII—Presidencia de S. Paulo

Em junho de 1851 Nabuco era nomeado presidente de S. Paulo, para onde segue em agosto. Essa presidencia (1851 a 1852) foi um episodio na sua carreira de que lhe provieram não pequenos dissabores e que ameaçou cortal-a. Ia ter lugar uma eleição senatorial. O Visconde de Monte Alegre, presidente do conselho, recommendava-lhe a candidatura de Pimenta Bueno, depois Marquez de S. Vicente, candidatura repellida pelos chefes saquaremas de S. Paulo como estranha ao partido local. Nabuco escreveu logo ao presidente do conselho, relutando: «Quanto ao Pimenta Bueno força e dizer-lhe que seu nome e repellido por todos os chefes governistas, que o têm como imposição odiosa; não é impossivel, mas o governo ficará talvez alienado de quasi toda a deputação paulistana. Si é difficil a eleição do Pimenta, muito mais o será acompanhada da exclusão do Pacheco. Adoptada definitivamente a candidatura do Pimenta, não obstante o que levo dito, convém ao governo não fazer chapa, deixar a eleição correr livremente.» Monte Alegre não se conformou com esse alvitre. «O governo» escreve elle a Nabuco, quer que se faça a eleição dos dois senadores que faltam por essa provincia usando de toda a influencia legitima que lhe dão o poder e a opinião. Não deseja que a opposição vença nem um candidato e tem como seu principal adversario Joaquim José Pacheco, que é tem guerreado dentro de

[1] Vide a Revista de 15 de setembro.

suas proprias fileiras mais e fazendo-lhe mais damno do que os seus descòbertos adversarios. Já sabia de tudo quanto V. Ex. me diz acerca do Pimenta Bueno, mas elle não póde deixar de fazer parte da chapa do governo. »

Não era propriamente á candidatura de Pimenta Bueno mesmo que Nabuco resistia; elle estava convencido de que essa eleição era inspirada nas mais altas conveniencias do partido e do paiz, ao qual Pimenta Bueno acabava de prestar serviços de primeira ordem na presidencia do Rio Grande; era sobretudo á exclusão de outros. O que elle receiava era o antagonismo entre o partido e o governo, as consequencias da eleição e não a propria eleição.

« Os partidos em nossa terra, escrevia-lhe porém Monte-Alegre, animando-o (21 de dezembro), não podem coisa alguma contra a vontade do governo, e só a fraqueza do poder e a pouca vontade de os sujeitar á disciplina é que traz as derrotas, quando as tem havido ». E Nabuco replicava-lhe (31 de dezembro): « O principio da autoridade vale tudo no Brazil, póde muito aqui, mas V. Ex. ha de concordar commigo que não é tão absoluto esse presupposto que chegue até á imposição e exclusivismo, até o ponto de alienar-se o governo de todos, de prescindir de todos. Esse principio vale tudo e póde muito e por isso a eleição do Pimenta e a exclusão do Pacheco são possiveis e talvez provaveis, mas são difficeis, principalmente porque pondo-se em luta o principio da autoridade com os dois partidos militantes na provincia, o governo carece de esforços dobrados e de uma ostentação que hão de comprometter a sua força moral... Convém que V. Ex. saiba qual é a situação. As influencias locaes taes quaes estão estabelecidas são em parte duvidosas em um conflicto entre o governo e os chefes do partido dominante... Difficil é tambem fazer calar esse instincto do partido que vê no Pimenta um adversario desde 1842 e no Pacheco um amigo, tanto mais difficil quanto o antagonismo politico contra o Pimenta é ajudado pela inveja e ciume que a certeza de sua escolha inspira... Seja como for, os dados estão lançados, porque considerando a difficuldade da minha substituição nesta occasião, aceito o sacrificio de presidir a esta eleição que me ha de estragar completamente; resignado, paciente e leal, levarei esta cruz ao Calvario. »

Nabuco, como se vê, tinha sido leal com o partido conservador de S. Paulo, com a deputação paulista sacrificada a Pimenta

Bueno que não fazia parte della. Elle não esquecia em S. Paulo os principios de autonomia que sustentava em Pernambuco; procedia para com as influencias locaes como quizera que procedesse o presidente de Pernambuco para com os seus amigos da provincia, mas tambem como em Pernambuco elle não admittia que os partidarios da situação na provincia a compromettessem, desfeiteando o gabinete que a representava. « Eu não queria a chapa, explicava elle depois a Torres, que succedeu a Monte Alegre, de quem era collega nesse gabinete, repugnei a ella com energia e vehemencia, o Governo Imperial me a impoz—que devia fazer eu? Demittir-me em janeiro, sendo a eleição a 2 de fevereiro? O governo acharia quem me substituisse naquellas circumstancias, nas vesperas da eleição, eleição difficil e arriscada por tantos compromettimentos? Si eu me demittisse naquella occasião qual seria a versão natural desse meu proceder? O presidente demittia-se para não aceitar a imposição. Ficaria eu muito bem, o ministerio muito mal e desairado; leal como sou, preferi antes ficar mal, soffrer o que estou soffrendo, do que expôr o ministerio ao desar e á reprovação. »

O que elle soffria era a guerra dos dissidentes paulistas, a animadversão pessoal de Pacheco, cuja eleição aliás elle tinha advogado perante Monte Alegre, e sobretudo a prevenção do Imperador que ignorava as ordens que elle recebera, e que não podia revelar. Insistindo Monte Alegre na inclusão de Pimenta Bueno e impondo a exclusão de Pacheco, tratou Nabuco de fortificar a chapa de modo a vencer o desgosto do partido.

« A chapa me parece boa, communicava elle a Monte Alegre, substituindo-se o Nebias pelo monsenhor Ramalho: aquelle nada vale na eleição, não contribue para ella com coisa alguma, este é influencia importante, e tenho razão para saber que elle não gostará da exclusão, porque tinha expectativa. O nome daquelle será facilmente furado, ou substituido pelo do Pacheco, o deste é firme e merece a veneração de todos os eleitores.» Nesse ponto, Monte Alegre respondia-lhe logo: « Póde V. Ex. alterar a chapa que lhe remetti e substituir ao nome do Nebias o do Ramalho. »

Durante a luta que foi viva entre os amigos do governo e os dos chefes excluidos, por vezes Nabuco communicou ao presidente do conselho os seus receios. Monte Alegre, porém, tinha visto os

dias agitados da Regencia e observado quanto desde então o paiz se acalmara; tinha absoluta confiança na força da reacção conservadora de 1848 e na disciplina do partido, e com a sua larga experiencia politica e o seu sangue frio não dava a esse episodio provincial a importancia que lhe dava o presidente, que começava o seu tirocinio administrativo. Por isso (29 de janeiro de 1852) escrevia elle a Nabuco com perfeita tranquillidade de animo: « Tudo quanto V. Ex. me diz nas duas cartas a que respondo são coisas sabidas em todas as eleições. Emquanto se percebe que o governo hesita, vacilla, trabalham, intrigam, ameaçam, arrufam-se, despeitam-se, etc., etc., mas tudo isso ou quasi tudo isso se esvaece com a firmeza calma, polida e digna da autoridade ». Depois, ainda, em 8 de março: « Ardua e grande tem sido a sua tarefa, mas por certo muito gloriosa, qualquer que seja o resultado. Não olho só para a presente eleição, olho para o futuro, pois nelle vejo o governo firmando a sua influencia legitima sobre o seu partido, debellados esses chefes que o escravizavam e tolhiam, e amofinavam em puro prejuizo da causa publica. »

A victoria da chapa official foi completa, mas o resentimento dos excluidos tambem foi estrondoso. Um delles, sobretudo, o Dr. Pacheco, tornou-se inimigo implacavel do presidente. Alguns dos proprios ministros acreditavam que Nabuco havia provocado essa scisão dos saquaremas paulistas com o governo para satisfazer um duplo capricho proprio: o de eliminar Pacheco, cuja exclusão, entretanto, elle mostrara não ser politica, e o de eleger Pimenta Bueno, que elle dizia ao presidente do conselho ser um candidato mal visto na provincia. A tarefa fôra-lhe quanto possivel ingrata e ingloria. Elle a havia desempenhado sómente por solidariedade, com o ministerio e a situação.

Reunidas as Camaras em 1852 o procedimento do presidente de S. Paulo foi um dos principaes incidentes da Sessão. O longo ministerio de 1848 demittiu-se logo nos primeiros dias, sendo substituido por J. J. Rodrigues Torres, que delle fizera parte. Euzebio não achava outra explicação para dar á Camara de sua retirada sinão o *desejo tão natural de descanço.*[1] Logo a 26 de junho

[1] « Não fui causa da dissolução do ministerio. O Euzebio devia dizer os motivos *verdadeiros* e não allegar cansaço.» Nota do Imperador á Biographia de Furtado por Tito Franco de Almeida.

Pacheco pronuncia a sua esperada oração contra o proconsul de S. Paulo, que lhe responde a 28 de junho. Alem dessa accusação perante a Camara a opposição Paulista iniciou o processo do presidente no Supremo Tribunal.

Os vicios descobertos na eleição de Pimenta Bueno e monsenhor Ramalho foram muitos, mas de facto a eleição não foi em nada differente das outras eleições do regimen indirecto. A eleição popular, a do primeiro grau, não foi siquer disputada pelo governo, a intervenção versou sobre os collegios eleitoraes, isto é, concentrou-se na conquista por persuasão dos chefes politicos das localidades. A massa destes ficou fiel ao governo, em vez de insurgir-se. A odiosidade das exclusões recaiu não sobre Monte-Alegre, e sim sobre o presidente, que as havia impugnado, mas que por lealdade não podia descobrir o governo. Nos debates da Camara, apezar de ter sido substituido o ministerio de que fôra mandatario, Nabuco assumiu para si só a responsabilidade da administração.

O ponto mais vivamente discutido na Camara foi uma circular do presidente a alguns dos chefes governistas. A circular não se concilia com o systema da abstenção do governo nas eleições, porque neste o governo deve abster-se até de parecer ter candidatos; ella não excedia, porém, em nada os direitos da autoridade no systema de facto da candidatura official. Pelo contrario, a circular revestia o caracter de um appello do governo aos seus adherentes, em nome do partido em uma emergencia difficil, antes do que de uma imposição ou ameaça.

Defendendo-se Nabuco formulava francamente o direito do governo de estabelecer a questão de confiança perante o eleitorado, de dizer com franqueza ao seu partido quem elle considerava seus amigos e quem tinha por seus inimigos.

« O principio de que o governo póde influir na eleição como opinião foi proclamado do alto desta tribuna por uma das maiores illustrações do partido liberal, o sr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, e, recebido em 1841 sem a menor contestação, passou em julgado; esse principio foi levado ainda ás ultimas consequencias por uma circular denominada DOS DIREITOS PROPRIOS, obra de um dos homens mais eminentes do partido liberal, o sr. Manoel Alves Branco... Desde que o nobre deputado por S. Paulo (Pacheco) publicou uma circular, intitulando-se chefe do partido que apoia o

governo naquella provincia, querendo dirigir esse partido contra o governo, o sr. deputado que se entendia com a opposição, que estava com ella e cooperava no mesmo sentido, desde logo vi a necessidade de fazer esta outra circular. Deveria eu deixar que o scepticismo substituisse o antagonismo, que as crenças se confundissem, se pervertessem em favor da opposição contra o governo, e que este resultado fosse devido não á convicção, mas á illusão?... Si o governo póde viver sem opinião, indifferente seria que o partido que o apoia fosse commandado pelo nobre deputado ou por outro; mas não é indifferente que o partido do governo seja commandado por um amigo ou inimigo. A circular tinha por fim tornar as posições claras, definidas e francas. »

« Fôra absurdo que o governo deixasse os seus amigos extraviados, á mercê, á disposição dos seus inimigos declarados; fôra absurdo ainda que o governo não interviesse para neutralizar as ambições que podem dar ganho de causa á opposição por causa de divergencias. Isto importaria em um suicidio, ou importaria o principio de que o governo deve viver independente das opiniões politicas; mas similhante principio seria uma coisa nova, uma coisa extranha... Senhores, é um epigramma que se me faz, accusando-se-me por este motivo; nem sei mesmo como poderemos tratar desta materia sem nos rirmos uns com os outros e uns dos outros, porque em verdade não fiz coisa que todos ou quasi todos não tenham feito. »

No fundo a defesa era esta: não era uma questão com o publico, era uma questão domestica de partido; o presidente não se tinha envolvido nas eleições primarias; feito o eleitorado, elle se tinha, sim, dirigido ás influencias locaes e permanentes e lhes havia dito: «Estes são os que o governo considera seus amigos e estes o que elle reputa seus inimigos.» Não fôra uma imposição, feita á provincia; quando muito fôra uma imposição ao partido, que já tinha vencido as eleições primarias, as desse anno como as anteriores, com os meios, os recursos, a influencia do governo. « Os eleitores » votantes do segundo grau «da provincia de S. Paulo são os mesmos nesta eleição de senadores, dizia Nabuco, que sempre foram, com rarissimas excepções, nas eleições feitas sob a denominação do partido saquarema; são as mesmas influencias locaes. O presidente da provincia não fez eleitores seus, o corpo eleitoral é o mesmo. São

as mesmas influencias locaes, são os mesmos eleitores saquaremas. Pois bem, estes eleitores por mais de dois terços acolheram esses nomes que o sr. deputado suppõe odiosos e repugnantes á provincia. Ora não é possivel que todos esses eleitores, essas influencias locaes, esses homens abastados, esses fazendeiros, fossem subornados, fossem corrompidos pelo presidente da provincia. Este resultado protesta contra esses desaccordos, contra essas divergencias que o sr. deputado suppoz, e o que apparece é conformidade, é assentimento, é cooperação. »

« Para preencher e executar o pensamento do governo, escrevia Nabuco a Torres, o novo presidente do conselho, não obrei uma immoralidade, não fiz uma transacção, não prometti (como aliás outros têm feito com feliz successo) commendas, habitos, empregos e postos da guarda nacional; apenas me prevaleci do antagonismo das opiniões, do vinculo politico a que estavam adstrictos aquelles que apoiavam o governo; não fiz e não tolerei violencias, mas preveni, reprimi aquellas que me constavam. Sigo rigorosamente o principio de que não sou solidario com os meus agentes subalternos, e por isso não obstante a eleição fui sempre austero e inflexivel para com elles. »

Perante o Supremo Tribunal elle abria a sua defesa baseado nos mesmos principios. «Na eleição primaria, quando a autoridade está em relação directa com o povo, quando ella tem necessidade de exercer influencia, porque é essa a questão principal e decisiva, então, quando essa influencia é mais perigosa, mais efficaz, porque é menor a independencia dos votantes e maior a sua incapacidade, na eleição primaria o procedimento do presidente é tal que não merece especificação. O crime do presidente é essa circular, que aliás não podia exercer influencia sobre o povo, porque se referia á eleição secundaria e não á primaria em que o povo intervem directamente; essa circular, que se não dirigia á opposição, mas aos eleitores amigos do governo. »

Depois entrando na materia da accusação, isto é, « a violação da neutralidade completa que o governo deve guardar na eleição como condição da liberdade », Nabuco examinava os direitos e deveres do governo em relação á opinião politica.

« Só o governo no systema representativo symboliza uma opinião politica, é absurdo essa neutralidade do governo na eleição

como a Camara Municipal quer; é absurdo que o governo seja estranho e indifferente ao triumpho da opinião politica de que depende a sua existencia. Essa neutralidade fôra um dever de reciprocidade, si a opposição tambem a guardasse, mas si a opposição luta para vencer e derrotar o governo, como póde o governo ser impassivel sem suicidar-se, sem obliterar o instincto da propria conservação? Ao passo que a opposição cerra as suas fileiras, fortificando-se pela unidade de pensamento e dominando as ambições dos seus, como condição da victoria; ao passo que a opposição põe em acção o antagonismo politico, a esperança, e excita o espirito de contradicção e de resistencia, que são naturaes em uma parte da sociedade contra qualquer governo o governo não póde nem ao menos communicar seus pensamentos aos seus amigos e agentes, despertar a adhesão de uns, a confiança e a lealdade de outros, inspirar a unidade para evitar o perigo da divergencia, desmentir a calumnia e a simulação, desarmar a traição que inculca como amigos aquelles que são inimigos, a perfidia que se ajuda do nome e dos recursos do governo contra o governo. O governo póde, todos os governos que têm consciencia de si e convicções o fazem; os que o não fazem, é porque ou querem suicidar-se por imbecilidade, ou contam com outro apoio que não o da opinião.»

São interessantes os precedentes nesta questão e Nabuco os adduzia assim: « O principio da interferencia do governo na eleição, sobre ser fundado na boa razão e consentaneo com o systema representativo que suppõe a luta das opiniões e considera o governo como opinião e não querendo viver a sós sobre si e contraido no mundo official, tem sido geralmente seguido por todos os partidos que têm estado no poder, tem por si a autoridade e apoio dos homens mais eminentes do paiz não só de uma como de outra opinião politica.

« Eu vou mostrar, dizia o sabio Andrada Machado, em uma das sessões de 1841 (*Jornal do Commercio* de 23 de maio), que os ministros tambem podem cabalar como o outro partido, seu opposto. O que não póde ninguem é calcar as leis que regulam as eleições. Attenda-me o nobre deputado: eu pretendo mostrar-lhe que apesar dos seus conhecimentos o nobre deputado não é dos mais classicos no systema representativo. Seria mister que o governo fosse uma cafila de estupidos se dissesse aos outros: — Vós podeis apresentar

a lista dos vossos candidatos e o ministerio não póde fazer outro tanto. Não, não póde ser vedado ao governo o dizer ás pessoas que o apoiam :—Eu desejava taes e taes candidatos, vós que professais as doutrinas que estão no poder, fazei com que sejam escolhidos. Mas fazei, como ? Persuadindo aos vossos concidadãos tanto quanto a Lei não vos veda, não usando da fraude e da violencia. Isto nem um, nem outro partido deve fazer. O Sr. Carneiro Leão :— Apoiado, mas é a fraude, é a violencia que eu argúo. »

O eminente sr. Carneiro Leão, Visconde de Paraná, assim se exprimiu (*Jornal do Commercio* de 27 de maio de 1841):

— «Eu digo que a obrigação do governo é vedar todas as fraudes, todas as falsificações, manter a observancia das leis ; não venho proclamar a doutrina de que o governo não deve ter candidatos, não nego ao governo intervenção. Eu sempre fui de opinião que o governo tem o direito de influir na eleição ; esta doutrina que professei nos annos anteriores é a mesma que professo e professei durante a administração do nobre deputado : E Nabuco concluia assim a sua exculpação : « Ha mais de 20 annos que temos eleições, ha mais de 20 que está em execução neste Imperio o Codigo Criminal, ainda não houve, e não póde haver, governo e opposição que não solicitassem votos, e todavia é este o primeiro processo que os annaes forenses registram relativo a este supposto crime. Só por um esforço do espirito, só por meio da subtileza e das conjecturas se póde chegar á conclusão da criminalidade, mas a criminalidade, senhores, como vós sabeis amestrados como sois, não póde assentar sinão em factos certos e positivos. » E citava Carnot: « Desde que é preciso raciocinar para fazer prevalecer a disposição de uma lei, nada mais é preciso para demonstrar que essa Lei não tem a clareza necessaria para autorizar uma applicação de pena».

O tribunal (14 de dezembro de 1852) julgou improcedente a denuncia, não encontrando, diz o Accórdão, promessas de recompensas ou ameaças nos termos da carta confidencial instructiva da denuncia. Nabuco porém teve com esse infeliz incidente grande contrariedade. A legislatura estava no seu ultimo anno e elle não podia contar com a boa vontade do novo gabinete, desejoso de agradar á deputação paulista. Em sua carreira politica surgia um obstaculo imprevisto. A volta para S. Paulo era impossivel. O Imperador, que aliás não podia sinão desejar a eleição de Pimenta

Bueno, mostrava severidade em relação a tudo que parecia intervenção indebita nas eleições, e não reconhecia as distincções que Nabuco havia proclamado entre eleições primarias e secundarias. No todo, entretanto, elle não podia desconhecer o acto da candidatura official que durou todo o reinado, e provavelmente o presidente de S. Paulo exagerava o que o Imperador deve ter lhe dito, quando escrevia ao presidente do conselho do novo gabinete neste tom desenganado :

« Sinto o anathema que do alto do throno pesa sobre mim, reconheço a minha condemnação. Para ser sobranceiro a este revez não me bastam a consciencia de haver sido leal ao Governo Imperial e mais que tudo a convicção profunda de que não errei, mas procedi conforme o meu dever e a politica exigiam ; tenho necessidade do conceito dos homens justos, como V. Ex. é, um dos poucos caracteres nôbres, iguaes, austeros e inflexiveis da nossa época. Seja V. Ex. o meu juiz, depois de ver a exposição que vou fazer, a qual servirá sómente para justificar-me aos olhos de V. Ex., porém nunca, jamais, para por ella fazer-se obra em qualquer sentido politico e principalmente no da minha conservação como presidente de S. Paulo: assim espero de V. Ex. como cavalheiro e homem de honra. Fui sacrificado pela minha lealdade, mas não quero que outrem seja compromettido para que eu fique rehabilitado : o tempo me rehabilitará. »

Nem ao imperador elle revelara o segredo da eleição de S. Paulo, a sua reluctancia á imposição de Pimenta Bueno, á formação da chapa, e á exclusão de Pacheco. A Torres, porém, elle podia tudo referir porque este havia sido membro do gabinete Monte Alegre. A lealdade do presidente de S. Paulo para com o seu amigo ex-presidente do conselho nem de leve soffria com essa justificação sob o sigillo da honra. Monte Alegre era incapaz de subtrahir a um seu collega, qualquer facto da vida ministerial. Nabuco repetia apenas a Torres o que este tinha ouvido mencionar em conferencia. Nem elle recordava esse facto para condemnal-o. « Força é dizer, escrevia elle nessa mesma carta, que o pensamento do sr. Visconde de Monte Alegre e do Governo Imperial era o que mais convinha á situação da provincia de S. Paulo, em relação á politica, para dominar e disciplinar a esses chefes, que querem impôr ao governo, que entendem o ente

partido como omnipotente, exclusivo, superior á autoridade, e esta como dependente delle.»

O successor de Nabuco em S. Paulo foi Nebias. E' dizer que o ministerio estava reconciliado com o grupo dissidente. Gonçalves Martins offereceu-lhe entretanto outra provincia, que elle rejeitou como um ludibrio[1] depois daquella condemnação official de sua presidencia de S. Paulo.

JOAQUIM NABUCO

---

[1] «Depois de alguma reflexão e á vista dos precedentes havidos devo dizer com franqueza a V. Ex. que tenho como um menoscabo, como um ludibrio, a proposta que V. Ex. me fez, sendo certo, alem disto que a minha candidatura, ainda mais arriscada seria do que é, e eu ficaria para sempre sepultado e annullado. Não é isto o que V. Ex. quer, não é isto o que mereço, apezar de todos os meus peccados. Fico contente com a minha sorte.»

HISTORIA

DO

DIREITO NACIONAL[1]

I

A nacionalidade portugueza; seus factores pre-historicos e historicos

V — OS CELTAS

(continuação)

Qual era a organização juridica dos celtas e até que ponto influiu ella, nomeadamente em Hespanha e Portugal?

O predominio e a desmedida influencia dos celtas nas populações da Europa occidental, contestados pelo ajuizado Alexandre Herculano desde os seus primeiros ensaios historicos de 1839 e 1840, e revivescidos, por imitação de Renan, pelos Srs. Theophilo Braga e Oliveira Martins, recebeu um golpe de mestre exactamente de quem menos se esperava, de Jubainville, que, si no corpo de seu grande livro deixa-se tambem, ás vezes, embriagar de celtomania, teve o bom senso de premunir contra a molestia os seus leitores no bello prefacio de seu segundo volume. Erguendo-se contra a falsa doutrina da completa identidade entre celtas e francezes, escreveu: « A verdade é que os gaulezes não se podem provavelmente contar por um vigesimo siquer entre os factores physicos a que devemos a vida material, e não se deve falar nelles

[1] Veja a *Revista* de 15 de Julho.

quando se procuram as origens intellectuaes d'onde dimana a vida moral de nossa nação. Raças obscuras precederam os celtas ou gaulezes em nosso solo e foram por elles subjugados; estas raças pouco conhecidas deram-nos quasi todo o sangue que circula em nossas veias. Antes da chegada dos celtas, o territorio que se chama hoje a França viu succederem-se quatro civilizações. Foi successivamente habitado: 1.º, pelo homem quaternario: 2.º, por uma população que vivia nas cavernas, que caçava a rhenna hoje desapparecida, que não conhecia os metaes, porém sabia a arte do desenho: 3.º, por uma população mais culta que chegou a conhecer os metaes, que erigiu os monumentos megallithicos, que enterrou os seus mortos nas cabanas funerarias chamadas *dolmens*: 4.º, por uma população de cultura ainda mais elevada, que incinerava os defuntos, guardava-lhes as cinzas em urnas e as enterrava em monticulos artificiaes. Em 5.º lugar é que chegam os celtas ou gaulezes com o uso da inhumação: não queimam seus mortos. Queimar um homem é entre elles um supplicio infamante: queima-se o ladrão: queima-se a moça que, pretendendo casar sem o consentimento dos pais, foge com um amante; queima-se o ambicioso ou o covarde culpado de alta traição. Um filho não queima seu pai defunto: acreditaria deshonral-o. Vêm depois: 6.º, o periodo romano, 7.º, o periodo franco. O periodo gaulez ou celtico é o primeiro que foi objecto de minuciosas noticias da parte dos escriptores da antiguidade. Quem os lê, suppõe que nada precedeu; mas é uma illusão; os archeologos o demonstraram e deve-se ter a coragem de tirar as consequencias disso. Prova alguma existe de terem sido os conquistadores celtas, chegados a uma região muitos antes habitada, mais numerosos do que os conquistadores romanos ou os conquistadores francos alguns seculos mais tarde. Como estes, não iam além de uma minoria bellicosa e dominadora no meio de uma população pacifica e escravizada ». [1]

Si as cousas se passaram deste modo em França, onde a gente gauleza foi incontestavelmente muito mais avultada, a ponto de ainda ali existir extreme numa região inteira do paiz, que não teria sido em Hespanha e Portugal? Eis porque não devemos prestar grande credito ás fantasias celtisantes de alguns sonhadores d'ali,

---

[1] *Les premiers habitants de l'Europe*, II, p. XVI.

quando se mettem a caracteristas do povo portuguez e nol-a querem inculcar como um gracioso arremedilho gaulez ao gosto do quadro illusorio de Renan. A paixão pelos celtas era a regra geral em Portugal: Herculano fel-a recuar um pouco, a despeito dos protestos de Vilhena Saldanha e outros; mas a febre reappareceu em Martins e consocios. Ao alto bom senso do illustre historiador repugnava vêr nos portuguezes de hoje um prolongamento immediato dos celtas, ali denominados *luzitanos*. Para similhante equipolencia faltam as tres bases principaes da identidade do *territorio*, da *raça* e da *lingua*.

Esta these reaccionaria tem cabal demonstração nas primeiras paginas da *Historia de Portugal*; e, como entre outros, apparecesse o citado Vilhena Saldanha a defender a velha doutrina, o autor impugnado retrucou em palavras que merecem repetição, no ponto attinente á raça: « Diz o meu adversario que, apezar de todas as conquistas em qualquer paiz, *a raça indigena sempre fica sendo muito mais numerosa*. Não sei si assim devemos figurar-nos as associações ou substituições de raças, principalmente tratando-se das migrações que povoaram o sul da Europa. Essas tribus celticas, cimmerias, indo-germanicas, ou o que quer que fossem, deviam ser mui pouco numerosas... Logo que começou a occupação da Peninsula pelas nações civilizadas, gregos, phenicios, carthaginezes, romanos, os homens capazes de combater (e entre os selvagens são-no quasi todos) principiaram a sair da Hespanha, ao passo que as colonias dessas nações se estabeleciam largamente neste solo. Quero conceder que a vinda de gregos, phenicios e carthaginezes não transformou sinão por um terço o sangue indigena; que tambem a colonização immensa e systematica dos romanos não o alterou sinão por outro terço; e que a chamada especialmente invasão dos barbaros só por outro terço o corrompeu. Chega depois a conquista sarracena.. Vêm á Peninsula bereberes, arabes, negros; quantas castas de gente na Africa e em grande parte da Asia seguiam o islamismo: estabelecem-se; repartem as terras, fundam ou povoam cidades: os mosarabes, ou descendentes dos romano-godos, ficam sumidos no meio desta alluvião de novos habitadores de ambos os sexos, de todas as condições e idades. A reacção começa nas Asturias; a guerra dilata-se; a assolação e a morte reinam por seculos, os francos vêm d'além dos Pyreneos ajudar frequentes

vezes os seus correligionarios; a Berberia é um manancial perenne de novos colonos africanos; os chefes sarracenos usam da antiga politica romana, e levam milhares e milhares de mosarabes para os empregarem nas suas emprezas alem do estreito: e a Hespanha continúa a ser celtica!...» [1] Eis ahi: os dois contendores tinham razão, cada um em certo ponto e erravam noutro. Herculano acertava, quando repellia o celtismo dos portuguezes e quando appellava para os posteriores factores ethnographicos; errava, quando não mettia em linha de conta os elementos primitivos. Vilhena Saldanha tinha razão em lembrar que estes ultimos factores deviam tambem ser ponderados e enganava-se quando os reduzia todos aos celtas. A verdade é que esta gente só apparece na Peninsula em setimo lugar, isto é, em posição ainda inferior a que teve em França. A Hespanha e Portugal passaram pelas seguintes phases de população: 1.º, o homem quaternario; 2.º, a gente das cavernas, contemporanea da rhenna sem o conhecimento dos metaes, usando da pedra lascada ou mesmo da polida; 3.º, gentes que conheceram os metaes e construiram os monumentos megalithicos; 4.º, os iberos, que tinham uma civilização mais adiantada e queimavam seus defuntos; 5.º, os phenicios; 6.º, os ligurios; 7.º, os celtas, 8.º, os carthaginezes; 9.º, os romanos; 10. os visigodos; 11. os arabes.

Bem se está a vêr que nem Herculano nem o seu adversario reproduziram a verdade, demonstrada mais tarde pela archeologia. São ambos, porém, desculpaveis; porque escreviam em 1840, e nesse tempo os factos não estavam ainda elucidados. Quem não póde ter attenuantes é o finado Oliveira Martins, que escrevia, quarenta annos mais tarde, coisas assim defendendo a identidade dos portuguezes e luzitanos, nas primeiras paginas de sua *Historia de Portugal*: «...Entre as diversas tribus ibericas, a *luzitana* era, sinão a mais uma das mais individualmente caracterisadas. Não esquecemos, de certo, a influencia posterior dos successos da historia particular portugueza: mas elles só por si não bastam para explicar o feitio diverso com que as coisas, em si as mesmas, se representam ao nosso espirito nacional. Ha no genio portuguez o quer que é de vago e fugitivo, que contrasta com a terminante affirmativa do castelhano; ha no heroismo *luzitano* uma nobreza que differe da furia dos nossos

[1] Herculano, *Opusculos*, V. p. 173.

vizinhos; ha nas nossas letras e no nosso pensamento uma nota profunda ou sentimental, ironica ou meiga, que em vão se buscaria na historia da cultura hespanhola, violenta sem profundidade, apaixonada mas sem entranhas, capaz de invectivas mas alheia a toda a ironia, amante sem meiguice, magnanima sem caridade, mais que humana muitas vezes, outras abaixo da craveira do homem, a entestar com as féras. Funebre e tragica sempre, a historia hespanhola differe da portugueza, mais propriamente épica..... Somos levados a crêr que a individualidade do caracter dos *luzitanos* provém de uma dóse maior de sangue celta, que gira em nossas veias, de mistura com o nosso sangue iberico. As vagas indicações dos antigos falam-nos dos celtas das margens do Guadiana, e dão-nol-os na costa occidental da Peninsula. Vale porém mais do que isso a analogia evidente entre as manifestações particulares dos luzitanos, e delles e dos gallegos, e aquella physionomia que os estudos eruditos sobre os celtas da França e da Irlanda têm determinado a estes ultimos.» [1]

Quem não vê nestas palavras a influencia do famoso ensaio de Renan sobre *A poesia das raças celticas?* Onde, sinão ali o escriptor portuguez foi descobrir todo aquelle idealismo dos luzitanos que chega a emprestar aos irrequietos irlandezes? E quem, d'entre tantos factores do povo portuguez, o autorizou a exagerar a influencia dos celtas?

Acreditamos ter sido a acção destes mais fortes em Portugal do que no oriente da Peninsula, o que serve apenas para mais separar o portuguez e o gallego do resto de Hespanha, sem que, todavia, possa se dizer que tivessem os alludidos celtas influido mais na formação daquellas gentes do que o grande manancial dos iberos, por exemplo. Certamente, sustentar, como nós proprios fazemos, que na terra portugueza e gallega o celta alastrou, mais do que noutras paragens da Peninsula, importa que estas estão menos celtizadas do que Portugal e Galliza, o que de forma alguma quer significar que as populações destes dois paizes sejam puramente celticas, nem até que esse elemento predomine nellas, a despeito da rotina que sustenta erroneamente o contrario.

---

[1] Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, I, p. 5.

Qual era, porém, a organização juridica da famosa raça?

E' o ponto que resta elucidar.

O que melhor conhecemos sobre o assumpto acha-se nos livros de Jubainville, Sumner Maine e Dareste. Na ausencia de conhecimentos directos do assumpto, daremos uma synthese do que se lê nestes tres competentissimos autores.

O estudo do direito celtico até bem pouco tempo estava reduzido a algumas noções, bebidas em raras passagens dos escriptores classicos e alguns diplomas medievicos da Bretanha franceza e do paiz de Galles, fontes estas de não muito avultado valor, porque aquellas regiões tinham recebido o influxo dos romanos, dos francos e dos anglos-saxões. A publicação, porém, das antigas leis da Irlanda, que remontam pelo menos ao VIII seculo da nossa éra, veiu preencher uma grande lacuna nos estudos juridicos, habilitando-nos a conhecer o direito de um grande ramo da familia aryana, podendo comparal-o com as instituições dos outros povos da mesma raça. A sciencia tem chegado a este resultado: os celtas, como os seus irmãos ethnographicos, conheceram e praticaram a vingança privada, o preço do sangue, a tarifa das feridas, a compra das mulheres, a vida de tribu, a propriedade collectiva do solo, as ordalias, a prova pelo juramento e os conjuradores. [1] Os mais importantes documentos do direito celtico, até aqui publicados, vêm a ser: *Senchus Mor* (collecção de antiguidades), *O Livro de Aicill*, e o tratado intitulado *Crith Gabhlach*. O *Senchus Mor* compõe-se de cinco livros de extensão desigual; pelo fundo e pela forma é um monumento verdadeiramente archaico. O primeiro livro trata dos sequestros, isto é, do processo, porque os arrestos nas legislações primitivas são apenas um meio de começar uma acção. O embargante, depois de ter avisado seu adversario, apresentava-se-lhe em casa, acompanhado de um homem da lei e muitas testemunhas, e pegava vaccas ou quaesquer outros animaes, no valor da sua divida. Em certos casos, os animaes embargados ficavam por muitos dias na posse e sob a guarda do embargado, porém as vezes eram immediatamente conduzidos pelo autor e guardados em parques ou curraes existentes para este fim.

---

[1] R. Dareste, *E'tudes d'Histoire du Droit*, p. 380.

O sequestrante fazia então uma nova advertencia ao devedor para que este viesse retirar a penhora pagando as despezas.

O prazo era de um, dois, tres, cinco ou dez dias, conforme os casos. Finda a dilação, começava um novo periodo durante o qual o objecto penhorado tornava-se propriedade do autor, gradualmente á razão de uma certa quantidade por dia. O devedor podia se oppôr ao sequestro e ao deposito dando uma caução, ou fazendo julgar o processo. Si não comparecesse no dia convencionado, respondia por elle. Podia sempre rehaver seu penhor, pagando ou se executando até o dia em que o objecto penhorado fosse inteiramente adjudicado em proveito do arrestante. Si o demandado recusava proceder de conformidade a direito, a contestação acabava necessariamente num combate, regulado pelos usos e costumes, diante de testemunhas. [1] As irregularidades do sequestro acarretavam uma pena, a saber, a multa de cinco *sets*, isto é, de cinco vaccas, contra o arrestante.

Reciprocamente, o contestante que negava a divida era condemnado no dobro. Si era indigente e não possuia animaes de criação era arrestado em sua propria pessoa e conduzido a casa do credor, com braga aos pés e corrente ao pescoço. O arrestante tinha apenas a obrigação de dar-lhe como alimento uma escudélla de caldo por dia. Si, ao envez, o contestante era um chefe, ou pessoa de posição, o autor devia apresentar-se á sua porta e ahi deixar-se ficar durante certo tempo sem tomar alimento algum. O pleiteante que tivesse jejuado por aquelle modo obtinha uma condemnação em dobro, e si chegasse a morrer de fome, seu adversario devia a *paga do sangue*, como qualquer homicida. No intuito de evitar taes consequencias, o questionado podia fazer parar o jejum, dando caução ou paga. O pleiteante que teimasse em jejuar a despeito das offertas, decaia de seu direito. [2]

O segundo livro do *Senchus Mor* trata dos refens.

Entre individuos de differentes tribus o processo do sequestro era muitas vezes impraticavel. Suppunha-se então existir uma especie de solidariedade entre os membros de uma tribu, e, em falta do devedor, o credor apoderava-se de qualquer pessoa da tribu.

---

[1] R. Dareste, pag. 359 e 360.
[2] Idem, Ibid., pag. 360 e 361.

O refem que pagava por este modo por outrem tinha recurso contra este.

Os tres seguintes livros da celebre collecção occupam-se da educação dos filhos, do *cheptel livre* e servil e das relações pessoaes.

Os filhos quasi sempre eram educados fóra da casa paterna. O pai os confiava a alguem que tomava a si a sua educação por determinado preço, que variava na proporção da fortuna do pai de trinta a tres vaccas. Quanto ao *cheptel*, que era uma especie de contracto pelo qual alguem recebia uma ou mais cabeças de gado e tinha de cumprir certas obrigações estipuladas no convenio, constituia uma curiosidade na especie de feudalismo, que era o estado social e juridico dos celtas. Neste feudalismo a base não era a concessão de terras, porém a do *cheptel*. [1]

A terra era propriedade do Estado, da cidade, do povo, da tribu. O rei podia como magistrado autorizar um individuo a tomar posse duma porção de territorio e fixar nella a residencia. Não o fazia, porém, a titulo de suzerano feudal. Os membros da *gens* ou *clan* partilhavam a terra a todos commum só para o goso. A vassallagem era, pois, propriamente firmada nos bens semoventes cedidos e não na terra.

Esta detenção era de duas especies, *saerrath* e *daerrath*. Aquella era de livre accordo das partes de igual a igual. Durava sete annos e cada anno o detentor pagava ao chefe o terço do capital emprestado e lhe devia tambem a homenagem, o serviço militar e algumas tarefas. Podia em qualquer tempo renunciar ao contracto. O chefe é que não podia reclamar o capital antes de findo o prazo estipulado, sinão dando um terço a titulo de indemnização. A outra especie de detenção ou posse — *daerrath*, era de natureza servil, e collocava o pretendente na dependencia do proprietario arrendador. [2]

Além do *cheptel* o alugador transferia ao locatario o *preço da honra*, que variava segundo as pessoas. Comprava deste modo a superioridade e quem se tornava seu vassallo era obrigado a recebel-o e a hospedal-o e mais a sua comitiva, cujo numero era marcado

---

[1] Jubainville, *Études sur le Droit Celtique*, I, pag. 118.
[2] Dareste, pag. 362 e 363.

pelos costumes. A quantidade de elementos a fornecer variava, conforme a posição do rendeiro de sete vaccas a um carneiro. [1]

Pelo que diz respeito ás relações das pessoas entre si, eram ellas em numero de oito: entre o chefe e seus dependentes; entre a igreja e seus vassallos, que lhe deviam o dizimo e certas contribuições; entre pai e filha; entre filha e irmão; entre filho e mãi; entre ama e cria; entre tutor e pupillo; entre marido e mulher. Estas relações suppõem a idéa duma autoridade protectora que tanto póde pertencer á mãi como ao pai ou ao irmão. O pai é obrigado a casar a filha, o irmão a irmã. A filha familia é comprada por seu futuro esposo e o pai recebe o importe do preço.

Em caso de subsequentes casamentos a joven esposa recebe uma porcentagem do preço: um terço no segundo, dois no terceiro e a lei prevê até o vigesimo primeiro. Os casamentos, antes do christianismo, podiam ser contratados por um anno.

O irmão substituia o pai, quando este faltava, e recebia do preço da irman a metade do que o pai deveria receber. [2] As relações entre esposos variavam; quando eram de igual condição e traziam igual quota de bens ao casal, a mulher tinha os mesmos direitos do homem e um não podia contratar sem o outro.

Quando o casamento era desigual, a autoridade no trato da vida pertencia ao esposo que havia trazido os bens. Geralmente, quando se dava a separação, cada esposo readquiria sua quota na especie em que a trouxera; mas os lucros eram partilhados diversamente, segundo a origem de que provinham. [3]

O ultimo livro do *Senchus-Mor* é um tratado das obrigações, que eram convencionaes ou legaes, sendo estas mais numerosas, porque, segundo um principio sempre verificado, os povos primitivos contratavam pouco.

O *Senchus-Mor*, pondera o autor que temos estado a seguir neste assumpto, pertence á época de transição na qual o contrato cessa de ser real e se forma por uma simples declaração de vontade das partes, pelo consentimento livremente expresso. Na época anterior a obrigação era puramente facultativa; cada parte contratante podia refusar seu consentimento até a execução.

---

[1] *Idem, ibid,* pag. 363.
[2] *Ibid.*, pag. 361.
[3] *Ibid.*, pag. 361.

O filho não pode contratar sem autorização do pai, a mulher sem a do marido, o demente sem a do tutor, o posseiro sem a de seu chefe. As obrigações que resultam da lei, ou legaes, são as que se referem ás relações do chefe e seus clientes, dos diversos membros da tribu entre si, entre os membros da familia, etc. Nestas diversas obrigações deparam-se-nos phenomenos juridicos curiosos, como sejam os banquetes que os rendeiros deviam offerecer a seus chefes; a especie de *precarium* ou doação de bens com reserva de goso durante a vida. [1]

Tal, em rapidissimo excorço, a summula do *Senchus-Mor*.

O *Livro de Aicill* é uma compillação de dois documentos antigos, um do seculo III, outro do seculo VII de nossa éra, e, dest'arte seu conteúdo remonta a grande antiguidade.

A intuição juridica deste momento é a da transição do regimen da vingança privada para o regimen da composição. Esta era de duas especies: a composição propriamente dita ou *preço do corpo* (*coirp dirê*), que consistia em sete mulheres escravas, ou vinte e uma vaccas, e a composição chamada *preço do rosto* e que importava em um quantum variavel conforme a fortuna e a posição da victima. Os membros da familia, em se tratando de composição, eram solidarios tanto para pagar como para receber, mas podiam libertar-se expulsando o culpado e pagando uma somma determinada.

O homicidio praticado em duelo legitimo não dava lugar a composição. O duelo era permittido quando o embargado recusava direito a seu adversario e quando as partes contendoras convencionavam terminar a disputa pelas armas. A taxa da composição variava conforme a victima era filho do paiz ou estrangeiro, livre ou servo. Não havia exempção para o homicidio casual. Para as feridas e pancadas havia especial tarifa. Outro tanto para o furto e o damno. Havia multa contra o juiz que decidia mal, contra o devedor que não pagava ou não reembolsava sua caução, contra o credor que pedia mais do que se lhe devia. [2]

O livro d'Aicill dá testemunho de certos costumes caracteristicos. Entre os Irlandezes os filhos nascidos da mulher durante o casamento, legitimos ou não, pertencem ao marido, a menos que

---

[1] *Ibid.*, pag. 366.
[2] *Ibid.*, pag. 368.

elle não consinta em entregar o filho illegitimo ao pai natural por dinheiro.

Cada processo dava lugar á factura de uma conta por *deve e haver* e o balanço formava a somma devida. Deste modo o homem mordido por uma abelha tinha direito a diversas indemnizações segundo a gravidade do caso; si, porém, elle matava a abelha devia por sua vez, uma indemnização, que compensava a outra. Outro caracteristico deste direito era que elle tendia a multiplicar o numero das pessoas interessadas. O roubo, *verbi gratia*, commettido numa casa habitada, considerava-se como dando prejuizo a onze pessoas diversas, que eram: o dono da casa, o dono do objecto roubado, o do leito em que dormia a pessoa roubada, o da pessoa que dormia no leito e, por fim, os sete chefes de familia que tinham o costume de visitar a casa.

A forma usual da reivindicação era esta: quem se presumia proprietario duma terra possuida por outro devia entrar por ella a dentro através da cerca, abrindo passagem, levando dois cavallos, que eram soltos e se deixavam a pastar durante um dia e uma noite, diante duma testemunha. Esta ceremonia repetia-se de dez em dez dias, a principio com quatro cavallos e duas testemunhas, depois com oito cavallos e quatro testemunhas. Si o reclamante era mulher, os cavallos eram substituidos por ovelhas, e eram mulheres que serviam de testemunhas as duas primeiras vezes. Na terceira vez a mulher reclamante levava um homem para servir de testemunha e installava-se no solo com uma masseira, uma peneira e um forno. O possuidor só podia fazer cessar estas vias de facto propondo um arbitramento. Qualquer irregularidade commettida por uma das partes era punida de multa. A contestação terminava por uma sentença ou por um combate. [1]

Os coproprietarios tinham cada um a obrigação de fechar seu lote com cerca ou fosso; certas indemnizações poderiam ter lugar por damnos causados por animaes alheios. Eram avaliadas em saccos de legumes ou em animaes domesticos. O producto das ovelhas se partilhava segundo determinadas regras entre aquelle que tinha descoberto o enxame, o dono da arvore e o proprietario da terra.

---

[1] *Ibid.*, pag. 370.

Os direitos á agua eram regulados pelo costume. Todo proprietario tinha o direito de adquirir uma servidão de aqueducto pelo terreno de seu visinho, pagando indemnização.

Cada domicilio tinha em torno uma zona de protecção. Para o chefe ordinario era o do alcance de uma lança e assim dobrando sempre, a medida que mais se elevavam os proprietarios da escala social, até o rei, que tinha direito a sessenta e quatro vezes aquelle espaço. Quem entrava neste perimetro ficava debaixo da protecção do dono da casa. Si era perseguido e ferido ahi o proprietario da casa tinha direito a uma multa de sete mulheres escravas e ao preço da sua honra. Em questões crimes havia o principio da solidariedade activa e passiva da familia no que era concernente ao pagamento ou a cobrança das multas. Os dois primeiros grupos da familia eram chamados neste caso como quando se tratava de successões.

O parentesco comprehendia 17 pessoas que formavam quatro grupos. O primeiro se compunha de cinco pessoas, chamavam-se *deilfine*, ou parentesco da mão; o segundo, *derdhfine*, comprehendia quatro pessoas; o terceiro, *iarfine*, e o quarto, *indfine*, comprehendiam igual numero. Cada um destes tres ultimos grupos correspondia a uma phalange dos quatro dedos, exceptuando o pollegar. Além deste termo cessava o parentesco, e os individuos mais proximos depois do quarto grupo eram chamados aquelles que ficavam nas unhas, *ingen ar meraib*. Esta constituição da familia servia de base a attribuição dos direitos successorios e a repartição do preço do sangue. Pelo que diz respeito a successão segundo este systema a devolução successoria tinha lugar primeiro em proveito do primeiro grupo. Na falta deste, a successão se repartia entre os outros tres, a saber: tres quartos ao segundo, tres quartos do quarto ao terceiro e em fim o quarto do quarto ao ultimo grupo. A ordem da devolução variava segundo faltava este ou aquelle grupo, porém a proporção permanecia sempre a mesma. [1]

O tratado intitulado *Crith Gabhlach* dá a conhecer as classes e as prerogativas das pessoas que compunham a tribu irlandeza, isto é, os simples homens livres, os nobres e o rei. Havia sete classes de nobres e sete de não nobres. Cada uma destas classes tinha um

---

[1] *Ibid.*, pags. 371, 373, 374.

sentido determinado, e o preço da honra fixado em proporção. [1] Temos ahi uma idéa rapidissima do direito celtico, especialmente tirada do capitulo relativo a esse assumpto no excellente livro de R. Dareste, *Étude d'Histoire du Droit*. O assumpto poder-se-ia protrahir por paginas e paginas, si fossemos a extractar o muito que se encontra nas citadas obras de S. Maine e Jubainville, que delle tratam. Seria, porém, trabalho inutil para o nosso alvo. Que relações existem entre este direito celtico e o direito portuguez actual ou mesmo o direito portuguez medievico? Seria o principal a responder; porém, é o mais difficil. E a razão é peremptoria, e vem a ser que as diversas idéas do direito celtico, não são creações originaes desse ramo da raça aryana, pertenciam, ao contrario, fundamentalmente a todo esse grupo de povos.

Dest'arte, uma ou outra instituição que se queira attribuir peculiarmente ao elemento celtico, bem poderia ter sido introduzida por gregos, romanos ou godos, quando não o tivessem sido por phenicios ou ligurios. Um dos resultados fundamentaes de toda a critica historica e comparativa de nosso seculo parece-nos ser a prova de que as idéas fundamentaes da humanidade nas diversos ramos de sua acção espiritual restringem-se a um numero muito reduzido.

Os sonhos do romantismo é que multiplicavam ao infinito as creações originaes do homem. A critica comparativa desfez essas miragens. Que coisa poderia ahi haver mais variadamente original e mais profusamente fecunda em novidades, do que a mythologia? Pois é o contrario; as idéas basilares e fundamentaes nessa orbita de creações reduzem-se a meia duzia de typos caracteristicos e nada mais.

O mesmo a comparação verificou em religião, na moral, na arte, na metaphysica, na politica e no direito! Por todas essas circumscripções da actividade creadora do homem e em cada uma dellas em particular ha meia duzia de producções originaes, que constituem outros tantos themas, que se deixam glosar no decorrer dos seculos, dando lugar a variantes mais ou menos engenhosas. Em direito os institutos capitaes—não passam da familia, a propriedade, o contrato, a pena, o poder publico; sobre estas bases cresce

[1] *Ibid.*, pag. 374.

a vegetação mais ou menos vigorosa das formas particulares dessas creações typos. Os celtas nada produziram de verdadeiramente novo, nada de que os seus irmãos de raça não tivessem siquer o presentimento.

Alguns autores têm querido enxergar esse caracter no uso que os francezes chamam *donaire*, que vem descripto em Cesar, *De bello gallico*, l. VI, c. 19, § 1 e 2. Mas Jubainville provou a existencia de um costume analogo entre os germanos. [1]

Uma coisa, porém, parece que dos celtas passou aos portuguezes e destes a nós: o genio chicanista e casuistico, que manifesmente constitue uma de nossas qualidades.

SYLVIO ROMÉRO

(*Continúa*)

---

[1] Obra citada, pag. 238.

O PADRE JOSÉ MAURICIO

I

Quando a familia real aportou em 1808 ao Brazil, tinha o grande compositor brazileiro padre José Mauricio Nunes Garcia de idade 41 annos [1] e muito embora pauperrimo e em extremo modesto, além de homem de côr, gosava já no Rio de Janeiro de extensa e lisonjeira nomeada como musico de larga esphera e eximio improvisador no orgão, piano, cravo e viola de cordas metallicas.

Mestre de capella da Sé antiga desde 1798 [2] e sinão mais notavel dos discipulos do *Conservatorio dos Negros*, primitivamente fundado na fazenda de Santa Cruz pelos jesuitas para a educação musical dos pretos e mulatos [3], como quer o Sr. Joaquim de Vasconcellos, pelo menos filho aproveitadissimo das tradições daquella util instituição que devera ter cessado com a expulsão dos seus organizadores, desenvolvêra sempre José Mauricio tantos esforços, tão conscienciosa actividade e tão grande somma de talento no desempenho cabal do seu emprego, que, desde os primeiros dias de chegada da corte portugueza a esta capital, mereceu do principe regente D. João attenções especiaes e a mais formal protecção.

D'ahi, ciumes e sérias queixas, além de muitas intrigas, na colonia dos artistas trazidos de Portugal; d'ahi, o verdadeiro alvoroço de triumpho com que os gratuitos inimigos de José Mauricio, os invejosos da sua capacidade e até virtudes, acolheram a noticia de que

---

[1] Nascêra a 22 de Setembro de 1767 - *Revista do Instituto Historico*, tomo 19, pag. 355.

[2] Idem.

[3] *Os musicos portuguezes*, tomo 1, pag. 114.

fôra chamado de Lisboa o celebre Marcos Portugal para vir dirigir e, com importante reforço de cantores e instrumentistas, dar maior realce ás já pomposas festas de igreja, que, sem cessar, se succediam na capella real, no palacio de S. Christovão e na fazenda de Santa Cruz.

Competencias de nacionalidade que iam surgindo e, mais que isto, preconceitos de côr a se accentuarem, apezar da serena igualdade com que o regente e os membros da real familia a todos acolhiam, já haviam suscitado vehementes crises, que o genio calmo de José Mauricio, sua indole meiga e superior, sua assiduidade no trabalho e os seus desejos de agradar não podiam, já não dizemos vencer e derrocar, mas pelo menos attenuar. [1]

Foi em 1811 e não em 1813, [2] que desembarcou no Rio de Janeiro o famigerado Marcos Portugal, cujo nome, conseguindo transpor as raias da patria, era com applauso repetido em toda a Italia e repercutira até na longinqua Russia, onde foram, de 1793 a 1796, representadas, depois de traduzido o libretto, 3 das suas 40 operas.

Apenas de chegada, correu Marcos Portugal á quinta da Boa Vista a beijar as mãos da augusta familia e della teve tal recebimento de agrados e amabilidade, que aos desaffectos de José Mauricio pareceu irremediavel a sua desgraça, como então se chamava o retrahimento do favor dos principes.

— Ha aqui um homem de côr, disse a princeza D. Carlota para o famoso maestro, que é notavel na musica.

— Já ouvi contar, respondeu Marcos Portugal.

— Mas quero o seu juizo...

— Obedecerei a Vossa Alteza Real... Creio que domingo...

— Não esperarei por domingo. Venha cá amanhan, que mandarei chamar o José Mauricio. Traga algum trecho novo para piano.. Veja bem que o regente costuma chamal-o o *novo Marcos.*

Empallideceu de despeito o autor do *Demofoonte*, inclinou-se e despediu-se. [3]

---

[1] O Sr. Joaquim de Vasconcellos, referindo-se ás lutas a que esteve sujeito José Mauricio, faz justiça ao seu elevado caracter, tomo II, pag. 65.

[2] *Revista do Instituto*, tomo 19, pag. 359.

[3] Foi-nos, em 1870, contado esse episodio em todos os seus pontos por pessoa contemporanea, digna de todo o conceito.

No dia seguinte, com effeito, encontraram-se á tarde em São Christovão, os dois artistas, um todo cheio de seus triumphos e glorias, naturalmente arrogante, cercado do immenso prestigio que lhe haviam dado as ovações das platéas de todo o mundo civilizado, possuido do seu papel de autoridade incontrastavel e arbitro supremo; outro, José Mauricio, mulato, pobre, timido, personalidade totalmente desconhecida fóra de limitado circulo, alheio á influição dos grandes centros da Europa, desajudado do exemplo e da audição dos mestres, sem nunca ter saido da colonia e até da cidade natal, entregue ás suas proprias inspirações e havendo ganho o pouco que era a poder de muita vocação natural, aturado estudo e penosas elocubrações, dispondo só de apoucados recursos em todos os sentidos a bem da expansão da sua indole artistica.

Dirigiram-se elles para os aposentos particulares da princeza D. Carlota; Marcos Portugal adiante com a compostura de sobranceiro juiz « tão grande a sua impostura, escrevia pouco tempo depois Santos Marrocos em carta para Lisboa [1] que os mesmos que o obsequiaram contra elle se levantam, natural a sua circumspecção, olhos carregados, cortejos de superioridade, emfim apparencias ridiculas e de charlatão.» Atraz seguia José Mauricio, todo perturbado, fulo de commoção e tão inquieto do que lhe ia succeder, que as mãos lhe tremiam, muito embora todo o esforço por se dominar.

Já estavam os principes sentados numa sala em que se ostentava, não um modesto cravo, mas soberbo piano [2] de fabricação ingleza, rodeado de pessoas da côrte especialmente convidadas para aquella inesperada exhibição dos meritos do organista da Sé antiga, com exercicio tambem na capella real.

Depois de obtida venia, desenrolou Marcos Portugal com calculada solemnidade uma peça de musica que trazia e passou-a a José Mauricio, perguntando-lhe se já ouvira falar naquelle autor.

Era uma das mais difficeis sonatas de Francisco José Haydn.

---

[1] Joaquim de Vasconcellos., *Os Musicos portuguezes.*,Tomo II, pag. 63.

[2] Naturalmente da fabrica de Broadwood de Londres, a qual succedera á de Zumpe creada em 1760 e cujos instrumentos conservaram merecida reputação até nossos dias. No paço de S. Christovão ainda havia desses pianos até 1889.

Com voz sumida e a gaguejar, respondeu o padre que, ha muito. conhecia grande parte do repertorio do eximio mestre [1] a quem dedicava culto especial. E, com effeito, José Mauricio, nas suas palestras sobre arte, collocava Haydn acima de Haendel, a par de Mozart e só abaixo de Beethoven, que costumava denominar divino.

Mostrou-se Marcos Portugal não pouco admirado.

—Então por cá já sabem disso? exclamou com enfado. Na Italia é nome quasi desconhecido.

—Pois, Sr. José Mauricio, ordenou a princeza D. Carlota, façanos ouvir tão grande novidade.

—Nunca toquei esta sonata, objectou o padre, e Vossa Alteza...

—Mas dizem que você tira musica, como quem lê letra redonda... Sente-se, sente-se ao piano.

Não havia recuar.

Obedeceu o artista, e, aos primeiros acórdes, fez-se completo silencio.

Começou a sonata.

A principio, José Mauricio si não claudicou, pelo menos mostrou tibieza na execução.

A pouco e pouco, porém, foi-lhe voltando a salvadora calma. Concentrou-se, chamou a si toda a sua energia e, reagindo contra o abalo que lhe escurecia a vista e lhe prendia as mãos, foi levando de vencida todas as difficuldades da primorosa obra, já esquecido do local em que se achava e de corpo e alma entregue ás maravilhosas deducções harmonicas do insigne allemão, cujas paginas interpretava com expressão e facilidade cada vez mais accentuadas.

D'ahi a instantes tambem pertencia elle exclusivamente á grandeza da concepção que ia vivificando por modo todo seu, fazendo, dos seus dedos já firmes e de novo escravos submissos da intelligencia e do sentimento, jorrar bellezas sem conta, que em todos os ouvintes infundiam pasmo e indizivel enleio.

Muitos, voltados para Marcos Portugal, liam na physionomia do orgulhoso mestre a successão das impressões que gradualmente

---

[1] « José Mauricio, diz Joaquim de Vasconcellos, possuia a collecção mais completa de musica que havia no Brazil e mandava vir constantemente as melhores composições que appareciam na Allemanha, Italia, França e Inglaterra. » *Musicos portuguezes*, tomo I, pag. 114.

o estavam avassalando, physionomia no começo fria, desdenhosa, ironica, logo depois, attenta, surpresa, e por fim cheia desse enthusiasmo expansivo, que a alma verdadeiramente artistica não póde reprimir, nem occultar e irrompe com força incoercivel na lealdade do seu arrebatamento.

José Mauricio, porem, nada via ; estava todo com Haydn.

No andante deu tal melancolia ao thema dominante, fez por tal força realçar a frase melodica, que nas composições de Haydn perpassa insistente, como indecisa chamma por sobre torrentes de harmonias encadeadas, arrancou do piano taes vozes, tão plangentes e novas — as lagrimas, de que fala Mozart [1] — que por toda a sala e contra as regras da etiqueta circulou um sentido bravo.

Continha-se, porém, o arbitro de quem tudo dependia ; mas quando José Mauricio atacou o *presto* final e, sem discrepancia de uma nota, com a nitidez de magistral interpretação, destrinçou os motivos que, aos quatro e cinco intimamente se travam naquelle estylo fugado de pasmosa riqueza e exuberancia, Marcos Portugal não teve mais mão em si, poz-se, talvez máu grado seu, de pé e ao morrerem os ultimos e vigorosos sons da sonata, precipitou-se para aquelle que de repente se constituira seu igual e, no meio dos calorosos applausos dos principes e da côrte, apertou-o nos braços com immensa effusão.

— Bellissimo, bradou elle, bellissimo ! E's meu irmão na arte; com certeza para mim serás um amigo !

Voto sincero, partido do fundo do coração, mas que se não realizou sinão muitos annos depois, separados aquelles dois robustos talentos, dignos da estima e do respeito reciprocos por baixas intrigas e violentos odios, de que foi victima nobre e resignada o glorioso compositor brazileiro.

VISCONDE DE TAUNAY

(*Continúa*)

---

[1] « Ninguem, disse Mozart, tem mais delicadeza no gracejo nem mais lagrimas na emoção do que José Haydn. Só elle é que tem o segredo de me fazer sorrir e me levar a impressão ao intimo da alma.»

OS BACAERYS[1]

II

A CONCEPÇÃO DO MUNDO

Piahi é palavra que, com ligeiras variantes, apparece em diversas linguas sul-americanas e, como Carahyba, póde ser explicada de muitos modos. Em bacaery liga-se talvez a *epiwado*, pagamento, ideia cujo alcance já tivemos occasião de mencionar. Propriamente significa o curador, o medico. Não se confunda, pois, com feiticeiro: *ome-odo*, o senhor de veneno, póde tirar a saude ou a vida a uma pessoa; *amapöçodo*, o senhor da mão do defunto, póde fazer estourar o senhor do veneno; mas ambos são mortaes, ao passo que o curador é immortal e domina as forças da natureza.

Alguns exemplos apanhados ao accaso mostrarão como o Piahi apparece á intelligencia dos Bacaerys.

O filho de um curador passeava com o pai, quando de subito foi acommettido por uma onça. Defendeu-se como poude, e chegando á casa contou: surrei uma onça.—Estás mentindo, disse o curador, surraste a mim. Isto prova que o curador póde entrar no corpo dos animaes, ou, para usar a expressão indigena, fazer de um animal sua camisa.

Parutamido matou um tatu á beira de uma lagoa, abriu-o, lavou-o, e não quiz entregal-o ao Yamüra que dentro d'agua

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de Outubro.

reclamou-o, como animal de sua creação (*iγi*). Para castigal-o, o Yamüra afogou-o. Passado tempo sem delle haver noticias, um curador seu cunhado, sonhou com o que lhe tinha succedido, Penetrou na lagoa, onde o Yamüra explicou o motivo por que afogara Parutamido, tratou-o muito bem, presenteou-o com mingáu, com beijús e lhe ensinou a dança do *Kχaritówo*. Isto mostra quão differentes são as attenções que os yamüras têm para os piahis e para a gente atôa (*wanololo, de waono*, primeiro; cf. all. *der erste der beste*).

No salto do Paranatinga, lugar terrivel em que Keri e Came atiraram a *Mama*, pedra vermelha e encantada, com que mataram Mero e Arimoto, está por baixo da Mama o sonho *(Vèdu)* que elles arrancavam dos olhos do lagarto. Lá assiste o pai das bexigas (*turi*); quem se aproxima adoece; quando chega o tempo do salto dos matrinxans quem perto fala ou ri é atirado á agua. O curador não corre perigo aproximando-se; si fica zangado, pode benzer o somno e este levanta-se e passeia.

Como attinge o curador a esta plenitude de poderes, que em seus discursos tantas vezes atira aos que desdenhosamente chama de gente atôa? Por uma aprendizagem muito longa e penosa, que poucas pessoas têm a coragem de seguir até o fim e á risca.

Primeiramente o candidato á curador (*piahi-he ini*) precisa de encontrar um curador consummado, que lhe indique o que deve fazer, e o proteja contra os inimigos que nunca deixa de encontrar. O curador futuro precisa, além disso, de por sua parte não deixar uma só brecha por onde possa introduzir-se o inimigo, o Karówi, os yamüras tão ciosos e tão malvados, cuja occupação principal dir-se-ia andarem á cata dos minimos descuidos para castigal-os inexoravelmente.

E'este o objecto do regimen rigoroso a que tem de submetter-se si quer elevar-se ás alturas em que paira o verdadeiro curador.

Começa o noviço bebendo diversas drogas como timbó, pindoba, vaimbé e outros cipós para aprender a lingua dos animaes, e de Karowi, especie de Curupira; não pode comer pirão, nem mingáu, nem gordura, nem carne, nem lambary, nem volatil, nem tamanduá, nem mel; sua alimentação é exclusivamente beijú e caldo de polvilho.

Não póde morar na aldeia, mas numa casa retirada, a casa de dança, (*Kχadóeti*), onde se fazem as festas, se acolhem os hospedes e as mulheres não têm entrada; é preciso que com estas não fale, e para maior segurança não só o curador mestre amedronta o noviço dizendo que as vozes que ouve não são de mulheres mas de Karówi, como arma sua rede encostada á porta para que não possa sahir seu discipulo em qualquer momento de descuido.

Passados tempos, saem a passeio mestre e discipulo, e este, que facilmente aprendera a lingua de Karówi, começa a falar a lingua de onça. E' o signal de que a iniciação está quasi terminada; o curador dá-lhe o cipó de cobra (*aγukur-iokχu*), o candidato a piahi morre, torna-se yamüra e vai para o céu apresentar-se a Nakoeri.

Nakoeri, que já conhecemos, possue muitos animaes domesticos: araras, pombas, rolas, jacús, jacucaca, mutum, maracanã, periquito, papagaio, tucano, araçari, anuns, gallinha, tamanduá, etc. Que ha de commum nesta bicharia é o que só um naturalista acostumado á ideação dos Indios poderia dizer com alguma segurança. Alguns parecem escolhidos pelo brilho da plumagem, outros por seus habitos matinaes, outros finalmente pela circumstancia de como que sumirem-se por algum tempo, reapparecendo mais gordos, qual se tivessem passado em pastos mais pingues.

Depois da morte começam as distincções entre o curador e o yamüra commum: este, como se viu, sobe por uma escada de algodão; o discipulo e o mestre sobem juntos, não se declarando, porém, de que modo.

Quando o piahi-he ini vai vê o céu; os moradores do céu avistam-no de longe que vêm; quem vem ahi? dizem os yamüras para Nakoeri; então Nakoeri apparece na porta; o piahi e o seu discipulo aproximam-se: ah! és tu, vieste? diz Nakoeri;—sim, sou eu, vim para ti, responde o discipulo;—sim, não gostaste de tua bebida, de teu beijú, de tua comida, é bom, por isso vieste, gente atôa não vem para minha aldeia, diz Nakoeri.

Depois Nakoeri bota para fora bancos e lá fora conversa com o discipulo do curador; primeiro põe um banco vermelho; põe depois dois bancos brancos; o discipulo não se senta no banco vermelho; põe para fóra tres bancos vermelhos (ao todo cinco, dos quaes os vermelhos mais proximos do candidato, para tental-o); o candidato passa pelos tres bancos vermelhos sem se sentar (si se sentasse commetteria um crime e não subiria a piahi) e senta-se no banco branco: és homem ás direita (*uγurodo-lo*), tu sim és valente, diz-lhe Nakoeri.

Depois Nakoeri vai buscar massa de mandioca, melha, amarra-a com algodão na ponta do cabo de canto e toca o maracá; então move-se o banco do can banco vai elle para dentro da casa; ao entrar, Na canto: vais para dentro do céu, diz Nakoeri.—Sim candidato.—Leva-o para dentro do céu, diz Nakoeri p e novamente entoa seu canto.

O banco vai para o céu, rodando; o companh segurando o banco e instruindo o candidato, qu aqui, vai dizendo o companheiro de Nakoeri, é a p alli a praça das cabeças velhas, acolá a praça das lhe dizendo.[1] O candidato nada vê, apenas ouve a l de Nakoeri; no céu reina só o escuro, por isso não vê

Depois de muito andar, o céu vai esfriando: aldeia, diz o companheiro de Nakoeri. Depois chega bondos, só lingua de maribondos ouve o candidato vieste, meu pai? vieste, meu tio? vieste, meu filh mas nada vê, porque com o escuro de céu não se p

O banco põe-se novamente em movimento, e de dando, chegam á casa de Nakoeri e entram por diz Nakoeri.—Sim, andei, capitão, responde o candid

Passado pouco tempo,o candidato diz a Nakoeri: Ca —Sim, responde Nakoeri; podes ir agora; qualquer

Interrompamos agora este trecho, para sob mas observações.

O Dr. Carlos von den Steinen ouviu de Anton provavelmente se referia a Nakoeri; pensou, por naturalmente pouco desenvolvida, porque Anto guez, de que não sabia muito, e um Indio só conta no idioma natal, tinha se insinuado a influenci E assim, quando Antonio não se lembrando de p personagem que habitava o céu, procurava reh perra, perguntou-lhe o viajante allemão se não — Crito mesmo, repetiu Antonio, aceitando talv

Nakoeri será effectivamente uma adumbraç mento de catechese catholica? Repugna-nos acre animaes que Nakoeri cria, no papel que des adopção das sombras em seu reino, na inves

---

[1] A palavra *velha* neste trecho corresponde ao suf já vimos indica o passado dos substantivos.

[2] *Unter den Naturvölkern Zentral Brazilian*, 346.

curadores, na distribuição dos diversos dominios do céu, no modo original por que lá se viaja, em tudo se nota uma construcção de accordo com a concepção do mundo vigente entre os Bacaerys. Ou a idéa christan é inteiramente alheia á concepção bacaery, ou foi totalmente suffocada pelo ervanço indigena em que a semearam.

Admittido que Nakoeri é concepção espontanea e não alienigena, convém investigar si de facto elle é divindade luminosa, como acima ficou dito.

A escuridão do céu inclinaria a collocal-o de preferencia entre os poderes lobregos; mas a sua distincção clara dos yamüras que, estes sim são forças lobregas como o proprio nome está indicando, reprime este primeiro impulso. E novos argumentos nos fornecem os bancos brancos em que o candidato deve sentar-se se quizer subir a piahi; o emprego do algodão, materia pouco agradavel ao yamüra, tanto que a semente queimada os enxota para longe das casas que perseguem; e finalmente a cauda de arara que elle amarra ao maracá. De facto em bacaery *kχavida tapabileζ iχu torokχo* significa duas coisas muito diversas: a cauda do lindo Psittacide que conhecemos, e a hora que precede immediatamente o nascer do sol. «Primeiro apparece *maekudani* (provavelmente engana anta, porque o animal acorda, pensando que o dia está proximo); depois a cauda amarella da arara kχalokua; depois nasce a cauda da arara vermelha; ainda não acaba a cauda da arara vermelha e já nasce o sol (*kχavida tapabileζ ixutaroxo nadãepala xixi eγaceli*)» diz um texto que temos a vista. Assim quer como objecto zoologico, quer como momento astronomico, a cauda de arara é prova de que Nakoeri representa um poder luminoso.

O que resta da historia do candidato a piahi resume-se em poucas linhas.

Depois de ter falado com Nakoeri, o candidato vai embora; na porta do céu, a sombra reveste a camisa antiga e quando nesta se deita acorda; ningem póde ir onde elle está, excepto o curador que o iniciou. A' tarde acorda: — queres mingáu, estás com fome? pergunta o curador; e quando o candidato responde que sim, vai fazer-lhe mingáu de massa azeda. Tres dias dormidos come beijú fresco, depois polvilho e puhereγo. O curador não o deixa ainda sair da casa da dança; na outra lua come pirão; passadas duas luas póde sair um pouco, e então come caça, matrinxã, pacú branco. Tres mezes mais tarde, é piahi, passeia, entra em onça, entra em anta, entra em queixada etc.

Consagrado piahi, já vimos algumas das coisas que é capaz de fazer. Daremos, porém, ainda uma historia, para que se veja a distincção entre piahi e yamüra.

Ambos elles morreram, e exactamente da morte vem a força que os torna tão temidos de seus conterraneos; mas depois de morto, o piahi torna á vida por concessão de Nakoeri e então nunca mais morre, ao passo que o yamüra póde apparecer na terra, entrar no corpo de animaes, vestir mesmo a camisa de homem como nas festas mascaradas, mas na realidade nunca mais vive cá em baixo.

Ambos têm poder quasi illimitado sobre a natureza, mas na realidade o piahi é o mais poderoso, porque o yamüra respeita-o, trata-o por cunhado, e elle tem meios de abrandar o yamüra e até de espantal-o, como queimando caroço de algodão ou pintando de urucú as pessoas contra quem yamüra está irritado.

Ambos representam potencias lobregas, mas o piahi representa alguma coisa de luminoso que apanhou de sua convivencia com Nakoeri.

Ficou dito que em certos casos tanto piahi como yamüra podem retirar a sombra de pessoa que os offendeu; mas só o piahi póde restituir o que elle tirou; e ao contrario póde restituir a sombra roubada pelo yamüra.

Leva-nos isto a tratar de Topiehe, ave matto-grossense que não foi possivel identificar, e em cujo nome está provavelmente o mesmo radical que se encontra em *piahi* e *epiwado*.

Topiehe, quando se mata, rouba a sombra da gente; por isso não se mata Topiehe; leva a sombra da gente para longe; depois a gente morre. Dentro do céu é a casa de Topiehe; o Topiehe não fica morto realmente, diz o piahi. Quem matou (apparentemente) o Topiehe fica com frio; quando chega em casa adoece; depois se chama o piahi, e quando elle chega, lava-se bem limpo o banco; depois se amarra com algodão a cauda da arara, no maracá. Emquanto isto faz o curador, a gente não fala, apaga-se o fogo: bota-se o banco na porta, e o curador segura-o, toca o maracá e depois grita. Quando não está perto, *yamüra* não vem depressa; quando chega, o banco se move e si o curador o não segura foge, por isso o curador não larga o banco, no qual se senta *yamüra*, com quem o piahi conversa: Não vês, parente, estou chamando, estou falando, estou cantando, estou gritando, diz o curador. Fiz isto, por que commetteu este crime (*inutudohe*), responde Topiehe—E' gente, não sabe o

que faz, por isso te matou, responde o curador. Quando o piahi falou: toma-o, diz Topiehe. Quando agarrou-se ao algodão nossa sombra fica em cima e então o assassino fica bom. Depois da entrega: vou-me embora, ouvi teu grito e por isso vim, diz Topiehe. Quando o Yamüra sai, a gente conversa, o curador vai para o doente: adoeceu porque matou Topiehe; Topiehe não se mata, diz o curador.

Por sua parte póde tambem o curador roubar a sombra de qualquer pessoa.

Aproveita o somno daquelle contra quem está zangado *(piahi iewirocenibüri)* e agarrando a sombra que passeia, leva-a a diversos lugares, perguntando-lhe implacavel si sabe por onde anda. Logo o piahi iewiroceni-büri sente frio e febre e adoece. O avô e a mãi imploram a protecção do curador: Vem ver meu filho, diz a mãe; vem ver de que aquelle meu filho está doente. Si não dizem isto, o piahi faz morrer a pessoa. Si dizem, o piahi responde: Teu filho é um medroso, por isso é que está doente; mas está mentindo, é só para que não se saiba que foi elle. De tarde sae gritando pelo caminho; a noite volta para casa gritando, manda apagar o fogo, e a ceremonia é quasi a mesma que com o Topiéhe, e o pagamento do curador é uma rede de algodão.

No fim desta historia, que resumimos, insiste-se mais uma vez sobre o poder do curador.

Piahi passeia com yamüra, passeia com onça (*udo-do*, o mesmo radical do *udo, udoréri*, inimigo), vai para o céu, vae para a agua, entra em cobra, entra em sucury, entra em passarinho, entra em qualquer volatil; por isso nos faz medo; dentro de cobra nos morde, dentro de onça; sabe quem morre; passeia feito vento, passeia dentro da aldeia, passeia perto, derruba casas com gancho, tudo isto faz quando está zangado.

Assim o Bacaery vê no mundo tres grandes forças: Nakoeri, inerte, bondoso e afastado, que não precisa de culto, porque não faz mal; yamüras, almas dos pais, que foram para o céu, e podendo fazer o bem, pódem igualmente fazer o mal e devem ser propiciados continuamente; os piahi, yamüras de ordem superior, porque resuscitam depois de mortos e vêm novamente viver entre os homens.

Ao lado destes tres principios, encontramos figuras e noções pouco claras, provavelmente restos de ideias mais antigas.

O Dr. C. v. d. Steinen fala de *Kilaino oroiko*, que traduz por diabo. I. não conhece tal entidade, mas simplesmente Kilâino, entes

maleficos, que moram no matto ou no morro, assumem formas differentes, alimentam-se de ratos e passarinhos, não passam agua, escondem a caça morta e as settas atiradas, as cousas que caem das mãos da gente, respondem aos gritos de uma pessoa, e gritam para transviar quem anda no matto.

Do mesmo genero são: Kχarowi, que anda á noite, trazendo por machado um sapo, animado sempre do desejo de fazer mal ao Bacaery, mas geralmente ludibriado por este, em summa similhante aos Curupiras do Amazonas, quaes nos apparecem nos contos colhidos por Barboza Rodrigues, e Ywanaguroro, o senhor da caça, facil de conhecer-se, porque tem um peito maior que o outro, contra o qual mata as pessoas que offendem-o, figura similhante ao Caipora dos Tupys.

Trata-se tambem de uma lagoa, onde assistem o avô do peixe cachorro, o avô da piranha, o avô da cobra, o avô da lontra, o avô do peixe agulha, o avô do tambor, etc. No meio da agua apparecem phantasmas. Lá não vae anta nem capivara, nem queixada, nem volatil a atravessa. Antigos Bacaerys levaram para lá uma canôa mas um rodomoinho virou-a, o Kxurixio (especie de lontra encantada) comeu-os, só apparecendo dos mortos as barrigas.

Existem lá tambem a onça-assú, o cavallo-assú, o quexada-assú, o cagado-assú, o carangueijo-assú d'agua doce, etc. A borda d'agua tudo está balançando. O *Kxurixio* e os *Kxuxobe* agitam suas cabaças que soam como trovões, e quem ouve tal som adoece e morre, e quem vê os avós dos animaes tambem morre. A borda da lagoa existe um brejo, e a lagoa é de semen de animaes.

A idéa de Senhor apparece repetidas vezes, sem que seja possivel comprehender bem o que significa. Quando Bacaery affirma que o homem branco é o senhor do espelho, naturalmente quer com isto dizer que foi em mãos dos Carahybas que primeiro viu este objecto. Que diz, porém, realmente quando affirma que o senhor da chuva é o periquito?

Tambem parece natural que, desde que certas cousas têm senhores, pague-se a estes ou se lhes preste qualquer prova de respeito ou homenagem. Entretanto só um caso deste genero se menciona; quem faz rêde, antes de usal-a, arma-a fóra de casa em homenagem ao Coandu, senhor da rede, para não ficar de

cabellos brancos. Conta-se tambem a historia de um grande cataclismo, produzido pela morte da lagartixa, senhor do vento.

Nestas condições, pouco interesse apresenta a seguinte lista de senhores, que só poderá ser aproveitada si apparecerem novos elementos comparaveis:

O lagarto é senhor do somno; a raposa senhor do fogo; o periquito da chuva; a lagartixa do vento; o curiangú do anzol; o urubú é senhor do banco; caramujo do sol; o sucuri da rede de pescar; o socó do hoquité (especie de cesta); a uga (especie de lagarto) do ralo; o ouriço é senhor do espinho; o martim pescador senhor do peixe; o coandú senhor do fumo e tambem da rede de burity; o veado é senhor da mandioca, etc.

Por aqui póde ver-se que Bacaery não faz distincção muito profunda entre os homens e animaes. Para desejar estes usam de duas palavras *ieyi* primeira pessoa, que se applica ao animal que uma pessoa criou, e *anayido* termo generico, simples plural de *anayi* que significa quem e alguem. E nada ha a estranhar desde que do mesmo modo os homens e os animaes têm sombra e falam.

Tambem as arvores tem sombra e falam.

Os capitães das arvores falaram primeiramente, conta o piahi; a peúva de flores amarellas, a peúva de flores vermelhas, o jatobá, a copahiba, o pau de morcego, falaram, conta o piahi;—aufa! vamos todos, amadureçamos nossas folhas, disse o jatobá, conta o piahi; sim façamo-lo, capitão, disseram suas gentes, conta o piahi; quando disseram, as folhas das arvores amadureceram de todo, conta o piahi; quando as folhas acabaram de amadurecer, falaram de novo, conta o piahi; aufa! derribemos nossas folhas, minha gente, disse a peúva de flores amarellas, disse o jatobá, conta o piahi; quando os capitães falaram, todos responderam, conta o piahi; quando falaram outra vez, todas as folhas das arvores cairam, conta o piahi; quando acabaram de cair, seus capitães falaram, conta o piahi; aufa! vamo nos, floreçamos, minha gente, disseram peúva amarella e copahiba, conta o piahi; a copahyba e a peúva quando falaram suas gentes responderam: todos nós sim o faremos, capitão, disse sua gente, conta o piahi; quando disseram todas as arvores floresceram, conta o piahi; quando todos floresceram a peúva de flores vermelhas, a peúva de flores amarellas falaram, conta o piahi; agora todos derribemos nossas flores, minha gente, disseram seus capitães, conta o piahi; sim fazemos, capitão, disseram suas gentes, conta o piahi, quando disseram, todas as flores das arvores cairam, conta o piahi; vamos, frutifiquemos, minha gente, disse a peúva de flores amarellas, disse a peúva de flores vermelhas, conta o piahi; quando falaram, brotaram ramos, brotaram frutos, conta o piahi; a seringueira, a peúva de flores vermelhas, a

peúva de flores amarellas, o paratudo, a tarumarana da matta criaram caroço, conta o piahi; quando seu caroço se quebrou, a peúva de flores vermelhas, a peúva de flores amarelas falaram, conta o piahi: vamos, agora quebremos nossos caroços, minha gente, disseram seus capitães, conta o piahi; sim, assim fazemos, capitão, disseram suas gentes, conta o piahi; quando disseram, no tempo da bebida beberam, conta o piahi; quando falaram, todos os caroços das arvores se quebraram, conta o piahi; quando os caroços se quebraram, falaram outra vez, conta o piahi; vamos todos, agora cresçamos! disseram seus capitães, conta o piahi.

Não foi só aquella vez que as arvores falaram, diz o piahi (*Mâra-ume nelö-ba cé areɣeli, tokehe piahi.*)

CAPISTRANO DE ABREU

BIBLIOGRAPHIA

A Marinha de Outr'ora [illegible] Visconde de Ouro Preto [illegible] para a [illegible] Rio de Janeiro [illegible] de Maria [illegible] 1894. XI—[illegible] 7 pags.

De todos os estadistas brazileiros a quem sob o Imperio coubera responsabilidade de governo, poucos inspiram tanta sympathia pela nobre linha de conducta seguida depois da Republica como o Sr. Visconde de Ouro Preto cujo caracter altivo não se prestando ao *adhesismo* triste e significativo neologismo, que constituiu a molestia da moda, não lhe inspira comtudo a idéa de tomar parte em conspirações mais ou menos burlescas contra a nova ordem de coisas. Dos seus antigos companheiros nos Conselhos da Corôa uns encontraram a estrada de Damasco nas proximidades do palacio Itamaraty e revelaram-se repentinamente devotados servidores da Republica; outros que nada esqueceram nem aprenderam procuram no estrangeiro chamar o ridiculo e a diffamação contra as nascentes instituições; outros abandonaram a politica para tomarem de uma vez o caminho do *casilhamento* (neologismo ainda mais triste): outros finalmente reduzidos a mediocridade de que os haviam tirado processos politicos artificiaes acabam tristemente na obscuridade uma carreira inutil. O Sr. Visconde de Ouro Preto, porém, depois do exilio a que o obrigaram os acontecimentos de 15 de novembro, reabre o seu escriptorio de advogado e inteiramente extranho á politica reconquista pelo unico prestigio do seu merecimento e caracter o brilhante lugar que antigamente havia occupado entre as primeiras figuras do nosso fôro. O seu papel no tempo da monarchia foi dos mais salientes em todas as phases de uma movimentada carreira politica. O fogoso jornalista da *Actualidade* e da *Reforma*, o habil chefe do partido liberal mineiro, o terrivel *debater* dos nossos parlamentos, o joven e patriotico ministro da marinha de 1866, o activo e energico ministro da fazenda de 1879, o autoritario e corajoso

presidente do conselho de 1889, o operoso e intelligente autor e collaborador das mais importantes leis do paiz no periodo que medeou entre 1864 e 1889 são figuras inolvidaveis para quem se preoccupe com a nossa historia politica hoje tão injustamente esquecida. Injusto e criminoso é com effeito este esquecimento dos nossos antecedentes politicos por parte dos que têm hoje a terrivel responsabilidade do poder. O conhecimento exacto do que fizeram na gestão da causa publica os nossos pais e avós, pouparia ao paiz as consequencias moraes e materiaes de muitas tentativas falhas. Não menos censuravel porém é o procedimento dos antigos proceres da monarchia que podiam muito bem aproveitar a inactividade a que estão reduzidos para historiar os acontecimentos em que tomaram parte, prestando assim preciosos subsidios para a historia Como seriam interessantes as memorias dos Srs. João Alfredo, Andrade Figueira, Paranaguá, Silveira Martins e tantos outros. Que precioso veio de ironia e observação se encontraria nas memorias do Sr. Ferreira Vianna!

O livro do Sr. Visconde de Ouro Preto provoca-nos estas reflexões não somente pelo que de facto produziu como principalmente pelo que poderia ter produzido. O titulo suggestivo de *Marinha de Outr'ora* fazia acreditar que o A., profundo conhecedor da nossa historia administrativa e politica nos faria a narração da nossa marinha, mostrando como ella se creou no periodo da Independencia, como se desenvolveu, os resultados a que chegou. Ao envez a *Marinha de Outr'ora* refere-se somente ao periodo da guerra do Paraguay. O livro está dividido em tres partes. Na primeira são contados os antecedentes da guerra, exposto o estado da nossa marinha e relatadas as providencias tomadas pelo governo para organizar a defesa nacional. A segunda parte é uma rapida e colorida summula do papel que a nossa esquadra desempenhou na guerra, com a narração das mais importantes operações e batalhas. Na terceira parte são relatados os diversos incidentes diplomaticos occorridos durante a guerra. A obra contém como annexos o tratado da Triplice alliança e a relação nominal dos officiaes que serviram na guerra. E' innegavel que a *Marinha de Outrora* é um repositorio precioso de dados e observações, muitos ineditos, sobre a guerra e que si não é uma historia completa ao menos justifica plenamente a epigraphe mais modesta que lhe deu, *subsidios para a historia*. Ministro da marinha ao tempo em que se deram os acontecimentos, autor ou suggestor de grande parte das medidas de que dependeu a sorte da guerra, ninguem melhor do que o Sr. Visconde de Ouro Preto estava no caso de contar o que fez a marinha na guerra do Paraguay. E com effeito si o A. não tivesse a preoccupação ou melhor a obsessão de servir-se constantemente do assumpto para realçar os meritos do

regimen transacto e procurar sempre contrastes com o novo estado de coisas, nada mais natural do que o nobre orgulho de contar aos seus concidadãos tudo que elle fez pela patria em uma época difficil. Estas constantes censuras á Republica, muitas dellas justas e bem fundadas, força é confessar, vo'tam de espaço a espaço *ora pro nobis* de uma ladainha ou o estribilho de uma canção, e tirando a liberdade ao autor, cançam o leitor. Sem falar no prologo do qual só 25 linhas se occupam do assumpto do livro, cabendo o resto (V a XI) perfeitamente em um artigo de fundo de actualidade, todo o livro parece escripto com o fim de fazer um parallelo entre as bondades de monarchia e as ruindades da republica.

O leitor dirá si exageramos. A proposito da conversão a Lopez do padre Maiz, antes por elle perseguido, vem o exemplo de conversões identicas sob o regimen da fraternidade (p. 22, nota 1). O procedimento dos aspirantes na guerra do Paraguay provoca comparações com o que fizeram os nossos jovens na ultima guerra civil, sem esquecer a infallivel critica á má traducção do celebre moto *Salut et fraternité* (p. 58). As promoções de então servem de motivo para provar que hoje os tempos estão mudados (p. 60). O desamparo da fronteira de Mato-Grosso provoca novas objurgatorias sobre o regimen militar (p. 94). As faltas no quadro evocam lugubres fusilamentos de 1894 (p. 94), o exame do material de então traz ao autor A. a affirmação, cuja exactidão deixamos ao juizo dos entendidos de que o material de hoje é inferior ao que atropelladamente armámos para a guerra do Paraguay (p. 114), a escola naval de então provoca censuras sobre a extravagante idéa que ha tempos surgiu e depois desappareceu de fundir a Escola Militar e Naval (p. 120). As mudanças nos nomes dos navios (p. 127), a falta de accordo entre os chefes (p. 128 e 411), o despotismo das republicas sul-americanas (p. 450) são pretexto para novas e repetidas recriminações sobre o actual estado de coisas. Pullulam as allusões sobre o engano dos tyrannos quanto á docilidade dos povos (p. 38), sobre a inaptidão dos homens do mar para politicos (p. 68), sobre os estimulos do patriotismo a que então obedeciam todos no dizer do A. (p. 252), sobre a declaração de J. J. Ignacio desnecessaria sob o regimen decaido de que elle transporia Humaytá, contra sua opinião, si assim lhe fosse ordenado (p. 320), sobre a dignidade do Brazil, que jamais soffreu quebra alguma durante o regimen decahido (p. 451). *Quis tulerit Grachos de seditione quærentes* ?

Com quanto não duvide o A. em prever melhores dias para o nosso paiz, não é comtudo bastante explicito sobre a forma que deve tomar a annunciada aurora. Não se sabe o que pretenderá o A. no topico em que faz da constellação do Cruzeiro do Sul o symbolo da redempção e pergunta quando tornaremos a ser livres (p. 147) ou quando referindo-se aos

horrores da guerra civil remata emphaticamente com as seguintes palavras: « Nunca deixaram de ser ephemeras as obras da iniquidade, ha de dissipar-se a nuvem negra que pesa sobre o Brazil e aos fulgores da liberdade reconquistada, elle poderá ainda afoutamente confiar a defesa da sua dignidade e dos seus interesses ao exercito e a armada regenerada. *Sursum corda* ». (p. 414).

Si o preconceito politico occupa larga parte do tempo do A. desviando-o da sua estricta missão de historiador, o preconceito religioso actúa tambem não menos fortemente fazendo-o ver os factos historicos sob um prisma tão singular quanto inesperado em um espirito de tal lucidez e cultura. E' assim que o leitor pasma ao saber que « os torpedos, as estacadas, os batelões submergidos, todos os obices, que a pericia de engenheiros estrangeiros accumulara ahi (em Curupaity) tudo isso ou tinha sido destruido pela acção do tempo, ou achava-se arredado do caminho da expedição brazileira pelo Poder Supremo, que apreciando a justiça da nossa causa, a lealdade e a pureza de nossas intuições, inspirara ao bravo vice-almirante (o Barão de Inhauma) uma idéa feliz ». (p. 302). Mais adiante a proposito da passagem de Humaytá mostra-nos o A. em jogo uma força mysteriosa e superior, que os impios denominam acaso ou fatalidade, mas que para os espiritos verdadeiramente esclarecidos não é sinão a demonstração irrecusavel da Providencia Divina (p. 336). Sem quebra do respeito devido ás crenças alheias, sobretudo as que partem de um espirito tão serio como o do A., não podemos dissimular a nossa surpreza por encontrar em um livro escripto em 1895 o velho Deus das batalhas, tomando partido por um dos combatentes, em uma luta entre povos christãos e assegurando de antemão a victoria ao seu eleito!

Será o caso de consignar aqui alguns defeitos de estylo, e um certo numero de frases de gosto duvidoso que por vezes insinuam-se no livro, ferindo nota dissonante na linguagem sempre nobre, alevantada e em geral correcta do A? Ha occasiões em que os periodos alongam-se de mais, e em muitos trechos a pujança com que se succedem as circumstancias, creando outras tantas orações incidentes em frases nas quaes predomina a ordem invertida, torna quasi inintelligivel o pensamento do A. Passariam despercebidos estes pequenos senões si não se tratasse de um experimentado jornalista de ha muito affeito ao difficil mister de manejar a penna.

Nos dois primeiros capitulos da primeira parte passa o A. uma rapida revista nos principaes factos da nossa politica platina anterior a guerra, e sem dizer coisas novas, o que aliás não seria possivel, attenta a natureza dos factos, que são por demais conhecidos, põe o leitor em estado de comprehender as causas que determinaram a declaração da guerra.

Em seguida mostra-nos o A. o desarmamento do Brazil ao começo da guerra, e a nossa inferioridade em relação ao Paraguay, não occultando a confissão preciosa vindo de quem vem, de que posteriormente ao incidente Christie recaíramos na antiga inercia e voltaramos *ao habitual descuido* no tocante ao exercito e á armada (p. 36) e passa uma rapida revista na serie de medidas adoptadas pelo governo imperial para pôr-se em pé de guerra. O esforço herculeo desenvolvido pelo Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, as providencias tomadas para o preenchimento do quadro dos officiaes, as reformas introduzidas nos corpos annexos, na contabilidade e nos diversos serviços, o engajamento e expedição dos imperiaes marinheiros e dos fuzileiros navaes, o arsenal do Cerrito e a organização do serviço de transportes e communicações entre o Rio e o theatro da guerra, o ensino nos estabelecimentos de instrucção naval e technica, a distribuição de recompensas pecuniarias e honorificas, e os recursos financeiros empregados pelo governo para fazer face ás despezas, são rapida e successivamente historiados.

Si censuramos o A. por fazer do seu livro uma arma de guerra contra a Republica pelas comparações deprimentes que a cada passo nelle se encontram, não podemos sinão elogia-o pelo desvanecimento com que nos mostra os esforços e sacrificios que o governo imperial não poupou para vencer a campanha. A monarchia, teve erros assim como os tem a republica, uns filhos do systema e outros dos homens e si quizessemos retaliar poderiamos mostrar não poucas sombras no bello quadro que da sabedoria administrativa do regimen decaido nos traçou o A. Tenhamos porém o patriotismo de confessal-o, é innegavel a boa vontade, a dedicação com que o governo, seus auxiliares, e os bravos do exercito e da armada trabalharam em prol da dignidade nacional. Renegar nossas mais caras tradicções, desconhecer os serviços prestados por tantos patriotas é estabelecer como principio a falta de brio nacional e a ingratidão. E uma vez que um desses servidores da patria é quem escreve a historia daquella época difficil, como póde elle deixar de falar de si, quando os annaes do parlamento, os actos do governo, a correspondencia official estão cheios do seu nome tantas vezes illustre ?

Entretanto o A. não se deixa cegar pelo egotismo a que difficilmente escaparia um espirito de outra tempera, e fazendo justamente realçar os serviços que prestou, não se esquece de render a devida homenagem a todos os seus auxiliares. E' assim que encontramos palavras de justo elogio não só aos chefes que teve ao lado na sua gloriosa faina, mas aos mais infimos e obscuros servidores da patria.

A segunda parte do livro é de todas a mais interessante, porque obedecendo ao unico escopo de relembrar as paginas fulgentes da nossa

gloriosa epopeia, evoca-nos ao espirito em rapidos e bem traçados quadros os diversos episodios daquella época grandiosa. Essencialmente suggestivo, o livro nos faz passar pelos olhos Riachuelo, Itapirú, Passo da Patria, Tuyuty, Curupaity, Humaytá, e tantos outros feitos memoraveis em que tanto se ennobreceram os nossos bravos. E' preciso não ser brazileiro ou professar o mais absoluto desdem para as coisas patrias para não sentir um altivo enthusiasmo ao ver relembrar os gloriosos feitos da nossa guerra. Quando outro não fosse o valor do livro já o illustre A. muito teria merecido da patria por ter feito vibrar tão opportunamente a fibra do patriotismo, entorpecida demais nos tempos que correm, confessemos.

Merece especial menção pelo bem acabado do estylo, o interesse sustentado da narração, e o colorido das imagens, a magnifica descripção da batalha de Riachuelo a que não falta nem a magestade das linhas do conjunto, nem a caprichosa descripção das minudencias, nem o tom verdadeiramente epico. Os varios episodios da jornada são relembrados desde as mortes stoi[illegible] G[illegible]halg e Marcilio Dias até a heroica scena da abordagem do P[illegible]yb[illegible]. O scenario do memoravel combate é magistralmente descripto e o leitor póde com effeito rever pela imaginação debaixo «de um céu que irradiava cores esplendidas e que com as aguas do rio fazia lusir nos estreitos canaes palhetas de ouro e prata, que iam quebrar-se em franjas de alva espuma» o bombardeio terrivel das esquadras, a confusão medonha do combate, dominando o qual via-se o vulto imponente do almirante Barroso, de pé sobre a caixa das rodas do «Amazonas» exposto aos projectis e ondeando-lhe ao vento a comprida e alva barba». Este capitulo não é porém inedito, como declara o A. (nota 1,p. 165) foi escripto por volta dos annos de 1876-1877 para fazer parte de uma collecção que começou a ser publicada sob o titulo de *Quadros Historicos da Guerra do Paraguay*. Affirma o A. que *a differença das datas explica a differença de estylo* como que pedindo indulgencia ao leitor pela *escapada* literaria que toleravel ha vinte annos no simples deputado e jornalista, destoaria hoje da gravidade exigivel no ex-senador do imperio, no ex-presidente do conselho. Ao envez do A. não vemos porque elle deve corar deste fruto da mocidade, e lastimamos que a ciumenta e ingrata politica, tenha roubado mais este eximio cultor das letras, para recompensal-o mais tarde com tão amargos dissabores. Resta porém a consolação de que privado de continuar nas letras a elevar seu nome, o A. soube na vida activa da politica honrar o Brazil e prestar-lhe com o maior patriotismo os mais relevantes serviços.

Na terceira parte são relatados os interessantes incidentes diplomaticos que se deram por occasião da guerra, e mostra-nos o A.

como a nossa diplomacia soube sair-se delle com galhardia e hombridade, resistindo victoriosamente á indebitas pretenções de intervenção e quebra de neutralidade. Taes paginas devem ser muito meditadas pelos nossos diplomatas principalmente por aquelles que fazem consistir a diplomacia no esquecimento das boas maneiras e das tradições da carreira. O capitulo final é meramente de polemica e o A. demora-se em justificar o tratado da Triplice Alliança, e a guerra, procurando responder a objecções que contra ambos foram levantadas na actualidade e contemporaneamente aos acontecimentos. Não cabe nos limites desta noticia acompanhar a discussão, comprindo-nos apenas consignar que o A. conclue fazendo votos para que «o Brazil readquira a liberdade que perdeu, depois de ter directamente concorrido para que a alcançassem o Estado Oriental, a Confederação Argentina e o Paraguay» (p. 467).

A *Marinha de Outr'ora* deve ser acolhida com a sympathia que merece o seu illustre A. e esta sympathia deve ser tanto maior quanto o livro promette ser o prodromo de novas producções com os quaes o paiz só terá a lucrar. Si com effeito o Sr. Visconde de Ouro Preto, a proposito de colher subsidios para a historia começar a narrar a maior parte dos grandes acontecimentos do segundo reinado em que representou tão saliente papel, embora o faça talvez com a segunda intenção de tirar argumentos para prova da excellencia das instituições decaidas, é pouco provavel que com isto adiante um passo para a restauração da monarchia, mas terá sem duvida enriquecido a literatura nacional com excellentes trabalhos e feito aproveitar ao paiz dos frutos da sua longa experiencia de provecto estadista. Por sem duvida terá feito obra muito mais meritoria e duradoura do que os banquetes em que seus correligionarios de S. Paulo tratam de restaurar ..... o estomago.

Bibliographicamente pesa-nos dizer que o livro era merecedor de uma melhor edição. O aspecto do volume é rebarbativo, a impressão mal feita, a revisão descuidada, e a falta de um indice é altamente sensivel.—Souza Bandeira.

56.—**A Alma alheia**, contos por Pedro Rabello. Rio de Janeiro, Casa Mont'Alverne, Ouvidor 82. 1895, in-16. XV—202 pags.

O titulo com o qual enfeixou o Sr. P. R. os oito contos que formam o seu livro só por si revela no A. a pretenção de ser o que, com fundamento ou não, se chama hoje um psychologo. Parece que o seu fim não é só divertir-nos contando-nos casos mais ou menos interessantes. Quer tambem instruir-nos sobre «estados d'alma». Não sei si o Sr. P. R. tem tudo o que é preciso ou que se suppõe preciso, para realizar

esse empenho; apraz crer que sim e que o autor da *Barricada* e de *Obra completa* possue as faculdades de que se fazem os Stendhal ou os Bourget. Por ora, o que se póde dizer com verdade é que a sua psychologia é elementar, e não sei si diga de segunda mão. Não é só a sua maneira, o seu estylo, que lhe não pertence de raiz, o seu pensamento, a sua concepção da vida — e não ha escriptor sem isto — não são ainda tambem propriamente seus. Não se pense que eu esteja a exigir de cada escriptor uma originalidade especial, não me julguem capaz de similhante tolice. Sei, como toda gente, que o mundo vive com meia duzia de idéas, e que só o modo especial de tel-as, de concebel-as, de combinal-as e de exprimil-as varía, e ainda assim bem pouco. que se poderia chamar a originalidade de um escriptor é antes a forma especial porque elle concebe a vida e dá a sua impressão della, o que admitte infinitas variedades.

Casar, irmanar, unir a idéa á sua expressão é, no cabo, o que forma, em qualquer genero de letras, o escriptor, o que constitue o estylo. O Sr. P. R. ainda não possue um estylo, por isso que como elle proprio reconhece e confessa no prefacio do seu livro, ha neste uma « disparidade de estylos », uma « dessemelhança de processos ». No sentido em que tomei estylo e que creio ser verdadeiro, não é licito confundil-o, com « processo », ou « maneira ». O estylo é o que de mais intimo e individual ha no escriptor, o que lhe fórma por assim dizer a essencia, o que o caracteriza e distingue; a « maneira », ou o « processo », são apenas os aspectos exteriores do estylo, a technica, digamos assim, do artifice, que embora infinitamente variavel é o que, pela sua propria materialidade, ha mais facil de ser imitado e o que justamente mais se imita. E' ainda frisante exemplo disto o livro do Sr. P. R. As duas influencias, a que inconscientemente ou não, obedeceu o espirito do A. não lograram fundir-se, fazendo-lhe um pensamento distincto. D'ahi dois estylos, ou antes duas maneiras nestes seus contos. Uma em que é patente a influencia do naturalismo zolista e, mais perto de nós, da maneira do Sr. Coelho Netto, outra em que, o seu naturalismo é temperado pela imitação estreita dos processos do Sr. Machado de Assis. Esta imitação, que as vezes chega a ser quasi uma *décalque* ou uma parodia, é por ora a feição proeminente do Sr. P. R. Vejamos dois exemplos de cada uma das maneiras seguidas. Maneira Coelho Netto: « Sol a pino; esbrazeado, rútilo sol de Janeiro... Tangendo a tropa, de volta do mercado longinquo — o Rufino estacou, de subito, ao subito chamado da tia Rita. E á porta da casinha branca, d'entre os galhos asperos dos espinheiros, a figura encarquilhada da velha chamava-o de novo... » Maneira Machado de Assis: « A mão delle mergulhou na almofada; foi

lá ao fundo, voltou contraida e tremula, menos tremula do que contraida. ão affirmo o que trouxe porque já se não conhecia bem. Eram papeis, num masso; oleosos, encorpados e humidos. A alguns mal se lhes distinguia um rosto de homem. Talvez nem fosse de homem. Numeros sei que tinham, diversos; pequenos e grandes. Letras tambem, palavras até, em arabescos, em circulo, mais escuras, num canto, mais claras noutro ».

Estes exemplos poderiam ser facilmente multiplicados, principalmente os da ultima especie, porque a influencia mais forte é a do Sr. Machado de Assis. E' dever dos que acompanham com sympathia o novel escriptor da *Alma alheia* premunil-o contra esta direcção do seu espirito, e o proprio escriptor imitado, com a sua rara delicadeza de tom, já o fez. No Sr. Machado de Assis como em todos os escriptores dignos deste nome—e só o são os que têm alguma coisa que dizer—o estylo é formado da combinação, da liga intima e cabal do pensamento com a forma, de modo que um acaba por determinar a outra. Certas repetições, certas indecisões, certas hesitações de affirmativa, as meias tintas, as nuanças, a ironia, da frase do Sr. Machado de Assis são a representação exacta do seu pensamento, nascem de fundamento do seu modo de vêr as coisas ou de sentir as sensações. Facil é imital-as, mas como a imitação ficará sempre limitada ás exterioridades do estylo, correrá o risco de ser apenas umá parodia, porque o pensamento, o motivo interior de onde nasceu aquelle estylo esse pertence ao escriptor e não póde em outro, por mais que este se procure identificar com aquelle, traduzir-se do mesmo modo. Leiam-se as pags. 37, 52, 73, os trechos que começam « Volto afinal », « Olhos que me lêdes, detende-vos » « Trinta annos ha que isto foi », leiam-se integralmente os contos em que estão estas frases e ter-se-á incontestavel a corroboração daquelle asserto: a imitação é toda externa, não é a maneira que resulta do pensamento, mas, ao contrario, a idéa que procura a custo sair da maneira. Fôra, porém, desconhecer um facto assentado já pela psychophysiologia, que as palavras tambem provocam e estimulam idéas. No caso literario que estudamos o conto *Mana Minduca* é exemplo disso, mas o fundo, como a forma que o produziu, não são nem um nem outro originaes. Em ambos é sensivel a mesma influencia.

Não é isso motivo para que condemnemos o Sr. P. R. e o seu livro. Todos os que escrevem mais ou menos derivam de alguem. O que é preciso é que se não inutilizem nessa especie de vassalagem literaria. A copia, em literatura como em pintura, póde ser um processo excellente para surprehendermos os segredos da forma ou do estylo, para penetrarmos no intimo de um pensamento ou de uma concepção esthetica—com a condição, porém, de não nos demorarmos nella e de não

deixarmos suffocar por ella a nossa individualidade. O ultimo conto do livro do Sr. P. R. *Obra completa*, do qual aliás não gosto, já no!-o mostra mais independente e distincto, mais senhor de um estylo que começa a ser seu. Entretanto ainda nelle apparecem as brutalidades escusadas, as faceis ousadias do naturalismo — quando este já vai em plena decadencia, sinão completo desapparecimento. Aos que chegam entre nós para este trabalho de letras, principalmente aos que chegam com talento e boa fé como o Sr. P. R , peço licença para dizer, que a tendencia da literatura actual é voltar, renovando-a, á tradição da grande arte: alliar a simplicidade dos meios á preoccupação sincera e cordial das coisas humanas. — J. V.

LIVROS E FOLHETOS

Ideias e Phantasias por Viveiros de Castro, Rio de Janeiro, Cunha & Irmão, editores, 1895, 258 pags. — Alem de um prefacio sobre a nossa situação literaria, compõe-se este livro de dez artigos, sobre o theatro nacional, a mulher brasileira, novos e velhos, C. C. Branco, a sonata de Kreutzer, Jorge Ohnet, a poesia e o seu futuro, a moral publica e a moral privada, Boulanger, Zola e Bourget.

Quarto e Quinto livro de leitura para uso das escolas brazileiras pelo Dr. Abilio Cesar Borges com a collaboração do Dr. Joaquim Abilio Borges. — Bruxellas, Typ. E. Guyot, 1894, 303 pags. cada um.

Obras Completas de Casimiro de Abreu, novissima edição, precedida de uma noticia sobre o autor por M. Said Ali, Laemmert & C. editores, Rio de Janeiro e S. Paulo, 1895, 238 pags. O facto de se reproduzirem as edições do sentimental e sincero poeta, é prova eloquentissima que o povo ainda estima-lhe os cantares brandos, meigos, melancolicos, sem rima rica, ou rara, nem impeccavel correcção metrica, sem preciosidade de estylo e de lingua, mas derivados da mesma fonte da sua propria poesia popular. Esta edição, feita na Allemanha, é nitida e maneira.

Noções abreviadas de geographia e historia do estado do Espirito Santo por Amancio Pereira, Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brazil, 1895, 69 pags.

Phonologia portugueza pelo professor Fernando Martins Baunilha Junior, S. Paulo, 1895, 80 pags. — A maior originalidade deste folheto é que é precedido dos traços biographicos do Dr. Antonio da Silva Jardim.

A MARSELHEZA DA PAZ pelo professor Luiz dos Reis. E' justamente o que as gerações de amanhan precisam aprender, a amar a paz. Que estes bellos versos lh'o ensinem.

CHROMOS, poesias de X. de Castro, Ceará, Padaria espiritual editora, 1895, 79 pags. Este soneto dá a nota simples e meiga, mas sem elevação nem distincção do poeta por amor de cuja memoria os seus amigos da Padaria espiritual deram a lume este livrinho, em que lhe recolheram a producção, aliás secundaria, esparsas por folhas diarias; chama-se *A avósinha*:

Das velhas filhas e netos
Vão todas de manhanzinha
Se chegando á camarinha,
Alvos, limpinhos, correctos.

Cada qual com mais affectos,
Abraça e beija a avósinha,
Magra, corcunda, velhinha
De noventa annos completos

Um delles—o mais vadio—
Quebra o fuzo, espalha o flo,
Destampa a caixa, abre o sacco

A velha vê, diz baixinho:
—Ai! sai p'ra fóra, diabinho
Lá derramou meu tabaco!

São quadros destes o melhor da recolta.

LECTURES CHOISIES DE CHATEAUBRIAND, avec une notice biographique et littéraire et annotées par René Vallet, Paris, Garnier Frères, 1895, 692 pags. Esta recolta de trechos do grande escriptor francez, feita para uso do ensino classico e moderno em França, é de muito superior as conhecidas *Beautés de Chateaubriand* de Marcou. Além de abranger toda a obra do celebre autor do *Genio do Christianismo*, é enriquecida de notas illustrativas do texto e nitidamente impressa.

D. PEDRO I E A INDEPENDENCIA por André P. L. Werneck, Rio de Janeiro, 1895, 16 pags. Este folheto que traz a epigraphe «Pela verdade

historica» foi escripto a proposito da demolição da estatua de D. Pedro I, da Praça Tiradentes desta capital.

TERCEIRO SUPPLEMENTO DO CATALOGO SYSTEMATICO DA BIBLIOTHECA DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO organizado pelo Dr. Carlos Costa, Rio, 1895, 20 pags.

O RELATORIO DA COMMISSÃO EXPLORADORA DO PLANALTO CENTRAL DO BRAZIL, Rio 1895, 72 pags. E' a reunião dos artigos publicadas na imprensa diaria sobre aquelle relatorio, do qual esta *Revista* se occupará dentro em breve.

DISCURSO OFFICIAL proferido na sessão commemorativa do 50° anniversario do Instituto dos Advogados brazileiros pelo Dr. João da Costa Lima Drummond, Rio, 1895, 21 pags. Este discurso preconisa com talento e saber a unidade do direito para manter a unidade politica do Brazil.

EM PROL DA LAVOURA pelo engenheiro M. S. Garcia Redondo, S. Paulo, 1895, 45 pags. Collecção de artigos publicados no *Paiz* e reproduzidos no *Correio Paulistano*.

POEMAS DO MAR DO NORTE de H. Heine por Marcos de Castro, 2ª edição, Cadiz, 1895, 56 pags. Bellissima edição de traducções que si umas não são do nosso gosto, outras parecem conservar os encantos do original.

A MODERNA QUESTÃO DO HYPNOTYSMO por Manuel Anaquin, Coimbra. França Amado, editor, 1895, 156 pags. Escripto num ponto de vista rigorosamente catholico, este livro, intenta «estudar a questão hypnotica no campo das prophecias, e examinar si os dados da sciencia hypnotica, actualmente averiguados podem fornecer a chave para a solução do problema prophetico.» Está visto que a solução é negativa.

DIARIO DE UM SOLTEIRÃO por Viveiros de Castro, Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães, editor, 1895, 212 pags.

LIVRO MÁU, 1888-1894, por Figueiredo Pimentel, Rio de Janeiro, Carlos Moraes & C. editores, 1895, 126 pags.

PHILOSOPHIA D'ALGIBEIRA (para philosophos de bonde) por Marcos Valente, Rio de Janeiro, Laemmert & C., editores, in-32, X-98.

O CORAÇÃO (esboço de um poemeto) de Rodrigues de Carvalho, Fortaleza, Centro Literario, editor, 1894, 44 pags. Estes versos, declara o A., foram escriptos ao correr da penna, o que talvez explique a pobreza e banalidade do pensamento e os defeitos da forma em um poeta em que se sente aliás algum merecimento. Não nos leve elle a mal dizer-lhe que não comprehendemos que se possam fazer versos «ao correr da penna.»

Todo trabalho artistico é um trabalho arduo, difficil e demorado. O tempo dos improvisadores acabou.

La Philosophie Positive d'Auguste Comte condensée par Miss Harriet Martineau, trad. de l'anglais par Ch. Avezac Lavigne, deuxième édition, Tome second, Rio de Janeiro, F. Briguiet & C., 1895, in-8. 648 pags. —Já noticiámos esta obra, quando nos foi remettido o primeiro tomo. Neste segundo tomo acha-se a admiravel e ao mesmo tempo eloquente condensação que de toda a parte sociologica da obra fundamental de Auguste Comte fez a eminente pensadora ingleza.

Monarchia e Monarchistas pelo conselheiro Tito Franco de Almeida, Pará, Typ. de Tavares Cardoso & Comp., 1895 in-8º gr. 464 pags.

Não é propriamente um livro, como o faria suppor o titulo, em que se exponha ou discuta com unidade a questão da monarchia no Brazil. Isso mesmo declara no seu prefacio « Aos brazileiros » o A. dos homens do antigo regimen um dos poucos que se lhe conservaram nobremente fieis. E' composto de artigos, notas e documentos diversos, « protestos, defesas, rectificações », ligados pela ordem chronologica e pela « mesma orientação politica ». De par com algumas coisas verdadeiramente sem importancia, ha entre os escriptos reunidos neste grosso volume especies uteis para a historia politica deste periodo de transição, principalmente, para a do estado do Pará.

BUSCHMANN, GUIMARÃES & IRMÃO

50—RUA DOS OURIVES—52

Rio de Janeiro

Pianos dos autores Pleyel, Gaveau, Bord, Frederico Buschmann e outros

UNICOS REPRESENTANTES DOS VERDADEIROS PIANOS

JULIUS BLÜTHNER

Sortimento Completo e Variado

— DE —

Musicas Nacionaes e Estrangeiras

Artigos Concernentes a Fabricação e Reparos de Pianos

PREÇOS MODICOS

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

LIVRARIA LAEMMERT & C.

Machado de Assis — *Varias Historias*, contos. 1 nitido volume de 312 pag. in 16º, papel e typo *moyen-age*, preço ..... 4$000

Valentim Magalhães — *Bric à brac*, contos. 1 nitido volume com capa illustrada de Julião Machado, preço ..... 4$000
— *Vinte Contos*, 2ª edição corrigida, 1 vol. in 16º de 233 paginas 3$000

Marcos Valente (V. Magalhães) — *Philosophia d'algibeira* (para philosophos de bonde). 1 nitido volume in 32º, preço..... 1$500

José Verissimo — *Estudos Brazileiros*, segunda série 1889 — 93. 1 volume in 8º de 216 paginas, bem impresso..... 5$000

Rodrigo Octavio — *Sonhos funestos*, drama de assumpto colonial em 3 actos e 4 quadros. 1 volume in 8º nitidamente impresso ..... 3$000

Figueiredo Pimentel — *Um canalha*, romance original brazileiro. 1 volume in 12º com capa illustrada ..... 3$000

Fernando Osorio — *Historia do General Osorio*, contendo a biographia deste illustre general e muitos episodios interessantes sobre a guerra do Paraguay. 1 grosso volume ornado com o retrato do heróe, preço 10$000

D. J. G. de Magalhães (Visconde de Araguaya) — *Commentarios e pensamentos*. 1 volume in 12º ..... 2$000

Max Nordau — *As mentiras convencionaes da nossa civilisação*, traducção de M. C. da Rocha. 3ª edição corrigida, 1 volume brochado 4$000
Encadernado ..... 5$000

Olympio de Araujo — *Aquarellas*, linda collecção de contos. 1 volume in 12º ..... 3$000

Cesar de Carvalho — *Azulejos*, pequena série de escriptos litterarios em prosa e verso. 1 volume ..... 3$000

Bento Ernesto Junior — *Frondes*, collecção de poesias. 1 vol. 2$000

Casimiro de Abreu — Obras completas. Novissima edição, precedida de uma noticia sobre o autor por M. Said Ali, 1 vol. brochado 2$500
Encadernado..... 3$000

Jorge Palmer (Visconde de Taunay) — *Como me tornei Kneippista*, breve exposição dos processos e applicação do novo methodo therapeutico e hygiene do padre Sebastião Kneipp. Cura de Woerishofen (Baviera). 1 volume com estampas explicativas ..... 4$000

Fausto A. Cardoso — *Concepção monistica do universo*, introducção ao cosmos do direito e da moral. 1 volume in 8º brochado 8$000
Encadernado..... 10$000

NO PRÉLO:

Salustiano Orlando — *Codigo Commercial do Brazil*, 5ª edição melhorada e posta em dia.

LAEMMERT & C., EDITORES

Rio de Janeiro	S. Paulo
66, RUA DO OUVIDOR	25, RUA DO COMMERCIO

TAPEÇARIAS

Sortimento completo de todo artigo para ornamentação de salas, cortinas, cortinados, reposteiros, esteiras, tapetes e oleados para forrar salas, capachos, pellegos para portas, etc., etc.

Mobilias fantasias do mais apurado gosto.

MONTEIRO & C.

Rua da Quitanda

25 E 27

OFFICIAES HABILITADOS

A

executar os mais difficeis trabalhos

PREÇOS FORA DE CONCURRENCIA

Armadores e estufadores

25 E 27 RUA DA QUITANDA 25 E 27

Telephone n. 1127

"JOHANNIS"

A melhor AGUA MINERAL para mesa

Vª WENCESLAU GUIMARÃES & C.

83 Rua da Alfandega 83

RIO DE JANEIRO

C. S. BONTECOU & C.º

REPRESENTANTES

PARA A

Smith Premier Typewriter Co.

2, RUA 1º DE MARÇO, 2

Caixa do Correio

n. 1055

EIS ALGUMAS DAS MUITAS RAZÕES PORQUE A MACHINA PARA ESCREVER

SMITH PREMIER

OCCUPA HOJE O PRIMEIRO LUGAR NO MUNDO ENTRE TODAS AS SUAS COMPETIDORAS

E' mais solida e inteiriça na sua construcção, e a parte superior não tem movimento lateral como nas machinas de caixa dupla, nem é preciso levantal-a para examinar o que está escripto, bastando para isso puxar o rolo para a frente. O porta-papel é firme e estavel, não faz ruido nem afrouxa em nenhuma das suas partes e póde ser ajustado facilmente. E' relativamente silenciosa, e, por essa razão muito propria para copiar telegrammas do apparelho. Havendo apenas uma escala o trabalho tubular póde ser executado e os erros corrigidos mais facilmente do que com outras machinas. O movimento da fita de imprimir é feito em toda ella automaticamente. Os typos podem limpar-se em alguns segundos sem sujar as mãos. Tem um perfeito alinhamento. O papel póde ser collocado, ajustado e tirado com toda a rapidez e é impossivel que se escrevam lettras umas por cima das outras no fim da linha, visto como os caixilhos dos typos se fecham logo que a linha está preenchida.

Não se deixem enganar pelos annuncios dos fabricantes das machinas antigas, porque garantimos a exactidão do que affirmamos, não havendo nenhuma outra machina que possa mostrar taes vantagens

TEMOS SEMPRE EM DEPOSITO

Machinas, bem como fitas e papel carbonico

SERVINDO TANTO PARA AS NOSSAS COMO PARA TODAS AS OUTRAS MACHINAS

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,

UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

MAGNESIA FLUIDA DE G

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE H

Está plenamente justificada e reconhec
acção da MAGNESIA sobre as mol
intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão
da materia medica, ha longo tempo introd
tagem na medicina, que animou o pharm
nado, preparar, submetter a analyse chim
ção das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRA

em seus effeitos e applicações, analogas a
aconselhada pela sua therapeutica leven
aperitiva, e estomachica, para dissipar a
ção, nausea, vomitos, perturbação gastrica, c
pepsia, espasmo, nevrose estomacal, irrit
testinos, etc., etc.

USO

Adultos.—Aos calices ou ás colhere
indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como aci

AGUA INGLEZA DE GR

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYG

E' um poderoso agente therapeutico, *ton*
aperitivo, indicado com muito proveito no
anemia, leucemia, chlorose; nas infecções malaric
peral, purulenta e em todos os estados *morb*
e dystrophicos.

Este importante producto pharmaceutico
os mais honrosos certificados de respeitabilissi
clinicos, como se evidencia do prospecto qu
frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRAN

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12—RIO D

Collegio Paula Freitas

Direcção e Propriedade de

ALFREDO DE PAULA FREITAS

Bacharel em sciencias physicas e mathematicas, engenheiro geographo e civil pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, professor effectivo da mesma Escola, ex-inspector escolar na Capital Federal, fundador e ex-director do Licêo do Engenho Velho, professor do Licêo de Artes e Officios, socio effectivo do Instituto Polytechnico Brazileiro, e do Club de Engenharia, etc., etc.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

CURSO INFANTIL

Instrucção Primaria e Secundaria

Curso annexo á
Escola Polytechnica e desenho geometrico.
Curso completo de Agrimensura.
Curso especial
de sciencias e artes.

136, RUA HADDOCK-LOBO, 136

José Verissimo

SCENAS DA VIDA AMAZONICA

com um estudo das *Raças indigenas e mestiças da Amazonia*, contos e historietas, 1 grosso volume..... 3$000

A EDUCAÇÃO NACIONAL

estudo sobre a reconstituição do Brazil, sob a forma republicana: *A educação nacional — As caracteristicas brazileiras — A educação do caracter — A educação physica — A historia patria e a educação nacional — A geographia patria e a educação nacional — Brazil e Estados-Unidos*, 1 volume.. 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

PRIMEIRA SERIE: *A literatura brazileira — O lyrismo brazileiro — Os idolos amazonicos — A religião dos tupys guaranis — O nacionalismo na literatura — Castro Alves — A poesia popular brazileira*, etc., 1 volume..... 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

SEGUNDA SERIE: *O romance naturalista do Brazil — A nossa vida literaria — D. Pedro II — José de Alencar — O theatro nacional — Historia do Pará — Machado de Assis*, etc., 1 volume 5$000

LAEMMERT & C.

Rio de Janeiro — S. Paulo

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante*, therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades, da *bronchite* antiga ou recente, *rouquidão, inflammação do larynge, dôr e oppressão do peito, tosse, catarrho pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são aggravados pelos resfriamentos, mudança brusca do tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, commette excessos; n'estes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal**, como *poderosissimo calmante e expectorante* das mucosidades que se accumulam nos bronchios. Vide prospecto para seu uso.

Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação d'este valioso tonico e reconstituinte, é empregado o *purissimo vinho*, importado directamente de acreditados centros productores.

As conhecidas propriedades *medicamentosas das substancias* que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado**, o tornam preferivel e indicado em todos os casos de *debilidade, anemia, chlorose, lymphatismo, escrophulas, rachitismo* e principalmente nas enfermidades do peito e *na tuberculose pulmonar incipiente*.

O frasco é seguido do directorio para seu uso.

COLLEGIO ALIPIO

111, Haddock-Lobo, 111

TELEPHONE: 10,230

EXTERNATO E INTERNATO

Instrucção Primaria, Secundaria
e Curso Annexo.
Combinação harmonica dos methodos
mais aperfeiçoados

EDUCAÇÃO CIVICA

Director:

ALIPIO TELLES DE CARVALHO

DEPURATIVO VEGETAL DO SANGUE

— COM —

Approvação da Junta Central de Hygiene

CARVALHO FERREIRA & C.

93, RUA DA ASSEMBLÉA, 93

Esta preciosa preparação, composta de salsa, caroba e sucupira branca, é hoje o agente therapeutico preferido para a cura das impurezas do sangue. Confeccionada exclusivamente de vegetaes, offerece a grande vantagem de poder ser usada sem receio dos accidentes quasi sempre determinados pelos preparados destinados ao mesmo fim e principalmente por aquelles em cuja composição entram o iodureto de potassio e, sobretudo, o mercurio.

Clinicos reputadissimos a têm empregado com successo provado em todas as manifestações, quer geraes, quer locaes, da syphilis hereditaria e adquirida. Os rheumatismos muscular, syphilitico e gotoso, as blenorrhagias, os cancros, os bubões, as ulceras, os rhagadias ou gretas, os darthros e eczemas, as dôres osteocopas e nocturnas, as exostoses, os tumores gommosos, as caries, as vegetações, as excrescencias, as nodoas, a calvicie, os zunidos de ouvidos, syphiliticos, todas as molestias, emfim, syphiliticas ou pela syphilis entretidas, não resistem á acção curativa do nosso Depurativo Vegetal do Sangue.

Usa-se na dôse diaria de tres colheres de sôpa em meio copo de agua para cada mulher.

Vende-se a 3$ o frasco e a 30$ a duzia de frascos

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico:—« TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO—ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

Novidades Litterarias

Á VENDA NA

LIVRARIA LUSO-BRAZILEIRA

Rua da Quitanda 24

J. Guerra, Humorismos, 1 vol. br. . . . . 4$000

Viveiros de Castro, Idéas e Phantasias, 1 vol. br. . . . . 3$000

Sylvio Roméro, Philosophia do Direito, 1 vol. br. . . . . 5$000

Collecção das grandes obras illustradas — *Thomaz Ribeiro e a sua Obra,* 1 vol. ricamente encadernado. . . . . 25$000

Carlos de Laet, Em Minas, 1 vol. br. . . . . 4$000

REVISTA BRAZILEIRA

66 - Rua do Ouvidor - 66

A gerencia encarrega-se de remetter pelo correio os livros annunciados na *Revista*, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 °/₀ para as encommendas até 10$000, de 20 °/₀ para as de 10 a 20$000 e de 10 °/₀ para as de 20$000 para cima.

As assignaturas pagam-se na casa editora, rua do Ouvidor 66, na Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93, e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da Revista Brazileira

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C.; Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

AOS SRS. ASSIGNANTES

A administração da REVISTA BRAZILEIRA declara aos Srs. assignantes que sendo o serviço da distribuição da REVISTA feito com toda a regularidade e escrupuloso cuidado, as faltas que se derem, ao Correio somente devem ser imputadas.

Para poder remedial-as, pede-lhes sirvam-se communical-as, por escripto, ao gerente desta publicação, a quem tambem deverão participar com antecedencia qualquer mudança de endereço, não se responsabilisando a administração da REVISTA pela entrega, nem attendendo a reclamações quando não houver sido previamente avisada. Igualmente não será attendida nenhuma reclamação quando não fôr feita nos oito dias da entrega devida do fasciculo reclamado.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de satisfazerem as suas assignaturas, afim de não sermos obrigados a interromper a remessa da REVISTA.

Companhia Typographica do Brazil, Rua dos Invalidos 93

I ANNO — TOMO IV 23.° FASCICULO I DE DEZEMBRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

		PAG.
I.	**O Credito**, comedia por **JOSÉ DE ALENCAR**	257
II.	**As Memorias de Barras**, por **M. DE OLIVEIRA LIMA**	281
III.	**O Positivismo no Brazil**, por **JOSÉ VERISSIMO**	297
IV.	**Os Incubos em Psychiatria**, pelo **DR. MARCIO NERY**, do Hospicio Nacional de alienados	310
V.	**Noticias de sciencias, lettras e artes**	316
VI.	**Bibliographia**	319

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

REVISTA BRAZILEIRA

Opinião da Imprensa

« A *Revista Brazileira* vem satisfazer um elevado *desideratum* dando um orgão de valor á actividade espiritual da nossa civilisação...

... Recrutando seus collaboradores no escol da aristocracia intellectual da sociedade brazileira, aberta francamente a todas as contribuições de valor que venhão illuminar os debates dos grandes problemas sociaes, politicos, artisticos, philosophicos ou scientificos, com uma direcção intelligente e gerencia activa, a *Revista* está destinada a crear em pouco tempo uma vasta autoridade moral entre nós.»

(*Jornal do Commercio*).

« Fiel á sua promessa appareceu-nos no dia 1° de Janeiro... o primeiro numero da *Revista*... Folgamos de vêr que o fasciculo da estréa corresponde ao que se esperava, dando-nos materia variada, de pennas habeis e estimadas... Seria injusto esquecer nesta occasião o esmero artistico dado pela benemerita casa Laemmert ao trabalho de impressão que é excellente.»

« Com louvavel pontualidade sahio a publico o segundo numero da *Revista*... e com elle apenas se avigora a confiança que sempre depositamos no generoso tentamen litterario.»

(*Gazeta de Noticias*).

« Devido aos fartos e valiosos recursos intellectuaes com que se apresenta ao publico, a *Revista Brazileira* conseguio fazer-se o mais brilhante successo litterario do corrente anno, tornando-se digna de franco e decidido apoio por parte dos que se interessão pelo desenvolvimento do nosso progresso intellectual.»

(*Minas Geraes*, de Ouro Preto)

«... Voltemo-nos para o acontecimento litterario da semana que foi a *Revista Brazileira*.

E' a terceira que com este titulo se inicia. O primeiro numero agradou a toda a gente que ama este genero de publicações; e a aptidão especial do Sr. J. Verissimo director da *Revista*, é boa garantia dos que se lhe seguirem.»

(Chronica « A Semana », da *Gazeta de Noticias*).

« A litteratura nacional teve magnificas festas do Anno Bom com o apparecimento da *Revista Brazileira* que vem—é o caso de empregar a velha chapa—preencher uma lacuna, continuando uma tradição brilhante.»

(Chronica da *Palestra*, de Arthur Azevedo, n'*O Paiz*).

A Revista Brazileira é editada pela casa LAEMMERT & C. rua do Ouvidor 66 e dirigida pelo Sr. JOSE' VERISSIMO.

ASSIGNA-SE NAQUELLA CASA

e nas principaes Livrarias dos Estados

FILTROS PASTEUR FILTROS

Vendem-se no deposito dos unicos agentes

de la Societé Anonyme du FILTRE CHAMBERLAND SYSTÉME PASTEUR—PARIS

Para o Brazil

EMANUELE CRESTA & C.

Rua da Quitanda, 44

RIO DE JANEIRO

COLLEGIO ALFREDO GOMES

25, Rua Almirante Delamare, 25

(ANTIGA DAS LARANJEIRAS)

Recebe alumnos internos, externos

E

semi-internos

O Director, ALFREDO GOMES

Linha Mercurio

A Companhia Petropolis Fabril fabrica linha de ns. 16 a 60 em carreteis, para costura «glacê» ou não, superior, e em novellos para «crochet», de todas as cores, tão perfeita como a melhor vinda do estrangeiro, mais resistente e, portanto, melhor para machinas de coser e muito mais barata.

Tambem prepara, por encommenda, fio singelo e dobrado para tecido e meia, de differentes cores.

A' venda por atacado, nos agentes

Rua Primeiro de Março n. 38

[redacted]

REMEDIOS QUE CURAM SEM DIETA

NEM MODIFICAÇÕES DE COSTUMES

do Pharmaceutico EUGENIO MARQUES DE HOLLANDA

FABRICA E LABORATORIO CENTRAL

12 RUA VISCONDE DO RIO BRANCO 12—RIO DE JANEIRO

ESPECIFICOS PREPARADOS sob fórmula unica e especial do pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda.

Approvados e autorisados pelo governo nacional, Instituto Sanitario Federal e departamento de hygiene da Republica Argentina. Laureados com medalhas de ouro de 1ª classe no Brazil, Paris, Antuerpia, Rio da Prata e Berlim.

SALSA CAROBA E MANACA' cura todas as molestias de pelle, rheumatismos agudos ou chronicos, todas as affecções de origem syphilitica, ulceras, escrofulas, darthros, empigens; não ha melhor purificador do sangue.

XAROPE DE FLORES DE AROEIRA E MUTAMBA, muito recommendado na bronchite, na hemoptise, nas tosses agudas ou chronicas, no catharro pulmonar, na influenza é poderosissimo.

XAROPE DE MULUNGU' E FLORES DE LARANJEIRA.— Contra insomnias, nevrose cardiaca, hysterismo, colicas hepaticas, tosses nervosas, asthma, coqueluche e convulsões das crianças.

ELIXIR DE IMBIRIBINA.—Restabelece os dyspepticos, facilita as digestões e promove as dejecções difficeis, efficacissimo nos desarranjos do estomago.

VINHO DE ANANAZ FERRUGINOSO E QUINADO para os chloroanemicos, debella a poemia intertropical, reconstitue os hydropicos e beri-bericos, grande restaurador de forças.

PILULAS DE VELAMINA.—Combatem as prisões de ventre, são depurativas e reguladoras, sem fazer colicas, cura as enxaquecas e vertigens.

VINHO DE CACAU, PEPTONA, LACTO-PHOSPHATO DE CAL QUINADO, contra o rachitismo das crianças, desenvolvendo-as e reanimando o organismo, faz recuperar as forças perdidas por molestias prolongadas e anemia.

VINHO DE JURUBEBA SIMPLES E FERRUGINOSO.—Applicado nas hepatites, esplenites agudas ou chronicas, nas affecções do baço e figado, nos embaraços gastricos ou congestivos.

ELIXIR DE QUINA, SALSA E IODURETO DE SODIO, FORMULA DO DR. JOÃO PAULO—Applicado com grandes vantagens nas syphilides cerebraes ou cardiacas.

VINHO TONICO DE QUINA E CAPILARIA. —Applicado nas convalescenças das parturientes, é diuretico, anti-febril, e restabelece os loquios quando suspensos.

POMADA ANTI-HERPETICA.—Combate a coceira dos darthros e empigens em 3 dias.

SABONETES DE MUTAMBA, ANDIROBA, GLYCERINA E ALCATRÃO Preconizado com successo nas enfermidades herpeticas, manchas e ulceras

MOLHO MARITIMO preparado com o succo da pimenta malagueta, é um bom excitante do appetite.

POLPA GELATINOSA DE TAMARINDOS.—Para limonadas refrigerantes e purgativas.

COUROS DE PEIXE-BOI.—Cura todas as hernias.

LICORES ESPECIAES DE FRUCTOS BRAZILEIROS—Para sobremesa.

LABORATORIO DA FLORA BRAZILEIRA

12 RUA VISCONDE DO RIO BRANCO 12—RIO DE JANEIRO

E HOLLANDA unica e legitima possuidora das fórmulas registradas na directoria sanitaria dos preparados pharmaceuticos de

EUGENIO MARQUES DE HOLLANDA

Muito cuidado com as imitações e falsificações.

RIO-DE-JANEIRO

Rua de S. CHRISTOVÃO. Nº 129

DECLARAÇÃO NECESSARIA

A Marcenaria Brazileira tendo succedido as firmas commerciaes de **MOREIRA SANTOS** e **MOREIRA, CARVALHO & C.** ex-proprietarios da antiga fabrica de moveis **MOREIRA SANTOS**, que funccionou desde **1850** á **rua Senador Pompeu,** nesta Capital Federal, avisa pela presente aos seus numerosos freguezes e ao respeitavel publico que mudou a sua fabrica, desde **1891**, para o edificio proprio, á **rua de S. Christovão n. 129,** e o seu deposito central, á **rua da Constituição n. 3.**

Tendo chegado ao seu conhecimento que alguns de seus antigos freguezes do interior e desta capital ainda têm procurado nesse mesmo local a nossa fabrica, por esse motivo faz a presente declaração, afim de tornar bem patentes os logares para onde actualmente devem dirigir as suas encommendas.

Augmentadas e dispondo de material necessario para o desenvolvimento dessa manufactura, acham-se actualmente nossas officinas aptas para a confecção de toda e qualquer encommenda que pertença ao nosso ramo de industria e nesse sentido espera merecer a mesma confiança com que tem sido honrada até esta data.

Aproveita a opportunidade para declarar que tendo registrado na Junta Commercial a marca de sua fabrica a qual encima esta declaração, resolveu com a mesma carimbar todos seus moveis.

A DIRECTORIA.

FABRICA

129, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 129

Deposito central e Escriptorio — Rua da Constituição n. 3

GRANDE MANUFACTURA NACIONAL

DE

MOVEIS A VAPOR

Premiada na Exposição Industrial de 1881 e na Internacional de Buenos Ayres
e na
Exposição preparatoria para Universal de Paris e com a medalha de prata na Universal de Pariz de 1889

CASA FUNDADA EM 1860

MARTINS FILHOS & C.

RUA DO REGENTE NS. 33, 35, 40 E 42

Martins Filhos & C.

TELEPHONE 859

TINTEIROS ELVAKTA

Chama-se a attenção dos negociantes desta praça para esses tinteiros, invenção nova e já vantajosamente conhecida.

Evitam a entrada de poeira na tinta, a evaporação, o derramamento, tornando-se portanto muito economicos.

VENDE-SE EM CASA DE

HAMPSHIRE & C.

80 RUA THEOPHILO OTTONI 80

E EM TODAS AS PAPELARIAS E CASAS DE VAREJO

FABRICA NACIONAL DE TINTAS

para escrever, copiar e marcar roupa

Perfumarias, Oleos e Lacres de côres, etc.

Gomma-arabica liquida em vidros

Premiada com 12 medalhas em varias exposições nacionaes, estrangeiras e associações scientificas

CASA FUNDADA EM 1864

CARDOSO MONTEIRO & C.

A fabrica de tintas de C. MONTEIRO para escrever é a unica no seu genero estabelecida nos Estados Unidos do Brazil a competir com as mais acreditadas fabricas estrangeiras neste artigo, e a que maior numero de premios tem obtido como industria brazileira, e montada como se acha no **Becco de João Baptista ns. 18 e 20** está nas condições de servir com presteza todos os seus numerosos freguezes em todos os Estados da Republica do Brazil.

A antiguidade da nossa fabrica com perto de 30 annos de existencia, os premios obtidos para seus productos e o credito adquirido para elles são garantias de sua excellente qualidade.

As tintas azul-preta e preta nacional brazileira são adoptadas nas repartições publicas e em muitos bancos da Capital Federal.

VENDEM-SE EM TODAS AS CASAS DE COMMERCIO E LIVRARIAS

DR. F. HUMPHREYS

Todos os especificos, boticas e a *Maravilha Curativa*, do celebre Dr. Humphreys, de New York, á venda nas principaes drogarias e pharmacias, encontram-se permanentemente á *RUA DOS OURIVES N. 29* (entre Assembléa e Sete de Setembro), casa de *F. PAULO DE FREITAS*, onde os preços são modicos, se distribuem manuaes explicativos, gratis, em diversas linguas e attende-se com a maior solicitude aos Srs. consumidores.

Rio de Janeiro

O CREDITO[1]

COMEDIA EM CINCO ACTOS EM PROSA

A scena é no Rio de Janeiro e de actualidade

DISTRIBUIÇÃO

RODRIGO, engenheiro, 27 annos.
MACEDO, agiota, 45 annos.
PACHECO, capitalista, 59 annos.
HIPOLYTO, estudante, 23 annos.
OLIVEIRA, negociante, 26 annos.
BORGES, empregado publico, 38 annos.
GUIMARÃES, moço desempregado—30 annos.
JULIETA, filha de Pacheco, 18 annos.
CHRISTINA, filha de Borges, 16 annos.
D. OLYMPIA, mulher de Borges, 32 annos.
D. ANTONIA, mulher de Pacheco, 40 annos.

Um pardinho escravo de Pacheco. Um moleque escravo de Borges. Uma mulher e uma menina céga.

O primeiro acto, o segundo, o terceiro e o quinto passam-se em casa de Pacheco. O quarto em casa de Borges.

---

[1] Na obra inedita do grande escriptor nacional a comedia *O Credito* é talvez a mais consideravel e a mais acabada. Ao seu digno filho, o Sr. Mario de Alencar, deve a *Revista Brazileira* a satisfação de poder offerecer hoje aos seus leitores esta obra não conhecida do glorioso romancista e dramaturgo á qual faltou, não se deve esquecer, a ultima correcção. — N. DA R.

ACTO PRIMEIRO

Entrada de uma casa em S. Clemente. A' esquerda a fachada do edificio com porta e escada de pedra sobre o pateo. A' direita um gradil elegante e um bello portão. No fundo um muro baixo e a chacara. No centro um alegrete com um cedro.

São cinco horas da tarde de um dia de Setembro

SCENA I

JULIETA, CHRISTINA depois uma velha e uma menina cega

(Julieta está na janella quando apparecem no portão Borges e Christina, Borges comprimenta Julieta e sai).

Julieta (*na janella*)

Christina!

Christina (*correndo para a porta*)

Julieta! (*a porta abre-se, Julieta sai, as duas moças abraçam-se*).

Julieta

Adeus, ingrata!

Christina

Um mez, é verdade! Tiveste saudades minhas?

Julieta

Ainda perguntas?...

Christina

E eu, não fazes idéa! Todos os dias pedia a mamãi para voltar. Não sei que encantos acha ella em S. Domingos!

Julieta

E' um bello lugar para tomar ares!

Christina

Qual! Pois ainda acreditas nisto! Os medicos inventaram esse meio de se livrarem dos doentes que não sabem curar. Os melhores ares são os que se respira perto daquelles que amamos. Por isso eu aqui em S. Clemente, junto de ti, estou sempre alegre e satisfeita.

Julieta

Minha boa Christina... Tu me queres então muito bem, tanto como eu te quero?

Christina

Muito! Si tu fôsses homem, palavra que me casava comtigo. Que bonito maridinho havias de ser! (*beija-a na face*).

Julieta

Eu tenho um ainda mais bonito para dar-te.

Christina (*sorrindo*)

Quem? Hipolyto?... Onde está elle? Saíu?

Julieta

Sim, foi dar um passeio com o Sr. Rodrigo, não deve tardar...

Christina

Rodrigo!... Não é um moço que chegou ha pouco da Europa? Mamãi conhece-o.

Julieta

E' esse mesmo. Seu pai preferiu gastar o pouco que possuia em dar-lhe uma bella educação, e mandou-o estudar na Allemanha.

Christina

Elle é pobre então?

Julieta

Pobre de dinheiro, mas rico de intelligencia.

Christina

Ora que vale essa riqueza?

Julieta

Mais do que pensas. Não é só o dinheiro que é riqueza, Christina. A intelligencia vale mais do que o ouro.

Christina

Falas delle com um interesse!

Julieta

Interesse muito natural; é um moço digno de estima, que tem um brilhante futuro.

Christina

Ha muito tempo que se dá em tua casa?

Julieta

Ha oito dias.

Christina

E já o conheces tanto?

Julieta

E' amigo intimo de Hipolyto.

Christina

Quem sabe si ahi não anda volta de alguma paixãosinha?

Julieta

Criança! Tu bem sabes que devo amar outra pessoa.

Christina

Sei que vais casar com o Oliveira, mas ás vezes sem querer o coração muda!

Julieta

Está bom! Deixemos esta conversa; tu és muito maligna. Brincas com as coisas mais serias.

Christina

Sim! desculpa-te commigo!

(Uma mulher velha e uma menina cega, que tem saido da casa atravessam para o portão)

Julieta (*á menina*)

Adeus! Minha mãi tomou a medida?

A velha

Sim, senhora...

Julieta

Pois quando voltar achará o seu vestido prompto.

Christina

Que é isto? Déste em costureira?... (*rindo-se*).

Julieta

E' um passatempo... não tenho que fazer...

Christina

Hão de reparar!...

Julieta

Que importa! Mas com a alegria de te ver esqueci-me de perguntar por D. Olympia!

Christina

Mamãi?... Não tarda... Saimos todos para fazer algumas visitas; porém eu estava anciosa por ver-te e pedi a papai que me trouxesse até aqui: deixou-me no portão.

Julieta

Eu vi-o; reparei que não entrasse.

Christina

Já volta com mamãi. E D. Antonia, e o Sr. Pacheco, todos estão bons? Apezar de não terem passado um mez aborrecido a tomar banhos do mar! Ah! Quem inventou as barcas de S. Domingos não tinha juizo!

Julieta

Pois olha, foi o mesmo que inventou os carros em que tanto gostas de passeiar!

Christina

Neste caso eu lhe perdôo; e quero conhecel-o. Dize-me quem foi esse grande homem?

Julieta

Não foi um homem, mas o que ha de melhor no homem; foi o trabalho.

Christina

Meu Deus! Déste agora em estudar estas coisas? D'aqui a pouco és capaz de me falar em politica!

Julieta (*sorrindo*)

Perdoa, Christina. Foi uma distracção. Nós as mulheres não nascemos para esses estudos; mas Deus nos deu a intelligencia do coração que comprehende tudo que é nobre e grande. Quando ouvimos um bonito pensamento, é como si ouvissemos uma linda musica; fica-nos de memoria e as vezes os repetimos sem querer.

Christina

Tu ouviste isto!... Foi elle quem disse?

Julieta

Elle, quem?

Christina

O Sr. Rodrigo.

Julieta

Christina!

Christina

Como adivinhei!

Julieta

A culpa tenho eu de falar-te de coisas que não entendo, em vez de conversarmos de nós, de ti sobretudo. Vamos a saber, durante esse tempo este coraçãosinho mudou? Viu alguma coisa em S. Domingos que o fizesse palpitar?

Christina

Nada! Eu o tinha deixado aqui!

Julieta

A quem? A Hipolyto...

Christina

A ti!

Julieta

A mim só?

Christina

Só !

Julieta

Não creio !

Christina

Porque ?

Julieta

Pois olha como tu m'o deixaste eu o dei.

Christina

E si eu tornar a tomal-o ?

Julieta

Então não queres ser minha irman ?

Christina

Sim, sim, maninha Julieta. E' assim que te hei de chamar.

Julieta

Travessa... Mas quando será isto ?

Christina

Mais cedo do que tu pensas.

Julieta

Ahi parou um carro.

Christina (*olhando*)

E' o Macedo, e teu noivo.

Julieta

Não digas isto !

Christina

Porque ? Não vai casar comtigo ?

Julieta

Não quero que saibam.

SCENA II

AS MESMAS, OLIVEIRA E MACEDO

Macedo

Muito boa tarde, minhas senhoras.

Oliveira (*a Julieta*)

Adeus, como passou ?... D. Christina !

Christina (*a Macedo*)

Mamãi está muito zangada com o senhor.

Macedo

Porque razão ?

Christina

Pois durante um mez não achou um momento para ir vel-a em S. Domingos ?

Julieta

Vem ainda hoje para falar de negocios com meu pai ?

Oliveira

Não ; venho de proposito para compensar a minha tarde de hontem, apenas tenho algumas palavras que dizer ao Sr. Pacheco sobre um objecto...

Macedo

Importante ! bastante importante !...

Julieta

Sempre um negocio importante, grave, que exige uma decisão immediata ! Não fazes idéa Christina, os homens agora já não têm um momento livre para conversar comnosco. O seu tempo está de tal maneira absorvido pelos negocios, que ás vezes nem se lembram que existimos.

Christina

Por isso nós fazemos o mesmo com os vestidos e os chapoés ; as modas são os nossos negocios.

Oliveira

Justamente !

Julieta

Mas nós, quando nos occupamos em escolher o que é elegante e bonito, é para parecermos bem a seus olhos ; emquanto que elles só pensam nos seus calculos e nas suas contas.

Oliveira

Com que fim ?

Macedo

Sim, o fim, eis a questão, os meios nada valem.

Christina

E qual é esse fim ?...

Julieta

Enriquecer !

Oliveira

Entretanto é verdade: emprehender para poder um dia lançar aos pés daquella que amamos uma fórma moral, para satisfazer todos os seus desejos e caprichos, para dar-lhe enfim a soberania do dinheiro, já que não podemos elevar-lhe um throno.

Christina

Sim senhor, e bonito!

Julieta

Mas que necessidade tem o homem de fazer esses sacrifícios quando não é pobre e possue bastante para tornar a vida doce e tranquilla?...

Oliveira

Não ha necessidade, ha um prazer, um orgulho que sentimos em que a mulher da nossa escolha nos deva tudo!

Julieta

Assim é por nós mesmas que nos esquecem?

Oliveira

Que as esquecemos?... Quando a todo o momento, si calculamos uma operação, si planejamos uma empreza consideravel, si fazemos uma grande especulação, é sempre com a idea naquella que nos inspira e anima? Não tem razão!

Julieta

E não entra nisso um pouco de vaidade e ambição?

Oliveira

A vaidade de merecer e a ambição de possuir o objecto de nosso amor.

Julieta

Não sei; mas parece-me que não é possivel existir amor no meio de algarismos e calculos.

Macedo

E eis onde está todo o seu erro, D. Julieta. O amor não só é compativel com as operações mercantis, mas póde ser um elemento dellas.

Christina

Bravo! Esta é nova!...

Julieta

O Sr. Macedo naturalmente allude a esses casamentos que vemos todos os dias, e em que o marido ou a mulher fazem o que chamam um bom negocio, vendendo o seu coração.

(Hipolyto entra pelo portão: Christina dirige-se a elle: Oliveira aperta-lhe a mão emquanto Macedo fala)

SCENA III

OS MESMOS E HIPOLYTO

Macedo

Perdão, minha senhora, o casamento é o casamento, e o amor é o amor; duas coisas bem distinctas, que podem existir e existem, uma sem a outra. A industria do casamento é muito velha. Serve para arranjar algum caixeiro desempregado, algum advogado sem clientes, algum medico sem clinica ou...

Hipolyto

Ou algum negociante fallido (*aperta a mão de Christina*).

Macedo

Oh! Sr. Hipolyto! Desculpe, não o tinha visto!

Hipolyto

Continúe. Expunha naturalmente o plano de alguma empreza gigantesca para a exploração da industria dos casamentos?

Julieta

Coisa melhor! Teu amigo?

Hippolyto

Ficou na calçada conversando com meu pai (*voltando-se*). Então Sr. Macedo?

Macedo

Estas senhoras admiraram-se de ouvir-me dizer que o amor ainda se ha de tornar um dos mais fortes auxiliares do commercio, e um dos meios de fazer fortuna rapidamente. Mas attenda bem, quando eu falo de amor, refiro-me ao verdadeiro amor, á paixão!

Hipolyto

Explique-me isto, por obsequio, até aqui o amor tem entrado em meu orçamento como uma verba de despeza, e bem consideravel!

Macedo

Falta de experiencia! está destinado a tornar-se uma verdadeira fonte de receita.

Hipolyto

Vamos á explicação: estou impaciente! O amor moeda corrente! E' admiravel!

Macedo

O senhor não ignora que a base do commercio hoje é a confiança; todas as operações repousam unicamente sobre esse principio.

Hipolyto

Confesso que estava enganado Sr. Macedo. Em tempo de tantos velhacos, julgava que a base do commercio devia ser a desconfiança!

Macedo

Uma suppõe a outra.

Hipolyto

Mas isto ainda não me diz como o amor...

Macedo

De todas as confianças a mais cega, a mais forte, é o amor, o amor que resiste a tudo, ao dever, a honra, e ao proprio dinheiro. No dia em que um homem habil se propuzer a explorar essa confiança illimitada, poderá dispor de uma massa de capital enorme!

Hipolyto

Mas de que maneira?

Macedo

O segredo é a alma do negocio!

Hipolyto

Desculpe, fui indiscreto. Pretende então pôr em pratica a sua idéa?

Macedo (*sorrindo*)

Talvez!

Hipolyto

O que lhe peço é que me reserve algumas acções (*alto*). Uma empreza para a exploração do amor! (*ri-se*)

Christina

Ora Sr. Macedo!... (*ri-se*)

Macedo

Riem-se? (*Rodrigo entra*)

Julieta

De certo, quem póde tomar a sério similhante coisa?

Macedo

E' pena que a senhora não entenda de negocios.

Julieta

Ao contrario, julgo uma felicidade.

Macedo

Digo que é pena por que então me comprehenderia. Toda a difficuldade está em substituir o amor á hypotheca nas operações de endosso e desconto de letras mercantis.

SCENA IV

OS MESMOS E RODRIGO

Hipolyto

Tu entendes isto, Rodrigo ?

Rodrigo

Perfeitamente meu amigo. O Sr. Macedo quer dizer que em vez de um homem dirigir-se a um usurario ou a um capitalista e hypothecar-lhe um predio, usará da influencia que tem sobre a sua namorada, filha ou mulher desse usurario, e conseguirá sem o menor sacrificio a firma necessaria para o desconto do titulo.

Hipolyto

A lembrança é engenhosa.

Rodrigo

Quando se trata de fazer valer todos os bens do homem não era justo que se esquecesse o coração, o espirito, a elegancia, as boas maneiras, e mesmo os bonitos olhos. Até agora a sociedade tinha reservado isso para sua distracção, mas o genio da especulação, entende que esses valores reaes não devem ficar improductivos, e trata de leval-os ao mercado; não tarda que elles sejam cotados na praça, como a acção de uma companhia, o ordenado de um empregado publico, ou a promessa de um agiota. Então um moço capaz de se fazer amar pelas senhoras ricas valerá, em materia de credito, o mesmo que um negociante honesto, e um industrial activo ; por que terá uma conta corrente aberta sobre a burra dos maridos, ou dos pais de suas namoradas. Eis qual é a idéa do Sr. Macedo, idéa sublime ; digna de um homem emprehendedor (*voltando-se*). Creio que expliquei o seu pensamento...

Macedo

Melhor do que eu mesmo. Gostei de ouvil-o (*voltando-se*).

Oliveira (*baixo e rapidamente*)

Que imprudencia.

Macedo (*idem*)

Não percebem !

Oliveira (*idem*)

Embora !

(Entra D. Olympia, Borges fica no portão conversando com Pacheco)

SCENA V

OS MESMOS E D. OLYMPIA

Olympia

Como está Julieta?... E mamãi...

Julieta

Vou chamal-a.

Olympia

Não precisa. Ella está boa?... Temos muitas modas novas e bonitas... já sei.

Macedo (*aproximando-se*)

Divertiu-se em S. Domingos, D. Olympia? (*aperta-lhe a mão*).

Olympia

Não, fugi mesmo dos divertimentos: estava tão fatigada dos bailes e theatros, que precisava restabelecer a minha saude!

Macedo

Fez muito bem. Um mez de repouso é muito necessario a sua saude... e até mesmo á... economia!

Julieta

Então não se gasta fóra de sua casa?

Macedo

Gasta-se, mas poupam-se certas coisas; por exemplo, os vestidos novos para os grandes bailes, os camarotes nos dias de gala! Quando uma senhora está na cidade a sua ausencia é reparada, mas quando ella toma ares em Petropolis ou na Serra, sente-se que não appareça nos salões, mas ninguem se lembra que lhe falta uma toilette deslumbrante!

Olympia (*com desdem*)

Foi talvez por essa razão que eu estive fóra da cidade...

Macedo

Não disse isto!

Olympia

Mas deu a entender.

Macedo

Não tive similhante intenção, D. Olympia, e nem era possivel. A senhora sabe que é sempre admirada pela sua graça, pelo seu bom gosto, pela sua elegancia; por isso de vez em quando desapparece para se fazer desejada. Eis a razão...

Olympia

Obrigada, mas aquelles que sentiam a minha falta, podiam ver-me com o pequeno sacrificio de algumas horas.

Macedo

Si refere-se a mim, é injusta: não era o desejo que me faltava, mas o tempo. O tempo é dinheiro!

Olympia

Ha sempre tempo para ver aquelles que se estima.

Macedo

E' o que a senhora pensa!

Olympia

Pois agora estou em S. Clemente; lembre-se mais dos amigos (*volta-se para Julieta*). Aquelle moço que conversa com o Hipolyto não é o Rodrigo?

Julieta

E'.

Olympia

Não me comprimentou!

Julieta

A senhora conhece-o?

Olympia

Estive com elle em um baile.

(Entra D. Antonia que desce da casa: fala com o Rodrigo, Oliveira e Macedo que a comprimentam)

SCENA VI

OS MESMOS E D. ANTONIA

Julieta

Ah! Ahi está, minha mãi!

Olympia (*voltando-se*)

D. Antonia... adeus...

(Sobem ambas a scena para encontrar-se com D. Antonia: é o tempo que Oliveira toma o braço de Macedo e descem)

Oliveira

Não acha o Pacheco tão frio?

Macedo

Não: porque diz isto?

Oliveira

Ainda não veiu falar comnosco, deixou-se ficar no portão!

Macedo

Elle é secco ; porém no fundo é homem de palavra. Demais nós temos a garantia principal.

Oliveira

Qual ?

Macedo

O amor da pequena. Não está seguro ?

Oliveira

Não sei : parece-me despeitada quando conversa commigo.

Macedo

Arrufos de namorados : está queixosa porque hontem não lhe falou. Mostre-se apaixonado, e deixe o mais por minha conta.

Oliveira

Sim ; mas Julieta é bonita, espirituosa, e eu tenho medo de apaixonar-me realmente.

Macedo

Que mal lhe vinha d'ahi ; um casamento vantajoso por todos os lados : formosura e dinheiro. Duzentos contos de dote, e o dobro em esperanças.

Oliveira

E' um bello casamento, mas sabem as minhas idéas a este respeito. Quero ser rico, e livre ; para poder gosar só da minha fortuna ; para poder amar as mulheres que desejar e esquecel-as no dia seguinte, sem que ninguem me venha lembrar que sou um marido, isto é o ente mais escravo que existe sobre a terra. Olhe o Borges ; tem um bom emprego, podia viver tranquillo... mas a mulher sacrifica-o com o seu luxo.

Macedo

E' verdade ; o pobre homem está crivado de dividas, e não faz sinão queixar-se da exiguidade dos ordenados, sem lembrar-se da monstruosidade das despezas.

Oliveira

O senhor deve saber disto, e bem (*sorrindo*).

Macedo

Porque ?

Oliveira

Segundo dizem as más linguas, carrega com uma grande parte dessas despezas.

Macedo

Não ha tal !

Oliveira

Ora! o senhor passa como amante de D. Olympia!

Macedo (*rindo*)

E' uma calumnia!

D. Antonia

Hipolyto, meu filho, manda vir cadeiras para os senhores se sentarem. Sinão preferem entrar...

Oliveira

Estamos tão bem aqui!

D. Antonia

Como quizerem!

Olympia

Então Julieta, ainda não me deu noticias do que houve pela côrte nestes dous mezes que estive ausente. Muitos bailes, muitos divertimentos...

Julieta

Como de costume.

D. Antonia

Não foi a nenhum, apezar dos pedidos do pai que deseja leval-a sempre: preferiu fazer-me companhia.

(O pardinho, escravo de Pacheco, traz cadeiras)

Olympia

Devéras?

D. Antonia

O Sr. Pacheco zanga-se com razão! Vêm da modista as coisas mais lindas, e ficam perdidas inutilmente, sem que use dellas uma só vez!

Olympia

Assim não me sabe contar!... Pois vim anciosa por saber...

Julieta

Aqui está quem póde dizer-lhe *(Macedo e Oliveira vão ao portão)*.

SCENA VII

JULIETA, RODRIGO, OLYMPIA E D. ANTONIA

Olympia

Quem?

Julieta (*chamando*)

Sr. Rodrigo!

Rodrigo

D. Julieta?

Julieta (*apresentando*)

D. Olympia, senhora do Sr. Borges (*comprimentam-se*). O senhor que foi aos ultimos bailes, diga-nos si estiveram muito brilhantes...

Olympia

Quaes foram as toilettes mais ricas ?

Rodrigo

As mais ricas que eu vi, minha senhora eram as que traziam as mulheres mais feias.

D. Antonia

E' sempre assim.

Rodrigo

Em uma senhora elegante a graça e a belleza excitam tanto a nossa admiração que ás vezes nem reparamos a cor e a fazenda que trajam : ninguem deixa de contemplar as maravilhas que Deus creou, para examinar os trabalhos de agulha e tesoura com que as modistas caricaturam a natureza.

Julieta

Ah ! Si ellas ouvissem ! São aquellas que não têm que mostrar ou que não estimam bastante a sua pessoa, as que arrastam pelo salão a cauda do seu vestido, desvanecidas e orgulhosas pelos olhares que as acompanham não para vel-as, mas para avaliarem os seus brilhantes, e orçarem o preço da toilette, como se faz em uma taboleta de ourives, ou no balcão de uma loja. Dessas algumas são ricas, e estou convencido que não sabem quantos dias de miserias se poderiam alliviar com o custo de tres horas de prazer. Outras porém não se lembram que nesse panno de velludo ou de seda rojam pelo tapete a humilhação de um pai ou de um marido, que sacrificou a sua honra, para satisfazer esse capricho, consumindo na vaidade de uma noite, o ordenado de um mez e o sustento de sua familia. (*D. Olympia esconde lagrimas a furto*).

D. Antonia

Tem muita razão ! (*Rodrigo afasta-se*).

Julieta

Que é D. Olympia ?

Olympia

Nada : uma dôr de cabeça !

Julieta

Talvez o vento lhe faça mal...

Olympia

Não ; isto passa.

D. Antonia

Venha para dentro.

Christina (*correndo para Juli*

Tu sabes, Hipolyto está zangado commigo!

Julieta

Por que?

Christina

Porque demorei-me em S. Domingos, como s

Julieta

Não sabe que tua mãi não queria voltar.

Christina

Já lhe disse tudo, começou a zombar! (*Hipol*

Julieta (*dirigindo-se a Hipoly*

Tu estás zangado com Christina?

Hipolyto

Não.

Julieta

Mas ella queixa-se.

Christina

Nega? Não me disse...

Hipolyto

Disse-lhe que tendo ido passar dois mezes em avulso e por conseguinte tratei de fazer a côrte isto é sabido, um estudante de medicina não póde um cavallo e uma namorada.

Christina

Um cavallo e uma namorada. Tu ouves, Jul

Hipolyto

Perdão, queria dizer uma namorada e um ca lativas.

Julieta

Está brincando!

Christina

E' verdade o que elle diz: outra que me *afasta-se*).

Julieta

Não creias. Espera!... Hipolyto, vem cá!

Hipolyto

Que queres?

Julieta

Aperta a mão de Christina.

Hipolyto

Tu fazes gosto nisto?

Julieta

Muito.

Hipolyto

Bem; é por tua causa (*estende a mão*).

Christina (*apertando*)

Eu não devia aceitar; depois do que me disse.

Hipolyto

E' como quizer: eu aceito a paz, porém não a offereço: a guerra é o meu elemento.

Julieta

Está bom: não vão ficar mal outra vez.

SCENA VIII

OS MESMOS E GUIMARÃES

Pacheco (*no portão*)

Hipolyto!

Hipolyto

Meu pai? (*volta-se*).

Pacheco

Está aqui um senhor que te procura!

Julieta

Vai recebel-o!

Guimarães (*entrando*)

Hipolyto, meu amigo (*comprimenta as senhoras*).

Hipolyto

Boa tarde, Sr. Guimarães!

Guimarães

Passando por aqui não pude deixar de entrar para ter o prazer de ver-te, e mesmo porque desejava que me apresentasses á tua familia.

Hipolyto

Agradeço-lhe muito.

Guimarães

Que bella casa tem teu pai! Uma chacara excellente! Que dias agradaveis se devem passar debaixo destas arvores! Heide vir um domingo jantar comtigo.

Hipolyto

E' uma honra que o senhor me faz!

Guimarães

O senhor?... Já te disse meu amigo, que a amizade não conhece os tratamentos inventados pela sociedade.

Hipolyto

E' justamente por isso que reservo a familiaridade para meus amigos intimos.

Guimarães

Onde está tua mãi? desejo muito conhecel-a! (*tomando-lhe o braço*) Vem apresentar-me. (*Caminham á D. Antonia*).

Christina

Conheces?

Julieta

Não: nunca o vi.

Christina

E' amigo de Hipolyto.

Julieta

Mas Hipolyto parece não gostar delle.

Christina

E' verdade: tratou-o com tanta friesa! (*Hipolyto volta, Guimarães conversa com D. Antonia*).

Julieta

Quem é?

Hipolyto

A minha sombra! E' um sujeito que assentou ser meu amigo á força, encontro-o em toda a parte; si janto em um hotel vem sentar-se á minha mesa; si passeio, agarra-se ao meu braço; si vou ao theatro d'ahi a pouco vejo-o a meu lado, só aqui estava livre delle. Entra-me agora pela porta a dentro, toma-me o braço, e apresenta-se elle mesmo á minha mãi sob o pretexto da amizade sincera que me tributa.

Julieta

Elle sympathisou comtigo.

Hipolyto

Não é uma razão para impor-me a sua amizade!

Julieta

Devemos ter sempre alguma condescendencia para aquelles que procuram a nossa amizade.

Guimarães (*a Hipolyto*)

Tua mãi é uma bella senhora! Maneiras tão agradaveis!...

SCENA IX

OS MESMOS, PACHECO, BORGES, MACEDO E OLIVEIRA

Borges, Macedo, Oliveira e Pacheco, adiantam-se como continuando uma conversa—Christina, Julieta e Hippolyto estão junto do sofá de pedra.—D. Antonia e D. Olympia do lado opposto sentados.

Machado

Não se póde negar com effeito que esta cidade cresce todos os dias consideravelmente!

Pacheco

Nada mais natural; é da essencia das coisas nascer, crescer, e morrer.

Hipolyto

Felizmente ainda estamos na conjugação do segundo verbo.

Machado

O que porém não é natural, Pacheco, é esse desenvolvimento espantoso que se opéra, e que é devido unicamente á uma coisa que se tem querido combater, — a especulação.

Oliveira

E' verdade!

Pacheco

Não creio que seja essa a causa. A especulação, isto é, a ambição de ganhar dinheiro, sem attender aos meios, existiu em todos os tempos, a differença é que outr'ora ia-se á casa de jogo, e agora vai-se á Praça.

Borges

Esteve hoje na Camara, Sr. Macedo?

Macedo

Não tive tempo, os meus negocios...

Borges

Disseram-me que talvez fosse apresentado um do ordenado dos empregados publicos.

Macedo (*para Oliveira*)

Eil-o com a mania!

Oliveira

Não se tratou de similhante coisa, Sr. Borg

Borges

Ah! esteve lá? De que se tratou então?

Oliveira

Questão de credito... Toda a sessão... Fal

Pacheco (*interrompendo*)

Outra coisa que eu não entendo. Actualme em creditos, senadores, deputados, negociantes... já discutem! Entretanto eu tenho cincoenta e no passado; conheci o covado e a vara ainda menin então rua dos Ferradores, e confesso sinceramen quer dizer esta historia de credito.

Christina

Como, Sr. Pacheco! Não é possivel!

Pacheco

E' o que eu digo; até as meninas já estão c

Christina

Mas si é uma coisa tão facil!

Oliveira

Não é tanto assim, D. Christina.

Christina

Ora! o credito é o meio da gente comprar preço de um. Não é, papai?

Borges

Acho melhor que não fales do que não ente

Macedo (*a Oliveira*)

O negocio complica-se.

Pacheco

Mas diga-me: como se faz esse milagre?

Christina

Desta maneira. (*Chegando-se*) Supponha que o senhor compra hoje um vestido em casa do Wallerstein; elle manda-lhe a conta d'aqui a seis mezes, o senhor paga; mas compra outro no dia seguinte.

Pacheco

Que só paga d'ahi a seis mezes.

Christina

De certo!

Olympia

Christina!...

Pacheco

E si por accaso liquida-se a loja?

Macedo

E' um pequeno contratempo!

Oliveira

Recorre-se a outros meios.

Pacheco

Percebo!...

Hipolyto

Qual meu pai; isto é o credito das senhoras em relação aos vestidos; credito que, entre parenthesis, está muito depreciado depois da invenção dos balões. O verdadeiro credito...

Pacheco

Melhor! Agora temos um estudante de medicina mettendo-se em negocios.

Hipolyto

E que pensa Vmc.? A medicina tem sua relação com a economia politica. Não ha nada mais similhante do que uma receita e uma letra de cambio. Uma receita é uma letra de cambio que o medico saca contra o doente, uma letra de cambio é uma receita que o negociante pede a um capitalista para curar certa molestia que se chama quebras!

Pacheco

Não ha duvida, estás um grande economista!

Hipolyto

Quanto ao credito é uma invenção que seguiu de perto a descoberta do caoutchou, e isto por uma razão muito simples; o credito não é outra coisa sinão a gomma elastica do dinheiro, é o meio de fazer com que uma nota de cinco mil réis valha dez!

Christina

E' o mesmo que eu disse.

Borges

Minha filha!...

Macedo

Teu filho está brincando, meu amigo; o c
bellas descobertas da industria moderna.

Pacheco

Não comprehendo simlihante coisa! Nunca ped
de alguem, sem ter a certeza de poder pagar-lhe
bidade não me permitte arriscar a fortuna alhei

Rodrigo

Tem razão, Sr. Pacheco. Esses meios de obte
para sacrifical-as em emprezas loucas, não se cha
nome: é um jogo, um abuso de confiança que a
todo o homem honesto reprova!

Pacheco

Bem...

Rodrigo

A missão do credito é outra: é nivelar os hom
a actividade os meios de crear e produzir. Outr'o
fortuna era preciso consumir toda a existencia e
real a real. A riqueza era o privilegio de pouc
filho recebia de seu pai. A intelligencia estava e
breza, ganhava apenas o mesquinho salario de se
vendia-se aos ricos que a exploravam em seu prov
homem de dinheiro comprehendeu que o trabalho o
garantia do que a fortuna que o acaso póde dest
Esse homem chamou amigos pobres mais honest
conflou-lhes os seus capitaes para que elles rea
O credito estava creado. Outros seguiram o exe
formaram um banco. Essa pequena instituição es
de um judeu desenvolveu-se, dominou as grandes
hoje circula o globo. Eis o que é o credito, meus s
define: é a *regeneração do dinheiro*. O orgulho do
a soberania da riqueza, soberania bastarda e ridi
nizou essa soberania: do ouro que era senhor, fez
lhe que servisse á intelligencia, a verdadeira rain

Julieta (*a Hipolyto*)

Como elle fala bem! Que bonitas idéas.

Pacheco

Ainda não cedo! Havemos de discutir esta questão com mais vagar (*tomando o braço de Rodrigo*). Vamos para a sala.

(Saem os dois, todos os acompanham á excepção de D. Olympia)

SCENA X

OLYMPIA, BORGES E D. ANTONIA, na janella

Olympia (*chamando*)

Borges!... Escuta.

Borges (*chegando-se*)

Que queres?

Olympia

Não te esqueças de convidar este moço para o nosso jantar.

Borges

Mas Olympia, já te disse....

Olympia

Não admitto razões. Bem vês que não é possivel deixarmos de dar um jantar aos nossos amigos para participar-lhes que chegamos, e que continuamos a receber um dia por semana.

Borges

Bem sabes o nosso estado....

Olympia

O que sei é que por causa das tuas economias passei um mez em S. Domingos.

Borges

Mas lembra-te que antes tinhamos gasto extraordinariamente. Não temos com que pagar as nossas dividas. As contas....

(Olympia entra na casa; Borges fica só, depois acompanha-a lentamente. — Cai o panno).

JOSÉ DE ALENCAR

(*Continúa*)

AS MEMORIAS DE BARRAS

I

Os dois volumes, ha poucos mezes publicados, das *Memorias* de Barras abrangem o largo e agitado periodo dos ultimos decennios do Antigo Regimen, da Revolução, e do Directorio até o 18 Fructidor, a saber, os primeiros lustros e a porção verdadeiramente importante da vida, quasi toda a vida publica do famoso personagem. Tudo quanto diga respeito aos homens e ás coisas da Revolução Franceza interessa profundamente os povos cultos, especialmente os latinos, para os quaes ella constitue o acontecimento não só mais suggestivo, mais fascinante da historia contemporanea, como o mais decisivo da sua existencia politica. No Brazil essa época excepcional tem sido sempre o assumpto predilecto das leituras juvenis, e o alvo obrigado dos enthusiasmos liberaes de todas as idades. Já notava em 1835 o pintor de historia Debret, na sua curiosa relação de viagem, que dentre os membros da nossa camara popular, os oradores finos e brilhantes, orgulhosos de sua erudição, sabiam citar até nos minimos incidentes a historia da Revolução de 1789.

O sestro desappareceu depois um pouco com a frequente evocação do constitucionalismo inglez, mas rejuvenesceu nos annos de mais activa propaganda republicana, de 1870 a 1889; tanto mais quanto, em França, aquella phase realmente heroica da vida da nação tornou-se na segunda metade do seculo o objecto dos mais porfiados estudos, desde a apologia fremente, com a obra de Louis Blanc, até a detracção virulenta, como a obra de Taine. E' claro que o periodo da

Revolução estende-se racionalmente até 1815, isto é, encerra o dominio napoleonico, em que se fixaram e disseminaram as conquistas revolucionarias. O numero de memorias, relativas sobretudo a Bonaparte e ás suas guerras, recentemente editadas é espantoso, e si nem todas ellas são dignas de leitura ou mesmo authenticas, com certeza na maior parte offerecem ensinamento e attractivo.

As proprias vergonhas e loucuras, que as ha, e costumam geralmente ser appetecidas para a leitura, podem ficar amplamente conhecidas sem que mais logrem restringir a elevação moral daquella serie de acontecimentos, os mais dramaticos, os mais epicos, os mais beneficos deve ajuntar-se, da historia da civilização européa. O movimento democratico de 1789 merece sem duvida alguma ser considerado como incomparavelmente mais fecundante que o inglez do seculo XVII, por cavar muito mais fundo o seu esforço, e por ter ajudado á sua expansão o genio communicativo do paiz em que iniciou-se. A supremacia de Napoleão na Europa representa seguramente por seu lado a mais robusta determinante do progresso dos ultimos tempos, já pela sua acção, já pelas reacções que despertou. São pontos discutidos esses, sobre os quaes é inutil insistir ainda. A figura do Imperador resistiu a todos os ataques, não só aos mais immundos libellos seus contemporaneos, como á fria e penetrante dissecação, seguida de faceis inducções, do illustre Taine; surgindo até mais brilhante depois da enxurrada.

Similhante traço acha-se eloquentemente notado por George Duruy no prefacio ás *Memorias* de Barras, que podem justamente intitular-se «uma defesa apologetica desse membro do Directorio e uma diatribe furiosa contra Napoleão.» George Duruy é um admirador fervoroso do Imperador e, por um acaso, teve que presidir á publicação das memorias de um dos mais implacaveis inimigos delle.

Barras, fallecido em 1821, legara por testamento seus apontamentos e papeis, adrede colleccionados, a um velho amigo, Mr Rousselin de Saint-Albin, encarregando-o de rever os primeiros, classificar os segundos, e dar ao todo a redacção definitiva. Saint-Albin executou a missão, mas receou a publicação do livro por causa das paginas escandalosas e capitulos diffamatorios que contem. Veiu a morrer em 1847 com o trabalho prompto, na pasta. Seu filho, que occupou uma distincta posição official durante o segundo imperio,

com mais justa razão desejou poupar-se o
poleão III. Depois de 1870 o manuscripto p
mãos dentro mesmo da familia, e veiu afin
casamento, a parar nas do filho de Victor D
riador e ministro da instrucção publica do seg

Esse, apezar das suas solidas convicções
com toda a lealdade não dever furtar ao co
diosos e do publico as apregoadas revelações
a lume em edição da casa Hachette, na forma
Albin, com alguns appendices das proprias
Barras, mais pinturescas geralmente, confessa
a maneira banal, quando não empollada do e
Esta pequena pecha de estylo não tira poré
valor documental.

II

Sabem todos quem se chamou Barras.
namorador, o convencional vigoroso, o vence
Director venal e desmoralizado. Não foi por
Apenas gostava apaixonadamente de divert
sava de andar com a vida garantida e a bolsa
constantemente obrigado a eliminar os inin
amigos. No tocante ao mais, repito, excell
bravura; capaz de generosidade; sem escru
lismos, mas tambem sem crueldade nativa;
bello sexo, o que é uma condição de bondade
sualidade excedesse a galanteria.

Era um *historico*, a saber que, nos salões
após o seu segundo regresso da India, ond
inglezes, assistindo ao cerco de Pondicher
derio francez, elle esposara o partido dos g
idéas de renovação social tinham dado volta a
convertido ou adherente, Barras, para mais f
isso dispondo de sua pontinha de exaggera
liar o seu republicanismo numa permanente
nião, franqueza de expressão, consciencia

sentimentos. Depois as circumstancias, o instincto de conservação e a ambição particularmente, fizeram delle um puro, um jacobino. Mais tarde ainda o medo e a esperteza forçaram-no a restaurar a liberdade, dando baque a Robespierre, o incorruptivel, que sonhava com uma republica intransigente, e não só isto, honesta; diz-se até que moderada, pois já estavam destruidos quasi todos os seus rivaes na popularidade e no mando.

A dictadura do Triumvirato tornara-se de facto insupportavel. A carnificina entrara a enfastiar. Os algozes não davam arrhas seguras da emenda. Mas a honestidade exigida dos governantes é que era absolutamente incompativel com os principios dos Barras, Talliens e Fouchés. Lembremo-nos que alguns annos o senador Hamel intentou reproduzir em toda a sua integridade moral o vulto grandioso, comquanto sinistro, de Robespierre, e que o numero dos admiradores do feroz convencional tem crescido desde certo tempo á medida que se reconhecem as suas virtudes, e se descobrem novos vicios em seus adversarios.

Não é de espantar, á vista do resfriamento do jacobinismo de Barras, que o vejamos em seguida, quando membro do Directorio, defender as idéas de moderação, ainda que sem a animosidade mostrada por Carnot contra os antigos collegas da Convenção terrorista. Para o fim da vida aceitaria Barras sem enfado a repatriação da realeza, da qual a pouco e pouco os acontecimentos, a razão e a educação o aproximaram.

Força é recordar que o intitulado republicano de coração, o democrata ferrenho, começa as suas memorias com uma succinta mas expressiva exposição da antiguidade da casa dos Barras. Chateaubriand nos primeiros capitulos das *Mémoires d'Outre-Tombe* não se espraia com muito maior jactancia sobre a sua nobre ascendencia. Chateaubriand foi porém em todo o tempo um realista dedicado: manteve na maxima pureza a sua linha fidalga. Barras ao contrario desmanchou-a, pois não era feito de um estofo tão resistente. Do antigo regimen trouxéra principalmente os vicios. Malleavel como um junco, amigo em extremo dos prazeres materiaes, inimigo até das longas occupações intellectuaes, a Republica constituiu para elle um *sport*, ainda que violento, nada isento de perigos, como aliás uma caçada ao tigre nas florestas hindustanicas, superior mesmo a esta em capacidade de sensações.

Os eventos levaram-no mais longe e sobr
elle proprio julgava, ao procurar aquelle deri
de official sem regimento. Excepto durante o
çoso adaptar-se ao meio, o qual impellia o
recebia a sua influencia, Barras timbrou comt
passo o facto da sua origem aristocratica,
raça, dos seus predicados de gentilhomem.
após a tomada de Toulon, affirma elle que ne
banquete demasiado *fraternal, dont la plus fra*
trop les frais, com que os esfarrapados patriot
triumpho, mandando pôr mesa á parte para o
e os convidados destes.

E d'ahi quem sabe? póde ser que não
calculo, nem resquicio de hypocrisia, na
convencional no periodo de mais violenta de
pos mais proximos vituperou assaz. Barras
doença nervosa de que soffria terrivelmente
algum termo medico por elle cautelosamente
esse nervosismo, exaltado por todas as san
dos annos de 1792 e 1793, o tivesse realment
ambiente, que houvesse sido um regicida
taculo devotado das instituições com bofes d
a luta sobretudo entre irmãos, muda, post
os caracteres mais inteiriços, transformand
em um combatente desapiedado. Passado o
collectiva mais do que pessoal, vemol-o revert
E' de praxe seguir-se ás épocas de furor u
rona que espanta á primeira vista, mas não
fadiga, pela reacquisição da consciencia, d
deira de cada um. A malvadez e o interess
alguns o odio. Barras, porém, collocado na
da Republica, tinha toda a conveniencia e
mente os actos crueis de que fôra culpado
liberalismo da revolução que o carregara e
valer a sua moderação. Poucos possuem dep
a coragem de confessar seus crimes, comqua
frequentes vezes até fóra das revoluções a
declara o Director, seja tão sómente represe

III

Não devemos procurar na *Memorias* altas novidades. Referem-se a um periodo já muito respigado, em que não existem factos importantes que andem ainda sob silencio e, o que é peior, Saint-Albin parece ter caprichado em afastar da narração por elle compilada muitos detalhes typicos, desses que emprestam ás vezes nova côr a um acontecimento, ou apresentam mais caracteristica a physionomia de um individuo. Além disso Barras passa como gato por brazas sobre pontos em que seria curioso escutar-lhe as explicações— o julgamento de Luiz XVI entre outros. O regicida reconhece as boas intenções do monarcha, accusando muito ás pressas e muito insipidamente os padres ultramontanos e cégos cortezãos que o rodeavam e lhe deram ruins conselhos.

A época do Directorio, tratada com grande minudencia, encerra todavia pormenores aproveitaveis, e o 9 Thermidor é contado com certo luxo de detalhes e immensa satisfacção dos resultados. As surdas e habilidosas intrigas de Fouché, que voltara com as malas abarrotadas da sanguinaria pacificação de Lyão e temia as terriveis represalias do zelador da moralidade publica, encontram-se traçadas com um lapis não muito menos cruel que o que desenha as barbaridades friamente ordenadas pelo futuro duque e ministro do imperador Napoleão. Todo o duello de morte entre o triumvirato Robespierre—Saint-Just—Couthon e os cynicos concussionarios da Convenção enche não poucas paginas, e das melhores, das *Memorias*. Nellas se refestela particularmente a presumpção de Barras, o chefe mais audaz da conspiração, o que não recuou diante da luta armada, imminente entre os defensores dos *comités* da Convenção, impacientes por sacudirem aquella despotica tutela, e os jacobinos da Communa. Essa justificada presumpção de sangue frio e decisão contrasta com a cobardia de Fouquier-Tinville, reclamando *ex-officio* e com a maior desenvoltura a pena de morte para os seus alliados da vespera, ou a attitude immunda de Barrère na assembléa, alternadamente riscando e repondo paragraphos do seu discurso de accusação, emquanto não percebia para que lado sorria a victoria,

a qual as hesitações de Robespierre, pouco
entregaram afinal aos conjurados.

As *Memorias* contêm tambem alguns reti
sivos, um ou outro dotado até de certo imprevis
acha-se pintado sob um aspecto quasi sympat
a violencia degenerada em ferocidade, abor
pensação a sinceridade baseada no desinter
quando tratava-se da Republica, procedia con
vel-a por força poderosa e indiscutivel e, ob
convertia os tibios da democracia em inimigo
simples no trato; conversando intelligenten
instrucção e até sonhava com enriquecel-a
quando o triumpho da Revolução fosse incont
movimentos de piedade; esmoler em extre
pobres tudo quanto lhe rendiam as obras e
grande voga. Conclue Barras escrevendo:
mente como um homem que por vezes pr
mesmo rasgos de sensibilidade, poude pronur
paginas que farão sempre estremecer os sec

O Robespierre das *Memorias* nos não é
nhecido. Ao regressar da Provença, e para
sações de concussão, referentes a bens confisc
etc, que sobre elle já pesavam, Barras ani
tribuno. Acompanhou-o Fréron, seu parceiro.
de Robespierre experimentaram viva difficul
forçar a entrada do quarto. Recebeu-os o inc
frieza. Occupado nos ultimos aviamentos da
penteado e empoado, não abandonou um mi
zendo. Olhou entre surprezo e desdenhoso par
siquer saudal-os ou convidal-os a sentarem-s
cara o pó de arroz, esfregar os dentes, ultim
si ali não estivesse viv'alma; inteiramente sur
ás lisonjas, e mesmo ás simples perguntas;
apenas de quando em quando mordendo os be
uma baba biliosa. Mais de trinta annos depois
em que jogavam-se vidas, exclamava Barras
de medo: «Nunca vi tamanha impassibilida
gelado das estatuas, nem no semblante dos

O terror que Robespierre infundia então era tal, que Barras conta, para comproval-o, um caso devéras symptomatico. Certo convencional surprehendido numa postura de afincada reflexão pelo olhar inquisidor do tribuno, retirou apressadamente a mão da fronte, murmurando: « Não vá elle pensar que eu estou pensando alguma coisa. »

IV

Quando trata-se, o que é frequentissimo, de Napoleão, é que o odio commum de Barras e Saint-Albin, a sua mordacidade, a sua maledicencia por vezes inverosimil, fornecem calor ao estylo e real, embora pouco edificante, interesse ao livro. O Director dá no entanto para com outros ambiciosos testemunho de magnanimidade. Chega, por exemplo, a affirmar que Philippe-Egalité era um liberal sem preoccupações pessoaes: talvez porque a guilhotina não deu tempo a este pseudo-jacobino para fazer-lhe sombra, e tambem porque o constitucionalismo monarchico, que os Orleans vieram a encarnar, e a que desde então aspiravam sob o manto commodo da democracia, era afinal o que mais quadrava, não com as convicções, que nunca as possuiu bastante firmes, mas com os gostos pouco plebeus e o temperamento commedido de Barras. Quando se nos depararem nas *Memorias* repetidas ternuras, quasi idyllicas, endereçadas á familia de Orleans, é preciso tambem levarmos em conta que o livro foi ultimado e devia ser impresso depois da revolução de Julho, a qual implantou em França a chamada realeza burgueza de Luiz Philippe. No velho republicano Saint-Albin não desapparecera o habito mundano de cortejar os poderosos, de saudar o sol do dia.

Por isso tambem foi elle arremessando por conta propria algumas pedras ao idolo que o Director propoz-se demolir. Barras parte do principio de que Bonaparte era um monstro, ceifando vidas sem consideração, suppliciando sem commiseração; de que era antes um producto pathologico, applicando á politica as doutrinas de goso torturante que crearam a triste reputação do marquez de Sade. As suas primeiras relações com o pobre official de artilheria datam de 1793, do tempo em que o futuro membro do Directorio executivo

andou pelo sul da França como commissario d
exercitos dos Alpes e da Italia, e ali teve d
lizou com exito, a insurreição a principio fe
e logo francamente realista, que ensanguentou
Toulon fôra entregue por traição á coalisão,
importante porto de guerra, inutilizando-se a
zas, constituia uma empreza militar das mais
della, como é notorio, não obstante Barras que
que nessa occurrencia legitimamente pertenc
conhecido o nome do obscuro capitão e p
de brigada.

Depois do 9 Thermidor appareceu Bon
tuido de seu commando por causa de intriga
Memorias. Mendigava de Barras um emprego
que lhe permittisse valer á velha mãi e irman
tadas em Marselha pela caridade particular,
pela caridade official da Republica. Foi nes
que o commensal diario, para não dizer o par
pensou em casar-se com uma actriz septuag
prezaria e rica de mais de um milhão de fran
O 13 Vendemiario, mudando a fortuna do
fragar o projecto, o qual Barras, no intento de d
solencia de fidalgo, favorecia com todas as fo

O 13 Vendemíario foi a occasião de un
Barras. Depois do 9 Thermidor a França entr
pressa do horrivel pesadelo do Terror; mas a
inconsistencia da nova situação, tambem come
o partido dos jacobinos e dos emigrados cada
Como em occasiões similhantes, em que s
manda a prudencia mais elementar iniciar
mais receio podem inspirar, foram os antig
meiro pagaram as custas, sendo fechado o cl
forme pouco depois o seriam todas as socieda
pois o governo relativamente moderado saido
idéas de violenta intransigencia democratic
hostil era natural desde que os amigos de Rol
enxotados da administração; chegando na
dar-lhes batalha formal.

As conspirações realistas, dos que desde então intitulavam-se o partido honesto, ganhavam entretanto novo vigor com esta repressão dos demagogos, e animavam-se a sair da casca fabricando sedições, que se tornariam habituaes durante o Directorio. A dissolução interna da Convenção após o periodo de exaltação; a angustiosa situação politica da Republica, abarbada com as guerras (ainda que felizes pelo impulso adquirido da victoria) em quasi todas as fronteiras, e com a formidavel insurreição da Vendéa; a escassez do pão denunciando um desgraçado estado economico, e o desvalor irremediavel do papel moeda traindo a ruina financeira; o consequente mal estar do paiz; a irritação popular delle derivada; eram outras tantas condições de vantagem para os partidarios dos Bourbons, e motivos para especularem com a ingenuidade e leviandade das massas.

As deportações e mesmo a guilhotina responderam ás provocações dos agentes da monarchia, as quaes concretizaram-se num sério movimento no 13 Vendemiario, fomentando a rebeldia das secções da communa de Pariz contra a Convenção. Nesse dia de difficil tormenta Bonaparte, nomeado por Barras seu ajudante de campo, prestou serviços tão valiosos — calados, já se sabe, pelas *Memorias* — que, passado o perigo e exonerando-se o convencional do commando em chefe do exercito do interior, foi por indicação delle escolhido o Corso para seu successor.

Do 9 Thermidor nasceu, apezar de todo o reboliço que se lhe seguio, a Constituição do anno III (1795), estabelecendo duas camaras ou conselhos e um Directorio executivo, eleito depois de vencedora a legalidade no 13 Vendemiario, e da qual muito naturalmente Barras fez parte. A obra do Directorio tem sido muito severamente julgada, e com certeza não é licito apontar esse periodo da historia franceza como um modelo, pelo menos, de moralidade administrativa. Não vale todavia elle tão pouco quanto querem muitos propalar, posto que tambem não mereça ser enaltecido tanto quanto o insinua Barras.

Apoderara-se por completo a anarchia da França. Via-se a nação dividida entre republicanos liberaes, em cujo numero incorrigiveis ideologos; antigos terroristas sonhando com o restabelecimento de uma oligarchia impossivel, e emigrados rancorosos que, tendo ensarilhado as antigas armas do exercito de Condé e deixado á coalisão

a tarefa de repôr no throno pela guerra a
meio mais expedito das conjurações e mais
Esta tactica não significava infelizmente
das degolações e quejandos excessos crimi
palmente no Sul depois de vencidos os *chou*
tauração da monarchia era idéa que ia adian
que espalhava-se a miseria e augmentava
por effeito da agitação politica. O echo de
até com desconfianças e desavenças as sess
Barras e Rewbell representavam o eleme
fesa das praticas democraticas, Carnot e
tranhada ao jacobinismo, e La Revellière-L
lador das divergencias, apenas descompass
por uma quisilia absorvente, quasi comica, á
o qual recrutavam-se aliás os agentes mais
ração. Para evidenciar-se a marcha da pr
ler o que conta Barras: a 21 de Janeiro de 1
brada em Notre Dame, na antiga cathedral
morar (oh! ironia) a execução do rei christi
povo profundamente silencioso ao levantar-s
seguida ao discurso do presidente do Dir
mente Barras. As autoridades sómente co
official.

No exterior porém a acção da Republic
do Directorio, quasi sempre levantada e con
desmerecendo do brilho alcançado pela Conv
familia franceza reflectiam-se em rivalida
bulicio das ambições, mas as victorias iam-s
impeto das tropas era admiravel, e os povo
do virus da Revolução, consequencia de que
intelligente comprehensão.

Barras dispensa ao general Hoche todo
grangeado Bonaparte si, desprovido de imn
este se houvesse prestado a ser o seu guard
militar. Hoche foi certamente um cabo de g
valentes, além de um coração generoso. A
pertence-lhe como obra, sinão como concepç
fronteira de léste os seus feitos d'armas são

illustres. Estando a democracia franceza, mercê da sua decomposição precoce, fatalmente destinada a ser subjugada por um official ousado e glorioso, poderia ter cabido a Hoche, si não morresse antes dos trinta annos, fazer o 18 Brumario. Seria provavel nese caso que, longe de pretender-se alargar ainda os dominios por ultimo adquiridos, abrazando-se todo o continente europeu, se houvesse procurado consolidar as conquistas positivas da Revolução, isto é, a Belgica e a Saboia, sem deixar comtudo de estender a linha de demarcação da patria até o limite do Rheno. A França, podemos aventurar, teria lucrado mais do que com a famosa epopéa napoleonica.

Barras foi no emtanto o causador da extraordinaria fortuna de Bonaparte. Coube-lhe ainda enviar o general que desde Toulon guindava, para o commando do exercito da Italia, dando azo á execução da memoravel campanha contra piemontezes e austriacos, que tornou-se o esteio mais poderoso da marcha ascencional do Corso. E é tal o desespero do Director por não haver sabido adivinhar o futuro, que infamemente babuja esse ponto da historia de Napoleão, roubando-lhe a noção mais rudimentar da decencia e do pudor.

V

Ninguem ignora que Josephina, primeira mulher de Napoleão e imperatriz dos francezes, estava longe de ser uma senhora de vida impeccavel. Bonita, espirituosa, frivola, capitosa, despertou antes, durante e depois da sua viuvez de Alexandre de Beauharnais muitas paixões, que teve quasi sempre a caridade de acalmar. Ninguem tampouco ignora que Barras foi um dos seus amantes, e que o era talvez ainda quando a endossou a Bonaparte, resgatando a sem cerimonia mediante o decreto de elevação do noivo ao commando em chefe do exercito da Italia. No que ha discrepancias é sobre a natureza do sentimento de Napoleão para com sua esposa.

Frédéric Masson na bella obra *Napoléon et les femmes*, e antes delle os historiadores imparciaes, bem como a maioria dos bisbilhoteiros de correspondencias e memorias, acreditam na sinceridade daquelle amor, que até se diz ter sido o unico forte e perduravel

no coração do guerreiro, mau grado as infidelidades post-matrimoniaes de Josephina. Barras porém, em seu rancor ao protegido e a tudo quanto lhe pertencia, pois não duvida apontar as irmans de Bonaparte como raparigas dissolutas e os irmãos como exemplares de perfidia e cynismo, apenas excedidos em duplicidade pelo proprio Napoleão, assegura que o casamento com Mme. de Beauharnais não passou de uma torpe especulação, filiada no odioso systema, por elle adoptado, de subir servindo-se de todos os meios, os mais licitos como os mais vis. Não tendo sido afortunado no seu galanteio á formosa Mme. Tallien, a rainha da época, o mal esbrugado Corso voltou as attenções para a confidente desta. Josephina, reduzida a uma miseria doirada, percebendo que as rugas appareciam e que afastavam-se os amantes, enfastiados dos seus artificios de belleza e enojados do seu pouco escrupulo na escolha dos apaixonados — é Barras quem falla, com pormenores que aqui calo — agarrou-se á quasi inesperada taboa de salvação.

George Duruy censura aspera mas razoavelmente a Barras por esses desregramentos da narração, de que devia ser elle justamente o ultimo a lançar mão, tendo em vista a especie das suas antigas relações com Josephina. No assumpto Bonaparte porém, o Director, allucinado pelo odio, não póde raciocinar friamente: ao que visa é, exagerando-lhe os defeitos e deturpando-lhe as intenções, infamar a memoria do grande homem que não quiz supportar a tutela alheia, e impôz á França a propria. Depois, Barras costuma ser de uma desmarcada fatuidade quando relata os successos que obteve junto ao bello sexo. Neste ponto tem uma delicadeza de carroceiro. Não se limita a repetir que Mme. de Beauharnais jurava pertencer-lhe inteiramente, mesmo desposando Napoleão. A'cerca de Mme. de Stael pretende fazer crer que oppoz mais de uma vez um casto dique á torrente de amabilidades, de todo o genero, da illustre escriptora, a qual nos é apresentada sob um aspecto de virago, rebocando sempre algum amigo, fosse o espirituoso Benjamin Constant, fosse o astuto Talleyrand, em cuja similhança de traços e expressão com Robespierre, Barras insiste picantemente.

A silhueta de Benjamin Constant aos vinte e cinco annos, feita com poucas pennadas, é digna de ser reproduzida, e mostra que a autora de *Corina* prendia-se mais facilmente pela sympathia do espirito do que pela belleza physica. O psychologista do *Adolpho* não

se podia dizer um bonito rapaz: alto, escanzelado, desengonçado, com uma lingua de trapos, coroado de «cabellos de um loiro ardente que os maliciosos chamariam ruivos, com uns olhinhos de albinos, que passariam por ser da mesma côr que os cabellos, si os oculos que os cobriam os não encobrissem. A bocca comtudo, fina, ironica, parecia escarnecer de tudo, até do dono, e mostrar desejos de ser ainda mais zombeteira, si possivel.»

Mme. de Stael recorreu a todas as lisonjas, a todas as seducções de mulher de talento e de sociedade para fazer Barras aceitar o offerecimento da amisade de Talleyrand. Conhecendo bem o Director, tendo-lhe descido com a perspicacia do genio ao amago do espirito, ella, em vez de recommendar no antigo bispo de Autun as virtudes, o que seria de resto empreza quasi impossivel, ou mesmo a intelligencia, que de proposito a escondeu cuidadosamente, recommendou os vicios. Talleyrand possue, confessou a espertalhona, todos os vicios do antigo e do novo regimen: tem e conservará sempre um pé em todos os partidos: não podeis portanto encontrar um agente mais util. Barras, como era de prever, caiu voluntariamente no laço. Aceitou Talleyrand pelo que nelle descobria de bajulador, de interesseiro, de baixo; por julgal-o um instrumento docil e um servidor descarado.

O Director faz demasiado reclamo da paixão que lhe inspirava a libertação dos povos do jugo dos tyrannos, mas si effectivamente elle tivesse pensado muito a serio em incutir á nova diplomacia franceza esta orientação — a como que a obrigação moral de abrir franca exportação ao producto republicano, em vez de proseguir nos silencios, reticencias, cortezanias e outras frioleiras da antiga tradição — não se haveria lembrado de confiar a pasta das relações exteriores a um politico que era tão vantajosamente conhecido pela sua versatilidade e ganancia.

O que se não póde na verdade contestar a Barras é um certo faro para conhecer os homens de merecimento: da mesma forma que deu realce ao valor militar de Bonaparte, soube empregar a habilidade diplomatica de Talleyrand. Enganou-se porém, si não no reconhecimento que poderia esperar de ambos, pois que era desabusado demais para acreditar em gratidões, pelo menos na permanencia da propria fortuna, que lhe permittisse continuar a ser o arbitro das mercês, e conseguintemente o senhor daquellas dedicações.

Barras viu no recommendado de Mme. de Stael um homem de capacidade a mais, a incluir na sua camarilha. A repulsão das *Memorias* é posthuma: d'antes lhe não faziam asco os meneios servis do seu apaniguado. E' que então o Director organizava uma roda de gente prompta para tudo, para os actos mais resolutos como para as illegalidades mais flagrantes; numa palavra, preparava-se para o golpe de Estado do 18 Fructidor, em que conseguiu pôr a pique, quasi dentro do porto, a embarcação esquipada com dinheiro inglez e tripulada pela maioria realista dos tribunaes e dos conselhos, que ostentava içado o pavilhão branco e trazia a bordo S. M. Luiz XVIII.

A Talleyrand tanto se lhe dava servir o rei como á Republica: o que queria era ser ministro, e quanto antes. Para alcançar o seu fito, não despresou meio algum, desde os manejos do seu club politico—O Constitucional, — até os empenhos femininos, a que Barras devia ser por natureza em extremo sensivel.

Além de Mme. de Stael, que appareceu um dia no Luxemburgo numa grande excitação nervosa, jurando que Talleyrand ia com certeza afogar-se no Sena si Barras o não despachasse incontinenti ministro, ao passo que o ladino aspirante esperava tranquillamente á porta, escondido na carruagem, o resultado da conferencia, atiçou elle outras damas, das que frequentavam os salões do Directorio. Eram estes salões o nucleo de uma vida social que reconstituia-se após a debandada do Terror, com elementos de uma picante heterogeneidade: mulheres de emigrados á cata de conseguirem que na lista dos suspeitos fossem riscados os nomes de seus maridos; viuvas de guilhotinados buscando refazer posições por novos casamentos; aventureiros de moral tão ligeira quanto os vestuarios da moda; espiões do estrangeiro, politicos ambiciosos, e pretendentes mexeriqueiros.

A concepção politica com que Talleyrand subiu ao poder synthetiza-se na frase que elle, delirante, repetia dentro da sége que o levava ao Luxemburgo, apertando os joelhos de Benjamin Constant o qual tinha ido arrancal-o ao espectaculo para transmittir-lhe, de ordem de Barras, a suspirada nova: « Estamos dentro da praça; agora é preciso arranjar uma fortuna immensa, uma immensa fortuna.» Não se póde negar que o emigrado, que na vespera regressara da America sem um soldo e sem um amparo, cumpriu

uma vez a sua palavra. Tambem o contentamento transbordava nelle na noite da nomeação. No theatro suffocara quasi com abraços o emissario. No Luxemburgo chorava; beijava Barras; formulava com o calor que lhe consentiam a physionomia impassivel e a rigidez natural do corpo, protestos hyperbolicos de devoção; hypothecava a sua vontade á do protector; distribuia apertos de mão pela criadagem; dava até mostras de querer, antes de retirar-se, ajudar a fazer a cama do Director.

Realizara-se afinal a mudança ministerial de ha muito latente, agora resolvida num espirito de transacção com a attitude provocante do Corpo Legislativo, mediante o sacrificio de ministros das duas parcialidades, amigos do Directorio e dos Conselhos. Talleyrand fazia parte da nova fornada.

Param aqui as *Memorias*, pouco antes que os soldados do agigantado ferrabraz Augereau, *ce fier brigand* como lhe chamava Carnot, penetrassem de baioneta calada no recinto parlamentar. Enviara-o Bonaparte, logo reforçando a primeira remessa com a de Bernadotte, para que o merito do golpe de Estado não coubesse absolutamente a Hoche, o seu rival temido, a esse tempo, que caia mortalmente enfermo na fronteira. O exercito, ufano das campanhas victoriosas da Revolução, animado portanto de um vivo jacobinismo, prestava, após varias e significativas ameaças, o seu indispensavel concurso á maioria do Directorio para derrubar a facção realista, cujas intrigas até alentavam os inimigos da patria e faziam perigar os ajustes de paz.

Firmava-se, pois, o principio da autoridade pela supremacia do ramo executivo sobre o legislativo. Dois annos depois Bonaparte, por seu turno, expulsaria do Luxemburgo e dos Conselhos os vencedores do 18 Fructidor, emquanto com o fumo das suas repetidas batalhas não interceptasse a visão, e com a embriaguez das suas victorias não toldasse a consciencia dos regimentos armados para a defesa do governo democratico, levantando o embryão do seu throno imperial sobre os destroços da Republica anarchizada e exhausta, de que ainda assim fazem tanta gala as *Memorias de Barras*.

OLIVEIRA LIMA

O POSITIVISMO NO BRAZIL

DOUTRINA CONTRA DOUTRINA. O EVOLUCIONISMO E O POSITIVISMO NO BRAZIL, por Sylvio Roméro, 2ª edição melhorada, Alves & C., Rio de Janeiro e S. Paulo, editores, 1895, CVIII, 291 pag.

I

O positivismo tem tido alguma influencia no Brazil. Influencia mais larga que profunda, mas ainda assim incontestavel e sensivel. Fôra curioso e certamente util indagar-lhe as causas. De duas ordens são ellas, uma geral e commum a todos os povos pelos positivistas chamados do Occidente e outras peculiares ao nosso meio e á nossa evolução. A decadencia da metaphysica e do theologismo — e não uso destes termos na accepção comtista sinão na mais geral — e parallelamente o surto de novas doutrinas biologicas, servindo de base a novas concepções philosophicas, deu lugar ao advento de formas de pensamento que sem embargo das suas divergencias fundamentaes são conhecidas sob a denominação geral de positivismo.

O livre pensamento comtista (tanto quanto um comtista póde ser livre pensador) evolucionista ou monista, para reduzir a tres as principaes e varias correntes philosophicas do nosso tempo, succedeu no nosso paiz como em todos os do Occidente, á philosophia classica, mais ou menos impregnada de catholicismo ou de protestantismo. O evolucionismo spencoriano, o monismo hakeliano, como o positivismo comtista, foram as principaes formas do pensamento novo introduzidas no Brazil. Vária foi,

entretanto, a sua sorte. Esposadas e defendidas as duas primeiras, principalmente por juristas, em geral desprovidos da mais necessaria preparação scientifica, e por isso mesmo incapazes de comprehendel-as e assimilal-as, reduziram-se ou a uma trivial repetição dos vulgarizadores estrangeiros da doutrina ou num palavriado que revia aquella ignorancia e que certo não seria comprehendido e sobretudo prezado pelos seus creadores. D'ahi a sua nenhuma acção directa, sensivel na nossa vida nacional. O contrario justamente deu-se com o comtismo. Não só o acceitaram alguns espiritos fortemente preparados no que é a base mesma do systema, as sciencias physico-mathematicas, como se lhe depararam sequazes e propagandistas que ao saber reuniam uma devoção entre nós rarissima ás suas idéas e principios. E como o positivismo é mais que um méro systema philosophico, uma doutrina universal, abrangendo o homem e todas as suas relações, uma doutrina completa e una, facil lhes foi organizarem-se em escola, aggremiarem-se em igreja, e assim unidos fazerem uma evangelização.

No Brazil, e aqui entramos na primeira das causas particulares da influencia positivista, não se póde dizer haja alguma coisa organizada. Não o estava o proprio Estado, apezar de sessenta annos de monarchia, não o estava, como ainda não o está a Igreja, e menos ainda o academicismo, o officialismo, em summa qualquer desses elementos da vida nacional que alhures são um obstaculo á intrusão de certas idéas. Do seio das proprias corporações que por sua mesma essencia deviam sustentar o Estado, defender a Igreja, que lhe era conjunta, manter a tradição academica, sustentar o officialismo, surdiam pregadores da doutrina cujo fim declarado era destruir tudo isso. A monarchia esphacelada e decomposta, não tendo por si siquer a crença do imperante no regimen imbecil, no rigor vernaculo da palavra; a igreja, impotente, desmoralizada pelo regalismo, sem recursos materiaes e moraes, que nem clero possuia sufficiente para as necessidades rituaes; o academicismo, vegetando no egoismo da vida pratica, na inercia do privilegio, livre de estimulos pela segurança da vitaliciedade e pela falta de concurrencia, nenhuma hierarchia, nenhuma casta, nenhuma cohesão entre essas differentes moleculas do corpo social, este era como a materia mole, excessivamente plastica e ductil, em que podia trabalhar a vontade quem tivesse uma convicção e um objectivo. Quem fosse uma organização, consequente e forte, acabaria fatalmente por actuar nesse meio sem consistencia nem resistencia. Foi o que succedeu ao positivismo aqui.

Fazendo da mathematica a primeira pedra do seu alicerce philosophico, a doutrina de Augusto Comte lisongeava a minoria cujas carreiras profissionaes assentavam tambem sobre esse fundamento, e levavam-na, envaidecida pela vulgar illusão de fazermos dos nossos proprios estudos o centro do mundo dos conhecimentos, a consideral-a a unica verdadeira concepção philosophica. Sendo a mathematica, segundo conceitúa um pensador contemporaneo, a arte de não ver sinão um lado das coisas, esses positivistas, esquecidos das objurgatorias do seu mestre contra o dominio dos geometras, não viram na doutrina que abraçavâm sinão o aspecto que lhes seduzia a vaidade profissional. Como quer que seja, porém, foi mediante a mathematica que penetrou a philosophia positiva nas escolas militares, ganhando assim o seu maior numero de adeptos e propagadores na corporação que entre nós era talvez a unica que tinha tal ou qual organização e mantinha algum espirito de classe. E por uma dessas phenomenaes incoherencias de que parece temos o privilegio, foi da sementeira do exercito que sairam, sinão os sacerdotes, os acolytos da doutrina fundamentalmente hostil aos conflictos armados, ao regimen militar, aos exercitos permanentes. Com o positivismo entrou o republicanismo, que lavrando no exercito apressou a eliminação inevitavel, prevista, annunciada — até por partidarios seus — da monarchia.

O positivismo que até então só tinha por si a convicção, o enthusiasmo, a fé, começa a ter a força. E' uma minoria, mas forte, unida, disciplinada, hierarchizada, sabendo o que quer e sabendo querer. Em todos os tempos foram taes minorias que governaram, principalmente quando se lhes não antolha nenhuma força organizada que as contraste. Espertos apostolos — e a mais profunda convicção, o mais ardente, fanatismo, se alliam perfeitamente com a mais solerte habilidade — os positivistas augmentaram e encareceram a sua influencia, mais que a sua influencia a sua acção, no advento e na constituição da Republica. Um a porção de idéas que já faziam parte do cabedal commum dos espiritos liberaes, patrocinadas algumas por sujeitos de ambos os partidos constitucionaes ou do republicano democrata, e até por aquelles partidos, como o casamento civil, a separação da Igreja do Estado, a federação, o regimen presidencial, e outras, reclamaram elles como suas, gabando-se de as terem feito vingar. Na especie os factos mais caracteristicos são a separação da Igreja do Estado e o estabelecimento do regimen presidencial federal na qual apenas tiveram a parte commum

a todos os republicanos da vespera ou do dia seguinte e até de muitos monarchistas. Entretanto, ainda hoje, apezar de demonstrado o contrario de modo a não soffrer duvida, continuam ingenua ou sagazmente a suppor-se os autores dessas duas medidas fundamentaes. Quasi foram elles, ao seu proprio parecer, que fizeram a emancipação dos escravos elles que, com a má fé inconsciente e caracteristica de todas as theologias, inclusive a positivista, escreveram que Benjamin Constant só á ultima hora tomara parte no movimento abolicionista porque «elle não havia assimilado as lições do fundador da religião da Humanidade.» Não precisou assimilal-a ou siquer conhecel-a a enorme maioria dos abolicionistas brazileiros. Graças a influencia militar no primeiro governo da Republica e principalmente do general Benjamin Constant, que com razão ou sem ella passava por decidido sectario de Auguste Comte, o positivismo foi quasi uma religião do Estado, a qual não era porventura desvantajoso praticar. Pullularam por esse tempo os positivistas, pois sel-o era uma boa recommendação. Viu-se em Roma a mesma coisa, quando, com Constantino, os Cesares se fizeram christãos. A giria positivista, «a anarchia mental,» «a pedantocracia», o «regimen normal», «a ordem é factor do progresso», «a integração do proletariato», «os mortos governam os vivos», «as patrias brazileiras» todas as fórmas e variações das palavras systema, integração, encorporação e que taes, queridas da escola, entrou a fazer parte obrigada de todos os discursos, de todas as arengas, de todas as discussões e viram-se jornaes e provincia, que de Augusto Comte até o nome ignoravam na vespera, lardearem com frases positivistas a sua prosa sobre a politicagem local. Nesse periodo o positivismo officialmente dominante sob a égide do mais influente membro do Governo provisorio e dos seus lugares tenentes immediatos, só encontrou, sinão neophytos muito convencidos, catechumenos condescendentes, devotos espontaneos ou pelo menos pagãos sympathicos. Nos proprios chefes, a despeito dos seus protestos em contrario, sente-se que lhes não repugna essa alliança da sua capella com o Estado, que determinará primeiro a apropriação e depois a canonização de Benjamin Constant, de quem elles farão, apezar dos factos e das suas mesmas affirmativas esquecidas no interesse da seita, o patrono, o orago do positivismo na Republica. Artigos da nossa Constituição, o lemma da nossa bandeira, algumas datas das nossas festas nacionaes, por si só bastam para provar a sua influencia nesse momento, sem exagerar-a.

As causas de tal influencia não as desconhece o Sr. Sylvio Roméro, antes, embora incidentemente e de passagem, as deixa perceber, como põe tambem em evidencia algumas das considerações que acabamos de fazer.

Estudando em uma longa «Introducção» «os novos partidos politicos no Brazil» o Sr. Sylvio Roméro faz, a nosso ver erroneamente, do positivismo um desses partidos. O Sr. Sylvio Roméro parece-me ter confundido correntes de opiniões com partidos. Absolutamente não existe ainda hoje no Brazil nenhum partido, no sentido politico ou geral desta palavra, e muito menos, como fantasiou o illustre critico, partidos sebastianista, militar, jacobino ou positivista. Um partido suppõe uma organização, um programma, uma direcção e uma acção commum para fim determinado e declarado. Ninguem dirá que qualquer das correntes de opinião ou das tendencias, aspirações e vontades que se podem reunir sob aquellas denominações, constitúa um corpo collectivo realizando aquellas condições. Mesmo sem constituirem partido, têm, todavia, essas differentes correntes influido com varia intensidade, mas não com menos effeito na nossa vida nacional. Apreciando o influxo positivista, o Sr. Sylvio Roméro, affirma que elle «tem sido plenamente desastrado.»

Com esta convicção, nelle se revoltam o pensador, o republicano, o patriota, e desta indignação nasce o livro a que poz o titulo geral de *doutrina contra doutrina* e cuja 2ª edição acaba de sair a publico.

II

Aquelle titulo já de si dizia claramente que no espirito do Sr. Sylvio Roméro era preciso oppor á propaganda positivista a propaganda evolucionista, ao comtismo o spencerismo. Como si não bastasse, porém, elle aconselha « com inteira convicção aos sectarios do naturalismo evolucionista, cuja formula synthetica pode ser bebida em Herbert Spencer a que se organizem tambem em um centro de propaganda e procurem reagir pelo jornal, pelo livro, pela conferencia, pela lição oral contra o neo jesuitismo (é como alcunha o positivismo) que nos invade.»

O titulo não é feliz e o conselho não é exequivel. O que justamente distingue o positivismo de todas as construcções philosophicas é ser uma doutrina completa: uma philosophia, um dogma, uma politica. Sendo sobretudo uma religião, porque para elle o ponto de vista moral prima todos os outros, dá aos seus fieis um criterio unico, impõe-lhes o mesmo

dogma e sujeita-os á mesma disciplina. Condemnando o livre exame e a liberdade de consciencia erige o seu fundador em Mestre (com maiuscula) infallivel. Nenhuma relação do homem com o universo, de ordem scientifica, de ordem literaria, de ordem social, de ordem economica, de ordem sentimental, escapou de ser explicita ou implicitamente prevista e assentada na obra copiosa e diffusa de Augusto Comte. O seu modelo, proclamado com admiração, foi o catholicismo. Isto não levou em conta o Sr. Sylvio Roméro, dando-nos aquelle alvitre e pretendendo oppor o evolucionismo ao positivismo, como uma doutrina a outra doutrina. Não me parece igualmente acertado affirmar que «as doutrinas novas... têm para todos os grandes phenomenos humanos, arte, religião, politica, moral, physiologia, sciencia, uma resposta e uma solução adequada», ou que pelo menos essa solução ligue e obrigue os sequazes dessas doutrinas. O contrario é antes a verdade. O evolucionista ou spencerista póde ser em politica republicano ou monarchista, em religião pelo menos atheu ou deista, em arte, idealista, realista, naturalista ou symbolista, em sciencia, ficar em Darwin ou ir até Hækel; pode ser pró ou contra o divorcio, favoravel ou hostil ao livre cambio, ao presidencialismo ou ao parlamentarismo, ao café, ao alcool, ás comidas apimentadas. O positivista, não; o mesmo dogma que lhe determina uma convicção scientifica, dá-lhe um criterio moral ou artistico e regulamenta-lhe a familia, a mesa, a actividade politica, economica e até sexual. E' nisto justamente que está sinão a sua originalidade, a sua distincção e a sua força. Por isso os seus adeptos podem constituir-se em corporação, em igreja, e em virtude da lei da gravitação, verdadeira tambem no mundo moral, agir sobre as massas inconsistentes e desorganizadas que a rodeiam.

Essa liga, essa união, essa igreja, não póde o evolucionismo, pelas razões dadas, conseguir. As tentativas aqui mesmo feitas sem successo seriam a prova desta verdade, si ella precisasse de prova. Portanto, só em sentido restricto póde o evolucionismo ser contraposto ao positivismo, como uma doutrina a outra doutrina. Criticar o positivismo á luz do evolucionismo, oppor a synthese spenceriana á comtista, o monismo do philosopho inglez ao do pensador francez, mostrar a inanidade de certas doutrinas positivistas, ou mesmo os erros de philosophia, de methodo, de apreciação e até de factos do positivismo, é possivel, é talvez facil e tem sido largamente feito. Mas o que não é possivel, o que não é razoavel, é pretender substituir, para os effeitos praticos — e são os effeitos praticos que visa no seu livro o Sr. Sylvio Roméro—a doutrina positivista, que abrange,

como vimos todas as relações humanas e determina regras de conducta para todas as manifestações da actividade humana,—pelo evolucionismo que é meramente um criterio critico, um methodo scientifico e uma generalização philosophica.

Este erro fundamental da concepção do Sr. Sylvio Roméro, entretanto, não diminue em nada o valor do seu livro; é apenas um erro de intenção, digamos assim, que em nada absolutamente affecta nem a doutrina delle, nem a acção que ella possa ter. Já deixei dito como julgo se póde ao positivismo contrapor o evolucionismo, e ainda sob esse criterio, mais modesto que os intuitos do Sr. Sylvio Roméro, me parece que o seu livro não é só um bom livro, mas um bom acto.

«O positivismo é, para o Sr. Sylvio Roméro uma coisa perigosa e deve ser combatida com seriedade. Desde que uma doutrina, continúa elle, qualquer que ella seja, tornou-se o pão espiritual de algumas centenas de homens, essa doutrina constitue um factor social e um estimulo de acções; essa doutrina distribue alento e enthusiasmo, aviventa as forças d'alma, affirma-se como um incentivo em nome do futuro. E coisas assim tão graves só podem ser tratadas com severidade e compostura.» Excellentemente dito, sómente póde-se notar que arrastado pelo seu temperamento batalhador de polemista educado na pessima escola de Tobias Barreto, o Sr. Sylvio Roméro não guardou quanto talvez convinha á elevação do assumpto essa «severidade e compostura». A sua desculpa seria que o seu livro, como toda a sua obra, é ainda de polemica. Porque esta é a caracteristica, a dominante do Sr. Sylvio Roméro, ser um polemista. Fazendo historia ou critica literaria, politica ou philosophia, escrevendo ou conversando, apezar da bonhomia affectuosa, natural e amavel do seu trato, que estão longe de suspeitar os que só por seus livros o conhecem, o Sr. Sylvio Roméro é um polemista. E eu direi, sem intenção de lisongeal-o, que não conheço entre nós nenhum de mais nervo, de mais valentia, de mais graça—uma graça para que ainda não achamos nome, o producto da chalaça portugueza com a pacholice ou a capadoçagem nacional, temperada pela alegria ingenua e facil que o negro nos herdou. Essa graça não admitte a ironia. A ironia, como o «humour», mais ainda talvez que elle, é estranha á indole brazileira. Uma e outro são entre nós productos de cultura, resultados de imitação que em certos individuos, por disposições especiaes de temperamento, podem ter sido assimiladas perfeitamente, completamente, mas que são em todo caso raros e exoticos.

Tenho convivido estreitamente com os elementos formadores da nossa

nacionalidade, em meios differentes, e os mais exemptos do contacto da civilização; nunca lhes descobri o sentimento da ironia. O caboclo é, talvez, o unico que possue alguma coisa que remotamente se lhe possa assimilar, um modo de dizer dubio, em que a hostilidade se disfarça na duvida e na hesitação, como que um sarcasmo medroso, escondido, materializado pela maneira de pronuncial-o entre dentes, acompanhando-o de um sorriso alvar com que a sua velhacaria de selvagem procura encobrir o sentimento real. O homem do povo, o simples, a criança, o não civilizado, não comprehendem a ironia, e, si chegam a percebel-a, ella lhes é mais insupportavel que uma affronta, uma reprimenda ou um insulto franco. A ironia é o insulto do civilizado, revestido de formas que si lhe diminuem a grosseria, requintam-lhe a maldade, acrescentando-lhe o desprezo, que é um dos seus elementos. Por isso as naturezas primitivas, ao envez do que se suppõe commummente, são extraordinariamente sensiveis á ironia. Incapazes de lhe comprehenderem os matizes, a sua sensibilidade exagera-lhe os intuitos e o alcance. No Sr. Sylvio Roméro não ha absolutamente ironia; a sua colera, a sua indignação, a sua hostilidade são francas e manifestas, sem refolhos nem hesitações, realçadas por uma larga alegria popular, um pouco picaresca e trivial, raramente grave, no fundo bonacheirona e condescendente.

O Sr. Sylvio Roméro é o mais completo typo representativo brazileiro que eu conheço. Nelle se reunem num accordo harmonico, todas as nossas qualidades e defeitos. Os senões como os meritos da sua obra, que nas nossas letras é uma das mais volumosas, e, apezar de tudo, uma das mais valiosas, são a manifestação sincera e ingenua da sua personalidade. Nellas por outro lado, se poderiam descobrir e mostrar, uma por uma das nossas caracteristicas mais incontestaveis. Uma dellas seria a incapacidade para a ironia. Eu, porém, não estou fazendo um «estudo psychologico» do Sr. Sylvio Roméro, e por isso volto, sem mais demora, ao seu livro.

Livro de polemica e livro de doutrina o *Evolucionismo e o Positivismo no Brazil* distingue-se e recommenda-se pela valentia e brio com que o illustre escriptor dá combate aquelles de quem faz seus adversarios ou de quem se faz adversario e sobretudo por vulgarizar as criticas que á philosophia de Comte fizeram H. Spencer, Stuart Mill, Huxley e outros. Com effeito é com longas citações destes pensadores e scientistas que o Sr. Sylvio Roméro principalmente combate os principios cardeaes da construcção positivista, a lei dos tres estados, a classificação das sciencias, a organização sociologica.

Esta falha é commum a todos os nossos criticos philosophicos a começar por Tobias Barreto, aos quaes a carencia de estudos originaes e da cultura scientifica indispensavel força a reduzir os grandes problemas da philosophia moderna ao contraste entre os diversos pensadores, cujas opiniões são respectivamente contrapostas, consoante a escolha ou as inclinações e sympathias do critico. O processo, que tem cabimento no dominio da erudição, não me parece conveniente em se tratando de cogitações philosophicas, e o seu insistente emprego pelos que entre nós fazem philosophia ou critica philosophica, provaria talvez ou a nossa incapacidade para as questões abstractas ou a insufficiencia da nossa cultura geral. Poderia o critico do positivismo responder-me, com apparencia de razão, que mesmo os directores delle entre nós não fazem outra coisa quando querem convencer-nos ou combater-nos, que citar alguma pagina da obra do mestre. Assim é, mas o ponto de vista especial e, segundo o seu criterio, verdadeiro, em que se collocaram, obriga-os a isso, por isso resolvem todas as questões com citações de Augusto Comte, como o musulmano, o judeu ou o christão resolvem todas as suas com versiculos do Korão, da Thora ou da Biblia.

O Sr. Sylvio Roméro, porém, não sendo propriamente um philosopho — que não os temos, nem os podemos ter — mas simplesmente um critico e um critico com temperamento de polemista, não era obrigado, para o effeito que queria produzir, sinão a procurar no seu arsenal as armas, proprias ou alheias, comtanto que fossem as melhores, mais convenientes e efficazes para o seu fim. Vulgarizando no nosso meio, não só popular mas ainda no que se pretende culto, as criticas e analyses que do systema de Augusto Comte, fizeram alguns dos seus discipulos dissidentes, como Littré e Wyrouboff, ou pensadores independentes como Spencer, Huxley e Stuart Mill, o Sr. Sylvio Roméro prestou á causa do livre pensamento no Brazil um eminente serviço. E' preciso, porém, dizer que não só a isso se limitou o autor do *Positivismo no Brazil*. Ha no seu livro uma porção de paginas que são suas, de excellente critica philosophica, prejudicada infelizmente, a meu ver, pela falta daquella « gravidade e compostura » que a si mesmo parecia se recommendar no principio o Sr. Sylvio Roméro.

Levado pelo ardor da polemica, o critico perde commummente o sentimento das proporções, sinão da justiça, e desconhece systematicamente, como um vulgar sectario, a obra verdadeiramente magnifica de Augusto Comte. Mostrar, como fez admiravelmente o Sr. Sylvio Roméro, a parte de Saint Simon e de outros na genesis das idéas sociologicas de Augusto

Comte, póde ser e é um processo feliz de polemica contra discipulos fanaticos que nol-as querem dar como a Minerva hellenica saindo armada do craneo de Jupiter, mas não prova nada contra a doutrina. Ella só deve ser julgada por si mesma. Um philosopho creador, como Comte ou Spencer, não está demais no caso de um erudito. E' inevitavel que elle consciente ou inconscientemente se aproprie idéas alheias, desde que ellas entram por assim dizer fatalmente no seu systema geral de philosophia. E' possivel mesmo, e é o caso de Comte, segundo o demonstrou o Sr. Sylvio Roméro, que sejam idéas alheias que lhe abram caminho a concepções que o seu genio desenvolverá e fará frutificar. As syntheses como as tentadas por Comte e Spencer se fazem a custa de toda a elaboração philosophica do passado. Idéas que mediante essa elaboração fazem por assim dizer parte do ambiente philosophico, são reproduzidas em taes syntheses. E' assim que se explica a existencia de idéas de Comte e de Kant em Spencer, que declara não lhes ter lido as obras sinão posteriormente.

A obra de Augusto Comte é dessas que se póde combater, mas que se não póde negar. O seu valor é sem exagero enorme, e a sua influencia, principalmente a não confessada, consideravel. Nenhum philosopho lançou jamais em qualquer dominio da actividade espiritual humana tantas e tão profundas idéas, como nenhum talvez viu tão argutamente nesse mysterio que é a historia. Todo o pensamento moderno está impregnado da sua influencia, e os mesmos que o combatem e que o negam, são-lhe, indirectamente, mau grado seu, mas de facto, devedores. Em todos os paizes de alta cultura a sua obra, depois de ter penetrado por via dos seus discipulos ou adversarios, começa a ser estudada e discutida. Qualquer que seja a sua sorte, ella terá sido uma das mais notaveis creações do espirito humano. Isto que nenhum pensador desconhece, esqueceu o Sr. Sylvio Roméro, não vendo no positivismo sinão a tentativa de corypheus, certamente dignissimos, mas acaso insufficientes, de fazer delle o directorio da nossa politica nacional.

III

Os que conhecem o positivismo não só pelas obras fundamentaes do seu fundador e dos seus discipulos mais eminentes, sinão tambem pelas publicações numerosas do Apostolado Positivista desta cidade, si o quizerem julgar com isenção, sem preconceitos de nenhuma especie, reconhecerão

que esta doutrina, pelo seu elevadissimo caracter moral, não póde ser taxada de prejudicial ou nefasta. Mas desde que o problema seja por assim dizer concretizado, e que lhe vejamos a applicação no nosso meio, eu não sei si não terá razão o Sr. Sylvio Roméro.

Pregando a liberdade, o positivismo é de facto inimigo da liberdade, como toda theologia, como toda doutrina que se julga possuidora exclusiva da verdade. Apregoando-se republicano, o positivismo é apenas dictatorial e cesarista, contra toda a nossa concepção da politica republicana. Proclamando o principio do « amor por principio », é naturalmente sympathico a todas as tyrannias e favoravel a todas as dictaduras, ainda as mais crueis, como as de Francia e Rosas, e factos como os que nos cobriram de opprobrio não ha muito, acham a seus olhos desculpa, approvação, quiçá louvor. Inventando a theoria da «determinação do passado» e tendo a estulta pretenção de fazer da politica uma arte scientifica, infunde nos seus adeptos uma perigosa illusão de inerrancia, que faz delles, quando dispõem de uma minima parcella de poder, tyrannetes insupportaveis. Sustentando que o unico principio absoluto é que tudo é relativo, elles são de facto absolutos nas suas idéas, nos seus desejos, nos seus actos. Pregando que só se destróe o que se substitue, elles concorreram para a extincção do ensino religioso nos internatos militares e civis, deixando almas insontes sem absolutamente nenhum alimento moral. Crendo sinceramente que estão destinados a se substituirem ao nosso actual regimen social, elles pregam doutrinas que o anarchismo poderia fazer suas, embora com objectivo muito differente do anarchista. Assim preconisam a suppressão do ensino official, a liberdade profissional, a suppressão do suffragio, a eliminação da imprensa que, como atiladamente vêem, entregaria a sociedade desorganizada e desarmada á doutrina melhormente organizada em corporação religiosa. Esta, sendo o positivismo, si viesse a vencer, inauguraria a época normal, em que resuscitaria, como em toda a sociedade unificada por uma só crença, o confisco, a pena de morte, a degradação civica, a excommunhão, a religião do Estado, a theocracia pelo dominio do poder espiritual, o ensino official, a intervenção sacerdotal nos mais intimos negocios da familia e uma porção de excellentes coisas mortas desde a idade média.

Tudo isto não póde sorrir aos nossos espiritos de liberaes e de livres pensadores, nem tão pouco aos dos crentes que formam a maioria do paiz. Acontece, pois, que o positivismo, como era aliás inevitavel, é, talvez com as melhores intenções do mundo, mais um factor da anarchia mental contra

que tanto maldiz, e, conforme a sua propria doutrina que correlaciona a situação social com o estado espiritual, mais um factor da nossa já não pequena anarchia politica. E' demais um elemento perturbador porque traz para a nossa vulgar concepção nacionalista, que sem embargo da federação quer um Brazil unido, o conceito, talvez verdadeiro, das «patrias brazileiras», acoroçoando a separação das differentes partes do nosso paiz, como expressamente o fizeram nas emendas que offereceram ao projecto da Constituição da Republica. Aceito principalmente por militares, e nesse elemento encontrando o seu melhor apoio, augmentou nessa classe já de natureza propensa a exagerar as necessidades da ordem e da autoridade, a desconfiança da liberdade e do conjunto de conquistas liberaes que são o apanagio da democracia.

Considerado sob estes diversos aspectos, o influxo positivista no Brazil, tem sido talvez como pensa o Sr. Sylvio Roméro, funesto. Benefico penso eu que não tem sido, porque de facto não logro descobrir em que as idéas propriamente positivistas e pelos positivistas pregadas, tenham concorrido para augmentar o nosso cabedal de bondade, de justiça, de liberdade, de moralidade, de tolerancia, de civilização, emfim de qualquer dessas coisas altas e sans que dão preço á vida. Em nenhuma das conquistas liberaes dos ultimos vinte annos foi a sua acção exclusiva ou siquer decisiva. Na emancipação dos escravos, no casamento civil, na liberdade de cultos, na federação, na mesma republica, o seu papel, apezar das suas pretenções em contrario, foi sinão secundario igual ao de individuos que não só lhe eram indifferentes como hostis. A sua influencia é mais superficial que profunda. Além de alguns artigos anodinos, esquecidos ou não cumpridos da Constituição, do lemma da bandeira, de certos dias feriados e de uma fraseologia incompetentemente empregada por individuos que nada tem de positivistas, [1] della se sente apenas o effeito nas tendencias para a dictadura, para o despreso systematico da lei, que introduziu na nossa politica. O proprio Sr. Sylvio Roméro não se furtou a esta ultima influencia, como prova o modo por que interveiu na politica de Sergipe e porque se defende dessa intervenção. O positivismo póde, acaso, contar essa victoria no seu activo e não sei que na especie tenha feito entre nós mais illustre recruta. O balanço, entretanto, da sua acção

---

[1] Frisante exemplo disso é um manifesto não ha muito publicado pelo Club Militar, com idéas e estylo positivistas, assignado por espiritistas, catholicos, livres pensadores, etc.

é contra elle e escrevendo o seu livro o Sr. Sylvio Roméro, não só fez, no seu ponto de vista, boa obra de pensador, de republicano e de patriota, como prestou um serviço relevante ao livre pensamento.

Da parte que sob o titulo de « explicação pessoal » additou o Sr. Sylvio Roméro a esta segunda edição do seu livro dispenso-me de dizer. Observarei apenas que nada obstante os seus argumentos e razões, ella está em flagrante contradicção com todo o livro, em manifesta incoherencia com toda a sua obra.

José Verissimo

OS INCUBOS EM PSYCHIATRIA[1]

Interpellações escriptas e oraes me obrigam a este artigo que vem como complemento daquelle aqui publicado com titulo analogo.[1] Perguntam-me uns, daquelles que crêem a palavra dos doutores da igreja sem examinal-a, si tambem a minha convicção é firme neste ponto; outros querem saber quaes os phenomenos pelos quaes se póde conhecer que o demonio se apossa de um individuo. A uns e outros responderei dizendo o que vem a ser hoje em dia, diante dos progressos da psychologia pathologica, esse acervo de factos estupendos e extraordinarios, que representaram um papel tão preponderante naquelles tempos em que a fé catholica, alimentada por poderes inconscientes, era a primeira preoccupação do povo.

Que os Incubos cáem sob o dominio da psychiatria, já a medicina ha muito que tirou a limpo. Na Salpétrière, esse enorme fóco da hysteria, o veneravel professor Charcot mostrou aos seus discipulos varios casos, comparando-os, para melhor realçar a similhança, com as mais completas descripções que nos deixaram testemunhos dos casos apparecidos nos tempos da feitiçaria.

Tomemos para termo de comparação alguns trechos da historia de Magdalena Bavent, uma das principaes victimas da possessão de Louvais, e nos sirvamos dessa mesma historia, contada com tanta minuciosidade, para estabelecer a natureza morbida desses phenomenos, o que aliás já foi feito por muitos pathologistas.

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de Novembro.

O demonio, dizia Magdalena Bavent que lhe appareceu pela primeira vez sob a figura de um gato da casa, que collocou duas de suas patas sobre os seus joelhos, e as duas outras sobre os hombros e aproximando a fauce muito perto da boca, com um olhar medonho, parecia querer tirar-lhe a communhão. Viu tambem muitas vezes como um bezourozinho muito preto, preso á grade, que lançava-se-lhe ao braço quando ia começar a falar; pesava-lhe tanto como uma casa, batia-lhe a cabeça contra as paredes, lançava-a por terra no locutorio. Do seu leito ouviu uma voz, como de alguma das religiosas, que a chamava; seriam onze horas e ella tinha dormido. Levantou-se, foi a porta da cella, e incontinente sentiu-se arrebatada, sem saber por quem nem como, perdendo logo todos os sentidos até que se viu em lugar desconhecido, onde havia muitos padres e algumas religiosas; e achou-se junto do padre Picard, que falou-lhe ternamente recordando-lhe haver dito que se veriam naquelle dia. Entre as coisas principaes que aconteceram ha porém uma, que deu-lhe muita afflicção, dôr e confusão, e que lhe dava ainda e lhe daria emquanto vivesse. Os demonios affligiam-a com crueldades, batiam-a na sua cella e em outros lugares; atiravam-na ao chão, e lhe deixavam muito pouco repouso. Era, porém, muito mais importunada pelo demonio que a seguia quasi por toda parte sob a fórma de um gato; por isso que esse gato infernal apenas lhe permittia comer, e tirava tudo de diante della; tirava-lhe mesmo da boca, e queria ter tudo.... Mas ha ainda coisa peor. Aconteceu-lhe duas vezes, entrando na cella, encontrar esse maldito gato em cima da sua cama, apresentando similhanças de homem, e atirando-se sobre ella subjugou-a, fazendo-a sentir torturas estranhas.

Eu calo o que a « malicia dos Padres » fez vêr a Magdalena, em um sabbath, onde foi a chamado de seu confessor Picard, que como se sabe, vivia realmente em peccado com esta demoniaca. Mas para esclarecimento da natureza dos phenomenos morbidos ainda assignalarei aqui que Magdalena era uma mulher precocemente perdida, dada a vicios como o tribadismo, tendo concebido e usado de manobras abortivas.

Quem compara esta historia autobiographica com a historia clinica da doente Genoveva da Salpétrière, não deixa de ficar surprehendido pela analogia, direi mesmo, pela identidade que

apresentam. Genoveva vê seu namorado todas as noites; apezar de lhe repugnar a frequencia de um homem casado, acaba cedendo, quando este lhe declara que é Camillo, uma antiga paixão de quando era mais moça. Colloquios de amor ou discussões amargas, scenas ainda mais intimas, tudo dá-se como com Magdalena. Para maior cumulo da identidade, ella tambem sente-se em estado interessante, apezar das precauções tomadas por Camillo e termina accusando um aborto.

Não precisa ser muito atilado para descobrir que ha, nestas duas historias um fundo commum. O conteúdo só do delirio é que variou, porque uma scena passa-se dois seculos depois da outra; o meio está completamente mudado; as acquisições intellectuaes não podem mais ser da mesma natureza.

Através de todos os tempos o homem poz-se em relação com o mundo exterior e adquiriu noções de sua propria individualidade por meio dos nervos periphericos, quer os que têm origem no encephalo, quer os que se ligam por suas raizes a medulla espinhal. O fluxo nervoso caminha, segundo a natureza do nervo, em ondas centripetas e centrifugas. As primeiras levam as excitações recebidas aos centros nervosos superiores, as ultimas reflectem sobre a peripheria a reacção por meio da qual esses centros respondem a excitação que lhes foi transmittida.

Na investigação attenta do phenomeno, o physiologista descobre sempre o facto importantissimo—que entre as correntes, que se dirigem aos centros nervosos superiores, umas são perennes e se manifestam desde o inicio da vida; passam completamente despercebidas no estudo hygido, deixando-se surprehender apenas nas alterações morbidas. Essas correntes são as que partem ou vêm ás diversas visceras, musculos, ossos, etc., e que constituem o fundo mesmo de nossa personalidade: é dessas correntes de intensidade tão fraca que se origina a consciencia de si mesmo o *ego*, o nucleo que permanece immutavel através das modificações todas que apresentamos, em consequencia do vae-vem constante das idéas adquiridas por todos os outros sentidos.

A outra categoria de correntes nervosas é intermittente; resulta da excitação deste ou daquelle apparelho sensorial e conduz aos centros superiores impressões que variam conforme a disposição terminal peripherica desses mesmos apparelhos. E' desta sorte

que temos as sensações luminosas, acusticas,
e tactis (contacto, pressão, calor, dor).

Todos os nucleos destes nervos periphe
nervos espinhaes, quer de nervos encephali
centraes ligados a varias regiões do cortex
tractos nervosos. De sorte que é esta parte do
tomada como o centro universal de todos os

Para todas as incitações motoras e para
tações sensitivas acham-se perfeitamente de
cortex onde ellas se processam e conhece-s
trajecto que seguem as fibras para lá chegar
pequeno numero de incitações sensitivas, e p
ainda bem assentado o lugar que occupam
cortex. Esse poqueno numero, porém, não imp
generalizar o que resultou dos conhecimentos

As excitações dos nervos periphericos
cellulas corticaes, modificações de tal naturez
conduzidos por esses nervos, ficam como grav
despertam ou sob a influencia de uma exc
lugar a uma imagem forte, positiva, ou deba
uma excitação psychica, originando imagens
ou imagens negativas. E' do conjunto de to
tadas pelos nervos periphericos e precipitad
cerebro que nasce essa exuberancia de idéas
constituem a intelligencia e o caracter de ca
as modalidades ou manifestações estudada

De toda esta digressão pelo dominio d
logica, o que devemos conservar como uma v
é sempre possivel reavivar uma imagem
nos centros corticaes do cerebro e dar-lhe o
deira imagem positiva.

As manifestações morbidas do espirito n
novos; consistem, em ultima analyse, em uma
namento mental por excesso ou por diminuiç

Os casos que foram antigamente conheci
de demonopathia, de incubos e succubos, ben
não são mais que manifestações allucinator
viduos predipostos por herança de um vici

degeneração hereditaria ou adquirida. Esses mesmos phenomenos nós vemos todos os dias, apenas elles modificam-se de accordo com as imagens, que os nossos allucinados actuaes trazem armazenados em suas cellulas corticaes.

Na idade média a preoccupação dominante era evitar a tentação do demonio, que os padres descreviam em imagens scintilantes e os artistas representavam sob as fórmas mais estupendas. As praticas monasticas entretidas pelos padres e tão vivamente descriptas nos depoimentos dos crimes de feitiçaria, terminavam sempre por determinar nos espiritos predispostos uma atmosphera propicia á manifestações morbidas da natureza daquellas que estamos analyzando.

As imagens armazenadas no cortex cerebral, sob a influencia perniciosa de certos motivos que davam lugar a excitação desse mesmo cortex, eram projectados ao exterior, adquirindo a feição das imagens positivas. Si a area excitada era, por exemplo, aquella adstricta ás imagens visuaes, só as allucinações da vista entravam em scena ; si a area do sentido auditivo ou genesico era a perturbada, allucinações auditivas ou de natureza genesica entravam a manifestar-se. E como ninguem póde dar sinão o que tem, segue-se que as allucinações, sendo um reavivamento das imagens ou idéas adquiridas, não podiam deixar de ser da natureza dessas mesmas imagens: eis porque as allucinações seguem a sorte da humanidade ; estão sempre de accordo com o ambiente do allucinado.

Esta proposição justifica a terminação de um artigo anterior, em que eu affirmei que os espiritos demoniacos seriam esquecidos, si as praticas do espiritismo não os resuscitassem. Não foi uma frase aerea que escrevi então; tenho muitas provas para documental-a, e poderia fazel-o si o lugar fosse adequado. Entretanto só para justificar a verdade scientifica de que as allucinações ou melhor o conteúdo de um delirio soffre a sorte do meio ambiente do delirante, citarei um caso.

Uma mulher, espirito suggestionavel, de baixa condição, frequentadora de sessões de espiritismo, perdeu o seu companheiro por morte natural. Desde então o espirito desse homem persegue-a com reprimendas, censuras, etc.; ora fala-lhe sob a forma de espirito puro, ora assume a forma de animaes diversos—ratos, cães, gatos, serpentes, etc. Missas ou objurgações espiritistas longe de lhe amainarem a colera, mais a incrementam. Consequencia: internação

no Hospicio. Além desta que vi em findo mez
outras victimas do espiritismo chegam-me no r
vinda de Nyteroi, outra desta capital; ambas
impressionadas pelos factos extranhos que pı
tiveram remedio sinão attribuir ao sobre
tinham capacidade para comprehendel-os ou

Por muito tempo os psychiatristas hesitaı
natureza cortical das allucinações. Em tres
divididas as varias opiniões daquelles que tra
pathogenia das allucinações. Uns acreditavam
irritação peripherica dos nervos; outros, como
séde desse phenomeno morbido para os nucle
(thalamo optico), e finalmente Tamburini es
com abundancia de argumentos, que a verdad
ção era no cortex cerebral, localização a que f
raveis investigações anatomicas de Meyne
physiologicas de Hitzig Münck e Ferrier, e pe
Broca e de quasi todos os nevropathologistas

Essa theoria, brilhantemente sustentada
espaço para todas as hypotheses apresent
outras localizações, e tem tão victoriosamente
é considerada hoje quasi como universal.

Em qualquer ponto do nervo que se ass
fóco de irritação, a consequencia physiologica
gação ou a transmissão da excitabilidade d
cortical respectivo, despertando reacção adeq
que despertaria uma excitação automatica sit
cortical.

A grande questão, no que respeita á pro
é a do terreno em que ella deve nascer. Ora,
simo nos degenerados e, portanto nos hysteric
parte são degenerados. Nestes existe a seme
sorial ; uma emoção violenta é condição suffi
minar essa semente.

Ahi está por que aquellas feiticeiras de ou
succubos, que apresentavam claros estigmas
sujeitos a esses delirios tendo por base multip

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

A *Revue des Revues* em seu numero de 15 de outubro traz um artigo de Ch. Banville sobre os romancistas americanos. Nota o Sr. Banville que acaba de dar-se nos Estados Unidos o que elle chama talvez exageradamente, « uma revolução literaria », e que consistiria em que os romancistas nacionaes que até agora só eram prezados pelos seus compatriotas depois que Inglaterra se lhes houvesse manifestado favoravel, começam a dispensar a ratificação ingleza e impõem-se ao publico e aos criticos londrinos. Essa victoria devem-na as letras americanas ás suas *revistas* e *magasines*. Aquellas deshabituaram os americanos da leitura dos periodicos inglezes e deram-lhe romances e contos dos escriptores nacionaes. Um critico russo estudando numa revista do seu paiz os romancistas contemporaneos dos Estados Unidos assevera que elles são tão numerosos como em qualquer paiz europeu, e que todos esses escriptores conseguiram differenciar-se dos romancistas inglezes e ser bem indigenas. O seu segundo traço caracteristico é que todos são alheios ás escolas literarias e aos partidos politicos. Ali o publico e a critica não querem saber da religião politica ou literaria do escriptor. Só lhes importa a obra. Os autores são portanto sempre sinceros e têm as mais desencontradas opiniões. Não sómente são *unpartisan* (estranhos aos partidos) no ponto de vista politico, mas ainda sob o aspecto esthetico e historico. A preponderancia das mulheres entre os romancistas americanos forma o terceiro traço caracteristico do romance americano.

Entre os romancistas americanos occupa um dos primeiros lugares Miss Alice French, com o pseudonymo de Octavio Thanet. Seu livro mais estimado é uma collecção de contos sobre a vida do Oéste, *Stories of a Western town*. Mrs. Burton Harrisse representa uma feição differente da Miss Alice French. Celebrizou-a o seu romance *Os anglomanos*,

em que mette a ridiculo as preferencias amer
glezas, o fraco das mulheres e dos democratas a
inglezes, a macaqueação importuna dos gostos i
mance *The bachelor maid,* combatendo as ten
da mulher americana teve um grande successo não
como na Inglaterra, onde Mrs. Harrisse é muito
Aring, escriptora de contos e novellas parece re
americana as animosidades do Sul contra o Norte.

Dentre os numerosos romancistas homens c
desperta é Jorge A. Hibbard. Estylista emerito
apreciado como um dos mais finos e delicados p
americano. Richard Harding Davis, que teve a
por Paulo Burget, é tambem um escriptor da soci
bard e Mme Harrison. E' mais um escriptor in
dos seus livros trata de uma these, Roberto C
pintor da vida americana das provincias de Léste

Assim como Miss French nos descreve o Oés
King o Sul, o Sr. Owen Wister se occupa muito p
mo Céste, da região dos desertos, dos pastores e

Além destes ha um crescido numero de e
nalguns dos quaes tem a critica muitas esperança
Géorge Cable, Hawthorne, William Howell, Ne
novos Brander Mathews, Robert Myerss, Miss Bli
Margaret Crosby e outros.

— Com o titulo de *Revista critica de histori*
saiu este anno em Madrid uma interessante pul
temos os cinco primeiros numeros consagrada a
tos e artigos que na Peninsula e fóra della se
historia geral ou literaria da Hespanha, de Port
panholas antigas e modernas, como tambem dos f
relacionem com esse fim. A nova revista é no g
Atheneum inglezes ou da *Revue critique* france
temos a vista são muito bons. Diversos dos m
ptores portuguezes occupam-se da parte relativa

— Do Pedagogium desta cidade recebemos
nisphera, Brazil e *Districto Federal,* desenhadas
editadas pelos Srs. Alves & C. e gravadas em Pa
nestas cartas é o tão bem imaginado por Vidal La
sejam acompanhadas de livrinhos de texto adapt
de noções dadas de accordo com as novas conce
phico de que o geographo francez faz acompanha

já é um progresso de bom augurio a notar no nosso material escolar para o ensino da geographia patria, ainda tão mal feito e tão descurado. As cartas estão correctas, bem desenhadas e nitidamente impressas. Nas indicações relativas á geographia economica escaparam entretanto algumas incorrecções ou pelo menos imprecisões que, emquanto não vem uma segunda edição, aos mestres incumbe corrigir.

— O mesmo Pedagogium inaugurou no anno findo, os seus cursos de physica e chimica, sciencias naturaes, agronomia e pedagogia, que foram regularmente seguidos.

— Um grupo de homens de letras, artistas e jornalistas, tenta neste momento aggremiar todos os confrades para realizar festas artistico-literarias.

A primeira effectuou-se com uma conferencia do Sr. Fausto Cardoso a proposito do *Livro de uma sogra* do Sr. Aluizio Azevedo, precedida e seguida de trechos musicaes pelos Srs. Lima Braga e Alberto Nepomuceno. Seguir-se-hão outras em que são os conferencistas os Srs. Coelho Netto, Sylvio Roméro e outros.

— Os artigos do Sr. Dr. Joaquim Nabuco publicados no *Jornal do Commercio* sobre a intervenção estrangeira durante a revolta da armada devem sair brevemente em livro. Os editores Laemmert & C., vão publicar com o titulo *Sertão* uma collecção de contos do nosso collaborador o Sr. Affonso Arinos. Os Srs. Fauchon & C. vão fazer uma nova edição dos *Cantos do Equador*, do Sr. Mello Moraes filho. Os mesmos editores têm no prelo a traducção do *Corvo* de Edgard Poe por Machado de Assis, em edição de luxo. Os Srs. Alves & C., além de varias edições escolares, publicarão em breve a segunda edição do *Atheneu* do Sr. Raul Pompeia. Com o titulo de *Férias* os Srs. Cunha & Irmão têm a imprimir uma collectanea feita pelo Sr. Max Fleiuss de trechos dos nossos principaes prosadores e poetas. Vão ser publicadas em livro as *Cartas da Inglaterra* escriptas de Londres para o *Jornal do Commercio* pelo sr. Ruy Barbosa.

BIBLIOGRAPH

57.—**Statement submitted by the United State**
sident of the United States of America a
sions of the treaty concluded September 7, 1889, betwen B
blic.—**Exposição que os Estados-Unidos do**
Presidente dos Estados-Unidos da America
pulações do tratado de 7 de Setembro de 1889, concluido e
gentina. New-York, 1894, I, XVI—286, pags.; II, XIX—275;
XXIII e 32 mappas; VI, XVI e 29 mappas.

Tal é o titulo em inglez e portuguez que tr
que como chefe da missão especial perante o
missões apresentou-lhe o Sr. Barão do Rio Bra
ão sabidos do publico taes obras onde, com
nais intelligente intimidade um saber seguro, u
ção concisa e clara e um indefesso labor, no
spor os documentos que hão de levar ao espir
rectidão da nossa causa e dos nossos sentime
sde alguns annos tão unanimemente festejado
no triumpho na secular questão das Missõe
certamente concorreu mais que tudo a justi
nbem ao digno chefe daquella missão de c
ados são vivo testemunho. A Exposição
tos a ella appensos formam seis tomos:
inglez; II, o texto original da exposição,
tos vertidos em inglez; IV, o texto origi
, dos documentos vertidos para o inglez
mappas precedidos de uma noticia e VI vi
outros mappas acompanham o tomo I e

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restrições algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, seja **como voluntario**, a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro** anno.

A. Hasselmann

GERENTE

ULTIMAS PUBLI

DA

LIVRARIA LAEMM

Machado de Assis — *Varias Historia* de 312 pag. in 16°, papel e typo *moyen-age*, pr

Valentim Magalhães — *Bric à brac*, capa illustrada de Julião Machado, preço .....
— *Vinte Contos*, 2ª edição corrigida, 1 vol.

Marcos Valente (V. Magalhães) — *Ph* philosophos de bonde). 1 nitido volume in 32°,

José Verissimo — *Estudos Brazileiro* 1 volume in 8° de 216 paginas, bem impresso..

Rodrigo Octavio — *Sonhos funestos*, em 3 actos e 4 quadros. 1 volume in 8° nitidan

Figueiredo Pimentel — *Um canalha*, 1 volume in 12° com capa illustrada .....

Fernando Osorio — *Historia do Gene* graphia deste illustre general e muitos episodios do Paraguay. 1 grosso volume ornado com o re

D. J. G. de Magalhães (Visconde de *e pensamentos*. 1 volume in 12° .....

Max Nordau — *As mentiras convenci* traducção de M. C. da Rocha. 3ª edição corrigid Encadernado .....

Olympio de Araujo — *Aquarellas*, 1 volume in 12° .....

Cesar de Carvalho — *Azulejos*, pequ rarios em prosa e verso. 1 volume .....

Bento Ernesto Junior — *Frondes*, coll

Casimiro de Abreu — Obras completa dida de uma noticia sobre o autor por M. Said Encadernado.....

Jorge Palmer (Visconde de Taunay) — breve exposição dos processos e applicação do hygiene do padre Sebastião Kneipp. Cura de Wo com estampas explicativas.....

Fausto A. Cardoso — *Concepção mo* ducção ao cosmos do direito e da moral. 1 vo Encadernado.....

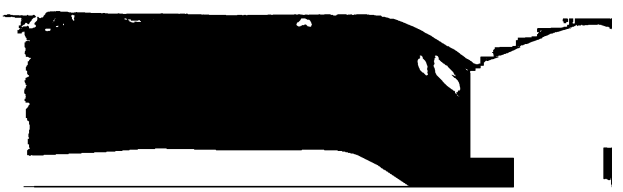
NO PRÉLO:

Salustiano Orlando — *Codigo Comm* melhorada e posta em dia.

LAEMMERT & C.

Rio de Janeiro

66, RUA DO OUVIDOR || 25, I



o seu indice especial e no fim do II ha um indice resumido de todos os documentos reunidos nos outros, « para facilitar a comparação dos textos originaes com a traducção ingleza » diz a advertencia posta á frente do II tomo de onde quasi integralmente extractamos esta descripção. A exposição assignada em fac-simile pelo Sr. Barão do Rio Branco é em verdade um modelo de concisão e precisão, de condensação de uma vasta materia em que nada util ficou esquecido e nada foi posto de mais. A sobriedade domina essa obra de saber e patriotismo, e si o A. se inspirou algumas vezes no methodo de confrontos e comparações, de accumulação, ás vezes fastidiosa, de provas de Caetano da Silva no seu livro estupendo *L'Oyapoc et l'Amazone*, leva-lhe decidida vantagem no ter sabido limitar-se ao necessario, sem aliás sacrificar o minimo do util. E' verdade, e não se deve esquecer, que aquelle escrevia um livro e este uma simples exposição, que devia ser lida pelo arbitro.

Desta obra que ficou da grande pendencia, não é menos interessante a riquissima collecção de mappas que para esclarecer a questão lhe foram juntados, entre os quaes se acham algumas reproducções photographicas e outras de peças verdadeiramente raras e preciosissimas para a cartographia sul-americana, tiradas dos originaes alguns manuscriptos existentes nos archivos hespanhóes e portuguezes e nos nossos e na Bibliotheca nacional de Paris.—J. V.

58.—**Vinte contos**, por Valentim Magalhães, 2ª edição corrigida, Rio de Janeiro, Laemmert & C., editores, 1895, in-16, 233 pags.

A naturalidade, a graça facil, a simplicidade, uma philosophia risonha e burgueza, são as qualidades dominantes deste livro de contos do Sr. V. M., já consagrado por uma primeira edição. O Sr. V. M. é verdadeiramente um contador amavel e interessante, que se faz escutar com prazer, e os seus contos si não pretendem á psychologia, não são por isso menos agradaveis de ler. Ao contrario, descançam a gente da literatura que se dá ares de grave, como uma boa palestra, levemente maledica e airada, repousa de graves e fastidiosas conversações. Acrescente-se que por vezes o espirito é do melhor, a ironia da mais fina, a graça da mais espontanea, e ver-se-á que é um livro agradavel o que novamente offerecem ao nosso tedio, á nossa tristeza os Srs. Laemmert & C., numa edição boa e muito commoda.—J. V.

BUSCHMANN, GUIMARÃ

50—RUA DOS OU

Rio de Jan

Pianos dos autores Pleyel
Frederico Buschman

UNICOS REPRESENTANTES DOS VERDA

JULIUS BLÜ

Sortimento Completo

— DE —

Musicas Nacionaes e

Artigos Concernentes a Fabricação

PREÇOS MOD

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

ULTIMAS PUBLIC

DA

LIVRARIA LAEMME

Machado de Assis — *Varias Historias*, c
de 312 pag. in 16°, papel e typo *moyen-age*, preço

Valentim Magalhães — *Bric à brac*, cont
capa illustrada de Julião Machado, preço .....
— *Vinte Contos*, 2ª edição corrigida, 1 vol. in 1

Marcos Valente (V. Magalhães) — *Philos*
philosophos de bonde), 1 nitido volume in 32°, pre

José Verissimo — *Estudos Brazileiros*, s
1 volume in 8° de 216 paginas, bem impresso.....

Rodrigo Octavio — *Sonhos funestos*, dram
em 3 actos e 4 quadros. 1 volume in 8° nitidament

Figueiredo Pimentel — *Um canalha*, rom
1 volume in 12° com capa illustrada .....

Fernando Osorio — *Historia do General*
graphia deste illustre general e muitos episodios int
do Paraguay. 1 grosso volume ornado com o retrat

D. J. G. de Magalhães (Visconde de Ara
e pensamentos. 1 volume in 12° .....

Max Nordau — *As mentiras convencionae*
traducção de M. C. da Rocha. 3ª edição corrigida, 1
Encadernado .....

Olympio de Araujo — *Aquarellas*, lind
1 volume in 12° .....

Cesar de Carvalho — *Azulejos*, pequena
rarios em prosa e verso. 1 volume .....

Bento Ernesto Junior — *Frondes*, collecçã

Casimiro de Abreu — Obras completas. N
dida de uma noticia sobre o autor por M. Said Ali
Encadernado.....

Jorge Palmer (Visconde de Tannay) — *Com*
breve exposição dos processos e applicação do novo
hygiene do padre Sebastião Kneipp, Cura de Woeris
com estampas explicativas .....

Fausto A. Cardoso — *Concepção monist*
ducção ao cosmos do direito e da moral. 1 volum
Encadernado.....

NO PRÉLO:

Salustiano Orlando — *Codigo Commerci*
melhorada e posta em dia.

LAEMMERT & C.,

Rio de Janeiro

66, RUA DO OUVIDOR ‖ 25, RU

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,

UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da MAGNESIA sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas a de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica,* para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos,* etc., etc.

USO

Adultos.—Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo,* indicado com muito proveito no tratamento da *anemia, leucemia, chlorose; nas infecções malarica, typhica, puerperal, purulenta* e em todos os estados *morbidos, dyscrasicos e dystrophicos.*

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais honrosos certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos clinicos, como se evidencia do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12 — RIO DE JANEIRO

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,

UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

JOSÉ VERISSIMO

SCENAS DA VIDA AMAZONICA

com um estudo das *Raças indigenas e mestiças da Amazonia,* contos e historietas, 1 grosso volume..... 3$000

A EDUCAÇÃO NACIONAL

estudo sobre a reconstituição do Brazil, sob a forma republicana : *A educação nacional — As caracteristicas brazileiras — A educação do caracter — A educação physica — A historia patria e a educação nacional — A geographia patria e a educação nacional — Brazil e Estados-Unidos,* 1 volume.. 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

PRIMEIRA SÉRIE : *A literatura brazileira — O lyrismo brazileiro — Os idolos amazonicos — A religião dos tupys guaranis — O nacionalismo na literatura — Castro Alves — A poesia popular brazileira,* etc., 1 volume..... 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

SEGUNDA SÉRIE : *O romance naturalista do Brazil — A nossa vida literaria — D. Pedro II — José de Alencar — O theatro nacional — Historia do Pará — Machado de Assis,* etc., 1 volume 5$000

LAEMMERT & C.

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

CARNE LIQUIDA

—« DO »—

Dr. Valdés Garcia

Premiado com Medalha de Ouro nas Exposições de Barcelona 1888, Paris 1889, Genova 1892, Chicago 1893 e Uruguay 1895

Está reconhecida officialmente por eminentes autoridades scientificas das principaes cidades do mundo como um excellente tonico e poderosissimo reconstituinte alimentar, indispensavel para os doentes convalescentes, pessoas debeis e crianças.

Não se confunda com os extractos de Carne que são consideradas como condimento, e não como preparações alimentares.

Exija-se a firma do Dr. Valdés Garcia para evitar equivocações

A' venda nas boas drogarias e pharmacias e no

DEPOSITO

B 1 Rua Senador Dantas B 1

REVUE DES REVUES

ET

Revue d'Europe et d'Amérique

Considérablement agrandie, paraît les 1er et les 15 de chaque mois. Elle est devenue *indispensable* à tous ceux qui veulent se tenir au courant du mouvement littéraire, artistique et scientifique du monde civilisé.

« Avec elle on sait tout, tout de suite » (AL. DUMAS FILS). « car la **Revue des Revues** est extrêmement bien faite et constitue une des lectures les plus intéressantes, les plus passionnantes et les plus amusantes » (FRANCISQUE SARCEY); « rien n'est plus utile que ce résumé du mouvement de l'esprit humain » (E. ZOLA); « elle a conquis une situation brillante et prépondérante parmiles grandes Revues françaises et étrangères » (*Les Débats*), etc.

La **Revue des Revues** donne des articles *inédits* des principaux écrivains français et étrangers; les *meilleurs* articles des Revues du monde entier; des romans et des nouvelles; articles richement *illustrés*; des *caricatures* politiques (les *meilleurs dessins* des humoristes européens); une revue des *livres*, des découvertes et inventions, etc., etc.

On s'abonne: chez tous les libraires, dans tous les bureaux de poste et par l'envoi d'une carte postale à la **Revue**, qui se charge de l'encaissement.

La **Revue** accorde de NOMBREUSES PRIMES à ses abonnés.

FRANCE . . . . . **14** francs par an, **9** francs par six mois.
ÉTRANGER . . . . . **18** — — **12** — —

RÉDACTION et ADMINISTRATION: **Paris, 32, rue de Verneuil**

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante*, therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades; *as bronchite* antiga ou recente, *rouquidão, inflammação da larynge, dôr e oppressão do peito, tosse, catarrho pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são agravados pelos resfriamentos, mudança brusca do tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, commette excessos; n'estes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal**, como *poderosissimo estimulante e expectorante* das mucosidades que se accumulam nos bronchios. V. do prospecto para seu uso.

Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação d'este valioso tonico e reconstituinte, é empregado o *purissimo vinho*, importado directamente de acreditados centros productores.

As conhecidas propriedades *medicamentosas das substancias* que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado**, o tornam preferivel e indicado em todos os casos de *debilidade, anemia, chlorose, lymphatismo, escrophulose, rachitismo* e principalmente nas *enfermidades do peito* e na *tuberculose pulmonar incipiente*.

O frasco é seguido do directorio para seu uso.

COLLEGIO ALIPIO

111, Haddock-Lobo, 111

TELEPHONE: 10,230

EXTERNATO E INTERNATO

Instrucção Primaria, Secundaria
e Curso Annexo.
Combinação harmonica dos methodos
mais aperfeiçoados

EDUCAÇÃO CIVICA

Director:

ALIPIO TELLES DE CARVALHO

DEPURATIVO VEGETAL DO SANGUE

— COM —

Approvação da Junta Central de Hygiene

CARVALHO FERREIRA & C.

93, RUA DA ASSEMBLÉA, 93

Esta precisa preparação, composta de salsa, caroba e sassafraz branco, é hoje o agente therapeutico preferido para a cura das impurezas do sangue. Confeccionada exclusivamente de vegetaes, offerece a grande vantagem de poder ser usada sem receio dos accidentes quasi sempre determinados pelos preparados destinados ao mesmo fim e principalmente por aquelles em cuja composição entram o iodureto de potassio e, sobretudo, o mercurio.

Clinicos reputadissimos a têm empregado com successo provado em todas as manifestações, quer geraes, quer locaes, da syphilis hereditaria e adquirida. Os rheumatismos musculares, syphilitico e gotoso, as hemorrhagias, os cancros, os bubões, as ulceras, os rhagadias ou greta, os darthros e eczemas, as dôres osteocopas e nocturnas, as exostoses, as tumores gommosos, as caries, as vegetações, as excrescencias, as nodoas, a raiva, os zoedins de ouvidos, syphiliticos, todas as molestias, emfim, syphiliticas ou pela syphilis entretidas, não resistem á acção curativa do nosso Depurativo Vegetal do Sangue.

Usa-se na dôse diaria de tres colheres de sôpa em meio copo de agua para cada colher.

Vende-se a 3$ o frasco e a 30$ a duzia de frascos

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico:—« TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO—ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

COLLEGIO AMERICANO BRAZILEIRO

131 Rua Haddock Lobo 131

Internato e Externato de Instrucção Primaria e Secundaria para meninas

Este instituto, na execução de seu programma de ensino integral, adopta os modernos processos experimentados com vantagem nos Estados Unidos da America do Norte.

O ensino das linguas, pratico e theorico, é exercido por professores das respectivas nacionalidades.

CORPO DOCENTE

CURSO DE SCIENCIAS E LETTRAS

Drs. Martins Teixeira, Alambary Luz, Carlos de Laet, A. Pinheiro, Alfredo Soares, Peres Machado, Desiré Mouren, L. Marchant, Mlle. De Fossey, Rosina Del-Vecchio, Elisa Matthiesen, Miss Julia Standen, Elvira Ribas, Ida Nathan, Abigail Nathan e Ernestina Monteiro de Barros.

Auxiliares do ensino: Mlles. Angela Santos, Maria Leopoldina Jacobina, America Del-Vecchio

CURSO DE ARTES

DESENHO E PINTURA

D. Maria Agnella Forneiro e Nicolá Facchinetti.

DANSA

Mme. Virginie Ferrari e Mlle. Henriqueta B. Giannini.

PIANO

Mr. Fertin de Vasconcellos, D. Marianna Rangel, D. Francisca Monteiro de Barros e D. Leonor Monteiro de Barros.

TRABALHOS DE AGULHA

D. Carlota M. Pinheiro e D. Paulina Monteiro de Barros Pereira da Silva

TRABALHOS MANUAES

Mlle. Eliza Matthiesen.

AULA DE GYMNASTICA

D. Ernestina Monteiro de Barros.

A Directora: *Evangelina Monteiro de Barros.*

Novidades Litterarias

Á VENDA NA

LIVRARIA LUSO-BRAZILEIRA

Rua da Quitanda 24

J. Guerra, Humorismos, 1 vol. br. . . . . 4$000
Viveiros de Castro, Idéas e Phantasias, 1 vol. br. . . . . 3$000
Sylvio Roméro, Philosophia do Direito, 1 vol. br. . . . . 5$000
Collecção das grandes obras illustradas — *Thomas Ribeiro e a sua Obra,* 1 vol. ricamente encadernado. . . . . 25$000
Carlos de Laet, Em Minas, 1 vol. br. . . . . 4$000

REVISTA BRAZILEIRA

66 - Rua do Ouvidor - 66

A gerencia encarrega-se de remetter pelo correio os livros annunciados na *Revista,* mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 % para as encommendas até 10$000, de 20 % para as de 10 a 20$000 e de 10 % para as de 20$000 para cima.

CHROMOS PARA FESTAS

E FELICITAÇÕES

EM TROCA DE SELLOS USADOS

A **Casa Philatelica** acaba de receber immenso e variadissimo sortimento de explendidos

CHROMOS PARA FELICITAÇÕES E FESTAS

DESTINADOS

especialmente para serem offerecidos em troca de sellos.

Por 500 sellos nacionaes usados, seja qual fôr a qualidade, fornecer-se-ha 1 linda collecção de 10 explendidos chromos e cartões de felicitações;—por 1.000 sellos nacionaes: 15 differentes chromos dos mais modernos e elegantes, de abrir, em gelatina, etc. no valor de 10$000

NÃO SE ACCEITAM REMESSAS INFERIORES A 500 SELLOS

VENDEM-SE:

Collecções de amostras de 30 ricos chromos differentes

de abrir, cartões de felicitações com texto em portuguez, religiosos, humoristicos etc., etc., valor 50$000 por 30$000. Estas collecções contêm verdadeiras preciosidades, sendo tudo de apurado gosto.

E' na casa PHILATELICA

1-A, Travessa de S. Francisco de Paula, 1-A

As assignaturas pagam-se na casa editora, rua do Ouvidor 66, na Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93, e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da Revista Brazileira

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

REVISTA BRAZILEIRA

AOS SRS. ASSIGNANTES

A administração da Revista Brazileira declara aos Srs. assignantes que sendo o serviço da distribuição da Revista feito com toda a regularidade e escrupuloso cuidado, as faltas que se derem, ao Correio somente devem ser imputadas.

Para poder remedial-as, pede-lhes sirvam-se communical-as, por escripto, ao gerente desta publicação, a quem tambem deverão participar com antecedencia qualquer mudança de endereço, não se responsabilisando a administração da Revista pela entrega, nem attendendo a reclamações quando não houver sido previamente avisada. Igualmente não será attendida nenhuma reclamação quando não fôr feita nos oito dias da entrega devida do fasciculo reclamado.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de satisfazerem as suas assignaturas, afim de não sermos obrigados a interromper a remessa da Revista.

Companhia Typographica do Brazil, Rua dos Invalidos 93

I ANNO — TOMO IV 24.° FASCICULO 15 DE DEZEMBRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. **Uma noite**, conto por **MACHADO DE ASSIS** 321
II. **O Padre José Mauricio**, (*continuação*) pelo **VISCONDE DE TAUNAY** 334
III. **O Credito**, comedia, II acto por **JOSÉ DE ALENCAR** 342
IV. **A Litteratura Brazileira** por **MUCIO TEIXEIRA** 366
V. **A Industria Nacional**, (*continuação*) por **GETULIO DAS NEVES** da Escola Polytechnica 380
VI. **A Opera « Moema »** de **RODRIGUES BARBOZA** 391
VII. **Indice do Tomo IV** 398

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno..... 30$000 — Semestre... 16$000

EXTERIOR

Anno..... 35$000 — Semestre.. 20$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na *Revista*, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

REVISTA BRAZILEIRA

Opinião da Imprensa

« A *Revista Brazileira* vem satisfazer um elevado *desideratum* dando um orgão de valor á actividade espiritual da nossa civilisação...

... Recrutando seus collaboradores no escol da aristocracia intellectual da sociedade brazileira, aberta francamente a todas as contribuições de valor que venhão illuminar os debates dos grandes problemas sociaes, politicos, artisticos, philosophicos ou scientificos, com uma direcção intelligente e gerencia activa, a *Revista* está destinada a crear em pouco tempo uma vasta autoridade moral entre nós.»

(*Jornal do Commercio*).

« Fiel á sua promessa appareceu-nos no dia 1° de Janeiro... o primeiro numero da *Revista*... Folgamos de vêr que o fasciculo da estréa corresponde ao que se esperava, dando-nos materia variada, de pennas habeis e estimadas... Seria injusto esquecer nesta occasião o esmero artistico dado pela benemerita casa Laemmert ao trabalho de impressão que é excellente.»

« Com louvavel pontualidade sahio a publico o segundo numero da *Revista*... e com elle apenas se avigora a confiança que sempre depositamos no generoso tentamen litterario.»

(*Gazeta de Noticias*).

« Devido aos fartos e valiosos recursos intellectuaes com que se apresenta ao publico, a *Revista Brazileira* conseguio fazer-se o mais brilhante successo litterario do corrente anno, tornando-se digna de franco e decidido apoio por parte dos que se interessão pelo desenvolvimento do nosso progresso intellectual.»

(*Minas Geraes*, de Ouro Preto)

«... Voltemo-nos para o acontecimento litterario da semana que foi a *Revista Brazileira*.

E' a terceira que com este titulo se inicia. O primeiro numero agradou a toda a gente que ama este genero de publicações; e a aptidão especial do Sr. J. Verissimo director da *Revista*, é boa garantia dos que se lhe seguirem.»

(Chronica « A Semana », da *Gazeta de Noticias*).

« A litteratura nacional teve magnificas festas do Anno Bom com o apparecimento da *Revista Brazileira* que vem—é o caso de empregar a velha chapa—preencher uma lacuna, continuando uma tradição brilhante.»

(Chronica da *Palestra*, de Arthur Azevedo, n'*O Paiz*).

A Revista Brazileira é editada pela casa LAEMMERT & C. rua do Ouvidor 66 e dirigida pelo Sr. JOSE' VERISSIMO.

ASSIGNA-SE NAQUELLA CASA

e nas principaes Livrarias dos Estados

FILTROS PASTEUR FILTROS

Vendem-se no deposito dos unicos agentes

de la Societé Anonyme du FILTRE CHAMBERLAND SYSTÉME PASTEUR—PARIS

Para o Brazil

EMANUELE CRESTA & C.

Rua da Quitanda, 44

RIO DE JANEIRO

RIO-DE-JANEIRO

Rua de S. CHRISTOVÃO. Nº 129

DECLARAÇÃO NECESSARIA

A Marcenaria Brazileira tendo succedido as firmas commerciaes de **MOREIRA SANTOS** e **MOREIRA, CARVALHO & C.**, ex-proprietarias da antiga fabrica de moveis **MOREIRA SANTOS**, que funccionou desde **1850** á **rua Senador Pompeu,** nesta Capital Federal, avisa pela presente aos seus numerosos freguezes e ao respeitavel publico que mudou a sua fabrica, desde **1891**, para o edificio proprio, á **rua de S. Christovão n. 129,** e o seu deposito central, á **rua da Constituição n. 3.**

Tendo chegado ao seu conhecimento que alguns de seus antigos freguezes do interior e desta capital ainda tem procurado nesse mesmo local a nossa fabrica, por esse motivo faz a presente declaração, afim de tornar bem patentes os logares para onde actualmente devem dirigir as suas encommendas.

Augmentadas e dispondo de material necessario para o desenvolvimento dessa manufactura, acham-se actualmente nossas officinas aptas para a confecção de toda e qualquer encommenda que pertença ao nosso ramo de industria e nesse sentido espera merecer a mesma confiança com que tem sido honrada até esta data.

Aproveita a opportunidade para declarar que tendo registrado na Junta Commercial a marca de sua fabrica a qual encima esta declaração, resolveu com a mesma carimbar todos seus moveis.

A DIRECTORIA.

FABRICA

129, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 129

Deposito central e Escriptorio — Rua da Constituição n. 3

GRANDE MANUFACTURA NACIONAL

DE

MOVEIS A VAPOR

Premiada na Exposição Industrial de 1881 e na Internacional de Buenos Ayres e na Exposição preparatoria para Universal de Pariz e com a medalha de prata na Universal de Pariz de 1889

CASA FUNDADA EM 1860

MARTINS FILHOS & C.

RUA DO REGENTE NS. 33, 35, 40 E 42

Martins Filhos & C.

TELEPHONE 850

TINTEIROS ELVAKTA

Chama-se a attenção dos negociantes desta praça para esses tinteiros, invenção nova e já vantajosamente conhecida.

Evitam a entrada de poeira na tinta, a evaporação, o derramamento, tornando-se portanto muito economicos.

VENDE-SE EM CASA DE

HAMPSHIRE & C.

80 RUA THEOPHILO OTTONI 80

E EM TODAS AS PAPELARIAS E CASAS DE FAZENDA

FABRICA NACIONAL DE TINTAS

para escrever, copiar e marcar roupa

Perfumarias, Oleos e Lacres de côres, etc.

Gomma-arabica liquida em vidros

Premiada com 12 medalhas em varias exposições nacionaes, estrangeiras e associações scientificas

CASA FUNDADA EM 1864

CARDOSO MONTEIRO & C.

A fabrica de tintas de C. MONTEIRO para escrever é a unica no seu genero estabelecida nos Estados Unidos do Brazil a competir com as mais acreditadas fabricas estrangeiras neste artigo, e a que maior numero de premios tem obtido como industria brazileira, e montada como se acha no **Becco de João Baptista ns. 18 e 20** está nas condições de servir com presteza todos os seus numerosos freguezes em todos os Estados da Republica do Brazil.

A antiguidade da nossa fabrica com perto de 30 annos de existencia, os premios obtidos para seus productos e o credito adquirido para elles são garantias de sua excellente qualidade.

As tintas azul-preta e preta nacional brazileira são adoptadas nas repartições publicas e em muitos bancos da Capital Federal.

VENDEM-SE EM TODAS AS CASAS DE COMMERCIO E LIVRARIAS

DR. F. HUMPHREYS

Todos os especificos, boticas e a *Marcellia Curativa*, do celebre Dr. Humphreys, de New York, á venda nas principaes drogarias e pharmacias, encontram-se permanentemente á ***RUA DOS OURIVES N. 29*** (entre Assembléa e Sete de Setembro), casa de ***F. PAULO DE FREITAS***, onde os preços são modicos, se distribuem manuaes explicativos, gratis, em diversas linguas e attende-se com a maior solicitude aos Srs. consumidores.

Rio de Janeiro

UMA NOITE

I

— Você sabe que não tenho pai nem mãi, — começou a dizer o tenente Isidoro ao alferes Martinho. Já lhe disse tambem que estudei na Escola Central. O que não sabe é que não foi o simples patriotismo que me trouxe ao Paraguay; tambem não foi ambição militar. Que sou patriota, e me baterei agora, ainda que a guerra dure dez annos, é verdade, é o que me aguenta e me aguentará até o fim. Lá postos de coronel nem general não são commigo. Mas, si não foi immediatamente nenhum desses motivos, foi outro; foi, foi outro, uma allucinação. Minha irman quiz dissuadir-me, meu cunhado tambem; o mais que alcançaram foi que não viesse soldado raso, pedi um posto de tenente, quizeram dar-me o de capitão, mas fiquei em tenente. Para consolar a familia, disse que, si mostrasse geito para a guerra, subiria a major ou coronel; si não, voltaria tenente, como dantes. Nunca tive ambições de qualquer especie. Quizeram fazer-me deputado provincial no Rio de Janeiro, recusei a candidatura, dizendo que não tinha idéas politicas. Um sujeito, meio gracioso, quiz persuadir-me que as idéas viriam com o diploma, ou então com os discursos que eu mesmo proferisse na assembléa legislativa. Respondi que, estando a assembléa em Nitherohy, e morando eu na Côrte, achava muito aborrecida a meia hora de viagem que teria de fazer na barca, todos os dias, durante dous mezes, salvo as prorogações. Pilheria contra pilheria; deixaram-me socegado...

II

Os dois officiaes estavam nas avançadas do acampamento de Tuyuty. Eram ambos voluntarios, tinham recebido o baptismo de fogo na batalha de 24 de maio. Corriam agora aquelles longos mezes de inacção, que só terminou em meiados de 1867. Isidoro e Martinho não se conheciam antes da guerra, um viera do Norte, outro do Rio de Janeiro. A convivencia os fez amigos, o coração tambem, e afinal a idade, que era no tenente de vinte e oito annos, e no alferes de vinte e cinco. Physicamente, não se pareciam nada. O alferes Martinho era antes baixo que alto, enxuto de carnes, o rosto moreno, maçans salientes, bocca fina, risonha, maneiras alegres. Isidoro não se podia dizer triste, mas estava longe de ser jovial. Sorria algumas vezes, conversava com interesse. Usava grandes bigodes. Era alto e elegante, peito grosso, quadris largos, cintura fina.

Semanas antes, tinham estado no theatro do acampamento. Este era agora uma especie de villa improvizada, com espectaculos, bailes, bilhares, um periodico e muita casa de commercio. A comedia representada trouxe á memoria do alferes uma aventura amorosa que lhe succedera nas Alagôas, onde nascera. Si não a contou logo, foi por vergonha; agora, porém, como estivesse passeando com o tenente e lhe falasse das caboclinhas do norte, Martinho não poude ter mão em si e referiu os seus primeiros amores. Podiam não valer muito; mas foram elles que o levaram para o Recife, onde alcançou um lugar na secretaria do governo; sobrevindo a guerra, alistou-se com o posto de alferes. Quando acabou a narração, viu que Isidoro tinha os olhos no chão, parecendo ler por letras invisiveis alguma historia analoga. Perguntou-lhe o que era.

— A minha historia é mais longa e mais tragica, respondeu Isidoro.

— Tenho as orelhas grandes, posso ouvir historias compridas, replicou o alferes rindo. Quanto a ser tragica, olhe que passar, como eu passei, mettido no cannavial, á espera de cinco ou dez tiros que me levassem, não é historia de farça. Vamos, conte; si é coisa triste, eu sou amigo para tristezas.

Isidoro começou a sentir desejo de contar a alguem uma situação penosa e aborrecida, causa da allucinação que o levou á

guerra. Batia-lhe o coração, a palavra forcejava por subir á bocca, a memoria ia accendendo todos os recantos do cerebro. Quiz resistir, tirou dois charutos, offereceu um ao alferes, e falou dos tiros das avançadas. Brazileiros e paraguayos tiroteavam naquella occasião,—o que era commum,—pontuando com balas de espingarda a conversação. Algumas dellas coincidiam por ventura com os pontos finaes das frases, levando a morte a alguem; mas que essa pontuação fosse sempre exacta ou não, era indifferente aos dois rapazes. O tempo acostumara-os á troca de balas; era como si ouvissem rodar carros pelas ruas de uma cidade em paz. Martinho insistia pela confidencia.

— Levará mais tempo que fumar este charuto?

— Póde levar menos, póde tambem levar uma caixa inteira, redarguiu Isidoro; tudo depende de ser resumido ou completo. Em acampamento, ha de ser resumido. Olhe que nunca referi isto a ninguem; você é o primeiro e o ultimo.

III

Isidoro principiou como vimos e continuou desta maneira:

Moravamos em um arrabalde do Rio de Janeiro; minha irman não estava ainda casada, mas já estava pedida; eu continuava os estudos. Vagando uma casa fronteira á nossa, meu futuro cunhado quiz alugal-a, e foi ter com o dono, um negociante da rua do Hospicio.

— Está meio ajustada, disse este; a pessoa ficou de mandar-me a carta de fiança amanhan de manhan. Si não vier, é sua.

Mal dizia isto, entrou na loja uma senhora, moça, vestida de luto, com um menino pela mão; dirigiu-se ao commerciante e entregou-lhe um papel; era a carta de fiança. Meu cunhado viu que não podia fazer nada, comprimentou e saiu. No dia seguinte, começaram a vir os trastes; dois dias depois estavam os novos moradores em casa. Eram tres pessoas; a tal moça de luto, o pequeno que a acompanhou á rua do Hospicio, e a mãi della, D. Leonor, senhora velha e doente. Com pouco, soubemos que a moça, D. Camilla, tinha vinte e cinco annos de idade, era viuva de um anno, tendo

perdido o marido ao fim de cinco mezes de casamento. Não appareciam muito. Tinham duas escravas velhas. Iam á missa ao domingo. Uma vez, minha irman e a viuva encontraram-se ao pé da pia, comprimentaram-se com affabilidade. A moça levava a mãi pelo braço. Vestiam com decencia, sem luxo.

Minha mãi adoeceu. As duas vizinhas fronteiras mandavam saber della todas as manhans e offerecer os seus serviços. Restabelecendo-se, minha mãi quiz ir pessoalmente agradecer-lhes as attenções. Voltou captiva.

— Parece muito boa gente, disse-nos. Trataram-me como si fossemos amigas de muito tempo, cuidadosas, fechando uma janella, pedindo-me que mudasse de lugar por causa do vento. A filha, como é moça, desfazia-se mais em obsequios. Perguntou-me porque não levei Claudina, e elogiou-a muito; já sabe do casamento, e acha que o Dr. Lacerda dá um excellente marido.

— De mim não disse nada? perguntei eu rindo.

— Nada.

Tres dias depois vieram ellas agradecer o favor da visita pessoal de minha mãi. Não estando em casa, não pude vel-as. Quando me deram noticia, ao jantar, achei commigo que as visinhas pareciam querer metter-se á cara da gente, e pensei tambem que tudo podia ser urdido pela moça, para aproximar-se de mim. Eu era fatuo. Suppunha-me o mais bello homem do bairro e da cidade, o mais elegante, o mais fino, tinha algumas namoradas de passagem, e já contava uma aventura secreta. Póde ser que ella me veja todos os dias, á saida é á volta, disse commigo, e acrescentei por chacota: a vizinha quer despir o luto e vestir a solidão. Em substancia, sentia-me lisongeado.

Antes de um mez, estavam as relações travadas, minha irman e a vizinha eram amigas. Comecei a vel-a em nossa casa. Era bonita e graciosa, tinha os olhos garços e ria por elles. Posto conservasse o luto, temperado por alguns laços de fita roxa, o total da figura não era melancolico. A belleza vencia a tristeza. O gesto rapido, o andar ligeiro, não permittiam attitudes saudosas nem pensativas. Mas, quando permittissem, a indole de Camilla era alegre, ruidosa, expansiva. Chegava a ser estouvada. Falava muito e ria muito, ria a cada passo, em desproporção com a causa, e, não raro, sem causa alguma. Póde dizer-se que saía fóra da conta e da linha necessarias;

mas, nem por isso enfadava, antes captivava. Tambem é certo que a presença de um extranho devolvia a moça ao gesto encolhido; a simples conversação grave bastava a fazel-a grave. Em summa, o freio da educação apenas moderava a natureza irrequieta e voluvel. Soubemos por ella mesma que a mãi era viuva de um capitão de fragata, de cujo meio soldo vivia, além das rendas de umas casinhas que lhe deixara o primeiro marido, seu pai. Ella, Camilla, fazia colletes e roupas brancas. Minha irman, ao contar-me isto, disse-me que tivera uma sensação de vexame e de pena, e mudou de conversa; tudo inutil, porque a vizinha ria sempre, e contava rindo que trabalhava de manhan, porque, á noite, o branco lhe fazia mal aos olhos. Não cantava desde que perdera o marido, mas a mãi dizia que «a voz era de um anjo.» Ao piano era divina; passava a alma aos dedos, não aquella alma tumultuosa, mas outra mais quieta, mais doce, tão mettida comsigo que chegava a esquecer-se deste mundo. O applauso fazia-a fugir, como pomba assustada, e a outra alma passava aos dedos para tocar uma peça jovial qualquer, uma polka por exemplo, —meu Deus! ás vezes, um lundú.

Você crê naturalmente que essa moça me enfeitiçou. Nem podia ser outra coisa. O diabo da viuvinha entrou-me pelo coração saltando ao som de um pandeiro. Era tentadora sem falar nem rir; falando e rindo era peor. O pessimo é que eu sentia nella não sei que correspondencia dos meus sentimentos mal sopitados. A's vezes, esquecendo-me a olhar para ella, acordava repentinamente, e achava os della fitos em mim. Já lhe disse que eram garços. Disse tambem que ria por elles. Naquellas occasiões, porém, não tinham o riso do costume, nem sei si conservavam a mesma côr. A côr póde ser, não a via, não sentia mais que o peso grande de uma alma escondida dentro delles. Era talvez a mesma que lhe passava aos dedos quando tocava. Toda essa mulher devia ser feita de fogo e nervos. Antes de dois mezes estava apaixonado, e quiz fugir-lhe. Deixe-me dizer-lhe toda a minha corrupção, — nem pensava em casar, nem podia ficar ao pé della, sem arrebatal-a um dia e leval-a ao inferno. Comecei a não estar em casa, quando ella ia lá, e não acompanhava a familia á casa della. Camilla não deu por isso na primeira semana, — ou simulou que não. Passados mais dias, perguntou a minha irman:

— O doutor Isidoro está zangado comnosco?

— Não! por que?

— Já nos não visita. São estudos, não? Ou namoro, quem sabe? Ha namoro no becco, concluiu rindo.

— Rindo? perguntei a minha irman, quando me repetiu as palavras de Camilla.

A pergunta em si era uma confissão; o tom em que a fiz, outra; a seriedade que me ficou, outra e maior. Minha irman quiz explicar a amiga. Eu de mim para mim, jurei que não a veria nunca mais. Dois dias depois, sabendo que ella vinha á nossa casa, deixei-me estar com o pretexto de me doer a cabeça; mas, em vez de me fechar no gabinete, fui vel-a rir ou fazel-a rir. A commoção que lhe vi nos primeiros instantes, reconciliou-nos. Reatamos o fio que iamos tecendo, sem saber bem onde pararia a obra. Já então ia só a casa dellas; meu pai estava enfraquecendo muito, minha mãi fazia-lhe companhia: minha irman ficava com o noivo, eu ia só. Não percamos tempo que os tiros se aproximam, e póde ser que nos chamem. Dentro de dez dias estavamos declarados. O amor de Camilla devia ser forte; o meu era fortissimo. Foi na sala de visitas, sosinhos, a mãi cochilava na sala de jantar. Camilla, que falava tanto e sem parar, não achou palavra que dissesse. Eu agarrei-lhe a mão, quiz puxal-a a mim; ella, offegante, deixou-se cair numa cadeira. Inclinei-me, desatinado, para lhe dar um beijo; Camilla desviou a cabeça, recuou a cadeira com força e quasi caiu para traz.

— Adeus, adeus, até amanhan, murmurou ella.

No dia seguinte, como eu formulasse o pedido de casamento, respondeu-me que pensasse em outra cousa.

— Nós nos amamos, disse ella; o senhor ama-me desde muito, e quer casar commigo, apesar de ser uma triste viuva pobre...

— Quem lhe fala nisso? Deixa de ser viuva, nem pobre, nem triste.

— Sim, mas ha um obstaculo. Mamãi está muito doente, não quero desamparal-a.

— Desamparal-a? seremos dois ao pé della, em vez de uma só pessoa. A razão não serve, Camilla; ha de haver outra.

— Não tenho outra. Fiz esta promessa a mim mesma que só me casaria depois que mamãi se fosse deste mundo. Ella, por mais

que saiba do amor que lhe tenho, e da protecção que o senhor lhe dará, ficará pensando que eu vou para meu marido, e que ella passará a ser uma aggregada incommoda. Ha de achar natural que eu pense mais no senhor que nella.

— Póde ser que a razão seja verdadeira: mas o sentimento, Camilla, é exquisito, sem deixar de ser digno. Pois não é natural até que o seu casamento lhe dê a ella mais força e alegria, vendo que a não deixa sosinha no mundo?

Talvez que esta objecção a abalasse um pouco; reflectiu, mas insistiu.

— Mamãi vive principalmente das minhas caricias, da minha alegria, dos meus cuidados, que são só para ella...

— Pois vamos consultal-a.

— Si a consultarmos quererá que nos casemos logo.

— Então não supporá que fica sendo aggregada incommoda.

— Já, já, não; mas pensal-o-a mais tarde; e quer que lhe diga tudo? Hade pensal-o e com razão. Eu, provavelmente, serei toda de meu marido; durante a lua de mel, pelo menos, — continuou rindo, e concluiu triste: — e a lua de mel póde leval-a. Não, não; se me ama deveras, esperemos; a minha velha morrerá ou sarará. Si não póde esperar, paciencia.

Creio que lhe vi os olhos humidos; o riso que ria por elles deixou-se velar um pouco daquella chuvasinha passageira. Concordei em esperar, com o plano secreto de communicar á mãi de Camilla os nossos desejos, afim de que ella propria nos ligasse as mãos. Não disse nada a meus pais, certo de que ambos aceitariam a escolha; mas ainda contra a vontade delles, casaria. Minha irman soube de tudo, approvou tudo, e tomou a si guiar as negociações com a velha enferma. Entretanto, a paixão de Camilla não lhe trocou a indole. Tagarella, mas graciosa, risonha sem banalidade, toda vida e movimento... Não me canço em repetir essas cousas. Tinha dias tristes ou calados; eram aquelles em que a molestia da mãi parecia aggravar-se. Eu padecia com a mudança, uma vez que a vida da mãi era empecilho á nossa ventura; sentimento mau, que me enchia de vergonha e de remorsos. Não quero cançal-o com as palavras que trocavamos e foram infinitas, menos ainda com os versos que lhe fiz; é verdade, Martinho, cheguei ao extremo de fazer versos; lia os de outros para compor os meus, e d'ahi

fiquei com tal ou qual somma de imagens e de expressões poeticas...

Um dia, ao almoço, ouvimos rumor na escada, vozes confusas, choro ; mandei ver o que era. Uma das escravas da casa fronteira vinha dar noticia... Cuidei que era a morte da velha, e tive uma sensação de prazer. Ai, meu amigo! a verdade era outra e terrivel.

— Nhã Camilla está douda!

Não sei o que fiz, nem por onde saí, mas instantes depois entrava pela casa dellas. Nunca pude ter memoria clara dos primeiros instantes. Vi a pobre velha, caida num sofá da sala; vinham de dentro os gritos de Camilla. Si acudi ou não á velha, não sei; mas é provavel que corresse logo para o interior, onde dei com a moça furiosa, torcendo-se para escapar ás mãos de dois calceteiros que trabalhavam na rua e acudiram ao pedido de soccorro de uma das escravas. Quiz ajudal-os ; pensei em influir nella com a minha pessoa, com a minha palavra; mas, ao que cuido, não via nem ouvia nada. Não affirmo tambem si lhe disse alguma coisa e o que foi. Os gritos da moça eram agudos, os movimentos raivosos, a força grande; tinha o vestido rasgado, os cabellos despenteados. Minha familia chegou logo ; o inspector de quarteirão e um medico appareceram e deram as primeiras ordens. Eu, tonto, não sabia que fizesse, achava-me num estado que podia ser contagio do terrivel accesso. Camilla pareceu melhorar, não forcejava por desvencilhar-se dos homens que a retinham; estes, confiando na quietação della, soltaram-lhe os braços. Veiu outra crise, ella atirou-se para a escada, e teria lá chegado e rolado, si eu não a sustivesse pelos vestidos. Quiz voltar-se para mim ; mas os homens acudiram e novamente a retiveram.

Algumas horas correram, antes que as ordens todas da autoridade fossem expedidas e cumpridas. Minha irman veiu ter commigo para levar-me para a outra sala ou para casa ; recusei. Uma vez ainda a exaltação e o furor de Camilla cessaram, mas os homens não lhe deixaram os braços soltos. Quando se repetiu o phenomeno, o prazo foi mais longo, fizeram sental-a, os homens afrouxaram os braços. Eu, cozido á parede, fiquei a olhar para ella, notando que as palavras eram já poucas, e, si ainda sem sentido, não eram afflictas, nem ella repetia os guinchos agudos. Os olhos vagavam sem ver; mas, fitando-me de passagem, tornaram a mim,

e ficaram parados alguns segundos, rindo como era costume delles quando tinham saude. Camilla chamou-me, não pelo nome, disse-me que fosse ter com ella. Acudi promptamente, sem dizer nada.

— Chegue-se mais.

Obedeci; ella quiz estender-me a mão, o homem que a segurava, reteve-a com força; eu disse-lhe que deixasse, não fazia mal, era um instante. Camilla deu-me a mão livre, eu dei-lhe a minha. A principio, não tirou os olhos dos meus; mas já então não ria por elles, tinha-os quietos e apagados. De repente, levou a minha mão á bocca, como si fosse beijal-a. Tendo libertado a outra (foi tudo rapido) segurou a minha com força e cravou-lhe furiosamente os dentes; soltei um grito. A bocca ficou-lhe cheia de sangue. Veja; tenho ainda os signaes nestes dois dedos...

Não me quero demorar neste ponto da minha historia. Digo-lhe summariamente que os medicos entenderam necessario recolher Camilla ao Hospicio de Pedro II. A mãi morreu quinze dias depois. Eu fui concluir os meus estudos na Europa. Minha irman casou, meu pai não durou muito, minha mãi acompanhou-o de perto. Pouco tempo depois, minha irman e meu cunhado foram ter commigo. Já me acharam não esquecido, mas consolado. Quando tornámos ao Rio de Janeiro passavam quatro annos daquelles acontecimentos. Fomos morar juntos, mas em outro bairro. Nada soubemos de Camilla, nem indagamos nada; ao menos eu.

Uma noite, porém, andando a passear, aborrecido, começou a chover, e entrei num theatro. Não sabia da peça, nem do autor, nem do numero de actos; o bilheteiro disse-me que ia começar o segundo. Na terceira ou quarta scena, vejo entrar uma mulher, que me abalou todo; pareceu-me Camilla. Fazia um papel de ingenua, creio; entrou lentamente e travou frouxamente um dialogo com o galan. Não tinha que ver; era a propria voz de Camilla. Mas, si ella estava no Hospicio, como podia achar-se no theatro? si havia sarado, como se fizera actriz? Era natural que estivesse a costurar, e si alguma coisa lhe restava das casinhas da mãi... Perguntei a um visinho da platéa como se chamava aquella dama.

— Placida, respondeu-me.

Não é ella, pensei; mas reflectindo que podia ter mudado de nome, quiz saber si estava ha muito tempo no theatro.

— Não sei; appareceu aqui ha mezes. Acho que é novata na scena, fala muito arrastado, tem talento.

Não podia ser Camilla; mas tão depressa achava que não, um gesto da mulher, uma inflexão de voz, qualquer coisa me dizia que era ella mesma. No intervallo lembrou-me de ir á caixa do theatro. Não conhecia ninguem, não sabia si era facil entrar desconhecido, cheguei á porta de communicação e bati. Ninguem a abriu nem perguntou quem era. D'ahi a nada vi sair de dentro um homem, que empurrou simplesmente a porta e deixou-a cair. Puxei a porta e entrei. Fiquei aturdido no meio do movimento; criei animo e perguntei a um empregado si podia falar a D. Placida. Respondeu-me que provavelmente estava mudando de trajo, mas que fosse com elle. Chegando á porta de um camarim, bateu.

— D. Placida?

— Quem é?

— Está aqui um senhor que lhe deseja falar.

— Que espere!

A voz era della. O sangue entrou a correr-me accelerado; afastei-me um pouco e esperei. Minutos depois, a porta do camarim abriu-se, saiu uma criada; emfim, a porta escancarou-se, e appareceu a figura de actriz. Aproximei-me, e fizemos theatro no theatro: reconhecemo-nos um ao outro. Entrei no camarim, apertámos as mãos, e durante algum tempo não pudemos dizer nada. Ella, por baixo do carmim, empallidecera; eu senti-me livido. Ouvi apitar; era o contra-regra que mandava subir o panno.

— Vai subir o panno, disse-me ella com a voz lenta e abafada. Entro na segunda scena. Espera-me?

— Espero.

— Venha cá para os bastidores.

Falei-lhe ainda duas vezes nos bastidores. Soube na conversação onde morava, e que morava só. Como a chuva augmentasse e caisse agora a jorros, offereci-lhe o meu carro. Aceitou. Saí para alugar um carro de praça; no fim do espectaculo, mandei que a recebesse á porta do theatro, e acompanhei-a dando-lhe o braço, no meio do espanto de actores e empregados. Depois que ella entrou, despedi-me.

— Não, não, disse ella. Pois ha de ir por baixo d'agua? Entre tambem, venha deixar-me á porta.

Entrei e partimos. Durante os primeiros instantes, parecia-me delirar. Após quatro annos de separação e ausencia, quando suppunha aquella senhora em outra parte, eis-me dentro de uma carruagem com ella, duas horas depois de a tornar a ver. A chuva que caia forte, o tropel dos cavallos, o rodar da carruagem, e por fim a noite, complicavam a situação do meu espirito. Cria-me doudo. Vencia a commoção falando, mas as palavras não teriam grande ligação entre si, nem seriam muitas. Não queria falar da mãi; menos ainda perguntar-lhe pelos acontecimentos que a trouxeram á carreira de actriz. Camilla é que me disse que estivera doente, que perdera a mãi fóra da Côrte, e que entrára para o theatro por ver um dia uma peça em scena; mas sentia que não tinha vocação. Ganho a minha vida, concluiu. Ao ouvir esta palavra, apertei-lhe a mão cheio de pena; ella apertou a minha e não a soltou mais. Ambas ficaram sobre o joelho della. Estremeci; não lhe perguntei quem a levara ao theatro, onde vira a peça que a fez fazer-se actriz. Deixei estar a mão no joelho. Camilla falava lentamente, como em scena; mas a commoção aqui era natural. Perguntou-me pelos meus; disse-lhe o que havia. Quando falei do casamento de minha irman, senti que me apertou os dedos; imaginei que era a recordação do mallogro do nosso. Emfim, chegamos. Fil-a descer, ella entrou depressa no corredor, onde uma preta a esperava.

— Adeus, disse-lhe.

— Está chovendo muito; porque não toma chá commigo?

Não tinha a menor vontade de ir-me; ao contrario, queria ficar, a todo custo, tal era a resurreição das sensações de outr'ora. Entretranto, não sei que força de respeito me detinha á soleira da porta. Disse que sim e que não.

— Suba, suba, replicou ella dando-me o braço.

A sala era trastejada com simplicidade, antes vizinha da pobreza que da mediania. Camilla tirou a capa, e sentou-se no sofá, ao pé de mim. Vista agora, sem o caio nem o carmim do theatro, era uma creatura pallida, representando os seus vinte e nove annos, um tanto fatigada, mas ainda bella, e acaso mais cheia de corpo. Abria e fechava um leque desnecessario. As vezes apoiava nelle o queixo e fitava os olhos no chão, ouvindo-me. Estava commovida, de certo; falava pouco e a medo. A fala e os gestos não eram os de outro tempo, não tinham a volubilidade e a agitação,

que a caracterizavam; dir-se-ia que a lingua acompanhava de longe o pensamento, ao envez de outr'ora, em que o pensamento mal emparelhava com a lingua. Não era a minha Camilla; era talvez a de outro; mas, que tinha que não fosse a mesma? Assim pensava eu, á medida da nossa conversação sem assumpto. Falavamos de tudo o que não eramos, ou nada tinha com a nossa vida de quatro annos passados; mas isso mesmo era disperso, desalinhado, roto, uma palavra aqui, outra ali, sem interesse apparente ou real. De uma vez perguntei-lhe:

— Espera ficar no theatro muito tempo?

— Creio que sim, disse ella; ao menos, emquanto não acabar a educação de meu sobrinho.

— E' verdade; deve estar um mocinho.

— Tem onze annos, vai fazer doze.

— Mora com a senhora? perguntei depois de um minuto de pausa.

—Não; está no collegio. Já lhe disse que moro só. Minha companhia é este piano velho, concluiu levantando-se e indo a um canto, onde vi pela primeira vez um pequeno piano, ao pé da porta da alcova.

— Vamos ver si elle é seu amigo, disse-lhe.

Camilla não hesitou em tocar. Tocou uma peça que acertou de ser a primeira que executara em nossa casa, quatro annos antes. Acaso ou proposito? Custava-me a crer que fosse proposito, e o acaso vinha cheio de mysterios. O destino ligava-nos outra vez, por qualquer vinculo, legitimo ou espurio? Tudo me parecia assim; o noivo antigo dava de si apenas um amante de arribação. Tive impeto de aproximar-me della, derrear-lhe a cabeça e beijal-a muito. Não teria tempo; a preta veiu dizer que o chá estava na mesa.

— Desculpe a pobresa da casa, disse ella entrando na sala de jantar. Sabe que nunca fui rica.

Sentámo-nos defronte um do outro. A preta serviu o chá e saiu. Ao comer não havia differença de outr'ora, comia de vagar; mas isso, e o gesto encolhido, e a fala a modo que amarrada, davam um composto tão diverso do que era antigamente, que eu podia amal-a agora sem peccado. Não lhe estou dizendo o que sinto hoje; estou mostrando francamente a você a falta de delicadeza da minha alma.

O respeito que me detivera um instante á soleira da porta, já me não detinha agora á porta da alcova.

— Em que é que pensa? perguntou ella após certa pausa.

— Penso em dizer-lhe adeus, respondi estendendo-lhe a mão; é tarde.

— Que signaes são estes? perguntou ella olhando-me para os dedos.

Certamente empallideci. Respondi que eram signaes de um golpe antigo. Mirou muito a mão; eu cuidei a principio que era um pretexto para não soltal-a logo; depois occorreu-me se acaso alguma reminiscencia vaga emergia dos velhos destroços do delirio.

— A sua mão treme, disse ella, querendo sorrir.

Uma idéa traz outra. Saberia ella que estivera louca? Outra depois e mais terrivel. Essa mulher que conheci tão esperta e agil, e que agora me apparecia tão morta, era o fructo da tristeza da vida e de successos que eu ignorava, ou puro effeito do delirio, que lhe torcera e esgalhára o espirito? Ambas as hypotheses,—a segunda principalmente,—deram-me uma sensação complexa, que não sei definir,—pena, repugnancia, pavor. Levantei-me e fitei-a por alguns instantes.

— A chuva ainda não parou, disse ella; voltemos para a sala.

Voltamos para a sala. Tornou ao sofá commigo. Quanto mais olhava para ella, mais sentia que era uma aleijada do espirito, uma convalescente da loucura... A minha repugnancia crescia, a pena tambem; ella, fitando-me os olhos que já não sabiam rir, segurou-me a mão com ambas as suas; eu levantei-me para sair...

Isidoro deu uma volta e caiu; uma bala paraguaya varou-lhe o coração, estava morto. Não se conheceu outro amigo ao alferes. Por muitas semanas o pobre Martinho não disse uma só chalaça. Em compensação, continuou sempre bravo e disciplinado. No dia em que o marechal Caxias, dando novo impulso á guerra, marchou para Tuyu-Cuê, ninguem foi mais resoluto que elle, ninguem mais certo de acabar capitão; acabou major.

MACHADO DE ASSIS

O PADRE JOSÉ MAURICIO[1]

II

Não é descabido nem falto de interesse, antes de continuarmos este rapido e nada methodico esboço biographico do nosso grande José Mauricio, procurarmos evocar aqui do esquecimento em que caiu a figura de Marcos de Portugal [2] tão importante e respeitada no mundo musical, em começos do cadente seculo.

A sua vida, que occupa não poucas paginas da *Biographia universal dos musicos* de Fetis, depois das investigações mais individuadas de Innocencio da Silva [3] e do intelligente e cuidadoso apanhado feito por Joaquim de Vasconcellos no seu diccionario *Musicos portuguezes*, da pag. 44 a 132, tomo II, está perfeitamente aclarada e poucos pontos de duvida ainda offerece a pacientes investigadores.

Em 1787, o maestro portuguez, tendo de idade 25 annos, colhêra em Genova pasmoso triumpho com a sua opera *La baceleta portentosa* e, desde então, as suas producções scenicas, em numero de 29, representadas na Italia, foram outras tantas victorias nos primeiros theatros daquelle paiz, donde passaram para todos os mais da Europa. Sete annos depois, em 1794, cantou-se em Milão, no meio de grande enthusiasmo o *Demofoonte*, que é considerado a sua obra prima e quatro annos após, *Fernando no Mexico*, com exito ainda maior, se possivel fôra. «No genero serio, diz F. Fetis, o *Demofoonte* e *Fernando no Mexico* collocaram Marcos Portugal entre os melhores

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de Novembro.

[2] Marcos Antonio da Fonseca Portugal. Nascêra em Lisboa a 24 de março de 1762.

[3] *Archivo pitoresco*, Tomo XI, pags. 241, 290, 311, 334 e 350.

compositores da Italia, onde os seus trabalhos eram acolhidos com unanimes applausos.»

Num periodo de 11 annos mais de duas dezenas de operas suas foram ali representadas, o que deixa bem patente a pasmosa facilidade com que as escrevia. Dentre essas, subiram 20 á scena em Lisboa, 7 na Allemanha, 3 na Russia, 1 em Londres; e quando, em 1801, por ordem de Napoleão se reabriu, em Pariz, o Theatro italiano, uma das peças representadas logo foi *Il sedicente filosofo*, da lavra do maestro portuguez.

Não sómente o seu renome artistico era dos mais estrondosos no mundo musical de então, apezar do terrivel tinir das armas, que devia abafar todos os outros *ruidos* como se haviam as suas composições tornado obrigadas ás mais notaveis festas artisticas.

Assim não se dava concerto algum em que deixassem de figurar as celebres arias, que as cantoras Catalani e Bellington, destacando-as da *Semiramide* e *Sofonisbe*, gorgeavam admiravelmente e tinham popularizado em todas as côrtes da Europa.

Na correspondencia familiar dos contemporaneos—um dos melhores subsidios, de certo, que a critica moderna encontra para a restauração do passado e reconstituição dos caracteres que nelle tiveram algum vulto e significação—achamos especificação muito particular do extraordinario orgulho de que se possuira Marcos Portugal, pela sua rapida e brilhante carreira, orgulho incommodativo ás pessoas da habitual convivencia e que não pouco ridiculo para si chamava, provocando malquerença e desagradaveis reacções.

Em carta a seu pai, residente em Lisboa, escrevia a 29 de outubro de 1811 Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, official de secretaria no Rio de Janeiro sobre Marcos Portugal, e aquella data não deixa duvidas acerca do anno em que viera o maestro para o Brazil:

«Aqui teve elle uma especie do estupor, de cujo ataque ficou leso de um braço; tinha obtido de S. A. R. uma sege effectiva, ração de guarda roupa, 600$000 de ordenado e do real bolsinho aquillo que S. A. R. julgasse lhe era proprio e conveniente; além disto, ser director geral de todas as funcções publicas, assim de igreja, como de theatros, e em qualquer sentido; e para o *parto* espera tambem uma commenda.»

A 7 de outubro de 1812, esse mesmo Marrocos escrevia ainda, referindo-se ás attenções que Marcos Portugal merecia da gente da côrte, imitando os exemplos partidos da familia real: «Está feito um lord com *fumos mui subidos*. Por certa aria que elle compoz para cantarem tres fidalgas em dia dos annos de outra, fez-lhe o conselheiro Joaquim José de Azevedo um magnifico presente, que consistia em 12 garrafas de vinho de champagne (cada garrafa no valor de 2$800 réis) e 12 duzias de vinho do Porto. Elle já quer ser commendador e argumenta com Franzini e José Monteiro da Rocha.»

A 28 de setembro de 1813 o mesmo ferino critico correspondente, insistindo naquella nota satyrica, escrevia:

« Esse barão d'Alamiré tem ganhado a aversão de todos pela sua fanfarronice, ainda maior que a do pão de ló (*sic*): é tão grande a sua impostura e soberba por estar acolhido á graça de S. A. R. que tem levantado contra si a maior parte dos mesmos que o obsequiaram: é notavel a sua circumspecção, olhos carregados, cortejos de superioridade, emfim apparencias ridiculas e de charlatão. Já tem desmerecido nas suas composições, e um grande musico e compositor de Pernambuco que aqui vive e um seu antagonista, mostra a todos que o quizerem ver os lugares que Marcos furta de outros autores, publicando-os como originaes.»

Que grande musico e compositor de Pernambuco seria esse de que fala Santos Marrocos? Não nos diz. Parece certo referir-se a José Mauricio, mas este não era nortista. Demais não estava na sua indole paciente e soffredora andar desfazendo por esse modo no tão illustre companheiro d'arte, bem que este já então não poucos dissabores lhe fizera curtir.

« Como está, prosegue a carta de Santos Marrocos, constituido director do theatro e funcções musicaes, quanto á musica tem formado grandes intrigas entre musicos e actores, do que se tem originado enormes desordens. Do novo theatro que vai abrir-se para o dia 12 de outubro e que tem sido feito á imitação e grandeza do de S. Carlos, a troco de despezas incriveis, queria Marcos ser despotico director com 2:000$ réis além de beneficios e o melhor camarote de bocca; como encontrasse duvidas no seu emprezario, tem-se empenhado em desviar os cantores e para isso obrigando-os a exigir grandes mezadas.

« E' riso vel-o á janella e em publico, todo empoado e emproado, como quem está governando o mundo; mas emfim tem um grande padrinho e por ser este quem é, vê-se affagado por todos. Bem-dizia o desembargador Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, chamando-lhe o *rapsodista Marcos.*

« O Placido irmão de Militão, morreu ha dias de suas grandes molestias e com elle vagaram tres officios; o maior que é de *Inquiridor das justificações do Reino*, no conselho da Fazenda e que rende de 4 para 5.000 cruzados, foi logo requerido por 36 pessoas, entre ellas alguns guarda-roupas; porém a todos elles foi preferido o Sr. Marcos Antonio Portugal, a quem S. A. R. conferiu a propriedade do dito officio, com uma pensão de 400$ annuaes para a irman do dito Placido, ora aqui recolhida no convento da Ajuda. »

Em relação ao irmão de Marcos, Simão Portugal, tambem musico de nota e que até tocava melhor piano do que elle [1], dizia Santos Marrocos:

« O tal Simão é organista da Capella real com os seus 300$ réis e appendices, ignoro si com ração: porém, o irmão tem'no introduzido com os seus conhecimentos, de sorte que ha grangeado muitos discipulos e discipulas, que mandam suas seges á casa buscal-o; eu o tenho visto mil vezes nas ditas seges e entre ellas a da duqueza de Cadaval; por isto não tem razão de lamentar-se, porque é mui natural lhe provenham grandes interesses do seu exercicio. »

Parece que todos esses sentimentos hostis de Santos Marrocos provinham, ou se haviam exacerbado, com o pouco caso que o maestro mostrara por uns manuscriptos enviados pelo pai, Francisco José dos Santos Marrocos, bibliothecario no paço da Ajuda, em Lisboa, ao Regente D. João.

Em data de 3 de julho de 1812, dizia elle, do Rio de Janeiro: « Tambem me lembra communicar a V. Mercê para guardar no seu canhenho, que o rapsodista Marcos Antonio Portugal, celebre candidato na fidalguia pela escala de dó, ré, mi, indo ver os manuscriptos, teve a insolentissima ousadia de me dizer, *que todos elles juntos nada valiam e que S. A. R. não fez bem em os mandar vir, antes deviam ser recolhidos na Torre do Tombo*! Logo me lembrou o dito do Horacio *risum teneatis, amici?* porém, mettendo a coisa a disfarce, olhando

[1] Joaquim de Vasconcellos, *Os musicos portuguezes*, Tomo II, pag. 132.

para os ares lhe respondi que o tempo estava mudado e promettia chuva. Foi tão besta que não entendeu; antes, dando quatro fungadellas, voltou as costas e poz-se a ler os versos de Thomaz Pinto Brandão. Que lastima! »

Não era porem a opinião de Santos Marrocos de peso na côrte e em assumptos musicaes, e mais se augmentou a intoleravel fatuidade de Marcos Portugal com a sua eleição, em 1815, a socio correspondente do Instituto de França por indicação dos grandes compositores francezes Monsigny, Lesueur e Méhul, que o tinham como disseram na proposta, em conta de *um dos homens que mais serviços prestaram ás artes*.

A's accusações de profundamente vaidoso que lhe faziam os contemporaneos, responde Joaquim de Vasconcellos com enthusiasmo:

« Vaidoso! Pudera; não o podia ser um homem recebido e victoriado em toda a Italia, nos primeiros theatros de Turim, Verona, Florença, Milão, Napoles, Bolonha, Ferrara, Veneza, Placencia, um homem cuja fama tinha penetrado na França, na Allemanha, na Inglaterra, até na Russia, na America, no velho e no novo mundo?

«... De certo que todas as honras que conseguira haviam afinal de convencer o artista do seu merito e então negavam-lhe a convicção do seu justo valor?

« Dizem, que, quando estava na côrte occupando o seu lugar, se tornava reparado pelos seus ademanes excessivos, improprio do lugar e dos actos religiosos; os invejosos vão até mais longe, dizendo que era tão pretencioso que regia a orchestra do theatro de S. João de um camarote. Concebe-se similhante absurdo? »

Não ha duvida possivel; a importancia musical e a nomeada de Marcos Portugal eram grandes, muito grandes no tempo e no meio em que viveu. Entretanto, pouco duraram e quasi que de repente se fez em torno desse nome silencio e silencio tão inquebravel, que fôra, cremos, um impossivel levantal-o das profundas do esquecimento, em que se abysmou.

Cumpre, porém, respeitando a verdade historica, não desconhecer o elevadissimo conceito que dos contemporaneos merecera. Tratando-se de musica, deve-se enxergar nelle um destes fulgentes astros, estrella até de primeira grandeza, que de subito desapparecem para sempre dos céus, sem deixar de si o menor signal. E a um

desses se refere Tycho-Brahe em seus calculos astronomicos, portanto em época relativamente proxima da nossa.

Marcos Portugal, filho todo elle da escola italiana, em caminho de completa decadencia, a que teria logo chegado si não fôra o genio exuberante e omnimodo de Rossini, Marcos Portugal compondo com extrema facilidade pelo uso e abuso das formulas convencionaes, commodas e muito batidas do seu tempo, não soube ou não poude infundir em nenhuma das suas obras essa força e musculatura, capazes de salvar uma producção, ou por inteiro ou em alguma das suas partes, da acção dos annos ou da depressão do confronto com outras, dotadas de mais inspiração e vitalidade.

Não dava elle, como aliás os melhores mestres italianos nos fins do seculo passado, valor algum á orchestra, que se tornava mero e monotono acompanhamento, ficando perdidos todos os immensos recursos, que della já tirava a escola alleman. Visava só ao effeito vocal, fazendo de todas as occasiões e situações dramaticas pretexto para interminavel successão ou antes deducção de *volatas*, *fiorituri*, *grupetti* e *trinados* encadeados. Era um gorgear sem fim, sem vigor, sem contraposições, uma tonalidade uniforme sem claros, nem escuros, com chavões hoje insupportaveis aos nossos ouvidos, *chapas* e acervo de banalidades melodicas inaturaveis ao mais fanatico enthusiasta das melodias de Bellini e Donizetti.

Acreditamos, comtudo, que a sua aria *Son regina*, que Fetis chama famosa, cavallo de batalha da Catalani, e que Joaquim de Vasconcellos analysa com algum cuidado e bastante benevolencia, acreditamos que produza ainda agradavel impressão, cantada por voz fresca e bem educada; mas, quando ha agora tanta cousa notavel a ouvir-se, pelo impulso que á musica moderna deu o genio de Ricardo Wagner, querer, com o illustre biographo portuguez, resuscitar Marcos Portugal, é uma dessas tentativas só possiveis ás exagerações do *chauvinismo*.

D'onde provinha, porém, a maneira, flacida, diluida, affectada e piégas do tão applaudido *Portogallo*. Da escola que adoptara desde os primeiros tempos da sua mocidade e, força é convir, da unica que podia ter seguido por grande numero de razões, muitas até de ordem geographica. E, nem de proposito, conceituado escriptor (verdade é que de passagem) affirma que Marcos Portugal fôra discipulo de Haydn!

Si tal se tivesse dado. natural é que com o talento de que incontestavelmente dispunha o maestro portuguez. a sua obra. em vez de afundar-se no olvido e no silencio. ter-se-ia pelo contrario erguido cada vez mais, pois nella estariam contidos os germens dessas grandes novidades que decorrem em linha recta dos primeiros classicos allemães e tamanha influencia tem nos melhores productos da arte hodierna.

Marcos Portugal nunca foi. nem podia ter sido. discipulo de Haydn. Nome muitissimo mais modesto — e com bons motivos perfeitamente desconhecido — o maestro Borselli, professor em Lisboa e cantor lá pelos annos de 1770 e tantos, dirigiu os seus estudos.

Como poderia, além disto, receber lições do eximio mestre allemão? Nunca viajou elle a Allemanha, e Haydn só saiu da sua patria para ir duas vezes a Londres dar concertos.

Por todas as razões, pois, de separação—desde as escolas completamente antagonicas até as de distancias nunca vencidas — não ha relação alguma entre o esquecido Marcos Portugal e o inolvidavel, immortal, Francisco José Haydn.

Das 40 operas de Marcos Portugal, já dissemos, 29 foram cantadas em varios theatros da Italia, 20 em Lisboa, 7 na Allemanha, 3 na Russia, 1 em Pariz, 1 em Londres e 3 no Rio de Janeiro. Foram estas : 1°. *Demofoonte*, executada no theatro regio de S. João a 17 de dezembro de 1811, anniversario da rainha D. Maria I. Entre os cantores só havia a primadona italiana, uma tal Scaramelli, que creara o papel em Lisboa no theatro S. Carlos em 1806. 2°. *L'oro non compra amore*, cantada a 22 de agosto de 1817. 3.° *Mérope*, a 8 de novembro daquelle anno de 1817.

Ignoramos si dessas 40 partituras, algumas foram dadas aos prélos e existem impressas.

A obra sacra de Marcos Portugal é muito copiosa e dellas se executam, ainda hoje, não poucas nas festas religiosas do Rio de Janeiro. São mais notaveis a *Missa a grande orchestra*, cantada na capella real em 1814 e o *Te-Deum* executado em 1820.

Marcos Portugal, conforme vimos na carta de Santos Marrocos, soffrera em 1811, já no Rio de Janeiro, um primeiro ataque apoplectico ; em 1817 teve segundo, e do terceiro veiu a fallecer a 7 de fevereiro de 1830, quasi completos 68 annos de idade.

Por occasião da partida do rei D. João VI, ficara no Brazil por vontade propria ou a isso forçado, o que é mais provavel. Embora protegido sempre pelo principe regente D. Pedro, depois imperador, supportou não pequenos desgostos, soffreu grandes córtes nos seus honorarios e teria no fim dos velhos dias curtido até miserias, si não encontrasse carinhoso amparo na casa da marqueza de Aguiar.

Duramente expiou Marcos Portugal o muito orgulho que de si tinha, alliado á extrema e pueril vaidade.

VISCONDE DE TAUNAY

(*Continúa*)

O CREDITO[1]

COMEDIA EM CINCO ACTOS EM PROSA

A scena é no Rio de Janeiro e de actualidade

ACTO SEGUNDO

Mesma decoração com a differença que é noite: a lua apparece no fundo sobre o arvoredo, as janellas e a porta da casa estão illuminadas interiormente.

SCENA I

MACEDO E OLIVEIRA

(Ao levantar do panno Oliveira sai da casa e encontra-se com Macedo que passeia fumando)

Macedo

Então, falou ao Pacheco?

Oliveira

Falei; porém nada obtive.

Macedo

Não cedeu?

Oliveira

Qual!

---

[1] Quando na nota de que acompanhamos o 1º acto desta comedia (V. *Revista* de 1 de Dezembro) dissemol-a inedita, referiamo-nos naturalmente a publicidade pela imprensa e não a do palco.

N. DA R.

Macedo

E' teimoso.

Oliveira

E' uma pedra.

Macedo

Que razões deu elle?

Oliveira

As mesmas de hontem. Disse-me que no momento em que me casar com Julieta entrega-me o dote que lhe destina, duzentos contos de réis, porém antes nem um vintem.

Macedo

Devia explicar-lhe que não pede dinheiro e sim a sua firma no endosso das letras.

Oliveira

Expliquei-lhe tudo, mostrei-lhe que sendo o prazo das letras á tres mezes, e devendo eu casar-me muito antes, si eu não as pagasse no vencimento, elle poderia descontal-as do dote de sua filha.

Macedo

E que respondeu ?

Oliveira

Que o futuro pertence a Deus, e que ninguem sabe do dia de amanhan.

Macedo

Terá desconfiado?

Oliveira

De que ? Da minha intenção de não casar-me?

Macedo

Sim.

Oliveira

Não: a principio tive a mesma idéa; porém desvaneceu-se logo.

Macedo

Por que?

Oliveira

Porque acabou declarando-me que o negocio estava nas minhas mãos: que si eu quizesse podia casar-me amanhan, e amanhan mesmo receberia o que elle tem de me dar.

Macedo

Pois então case-se!

Oliveira

Com duzentos contos! Uma ninharia!...

Macedo

Mas lembre-se que amanhan sem falta precisamos de setenta.

Oliveira

Lembro-me!

Macedo

E não sei onde os iremos buscar: nossas firmas já estão muito carregadas.

Oliveira

Uma emissão de acções! O seguro tem subido.

Macedo

E' verdade; porém já temos mais de seis mil na Praça.

Oliveira

E não é possivel demorar-se por alguns dias essa operação? Sabbado talvez o Pacheco se tenha resolvido, vou recorrer a Julieta.

Macedo

E' um bom meio, que já devia ter empregado. Quanto á demora é impossivel: a todo o momento póde divulgar-se o segredo do dividendo e perdemos a transacção.

Oliveira

Mas está bem certo que ella nos dará lucro?... Porque já são duas... *(Borges sai de casa e vem aproximando-se).*

Macedo

Esta é segura. O dividendo hade ser de doze mil réis, coisa que ninguem espera; compramos amanhan, dinheiro á vista, dez mil dividendos á sete mil réis, tres dias depois recebemos os setenta contos, e mais trinta e cinco de lucro. Não póde haver especulação mais... *(volta-se).*

Oliveira *(baixo.*

E' o Borges.

SCENA II

OS MESMOS E BORGES

Borges

Conversavam em particular? Vim talvez interrompel-os?

Macedo

Não: falavamos de coisas indifferentes.

Oliveira

Saimos para tomar um pouco de fresco.

Borges

Desejava dar-lhe uma palavra, Sr. Macedo.

Macedo

Immediatamente ?

Borges

Sim.

Macedo

As suas ordens.

Borges

O senhor permitte ?

Oliveira

Oh ! Sem duvida. (*Borges passa do lado do portão*).

Macedo (*baixo a Oliveira*)

Um cheque.

Oliveira (*sorrindo*)

De D. Olympia ?

Macedo

Já lhe disse que são calumnias.

Oliveira (*rindo*)

Acredito.

Macedo

Espere, temos que falar ainda.

Oliveira

Bem. (*afasta-se para o fundo. Macedo dirige-se ao portão, Borges vem a elle*).

SCENA III

MACEDO E BORGES

Borges

Meu amigo, tenho tantas vezes abusado de sua bondade que me acanho...

Macedo

Não tem razão : sabe que estou sempre disposto a servir ás pessoas a quem estimo.

Borges

Vejo-me obrigado ainda a recorrer ao senhor para livrar-me de um grande embaraço. Preciso de algum dinheiro.

Macedo

A occasião agora é má, estou no desembolço de grandes quantias. Certas negociações.

Borges

Asseguro-lhe que é a ultima vez que o incommodo. Tenho esperança de poder breve pagar-lhe o que já lhe devo : só não poderei pagar a amizade e os obsequios immensos que nos tem feito. Mas o meu reconhecimento...

Macedo

Conta então com algum auxilio ?

Borges

Em segredo, eu lhe digo : o senhor é amigo, e posso confiar-me. O casamento de Christina com o filho do Pacheco, é coisa quasi decidida : elles se amam, o pai e a mãi sabem e vêem até com prazer. Talvez que um destes dias seja pedida...

Macedo

Ah ! Tinha já uma inclinaçãosita : mas não julgava as coisas tão adiantadas. Dou-lhe o parabem. E' uma fortuna !

Borges

Já vê que realizado esse casamento, minha filha rica não deixará de pagar as dividas que seu pai contrahiu para a sua educação !...

Macedo

De certo, e até mesmo nem precisa fazer sacrificio, basta que o rapaz entregue os seus capitaes a um homem habil que saiba fazel-os girar para em pouco tempo tirar lucros enormes.

Borges

E' justamente a minha idéa : Hipolyto é um moço intelligente, e si elle unir-se a um homem como o senhor fará uma bella carreira.

Macedo

Obrigado, meu amigo. Amanhan irei vel-o e farei o possivel para cumprir as suas ordens.

Borges

Fico-lhe infinitamente agradecido.

Macedo

Não tem de que (*Borges entra*)

SCENA IV

MACEDO E OLIVEIRA

Oliveira

Pagou ?

Macedo

Não, aceitei a um dia de vista.

Oliveira

Sem desconto ?

Macedo

Integralmente, e lancei o primeiro fio de uma grande operação.

Oliveira

Sobre aquella Praça ; duvido! Parece-me que está em crise monetaria.

Macedo

Que pensa? E' o melhor tempo para a especulação.

Oliveira

Póde ser, mas tenho as minhas duvidas.

Macedo

Mas sobre o nosso negocio... Não se esqueça de pedir a Julieta...

Oliveira

Agora mesmo.

Macedo

Do meu lado, eu tocarei o Pacheco.

Oliveira

Vai falar-lhe ? Peça-lhe que venha...

Macedo

Nessa não caio, no momento em que lhe disser que desejo falar-lhe encolhe-se como uma ostra dentro da casca. Ha de ser de repente.

Oliveira

E' inutil : não consegue nada.

Macedo

Quem sabe. *(Vão conversando para a porta: saem Hipolyto e Rodrigo; este pede fogo a Macedo e acende o charuto),*

SCENA V

HIPOLYTO E RODRIGO

Hipolyto

Sinceramente, não te comprehendo.

Rodrigc

Por que ?

Hipolyto

Duvidas de tudo.

Rodrigo

Ao contrario. (*Macedo e Oliveira entram na casa*).

Hipolyto

Ainda hoje não te disse uma palavra que a tua resposta não fosse «talvez».

Rodrigo

E chamas a isto duvidar ?

Hipolyto

De certo.

Rodrigo

E si eu affirmasse ?

Hipolyto

Como ?

Rodrigo

Si eu affirmasse que te enganas ?

Hipolyto

Ah !... *(depois de uma pausa)*. Então Christina não me ama ?

Rodrigo (*sorrindo*)

Talvez !

Hipolyto

Queres brincar ! *(senta-se)*.

Rodrigo (*tira a carteira*)

Toma um charuto. Que bella noite ! Vamos passear.

Hipolyto

Não quero !

Rodrigo

Preferes ficar aqui. Não gostas de banhar-te na claridade da lua, e sentir os seus raios te envolverem como uma onda de luz ?

Hipolyto (*erguendo-se*)

Não penses que me illudes com os teus devaneios ! Sabes alguma coisa e não queres dizer-me.

Rodrigo

Não sei nada (*afasta-se*).

Hipolyto

Rodrigo, ha um momento abri-me comtigo, confiei-te as minhas affeições, as minhas esperanças e fiz-te quasi da familia. Depois disto tenho o direito de exigir de ti igual confiança.

Rodrigo

E' exacto. Mas sabes si eu sou teu amigo ?

Hipolyto

Como ?

Rodrigo

Sabes distinguir actualmente a amizade, o amor, o sentimento emfim, de um outro objecto que tem a mésma apparencia?

Hipolyto

Que objecto ?

Rodrigo

O credito.

Hipolyto

Não te entendo ! (*uma pausa*)

Rodrigo

Todas as grandes idéas, Hipolyto, têm a sua aberração, é a consequencia da fraqueza humana. A liberdade produziu a licença, a religião o fanatismo, o poder a tyrannia, o dinheiro a usura. O credito não podia escapar a essa lei fatal ; ligando-se á ambição produziu tambem o seu aborto. Novo Protheo, esse filho bastardo toma todas as formas, imita todos os sentimentos. Nós o encontramos a cada passo, nos salões, no interior das casas, nas relações mais intimas: ás vezes sob a figura de uma menina, as vezes disfarçado em moço elegante ou em um homem respeitavel.

Hipolyto

Para que ? Com que fim ?

Rodrigo

O seu fim é a monetização do sentimento. Não ouviste o que dizia á pouco o Macedo sobre o amor ? Tomaste por um gracejo ?

Hipolyto

Certamente. elle está sempre a brincar.

Rodrigo

Pois é uma verdade. A sciencia que nestes ultimos tempos tem feito grandes progressos, emprehendeu. e conseguiu mobilizar todos os valores, um predio, uma terra toma a forma de uma letra e corre como moeda. E' um grande resultado para a industria.

A especulação porém que é mais inventiva do que a sciencia, entendeu que do mesmo modo que se fazia de uma casa um bilhete de banco, podia se fazer do sentimento um capital.

Hipolyto

Como?

Rodrigo

Ah! Desejas conhecer esse novo systema economico? E' muito curioso! Entra em uma sala e observa. Ali vês um homem gasto que faz a côrte a uma moça: a dois passos uma menina que vencendo o pudor requesta claramente o filho de um negociante rico, uma senhora que dizem ser a amante de um velho, um rapaz que persegue outro com a sua amizade. Acreditas que é o sentimento que se manifesta?

Hypolito

Ao menos parece.

Rodrigo

Pois é o credito social que funcciona. O sentimento ahi é apenas o meio de manter relações que são habilmente exploradas. O homem gasto que vai casar com uma moça rica, tem a esperança de um dote e saca sobre essa esperança como sobre um deposito. A menina que muitas vezes por ordem de sua mãi dá á sociedade o espectaculo de um namoro ridiculo com um moço rico, faz suppor um casamento que deve ser para seus pais uma caução de dividas já contraidas. A mulher casada que affecta uma ligação com um velho desprezivel, diz ao publico que a sociedade conjugal tem um socio capitalista ou um marido supplementar solidariamente responsavel pelos encargos da firma.

O moço que se liga ao filho de um negociante e não o deixa: que toma-lhe o braço na rua, e senta-se junto delle no theatro ou no hotel, affectando uma grande intimidade em todos os lugares publicos, trata de mostrar aos credores já desconfiados que elle tem um fundo de reserva que responde pela emissão de suas letras. Para essa especie de gente, Hipolyto, os homens não são homens, são penhores; os sentimentos são hypothecas tacitas.

Hipolyto

Então não acreditas que exista amor verdadeiro?

Rodrigo

Tanto existe que o procuram imitar porque o grande triumpho que tem a virtude sobre o vicio em todos os tempos é esse; que a virtude se mostra a rosto descoberto, emquanto o vicio toma a mascara de sua inimiga para apparecer; uma é sempre a verdade; o outro só póde viver como uma mentira.

Hipolyto

Não importa! E' sempre uma coisa bem triste a sociedade do Rio de Janeiro.

Rodrigo

Não é a sociedade do Rio de Janeiro, é a lia dessa sociedade. Nunca viste um copo d'agua aos raios do microscopio solar? No meio daquella onda limpida e crystalina, nada uma infinidade de vermes que se esforçam por subir á flor, e que se depositam no fundo apenas a agua fica em repouso. Esses vermes existem na escala infima da população e ao menor movimento, procuram vir a superficie: vistos a olho nú são gotas d'agua pura; vistos ao microscopio são vermes. Elles formam em todas as grandes cidades essa parte da população que procura resolver o problema de viver sem trabalho.

Hipolyto)

De viver a custa dos outros!

Rodrigo

Outr'ora esses vermes sociaes empregavam a piedade: mendigos de casaca e luvas, iam chorar em todos os lugares onde as lagrimas podiam crystalizar em moeda. Da piedade passaram á educação; cada um fez-se um ponto de admiração que se via constantemente perfilado diante de um homem rico, na sua casa, na sua mesa, na sua intimidade. Finalmente inventou-se o credito; a sociedade invisivel aproveitou-o. Cada verme constituiu-se um agiota de sala, e joga com a alta e a baixa dos sentimentos.

Hipolito

E tolera-se similhante gente? Por que os homens de bem não os expellem e não os cobrem com o seu desprezo?

Rodrigo (*sorrindo*)

Por uma singularidade bem natural, Hipolyto. Os homens de bem e de talento ordinariamente têm um certo ciume uns dos outros; respeitam-se, mas temem-se; aspiram á superioridade e por isso não querem um rival

Os traiantes ao contrario têm uma certa maçonaria: cobrem-se, ligam-se, attraem-se e auxiliam-se mutuamente para combaterem o inimigo commum —a sociedade—. Quando pois um homem honesto acha-se no meio delles só e isolado, o que póde fazer?

Hipolyto

Tirar-lhes a mascara.

Rodrigo

Para que? Para rirem-se delle? Quem o acreditaria? Aquelles que o consideram seus amigos? Demais lembra-te que ha em toda a creatura que se perde, um resto de bem que é abafado pelos maus instinctos, mas que um dia póde desenvolver-se e regenerar o espirito. Quantos homens não se corrigem pela amizade, pelo amor, pela estima de uma pessoa honesta, e que pela vergonha do escandalo se irritariam contra a sociedade, e do vicio desceriam ao crime? O que um homem honesto deve fazer é aproveitar os impulsos generosos, estender a mão a essas almas decaidas que encontra em seu caminho, e ajudal-as a erguer-se ou pelo exemplo, ou pelo conselho.

Hipolyto

E si esse homem vê um amigo que vai ser victima de uma dessas especulações, não deve falar-lhe francamente; não deve dizer-lhe: a mulher que te diz amar, calcula com o teu coração?

(Ouve-se tocar piano dentro da casa.

Rodrigo

Deve falar francamente quando tiver as provas; e antes disso tudo quanto póde fazer um amigo por seu amigo, sem mentir a consciencia, é mostrar-lhe o mundo como elle é, e dizer-lhe:—olha e vê!

Hipolyto

Debalde procuras encobrir! Comprehendo tudo: sei de quem pretendes falar...

Rodrigo

Não te falei de individuos, falei-te da sociedade.

Hipolyto

Respeito a tua delicadeza e te agradeço. Tu me abriste os olhos. Christina faz do meu amor um objecto de especulação.

Rodrigo

Por que pensas assim? Ella é muito moça para fazer similhante calculo. E' uma criança que serve de instrumento a outras ambições. Quando comprehender o sentimento, talvez te ame por ti exclusivamente.

Hipolyto

Não, um coração que se perverte a este ponto não póde amar. Pois olha Rodrigo, era uma affeição seria apezar desta minha jovialidade ordinaria; no meio das estravagancias, dos prazeres rapidos e passageiros, essa menina representava para mim a imagem do amor puro! Quando as vezes me sentia gasto e fatigado, a sua lembrança me fazia entrever uma outra vida melhor...

SCENA VI

OS MESMOS E CHRISTINA

Christina (*na porta*)

Hipolyto!

Rodrigo (*baixo a Hipolyto*)

Não a offendas.

Christina (*chegando-se*)

Venha valsar commigo.

Hipolyto (*friamente*)

Obrigado!

Christina (*baixo*)

Está zangado outra vez?

Hipolyto (*seccamente*)

Não, senhora.

Christina

Que quer dizer isto?

Hipolyto

Quer dizer D. Christina que o amor é uma coisa muito séria para os estudantes e para as meninas que não o comprehendem. Eu tenho os meus romances, a senhora as suas bonecas para nos divertirmos; não precisamos portanto arremedar os namorados.

Christina

Está gracejando?

Hipolyto

Adeus!

Christina

Ah! (*senta-se — Hipolyto afasta-se pelo fundo*).

SCENA VII

RODRIGO E CHRISTINA

Rodrigo (*aproximando-se*)

Elle ama-a.

Christina

E zomba de mim?

Rodrigo

De quem é a culpa?

Christina

Não sei! Minha, não! Elle bem sabe os meus sentimentos!

Rodrigo

Não os acredita.

Christina

Tenho lhe dito tantas vezes!...

Rodrigo

Por isso mesmo!...

Christina

Não percebo!...

Rodrigo (*rindo-se*)

E eu não sei explicar-lhe.

Christina

Por que?

Rodrigo

Porque ha coisas que sentem-se e não se dizem.

Christina

Mas que posso eu fazer para que elle não duvide de mim?

Rodrigo (*depois de uma pausa*)

Quer que lhe fale como Hipolyto lhe falaria?

Christina

Eu lhe peço...

Rodrigo

E difficil! Mas emfim... Não sei em que livro li que Deus querendo proteger a mulher contra as seducções deste mundo, viu-se em sérios embaraços; não podia dar-lhe a bondade infinita, porque fazia della um

anjo; não podia dar-lhe a força e a razão porque fazia della um homem. Então teve uma lembrança feliz; bafejou a mulher com o seu halito divino. Está sorrindo da minha poesia? Não importa! A poesia é as vezes o unico meio de dizer certas coisas.

Christina

Ao contrario, ouvindo-o com prazer.

Rodrigo

Mas sabe para que Deus lembrou-se de bafejar a mulher?

Christina

Confesso que não.

Rodrigo

Foi para que o homem não podesse tocal-a com um gesto, um olhar, uma palavra, sem tocar nesse sopro celeste, e sem revelar tudo que ha de divino em sua alma. É essa especie de sensitiva moral, que traz o rubor as faces, que cerra as palpebras e prende a palavra nos labios, o que os homens chamam pudor.

Christina

Ah!

Rodrigo

Ora si uma menina de quinze annos dissesse a um homem que o ama sem que os seus olhos limpidos se turvem, sem que seu rosto core, é preciso que este homem esteja cego para não ver...

Christina

O que?

Rodrigo

Que essa menina não comprehende o que diz, e repete palavras que ouviu, e nesse caso Hipolyto tem razão, brinca-se o amor com as bonecas. (*mudando de tom*) Que bello luar está fazendo, D. Christina...

Christina

Porém...

Rodrigo (*interrompendo-a*)

O Rio de Janeiro tem o privilegio destas bonitas noites. A senhora não faz idéa! Viaja-se toda a Europa... Creio que Hipolyto me chama... (*vai sair, chega Julieta: todas as outras personagens á excepção de Hipolyto vão saindo da casa*).

SCENA VIII

OS MESMOS, JULIETA, DEPOIS OLYMPIA E GUIMARÃES

Julieta

Muito bem! Fugiram da sala para virem conversar com as estrellas. Por que não me chamaste, Christina?

Christina

Estavas falando com o Oliveira...

Julieta *(interrompendo-a)*

Que tinha isso? Tu és muito egoista *(a Rodrigo)* E o senhor tambem!

Rodrigo

Ao contrario, D. Julieta: distrair os pensamentos que pertencem a outro é que seria além de egoismo um crime.

Julieta

Crime que não se pune.

Rodrigo

Sim; mas que tambem não se perdôa!

Julieta

Quantas vezes!... Que dizes, Christina?

Christina

Não sei!...

Julieta

Estás tão seria?

Olympia *(chegando)*

Sr. Rodrigo! Alguns amigos jantam em nossa casa na quinta-feira proxima, e desejamos ter o prazer de sua companhia: meu marido ha de convidal-o pessoalmente, mas eu quiz ser a primeira a fazer-lhe este pedido.

Guimarães

Não se póde resistir a um convite tão amavel.

Rodrigo *(com ironia)*

Sobre tudo quando não se está habituado! *(a D. Olympia)* Mas é impossivel, minha senhora.

Olympia

Por que? Faça um pequeno sacrificio.

Rodrigo

Estou fóra da cidade na quinta-feira.

Olympia

Podemos transferir.

Rodrigo

Por minha causa?

Olympia

Não; pela minha. Entra nisso um pouco de vaidade e de capricho: desejo tel-o em minha casa. Não me desculpa?

Guimarães

A isto não se responde, D. Olympia.

Olympia (*a Rodrigo*)

Então?

Rodrigo

Até quinta-feira, minha senhora.

Olympia

Obrigada, não falte. *(a Christina)* Christina, vamos. Já disseste adeus a Hipolyto?

Rodrigo (*a Julieta*)

Boa noite *(aperta a mão)*.

Olympia (*a mesma*)

Diga a seu mano que eu conto com elle.

Rodrigo (*a Christina*)

D. Christina!...

Christina

Não me aperta a mão?

Rodrigo

Com prazer *(afasta-se; Julieta acompanha com os olhos)*.

Guimarães (*a Olympia*)

V. Ex. então mora aqui mesmo em S. Clemente?

Olympia

Sim, senhor.

Guimarães

E' um lindo arrabalde. Venho muitas vezes para estes lados por causa de Hipolyto. Somos muito amigos...

Olympia

Ah! não sabia!...

Guimarães

Amigos intimos: jantamos juntos todos os dias no Hotel da Europa, somos inseparaveis!

Olympia

Pois então não quero ser a causa de um desprazer entre dois amigos; na quinta-feira em minha casa...

Guimarães

Oh! minha senhora!...

Olympia

Já tinha dito a meu marido...

Guimarães

O Sr. Borges? Uma bella pessoa *(vão-se afastando)* A' pouco estivemos conversando *(Hipolyto apparece)*.

SCENA IX

OS MESMOS E HIPOLYTO

Julieta *(a Christina)*

Estiveste tanto tempo aqui! Que te dizia elle?

Christina

Quem? Hipolyto....

Julieta

Não.

Christina

O Sr. Rodrigo?

Julieta

Sim.

Christina

Conversava a teu respeito.

Julieta

Mentirosa!...

Christina

Oh! de ti elle não diria o que me disse.

Julieta

O que?

Christina

Nada (*enxuga os olhos*).

Julieta

Offendeu-te ?

Christina

Não.

Julieta

Mas então ?

Christina

Deixa-me !

Julieta

Christina !

Christina

Adeus ! Onde está mamãi ?

Julieta

Vem cá !... (*a Hipolyto*) Tu lhe fizeste alguma coisa ?

Hipolyto

Não, mas peço-te que não converses mais com ella a meu respeito.

Julieta

Por que ?

Hipolyto

Amanhan te direi.

Julieta

Onde vais ?

Hipolyto

Passear : acompanho Rodrigo até Botafogo !

Rodrigo

Vamos !

Julieta (*sorrindo*)

Olhe não roube os pensamentos que pertencem a outra !

Rodrigo

Qando se partilham não é possivel. (*Sobem a scena emquanto Pacheco e Macedo descem. Rodrigo aperta a mão de Julieta e dirige-se ao portão com Hipolyto.*)

SCENA X

PACHECO E MACEDO

Macedo

Ora esqueceu-me de dizer-te uma coisa. O Oliveira...

Pacheco (*voltando-se*)

Sr. Rodrigo! E a nossa questão do credito?

Rodrigo (*do portão*)

Tem a palavra o Sr. Macedo.

Pacheco

Olhe que não cedi dos meus principios!

Macedo

Com o tempo has de ceder.

Pacheco

Pois não! Mas ias dizendo...

Macedo

Que o Oliveira está em vesperas de fazer uma fortuna colossal, mas é bom que o ajudes. Elle talvez tenha acanhamento de dirigir-se a ti por isso deves offerecer-lhe...

Pacheco

Já que me falas nisto, vou dizer-te o que ha. Lembras-te que quando este moço entrou em minha casa e se falou neste casamento, não me oppuz: tu me déste as melhores informações a seu respeito; Julieta queria, e eu sempre entendi que a escolha do marido pertence á mulher que deve viver com elle, e soffrel-o. Destinei um dote de duzentas apolices para cada um dos meus filhos, e por isso não preciso sacrificar a sua felicidade ao dinheiro. Entendeu porém meu futuro genro que eu devia endossar-lhe letras, falou-me nisso hontem, e hoje trouxe-me sete de dez contos cada uma!

Macedo

E endossaste naturalmente.

Pacheco

Não, nem pretendo.

Macedo

Por que? Não te acho razão. Não é dinheiro que tens de dar, é simplesmente a tua firma.

Pacheco

Peor! A minha firma não anda por ahi em todas as mãos. Emquanto tiver um real de meu não quero que ninguem possa dizer que lhe devo.

Macedo

Mas não é dever. Attende bem: é garantir.

Pacheco

Todo o homem que garante uma divida constitue-se principal pagador e deve ter o dinheiro prompto.

Macedo

Então pensas que o Oliveira, um moço rico...

Pacheco

Quando ponho o meu nome em uma letra, tomo o seu valor em dinheiro, fecho-o na burra e digo commigo: este não me pertence mais.

Macedo

Em todo o caso, visto que elle tem de receber o dote... que destinas...

Pacheco

Quando minha filha casar-se, seu marido disporá do que é seu como lhe aprouver!... Antes disso não devo tocar nesse deposito sagrado!...

SCENA XI

Os mesmos, Borges, Oliveira, Antonia, Julieta, Olympia e Christina

Borges

Boa noite, Sr. Pacheco.

Pacheco

Boa noite (*fala com as senhoras*).

Macedo (*a Oliveira*)

Nada.

Oliveira

Não te disse?

Borges

Meus senhores!

Olympia

Adeus D. Antonia.

D. Antonia

Passe bem. Agora estamos outra vez vizinhas.

Olympia

E' verdade!

Julieta (*a Christina*)

Então decididamente não me dizes?

Christina

Não posso.

Julieta (*beijando-a*)

Pois fico mal comtigo.

Christina

Paciencia!

Macedo (*a Oliveira*)

Ainda fica?

Oliveira

Não, vamos.

Macedo

Até amanhan, Pacheco.

Pacheco

Até amanhan.

Macedo

D. Antonia! (*vai ao portão*).

Oliveira

Não se esqueça de falar a seu pai.

Julieta

Não, eu prometti-lhe, e bem que me custe...

Oliveira

Em que lhe custa, Julieta?

Julieta

Eu sei!...

Oliveira

Boa noite! (*sai*).

Pacheco

Venham fechar o portão (*dirige-se á casa*).

D. Antonia

Hipolyto ainda não entrou.

Pacheco

Anda de passeio a esta hora! Por isso é que acorda-se ao meio-dia! (*entra*).

SCENA XII

D. ANTONIA E JULIETA

D. Antonia

Tu não vens, Julieta?

Julieta

Escute, minha mãi.

D. Antonia (*chegando-se*)

O que é?

Julieta

Quero falar-lhe.

D. Antonia

Sobre.

Julieta

Sobre esse casamento.

D. Antonia

Ah! Houve alguma coisa?

Julieta

Não; mas tenho um presentimento... parece-me que não hei de ser feliz!

D. Antonia

Por que, minha filha? Tu não amas esse moço?

Julieta

Não sei!... Creio que não!

D. Antonia

Mas houve um tempo em que o amaste. Foi por tua vontade...

Julieta

Não me queixo minha mãi. Consenti!...

D. Antonia

Então?

Julieta

Naquella occasião, confesso, senti um prazer quando elle pediu a minha mão, essa idéa de fazer a felicidade de um homem que me offerecia sua vida, me seduziu! mas não sei!... Parece-me que me enganei...

que tomei por amor o que era apenas um desejo de menina. Olhe, minha mãi, quando interrogo meu coração, revolto-me contra mim mesmo! Por que aquillo que antes me causava alegria, agora me repugna?

D. Antonia

Sei o que é; uma moça que teve a tua educação, nunca pensa nisto sem um certo receio.

Julieta

Como se engana, minha mãi! O que eu sinto é uma desillusão, reconheço que esse casamento seria o sacrificio de minha vida inteira.

D. Antonia

Escuta, Julieta: nós as mulheres vivemos de sacrificios; devemos dar a felicidade e não procural-a para nós. Deus assim o quiz: é menos doce, porém é mais nobre e mais generoso. O Oliveira te ama... tu aceitaste o seu amor...

Julieta

Elle não me ama!

D. Antonia

Como? Não disseste a pouco...

Julieta

A principio, cuidei: foi outro engano; elle só pensa na sua fortuna. Vem aqui para tratar dos seus negocios. Ainda hoje... Sabe o que me pediu?

D. Antonia

O que foi?

Julieta

Pediu-me para obter de meu pai que assignasse umas letras! Eis para que me quer? Não é triste?

D. Antonia

Por que? Teve acanhamento de falar a teu pai, dirigiu-se a ti. E' ao contrario uma prova de confiança.

Julieta

Mas não de amor.

D. Antonia

O amor desculpa tudo, Julieta. Eu tambem fui moça como tu e amei; nós somos ordinariamente muito exigentes: queremos que o

homem a quem amamos seja um heroe, a nossa imaginação os engrandece tanto que depois quando o vemos de perto, na intimidade, o achamos pequeno.

Julieta

Nunca pensei assim: mas esperava amar um homem que eu admirasse pela sua intelligencia... (*entra Hipolyto e passa no fundo*).

SCENA XIII

AS MESMAS E HIPOLYTO

Hipolyto

Ainda estão conversando?

D. Antonia

Ficamos te esperando (*sobe*). Manda fechar o portão.

Hipolyto (*beija a mão de D. Antonia*)

Sim, senhora. Boa noite, Julieta.

D. Antonia (*a Julieta*)

Tranquilliza o teu espirito, e acredita-me: a intelligencia admira-se; mas a admiração não é o amor; e só se deve amar neste mundo o coração: porque é elle que faz o homem bom ou mau! Vem, é tarde. (*Retiram-se. Passa um preto que vai fechar o portão.— Cai o panno*).

José de Alencar

(Continúa)

A LITERATURA BRAZILEIRA

SYNTHESE HISTORICA

> A critica não póde ser severa, sob pena de atacar pela raiz a poesia nascente e fazer desanimar as vocações esperançosas. O seu papel é aconselhar o talento, e revelal-o ao publico, que num paiz, tão pouc o dado ás letras, nem sempre é bom juiz dos esforços conscienciosos do poeta.
>
> LOPES DE MENDONÇA.

A acção politica do seculo XVI, em Portugal, deu á sua literatura um tal desenvolvimento e brilhantismo, que nenhum outro paiz do mundo logrou igualal-a nesse assignalado periodo de elaboração fecunda e perduravel.

Foi então que os grammaticos disciplinaram a lingua, generalizando as transformações morphologicas, phoneticas e lexicas; estabelecendo-se entre as duas nações ibericas o synchronismo literario — que póde ser synthetisado em Camões e Cervantes.

Entrementes era fundado o theatro portuguez, por Gil Vicente, a poesia ampliava a sua esphera olympica, passando do simples lyrismo bucolico e pastoril de Antonio Ferreira, Sá de Miranda, e Bernardim Ribeiro, ás tentativas épicas de Jeronymo Côrte Real e Vasco Mousinho, attingindo na epopéa dos *Lusiadas* a glorificação de um povo e a consagração de uma época.

Resumido assim o periodo aureo da fonte originaria da nossa literatura, [1] a ella ainda estamos intimamente ligados por laços

---

[1] A lingua portugueza começou a emancipar-se da castelhana desde 1279, sendo já notavel a sua emancipação em 1325, como se vê no *Cancioneiro* de Dom Diniz, nas *Chronicas* de Fernão Lopes, de Gomes de Azurara, de Ruy de Paiva, etc.

de sangue, de lingua, de tradições, usos, costumes e religião; e já é notavel a acção individual de poetas e prosadores, que neste seculo têm pugnado pela nossa completa emancipação literaria.

Sinto não dispôr, neste ligeiro estudo, do espaço indispensavel para uma detida analyse do *meio*, da *raça*; e do *momento*; em outra obra, porém, [1] demonstro que a nossa poesia popular observa singularmente a triplice formula de Taine, ao passo que nenhum dos nossos poetas, com excepção de Gregorio de Mattos, obedeceu á acção do *meio* até ao tardio triumvirato de Porto Alegre, Magalhães e Gonçalves Dias, embora no ultimo destes e em Caldas Barbosa tenhamos o attestado da *raça*, sem que em outro qualquer se possa observar, até então, o symptoma do *momento*.

Pareciam timbrar os nossos mais peregrinos engenhos em manter-se fieis como as Vestaes ante as pyras já bruxoleantes da somnolenta escola arcadica, á similhança dos primitivos poetas holandezes, que se desvaneciam de ser oriundos duma colonia asiatica, ostentando teimosamente um assimilado orientalismo hellenico,— phenomeno este que mais adiante analysarei em muitos dos nossos modernos poetas.

Temos incontestavelmente, neste seculo, alcançado as mais completas victorias intellectuaes sobre a antiga metropole. E' verdade que ainda nenhum dos nossos mais poderosos artistas do verso burilou um poema tão imaginoso e original como *Os Simples* de Guerra Junqueiro, nem possuimos ainda um romancista com o criterio analytico de Eça de Queiroz; mas temos, em compensação, historiadores da elevação de Theophilo Braga, poetas lyricos que sobem tão alto como Fernandes Costa e João de Deus, criticos que podem ser comparados a Teixeira Bastos, e oradores que se chamam Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa e Manoel Victorino.

Além disso, o melhor diccionario classico da lingua portugueza (na época em que appareceu) foi organizado pelo fluminense Antonio de Moraes e Silva; os eruditos José Bonifacio de Andrada e os viscondes do Rio Grande e de Cayrú, abordaram entre nós assumptos scientificos ainda não transportados naquellas épocas para as occidentaes praias lusitanas.

---

[1] *Parnaso Brasiliense* por Mucio Teixeira.

A acção de Porto Alegre, Magalhães e Dias, muito embora simultanea com a de Garrett, Herculano e Castilho, teve sobre a destes a extraordinaria vantagem de não se limitar a uma simples transplantação de escola literaria do caes do Senna para as margens do Tejo; pois muito mais vibrante e luminosa foi a nitida visão da poesia selvagem do que a adaptação dos velhos assumptos e da morbida sensibilidade portugueza aos moldes francezes do romantismo em voga.

A poesia hugoniana já tinha entre nós representantes de primeira grandeza, em Pedro de Calazans, Pedro Luiz, Castro Alves, e Tobias Barreto, quando surgiram em Portugal os seus primeiros— Guilherme Braga e Guerra Junqueiro. Byron ainda não teve em Portugal um interprete que se possa comparar com o nosso Francisco Octaviano, nem Henrique Heine foi comprehendido por lá como o tem sido, tão intimamente, entre nós, nestes ultimos annos.

Sylvio Roméro, escrevendo a proposito do meu livro *Novos Ideaes*, [1] observa, não só a prioridade politica do nosso movimento revolucionario de 1817, sobre a platonica tentativa portugueza de 1820, como tambem estes factos: «Portugal não tem um *maestro* como o nosso Carlos Gomes, nem um pintor que se compare aos nossos Pedro Americo e Victor Meirelles.»

Posso ainda acrescentar que tambem não tem, neste seculo, um guerreiro como os nossos Conde de Porto Alegre, Ozorio ou o Duque de Caxias.

Voltando, porém, ao assumpto principal desta obra, [2] procurarei ver qual tem sido a marcha evolutiva da literatura brazileira, analysarei as causas organicas e os phenomenos estranhos que maior influencia têm tido sobre o seu desenvolvimento: synthetisarei o seu estado actual e sondarei as suas tendencias para o ideal do futuro.

Anchieta (1553—1597) parece mais um typo lendario do que mesmo uma personalidade literaria; a não ser a prodigiosa catechese, em que prestou tão assignalados serviços á civilização, o seu vigor intellectual esterilizou-se em ligeiros autos religiosos, não nos restando um só dos 5766 versos latinos do seu poema em louvor

---

[1] *Revista Brazileira*, tomo V, (1880)

[2] *Poetas do Brazil*, synthese bio-bibliographica, (seculos XVII, XVIII e XIX) por Mucio Teixeira.

da *Virgem*, naturalmente por escrevel-os na areia das nossas praias, segundo rezam as chronicas do tempo... De Bento Teixeira Pinto, apenas repetirei que foi o autor da «primeira obra em verso composta por um natural do Brazil»; cumpre-me apenas designar este mero facto chronologico, passando em seguida a analysar a poderosa cerebração da grande individualidade literaria, que representa o ponto inicial da verdadeira poesia brazileira.

Gregorio de Mattos (1633—1696) apparece entre nós com a sua caracteristica *vis comica*. Rude sempre, e não raras vezes obsceno, como Lucrecio, não nos deixou comtudo um poema talhado pelo molde do celebre *De natura rerum*. Rindo das miserias humanas, não como Democrito, mas com a gargalhada ruidosa e prolongada de Juvenal, soffreu como este as duras consequencias da sua falta de siso. A setima satyra do famoso poeta latino fel-o errar por Syenna, desterrado no Alto Egypto; o nosso poeta, satyrisando um sobrinho de governador, viu-se tambem em agruras, sendo deportado para Angola. A sua obra póde ser considerada como o ponto de partida da poesia propriamente brazileira, pois elle inspirou-se exclusivamente em individualidades e costumes do seu tempo e principalmente de seu meio.

Além disso, foi esse extraordinario poeta tão odiado e perseguido durante a vida o quanto tem sido calumniado pela posteridade, apezar de ter elle desapparecido ha dois seculos da aspera crosta deste miseravel planeta. Dentre os muitos, que a inveja fez odial-o, houve um que o comprehendeu, porque era esse o glorioso padre Antonio Vieira, que chegou a dizer que: «maior fruto faziam as satyras de Mattos que as missões de Vieira». Além de satyrico sem rival até hoje, Gregorio de Mattos deixou notaveis poesias lyricas e religiosas; e foi o primeiro, não só a introduzir na poesia portugueza o verso decasyllabo «que por isso ainda hoje é conhecido nos tratados de poetica sob o nome de *verso gregoriano*», como tambem adaptou á nossa poesia o verso assonantado, que rarissimos em Portugal e no Brazil têm cultivado, e ao qual os hespanhoes sabem dar tamanho realce.

Estende-se de então para cá um largo periodo de marasmo literario, até quasi á época dos poetas da *inconfidencia* mineira, destacando-se apenas, já nos fins do seculo XVIII, Domingos Caldas Barbosa (17?—1800) que tanto deu que fazer a Bocage, com os

seus chistosos improvisos, a quem Tolentino allude na deliciosa satyra *O passeio*.[1]

Santa Rita Durão (1720—1784) e Basilio da Gama (1740—1795) ensaiam a epopéa nacional: o primeiro no poema épico *Caramurú*, o segundo no delicioso poema descriptivo *O Uraguay*, além de outros poemas seus, que logo depois da sua morte foram lançados ás chammas por um frade fanatico que o assistira nos ultimos momentos. Poucos annos depois Fr. Francisco de S. Carlos (1763—1829) escreve o seu admiravel poema sacro *A Assumpção da Virgem*, com o qual ficou encerrado o periodo classico da poesia nacional; pois o primeiro poema que se lhe seguiu, em ordem chronologica, que é a interessante *Festa de Baldo*, de Alvaro Teixeira de Macedo (1807—1849), já attesta uma certa emancipação de espirito impaciente por se libertar dos velhos moldes classicos.

Em 1789 foi denunciada a conspiração politica que se tramava em Minas contra o despotismo da metropole: em 1792, partindo em degredo perpetuo para as costas d'Africa os principaes representantes do movimento revolucionario (com excepção de Claudio Manoel da Costa), dispersou-se assim aquella admiravel pleiade de poetas patriotas, que tão saliente papel representam no nosso duplo scenario politico e literario.

De todos esses poetas o mais popular é Thomaz Gonzaga, o singelo cantor da *Marilia de Dirceu*, mas o seu merecimento literario em nada é superior ao dos seus companheiros Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga ou Claudio Manoel da Costa, destacando-se dentre elles Silva Alvarenga, pela fórma esthetica dos seus versos. Formaram elles a *escola mineira*, que é mais um producto *ethnico* do que mesmo *historico*.

O rio-grandense Araujo Porto-Alegre e o fluminense Magalhães, aos quaes se reuniu dez annos depois o maranhense Gonçalves Dias, formam o triumvirato a que estava destinado um mais brilhante papel, não só pela adaptação do romantismo á poesia nacional, como principalmente pelo *nativismo* das suas inspirações.

---

[1] «*L'Abbé* que encurta as batinas,
Por mostrar bordadas meias,
E presidindo em matinas,
Vai depois ás assembléas
Cantar modas co'as meninas...»

Surgiu então o *indianismo*, inquestionavelmente falso aos olhos de uma severa analyse scientifica, pois sob as plumagens multicores daquelles heroes de arco entesado e flexas sibillantes, o psychologo facilmente percebe uma alma occidental, eivada da nostalgia da Iberia; mas, attentas as circumstancias do *momento*, outro não podia ser então o resultado da obra d'arte entre nós.

Joaquim Manoel de Macedo e Manoel Antonio de Almeida (1855) iniciam o romance de costumes brazileiros, destacando-se a obra deste ultimo, intitulada *Memorias de um Sargento de Milicias*, que é a mais viva pintura que possuimos da época colonial. José de Alencar, Machado de Assis e Bernardo Guimarães conquistam mais tarde os mais assignalados triumphos nesse mesmo genero literario, destacando-se de todos os romances nacionaes *O Guarany* e o poema em prosa *Iracema*, ambos de Alencar.

Magalhães e Macedo fundam o theatro nacional, com as tragedias *Antonio José*, *Olgiato* e *Othelo*, do primeiro, e o *Cego*, *Cobê*, *Abrahão* e *Lusbella*, do segundo; Castro Lopes surge em seguida, com a tragedia *Abamoacaba* e o drama *A Educação*; Agrario de Menezes com o *Calabar*, Ferreira França com a *Lindoya*, d'ahi para cá muitos outros, de menos importancia, dos quaes destacarei Castro Alves, com o *Gonzaga ou a Revolução Mineira*, e José de Alencar, com as *Azas de um Anjo* e o *Demonio Familiar*.

De então por diante foi proclamada no nosso theatro a dictadura da opereta e das traducções de peças francezas, que tanto têm cooperado para a depravação do gosto publico.

Alvares de Azevedo (1852) e Junqueira Freire (1855) dão á poesia nacional esse caracter de *scepticismo* byroniano, que se reflecte em Teixeira de Mello (1858) e de *pessimismo* allemão, a Heine, a que mais tarde Casimiro de Abreu (1860) veiu dar a nota intima do *desalento*, transparecendo nos dois primeiros o tedio, mas em todos elles luzindo amiudadamente um raio de mocidade, de esperança, de crença no sobrenatural: um como que fetichismo illuminado pela idéa de Deus.

Quanto á indole literaria de Alvares de Azevedo, cuja morte prematura veiu roubar-nos inquestionavelmente um genio fecundo e creador como o de Shaskpeare ou Goethe, a que só faltou mais algum tempo de vida para dar á nossa literatura um poderoso rival de Cervantes ou de Byron, não posso especifical-a, não só por ser

a sua obra genial o fructo temporão de uma precocidade prodigiosa, como por ter sido ella uma verdadeira planta exotica no herbario da nossa flora literaria.

Até á época do inesperado apparecimento e rapida passagem de Alvares de Azevedo, os nossos poetas pareciam soldados a montar guarda em tempo de paz, conservando-se em toda a linha com o mesmo uniforme, obedecendo militarmente como que a uma pesada disciplina mental. Elle foi o primeiro a destacar-se, como sentinella perdida na vanguarda de um acampamento em operações de guerra, soltando o grito de alarma, que obrigou o seu esquadrão a levantar acampamento, prompto para entrar em acção.

Assumindo o commando em chefe, por acclamação unanime dos combatentes, avançou com tal enthusiasmo, que o seu corcel de guerra desembestou pelos despenhadeiros da gloria... Foi o primeiro a cair, amortalhado na bandeira que desfraldara tão alto, mas o seu corpo foi conduzido em triumpho, com as pompas funebres que lhe eram devidas, e mais tarde o seu nome foi burilado em ouro nos marmores da nossa historia.

Durante trinta annos a acção de Alvares de Azevedo perdurou triumphante no espirito da nossa mocidade. Seis gerações academicas passaram pela Faculdade de S. Paulo, e todas ellas renderam preito e homenagem á memoria desse extraordinario poeta e prosador. E note-se que nesse radioso cenaculo de academicos havia poetas que se chamavam José Bonifacio, Pedro Luiz, Fagundes Varella e Castro Alves; oradores como Ferreira Vianna, Felix da Cunha, os já citados José Bonifacio e Castro Alves, Joaquim Nabuco e Oliveira Bello; jornalistas como Rangel Pestana e Ferreira de Menezes; romancistas como Bernardo Guimarães e Luiz Dolzani; dramaturgos como Sizenando Nabuco e Carlos Ferreira.

A acção de Junqueira Freire não foi tão manifesta e perduravel, como devia ser, já porque o seu isolamento claustral não lhe permittiu communicar-se com os espiritos do seu tempo, já porque a critica da sua obra, verdadeiramente genial, ainda está por ser feita. Quando amainar um pouco este temporal desfeito de *escolas*, que se desencadeou ultimamente na nossa atmosphera literaria, a lei das reintegrações ha de determinar o lugar de honra a que tem direito este bello poeta-philosopho.

Casimiro de Abreu, desventurado como os seus dois antecessores citados, por morrer como elles no alvorecer da existencia, foi o unico a baixar ao tumulo com a convicção do resultado glorioso da sua obra, que é incontestavelmente inferior á de Alvares de Azevedo e Junqueira Freire. O seu delicioso livro das *Primaveras*, cuja edição esgotou-se rapidamente, foi recebido com unanimes applausos, grangeando-lhe da noite para o dia um invejavel renome. Nos seus ultimos seis mezes de vida, foi alvo constante de uma perenne apotheose. A morte do pai, que lhe contrariara a vocação, permittiu-lhe a posse de abastada herança; o amor correspondido embalava-lhe os sonhos no idyllio de um propinquo noivado; seu nome era citado quasi diariamente nas folhas de maior circulação, suas poesias constantemente transcriptas, imitadas, parodiadas, fragmentadas em epigraphes pelos outros poetas do tempo; as senhoras da mais fina sociedade disputavam-lhe um autographo em seus *Albuns*; os moços de certa cultura intellectual orgulhavam-se das suas relações de cerimonioso trato social, pois Casimiro de Abreu, timido e concentrado, só na intimidade de rarissimos amigos mostrava-se jovial e expansivo. A morte prematura veiu dar ainda maior realce a sua tão singular estreia, cooperando definitivamente para o successivo numero de edições do seu precioso livro.

De 1860 até 1870, Bittencourt Sampaio, Zaluar, Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Fagundes Varella, Bruno Seabra, Joaquim Serra, Trajano Galvão e Juvenal Galeno, ensaiam simultaneamente o genero sertanejo; Pedro de Calazans, Zaluar, Pedro Luiz, José Bonifacio, Tobias Barreto, Rozendo Moniz, Zeferino Víeira, Victoriano Palhares, Castro Alves e Plinio de Lima enthusiasmam-se com os nossos heroes na Guerra do Paraguay e consagram-lhes versos palpitantes de patriotismo.

Castro Alves (1870) volta-se exclusivamente para um assumpto da mais alta importancia social, começa a publicar os bellos fragmentos de seu poema *Os Escravos* [1] e só de então por diante foi tomado na devida consideração o *abolicionismo*. O que desde 1840,

---

[1] O poema *Os Escravos*, só foi publicado em livro dez annos depois da morte de Castro Alves, cujos manuscriptos colleccionei em edição preparatoria; tenho actualmente muitos outros ineditos, que em edição definitiva serão convenientemente intercalados na obra.

platonicas tentativas de estadistas e patriotas não lograram conseguir, a musa apaixonada do joven poeta alcançou em breves annos, despertando o enthusiasmo nas academias, levando a commoção ao seio das familias, provocando as discussões politicas nas duas casas do parlamento, que dentro de um anno determinaram a promulgação da lei de 28 de setembro de 1871, cuja consequencia logica foi o grande facto social e humano realizado a 13 de maio de 1888, que por sua vez cooperou poderosamente para o inesperado acontecimento de 15 de novembro de 1889.

Castro Alves, além do brilhantismo das imagens, da espontaneidade dos versos, e da riqueza de antitheses e de hyperboles com que os opulentava, foi o unico, entre todos os nossos poetas, que soube observar as condições do *meio*, da *raça* e do *momento*, sendo por isso a sua obra de resultado muito mais pratico, social e humano, que a de todos os nossos outros poetas. E é assim que a sua musa gloriosa póde ser considerada a redemptora dos captivos no Brazil.

Observa-se naturalmente a lamentavel coincidencia de terem desapparecido da vida, ainda no alvorecer da mocidade, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Castro Alves e tantos outros poetas brazileiros. Este facto, que eu por muito tempo considerei como « uma fatalidade » é admittido como « uma necessidade historica » justificada pela moderna lei dos *homochronismos*, de que fala Boisjoslin.

« Na Allemanha (diz o autor da *Philocritica*) deram-se as mesmas perdas prematuras. Hoelderlin, discipulo de Hegel, sonhador pantheista, superexcita os centros nervosos e acaba louco. Sonnemberg leva o amor do vago e do indefinido a ponto de suicidar-se. Novalis e Shulze entysicam e morrem. »

Byron e Chatterton, na Inglaterra; Musset, Malherbe e Chénier na França; Espronceda, Bartrina e Gustavo Becquer, na Hespanha; Soares de Passos, Guilherme Braga e Cesario Verde, em Portugal; Edgar Poe, na America do Norte; Manuel Acuña, no Mexico; Perez Bonalde, em Venezuela, todos morreram tambem na flôr da idade, deixando um rastro luminoso da sua passagem pela vida.

O visconde de Porto Seguro, Januario da Cunha Barbosa, Pereira da Silva, Joaquim Norberto e outros, tentaram ligeiros ensaios de historia e critica literaria, mas, á mingua de preparo e methodo

scientifico, todo esse esforço intellectual foi mallogrado, cabendo a Tobias Barreto, Sylvio Roméro, José Verissimo e Araripe Junior a palma da iniciação — que actualmente floresce e frutifica nas mãos dos tres ultimos.

Surge a poesia *sertaneja* e *campesina*, de que são os principaes representantes Bittencourt Sampaio, Joaquim Serra e Trajano Galvão, este ultimo, como criteriosamente observa Sylvio Roméro,— « collocou-se no ponto de vista de um lyrismo semi-descriptivo e galante;[1] em suas poesias o escravo não protesta, o poeta dá-lhe a palavra [2] e o *Calhambola*, a *Crioula*, *Naranjan*,[3] descantam suas pretenções, seus desejos.»

De mais duradouro resultado pratico parece-me a obra, colossal na sua synthese prodigiosa, do Sr. Machado de Assis, ora no seu *americanismo*, preferivel ao *indianismo* dos seus predecessores, ora no seu *lyrismo* são e radioso, ora no seu *humorismo*, mixto da poesia alleman e da philosophia ingleza; mas sempre classico na linguagem e modernissimo no estylo.

Carlos Ferreira, Castro Rebello e Ramos da Costa (este, morto em 1870, com 22 annos de idade) tres poetas talhados para altos vôos, nada mais fizeram que trilhar, desembaraçadamente, pelo mesmo caminho já percorrido por Castro Alves, na poesia lyrica e hugoniana.

Mucio Teixeira, nas *Violetas* (1875) e nas *Sombras e Clarões* (1877) procura dar o cunho da historicidade á poesia politica, vagamente iniciada entre nós por Pedro de Calazans, nas *Ultimas Paginas* (1853) e Pedro Luiz (que não deixou livro) nas poesias *A Sombra de Tiradentes* (1862) e os *Voluntarios da Morte* (1863). Assis Brazil ensaia identica tentativa, no livrinho das *Chispas* (1877) e Generino dos Santos com Lucio de Mendonça dão a esse genero de poesia os mais amplos fóros de cidade.

Mucio Teixeira volta-se para a savana gaúcha nos *Novos Ideaes*, onde pernoita solitario, lamentando intimamente que vá desapparecendo na actual geração de poetas o caracteristico da lyra nacional.

---

[1] Até ahi em nada se avantajou dos dois primeiros.

[2] O mesmo se observa nas poesias *Conselhos de minha Mãi*, *no Lenhador* e *A Captiva*, de Bittencourt Sampaio.

[3] Vide o *Parnaso Maranhense* (edição de 1861).

Moços de singular engenho e multiplas aptidões têm apparecido em não pequeno numero, nestes ultimos annos, mas infelizmente nenhum com a intuição do meio physico.

Poetas de reputação já conquistada, como Luiz Delfino e Machado de Assis, embora conservando sempre em punho as lyras afinadas, em vez de apontar aos *novos* o caminho que devem trilhar, como que se deixaram hypnotisar pelas suggestões dessa mesma juventude poderosa, e perdem-se no mesmo labyrintho de escolas, que neste ultimo decennio tanto tem preoccupado o espirito nacional.

O criticismo de Clovis Bevilacqua e Arthur Orlando; as maravilhosas syntheses de Annibal Falcão; o *sensualismo* tropical da poesia talhada pelos moldes de Carvalho Junior; o *humorismo* de Lins de Albuquerque; o *positivismo* de Generino dos Santos; o *satanismo* dos academicos de S. Paulo e Pernambuco (1870 a 1880); o capricho artistico e o sentimento profundo de Olavo Bilac; a sinceridade humana e a resignação heroica de Luiz Murat; o *scientificismo* de Martins Junior; o *symbolismo* de Augusto de Lima; o lavor ermo de concepção mas faiscante de brilhos de Raymundo Corrêa; a fidalguia espiritual de B. Lopes e de Alves de Faria; a excentricidade estupenda de Emilio de Menezes e o *decadentismo* de Medeiros e Albuquerque, todas essas sofregas manifestações da alma moderna dos nossos poetas, não dão mais do que confusos symptomas morbidos do actual momento historico, naturalmente explicadas pela preoccupação de uma geração impaciente por emancipar-se de antigos preconceitos.

Só assim posso explicar essa anarchia mental que desvia da linha recta das verdadeiras aspirações nacionaes essa poderosa legião de verdadeiros gigantes do pensamento.

Observa-se na poesia nacional o mesmo *extremo requinte e a sciencia extrema da Forma,* que Eça de Queiroz criteriosamente analysa como sendo o caracteristico predominante da poesia franceza nestes ultimos vinte annos:

« No periodo lyrico que vai de Lamartine a Brizeux, a Poesia brotava da Emoção, tão naturalmente como da terra brota uma nascente — que se propaga, corre, abundante e facil, reflectindo no seu curso toda a Vida e toda a Natureza, céus, arvoredos, moradas marginaes e os homens que se debruçam sobre a sua transparencia.

Hoje (para continuar esta imagem) a divina nascente parece ir seccando. Já não borbulha entre as relvas simples, está canalizada numa fonte de marmore; mas apenas della, a espaços, cai alguma gotta solitaria que na atmosphera glacial deste seculo de analyse e de critica, tão incongenere com a poesia, immediatamente gela e se faz crystal. São estes crystaes que poetas, cheios de arte e paciencia, engastam em filigranas de oiro, orlam de pedrarias e põem á venda « chez Lemerre ». A estes poetas deu-se em França o nome de « Cinzeladores ». A sua obra realmente pertence mais á joalheria do que á poesia. »

Essa, porém, não é a missão do poeta. Além de estar-lhe reservado muito mais importante papel na tragedia da vida, *os versos só por si não são poesia.* « A poesia está nas idéas, diz Victor Hugo; e as idéas vêm da alma. Os versos não são mais do que um vestuario elegante num bello corpo. A poesia póde-se exprimir em prosa, a differença é que é mais perfeita, revestida com a graça e a magestade do verso. A poesia da alma é quem inspira tanto os nobres sentimentos e as nobres acções, como os nobres escriptos. Um poeta, que seja mau homem, é um ente desautorizado, muito mais vil e culpado que um mau homem que não seja poeta. Existe em nós um ser immaterial, que está como que desterrado no nosso corpo, ao qual deve sobreviver eternamente. Este ser, de uma essencia mais pura, de uma natureza melhor, é a alma. E a alma é quem produz todos os enthusiasmos, todas as affeições, quem concebe Deus e o ceu. Em duas palavras, a poesia é a expressão da virtude. Uma bella alma e um bello talento poetico, são quasi sempre inseparaveis. A poesia só provém da alma, e tanto se manifesta por uma boa acção como por um bom verso. »

Charles Nodier, pintando com toda a exactidão o momento literario da victoria dos romanticos sobre os classicos francezes, diz: « Si as artes emprehendem algum movimento digno da posteridade, é noutro terreno. Si se desenvolve algum talento prodigo de valiosas esperanças é á sombra de outra bandeira. O que se deve concluir de tudo isto, sinão que está mudado o estado da sociedade, que as suas necessidades o estão tambem, que esta ordem de coisas é irreparavel pelo mesmo modo que é inevitavel, e que, si não se aceitar a literatura como ella é, se corre o risco de não a ter absolutamente?

Manifestam-se nos homens de certa organização tentativas, que têm por alvo a gloria, iguaes em energia ás que miram á ventura e á voluptuosidade.

As intelligencias precoces e as sensibilidades profundas não calculam o futuro: devoram-no. As paixões de uma alma joven e poderosa não conhecem o dia seguinte. Julgam poder saciar todas as suas ambições e todas as suas esperanças na nomeada e nos prazeres passageiros. Imagine-se um autor condemnado pela sua propria vontade a reunir custosamente todas as enfermidades moraes da vida, todos os horrores da sociedade, todas as suas monstruosidades, todas as suas degradações, todas as excepções medonhas do estado civilizado, para escolher no meio de todos estes hediondos refugos; algumas anomalias repugnantes, ás quaes as linguas humanas têm apenas concedido um nome, como o *necroterio*, o cadafalso, a forca, o antropophago, o carrasco, e não sei quantas coisas mais que não têm ainda nome, por isso que liga a estes ultimos estados ambições execraveis e prazeres incomprehensiveis ».

V. de Laprade elucidou o melindroso ponto em questão:—o que ha de mais difficil e admiravel não é somente pintar e escrever bem, é *pensar alguma coisa* que valha a pena de ser escripta e pintada...

« A sciencia e a arte, diz Tobias Barreto, são as duas azas do espirito humano. Prima a philosophia entre as sciencias, como a poesia entre as artes. Ambas avançam para o desconhecido. Mas ao passo que a sciencia caminha, a poesia vôa;—o seu mister não é como o da sciencia, esclarecer as sombras do problema universal; mas tambem não deve ser estranha aos achados daquella.

O coração do poeta é o clepsydro em que soam sempre adiantadas as horas da vida do mundo. Os poetas e os sabios, é verdade, devem ser iguaes, porque devem ser da estatura do seu seculo.— « Goethe é do tamanho de Humboldt. »

Mas... « é uma loucura, diz Magnin, querer a poesia sabia, como um artigo do codigo civil, e lucida como a demonstração do quadrado da hypothenusa. »

O que actualmente se observa na literatura nacional, simples reflexo do que se vê nas demais literaturas do mundo occidental, é um facto commum de todos os fins de seculo:—é uma especie de liquidação moral, intellectual, politica, psychologica e sociologica, a que só o proximo seculo XX poderá dar o balanço.

Esse abandono da esthetica na estructura da estrophe, dos poetas *nephelibatas;* esses tons largos, quasi scenographicos, da pintura moderna; o phonetismo confuso da *musica do futuro;* essa minudencia investigadora e insaciavel dos estados psychicos, tanto no romance como no livro de critica; a obra d'arte, emfim, nestes ultimos tempos, exige um tão exagerado grau de sensibilidade, que o artista, para bem desempenhar o seu papel, parece mais um caso pathologico, como que um inconsciente agitado pelas correntes nervosas. Paira uma sofreguidão indomavel sobre o meio literario e artistico, tão perigosa quão similhante ao anarchismo neste momento politico e social.

Qual será o nosso ideal poetico de amanhan? Só o seculo XX, resolvendo os complicados problemas do nosso tempo, poderá darnos a resposta definitiva. Attentas, porém, as nossas excepcionaes condições de raça, e de meio physico, parece-me que já vai chegando o momento historico de nos compenetrarmos do singular papel que nos está reservado.

Filhos de um continente novo, embalados pelas tradições de tres raças inteiramente diversas, no meio opulento de um scenario quasi virginal, ante o espectaculo sumptuoso de panoramas vastissimos como as savanas gaúchas, altos como essas montanhas cheias de ouro e prata e diamantes, ouvindo a queda d'agua de cataractas como a de Paulo Affonso, vendo rios que parecem oceanos—como o Amazonas, e tendo sobre as nossas cabeças essa prodigiosa cruz de estrellas, que serve de emblema á nossa bandeira, nada temos que ver com as escolas literarias de outros povos, pois temos na patria o minerio preciso e a pedraria rutillante para o mais custoso adereço completo das nossas Musas.

MUCIO TEIXEIRA

A INDUSTRIA NACIONAL[1]

SEGUNDO ARTIGO

Por motivo de verdadeira força maior, tão grande lapso de tempo mediou entre este artigo e o anterior que necessario se torna recordar havermos promettido encarar a solução do problema industrial sob quatro faces distinctas: preparação scientifica, acção dos poderes publicos, subordinação ao capital e comparação dos productos entre si.

Das duas primeiras já tratámos, posto que de modo perfunctorio, cumpre-nos pois agora passar ás restantes questões annunciadas.

III

c) *Subordinação ao capital.*

E' quasi uma desnecessidade repetir a verdade economica que domina todos os emprehendimentos industriaes.

Trata-se de um aphorismo de evidencia tão palpavel como o celebre postulado que o genio de Napoleão I conseguiu universalizar quando disse que o nervo da guerra é o dinheiro.

O nervo da industria é tambem o CAPITAL.

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de Outubro.

Não quer isto porém significar que esta condição fundamental, no seu modo de acção se manifeste isolada, prepotente e com uma independencia despotica e absolutamente dominadora.

O arrojo de uma tal proposição importaria desconhecer entre outras, a mais seria questão do mundo moderno, aquella que avassalla hoje os espiritos dirigentes das sociedades civilizadas, em que tão accesa se trava a luta pela vida, a questão, em summa, social por excellencia, a contenda entre o capitalista e o trabalho, esses dois elos da mesma cadeia, que não podem viver separados e cujas leis de acção reciproca são tão delicadas e serias, a ponto de, quando bem reguladas, se traduzirem no equilibrio e no bem estar de que têm resultado todas as conquistas da civilização, ao passo que, inversamente comprehendidas, se manifestam pelas mais temerosas convulsões e tremendas desgraças, tal qual como acontece com a recomposição dos fluidos da electricidade, que ora produz a luz benefica que delicia e deslumbra com o fulgor de seus raios, ora gera a scentelha desorganizadora que fulmina e destróe com a intensidade de sua força.

Está entendido pois que nem pretendemos discutir uma these abstracta, já sufficientemente elucidada por economistas da maior celebridade, e a todo momento repetida a proposito de dissertações mais ou menos academicas; nem tão pouco queremos pregar a doutrina de uma escravização plutocratica, que, com razão, levantaria contra si, em desforra, todas as energias e tendencias democraticas do trabalho até ás fronteiras do mais exigente socialista.

Nosso fim é bem diverso: affirmar a influencia do capital sobre a industria, procurando ver, em traços syntheticos, de que modo este factor tem actuado no meio brazileiro.

Si pretendessemos antes doutrinar do que, como estamos fazendo, chamar a attenção dos competentes para uma serie de questões de caracter pratico que interessam a industria em nossa patria, azada seria a occasião para estabelecer as distincções todas que é licito fazer na enumeração dos capitaes, segundo sua natureza e procedencia, conforme seu sentido originario ou metaphorico, o que, applicado ao assumpto de que estamos tratando, nos levaria muito longe para poder acompanhar a formula dos economistas quando dizem que *o dinheiro, o trabalho e o credito representam a industria passada, presente e futura.*

Não encararemos pois o capital na accepção lata e geral que lhe dão as autoridades scientificas que o consideram como *tudo aquillo com que o homem póde negociar ou de que póde servir-se, ou aquillo que concorre para que elle alcance um rendimento.*

Queremos tratar apenas do—capital—em sentido mais restricto, partindo de uma convenção mais arbitraria, obedecendo a uma descriminação de menor extensão, subordinando-se a um destino mais uniforme, requisitos que melhor o assemelham ao que os mesmos economistas chamam *o poder de compra, a força motriz do commercio, o meio de fazer com que as mercadorias se movam do productor para o consumidor ou o poder circulante das mesmas mercadorias.*

Pouco nos importa saber a origem de taes reservas, o mecanismo de sua multiplicação, si o que nos interessa principalmente é o seu emprego, e até para o caso que estamos estudando, talvez convindo mais aprecial-o em sua formula abstracta em seu symbolo representativo, a moeda, sob a qual com maior facilidade e clareza podemos comprehender o seu poder decisivo sobre as actividades industriaes.

Para com mais rigor conseguirmos traduzir o nosso pensamento, basta-nos dizer que no estabelecimento da noção de capital considerado como força productora, como agente incrementador das industrias, o que nos interessa é antes a sua acção do que a sua estructura, é de preferencia a sua intensidade do que a sua origem, melhor sendo mesmo que elle se apresente por assim dizer já *dosado*, isto é, com a sua *grandeza economica* sufficientemente avaliada.

O nosso modo de ver neste problema é analogo ao do mecanico que, encarando uma certa materia prima beneficiada, necessita conhecer qual a somma de trabalho util dispendido, pouco lhe importando saber se a força empregada e de que emanou o effeito produzido, foi o peso, o calor, a electricidade, as acções chimicas ou a actividade vital. Não almejamos com isto affirmar, seja dito de passagem, que quer um, quer outro problema não seja da maior transcendencia e alcance, merecendo portanto estas duas serias questões do dominio da mecanica e da economia politica e que nos serviram de exemplo, a mais seria attenção quando apreciadas debaixo de face tão complexa. O que queremos dizer simplesmente é que não é esse o nosso programma e intuito.

Tratando, porém, do capital,—ainda que na accepção restricta que já deixamos consignada, é natural que, uma outra vez, esta noção de natureza tão proteica accidentalmente, e só accidentalmente, seja empregada no seu sentido o mais amplo, não com o fim de estudal-a em sua natureza e detalhes, porém antes para bem comprehender a extensão de sua maneira de agir.

A razão de ser de tal resalva resulta de que por mais que queiramos fugir da explanação de certas questões, para evitar confusão de termos, não podemos deixar de a ellas nos referir pela connexão immediata em que se acham com o assumpto mais ou menos restricto de que vamos nos occupar, muito embora não constituam parte integrante deste trabalho.

Assim por exemplo é commum ouvir-se dizer entre nós ser o Brazil um paiz immensamente rico, dispondo de enorme capital, representado por thesouros de tal exuberancia, que infunde uma confiança absoluta nos seus recursos inesgotaveis.

Uma tal convicção, que deve ser uma verdade no animo do naturalista, incitando-o aos emprehendimentos mais arrojados, porque póde ter sempre a certeza de que a natureza difficilmente deixar-se-a ficar aquem das suas previsões, é no entretanto um erro palmar apreciado sob a face economica, sendo seguramente a origem funesta de uma escola politico-economica que della vai tirando as mais ousadas consequencias, que já se traduzem nos maiores embaraços do presente e mais ensombram ainda os horisontes das gerações futuras, a que legaremos temerosissimas difficuldades si perseverarmos em similhante modo de pensar.

E' incontestavel que possuimos de facto os mais preciosos dons; terrenos feracissimos, climas saluberrimos, flora luxuriante, fauna extraordinaria, jazidas mineraes abundantissimas, mas tudo isto, tambem é forçoso confessar, existindo quasi que em estado latente, virgem ainda da influencia fecundante do trabalho e do capital— sem os quaes póde jazer dormindo o somno eterno da inactividade, si não conseguir atravessar a phase do *beneficiamento* que lhes dá o *valor*, do mesmo modo que as sementes dos cereaes que permanecem seculos nos tumulos egypcios, sem que se opere a germinação, pela falta de condições propicias á evolução vital.

E' por isso que apezar de tantas condições naturaes favorabilissimas, importamos do estrangeiro quasi tudo: o arroz, a alfafa,

o alcatrão, a agua raz, a banha, o bacalhau, o breu, o canhaço, o carvão de pedra, a cerveja, o chá da India, o cimento, a farinha de trigo, o farelo, a genebra, as gorduras, o kerozene, a manteiga, as massas alimenticias, o milho, o sal, o toucinho, as vellas de composição, os vinhos e innumeros outros artigos.

Até mesmo os nossos patricios abastados, urgidos por necessidades de saude ou de recreio, em consequencia das difficuldades de transporte e da ausencia de commodidades, procuram de preferencia os climas europeus, abrindo mão dos sertões saudaveis e restauradores do Ceará e de Minas-Geraes, por exemplo.

Por ahi se vê, pois, qual o nosso ponto de vista e que nem tudo podemos e devemos considerar como *capital disponivel* ou siquer *realizavel* de prompto.

Acreditando já ter dito o sufficiente para não receiar que o nosso pensamento possa ser apprehendido com prejudicial infidelidade ou confusão, tanto nos basta para encetar as despretenciosas considerações que vamos fazer a respeito da influencia impulsiva ou moderadora do capital sobre a industria nacional.

Façamos um rapido retrospecto.

A frase classica de que *o Brazil é um paiz essencialmente agricola* tem traduzido sempre uma verdade inconcussa e ainda terá por bastante tempo os seus fóros de cidade.

Durante largo periodo, em materia de industria, quasi que só para a agricultura derivavam os capitaes, polarisando-se assim nesta direcção segundo a lei *da linha de menor resistencia*, verdade geral nos phenomenos da mecanica, da astronomia, da physica e da chimica, e que avassalou tambem tanto os factos vitaes e psychologicos como os do dominio social, quer no departamento moral, quer no terreno economico.

De facto, como fonte inicial a terra ahi estava expontanea, virgem, luxuriante, desafiando a actividade do homem, capital de acquisição relativamente facil embora com elle tambem viesse a escravidão que, na frase eloquente de Torres Homem, tendia a se perpetuar por *dois meios igualmente nefarios e deshumanos: o trafego e o nascimento*.

Votado quasi que exclusivamente para a terra pode-se afiançar de modo geral que por muitos annos o capital só se encaminhou

deste modo no extremo norte para a industria extractiva, no centro para a actividade agricola e no sul para o ramo pastoril.

Computado o capital fixo empregado na lavoura, contados os operarios agricolas qne nella exerciam a sua actividade principalmente nas importantissimas provincias de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro, em comparação com os emprehendimentos industriaes de outra natureza, verificava-se que a desproporção era flagrantissima e si se fosse consultar a economia particular dos lavradores, as carteiras dos bancos, dos commissarios, dos grandes e pequenos capitalistas, chegar-se-ia, e sempre, á mesma conclusão: de que era a agricultura o estuario para que concorria a maior parte dos capitaes destinados á industria, cujos outros ramos recebiam apenas mingoadissimas parcellas.

Nesta urdidura bem simples do nosso meio economico em seu começo, seria facil distinguir certas leis de caracter mais ou menos geral.

Verifica-se por exemplo que a regra quasi que infallivel, nas culturas principaes, como o café, a canna, o algodão, etc., era o regimen da grande lavoura, do senhor absoluto do solo, trabalhando com o braço escravo e mais raramente com o escravo em commum, com o *aggregado*, (denominação applicada ao pequeno arrendatario do solo, ou antes ao pequeno lavrador que recebia o solo por emprestimo com a condição de fornecer em troca uma certa somma de trabalho destinado ás culturas do seu senhorio). No caso da pequena lavoura já então apparecia em escala um pouco maior o trabalho livre, exercido directamente pelo proprio possuidor da terra e por pessoas de sua familia, auxiliado pelo trabalhador mais ou menos volante, chamado *camarada*; pago ou a salario ou pelo systema da *parceria*.

O *credito* assume então proporções apenas apreciaveis, a regra sendo antes effectuar-se a venda do producto e com a sua importancia satisfazer o lavrador as suas necessidades como fossem a acquisição das vestimentas, dos instrumentos aratorios e de alguns generos de consumo importados.

Quer em um, quer em outro caso não ha duvida que o facies deste genero coracterisa-se pelo lavrador individual, e para a exploração agricola não se falava na entidade—*companhia*— que, como se sabe, é representada em geral por uma integração mais avultada

do capital, pretendendo emprehendimento de maior monta e visando o systema mais perfeito de divisão do trabalho.

Só bastante mais tarde começa a apparecer então a acção governamental em sentido francamente proteccionista, por meios directos e indirectos, visando o desenvolvimento da agricultura, reputada com razão a nossa mais segura e por assim dizer unica fonte de renda.

Foi seguramente por isso que as industrias que começam a merecer protecção mais franca e decidida são exactamente as que mais proximamente com a lavoura se relacionam e vem a ser a dos transportes e a dos bancos cujos capitaes se destinam a emprestimos ruraes.

Seria ocioso entrar na enumeração dos actos do poder publico comprobativos destas asserções.

Assim permaneceram as cousas por muito tempo até que si deram acontecimentos importantissimos de ordens diversas cujo modo de influencia não póde ficar esquecido neste estudo que estamos emprehendendo.

1°. As campanhas do Uruguay e do Paraguay converteram a importante provincia do Rio Grande do Sul em um vasto campo de operações em que a industria dominante passou a ser por alguns annos a guerra, dislocando capitaes, braços e actividades de toda a ordem para este fim, patriotico porém improductivo, ainda que seja preciso reconhecer que a passagem de individualidades de preparativo mais variado e das origens mais diversas, alliada a uma vigorosa corrente immigratoria de procedencia teutonica, lançou seguramente no solo rio-grandense os germens que o tornaram o centro que tem talvez actualmente as tendencias mais accentuadas para uma mais extensa poly-industrialização.

Não foi porém só esta provincia do extremo sul do Brazil que pagou o tributo de sangue. Os claros das fileiras do nosso exercito foram tambem grandemente preenchidos pelos bravos do Norte, que, tendo em suas veias uma grande dóse de sangue indigena, manifestavam esse extraordinario poder de resistencia que tornam o nosso caboclo talvez que um dos unicos soldados capazes de enfrentar impavidamente as marchas forçadas em meio das regiões inhospitas dos charcos e sujeitos ao regimen de uma alimentação insufficiente e precaria; resistencia devéras admiravel, principalmente

quando se considera as perdas enormes que soffrem os povos mais civilizados e aguerridos da Europa, quando acham em latitudes pouco favoraveis, como por exemplo os inglezes e os francezes nas guerras de conquista da Africa e da Asia e, para nos servirmos de um exemplo de actualidade, os hespanhóes na difficillima campanha da occupação de Cuba, que luta heroicamente para adquirir a sua independencia politica.

2°. A crise do assucar motivada pela molestia do vegetal e ainda pela concurrencia temerosa oriunda do aperfeiçoamento dos machinismos para a sua extracção, quer da beterraba, quer da canna; a volta da preponderancia dos Estados Unidos nos mercados do algodão, depois de concluida a guerra separatista, e finalmente a periodicidade no reapparecimento da secca no Ceará e em outras provincias do norte do paiz, determinaram esse notabilissimo exodo que despejou nos mercados do sul uma grande parte da população escrava, que, reunida á corrente immigratoria, principalmente italiana, engrossou consideravelmente a onda plantadora do café, sobretudo depois que cessaram as apprehensões de que o Mexico pudesse vir a ser um concurrente a temer pela sua proximidade e relações de toda ordem com o principal mercado consumidor do nosso precioso producto.

Nessa época, tão grande desproporção guardava a industria agricola, principalmente a do café, comparada com os outros ramos da nossa actividade que si pretendessemos dar uma formula a mais abreviada possivel para exprimir com exactidão a nossa situação economica, nenhuma melhor a isso se prestaria do que o terrivel porém verdadeiro, axioma proferido no Senado do Imperio pelo impetuoso tribuno e influente chefe politico rio-grandense quando disse *que o Brazil era o negro e o negro era o café.*

Uma tal frase photographava com effeito a nossa posição em materia de producção e considerado este momento historico da evolução do paiz percebia-se com toda a clareza em que sentido derivava effectivamente a corrente industrial.

Este periodo curiosissimo da historia do Brazil caracterizando-se por um phenomeno devéras interessante na vida dos povos e que bastante se assemelha a um facto que se observa muitas vezes nos seres organizados: a hypertrophia de uma determinada região do vegetal ou do animal occasionada pela maior abundancia de certos

elementos, levados por uma viciosa derivação ao regimen, da seiva ou do sangue, com prejuizo manifesto das outras partes do organismo, tudo isto sempre seguido de desordens funccionaes inevitaveis e procedentes de uma distribuição pouco equitativa e mal equilibrada das forças que mantem o aggregado geral.

O capital—escravo—que veiu do norte para o sul foi trocado pelo capital—dinheiro—que partiu do sul para o norte.

Como consequencia fatal, sendo este ultimo muito mais circulante prestava-se melhor ás expansões commerciaes, de giro mais rapido e facil, ao passo que no sul manifestava-se immobilização de somma consideravel, embora de grande poder reproductor, porém acarretando comsigo o enorme risco da libertação, já não querendo falar da morte, accidente previsto e de antemão computado praticamente nos calculos ordinarios da renda e da amortização de similhante capital.

3º. Foi em tal momento verdadeiramente critico da nossa vida economica que a propaganda abolicionista comprehendeu com a maior previdencia e sagacidade que era necessario fazer uma campanha estrategica, aproveitando a concentração providencial do elemento servil quasi que exclusivamente nas antigas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas-Geraes.

Confinada a escravidão em zona tão restricta, posto que tão importante, emprehendeu-se então a campanha mais habil, valente e tenaz de que a nossa historia offerece noticia, não se contentando absolutamente a propaganda com a effectividade das leis de 1831 e de 1871, taes como eram então praticamente comprehendidas.

Não lhe bastava que não se importassem mais a mercadoria negra e nem tão pouco que se tivesse decretado a libertação do ventre da mulher escrava, e a perspicacia abolicionista foi que esmerilhou nas matriculas da propriedade servil o cotejo da idade e da procedencia para d'ahi deduzir a illegitimidade legal da escravização dos descendentes do africano e do proprio africano criminosamente importado pelas condescendencias do contrabando, depois da lei de 1831, que aboliu definitivamente o trafego; e não contente ainda com isso o espirito libertador procurou tirar todos os corollarios da lei Rio Branco, que instituiu os peculios e os fundos de emmancipação para que os filhos livres das mulheres escravas pudessem nutrir a esperança de não ver os seus velhos progenitores morrer no

captiveiro, formando assim o mais horrivel e odioso contraste com a liberdade de que iam gozar.

Libertado parcialmente o solo brazileiro pela redempção do Ceará, do Amazonas e de outros pontos isolados em diversas provincias, foi a onda libertadora engrossando de modo tal que a questão saiu dos comicios populares e da agitação no centro da lavoura para penetrar resolutamente no parlamento pela mão de um estadista previdente, da escola liberal o inolvidavel e benemerito conselheiro Souza Dantas, que pugnou valentemente pela liberdade dos sexagenarios.

A queda do gabinete de 6 de Junho em virtude de uma colligação escravagista tornou suspeita a segunda lei de 28 de Setembro, que, em vez de applacar o movimento abolicionista, deu-lhe maior alento, forçando dentro de 3 annos o proprio partido conservador, que tenazmente se oppuzera á reforma, secundado por um grupo liberal, a decretar a medida radical de 13 de maio, que extinguiu-se incondiccionalmente a escravidão em todo o Brazil.

4.° Pouco tempo depois da escravidão desabava tambem o throno e com a republica vinha igualmente a forma federativa.

Não é aqui a occasião propria de apurar quaes as causas que em definitiva contribuiram para a mudança da nossa forma de governo e nem tão pouco para criticar os processos que constituiram o mecanismo de uma tal transformação.

Similhante tarefa melhor assentará em artigos de natureza politica, tendo sido e continuando a ser assumpto dos debates constantes que formam o fundo de discussão predilecta dos nossos actuaes jornalistas partidarios.

Assignalamos taes factos simplesmente pela rasão da dependencia e da correlação que com os mesmos entretem o phenomeno economico que nos propuzemos discutir.

Na resenha dos acontecimentos que acabámos de passar rapidamente em revista foram assignalados factos de maior relevancia economica.

Antes porém de ir além, duas resalvas convem desde já fazer: 1.ª na accentuação positiva da grande desproporção do capital e seu encaminhamento preferencial para a agricultura, ninguem procure enxergar neste modo de expôr a questão o mais ligeiro vislumbre de censura ao capitalista de qualquer ordem, pois ao contrario reconhecemos em tal predilecção a sequencia logica de uma lei

perfeitamente natural; 2.ª o caso geral que rege o *facies* economico do periodo que acabámos de descrever, não importa a negação absoluta da existencia de certas industrias que possuimos ha já alguns annos, constituindo excepção que não infirma a regra e de que nos occuparemos no correr destes artigos, quando tivermos de tratar do cotejo dos nossos differentes productos entre si.

Fechado este parenthese, podemos resumir a nossa situação nos seguintes traços geraes: 1.º—por motivos de ordens differentes, em materia industrial, a maior corrente do capital derivava quasi que exclusivamente para a lavoura e principalmente para o café; 2.º—depois de alguns actos mais ou menos preparatorios, a lei de 13 de maio vem converter definitivamente o regimen do trabalho escravo no regimen do trabalho livre; 3.º—a decretação da republica, acarretando tambem o estabelecimento da federação, trouxe, como uma de suas inevitaveis consequencias, a descentralização que não poderia se limitar unicamente á ordem politica e administrativa, mas que devia fatalmente invadir tambem o dominio do regimen economico e financeiro de todo o paiz.

A acção de cada um destes importantes factores não podia deixar de se fazer sentir de modo o mais accentuado e evidente sobre o capital, e foi o que effectivamente aconteceu, como vamos ver no artigo subsequente.

GETULIO DAS NEVES

A OPERA "MOEMA,,

Ha um mez que a população fluminense percorre as diversas secções da exposição industrial, e nenhum visitante poude ainda occultar sua surpresa diante dos progressos de uma industria, cuja existencia todos desconheciam. E' que nós, os brazileiros, estimamos em muito o que é estrangeiro, ou como tal nos offerecem, ignorando systematicamente, por indolencia ou negligencia, o valor do que é nosso.

Passando, por uma gradação ascendente, do mundo industrial ao mundo intellectual, vimos que igual sentimento, diante de phenomeno identico, experimentaram todos os que assistiram, em a noite de 6 do corrente, ao espectaculo dado no Theatro Lyrico pela companhia Sansone.

Cantava-se a *Moema*, melodrama em um acto, libretto de Assis Pacheco, musica de Delgado de Carvalho.

Era mui legitima a curiosidade dos *dilettanti* que encheram o theatro. Conheciam o maestro estreante apenas como um virtuose do piano, ou como autor de uns trechos musicaes para esse instrumento, e queriam ouvir a opera em que deveriam se ostentar as qualidades do compositor que se arrojara ás difficuldades do drama lyrico.

O publico mostrou-se satisfeito com a prova arriscada, a que submetteu-se Delgado de Carvalho, e o applaudiu com enthusiasmo, chamando-o innumeras vezes á scena.

Decorreram já alguns dias depois do triumpho, e o enthusiasmo do publico acalmou-se, mortas as ultimas chammas que o ardor da occasião ateara na imaginação dos espectadores. Chegou o momento em que a reflexão modera os éstos da admiração e em que o espirito desassombrado póde julgar a obra d'arte e determinar-lhe o valor, sem obedecer á influencias ou preoccupações de qualquer natureza.

Começamos nossa tarefa declarando-nos solidarios com as demonstrações expansivas do publico, a essas demonstrações, porém, não podemos

emprestar outra significação, que não seja a do estimulo, animação e encitamento, para que o joven compositor prosiga nos seus estudos e nos seus trabalhos, estudos que precisam ser feitos com methodo e disciplina, trabalhos que exigem muito esforço e pertinacia.

O que de modo nenhum consentiriamos, é que traduzissem nossos applausos como consagração definitiva, como homenagem ao autor de uma obra d'arte, cuja realização se considerasse impeccavel.

A *Moema* tem muitas bellezas e muitos defeitos. Essas bellezas são as scintillações do talento do maestro que se reflectem na sua obra; esses defeitos explicam-se pela falta de conhecimentos technicos mais vastos e indispensaveis a quem emprehende a factura de um trabalho para o qual não se acha completamente apparelhado com todo o material necessario.

Outra desvantagem para o compositor, e de não pequena monta em se tratando de uma opera, é o libretto que tambem não está isento de defeitos. Tendo de condensar em um só acto toda a acção dramatica que não póde prescindir de paixões impetuosas e de sentimentos violentos que se chocam, o librettista é forçado a surprehender a acção no desfecho, no desenlace tragico, resumindo-a em algumas situações, que terminam como em uma explosão.

D'ahi, a impossibilidade para o musico de accentuar, no riquissimo material expressivo de sua arte, a indole, e a intensidade gradativa dos sentimentos dos personagens que são apresentados de chofre e sem caracter, e desapparecem antes que a musica tenha conseguido representar sua modalidade psychica.

Além destes inconvenientes que se encontram geralmente nos librettos de acção condensada, o da *Moema* tem ainda outro não menos importante como trabalho scenico. Mesmo em um acto, os librettistas dividem a acção em duas partes — a da exposição e preparo e a do desenlace—concatenadas ambas por um *intermezzo* musical, onde a imaginação fantasiosa do compositor descreve, de accordo com a tonalidade ou vigor de colorido do drama, a intensidade passional da acção.

A *Moema* não obedece á essa norma racional, porque toda sua acção se move, se agita, se precipita e termina na primeira parte. A segunda parte é uma superfluidade excrescente; sinão..... vejamos:

Tapyr, cacique de uma tribu, percorria, ao alvorecer, a floresta verde umbrosa, deliciando-se em respirar as emanações balsamicas que o acariciavam, quando ouve cantar, no meio das folhagens rociadas, um hymno de amor. Espreita e vê Moema, sua filha, nos braços de um estrangeiro, Paulo, o caçador portuguez. Corre para elles cégo de colera, prende o estrangeiro, e, sem ouvir as supplicas, sem ver as lagrimas de Moema, condul-o á uma gruta perto de sua taba, chama seu filho Japyr, um valente guerreiro, o

manda-o reunir a tribu para assistir, á noite, ao supplicio e morte do estrangeiro que o ultrajara.

Moema desespera-se e todo o seu intento é salvar o amante que prefere morrer a separar-se della; mas, finalmente consegue convencel-o a fugir, garantindo-lhe que obteria o perdão de seu pai e mandal-o-ia então chamar.

Depois de uma despedida commovente e cheia de lagrimas, Moema confia seu amante a dois selvagens, que em veloz igára o conduzem rio abaixo para bem longe. Vendo Paulo a salvo das torturas vingadoras, e querendo furtar-se tambem á colera paterna, Moema crava no tumido seio acerado punhal, e cai pronunciando ainda o nome do caçador portuguez.

Termina aqui a primeira parte e segue-se o *intermezzo* descrevendo o luto que entenebrece a natureza, quando a noite estende na amplidão o seu manto constellado.

Na escuridão profunda emerge cauteloso o vultò de Tapyr que sai da taba observando o valle e o rio. Levanta-se no horizonte a lua, e os seus raios pallidos beijam e emmolduram o corpo esbelto da indigena. Tapyr reconhece no cadaver sua filha, desespera-se e chora. Ouve-se muito ao longe, ecoando nas quebradas e nas curvas sinuosas do rio que se espreguiça mansamente pelo valle, a voz de Paulo que entoa uma frase de amor.»

O cacique blasphema ameaçador, mas o golpe é mui doloroso, e elle cai exanime ao lado do cadaver da filha.

O drama terminou na primeira parte com o suicidio de Moema, e a scena que se segue, simples incidente, não tem importancia dramatica que aconselhasse sua collocação em uma segunda parte, separada da primeira por um *intermezzo* musical que estabelecesse entre ambas uma corrente de sentimentos.

Outros defeitos encontram-se no libretto que, si não prejudicam a factura musical, limitam até certo ponto o pensamento do compositor. Trabalhando sobre um material literario que mais solidamente se firmasse sobre a ethognosia dos personagens, o joven maestro poderia librar-se mais livremente nas alturas da sua concepção, descortinando horizontes mais vastos e desferindo para mais longe os surtos de sua inspiração.

Entre outros vamos citar os seguintes conceitos qne não exprimem a verdade.

Na primeira scena Moema canta estes versos:

Ei laggiú stá
Tremante, affranto,
E versa giá
L'ultimo pianto...

Quem conhece um pouco o caracter dos selvagens sabe que elles votam o maior desdem ao homem que chora, e Moema por certo não se deixaria captivar por um homem que derramasse lagrimas vendo-se em perigo de vida. Por seu turno Moema, a bella e orgulhosa filha de um guerreiro, mentiria á sua propria altivez se, vendo ameaçado de morte o caçador por quem se apaixonara, si entregasse ao desespero das lagrimas, como diz o velho cacique:

La mia diletta figlia
Prostrata é nel dolor
Versan sue brune ciglia
Un disperato pianto

Menos verdadeiro é tambem o conceito contido nos seguintes versos de Tapyr:

Oltraggio a noi si fé!
. . . . . .
Della tua suora il core
Un bianco oso ammaliar !

Os selvagens não levavam tão longe a delicadeza dos seus escrupulos, e, ao contrario disso, entregavam sua filhas ao inimigo antes de matal-o, se reconheciam nelle um homem valente. Outro senão do libretto é a ingenuidade, attribuida ao cacique, de deixar o prisioneiro em uma gruta, livremente sem guardas, quando a verdade é que os prisioneiros dos selvagens eram logo amarrados ao poste do supplicio, ou presos e guardados á vista em uma taba, onde só eram admittidas as jovens selvagens que deviam consolal-os e offerecer-lhes seu amor.

Deixemos o libretto e examinemos agora as sumptuosas roupagens sonoras com que o revestiu a imaginosa inspiração do joven maestro Delgado de Carvalho.

A opera começa por um pequeno preludio, em que se ouvem, apenas esboçadas, algumas das frases principaes do *spartito*. Apezar das suas proporções, limitadas, o preludio percorre cinco tonalidades differentes, variando tambem o rhythmo a cada passo ; esse trecho, porém, não tem fórma definida—falta-lhe a concatenação logica da idéa musical.

Ao levantar-se o panno, a orchestra inicia em rhythmo ternario, os primeiros compassos de uma romança mas suspende-a para acompanhar as primeiras palavras de Moema que, dominada pela tristeza vê por toda parte silencio, luto e morte.

Tomando o motivo da romança, Moema desenvolve aquella melodia singela e tranquilla que parece impregnada de lagrimas. E' pena que,

nesta delicada melodia, a expressão musical não se adapte mais convenientemente á idéa poetica, e que fuja ao valor e ao colorido da frase.

Essa melodia tem a maior placidez, a mais completa serenidade nestes versos:

Ebbrezze, amor,
Mia giovinezza
Fuggiste... Ahimé:
Quanta tristezza!

que precisavam ser traduzidos com o desespero apaixonado de uma imprecação dolorosa e angustiada. Entretanto, essa mesma melodia eleva-se e adquire accentuada expressão dramatica nestes versos:

Ei lagiú stá
Tremante, affranto...

que fazem uma referencia toda objectiva.

Invertidas as collocações destes versos, a expressão musical amplificar-se-ia pelo vigor da idéa poetica, e a intensidade emotiva augmentar-se-ia extraordinariamente.

A' romança succedem-se em movimento quaternario e *allegro deciso* umas frases de canto italiano que dão lugar novamente a uma repetição, pela orchestra, dos primeiros compassos da romança, terminando-os com duas quintas seguidas, para as quaes não encontramos explicação, porque não produzem effeito agradavel ao ouvido.

Uma das qualidades que possue o maestro Delgado de Carvalho, é a espontaneidade de idéas musicaes; falta-lhe, porém, o methodo necessario para, externando-as, collocal-as em disposição conveniente e apropriada. E' por isso que o verso tão simples

Io sciolsi tue catene

do primeiro duetto de Paulo e Moema, que assentaria convenientemente em uma melodia simples, é traduzido em uma idéa musical *piena d'ebbrezza e d'amore* podendo prescindir de fórma tão apaixonada.

Esse duetto tem qualidades estimaveis, accentuação dramatica, arrebatamentos; mas sua belleza fica um pouco empanada na frase do tenor

Lungi da questo suolo

(difficil e incommoda para o cantor), porque revela uma reminiscencia da *Cavalleria Rusticana*, duplamente manifesta no desenvolvimento melodico e no desenho do acompanhamento.

Terminado o duetto, a orchestra inicia a frase que acompanha sempre o velho cacique e que figura o odio do selvagem pelo branco que ultrajou-o amando sua filha. Essa frase tem uma intenção sombria na sua melodia torva, no seu movimento pesado—rancor e tenacidade. Começa então o duetto entre Tapyr, o cacique, e seu filho, o guerreiro Gapyr—barytono e baixo. Duas novas reminiscencias ferem logo os ouvidos. A primeira na frase musical de Gapyr, quando diz:

A sorte cruda e ria
Vada la suora mia

que nos leva a recordar a aria do somno da *Africana*. A segunda quando Tapyr diz:

L'aurora giá spuntava...

Não só o arabesco melodico como o modelado do acompanhamento lembram um trecho da terceira scena do terceiro acto do *Tannhauser*. Nessa melodia de Tapyr em movimento ternario *andante sustenuto*, ha um contraste flagrante entre o estado do personagem *ardendo d'ira al ricordo dell'oltraggio* e a fórma musical, que é plangente, indicativa de remorso, abatimento e desanimo.

Pareceu-nos que esse duetto é o ponto fraco da opera; não encontramos nelle o caracter e a expressão de selvageria consentaneos com a indole dos personagens, e o effeito seria por certo maior, se a expressão musical tivesse uma rudez brutal e chocante.

Tambem pensamos que á inubia deveria o autor ligar maior importancia, caracterizando mais sombriamente seu canto sinistro para impressionar fundamente o espectador com aquelle incidente, que podia receber um cunho accentuadamente lugubre.

A frase que traduz o odio do cacique, esboçada no preludio e apresentada pela orchestra na introducção do duetto de barytono e baixo, foi bem aproveitada pelo autor que com ella ennastrou todas as situações em que tomava parte o cacique. Assim é que ella reapparece no allegro binario a 6/8, no final do *andante sustenuto* a 3/4, prolongando-se no movimento binario de 6/8 e resurgindo no

Venga la tribú intera

até a terminação do duetto. No *intermezzo* ella ergue-se de novo annunciando a entrada do cacique, e, na scena commovente do desespero de Tapyr, dá forte relevo ás frases no

Dio! che facesti mai

na imprecação de colera impotente do

Tu fuggiste, o avventuriero

surge de novo no preparo da orchestra para o

La pace dell'avel

e vibra grandiosamente no bello final.

O melhor trecho da opera é incontestavelmente o bello tercetto da primeira parte entre Moema, Paulo e Tapyr. Os tres cantos se ennovelam, conjugando-se em admiravel equilibrio sem prejuizo para nenhuma das partes. Os desenhos melodicos e rhythmicos movem-se, entrelaçam-se, confundem-se, separam-se em harmoniosa connexão, e apoiam-se com firmeza sobre uma orchestração opulenta de colorido, rica de timbres e vibrante de sonoridade.

E' uma pagina de mestre que qualquer artista notavel assignaria e que confirma e honra o talento invejavel do joven compositor.

A *Moema* tem, pois, brilhantes qualidades, e entre ellas avulta a do temperamento dramatico, facilmente vibratil, do seu autor; mas tambem denuncia que a este falta a technica imprescindivel aos compositores hodiernos.

Sem conhecer muito bem os elementos essenciaes da arte, sem manejar com independencia e proficiencia o riquissimo cabedal da composição, é impossivel, nos tempos modernos em que se impõe a complexidade dos processos, a realização de uma obra de arte musical capaz, pelo seu valor, de apresentar-se gloriosamente perante qualquer auditorio civilizado.

Cumpre ao Sr. Delgado de Carvalho, desprezando os applausos dos incompetentes que louvam seu afastamento dos institutos de ensino, procurar, no estudo serio e reflectido, haurir as forças que hão de retemperar o seu talento e dar-lhe arrojo e audacia para elevar-se aos páramos do ideal e revestir sua inspiração de fórma purissima e immorredoura.

RODRIGUES BARBOZA.

INDICE DO TOMO IV

Outubro a Dezembro de 1895

PAGS.

Bodas de Sangue, novella, de Rodrigo Octavio . . . . . 5, 74 e 129
A Industria Nacional, por A. Getulio das Neves . . . . . 14 e 380
Uma Nota da America, por Domicio da Gama 26
O Brazil e a Aggressão Paraguaya de 1865 pelo Marquez de S. Vicente 35
Os Bacaerys, por Capistrano de Abreu . . . . . 43 e 234
Curupira, lenda cuyabana, por D. Maria do Carmo de Mello Rego . 65
O Theatro Hindú, por Feliciano Gonzaga 69
O Monismo no Direito, por J. C. de Souza Bandeira 85
A Exposição de Bellas Artes, por Domicio da Gama 96
As Ilhas Oceanicas do Brazil. II — A Ilha de Fernando de Noronha pelo Dr. H. von Ihering. . . . . 101 e 164
A Questão do Casamento, por José Verissimo 109
A Sciencia da Historia, por Fausto Cardoso 140
Incubos e Succubos, pelo Dr. Marcio Nery 155
Os Ciganos, poesia, de Raymundo Correia 162
Felisberto Caldeira, por Moreira de Azevedo 174
Beckford e a Sociedade Portugueza no seculo XVIII, por Manuel de Oliveira Lima. 193
Um Estadista do Imperio — J. Th. Nabuco de Araujo, por Joaquim Nabuco. 204
Historia do Direito Nacional, por Sylvio Roméro 215
O Padre José Mauricio, pelo Visconde de Taunay. . . . . 229 e 334
O Credito, comedia, por José de Alencar . . . . . 257 e 342
As Memorias de Barras, por M. de Oliveira Lima 281

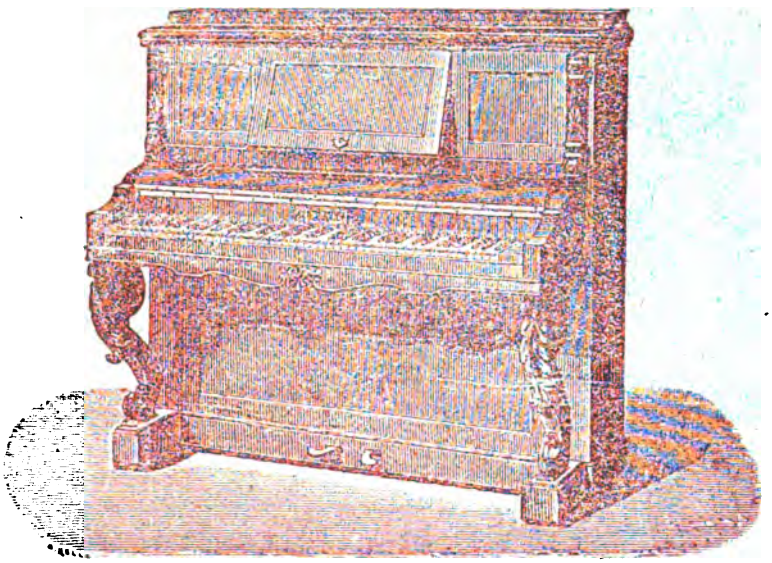
O Positivismo no Brazil, por José Verissimo 297
Os Incubos em Psychiatria, pelo Dr. Marcio Nery 310
Uma Noite, conto, por Machado de Assis 321
A Litteratura Brazileira, por Mucio Teixeira 366
A opera «Moema», Rodrigues Barbosa 391
Bibliographia: Dr. Joaquim M. Caminhoá,—*Hortus Fluminensis* por J. Barbosa Rodrigues, 56; José Verissimo: *Um Canalha* por Figueiredo Pimentel, 60; *Historia constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brazil* por Felisbello Freire, 62; *Miragem* por Coelho Netto, 123; *Alma Primitiva* por Magalhães de Azeredo, 126; *D. Martim Garcia Mérou* por T. A. Araripe Junior, 127; *A Imprensa em Minas Geraes*, por J. P. Xavier da Veiga, 128; *Brazões* por B. Lopes, 184; *Varias Historias* por Machado de Assis, 188; *Questões de Arte* por Carlo Parlagreco, 189; *A Alma alheia* por Pedro Rabello, 250; *Exposição que os Estados Unidos do Brazil apresentam ao Presidente dos Estados Unidos da America* (sobre a questão das Missões) pelo Barão do Rio Branco, 319; *Vinte Contos* por Valentim Magalhães, 320; Raja Gabaglia: *Curso de trigonometria* por Timotheo Pereira, 61;—Dr. Carlos Seidl: *Diagnostico e Prognostico das molestias internas pelo exame. . . das urinas* pelo Dr. F. Fajardo, 64; *Terceiro congresso brazileiro de medicina e cirurgia celebrado na Bahia*, 187; —Verissimo Rebouças: *Revista Geral dos trabalhos da commissão constructora de Bello Horisonte*, 126;—Souza Bandeira: *A marinha de outr'ora* pelo Visconde de Ouro Preto, 244.
Livros e Folhetos 253
Revistas e outros Periodicos Nacionaes 189
Noticias de Sciencias, Letras e Artes: Alexandre e Diogenes (gravuras) por R. Villa-Lobos, 51; Varias. 316
Notas e Observações: O livro nos Estados Unidos 192

BUSCHMANN, GUIMARÃES & IRMÃO

50—RUA DOS OURIVES—52

Rio de Janeiro

Pianos dos autores Pleyel, Gaveau, Bord, Frederico Buschmann e outros



UNICOS REPRESENTANTES DOS VERDADEIROS PIANOS

JULIUS BLÜTHNER

Sortimento Completo e Variado

— DE —

Musicas Nacionaes e Estrangeiras

Artigos Concernentes a Fabricação e Reparos de Pianos

PREÇOS MODICOS

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

LIVRARIA LAEMMERT & C.

Machado de Assis — *Varias Historias*, contos. 1 nitido volume de 312 pag. in 16º, papel e typo *moyen-age*, preço ..... 4$000

Valentim Magalhães — *Bric à brac*, contos. 1 nitido volume com capa illustrada de Julião Machado, preço ..... 4$000
— *Vinte Contos*, 2ª edição corrigida, 1 vol. in 16º de 233 paginas 3$000

Marcos Valente (V. Magalhães) — *Philosophia d'algibeira* (para philosophos de bonde). 1 nitido volume in 32º, preço..... 1$500

José Verissimo — *Estudos Brazileiros*, segunda série 1889 — 93. 1 volume in 8º de 216 paginas, bem impresso..... 5$000

Rodrigo Octavio — *Sonhos funestos*, drama de assumpto colonial em 3 actos e 4 quadros. 1 volume in 8º nitidamente impresso ..... 3$000

Figueiredo Pimentel — *Um canalha*, romance original brazileiro. 1 volume in 12º com capa illustrada ..... 3$000

Fernando Osorio — *Historia do General Osorio*, contendo a biographia deste illustre general e muitos episodios interessantes sobre a guerra do Paraguay. 1 grosso volume ornado com o retrato do heróe, preço 10$000

D. J. G. de Magalhães (Visconde de Araguaya) — *Commentarios e pensamentos*. 1 volume in 12º ..... 2$000

Max Nordau — *As mentiras convencionaes da nossa civilisação*, traducção de M. C. da Rocha. 3ª edição corrigida, 1 volume brochado 4$000
Encadernado ..... 5$000

Olympio de Araujo — *Aquarellas*, linda collecção de contos. 1 volume in 12º ..... 3$000

Cesar de Carvalho — *Azulejos*, pequena série de escriptos literarios em prosa e verso. 1 volume ..... 3$000

Bento Ernesto Junior — *Frondes*, collecção de poesias. 1 vol. 2$000

Casimiro de Abreu — Obras completas. Novissima edição, precedida de uma noticia sobre o autor por M. Said Ali, 1 vol. brochado 2$000
Encadernado..... 3$000

Jorge Palmer (Visconde de Taunay) — *Como me tornei Kneippista*, breve exposição dos processos e applicação do novo methodo therapeutico e hygiene do padre Sebastião Kneipp. Cura de Woerishofen (Baviera). 1 volume com estampas explicativas..... 4$000

Fausto A. Cardoso — *Concepção monistica do universo*, introducção ao cosmos do direito e da moral. 1 volume in 8º brochado 8$000
Encadernado..... 10$000

NO PRÉLO:

Salustiano Orlando — *Codigo Commercial do Brazil*, 5ª edição melhorada e posta em dia.

LAEMMERT & C., EDITORES

Rio de Janeiro	S. Paulo
66, RUA DO OUVIDOR	25, RUA DO COMMERCIO

TAPEÇARIAS

Sortimento completo de todos os artigos para ornamentação de salas, cortinas, cortinados, reposteiros, esteiras, tapetes e oleados para forrar salas, capachos, pellegos para portas, etc., etc.

Mobilias fantasias do mais apurado gosto.

MONTEIRO & C.

Rua da Quitanda

25 E 27

OFFICIAES HABILITADOS

A

executar os mais difficeis trabalhos

PREÇOS FORA DE CONCURRENCIA

Armadores e estofadores

25 E 27 RUA DA QUITANDA 25 E 27

Telephone n. 1127

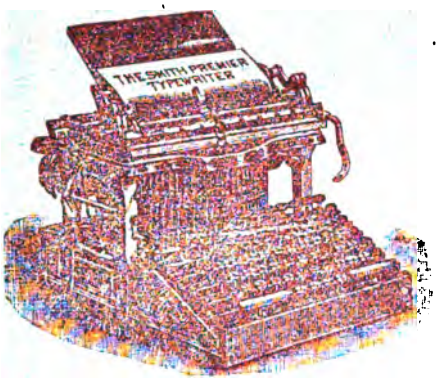
A melhor AGUA MINERAL para mesa

"JOHANNIS"

V.ª WENCESLAU GUIMARÃES & C.ª

83 Rua da Alfandega 83

C. S. BONTECOU & C.º



REPRESENTANTES

PARA A

Smith Premier Typewriter Co.

2, RUA 1º DE MARÇO, 2

Caixa do Correio

n. 1055

EIS ALGUMAS DAS MUITAS RAZÕES PORQUE A MACHINA PARA ESCREVER

SMITH PREMIER

OCCUPA HOJE O PRIMEIRO LUGAR NO MUNDO ENTRE TODAS AS SUAS COMPETIDORAS

E' mais solida e inteiriça na sua construcção, e a parte superior não tem movimento lateral como nas machinas de caixa dupla, nem é preciso levantal-a para examinar o que está escripto, bastando para isso puxar o rolo para a frente. O porta-papel é firme e estavel, não faz ruido nem afrouxa em nenhuma das suas partes e póde ser ajustado facilmente. E' relativamente silenciosa, e, por essa razão muito propria para copiar telegrammas do apparelho. Havendo apenas uma escala o trabalho tubular póde ser executado e os erros corrigidos mais facilmente do que com outras machinas. O movimento da fita de imprimir é feito em toda ella automaticamente. Os typos podem limpar-se em alguns segundos sem sujar as mãos. Tem um perfeito alinhamento. O papel póde ser collocado, ajustado e tirado com toda a rapidez e é impossivel que se escrevam lettras umas por cima das outras no fim da linha, visto como os caixilhos dos typos se fecham logo que a linha está preenchida.

Não se deixem enganar pelos annuncios dos fabricantes das machinas antigas, porque garantimos a exactidão do que affirmamos, não havendo nenhuma outra machina que possa mostrar taes vantagens

TEMOS SEMPRE EM DEPOSITO

Machinas, bem como fitas e papel carbonico

SERVINDO TANTO PARA AS NOSSAS COMO PARA TODAS AS OUTRAS MACHINAS

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,

UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia, Lithographia, Encadernação e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

DO

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da MAGNESIA sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas a de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica,* para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos,* etc., etc.

USO

Adultos.— Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo,* indicado com muito proveito no tratamento da *anemia, leucemia, chlorose; nas infecções malarica, typhica, puerperal, purulenta* e em todos os estados *morbidos, dyscrasicos e dystrophicos.*

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais honrosos certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos clinicos, como se evidencia do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12 — RIO DE JANEIRO

Collegio Paula Freitas

Direcção e Propriedade de

ALFREDO DE PAULA FREITAS

Bacharel em sciencias physicas e mathematicas, engenheiro geographo e civil pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, professor effectivo da mesma Escola, ex-inspector escolar na Capital Federal, fundador e ex-director do Licêo do Engenho Velho, professor do Licêo de Artes e Officios, socio effectivo do Instituto Polytechnico Brazileiro, e do Club de Engenharia, etc., etc.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

CURSO INFANTIL

Instrucção Primaria e Secundaria

Curso annexo á
Escola Polytechnica e desenho geometrico
Curso completo de Agrimensura
Curso especial
de sciencias e artes.

136, RUA HADDOCK-LOBO, 136

JOSÉ VERISSIMO

SCENAS DA VIDA AMAZONICA

com um estudo das *Raças indigenas e mestiças da Amazonia,* contos e historietas, 1 grosso volume..... 3$000

A EDUCAÇÃO NACIONAL

estudo sobre a reconstituição do Brazil, sob a forma republicana : *A educação nacional — As caracteristicas brazileiras — A educação do caracter — A educação physica — A historia patria e a educação nacional — A geographia patria e a educação nacional — Brazil e Estados-Unidos,* 1 volume.. 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

PRIMEIRA SÉRIE : *A literatura brazileira — O lyrismo brazileiro — Os idolos amazonicos — A religião dos tupys guaranis — O nacionalismo na literatura — Castro Alves — A poesia popular brazileira,* etc., 1 volume..... 3$000

ESTUDOS BRAZILEIROS

SEGUNDA SÉRIE : *O romance naturalista do Brazil — A nossa vida literaria — D. Pedro II — José de Alencar — O theatro nacional — Historia do Pará — Machado de Assis,* etc., 1 volume 5$000

LAEMMERT & C.

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

CARNE LIQUIDA

—DO—

Dr. Valdés Garcia

Premiado com Medalha de Ouro nas Exposições de Barcelona 1888, Paris 1889, Genova 1892, Chicago 1893 e Uruguay 1895

Está reconhecida officialmente por eminentes autoridades scientificas das principaes cidades do mundo como um excellente tonico e poderosissimo reconstituinte alimentar, indispensavel para os doentes convalescentes, pessoas debeis e crianças.

Não se confunda com os extractos de Carne que são considerados como condimento, e não como preparações alimentares.

Exija-se a firma do Dr. Valdés Garcia para evitar equivocações

A' venda nas boas drogarias e pharmacias e no

DEPOSITO

B 1 Rua Senador Dantas B 1

REVUE DES REVUES

ET

Revue d'Europe et d'Amérique

Considèrablement agrandie, paraît les 1er et les 15 de chaque mois. Elle est devenue *indispensable* à tous ceux qui veulent se tenir au courant du mouvement littéraire, artistique et scientifique du monde civilisé.

« Avec elle on sait tout, tout de suite » (AL. DUMAS FILS). « car la **Revue des Revues** est extrêmement bien faite et constitue une des lectures les plus intéressantes, les plus passionnantes et les plus amusantes » (FRANCISQUE SARCEY); « rien n'est plus utile que ce résumé du mouvement de l'esprit humain » (E. ZOLA); « elle a conquis une situation brillante et prépondérante parmi les grandes Revues françaises et étrangères » (*Les Débats*, 1901

La **Revue des Revues** donne des articles *inédits* des principaux écrivains français et étrangers; les *meilleurs* articles des Revues du monde entier; des romans et des nouvelles; articles richement *illustrés*; des *caricatures* politiques (les *meilleurs dessins* des humoristes européens); une revue des *livres*, des découvertes et inventions, etc., etc.

On s'abonne: chez tous les libraires, dans tous les bureaux de poste et par l'envoi d'une carte postale à la **Revue**, qui se charge de l'encaissement.

La **Revue** accorde de NOMBREUSES PRIMES à ses abonnés.

FRANCE . . . . . **14** francs par an, **9** francs par six mois.
ÉTRANGER. . . . . **18** — — **12** — —

RÉDACTION et ADMINISTRATION: **Paris, 32, rue de Verneuil**

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

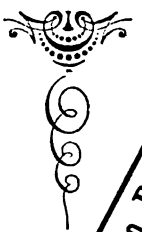
DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante*, therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades, da *bronchite* antiga ou recente, *rouquidão, inflammação do larynge, dôr e oppressão do peito, tosse, catarrha pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são aggravados pelos resfriamentos, mudança brusca do tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, commette excessos; n'estes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal**, como *poderosissimo calmante e expectorante* das mucosidades que se accumulam nos bronchios. Vide prospecto para seu uso.



Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação d'este valioso tonico e reconstituinte, é empregado o *purissimo vinho*, importado directamente de acreditados centros productores.

As conhecidas propriedades *medicamentosas das substancias* que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado**, o tornam preferivel e indicado em todos os casos de *debilidade, anemia, chlorose, lymphatismo, escrophulas, rachitismo* e principalmente nas enfermidades do peito e na *tuberculose pulmonar incipiente.*

O frasco é seguido do directorio para seu uso.

COLLEGIO AMERICANO BRAZILEIRO

131 Rua Haddock Lobo 131

Internato e Externato de Instrucção Primaria e Secundaria para meninas

Este instituto, na execução de seu programma de ensino integral, adopta os modernos processos experimentados com vantagem nos Estados Unidos da America do Norte.

O ensino das linguas, pratico e theorico, é exercido por professores das respectivas nacionalidades.

CORPO DOCENTE

CURSO DE SCIENCIAS E LETTRAS

Drs. Martins Teixeira, Alambary Luz, Carlos de Laet, A. Pinheiro, Alfredo Soares, Peres Machado, Desiré Mouren, L. Marchant, Mlle. De Fussey, Rosina Del-Vecchio, Elisa Matthiesen, Miss Julia Standen, Elvira Ribas, Ida Nathan, Abigail Nathan e Ernestina Monteiro de Barros.

Auxiliares do ensino: Mlles. Angela Santos, Maria Leopoldina Jacobina, America Del-Vecchio

CURSO DE ARTES

DESENHO E PINTURA

D. Maria Agnella Forneiro e Nicolá Facchinetti.

DANSA

Mme. Virginie Ferrari e Mlle. Henriqueta B. Giannini.

PIANO

Mr. Fertin de Vasconcellos, D. Marianna Rangel, D. Francisca Monteiro de Barros e D. Leonor Monteiro de Barros.

TRABALHOS DE AGULHA

D. Carlota M. Pinheiro e D. Paulina Monteiro de Barros Pereira da Silva

TRABALHOS MANUAES

Mlle. Eliza Matthiesen.

AULA DE GYMNASTICA

D. Ernestina Monteiro de Barros.

A Directora: *Evangelina Monteiro de Barros.*

Novidades Litterarias

Á VENDA NA

LIVRARIA LUSO-BRAZILEIRA

Rua da Quitanda 24

J. Guerra, Humorismos, 1 vol. br. . . . . 4$000
Viveiros de Castro, Idéas e Phantasias, 1 vol. br. . . . . 3$000
Sylvio Roméro, Philosophia do Direito, 1 vol. br. . . . . 5$000
Collecção das grandes obras illustradas — *Thomaz Ribeiro e a sua Obra,* 1 vol. ricamente encadernado. . . . . 25$000
Carlos de Laet, Em Minas, 1 vol. br. . . . . 4$000

MOVEIS E SERRARIA A VAPOR

Rezende & Alves

37 RUA DO NUNCIO 37

Fabrica de moveis de estylo e do mais apurado gosto, solidez, perfeição e modicidade de preços.

A nossa especialidade é acceitarmos encommendas que serão executadas com brevidade e por preços razoaveis.

37 RUA DO NUNCIO 37

CHROMOS PARA FESTAS

E FELICITAÇÕES

EM TROCA DE SELLOS USADOS

A **Casa Philatelica** acaba de receber immenso e variadissimo sortimento de explendidos

CHROMOS PARA FELICITAÇÕES E FESTAS

DESTINADOS

especialmente para serem offerecidos em troca de sellos.

Por 500 sellos nacionaes usados, seja qual fôr a qualidade, fornecer-se-ha 1 linda collecção de 10 explendidos chromos e cartões de felicitações;—por 1.000 sellos nacionaes: 15 differentes chromos dos mais modernos e elegantes, de abrir, em gelatina, etc. no valor de 10$000

NÃO SE ACCEITAM REMESSAS INFERIORES A 500 SELLOS

VENDEM-SE:

Collecções de amostras de 30 ricos chromos differentes

de abrir, cartões de felicitações com texto em portuguez, religiosos, humoristicos etc., etc., valor 50$000 por 30$000. Estas collecções contêm verdadeiras preciosidades, sendo tudo de apurado gosto.

E' na casa PHILATELICA

1 A, Travessa de S. Francisco de Paula, 1 A

RIO DE JANEIRO

*As assignaturas pagam-se na casa editora, **rua do Ouvidor 66**, na **Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93**, e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

REVISTA BRAZILEIRA

AOS SRS. ASSIGNANTES

A administração da Revista Brazileira declara aos Srs. assignantes que sendo o serviço da distribuição da Revista feito com toda a regularidade e escrupuloso cuidado, as faltas que se derem, ao Correio somente devem ser imputadas.

Para poder remedial-as, pede-lhes sirvam-se communical-as, por escripto, ao gerente desta publicação, a quem tambem deverão participar com antecedencia qualquer mudança de endereço, não se responsabilisando a administração da Revista pela entrega, nem attendendo a reclamações quando não houver sido previamente avisada. Igualmente não será attendida nenhuma reclamação quando não fôr feita nos oito dias da entrega devida do fasciculo reclamado.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de satisfazerem as suas assignaturas, afim de não sermos obrigados a interromper a remessa da Revista.

Companhia Typographica do Brazil, Rua dos Invalidos 93

STANFORD UNIVERSITY LIBRARY

To avoid fine, this book should be returned on
or before the date last stamped below.

Stanford University Libraries
3 6105 124 439 634

325035